



OS LADRÕES DE CISNE

ELIZABETH
KOSTOVA

autora de O HISTORIADOR, best-seller do NEW YORK TIMES

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ELIZABETH KOSTOVA

Os ladrões de cisne

TRADUÇÃO DE ADALGISA CAMPOS DA SILVA



Copyright © 2010 Elizabeth Kostova

Publicado mediante acordo com a Little, Brown and Company, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados

IMAGEM DE CAPA

EDOUARD-PICOT, François. Leda. 1832. Óleo sobre tela. Coleção particular. Fotografia da pintura © Peter Willi / SuperStock

TÍTULO ORIGINAL

The Swan Thieves

TRADUÇÃO

Adalgisa Campos da Silva

CAPA

Roberto de Vicq de Cumpitch

PREPARAÇÃO

Anna Lee

REVISÃO

Fátima Maciel

Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB

Letícia Féres

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo

E-ISBN

978-85-8057-111-0

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para minha mãe,
la bonne mère

Incrível como é difícil colocar uma figura sozinha numa tela, concentrar toda a atenção nessa figura única e universal e ainda assim mantê-la viva e real.

ÉDOUARD MANET, 1880

Fora da aldeia, há um círculo de proteção em torno do local da fogueira, escurecendo a neve que derrete. Junto ao círculo, está há meses uma cesta que o tempo começa a manchar de cinza. Há bancos nos quais os velhos se reúnem para aquecer as mãos — está muito frio até para isso, muito perto de anoitecer, muito sombrio. Aqui não é Paris. Há cheiro de fumaça e céu noturno no ar; um âmbar desanimado afunda para lá do bosque, quase um pôr do sol. Escurece tão depressa, que alguém já acendeu um lampião na janela da casa mais próxima à fogueira abandonada. É janeiro ou fevereiro, ou talvez um março rigoroso de 1895 — o ano será marcado em toscos números negros nas sombras em um canto. Os tetos da aldeia são de ardósia, manchada da neve que já derrete e desliza em montes. Algumas das ruas são muradas, outras vão dar nos campos e jardins lamacentos. As portas das casas estão fechadas e o aroma de comida sobe das chaminés.

Apenas uma pessoa se move em toda essa desolação — uma mulher vestida com pesadas roupas de viagem e que desce uma viela em direção às últimas casas. Há também ali alguém que acende um lampião, curvado sobre a chama, uma forma humana, porém indistinta, na janela ao longe. A mulher na viela tem um porte digno, e não usa o avental nem os tamancos de madeira toscos da aldeia. Seu manto e suas saias longas destacam-se na neve violácea. O capuz debruado de peles esconde tudo, menos a alva curva de sua face. A bainha da saia tem uma barra geométrica azul-clara. Ela se afasta abraçada a uma trouxa, algo bem-amarrado, como se para evitar a entrada de friagem ali. As árvores despidas apontam os galhos para o céu; elas emolduram a rua. Um pano vermelho foi deixado no banco defronte da casa no fim da rua — um xale, talvez, ou uma pequena toalha de mesa, o único ponto colorido. A mulher protege a trouxa com os braços, com as mãos enluvadas, rapidamente dando as costas para o centro da aldeia.

Ouve-se o ruído seco de suas botas num trecho de gelo na rua. Sua respiração condensando-se em um pálido branco em contraste com a escuridão. Ela se encolhe, contraída, protetora, apressada. Estará deixando a aldeia ou correndo para uma de suas últimas casas?

Nem a única pessoa que assiste à cena sabe a resposta, e também não quer saber. Ele trabalhou quase a tarde inteira, pintando os muros, posicionando as árvores nuas, medindo a rua, aguardando os dez minutos de crepúsculo de inverno. A mulher é uma intrusa, mas ele também a pinta, rapidamente, notando os detalhes de suas roupas, usando a débil luz do dia para fazer o contorno de seu capuz, a forma como se inclina à frente a fim de se manter aquecida ou de esconder a trouxa. Uma bela surpresa, quem quer que seja. É a nota que faltava, o movimento de que precisava para preencher aquela extensão central de rua com neve salpicada de terra. Já faz tempo que ele se recolheu e agora trabalha dentro de casa — é velho, e os braços e as pernas lhe doem se passar mais de um quarto de hora pintando na friagem da rua — portanto, só pode imaginar sua respiração curta, seu passo na estrada, a neve rangendo sob o salto fino de sua bota. Ele está velho, doente, mas por um momento deseja que ela se vire e olhe diretamente para ele. Imagina seu cabelo escuro e macio, seus lábios vermelhos, seus olhos grandes e cautelosos.

Mas ela não se vira, e ele percebe que está satisfeito. Precisa dela desse jeito, afastando-se dele e entrando no túnel nevado de sua tela, precisa da forma reta de suas costas e de suas saias pesadas com a barra elegante, de seus braços que seguram o embrulho. Ela é uma mulher de verdade e está com pressa, mas agora também está gravada para sempre. Agora está congelada em sua pressa. É uma mulher de verdade e, agora, um quadro.

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

MÍDIAS SOCIAIS

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
CAPÍTULO 58
CAPÍTULO 59
CAPÍTULO 60
CAPÍTULO 61
CAPÍTULO 62
CAPÍTULO 63
CAPÍTULO 64

CAPÍTULO 65
CAPÍTULO 66
CAPÍTULO 67
CAPÍTULO 68
CAPÍTULO 69
CAPÍTULO 70
CAPÍTULO 71
CAPÍTULO 72
CAPÍTULO 73
CAPÍTULO 74
CAPÍTULO 75
CAPÍTULO 76
CAPÍTULO 77
CAPÍTULO 78
CAPÍTULO 79
CAPÍTULO 80
CAPÍTULO 81
CAPÍTULO 82
CAPÍTULO 83
CAPÍTULO 84
CAPÍTULO 85
CAPÍTULO 86
CAPÍTULO 87
CAPÍTULO 88
CAPÍTULO 89
CAPÍTULO 90
CAPÍTULO 91
CAPÍTULO 92
CAPÍTULO 93
CAPÍTULO 94
CAPÍTULO 95
CAPÍTULO 96
CAPÍTULO 97
CAPÍTULO 98
CAPÍTULO 99
CAPÍTULO 100
CAPÍTULO 101
CAPÍTULO 102

CAPÍTULO 103

CAPÍTULO 104

CAPÍTULO 105

AGRADECIMENTOS

SAIBA MAIS SOBRE A AUTORA

CAPÍTULO I

MARLOW

Recebi a ligação a respeito de Robert Oliver em abril de 1999, menos de uma semana depois de ele ter puxado uma faca no local destinado à coleção do século XIX da National Gallery. Era uma terça-feira, uma daquelas terríveis manhãs que às vezes acontecem na região de Washington quando a primavera já esteve florida e até quente — granizo destruidor e céu carregado, com o estrondo de trovoadas no ar subitamente frio. Também, por coincidência, fazia exatamente uma semana do massacre na Escola Secundária Columbine, em Littleton, no Colorado; eu não conseguia parar de pensar naquele fato, e imaginava que nenhum psiquiatra no país conseguia parar de fazê-lo. Meu consultório parecia cheio daqueles jovens com suas escopetas de cano serrado e seus ressentimentos demoníacos. Como falhamos com eles e — mais ainda — com suas vítimas inocentes? O clima de violência e tristeza do país me pareciam fundidos naquela manhã.

Quando meu telefone tocou, a voz do outro lado era a de um amigo e colega de profissão, o dr. John Garcia. John é um homem extraordinário — e um psiquiatra extraordinário — com quem estudei há muito tempo e que me leva para almoçar de vez em quando. Ele escolhe o restaurante e raramente permite que eu pague. Trabalha num dos maiores hospitais de Washington, atendendo os pacientes da emergência e os internados, e, como eu, também dá consulta a pacientes particulares.

John me dizia agora que desejava transferir um paciente para mim, colocá-lo aos meus cuidados, e eu podia perceber o tom ansioso de sua voz.

— Esse cara talvez seja um caso difícil. Não sei o que vai fazer com ele, mas eu preferiria que ele estivesse sob seus cuidados em Goldengrove. Parece que é artista, um artista de sucesso; foi detido na semana passada, e trazido para nós. Não fala muito, e não gosta muito da gente, aqui. Chama-se Robert Oliver.

— Já ouvi falar, mas não conheço muito o trabalho dele — admiti. — Paisagens e retratos. Acho que ele saiu na capa da *ARTnews* há uns dois anos. O que fez para ser preso?

Virei-me para a janela e fiquei parado, vendo o granizo, como um valioso cascalho branco, cair sobre o gramado murado dos fundos e a magnólia maltratada. A grama já estava bastante verde, e, por um segundo, um sol fraco banhou tudo, então veio outra pancada de granizo.

— Tentou atacar um quadro na National Gallery. Com uma faca.

— Um quadro? Não uma pessoa?

— Bem, aparentemente, não havia mais ninguém na sala naquele momento, mas um guarda entrou e viu que ele partia para cima de um quadro.

— Ele opôs alguma resistência?

Eu observava o granizo se espalhar na grama que brilhava.

— Sim. Acabou largando a faca no chão, mas agarrou o guarda e sacudiu-o com bastante violência. Ele é um homem grande. Aí parou e simplesmente se deixou levar, por alguma razão. O museu está tentando decidir se apresenta queixa ou não. Acho que vão deixar por isso mesmo, mas ele se arriscou muito.

Tornei a observar o pátio.

— Os quadros da National Gallery são propriedade federal, certo?

— Certo.

— Que tipo de faca era?

— Só uma navalha. Nada dramático, mas ele poderia ter feito um grande estrago. Estava muito nervoso, julgava estar numa missão heroica, e depois desmoronou na delegacia, disse que não

dormia havia dias, até chorou um pouco. Trouxeram-no para a emergência psiquiátrica e eu o internei.

Eu podia perceber que John aguardava minha resposta.

— Quantos anos tem esse cara?

— É jovem. Bom, tem 43, mas hoje isso para mim é jovem, sabe?

Eu sabia, e ri. Ficamos chocados quando nos tornamos cinquentões, dois anos antes, e, para disfarçar, comemoramos com vários amigos que estavam na mesma situação.

— Ele tinha também mais umas coisas com ele: um caderno de desenho e um pacote de cartas antigas. Não deixa ninguém tocar nelas.

— Então o que quer que eu faça por ele? — Percebi que me encostava à mesa para descansar; eu chegara ao fim de uma longa manhã, e estava com fome.

— Só que o pegue — disse John.

Mas, na nossa profissão, a cautela é um hábito arraigado.

— Por quê? Está tentando me dar mais dor de cabeça?

— Ah, que é isso — dava para ouvir John sorrindo. — Eu nunca soube que rejeitasse um paciente, dr. Dedicção, e esse deve valer a pena para você.

— Por que sou pintor?

Ele hesitou um instante.

— Francamente, sim. Não pretendo entender artistas, mas sei que você pode compreender esse cara. Eu lhe disse que ele não fala muito, e quando digo que não fala muito, quero dizer que consegui arrancar umas três frases dele. Acho que está entrando em depressão, apesar da medicação que começamos a lhe ministrar. Também demonstra raiva e tem períodos de agitação. Estou preocupado com ele.

Olhei a árvore, o gramado cor de esmeralda, as pedras de granizo esparsas derretendo, a árvore novamente. Ela ficava um pouco à esquerda, para quem olhasse da janela, e a escuridão do

dia dera a seus brotos brancos e cor de malva um brilho que não tinham quando fazia sol.

— Que medicamentos está lhe dando?

John enumerou: um estabilizador de humor, um ansiolítico e um antidepressivo, tudo em boas doses. Peguei uma caneta e um bloco na mesa.

— Diagnóstico?

John me disse, e não me surpreendi.

— Felizmente para nós, ele assinou uma declaração na emergência quando ainda falava. Também acabamos de conseguir cópias de anotações de um psiquiatra na Carolina do Norte com quem ele se tratou há uns dois anos. Aparentemente a última vez que foi atendido por alguém.

— Ele é muito ansioso?

— Bem, ele não fala sobre isso, mas demonstra sê-lo. E esta não é a primeira vez que ele é medicado, segundo consta da ficha. Na verdade, ele chegou aqui com uma cartela de Rivotril de dois anos atrás no bolso. Esse remédio não devia estar adiantando muito sem um estabilizador de humor. Finalmente localizamos a mulher dele na Carolina do Norte. Ex-mulher, na verdade, e ela nos contou mais alguma coisa sobre seus tratamentos passados.

— Suicida?

— Possivelmente. É difícil fazer uma avaliação adequada, pois ele não fala. Não tentou nada aqui. A impressão que dá é de alguém enfurecido. Como se fosse um urso mantido numa jaula. Um urso calado. Mas não quero simplesmente liberá-lo desse jeito. Ele precisa ficar em algum lugar por um tempo, ter alguém que entenda o que realmente está se passando, e será necessário acertar sua medicação. Na verdade, ele se internou espontaneamente, e a esta altura aposto que irá embora de bom grado. Não gosta daqui.

— E acha que posso fazê-lo falar?

Esta era nossa velha piada, e John reagiu amavelmente.

— Marlow, você poderia fazer uma pedra falar.

— Obrigado pelo elogio. E especialmente por acabar com minha hora de almoço. Ele tem seguro-saúde?

— Tem um, sim. O assistente social está vendo isso.

— Está bem. Mande que ele vá para Goldengrove. Amanhã às duas, com as fichas. Eu o interno.

Desligamos, e fiquei ali me perguntando se eu poderia tirar cinco minutos para desenhar enquanto almoçava, que é o que gosto de fazer quando minha agenda está pesada; eu ainda trabalharia às 13h30, às 14h, às 15h, às 16h, e depois uma reunião às 17h. E no dia seguinte eu teria uma jornada de dez horas em Goldengrove, o centro residencial particular em que eu trabalhava havia doze anos. Agora eu precisava da minha sopa, da minha salada, e de um lápis na mão por alguns minutos.

Pensei, também, em algo em que eu não pensava havia muito tempo, embora costumasse me lembrar daquilo com frequência. Quando eu tinha 21 anos, era recém-formado pela Universidade de Columbia (na qual estudei história e inglês, além de ciência) e já estava indo para a escola de medicina na Universidade da Virgínia, meus pais me deram uma ajuda de custo para uma viagem de um mês pela Itália e pela Grécia com meu colega de quarto. Era a primeira vez que saía dos Estados Unidos. Eu estava empolgado com os quadros das igrejas e dos mosteiros italianos, e com a arquitetura de Florença e de Siena. Na ilha grega de Páros, que produz o mármore mais perfeito e mais translúcido do mundo, me vi sozinho num museu arqueológico local.

O museu possuía apenas uma estátua de valor, que ficava numa sala só para ela. Era uma Nike, de um metro e meio de altura, toda danificada, sem cabeça nem braços, e com cicatrizes nas costas, no lugar de onde saíam as asas, o mármore estava manchado de vermelho por causa do longo tempo que ela passou enterrada na ilha. Ainda se via seu talho magistral, o panejamento como um turbilhão de água no seu corpo. Um de seus pequenos pés fora fixado novamente. Eu estava sozinho na sala, desenhando-a, quando o guarda entrou um instante e gritou: “Já vai fechar!” Depois que ele saiu, guardei meu material de desenho, e, sem pensar nem

um minuto nas consequências, aproximei-me da Nike uma última vez e me abaixei para beijar seu pé. Em um minuto o guarda estava em cima de mim, esbravejando, me agarrando mesmo. Eu nunca havia sido posto para fora de um bar, mas naquele dia fui posto para fora de um museu tão pequeno, que contava apenas com um guarda.

Peguei o telefone e liguei para John, apanhei-o ainda no escritório.

— Que quadro era?

— O quê?

— O quadro que seu paciente, o sr. Oliver, atacou.

John riu.

— Sabe, eu não teria pensado em perguntar isso, mas estava no relatório policial. Chama-se *Leda*. Um mito grego, acho. Pelo menos é o que me vem à mente. O relatório dizia que era um quadro de uma mulher nua.

— Uma das conquistas de Zeus — disse eu. — Ele se apresentou a ela em forma de cisne. Quem o pintou?

— Ah, pelo amor de Deus! Estou me sentindo numa aula de história da arte, em que, diga-se de passagem, quase fui reprovado. Não sei quem pintou o quadro e duvido que o agente de polícia que fez a detenção soubesse.

— Está bem. Volte ao trabalho. Um bom dia para você, John — disse eu, tentando desentortar o pescoço e segurar o fone ao mesmo tempo.

— Para você também, meu amigo.

CAPÍTULO 2

MARLOW

Mais uma vez, sinto a necessidade de começar esta história insistindo em que se trata de um relato confidencial. E não apenas confidencial, mas também subordinado à minha imaginação tanto quanto aos fatos. Levei dez anos para revisar minhas notas sobre esse caso, e meus pensamentos também. Confesso que originalmente pensei em escrever algo sobre Robert Oliver em uma das revistas de psiquiatria que mais admiro e na qual eu já tinha publicado. Mas quem publicaria o que pode se revelar uma contemporização profissional? Vivemos numa era de *talk shows* e indiscrições homéricas, mas nossa profissão é particularmente rígida em seus silêncios — cuidadosa, lícita, responsável. Em sua melhor forma. Claro, há casos em que a sabedoria, mais que as regras, deve prevalecer; todo médico conhece esse tipo de situação crítica. Tomei o cuidado de mudar todos os nomes associados a esta história — incluindo o meu —, com exceção de um prenome bastante comum, mas também considero tão belo, que agora não vejo mal em conservar o original.

Não fui educado num ambiente de médicos: meus pais eram ambos pastores — na verdade, minha mãe foi a primeira pastora de sua pequena seita, e eu tinha 11 anos quando ela foi ordenada. Morávamos no prédio mais antigo de nossa cidade, em Connecticut: um chalé revestido de tábuas de madeira castanha, na frente um jardim que mais parecia um cemitério inglês, no qual ciprestes, teixos, salgueiros chorões e outras árvores fúnebres competiam por espaço ao longo do caminho de ardósia que levava à porta de entrada.

Toda tarde, às 15h15, eu caminhava de volta da escola para aquela casa, arrastando minha mochila cheia de livros e migalhas, bolas de beisebol e lápis de cor. Minha mãe abria a porta, geralmente com sua saia e suéter azuis; algumas vezes, mais tarde, com seu traje preto e gola clerical, caso tivesse ido visitar doentes, velhos, confinados, novos penitentes. Eu era uma criança ranzinza, malcomportada, que estava sempre decepcionada, achando que a vida não era o que prometera ser; ela era uma mãe rígida — rígida, honesta, alegre e afetuosa. Ao perceber meu dom precoce para desenho e escultura, estimulou-o com uma certeza muda dia após dia, nunca exagerando nos elogios, mas jamais permitindo que eu pusesse em dúvida os meus esforços. Não podíamos ser mais diferentes, acho eu, desde a hora em que nasci, e nos amávamos enormemente.

É estranho que, embora minha mãe tenha morrido bastante jovem, ou talvez por isso mesmo, eu me veja na meia-idade ficando cada vez mais parecido com ela. Passei anos não exatamente sozinho, mas sem estar casado, se bem que já corrigi essa situação. As mulheres que amei são (ou eram) todas um pouco parecidas com o que fui quando criança — mal-humoradas, teimosas, interessantes. Na convivência com elas, me tornei cada vez mais parecido com minha mãe. Minha mulher não foge a esse padrão, mas combinamos um com o outro.

Por um lado, em resposta a essas mulheres já amadas e à minha mulher, e por outro, não tenho dúvida, em resposta a uma profissão que me expõe diariamente ao lado oculto da mente — a miséria de sua moldura ambiental, seus caprichos genéticos —, reeduquei-me desde cedo para ter uma espécie de boa vontade diligente em relação à vida. A vida e eu ficamos amigos há uns anos — não o tipo de amizade empolgante que eu desejava na infância, mas houve uma trégua simpática, descobri o prazer em voltar todos os dias para o meu apartamento na Kalorama Road. Às vezes existe um momento — como quando descasco uma laranja e a levo da bancada da cozinha para a mesa — em que sinto quase uma pontada de prazer, talvez diante de uma cor viva.

Consegui isso apenas na idade adulta. Supõe-se que as crianças gostem de pequenas coisas, mas na verdade só me lembro de sonhar com coisas grandes nessa fase, depois, o sonho se estreitou de um interesse a outro, e aí todos os meus sonhos foram canalizados para a biologia e a química, para o objetivo de chegar à escola de medicina, e, finalmente, ter a revelação dos episódios infinitesimais da vida, seus neurônios e suas hélices e seus átomos em movimento. De fato, aprendi a desenhar realmente bem a partir daquelas formas minúsculas e daqueles tons nos meus laboratórios de biologia, e não a partir de coisas grandes como montanhas, gente ou tigelas de frutas.

Agora, quando tenho grandes sonhos é em relação a meus pacientes, que eles possam algum dia sentir aquela alegria comum da cozinha e da laranja, de ficar com os pés para cima enquanto assistem a um documentário na televisão, ou que tenham prazeres ainda maiores, como conservar um emprego, voltar sadios para suas famílias, vendo as realidades daquele espaço em vez de um panorama terrível de fisionomias. Quanto a mim, aprendi a sonhar pequeno — uma folha, um pincel novo, a polpa de uma laranja e os detalhes da beleza da minha mulher: um brilho nos cantos de seus olhos, a penugem de seus braços à luz do abajur da nossa sala quando ela está sentada lendo.

Eu disse que não fui criado em um ambiente de médicos, mas talvez minha escolha não seja muito estranha, se considerarmos o ramo da medicina que segui. Meus pais não eram nada científicos, embora sua disciplina pessoal, que me transmitiram com a intensidade que os pais dedicam a um filho único do mesmo jeito que me faziam comer o mingau de aveia e usar meias limpas, me foi muito útil durante o rigor da faculdade de biologia e o rigor ainda maior da escola de medicina — o *rigor mortis* de noites inteiras passadas estudando e memorizando, o alívio relativo de noites insones mais tarde, correndo pelos turnos dos hospitais.

Eu também sonhara ser artista, mas quando chegou a hora em que devia escolher minha carreira, optei pela medicina, e soube desde o início que seria psiquiatra, o que para mim era tanto uma profissão curativa quanto a ciência suprema do conhecimento humano; na verdade, inscrevi-me também em escolas de arte depois da faculdade, e, para minha alegria, fui aceito em duas bastante boas. Gostaria de poder dizer que foi uma decisão dolorosa, que o artista em mim se rebelava contra a medicina. O fato é que achei que eu não daria uma contribuição social séria como pintor, e, no íntimo, me apavoravam a pressão e a luta para ganhar a vida inerentes a essa profissão. A psiquiatria seria um caminho direto para servir a um mundo que sofria enquanto eu poderia continuar pintando por minha conta, e seria suficiente, achava eu, saber que poderia ter sido um artista profissional.

Meus pais refletiram profundamente sobre minha escolha em relação à especialidade, como pude notar quando a mencionei numa de nossas conversas telefônicas de fim de semana. Houve uma pausa do outro lado da linha enquanto eles digeriam o que eu projetara para mim e o que me teria levado a optar por aquilo. Então, minha mãe observou calmamente que *todo o mundo* precisa ter alguém com quem falar, o que era sua maneira de associar com bastante precisão seu sacerdócio ao meu, e meu pai comentou que há muitas formas de expulsar nossos demônios.

Na verdade, meu pai não crê em demônios; eles não figuram em sua vocação moderna e progressista. Ele gosta de fazer referências sarcásticas a eles, mesmo agora na velhice, e de ler sobre eles, balançando negativamente a cabeça, nas obras dos primeiros pregadores da Nova Inglaterra, como Jonathan Edwards, ou dos teólogos medievais que também o fascinam. Ele parece um leitor de obras de ficção de terror: os lê porque eles o perturbam. Quando se refere a “demônios” e “fogo do inferno” e “pecado”, fala de forma irônica, com fascínio e repugnância; o que os paroquianos que ainda vêm ao seu escritório em nossa velha casa (ele nunca se aposentará completamente) recebem é um retrato profundamente misericordioso de seus próprios tormentos. Ele reconhece que

embora lide com almas e eu, com diagnósticos, fatores ambientais, resultados comportamentais, DNA, lutamos pelo mesmo objetivo: o fim do sofrimento.

Após minha mãe também tornar-se pastora da congregação, nossa casa ficou movimentada e eu encontrava muito tempo para estar sozinho, livrando-me de um ou outro mal-estar eventual distraíndo-me com livros e explorações no parque localizado no fim de nossa rua, onde eu me sentava embaixo de uma árvore para ler ou para desenhar cenas de montanhas e desertos que, claro, nunca vira pessoalmente. Os livros de que mais gostava eram os de aventuras marítimas ou aventuras de invenção e pesquisa. Descobri todas as biografias para crianças que pude — sobre Thomas Edison, Alexander Graham Bell, Eli Whitney e outros — e mais tarde descobri a aventura da pesquisa médica: como a de Jonas Salk em relação à pólio, por exemplo. Eu não era uma criança cheia de energia, mas sonhava fazer algo corajoso. Sonhava salvar vidas, apresentar-me no momento certo com alguma revelação salvadora. Mesmo agora, nunca leio um artigo numa revista científica sem uma versão deste sentimento: a emoção da descoberta vicária e a ponta de inveja pela descoberta.

Não posso dizer que esse desejo de salvar vidas tenha sido o grande tema de minha infância, embora isso desse uma boa história. Na verdade, eu não tinha vocação, e aquelas biografias para crianças haviam se tornado apenas uma lembrança quando eu estava no ensino médio, quando fui aplicado nos deveres mas sem grande entusiasmo, li por minha conta Dickens e Melville com muito mais prazer, fiz aulas de arte, pratiquei corrida *cross-country* sem me destacar e perdi a virgindade com um suspiro de alívio no primeiro ano do ensino médio para uma garota mais experiente, do último ano, que me disse sempre ter gostado da parte de trás de minha cabeça na sala de aula.

Meus pais acabaram por conquistar algum prestígio em nossa cidade, defendendo e reabilitando com sucesso um sem-teto que

veio de Boston para se abrigar em nossos parques. Iam juntos à cadeia local para dar palestras, e evitaram que uma casa quase tão antiga quanto a nossa (de 1691 — a nossa era de 1686) fosse demolida para dar lugar a um supermercado. Eles iam aos meus eventos esportivos, me acompanhavam nos bailes de formatura e convidavam meus amigos para pizzas ecumênicas, celebravam as cerimônias em memória de seus amigos que morriam jovens. Não havia funerais no credo deles, nada de caixões abertos, nada de preces com corpos presentes, de modo que só fui tocar num cadáver quando já fazia medicina, e só fui ver uma pessoa morta que eu conhecia pessoalmente quando segurei a mão de minha mãe — sua mão completamente inerte, ainda quente.

Mas anos antes de minha mãe morrer, quando eu ainda estava na escola, ganhei o amigo que mencionei anteriormente; ele me deu o maior caso de minha carreira, se guardarmos as devidas proporções. John Garcia foi um dos vários amigos homens que tive aos 20 anos — amigos de colégio com quem eu estudava para arguições de biologia e exames de história ou jogava bola nas tardes de sábado, e que agora estão ficando carecas; outros homens eu conheci na escola de medicina, com seus passos rápidos e jalecos brancos tremulantes em laboratórios e palestras, ou mais tarde nas agonias de interações constrangedoras com pacientes. Estávamos todos ficando meio grisalhos na época em que John deu aquele telefonema, e um pouco menos empertigados ou destemidamente mais magros na tentativa de endireitar o corpo — eu já agradecia a mim mesmo pelo hábito da vida inteira de correr, que me mantinha mais ou menos magro, até mesmo forte. E ao destino, por continuar com cabelos fartos e em tons de castanho e prateado na mesma proporção, e ainda ser alvo de olhares das mulheres na rua. Mas, indiscutivelmente, eu era um deles; um dos de minha turma de amigos de meia-idade.

Então, quando John me ligou para pedir aquele favor naquela terça-feira, logicamente, eu disse sim. Ao me contar sobre Robert Oliver, fiquei interessado, mas estava interessado também no meu almoço, minha oportunidade de esticar as pernas e me livrar das

tensões da manhã. Nunca estamos muito alertas para nosso destino, estamos? É a colocação que meu pai faria, em seu escritório em Connecticut. E, no fim do dia, quando minha reunião terminara e o granizo se tornara uma chuva fina, e os esquilos corriam ao longo do muro do quintal e pulavam por cima dos vasos de plantas, eu já tinha quase me esquecido do telefonema de John.

Mais tarde, depois de ter ido depressa a pé do consultório para casa e de deixar o casaco no vestíbulo — isso foi antes de me casar, de modo que ninguém me recebeu à porta e não havia qualquer blusão cheiroso pendurado no pé da cama após um dia de trabalho —, depois de colocar o guarda-chuva molhado para secar, de lavar as mãos, de fazer um sanduíche de salmão com pão torrado e de ir ao escritório pegar o pincel — só então, tendo a madeira fina e macia entre os dedos, lembrei-me do meu futuro paciente, um pintor que brandira uma navalha em vez de um pincel. Botei minha música preferida, a Sonata para Violino em A Maior, de Franck, e esqueci-me dele de propósito. O dia fora longo e um pouco vazio, até eu começar a enchê-lo de cor. Mas o dia seguinte sempre chega, a menos que a gente morra, e no dia seguinte, conheci Robert Oliver.

CAPÍTULO 3

MARLOW

Ele estava parado ao lado da janela de seu novo quarto, olhando para fora, com as mãos pendentes. Virou-se quando entrei. Meu novo paciente tinha mais de um metro e oitenta e cinco, uma constituição forte, e, quando encarava a gente, curvava-se um pouco, como se fosse um touro que investisse contra um oponente. Seus braços e ombros tinham uma força malcontida, sua expressão era tenaz, segura. Tinha a pele morena enrugada, o cabelo quase preto e muito farto, uma juba com toques prateados mais cheia de um lado que de outro, como se ele sempre a amassasse. Estava vestido com umas calças largas de veludo cotelê cor de oliva, camisa de algodão amarela, e jaqueta também de veludo cotelê, com os cotovelos reforçados. Usava pesados sapatos de couro marrom.

As roupas de Robert estavam sujas de tinta a óleo, com manchas alizarinas, cerúleas, amarelas-ocre — cores vivas no tecido sem graça. Ele tinha tinta embaixo das unhas. Estava inquieto, trocando o apoio de um pé para o outro ou cruzando os braços, expondo o reforço dos cotovelos. Duas mulheres diferentes depois me disseram que Robert Oliver foi o homem mais elegante que elas já tinham conhecido, o que faz com que eu me pergunte o que as mulheres veem que eu não vejo. No parapeito, agora atrás dele, havia um maço de papéis de aparência frágil; pensei que deviam ser as “cartas antigas” a que John Garcia se referira. Enquanto eu me encaminhava em sua direção, Robert me olhava de frente — essa não foi a última vez que eu teria a sensação de que estávamos juntos em um ringue —, e, por um momento, seus olhos ficaram brilhantes e expressivos, de um verde com reflexos

dourados e bastante injetados. Depois, ele fechou a cara com irritação; virou-se para o outro lado.

Apresentei-me e estendi a mão.

— Como se sente hoje, sr. Oliver?

Após um momento, ele apertou minha mão com firmeza, mas não disse nada e pareceu apático e ressentido, cruzando os braços e encostando-se no parapeito.

— Bem-vindo a Goldengrove. É um prazer ter a oportunidade de conhecê-lo.

Ele me olhou nos olhos, mas continuou calado.

Sentei-me na poltrona de canto e observei-o alguns minutos antes de tornar a falar.

— Acabei de ler sua ficha que estava no consultório do dr. Garcia. Entendo que teve um dia muito difícil na semana passada, e foi isso que o levou ao hospital.

Então, ele deu um sorriso curioso e falou pela primeira vez.

— Sim — disse. — Tive um dia difícil.

Eu atingira meu primeiro objetivo: ele estava falando. Controlei-me para não demonstrar prazer nem surpresa.

— Lembra-se do que aconteceu?

Ele ainda me encarava, mas sua fisionomia não registrava emoção alguma. Era uma fisionomia estranha, equilibrada entre o rude e o elegante, um rosto com uma estrutura óssea notável, o nariz comprido mas largo.

— Um pouco.

— Se importaria de falar comigo sobre isso? Estou aqui para ajudá-lo, primeiro quero ouvi-lo.

Ele não disse nada.

Repeti.

— Gostaria de falar um pouco sobre isso? — Como ele continuava calado, tentei outra abordagem. — Soube que aquilo que teve a intenção de fazer outro dia saiu nos jornais? Eu não vi o artigo quando saiu, mas me deram uma cópia. Você está na página quatro.

Ele desviou a vista.

Persisti.

— A manchete foi algo assim: “Artista ataca quadro na National Gallery.”

Ele deu uma risada, surpreendentemente doce.

— É exata, de certa forma. Mas não toquei no quadro.

— O guarda o segurou antes, certo?

Ele fez que sim.

— E o senhor reagiu. Ser afastado do quadro o irritou?

Dessa vez, seu rosto adquiriu uma expressão nova: era sombria, e ele mordeu o canto do lábio.

— Sim.

— Era um quadro de uma mulher, não? Como se sentiu quando a atacou? — perguntei tão de chofre quanto pude. — Por que teve vontade de fazer isso?

Sua reação foi igualmente repentina. Ele se sacudiu, como se estivesse tentando se livrar do tranquilizante suave sob cujo efeito estava, e endireitou os ombros. Pareceu ainda mais autoritário naquele momento, e vi que podia ser bastante intimidador e violento.

— Fiz isso por ela.

— Pela própria mulher? Quis protegê-la?

Ele ficou calado.

Tentei de novo.

— Então achou que de algum modo ela queria ser atacada?

Ele baixou os olhos e depois suspirou como se até mesmo expirar lhe doesse.

— Não. O senhor não entende. Eu não estava atacando a mulher do quadro. Fiz isso pela mulher que amei.

— Por outra pessoa? Sua esposa?

— Pode pensar o que quiser.

Continuei olhando fixamente para ele.

— Acha que fez isso por sua esposa? Sua ex-esposa?

— Pode falar com ela — disse ele, como se não se importasse se eu falasse ou não. — Pode até falar com Mary se quiser. Pode olhar os retratos se quiser. Não quero saber. Pode falar com quem quiser.

— Quem é Mary? — Perguntei. Não era o nome de sua ex-mulher. Esperei um pouco, mas ele estava calado. — Os retratos que mencionou são dela? Ou está se referindo ao quadro da National Gallery?

Ele ficou em silêncio absoluto diante de mim, olhando para um ponto acima da minha cabeça.

Esperei; posso esperar como uma pedra quando preciso. Após três ou quatro minutos, comentei placidamente:

— Sabe, sou pintor também. — Não costumo falar de mim, claro, e principalmente numa primeira sessão, mas achei que valia a pena o pequeno risco.

Ele me lançou um olhar que poderia ter sido de interesse ou de desprezo, e deitou-se na cama, de costas, todo esticado, os sapatos em cima da colcha e os braços atrás da cabeça, olhando para cima como se estivesse contemplando um céu aberto.

— Tenho certeza de que só algo muito difícil poderia tê-lo feito atacar um quadro.

Esse era outro risco, mas que também valia a pena correr.

Ele fechou os olhos e rolou para o outro lado, como se estivesse se preparando para tirar um cochilo. Então, vendo que não ia falar mais, levantei-me.

— Sr. Oliver, estarei aqui sempre que precisar de mim. E o senhor está aqui para que possamos tratá-lo e ajudá-lo a se restabelecer. Esteja à vontade para mandar a enfermeira me chamar. Venho vê-lo de novo em breve. Pode mandar me chamar se quiser apenas um pouco de companhia. Não há necessidade de falar mais enquanto não estiver preparado.

Eu não poderia imaginar quão à risca ele seguiria o que eu disse. Quando o visitei no dia seguinte, a enfermeira relatou que ele passara a manhã inteira sem falar embora tivesse tomado um pequeno desjejum e parecesse calmo. Seu silêncio não se restringia às enfermeiras; ele também não falou comigo, naquele dia nem nos doze meses seguintes. Neste período, sua ex-mulher não foi visitá-lo; aliás, ele não recebeu nenhuma visita. Continuou a manifestar muitos dos sintomas de depressão clínica, com períodos de agitação silenciosa e talvez ansiedade.

Durante quase todo o tempo que Robert esteve comigo, nunca pensei seriamente em deixar de tratá-lo, em parte porque eu nunca poderia ter certeza absoluta se ele era ou não um possível risco para si mesmo e para os outros, e em parte por causa de um sentimento que evoluiu aos poucos e que vou confessar gradualmente. Já reconheci que tenho minhas razões para considerar esta história confidencial. Naquelas primeiras semanas, continuei tratando-o com o estabilizador de humor que John lhe receitara, e também com o antidepressivo.

Seu único relatório psiquiátrico anterior, que John me enviara, indicava um grave transtorno recorrente de humor e uma experiência com lítio — Robert aparentemente recusara a droga após alguns meses de tratamento, dizendo que ela o deixava exaurido. Mas o relatório também descrevia um paciente frequentemente funcional, que mantinha um emprego de professor numa pequena faculdade, continuava com seu trabalho artístico, e tentava envolver-se com familiares e colegas. Liguei pessoalmente para seu antigo psiquiatra, mas o colega estava ocupado e pouco me contou, a não ser que, depois de algum tempo, achara Oliver um paciente desmotivado. Robert procurara um psiquiatra principalmente a pedido da mulher, e interrompera o tratamento antes de separar-se dela havia mais de um ano. Robert não fizera nenhuma psicoterapia de longo prazo, nem fora hospitalizado anteriormente. O médico nem sabia que Robert já não morava em Greenhill.

Robert agora tomava a medicação sem protestar, com a mesma resignação com que se alimentava — um sinal inusitado de cooperação num paciente desafiador a ponto de impor um voto de silêncio. Ele comia com parcimônia, também sem interesse aparente, e mantinha-se rigorosamente asseado apesar da depressão. Não interagia de forma alguma com os outros pacientes, mas diariamente fazia caminhadas supervisionadas dentro e fora da residência e às vezes sentava-se no salão maior, ocupando uma cadeira num canto ensolarado.

Em seus períodos de agitação, que, no começo, eram quase diários, ficava andando no quarto, punhos cerrados, o corpo visivelmente trêmulo, o rosto instável. Eu o observava cuidadosamente e mandava minha equipe fazer o mesmo. Uma manhã, ele quebrou o espelho do banheiro com o punho, mas não se machucou. Às vezes, sentava-se na beira da cama com a cabeça nas mãos, pondo-se de pé num pulo em intervalos de poucos minutos para olhar pela janela, depois voltava a se colocar naquela atitude de desespero. Quando não estava agitado, estava apático.

A única coisa que parecia interessar Robert Oliver era seu maço de cartas antigas, que ele mantinha perto de si e frequentemente abria e lia. Quase sempre, quando eu o visitava, ele estava com uma carta à sua frente. E uma vez, logo no início, antes que ele dobrasse a carta e a guardasse no envelope desbotado, notei que as folhas estavam todas escritas com uma letra elegante e regular em tinta marrom.

— Já reparei que você está sempre lendo a mesma coisa. Estas cartas. São antigas?

Ele segurou o maço e se afastou, a fisionomia tão infeliz quanto qualquer uma que eu vira em todos os meus anos de trabalho. Não, eu não poderia lhe dar alta, ainda que ele tivesse períodos de calma que duravam dias. Algumas manhãs, eu o incentivava a falar comigo — em vão — e outras, eu simplesmente ficava sentado perto dele. De segunda a sexta eu lhe perguntava como ele estava passando, e de segunda a sexta ele desviava a vista e olhava pela janela.

Todo esse comportamento representava um quadro muito vivo de tormento, mas como eu poderia saber o que desencadeara seu colapso nervoso se não conseguia discutir esse assunto com ele? Ocorreu-me, entre outras ideias, que ele poderia estar sofrendo, além daquele diagnóstico básico, de um transtorno de estresse pós-traumático; mas, se estivesse, qual teria sido o trauma? Ou será que seu próprio colapso e a detenção no museu por si sós poderiam tê-lo traumatizado? Não havia provas de nenhuma tragédia anterior nos poucos registros que eu tinha em meu poder, embora sua separação da mulher deva tê-lo abalado. Eu tentava delicadamente, sempre que o momento parecia propício, incentivá-lo a conversar. Seu silêncio se mantinha, assim como a releitura obsessiva e privada daquela correspondência. Uma manhã, perguntei-lhe se ele permitiria que eu desse uma olhada nas cartas, em caráter confidencial, pois era óbvio que tinham grande importância para ele.

— Prometo não ficar com elas, claro, ou, se me emprestá-las, eu poderia mandar fazer cópias e devolvê-las intactas.

Ele se virou para mim então, com uma expressão um tanto curiosa, mas logo ficou novamente enfezado e taciturno. Recolheu as cartas cuidadosamente, evitando meu olhar, e virou-se para o outro lado na cama. Após um instante, não tive opção senão sair do quarto.

CAPÍTULO 4

MARLOW

Entrando no quarto de Robert na segunda semana em que ele estava conosco, notei que ele andara desenhando no caderno. O desenho era uma imagem simples de uma cabeça de mulher em três quartos de perfil, com o esboço de um cabelo escuro e cacheado. Reconheci imediatamente a habilidade e a expressividade extremas de Oliver; essas qualidades saltavam aos olhos. É fácil dizer o que torna fraco um desenho, mas é difícil explicar a coerência e o vigor internos que lhe dão vida. Os desenhos de Oliver eram vivos, para lá de vivos. Quando lhe perguntei se aquela era uma figura imaginária ou uma pessoa real, ele, mais acintosamente que nunca, fingiu não ter me ouvido, fechou o caderno e deixou-o de lado. Em minha visita seguinte, ele andava de um lado para o outro no quarto, e eu o via cerrar e relaxar a mandíbula.

Observando-o, senti novamente que não seria seguro liberá-lo, a menos que pudéssemos garantir que ele não voltaria a ficar violento com o estímulo de sua vida cotidiana. Eu nem sabia em que consistia essa vida; a secretária de Goldengrove fizera uma pesquisa preliminar para mim, mas não conseguimos encontrar qualquer emprego que tivesse tido na área de Washington. Será que ele teria meios de ficar em casa o dia inteiro pintando? Seu nome não constava do catálogo telefônico de Washington, e o endereço que John Garcia afinal recebera da polícia era o de sua ex-mulher, na Carolina do Norte. Ele estava irritado, deprimido, quase alcançando a autêntica fama e, aparentemente, sem-teto. O episódio do caderno de desenho me deixara esperançoso, mas a hostilidade que o acompanhou foi mais profunda que nunca.

Sua extrema habilidade com o papel me intrigava, como me intrigava o fato de ele realmente ter renome; embora em geral eu evitasse pesquisas desnecessárias na internet, fui procurar seu nome. Robert tinha mestrado em belas artes por um dos mais importantes cursos de arte de Nova York e lá lecionara por pouco tempo; também lecionara na faculdade Greenhill e em outra faculdade no estado de Nova York. Fora o segundo colocado no concurso anual da National Portrait Gallery, recebera bolsas e fora aceito em programas de residência nacionais, além de ter feito exposições individuais em Nova York, Chicago e Greenhill. Sua obra de fato saía na capa de várias revistas de arte conhecidas. Havia algumas imagens de seus leilões ao longo dos anos — retratos e paisagens, incluindo dois retratos sem título de uma mulher de cabelos escuros como a que ele desenhara em Goldengrove. As obras deviam alguma coisa, achei, à tradição impressionista.

Não encontrei declarações nem entrevistas do artista; Robert era tão calado na internet, pensei, quanto diante de mim. Pareceu-me que seu trabalho seria um canal de comunicação útil, e forneci-lhe uma boa quantidade de carvões, lápis, canetas e papel de qualidade, que eu mesmo trouxe de casa. Ele os usava para continuar desenhando a cabeça de mulher quando não estava relendo as cartas. Começou a encostar os desenhos aqui e ali, e, quando deixei uma fita adesiva em seu quarto, ele os colou nas paredes formando uma galeria caótica. Como já disse, seu traço era extraordinário; nele identifiquei um longo tempo de treinamento e um enorme talento, que mais tarde eu veria em seus quadros. Ele logo variou os esboços do perfil da mulher para retratá-la de frente; pude observar sua feição delicada e grandes olhos escuros. Às vezes, ela sorria, e às vezes parecia irritada; a irritação predominava. Naturalmente, conjecturei que, com aquela imagem, ele poderia estar expressando sua raiva muda, e também especulei sobre uma possível confusão de identidade de gênero na mente do paciente, embora eu não conseguisse fazê-lo sequer responder de maneira não verbal a perguntas sobre esse tópico.

Quando Robert Oliver já estava em Goldengrove havia mais de duas semanas sem falar, tive a ideia de equipar seu quarto como se fosse um estúdio. Precisei obter uma autorização especial do centro para minha experiência, além de tomar algumas medidas de segurança; era um risco, certo, mas Robert demonstrara plena responsabilidade ao usar seus lápis e outros materiais de desenho. Considerei equipar um canto da sala de terapia ocupacional, em vez do quarto de Oliver. Mas, pensei, era provável que Robert, na situação em que se encontrava, não pintasse na presença de outras pessoas. Arrumei pessoalmente o quarto enquanto ele fazia uma de suas caminhadas, e fiquei lá para observar sua reação quando voltou.

Era um quarto de solteiro ensolarado, e eu afastara a cama para o lado a fim de dar espaço para um cavalete grande. Abastecera as prateleiras com tintas a óleo, aquarelas, gesso, trapos, vidros de pincéis, solvente e óleo, uma paleta de madeira e espátulas; alguns desses artigos eu trouxera do meu acervo pessoal, de modo que não eram novos e criariam o clima de um ateliê. Empilhei telas em branco de vários tamanhos junto a uma parede e forneci um bloco de papel para aquarela.

Enfim, sentei-me na minha cadeira habitual no canto para observá-lo. Ao ver todo o equipamento que eu havia posto ali, ele ficou paralisado, visivelmente pasmado. Depois, fez uma cara de fúria. Partiu para cima de mim, punhos cerrados, eu continuei sentado, com a maior calma possível, sem falar. Por um momento, achei que ele fosse realmente dizer algo, ou talvez até me batesse, mas ele pareceu reconsiderar ambos os impulsos. Relaxou um pouco o corpo, virou-se e começou a examinar o novo material. Sentiu a textura do papel para aquarela, estudou a construção do cavalete, olhou os tubos de tinta a óleo. Por fim, voltou-se e tornou a me fuzilar com os olhos, agora como se quisesse me perguntar algo mas não conseguisse fazê-lo. Perguntei-me, não pela primeira vez, se de alguma forma ele teria perdido a capacidade e não a vontade de falar.

— Espero que aproveite essas coisas — disse eu com a maior placidez possível.

Ele olhou para mim, com o rosto carregado. Saí do quarto sem tentar falar novamente com ele.

Dois dias depois, encontrei-o, profundamente concentrado, pintando uma primeira tela, a qual ele aparentemente preparara para aquele fim durante a noite. Não me cumprimentou, mas deixou-me observá-lo e estudar o quadro, que era um retrato. Examinei-o com o maior interesse. Sou antes de tudo um retratista, embora também goste de paisagens, e o fato de não poder pintar regularmente a partir de modelos vivos, devido ao meu horário de trabalho puxado, é uma fonte de tristeza para mim. Trabalho com fotografias quando preciso, embora isso vá contra o meu purismo natural. Mas é melhor que nada, e sempre aprendi com o exercício.

Só que Robert, ao que eu sabia, pintara sua nova tela sem ter sequer uma fotografia como referência, e ela irradiava uma vida espantosa. Representava a habitual cabeça de mulher — agora, obviamente, em cores — no mesmo estilo tradicionalista de seus desenhos. A mulher tinha um rosto extraordinariamente real, com olhos escuros que miravam diretamente da tela — um olhar confiante porém pensativo. Tinha o cabelo cacheado e escuro, com alguns reflexos castanhos, um nariz fino, um queixo quadrado com uma covinha do lado direito, uma boca divertida, sensual. Sua testa era alta e branca, e, do pouco que pude ver, sua roupa era verde, com um babado amarelo em volta de um acentuado decote em V, sobre a curvatura da pele. Hoje ela parecia quase feliz, como se estivesse gostando de aparecer em cores, afinal. Acho estranho pensar nisso agora, mas naquele momento, e por vários meses depois, eu não tinha ideia de quem ela era.

Isso foi numa quarta-feira, e, na sexta, quando fui ver Robert, não havia ninguém no quarto; ele aparentemente saíra para sua caminhada. O retrato da senhora morena estava no cavalete — quase terminado, supus —, magnífico. Na cadeira em que eu

costumava me sentar havia um envelope endereçado a mim em letra de forma. Dentro do envelope, encontrei as cartas antigas de Robert. Puxei uma e fiquei com ela na mão durante um bom tempo. O papel parecia muito antigo e, para minha surpresa, as linhas elegantemente manuscritas que pude ver na frente da folha eram em francês. De repente senti o quão distante eu talvez precisasse ir para conhecer o homem que confiara aquelas cartas a mim.

CAPÍTULO 5

MARLOW

A princípio, eu não tivera a intenção de sair de Goldengrove levando comigo as cartas, mas, ao chegar o fim do dia, coloquei-as na pasta. No sábado de manhã, liguei para minha amiga Zoe, que lecionava literatura francesa na Universidade de Georgetown. Zoe era uma das mulheres com quem saí quando cheguei a Washington anos atrás, e continuamos bons amigos, especialmente porque eu não gostava tanto dela, a ponto de lamentar que ela tivesse posto um fim ao nosso relacionamento. Era uma excelente companhia para uma peça ou um concerto de vez em quando, e acho que ela pensava exatamente o mesmo de mim.

O telefone tocou duas vezes antes de ela atender.

— Marlow? — A voz era formal, como sempre, mas também afetuosa. — Que bom você ter ligado. Pensei em você na semana passada.

— Por que não me ligou, então? — perguntei.

— Época de correção de trabalhos — disse ela. — Não tinha como ligar para ninguém.

— Nesse caso, está perdoada — retruquei com sarcasmo, como era nosso costume. — Ainda bem que já terminou a correção, porque tenho um possível projeto para você.

— Ah, Marlow — dava para ouvir que ela estava fazendo alguma coisa na cozinha enquanto falava comigo; sua cozinha era de pouco depois da Guerra da Independência e do tamanho do meu armário do corredor. — Marlow, não preciso de nenhum projeto. Estou escrevendo um livro, como você sabe, se é que prestou pelo menos um pouquinho de atenção ao que eu disse nesses três últimos anos.

— Eu sei, querida — disse eu. — Mas isso é algo de que você vai gostar, exatamente o seu período, acho eu, e quero que veja. Venha aqui em casa hoje à tarde e eu a convido para jantar.

— Isso deve ter muito valor para você — disse ela. — Não posso jantar, mas estarei aí às cinco. Depois, tenho de ir ao Dupont Circle.

— Está marcado — disse eu, aprovando.

Fiquei um tanto chocado ao perceber quanto tempo fazia que eu não saía com alguém. Como se passara tanto tempo?

— Fechado — disse Zoe.

Ficamos sentados na minha sala, abrindo as cartas que Robert trazia com ele até mesmo durante o atentado no museu. O café de Zoe estava esfriando; ela nem sequer começara a tomá-lo. Tinha envelhecido um pouco desde a última vez que a vira, de forma que sua pele cor de oliva tinha um aspecto cansado e seu cabelo estava ressecado. Mas seus olhos mantinham-se estreitos e inteligentes, como sempre, e lembrei-me de que, do ponto de vista dela, eu também deveria estar envelhecendo.

— Onde arranjou isso? — Perguntou-me.

— Uma prima me mandou.

— Uma prima francesa? — Sua expressão era de incredulidade.
— Você tem origens francesas que desconheço?

— Não em particular — eu não planejava aquilo direito. — Acho que ela as conseguiu num antiquário, ou sei lá onde, e achou que me interessariam porque gosto de ler sobre história.

Ela agora examinava a primeira carta, com mãos delicadas e um olhar aguçado.

— São todas de 1877 a 1879?

— Não sei. Não as examinei minuciosamente. Fiquei com medo, porque são muito frágeis, e o que vi, não consegui entender bem.

Ela abriu outra.

— Eu levaria algum tempo para lê-las direito, por causa da caligrafia, mas parecem ser cartas de uma mulher para o tio, e vice-

versa, como já deve ter notado, e algumas delas são sobre pintura e desenho. Talvez por isso sua prima tenha achado que lhe interessariam.

— Talvez — disse, tentando não olhar por cima do ombro dela.

— Deixe-me pegar uma que esteja em melhor condição e traduzi-la. Você tem razão; isso poderia ser divertido. Mas acho que não vai dar para traduzir todas. Toma muito tempo, você sabe, e preciso andar depressa com meu livro.

— Serei direto: eu lhe pagarei generosamente.

— Ah — ela pensou alto. — Bem, preciso dizer que isso seria bem-vindo. Deixe-me antes fazer um teste com uma ou duas.

Combinamos um preço, e eu lhe agradei.

— Mas traduza todas — disse eu. — Por favor. Mande-me a tradução por correio normal, não eletrônico. Pode me enviar de duas em duas, à medida que terminar — eu não conseguiria explicar por que eu queria recebê-las como cartas, cartas de verdade, então não tentei. — E se puder trabalhar sem os originais, vamos até a esquina xerocá-las, para o caso de acontecer alguma coisa. Você pode levar as cópias com você. Tem um tempinho?

— Marlow, sempre cuidadoso — disse ela. — Nada vai acontecer, mas é uma boa ideia. Deixe-me primeiro tomar meu café e lhe contar tudo sobre meu *affaire de coeur*.

— Não quer ouvir sobre o meu?

— Lógico, mas não haverá nada para contar.

— É verdade — disse eu. — Então vá em frente.

Quando nos separamos na papelaria, ela com suas cópias fresquinhas e eu com minhas cartas — cartas de Robert, aliás — voltei para casa e pensei em fazer um sanduíche grelhado, tomar meia garrafa de vinho e ir a um cinema sozinho.

Coloquei as cartas na mesa de centro, tornei a dobrá-las nas marcas gastas e as enfiei no envelope, arrumando-as para que não batessem uma na outra, com suas bordas frágeis. Pensei nas mãos que as manusearam no passado, as mãos delicadas de uma mulher e as mãos de um homem — as dele seriam mais velhas, claro, se ele era tio dela. Depois, nas mãos grandes e quadradas de Robert,

bronzeadas e bastante gastas. Nas mãos pequenas e inquisitivas de Zoe. E nas minhas.

Caminhei até a janela da sala, uma das minhas vistas preferidas: a rua, cercada e entremeada de galhos que a sombreiam há décadas, desde muito antes de eu me mudar; os pórticos antigos dos prédios de arenito pardo do outro lado, os gradis e os balcões ornamentados; quarteirões construídos nos anos 1880. A tarde estava dourada depois de dias de chuva, as pereiras já haviam perdido as flores e estavam bastante verdinhas. Desisti da ideia de ir ao cinema. Era uma noite perfeita para ficar sossegado em casa. Eu estava trabalhando num retrato a partir de uma fotografia do meu pai, que queria lhe mandar de aniversário — eu poderia adiantar um pouco isso. Botei minha Sonata para Violino de Franck e fui para a cozinha tomar uma tigela de sopa.

CAPÍTULO 6

MARLOW

Fazia mais de um ano, percebi com tristeza, que eu não punha os pés na National Gallery. A escadaria externa estava infestada de colegiais; havia um enxame deles à minha volta, com seus uniformes sem graça de uma escola católica, ou talvez de uma daquelas escolas públicas que exigem calças com pregas azul-marinho em xadrez discreto numa tentativa de restabelecer uma ordem há muito perdida. Tinham caras alegres — os meninos, na maioria, de cabelos muito curtos; algumas das garotinhas com prendedores de plástico nas tranças — com sua tez em um espectro de cores encantadoras, do pálido ao rosado sardento até o ébano. Por um momento, pensei: *democracia*. Era aquele velho sentimento idealista que adquiri na aula de estudos sociais da minha escola primária em Connecticut, lendo sobre George Washington Carver e Lincoln, uma América com o sonho de pertencer a todos os americanos. Subíamos juntos a imponente escadaria para um museu com entrada franca e, em tese, aberto a todos, todos e qualquer um, um lugar onde essas crianças poderiam se misturar umas com as outras e comigo e com os quadros sem restrições.

Então a miragem ganhou nitidez: as crianças se empurravam e grudavam chiclete nos cabelos umas das outras, e as professoras tentavam manter a paz só com os recursos da diplomacia. Mais importante, eu sabia que a maior parte da população de Washington nunca entraria neste museu, nem se sentiria bem-vinda aqui. Deixei-me ficar para trás e esperei as crianças entrarem na minha frente, já era tarde para eu abrir caminho no meio do bando e chegar primeiro na porta. Isso também me deu tempo para virar o rosto para o sol da tarde, que estava quente, em plena primavera, e curtir o verde do

Mall. Minha consulta das três horas (transtorno de personalidade fronteira, um *borderline*, uma longa batalha) fora cancelada, e, pelo menos uma vez, eu não tinha compromissos posteriores. Assim, deixei o consultório e fui para o museu, livre, liberado; eu não precisaria mais voltar para o trabalho naquele dia.

Havia duas mulheres no comando do balcão de informações; uma era jovem, de cabelos escuros e lisos, e a outra, uma aposentada — uma voluntária, imaginei, de aparência frágil embaixo dos finos cachinhos brancos. Escolhi a mais velha para dirigir minha pergunta.

— Boa tarde. Será que a senhora poderia me ajudar a localizar um quadro chamado *Leda*?

A mulher ergueu os olhos e sorriu; poderia ser avó da guia mais moça, e seus olhos eram de um azul desbotado, quase transparente. Em seu crachá, lia-se MIRIAM.

— Sem dúvida — disse.

A mais jovem aproximou-se dela e a observou procurar algo na tela de um computador.

— Tecle “título” — instigou.

— Ah, eu quase consegui — Miriam deu um suspiro profundo, como se já soubesse que seus esforços eram vãos.

— Sim, você conseguiu — insistiu a moça, mas teve que pressionar uma ou duas teclas antes que Miriam sorrisse.

— Ah, *Leda*. É de Gilbert Thomas, francês. Está nas galerias do século XIX, imediatamente antes dos impressionistas.

A moça me olhou pela primeira vez.

— É o quadro que aquele cara atacou mês passado. Um monte de gente anda perguntando sobre esse quadro. Quer dizer... — fez uma pausa e colocou uma mecha de cabelo retinta de volta no lugar; percebi então que seu cabelo era tingido de preto, e parecia entalhado, asiático, em volta do rosto claro e dos olhos esverdeados. — Bem, um monte, não, eu acho, mas várias pessoas pedem para vê-lo.

Olhei para a moça, inesperadamente perturbado. Ali, parada atrás do balcão, a moça tinha uma expressão de cumplicidade, o

corpo delgado e flexível debaixo de uma jaqueta justa com fecho de zíper e que expunha um pedacinho de cintura entre a borda e o cós de uma saia preta — aquele seria o maior trecho de pele abdominal que era permitido entrever nesta galeria cheia de nus, especulei. Ela poderia ser uma estudante de arte, trabalhando aqui no tempo livre para pagar os estudos, uma talentosa designer comercial ou de joias, com aquelas mãos longas e brancas. Imaginei-a encostada no balcão, depois do expediente, sem calcinha por baixo daquela saia curtíssima. Ela era só uma criança; desviei o olhar. Era uma criança, e eu não era nenhum bom partido, eu sabia — nenhum Casanova idoso.

— Fiquei chocada quando ouvi a notícia — Miriam balançou a cabeça. — Mas não sabia que era esse quadro.

— Bem — disse eu, — também li sobre o incidente. É estranho alguém atacar um quadro, não?

— Não sei — a moça passou a mão pela beirada do balcão de informações. Tinha um anel de prata largo no polegar. — Aqui a gente recebe todo tipo de louco.

— Sally — murmurou a senhora.

— Bem, recebe sim — disse a moça com ar desafiador.

Olhou bem para a minha cara, como se me desafiasse a ser um dos lunáticos a quem acabara de se referir. Imaginei descobrir algum sinal de que ela me achava atraente, convidando-me para tomar um café, um flerte preliminar durante o qual ela diria coisas como *Aqui a gente recebe todo tipo de louco*. A imagem da mulher nos desenhos de Robert Oliver me veio à mente. Ela era jovem, como Sally, mas também sem idade, com o rosto inteligente e vivo.

— O homem que atacou esse quadro parece ter colaborado com a polícia, depois que foi preso — comentei com delicadeza. — Talvez não fosse tão maluco.

Os olhos da moça eram duros, pragmáticos.

— Quem haveria de querer ferir uma obra de arte? O guarda me disse depois que *Leda* escapou por um triz.

— Obrigado — disse eu, agora um homem correto e idoso com um mapa da galeria na mão.

Miriam pegou o mapa e rodeou com uma caneta azul a sala em que eu precisava ir. Sally já se afastara; o *frisson* fora só do meu lado.

Eu tinha a tarde inteira para mim; com uma sensação de leveza, subi as escadas até alcançar a imensa rotunda de mármore e caminhei um pouco entre seus pilares reluzentes e coloridos, parei no centro, respirando fundo.

Então aconteceu uma coisa estranha — a primeira de muitas. Eu me perguntava se Robert parara ali, e eu pude sentir sua presença, ou talvez eu simplesmente tenha tentado adivinhar que experiência ele deve ter tido — ali, onde ele me precedera. Será que sabia que ia esfaquear um quadro, e que quadro seria? Isso poderia tê-lo feito passar correndo pelos esplendores da rotunda, já com a mão no bolso. Mas se não soubesse de antemão, se algo o tivesse incitado àquele gesto quando ele se encontrava diante do quadro, ele poderia muito bem ter-se demorado também naquela floresta de troncos de mármore como qualquer um que tivesse uma noção do que aquilo significava e amasse as formas tradicionais.

Na verdade — pus as mãos no bolso —, mesmo que seu ataque tivesse sido premeditado e ele estivesse seguro do que fazia, ou saboreasse a ideia do momento em que sacaria a navalha e a abriria na palma da mão, ele ainda poderia ter parado ali pelo prazer da protelação. Era difícil, claro, para mim, pensar em desejar danificar um quadro, mas eu imaginava os impulsos de Robert, não os meus. Depois de mais um instante, prossegui, feliz por deixar aquele lugar celestial e obscuro e por estar novamente entre quadros, nas longas primeiras galerias da coleção do século XIX.

Para meu alívio, encontrei a área sem visitantes, embora ali não houvesse um mas dois guardas, como se a administração do museu esperasse um segundo ataque ao mesmo quadro a qualquer momento. *Leda* fez com que eu atravessasse imediatamente a sala. Eu resistira à tentação de procurar esse quadro em livros ou na internet antes desta visita, e agora estava feliz — eu poderia ler sua

história mais tarde, mas a imagem era nova para mim, espantosa e real.

Era uma tela grande, francamente impressionista, embora os detalhes estivessem de certa forma mais em evidência do que poderiam estar num Monet ou num Pissarro ou num Sisley, e media cerca 1,50m X 2,50m, com duas figuras dominantes. A figura central era uma forma feminina quase toda despida, deitada numa relva maravilhosamente real. Estava de costas, numa atitude clássica de desespero e desamparo — ou seria de entrega? — a cabeça com sua farta cabeleira dourada jogada para trás na terra, uma tira de pano presa em sua cintura e caindo sobre uma das pernas, os pequenos seios despidos, os braços abertos. Sua pele estava pintada de forma transcendental sobre a realidade daquela relva; era muito branca, translúcida, como o broto de uma planta que cresceu embaixo de um tronco. Pensei imediatamente em *Le déjeuner sur l'herbe*, de Manet, embora a figura de Leda transmitisse esforço, com um ar sobressaltado e épico, não estando calmamente nua como a prostituta de Manet, a pele com um tom mais fresco, a pincelada mais solta.

A outra figura no quadro não era humana, embora certamente fosse um personagem dominante — um enorme cisne, pairando sobre ela como se estivesse prestes a pousar na água, as asas batendo para trás para diminuir a velocidade de sua investida. As compridas penas das asas do cisne curvavam-se para dentro como esporões, suas patas com uma teia cinzenta quase se encostavam à pele delicada do ventre da moça, e aquele olho rodeado de preto tinha uma expressão feroz como a de um garanhão. A pura força de seu voo em direção a ela, capturada pela tela, era espantosa, e isso explicava visual e psicologicamente o pânico da mulher na relva. O rabo do cisne se enroscava embaixo dele, num movimento pélvico, como se o ajudasse em sua fredda impulsiva. Percebia-se que a ave aparecera sobre aquelas moitas indistintas apenas um segundo antes, que chegara de repente sobre a forma adormecida, e quase tão repentinamente dera uma guinada para pousar sobre ela num paroxismo de desejo.

Ou será que o cisne andaria a procura dela? Tentei lembrar-me dos detalhes da lenda. O impulso daquela criatura grande poderia tê-la derrubado, derrubado-a de costas, talvez, quando ela se levantava de uma sesta ao ar livre. Para fazer o cisne macho, não era preciso mostrar sua genitália — aquela área sombreada embaixo da cauda era mais do que suficiente, como eram a cabeça e o bico poderosos enquanto ele dobrava o pescoço comprido na direção dela.

Eu queria tocar na mulher, encontrá-la dormindo ali, repelir energicamente a criatura. Quando recuei para ter uma visão global da tela, senti o medo de Leda, a forma como ela se levantou e caiu para trás, o pavor em suas mãos escavando a terra — em nada disso se via a voluptuosa vitimização presente nos quadros clássicos que cobriam as outras galerias deste museu, as Sabinas e Santas Catarinas implicitamente pornográficas. Pensei no poema de Yeats que eu lera várias vezes ao longo dos anos, mas a Leda dele também era uma vítima condescendente — com “coxas bambas” —, sem reagir muito; eu teria que tornar a encontrar o poema para ter certeza. A Leda de Gilbert Thomas era uma mulher real, e ela estava realmente com medo. Se eu a desejava, pensei, era porque ela era real, não porque já tivesse sido subjugada.

A placa do quadro era absolutamente sucinta: “*Leda [Léda vaincue par le Cygne]*, 1879, adquirido em 1967, Gilbert Thomas, 1840-1890.” Monsieur Thomas devia ser um homem altamente perspicaz, pensei, e um pintor extraordinário para ser capaz de conferir este tipo de emoção autêntica à representação de um único momento. As pinceladas rápidas das penas e a imprecisão do drapejamento de Leda registravam o advento do Impressionismo, embora aquele não fosse um quadro impressionista: o tema, para começar, era do tipo que os impressionistas desdenhavam — acadêmico, um mito clássico. O que fizera Robert Oliver sacar uma navalha com a ideia de cravá-la nesta cena? Estaria ele, tornei a me perguntar, sofrendo de um transtorno antissexual ou será que condenava a própria sexualidade? Ou este seu ato, que poderia ter danificado as figuras pintadas de modo irreparável se ele não

tivesse sido contido a tempo, seria uma estranha tentativa de defender a moça atirada para trás impotente embaixo do cisne? Seria uma galanteria de um tipo distorcido e delirante? Ele poderia simplesmente não ter gostado do erotismo da obra. Mas seria aquele um quadro erótico, exatamente?

Quanto mais eu permanecia diante do quadro, mais achava que seu tema era o poder e a violência. Olhando para Leda, eu não queria tocá-la ou desonrá-la ou então empurrá-la para longe do peito emplumado do cisne antes que ele tornasse a penetrá-la. Será que foi isso que Robert Oliver sentira, ao sacar a navalha do bolso? Ou será que ele simplesmente queria libertá-la da moldura? Fiquei parado algum tempo refletindo sobre isso, olhando para a mão de Leda escavando a relva, e depois passei à obra seguinte, também de Gilbert Thomas. Ali, talvez, estivesse uma resposta à pergunta que me intrigava cada vez mais, à minha curiosidade que transcendia qualquer pensamento sobre Robert Oliver e sua navalha: *Que tipo de pessoa fora Thomas?* Li o título — “*Autorretrato com Moedas*, 1884” — e acabava de notar o casaco e a barba pretos, a camisa macia e branca que davam a impressão de terem sido pintados com pinceladas firmes, quando senti que encostavam em meu cotovelo.

Virei-me, não de todo surpreso — eu já morava há mais de vinte anos em Washington, que é chamada de cidade pequena, com razão — mas vi que estava enganado. Não era ninguém que eu reconhecesse; alguém simplesmente esbarrara em mim por acaso. Na verdade, agora a sala estava um pouco mais cheia: havia um casal idoso mostrando um quadro um para o outro e falando baixo, um homem de terno com uma testa brilhosa e cabelos longos, alguns turistas falando o que provavelmente era italiano.

A pessoa mais perto de mim, que eu senti encostar em meu cotovelo, era uma jovem — bastante jovem, na verdade. Estava olhando para a *Leda* e se postara bem na frente do quadro, como se pretendesse ficar ali por alguns minutos. Era alta e magra, quase da minha altura, parada de braços cruzados no peito, usando calça jeans, camisa de algodão branca e botas marrons. Seu cabelo era

artificialmente ruivo escuro, e bastante comprido, caindo-lhe nas costas; seu perfil — face, três quartos — puro e macio, com sobancelha castanho-clara e cílios compridos, sem maquiagem. Quando ela abaixou a cabeça, vi que seu cabelo tinha raízes loiras; ela invertera o conduta habitual.

Pouco depois, enfiou as mãos nos bolsos traseiros da calça como um garoto e inclinou-se mais para perto do quadro, estudando algo. Vi pelo jeito que espichava o pescoço para a pincelada — será que posso estar inventando isso, ao lembrar o passado? — que ela também era pintora. Só um pintor examinaria a superfície daquele ângulo, pensei, ao vê-la virar-se e se inclinar para examinar a textura da tinta obliquamente, onde a iluminação incidia. Fiquei impressionado com sua concentração e permaneci ali, parado, observando-a com a maior descrição possível. Ela recuou, estudando novamente o todo.

Achei que se demorava um pouquinho demais diante da *Leda*, depois, mais um pouquinho, e, por alguma razão, aquilo não era uma questão de ofício. Ela aparentemente notou o meu olhar, mas não se importou muito. Então, de fato, afastou-se — sem reparar em mim, sem curiosidade. Não ligou para aquilo: uma moça alta e bonita acostumada a ser olhada. Talvez, pensei, não fosse pintora mas uma atriz, ou professora, calejada nos olhares alheios, até mesmo fruindo-os. Esperei para ver suas mãos, que agora pendiam ao lado do corpo enquanto ela se voltava para a natureza-morta de Manet na parede do fundo; parecia olhar com menos concentração para os luminosos copos de vinho, as ameixas e as uvas dele. Minha visão, embora ainda aguçada, não é exatamente o que já foi; não dava para eu ver se havia ou não tinta embaixo daquelas unhas. E não me interessei em me aproximar mais da moça para descobrir.

De repente, ela me surpreendeu, dando meia volta e sorrindo na minha direção, um sorriso desconcertado, neutro, mas ainda assim um sorriso, e um sorriso até meio cúmplice para um colega que olhava as coisas de perto e se demorava diante da cena. O rosto era franco, e parecia mais alerta pela ausência de maquiagem. Seus

lábios eram pálidos, os olhos tinham uma cor que eu não conseguia definir, a pele era clara mas também rosada perto do cabelo acaju; no pescoço, usava um colar de couro com nós e contas de cerâmica compridas parecendo que poderiam conter rolos de pergaminho com orações. A blusa branca de algodão revelava seios possivelmente fartos num corpo anguloso. A postura era ereta, mas não delicada, parecendo menos a de uma bailarina que a de alguém montado num cavalo, com uma graça que era, até certo ponto, cautela. Os velhos estavam se aproximando dela, e ela precisou se afastar: Thomas, Manet, homem de meia-idade estranho, até logo.

CAPÍTULO 7

MARLOW

Ela estava indo embora mesmo — a jovem do belo sorriso —, e me perguntei se eu lhe transmitira algo sem ter tido essa intenção; eu teria gostado de lhe perguntar sobre o meu palpite de que ela também era pintora. Havia um Renoir na sala seguinte, e ela passou batida por ele, sem ver — alheia — e foi embora. Isso me agradou: Eu também não gosto de Renoir, com exceção daquela tela da Coleção Phillips, *O Almoço dos Remadores*, onde as pessoas quase são ofuscadas por uvas e garrafas e copos iluminados pelo sol. Não a segui; reparar em duas jovens num mesmo dia me pareceu algo cansativo, frívolo, tão desprovido de prazer quanto de futuro e objetivo.

Isso tudo levava apenas um ou dois segundos, e voltei direto para o autorretrato de Thomas, diante do qual estava agora um homem de testa gordurosa. Quando ele saiu, adiantei-me para olhar mais de perto. Mais uma vez, um quadro que beirava o impressionismo, particularmente no tratamento despreocupado de alguns dos elementos de fundo — cortinas escuras —, embora bastante diferente da ousadia e da graça de *Leda*. Um pintor eclético, pensei — ou talvez Thomas tivesse mudado de estilo nos anos 1880, evoluído em outra direção. Este quadro devia alguma coisa a Rembrandt: a expressão taciturna e a paleta sombria, talvez também o autorretrato impiedoso do nariz vermelho e das bochechas gordas do retratado, a decadência de um homem anteriormente bem-apessoado que alcançava uma idade menos lisonjeira, até o gorro e o paletó de veludo escuro — paletó de *smoking* —; o quadro deveria se chamar: O pintor como velho mestre e aristocrata, tudo junto.

O título do autorretrato vinha do primeiro plano, onde Thomas pousara os cotovelos numa mesa de madeira nua com pilhas de moedas — moedas grandes e moedas gastas, de bronze, de ouro, de prata fosca — antiguidades de vários formatos e tamanhos tão bem-pintadas que a gente quase podia tomá-las uma a uma entre os dedos polegar e indicador. Eu enxergava até a maravilhosa inscrição antiga nelas, os caracteres de alfabetos estranhos, os furos quadrados, os relevos das bordas. Essas moedas eram muito mais bem-retratadas que a própria imagem de Thomas; ao lado das frutas e flores de Manet, o quadro era bastante canhestro. Talvez Thomas desse muita importância a dinheiro e nem tanta à própria fisionomia. De qualquer forma, ele andara esforçando-se para obter o estilo do século XVII, voltando o olhar duzentos anos, e eu estava vendo o resultado do século XIX, praticamente cento e vinte anos depois.

Havia uma única característica pessoal que Thomas não captara de todos aqueles retratos esfumados de Rembrandt, pensei: a sinceridade. Ele fora aparentemente rigoroso — ou vaidoso, ou iludido — a ponto de rodear os próprios olhos de uma timidez ardilosa. Essa astúcia devia ser calculada para deixar o observador desconfortável, especialmente com a presença das moedas em primeiro plano. Seja como for, este era um rosto interessante. Teria Thomas ganhado muito dinheiro com seus quadros, perguntei-me, ou teria meramente desejado ganhar? Teria tido outro tipo de negócio, ou recebido uma herança importante?

Claro que eu não sabia as respostas, então passei para a natureza-morta de Manet, provavelmente admirando, tal como a moça que eu vira minutos antes, o copo com um pouco de vinho branco, a luz nas ameixas azul-escuras, o canto de um espelho. Lembrava-me uma pequena tela de Pissarro de que eu também gostava; entrei na seção seguinte da galeria para vê-lo e, já que estava lá, admirar seus colegas impressionistas.

Havia anos que eu não examinava realmente a fundo um quadro impressionista; depois daquelas intermináveis retrospectivas, com suas sacolas, canecas e cadernos, deixei de gostar do

Impressionismo. Lembrei-me então de uma coisa que eu tinha lido: o pequeno grupo dos impressionistas originais — incluindo uma mulher, Berthe Morisot —, que se reuniu pela primeira vez em 1874 para exibir obras de um estilo que o Salon de Paris julgou experimental demais para serem aceitas. Nós, pós-modernistas, não damos valor a esses artistas, ou desdenhamos deles, ou os amamos com muita facilidade. Mas eles foram os radicais de sua época, demolindo tradições de técnica de pincel, usando como tema a vida cotidiana, e tirando a pintura de dentro do ateliê e levando-a para os jardins, campos e paisagens marinhas da França.

Agora eu apreciava com novos olhos a luz natural, o colorido suave de uma cena de Sisley: uma mulher de vestido longo sumindo no túnel nevado de uma estrada de aldeia. Havia algo de tocante e real, tocante porque era real, na desolação das árvores ao longo da rua, algumas tão altas que ultrapassavam um muro alto. Pensei no que um velho amigo me disse certa vez: que um quadro deve ter algum mistério para ser bom. Eu gostava dessa visão da mulher, suas costas esguias viradas para mim no crepúsculo, mais fascinante que os intermináveis montes de feno de Monet — eu estava passando por três desses que, em sequência, mostravam vários estágios do amanhecer em encostas cor-de-rosa e amarelas. Vesti o paletó e me preparei para sair. Acho que a gente deve sair de um museu antes que os quadros que viu comecem a se embaralhar. De que outra maneira podemos guardar a imagem de alguma coisa?

No saguão, a moça de cabelos pretos desaparecera. Miriam estava concentrada atendendo um homem de sua idade que parecia estar com dificuldade para ler os mapas do museu. Passei pelo balcão, preparado para sorrir caso ela olhasse para mim, mas ela não me viu, e precisei adiar o cumprimento. Na saída, senti aquele misto de alívio e decepção que se sente quando se sai de um grande museu — alívio por voltar ao mundo conhecido, menos intenso, mais suportável, e a frustração que sentimos com a falta de mistério desse mundo. Lá estava a rua comum, sem as pinceladas ou a profundidade do óleo sobre a tela. O tráfego rugia no caos

habitual de Washington, um motorista fechando o outro para tentar ultrapassá-lo, uma colisão iminente, buzinas contínuas ou alternadas. Mas as árvores estavam lindas, carregadas de flores ou folhas novas; sempre me impressiono com sua beleza depois do inverno banal, que parece ser o que de melhor os estados do centro da costa atlântica conseguem reunir.

Estava pensando numa mistura de cores que pudesse expressar aquelas folhas verdinhas e avermelhadas, umas encostadas nas outras, quando tornei a ver a moça — a jovem que estivera observando com atenção a *Leda* na minha frente. Ela estava parada num ponto de ônibus. Estava muito diferente agora, nem pensativa nem concentrada, mas provocadora, alta e empertigada, com uma sacola de lona no ombro. O cabelo dela brilhava ao sol; eu não havia notado o quanto havia de reflexos dourados em meio ao vermelho. Tinha os braços cruzados sobre a blusa branca, e a boca contraída. Mais uma vez eu via seu perfil, e o teria reconhecido em qualquer lugar. Sim, ela era autossuficiente, quase hostil, mas, por alguma razão, a palavra “desconsolada” me veio à mente. Talvez fosse apenas porque ela parecia sentir-se completamente só, até por vontade própria, e estava numa idade em que devia estar ali com um marido jovem e bonito. Senti uma pontada de angústia, como se tivesse visto um conhecido de longe e não tivesse tido tempo de parar para falar; tive a sensação de estar saindo sorrateiramente antes que ela pudesse me ver.

Desci rapidamente a escada e ela se virou justo na hora em que eu chegava lá embaixo. Viu-me, reconheceu-me mais ou menos (o sujeito indistinto de paletó azul, sem gravata). Por que eu lhe parecia familiar? Era isso o que ela estava se perguntando, sem me ligar à pessoa que encontrara dentro do museu? Então, ela sorriu, como sorrira no museu — um sorriso compreensivo, quase constrangido. Ela era minha por um momento, uma velha amiga enfim. Dei-lhe o que provavelmente foi um aceno ridículo com a mão. *Os estranhos são estranhos uns para os outros*, pensei. Bem, eu fora mais estranho que ela. Vi as rugas ao redor dos olhos dela

quando ria; afinal talvez tivesse mais de 30 anos. Tentei adotar uma postura empertigada, como a dela, enquanto me afastava.

CAPÍTULO 8

MARLOW

Na manhã seguinte, levantei-me mais cedo que de hábito, mas não para pintar; às sete eu já estava em Goldengrove para usar o computador do consultório e tomar um café, antes que a maior parte da equipe diurna chegasse. Em casa, a enciclopédia de arte me revelara pouco mais do que eu já sabia sobre Gilbert Thomas, embora meu dicionário de mitologia me tivesse fornecido a história de Leda: ela foi uma mortal violada por Zeus, que a visitou em forma de cisne. Ela havia dormido com o marido, Tíndaro, rei de Esparta, na mesma noite. Isso explica o fato de ela ter dado à luz dois pares de gêmeos de uma só vez, duas crianças imortais e duas mortais: Castor e Polidectes (Pólux, na versão Romana), e Clitemnestra e Helena, essa última mais tarde responsabilizada pelos problemas em Troia. Em algumas versões do mito, aprendi, os filhos de Leda nasciam de ovos, embora parecessem ter-se misturado mesmo durante a incubação, pois Helena e Polidectes, filhos de Zeus, eram divinos, enquanto Castor e Clitemnestra estavam condenados à mortalidade.

Eu também procurara quadros de Leda e o Cisne, já que estava pesquisando, e encontrei uma boa tradição, incluindo uma cópia de um Michelangelo altamente erótico, um Correggio, uma cópia de Leonardo em que o cisne parecia ser uma espécie de bicho de estimação, e um Cézanne que mostrava o cisne agarrando pelo pulso uma Leda aparentemente despreocupada como se implorasse para ser levado para um passeio. Gilbert Thomas não conseguira se juntar a essa augusta companhia, mas achei que deveria haver mais alguma coisa na internet.

Talvez eu devesse tornar a dizer aqui que não gosto de recorrer à internet, mesmo agora, e, na época, era ainda menos tolerante com a rede — o que faremos um dia, eu sempre me pergunto, sem os prazeres de folhear livros e topar com coisas que nunca tivemos intenção de encontrar? Isso acontece enquanto se pesquisa na internet, claro, mas de uma forma mais limitada, a meu ver. E como alguém consentiria em abrir mão daquele cheiro de livro aberto, antigo ou novo? Enquanto eu procurava nas minhas estantes o mito de Leda, por exemplo, aprendi sobre algumas outras figuras clássicas que não se relacionavam a esta lenda, mas sobre as quais ainda penso de vez em quando. Minha mulher diz que essa propensão a folhear um volume em vez de fazer minha pesquisa com eficiência é uma das coisas que mais me situam no tempo, no entanto já reparei que, às vezes, ela lida com livros da mesma maneira, folheando biografias e catálogos de museus sem objetivo nenhum, com um profundo prazer.

Seja como for, não afirmo ser especialista em pesquisas na internet, mas naquela manhã de fato aprendi um pouco mais sobre Gilbert Thomas no computador do meu consultório. Ele fora promissor, na melhor das hipóteses, nos primeiros anos de sua carreira, e só era conhecido realmente pela *Leda* que Robert desaprovava e pelo autorretrato que eu vira ao lado. Também tivera relações com muitos artistas franceses da época, incluindo Manet; ele e seu irmão Armand foram proprietários de uma das primeiras galerias comerciais de Paris, que em importância só perdia para a grande Paul Durand-Ruel. Uma figura interessante, Thomas; sua empresa acabou falindo e ele morreu endividado em 1890, após o que seu irmão vendeu a maior parte do acervo remanescente e se aposentou. Gilbert pintara a paisagem de *Leda* ao ar livre por volta de 1879, em seu refúgio próximo a Fécamp, na Normandia, terminando-o num ateliê em Paris. O quadro foi exibido no Salon de 1880, sendo aclamado; também atraía críticas pela natureza erótica. Este fora o primeiro quadro de Thomas aceito pelo Salon, embora não fosse o último; os outros se perderam ou não tiveram

destaque, e sua reputação repousava, sobretudo, em sua obra-prima, agora em exposição permanente na National Gallery.

Quando tive certeza que os residentes já haviam terminado o café da manhã, fui até o quarto de Robert no fim do corredor e bati à porta, que estava fechada. Robert nunca respondia, claro, e eu sempre tinha que ir abrindo devagarzinho, chamando para tentar não surpreendê-lo num momento que fosse íntimo. Era uma das coisas que eu achava mais inconvenientes — constrangedoras, até — no silêncio dele. Aquela manhã não foi exceção, e bati e chamei e fui abrindo a porta aos poucos antes de entrar.

Ele estava desenhando no balcão que servia de mesa, de costas para mim, o cavalete, naquele momento, vazio.

— Bom dia, Robert — Eu começara a chamá-lo pelo nome, embora de maneira educada, havia mais ou menos duas semanas, fingindo que ele me convidara a fazer isso. — Posso entrar um minutinho?

Deixei a porta entreaberta e entrei. Ele não se virou, embora sua mão tenha feito movimentos mais lentos no papel e eu tivesse visto que ele segurava o lápis com mais força; com ele, eu devia prestar atenção para detectar qualquer sinal que pudesse ser interpretado como discurso.

— MUITÍSSIMO obrigado por ter me emprestado as cartas. Trouxe de volta seus originais.

Pousei o envelope delicadamente na cadeira onde ele as deixara para mim, mas ele não se virou.

— Tenho só uma pergunta rápida — recomecei, de forma simpática — Como você faz suas pesquisas? Estou curioso... você usa a internet? Ou passa muito tempo em bibliotecas?

O lápis parou por uma fração de segundo, e aí ele continuou sombreando alguma coisa. Eu não me permiti chegar tão mais perto a ponto de conseguir ver o que ele desenhava. Seus ombros, naquela camisa velha, eram ameaçadores. Eu via uma calva

incipiente no alto de sua cabeça; era até comovente aquele ponto já gasto pela idade enquanto, no mais, ele parecia tão vigoroso.

— Robert — tentei de novo —, você pesquisa na internet para seus quadros?

Dessa vez, o lápis não se desviou. Por um momento, quis que ele se virasse e olhasse para mim. Imaginei que sua expressão estivesse sombria, seus olhos, desconfiados. No fim, dei graças por ele não ter me olhado; eu precisava falar para as suas costas, sem ser observado.

— Eu faço isso, também, de vez em quando, apesar de preferir os livros.

Robert não se mexeu, mas senti, mais do que vi, algo se mexer nele: Raiva? Curiosidade?

— Bem, então, acho que é só isso. — Fiz uma pausa. — Um bom dia para você. Avise-me se eu puder ajudá-lo em alguma coisa.

Decidi não lhe contar que eu estava mandando traduzir as cartas; se ele podia ficar calado, talvez eu devesse tentar fazer mais ou menos a mesma coisa.

Quando saí do quarto, olhei para a parede acima de sua cama. Ele colara um novo desenho, um pouco maior que os outros — a senhora de cabelos escuros, sombria, acusadora —, em um lugar de onde ela podia vigiá-lo mesmo enquanto ele dormia.

Na segunda-feira seguinte, havia um envelope de Zoe aguardando na caixa de correio. Antes de abri-lo, obriguei-me a jantar; lavei as mãos, fiz um chá e sentei-me na sala com uma boa iluminação. Era bem provável que as cartas tratassem meramente de assuntos domésticos, como a maioria das cartas antigas, mas Zoe prometera algumas passagens sobre pintura, e mantivera a saudação em francês, sabendo que eu gostaria disso.

6 de outubro de 1877

Cher Monsieur,

Obrigada por seu bilhete, que começo a responder. Ficamos muito felizes em vê-lo ontem à noite. Sua presença alegrou meu sogro, por exemplo, e tem sido difícil fazê-lo rir desde que veio morar conosco. Acho que ele sente falta de casa, embora, há vários anos, já faltasse nela a presença amorosa de sua mulher. Ele sempre comenta sobre como o senhor é bom irmão para ele. Yves lhe manda recomendações; ficou aliviado com sua volta para Paris. (A vida melhora muito com um tio por perto, diz!) Estou contente por tê-lo conhecido afinal. Perdoe-me por eu não escrever muito, mas preciso cuidar de muita coisa nesta manhã. Que faça uma boa viagem para o Loire e aproveite sua estada; estou certa de que se sairá bem com todo o seu trabalho. Tenho inveja das paisagens que certamente pintará. Lerei para meu sogro os ensaios que deixou para nós.

*Respeitosamente,
Béatrice de Clerval Vignot*

Quando terminei de ler, fiquei sentado tentando entender o que Robert vira nesta carta, o que o forçava a lê-la e relê-la — assim como as outras — em seu quarto solitário. E por que deixara que eu as visse, se eram tão preciosas para ele.

CAPÍTULO 9

MARLOW

Em geral não costumamos entrevistar os ex-cônjuges de nossos pacientes, mas, enquanto observava aquele rosto impressionante tomar forma nas telas de Robert Oliver de semana para semana sem conseguir obter qualquer explicação dele, senti uma espécie de derrota moral. Ademais, ele mesmo dissera que eu podia falar com Kate.

A ex-mulher de Robert ainda morava em Greenhill e eu falara com ela nos primeiros dias que ele estava conosco. No telefone, a voz dela era suave, cansada, e ficou mais cansada ainda ao saber da internação do ex-marido em Goldengrove. Ouvia-se crianças falando, alguém ria. Falamos o tempo suficiente para saber que ela estava a par do diagnóstico dele e que seu divórcio fora finalizado havia mais de um ano. Ele morara em Washington a maior parte daquele ano, disse ela, e depois acrescentou que aquele era um assunto difícil para ela discutir. Se seu marido — seu ex-marido — não corria nenhum perigo real e eu tinha a documentação de seu psiquiatra em Greenhill, será que eu poderia dispensá-la de falar mais?

Portanto, ao ligar para ela de novo, eu estava violando tanto minha política habitual quanto o pedido dela. Relutei, mas peguei seu telefone na ficha de Robert. Era certo fazer isso? Por outro lado, seria certo não fazer? Durante minha visita matinal daquele dia, Robert estava visivelmente mais deprimido, e quando lhe perguntei se pensava no quadro chamado *Leda*, ele apenas me encarou, como se estivesse extremamente cansado até mesmo para se ofender com minha pergunta absurda. Havia dias em que ele pintava ou desenhava — sempre o rosto vivo da senhora — em

outros, como naquele, ficava deitado na cama com as mandíbulas cerradas, ou sentado na poltrona que eu costumava usar quando ia visitá-lo, segurando aquelas cartas e olhando taciturno pela janela. Uma vez, quando entrei em seu quarto, ele abriu os olhos, sorriu para mim um instante e murmurou algo, como se estivesse enxergando alguém a quem amava, depois pulou da cama e ergueu rapidamente o punho em minha direção. Pensei que, no mínimo, sua mulher poderia me dizer como ele havia reagido à medicação anterior e qual havia sido a mais eficaz.

Às cinco e meia, disquei o número dela — Greenhill, nas montanhas ocidentais da Carolina do Norte; eu já ouvira falar de lá através de amigos que veraneavam naquele lugar. Quando a mesma voz calma atendeu, desta vez como se estivesse acabando de rir de algo com alguém, fiquei espantado. Julguei estar ouvindo do outro lado da linha o rosto encantador que Robert desenhava dia após dia. Sua voz estremeceu de alegria por um momento.

— Pronto, alô? — disse.

— Sra. Oliver, aqui é o dr. Marlow, do Centro Residencial Goldengrove, em Washington — identifiquei-me. — Falamos semanas atrás sobre Robert.

Quando ela tornou a falar, a alegria dera lugar à apreensão.

— O que é? Robert está bem?

— Não há nada diferente com que deva se preocupar, sra. Oliver. Ele está mais ou menos na mesma — agora eu ouvia também uma criança rindo e gritando no fundo, depois um estrondo como se algo tivesse caído no chão ali perto. — Mas esse é o problema. Ele parece ainda bastante deprimido e instável. Quero vê-lo em melhor forma antes de pensar em lhe dar alta. O mais difícil é que ele não fala comigo de jeito nenhum, nem com ninguém.

— Ah — disse ela, e ouvi por um instante uma ironia que poderia pertencer àqueles radiosos olhos escuros, àquela boca zangada que Robert estava sempre desenhando. — Bem, ele também não falava muito comigo, especialmente nos dois últimos anos em que estivemos juntos. Espere, desculpe — ela pareceu se afastar do

telefone um instante, e ouvi-a dizer: — Oscar? Crianças? Vão para a outra sala, por favor.

— Enquanto Robert ainda falava, no primeiro dia aqui, ele me autorizou a discutir o caso dele com a senhora — ela ficou calada, mas eu persisti. — Me ajudaria muito se conversássemos sobre a maneira que o estado dele se manifestou. Por exemplo, como ele reagiu às primeiras medicações que lhe foram ministradas, e algumas outras questões.

— Doutor... Marlow? — disse ela devagar, e para além daquela voz trêmula tornei a ouvir ruídos de criança, risadas, e umas batidas. — Estou muito ocupada, para dizer o mínimo. Já falei com a polícia e dois psiquiatras. Tenho dois filhos e não tenho marido. A mãe de Robert e eu estamos planejando pagar algumas das dívidas que ele tem com o governo, quando o seguro dele sair. Isso virá do patrimônio dele e do meu; mais do dele, mas vou ajudar um pouco, como o senhor deve saber. — Eu não sabia; ela parecia estar respirando fundo. — Se quiser que eu perca tempo falando com o senhor sobre o desastre da minha vida, basta vir até aqui. Mas agora estou tentando fazer o jantar. Sinto muito.

Aquela voz trêmula era a de uma mulher sem o hábito de mandar as pessoas para o inferno, uma mulher geralmente educada, porém, agora, encurralada pelas circunstâncias.

— Peço desculpas — disse eu. — Tenho certeza de que a sua situação é difícil. Mas realmente preciso ajudar seu marido, seu ex-marido, se eu puder. Como médico dele, sou responsável por sua segurança e seu bem-estar no momento. Ligo outro dia para saber se há alguma hora mais tranquila para a senhora falar.

— Se precisar — disse ela. Então acrescentou: — Até logo — e desligou delicadamente.

Naquela noite, fui para o meu apartamento e me deitei no sofá de minha sala verde e dourada. Fora um dia exaustivo, começando com Robert Oliver e sua habitual recusa de falar comigo. Seus olhos

estavam injetados, quase desesperados, e me perguntei se deveria colocá-lo sob vigilância noturna. Será que, um dia, eu vou entrar lá de manhã e ver que ele engoliu todas as tintas a óleo — que eu lhe dei de presente — ou deu um jeito de cortar os pulsos? Será que eu deveria devolvê-lo a John Garcia para uma internação num hospital mais seguro? Será que eu poderia ligar para John e dizer que este caso afinal não era indicado para mim? Eu estava perdendo muito tempo com ele, sem muita esperança de resultados. Havíamos tirado Robert de uma situação arriscadíssima, mas eu ainda me preocupava. Eu me perguntava se poderia contar a John, também, que o meu comportamento me deixava inquieto — a maneira como meu coração pulara ao ouvir a voz de Kate Oliver no telefone. Será que tinha ligado para ela com relutância ou estava louco para fazer isso?

Eu estava muito cansado para encher minha garrafa d'água e sair para correr, minha atividade rotineira a essa hora. Em vez disso, fiquei ali deitado de olhos entreabertos, olhando para o quadro que eu fizera para pendurar em cima da lareira. Não se deve pendurar quadros a óleo em cima de lareiras, claro, mas eu raramente acendia o fogo e aquele espaço clamava por algo quando me mudei para lá. Era assim que Robert Oliver — ou qualquer paciente deprimido até a exaustão — devia se sentir; apertei os olhos sem fechá-los totalmente e, sem ânimo, experimentei rolar a cabeça no braço do sofá.

Quando os abri, lá estava de novo o quadro. Como disse, gosto de pintar retratos, mas o óleo em cima da minha lareira é uma paisagem vista de uma janela. E, em geral, eu pinto paisagens a partir de panoramas reais, especialmente no norte da Virgínia, onde as colinas que azulam ao longe são tão tentadoras. Esta é diferente, uma fantasia inspirada em algumas telas de Vuillard mas também em lembranças da vista do quarto da minha infância em Connecticut: o parapeito e o caixilho da janela nas margens, as pesadas copas das árvores, os telhados das casas velhas, a ponta branca da torre muito alta da paróquia elevando-se acima das árvores, a cor de lavanda e o dourado do pôr do sol de primavera.

Eu colocara ali tudo de que me lembrava, com pinceladas toscas, tudo a não ser o garoto debruçado na janela absorvendo a paisagem toda.

Fiquei deitado no sofá, me perguntando, não pela primeira vez, se eu deveria ter mudado a ponta da torre da igreja mais para a direita; o lugar dela era exatamente no centro da visão que eu tinha daquela janela da infância, justo como eu a pintara, mas o quadro ficava muito equilibrado assim, perigosamente simétrico. Maldito Robert Oliver — maldita, sobretudo, sua autossabotagem em se recusar a falar. Por que uma pessoa optaria por se sacrificar ainda mais quando a química do seu próprio cérebro já a prejudicava o suficiente? Mas a questão sempre foi esta, o problema de como nossa química molda nossa vontade. Ele já tivera dois filhinhos e uma mulher de voz macia. Continuava a ser um homem de olhar apurado e dedos habilidosos, uma destreza com o pincel que me deixava impressionado. Por que ele não falava comigo?

Quando me senti faminto, levantei-me, vesti o pijama e abri uma lata de sopa de tomate, temperando-a com salsa e creme azedo, depois, cortei uma fatia grande de pão para acompanhar. Li o jornal e também parte de um romance de mistério, P. D. James, muito bom mesmo. Não entrei no meu ateliê.

Na tarde seguinte, liguei para a sra. Oliver de novo, antes de sair do trabalho. Dessa vez ela atendeu com uma voz séria.

— Sra. Oliver, aqui é o dr. Marlow, estou ligando de Washington. Desculpe-me por incomodá-la de novo.

Ela ficou calada, então continuei:

— Isso não é comum, eu sei, mas me parece que nós dois nos preocupamos com o estado do seu marido, e gostaria de saber se eu poderia aceitar a oferta que me fez.

Silêncio, ainda.

— Eu queria ir à Carolina do Norte para lhe falar sobre ele.

Ela suspirou; parecia surpresa e reflexiva.

— Prometo que não vai demorar — eu disse, rapidamente. — Só algumas horas do seu tempo. Eu me hospedaria na casa de uns velhos amigos e a perturbaria o mínimo possível. Nossa conversa seria absolutamente confidencial e seria usada somente no tratamento do seu marido.

Afinal ela tornou a falar.

— Não sei bem o que acha que vai ganhar com isso — disse, quase simpática. — Mas, se o estado de Robert lhe importa tanto, tudo bem para mim. Trabalho até as quatro todos os dias, depois, tenho de pegar as crianças na escola, portanto não sei quando podemos conversar.

Ela fez uma pausa.

— Acho que posso entender. Eu já lhe disse que nem sempre é fácil para mim falar sobre ele, então, por favor, não espere muito.

— Compreendo — disse eu. Meu coração palpitava; era uma sensação ridícula, mas eu sentia uma felicidade estranha por ela ter consentido.

— Vai contar a Robert que vem aqui? — perguntou ela, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. — Ele vai saber que estou falando dele?

— Em geral eu conto aos meus pacientes. Diria a ele mais tarde. Mas, se houver coisas que não queira que eu comente com ele, guardo segredo, claro. Podemos discutir isso com cuidado.

— Quando pretende vir? — sua voz estava meio fria agora, como se ela já tivesse se arrependido de ter concordado.

— Talvez no início da semana que vem. Poderia falar comigo na segunda ou terça?

— Vou tentar organizar alguma coisa — disse ela de novo. — Ligue para mim amanhã, e lhe informo.

Há quase dois anos eu não tirava uns dias de folga, sem contar os feriados — a última vez fora uma viagem pictórica à Irlanda, organizada por uma escola de arte local, e da qual voltei com telas

tão dominadas por um verde tão intenso que não acreditei muito nelas quando cheguei em casa. Dessa vez peguei minha coleção de mapas e pus no carro um estoque de garrafas de água e fitas de Mozart e a minha Sonata para Violino de Franck. Seriam umas nove horas de viagem, calculei. Minha equipe ficou um pouco surpresa ao saber em cima da hora das minhas férias. Provavelmente por isso mesmo — pobre dr. Marlow; é excesso de trabalho — não fizeram perguntas. Deixei ordens para que Robert Oliver fosse vigiado com mais frequência enquanto eu estivesse fora, e entrei em seu quarto na sexta-feira para me despedir. Ele andara desenhando — a mulher de cabelos cacheados de sempre, mas também uma novidade, uma espécie de banco de jardim com um encosto alto e decorado, rodeado de árvores. Seu traço era extraordinário, pensei, como sempre. O caderno e o lápis tinham ido parar na cama, e ele estava deitado com a cabeça inclinada para trás, olhando o teto, o cenho e a mandíbula contraídos, o cabelo em pé. Ele voltou os olhos avermelhados para mim quando entrei.

— Como está passando hoje, Robert? — Perguntei, sentando na cadeira. — Parece cansado.

Ele voltou a olhar para o teto.

— Vou tirar uns dias de férias — disse eu. Só volto na quinta ou talvez na sexta-feira. É uma viagem de carro. Se precisar de alguma coisa, pode pedir a alguém da equipe. O dr. Crown também vai me substituir. Já recomendei que lhe atendam imediatamente se precisar. Uma pergunta: vai continuar tomando a medicação nas horas certas?

Ele me lançou um olhar eloquente, quase reprovador. Por um momento, isso me envergonhou. Robert tomava os remédios; nunca demonstrara nenhum sinal de resistência quanto a isso.

— Bem, até a volta — disse eu. — Mal posso esperar para ver seu trabalho na volta.

Levantei-me e fiquei parado na porta, ergui a mão para dar adeus. Às vezes, não há nada mais difícil que falar com alguém que tem todo o poder do silêncio. Dessa vez, senti ainda um estranho

lampejo de poder, que abafei imediatamente: *Até logo. Vou conversar com sua mulher.*

Em casa, naquela noite, encontrei um pacote de traduções de Zoe na minha caixa de correio; aparentemente ela progredira. Meti as cartas na mala, para ler em Greenhill. Elas fariam parte das minhas férias.

CAPÍTULO 10

MARLOW

Eu adorava a Virgínia desde meus tempos na UVA, atravessei-a muitas vezes a caminho de outros lugares, ia até suas florestas azuis e verdes para descansar e pintar e até mesmo para fazer caminhadas. Gosto da longa extensão da I-66 que deixa para trás a aglomeração da cidade — embora, enquanto escrevo, Washington já tenha estendido seus tentáculos até Front Royal; as cidades-dormitórios brotam como colônias de fungos ao longo da interestadual e das rodovias adjacentes. Nesta viagem, com as estradas tomadas pela calma do meio da manhã, antes de passar por Manassas, eu não pensava mais no trabalho.

Algumas vezes, enquanto fazia este trajeto, sozinho e recentemente com minha mulher, eu pegava a rampa de saída naturalmente e parava no Parque Nacional do Campo de Batalha de Manassas. Numa fantasmagórica manhã de setembro muito antes de tê-la conhecido, paguei o ingresso no centro de visitantes e atravessei o campo rumo ao local onde ocorreu a pior luta; o campo coberto de névoa descia até uma velha casa de fazenda. Havia uma única árvore a meia distância que parecia implorar para que eu fosse até ela e ficasse de vigia sob a sua ramagem, ou a pintasse de onde eu me posicionara. Fiquei ali parado vendo o nevoeiro se dissipar e me perguntando por que as pessoas se matam. Eu não via viva alma. Este é o tipo de momento que me faz falta e, ao mesmo tempo, me dá calafrios quando penso nele, agora que sou casado.

Próximo a Roanoke, saí da estrada para tomar o café da manhã numa lanchonete. Na rodovia, eu entrevira a placa que a indicava,

mas quando cheguei diante de sua fachada deprimente, com quatro ou cinco picapes paradas ao redor, vi que já tinha estado ali, talvez numa excursão, numa viagem pictórica há muito tempo; eu simplesmente não tinha reconhecido o nome. A garçonete, cansada, e sem a intenção de se desculpar por isso, me serviu o café em silêncio e sorriu apenas quando trouxe os ovos e apontou para o molho picante na mesa. Dois homens bem armados conversavam num canto sobre empregos — empregos que eles não tinham ou não haviam conseguido arranjar — e duas mulheres que, apesar de muito produzidas, estavam malvestidas, pagavam a conta.

— Não sei o que ele quer — concluiu uma delas falando alto para a outra.

Por um momento de quase delírio, em meio ao café fumegante, ao cheiro de cigarro e à claridade encardida que entrava pela janela na altura do meu cotovelo, achei que ela se referia a mim. Lembrei-me da lentidão com que saí da cama para essa viagem com o dia ainda escuro, sentindo que infringia não só o meu horário mas também o meu código profissional, ao sentir desejo pela mulher das telas de Robert Oliver.

Eu nunca havia estado em Greenhill, no entanto foi bastante fácil encontrar a cidade depois que cheguei ao alto de uma longa serra — havia uma cidade aninhada no vale lá embaixo. A primavera ali estava de fato atrasada em relação à que estávamos tendo em Washington; as árvores ao longo das estradas tinham acabado de ganhar folhas, e ainda havia cornisos e azaleias florescendo nos jardins por que passei a caminho da cidade, além de rododendros com grossos brotos cônicos ainda por abrir. Percorri o perímetro do centro da cidade — uma colina cravejada de telhados de telhas vermelhas e miniarranha-céus góticos — e subi uma ladeira sinuosa que meus amigos me haviam descrito pelo telefone: Rick Mountain Road, residencial embora esconda suas casinhas atrás de um biombo de cicutas, pinheiros e rododendros, e de cornisos com uma

floração leve e meditativa. Quando abaixei o vidro, senti mais o cheiro de musgo na escuridão que do crepúsculo bem próximo.

A casa de Jan e Walter ficava bem perto a uma entrada de terra batida, marcada apenas por uma placa de madeira: HADLEY COTTAGE. Os Hadley estavam no Arizona, de modo adequado, cuidando de suas alergias; ainda bem que eu não teria que lhes explicar pessoalmente minha missão em Greenhill. Saltei do carro e estiquei as pernas, doloridas. Sem dúvida eu precisava correr, mas quando e como arranjar tempo para isso? Então, dei a volta e fui para os fundos da casa, porque o quintal insinuava uma boa vista, e cumpriu o prometido: havia um banco na beira de um talude, uma vista imensa — os prédios ao longe, uma cidade em miniatura. Sentei-me, respirando o ar frio, sentindo que a primavera vinha dos pinheiros e penetrava em mim. Por que, perguntei-me, os Hadley não moram o ano todo aqui?

Pensei nas minhas viagens infernais de casa para o trabalho, a demorada saída de Goldengrove enfrentando um tráfego difícil. Eu ouvia o vento nos galhos dos pinheiros, um barulho abafado ao longe que poderia ser a interestadual lá embaixo, um pássaro que parava de cantar de repente — quais pássaros eram, eu não sabia, embora um cardeal tivesse saído de entre as árvores no despenhadeiro logo embaixo do jardim dos Hadley. Em algum lugar naquela cidade lá embaixo — eu não sabia bem onde, mas eu procuraria no mapa à noite — havia uma mulher com dois filhos, uma mulher de voz macia e sobrecarregada de trabalho, arrasada. Ela morava numa casa que eu não conseguia imaginar ainda, numa solidão causada pelo menos em parte por Robert Oliver. Eu me perguntava se ela teria alguma coisa a me dizer. Seria uma viagem longa demais só para convencê-la a mudar de ideia quanto a falar com o psiquiatra do ex-marido.

A chave da casa estava no lugar combinado, embaixo de uma jardineira cheia de terra, mas a porta de entrada ofereceu resistência até que a empurrei com o quadril. No pórtico, peguei no chão uns anúncios de pizza, limpei os pés no capacho e deixei a porta aberta para que o cheiro de mofo do inverno que me recebeu

saísse. A sala era pequena e entulhada — tapetes de retalhos e mobília ultrapassada, fileiras de romances de capa mole e uma coleção de Dickens com encadernação dourada nas estantes embutidas, a tevê aparentemente trancada num armário em algum canto, o sofá coberto de almofadas bordadas parecendo ligeiramente úmidas. Abri algumas janelas e depois a porta também, então subi com minha mala.

Havia dois quartos pequenos, um nitidamente dos donos da casa. Peguei o segundo, que tinha duas camas de solteiro com colchas azul-marinho e aquarelas de cenas de montanha nas paredes, originais, nada más. Abri as cortinas de tecido xadrez — também meio úmidas, desconfortavelmente vivas sob as pontas dos meus dedos — e abri as janelas. A casa inteira era sombreada por pinheiros e outras árvores de folhas perenes, mas eu podia pelo menos arejá-la antes de dormir ali. Walter me dissera que acender o fogo talvez ajudasse, e encontrei lenha já arrumada na lareira lá embaixo. Guardei-a para a noite. Não havia nada na geladeira caquética a não ser uns vidros de azeitona e pacotes de fermento. Eu ainda não estava com fome; mais tarde iria ao centro comprar comida, o jornal e um mapa da região. No dia seguinte à tarde, eu teria tempo de explorar a cidade propriamente dita.

Mudei de roupa e fui correr ladeira acima, feliz de me exercitar depois da viagem de carro — feliz também de pensar em outra coisa que não fosse Robert Oliver e a mulher que eu encontraria no dia seguinte. Quando voltei, tomei uma ducha, dando graças ao descobrir que tinha água quente na casa dos Hadley, depois peguei meu cavalete e o montei no quintal. Havia casas semelhantes de ambos os lados, protegidas por mais pinheiros; estas também pareciam ainda abandonadas naquela época do ano. Eu não esperava umas férias exatamente, mas quando arregacei as mangas e abri a caixa de aquarela, por um momento gostoso, senti que me livrara do restante da minha vida. A luz da tarde era linda, e achei que iria superar aquelas aquarelas desbotadas do quarto de hóspedes, talvez deixar um presente para Jan e Walter, um

panorama primaveril, a cidade deles lá embaixo, um pequeno pagamento pelo aluguel.

Em minha cama de solteiro naquela noite, comecei a ler as cartas que Zoe me enviara:

14 de outubro de 1877

Cher Monsieur,

Seu bilhete de Blois chegou hoje de manhã e trouxe alegria, especialmente para seu irmão. Na verdade, eu mesma o li para Papa e descrevi-lhe o desenho da maneira mais completa que pude. Seu desenho é lindo, embora sobre isso eu me atreva a dizer muito pouco, senão o senhor vai notar a principiante que sou. Também li para ele seu artigo recente sobre a obra de M. Courbet. Ele diz que consegue visualizar com bastante clareza alguns dos quadros de Courbet, e que suas palavras os evocam melhor do que nunca para ele. Obrigada por sua gentileza e suas atenções para conosco. Yves envia saudações.

*Com os meus melhores votos,
Béatrice de Clerval Vignot*

CAPÍTULO 11

MARLOW

A casa da sra. Oliver, afinal de contas, não era nada do que eu tinha pensado; eu a imaginara alta, branca, tipicamente sulina e graciosa, e a verdade é que era uma grande casa térrea feita de cedro e tijolo com cercas de buxo e pinheiros imponentes na frente. Saltei do carro com toda a elegância possível, vestindo meu blazer de lã e trazendo a pasta comigo. Eu me vestira cuidadosamente naquele quarto de hóspedes meio sujo dos Hadley, fazendo questão de não pensar no motivo de estar fazendo isso. Havia de fato um pórtico, mas era pequeno, e alguém havia deixado um par de luvas de lona para jardinagem enlameadas no banco ao lado da porta e um monte de ferramentas de jardinagem pequeninas de plástico — brinquedos, presumi. A porta de entrada era de madeira, com uma vidraça grande e limpa. Pela vidraça, vi a sala deserta, móveis, flores. Toquei a campainha e permaneci ali parado.

Nada se mexeu lá dentro. Depois de alguns minutos, comecei a me sentir ridículo porque conseguia ver bastante do que havia dentro da casa, como se a estivesse espionando. Era uma sala simples e confortável dando para a frente, decorada com sofás de cores calmas, lâmpadas aqui e ali em cima de mesas que pareciam antigas, um tapete cor de oliva desbotado, um tapete persa menor que devia ser muito bom, vasos de narcisos, uma vitrine com o gabinete lustrado num tom escuro, e, acima de tudo, livros — estantes altas cheias deles, embora, de onde eu estava, não desse para eu ler os títulos. Esperei. Percebi os pássaros nas árvores em volta da casa, piando ou cantando, alçando voo com ímpeto — corvos, estorninhos, um gaio-azul. A manhã começara límpida e

primaveril, mas nuvens estavam chegando, deixando o pórtico frio, o dia cinzento.

Então, pela primeira vez, perdi as esperanças. A sra. Oliver mudara de ideia. Ela era uma pessoa comum e provavelmente eu estava errado. Eu fizera uma viagem de nove horas de carro, como um bobo, era bem feito para mim que ela tivesse decidido trancar a porta (obviamente, não experimentei a maçaneta) e ido para outro lugar qualquer em vez de falar comigo. Talvez, pensei, eu tivesse feito a mesma coisa no lugar dela. Toquei a campainha mais uma vez, hesitante, prometendo não tocar de novo depois disso.

Finalmente, virei as costas, a pasta batendo no joelho, e comecei a descer os degraus de ardósia, irritadíssimo. Eu tinha uma longa viagem pela frente, com muito tempo para pensar. E já começara a pensar, de modo que levei um segundo para registrar o ruído da porta atrás de mim. Parei, sentindo os cabelos da nuca se eriçarem — por que aquele barulho deveria me sobressaltar tanto quando eu passara cinco minutos esperando por ele? De qualquer maneira, me virei e a vi parada ali, a porta aberta para fora, ainda com a mão na maçaneta.

Era uma mulher bonita, uma mulher atenta, de aparência alerta, mas certamente não a musa inspiradora dos desenhos e dos quadros de Robert em Goldengrove. Em vez disso, ela me lembrou imediatamente praia: cabelos cor de areia, pele clara salpicada de sardas do tipo que somem com a idade, olhos azul-piscina que encontraram o meu olhar com desconfiança. Fiquei paralisado na escada um instante antes de tornar a subir. Quando cheguei mais perto, vi que ela era baixa, do tipo *mignon* e batia no meu ombro, portanto, no peito de Robert Oliver. Abriu um pouco mais a porta e saiu.

— É o dr. Marlow? — Perguntou.

— Sou — confirmei. — Sra. Oliver?

Calada, ela apertou a mão que eu lhe estendia. A dela era pequena como o resto de seu corpo, e esperei que desse um aperto mole e infantil, mas tinha os dedos muito fortes. Se era quase da altura de uma garotinha, era uma garotinha forte, até feroz.

— Entre, por favor — disse.

Tornou a entrar em casa e fui atrás dela para a sala que eu estivera examinando. Era como entrar num cenário, ou talvez assistir a uma peça em que a cortina já estivesse levantada enquanto o espectador sentava na plateia, de modo que, quando os atores entrassem em cena, ele já tivesse estudado o cenário. A casa estava profundamente silenciosa. Quando me aproximei, vi que os livros eram principalmente romances — dois séculos deles —, além de obras de poesia e de história.

A sra. Oliver, a alguns passos de mim, usava calça jeans com uma blusa justa azul-cinza de mangas compridas. Ela devia, pensei, saber muito bem a cor dos próprios olhos. Seu corpo era flexível — não atlético, mas gracioso, como se encontrasse seus contornos constantemente através do movimento. Havia certa determinação em seu andar; excluía qualquer gesto que pudesse parecer infeliz. Ela me indicou um sofá e sentou-se em outro, na frente do meu. A sala fazia um L a partir dali, e agora eu via enormes janelas do piso ao teto, dando para um gramado amplo, faias, um azevinho, cornisos floridos. Da entrada, a propriedade não parecera tão grande, mas se estendia por bem mais que dois terrenos, verdejante e arborizada. Robert Oliver já usufruía desta vista. Coloquei a pasta a meus pés e tentei me acalmar.

Olhando em frente, vi que a sra. Oliver já estava completamente concentrada, as mãos cruzadas no joelho. Ela usava tênis infantil de lona que um dia deveriam ter sido azul-marinho. Seu cabelo era farto, liso, cortado com uma elegância rústica na altura dos ombros, com tantos tons de juba de leão, trigo e ouro que eu teria dificuldade para pintá-los. Seu rosto também era lindo, com pouca maquiagem — batom suave, um risco finíssimo delineando os olhos. Ela não sorria; me examinava com gravidade, prestes a falar. Afinal disse:

— Sinto muito que tenha precisado esperar. Quase mudei de ideia.

Não deu nenhuma desculpa por suas dúvidas, e nem qualquer outra explicação.

— Não a censuro.

Por uma fração de segundo, eu pensara em declarações mais galantes, mas elas pareciam inúteis naquela situação.

— Sim. — Foi a simples anuência.

— Obrigado por aceitar me receber, sra. Oliver. Aliás, aqui está o meu cartão.

Entreguei-lhe o cartão, e depois achei que fora muito formal; ela baixou os olhos.

— Posso lhe oferecer um café, ou uma xícara de chá?

Pensei em recusar, mas finalmente resolvi que seria mais delicado, nesta agradável sala sulina, aceitar.

— Muito obrigado. Se já tiver café pronto, aceito com prazer uma xícara.

Ela se levantou e saiu da sala — de novo aquela graça compacta. A cozinha não era longe; eu podia ouvir o tilintar da louça e as gavetas sendo abertas, corri os olhos pela sala enquanto ela estava ausente. Não havia sinal de Robert Oliver ali, entre os abajures com suas bases de porcelana pintadas com flores, a menos que os livros fossem dele. Nada de trapos sujos de tinta a óleo, nada de pôsteres de novos paisagistas. A arte nas paredes consistia em um bordado esmaecido que seria relíquia de família e duas aquarelas antigas representando uma feira de rua na França ou na Itália. Naturalmente, não havia nenhum vívido retrato de uma senhora de cabelos cacheados e escuros, nenhum quadro de Robert Oliver ou de qualquer outro artista contemporâneo. Talvez a sala de estar nunca tenha sido domínio dele; a sala talvez fosse sempre ambiente da mulher. Ou talvez ela tivesse apagado de propósito tudo que lhe recordasse o marido.

A sra. Oliver voltou trazendo uma bandeja de madeira com duas xícaras de café. A porcelana tinha um delicado padrão de amora; havia duas colherinhas de prata, uma cremeira e um açucareiro de prata, tudo muito elegante ao lado da calça jeans e dos tênis desbotados. Reparei que ela usava colar e brincos de ouro cravejados de pedrinhas azuis — safiras ou turmalinas. Pousou a bandeja numa mesa perto de mim e me entregou o café, depois levou sua xícara para o seu sofá e sentou-se, equilibrando-a com

habilidade. O café estava bom, e caiu bem depois do frio que senti no pórtico. Ela me olhou em silêncio, e comecei a me perguntar se a mulher se mostraria tão lacônica quanto o marido.

— Sra. Oliver — disse eu com a maior espontaneidade possível — sei que isso deve ser difícil para a senhora e quero que entenda que não desejo forçar uma confiança de modo algum. Seu marido está demonstrando ser um paciente instigante, e, como eu disse ao telefone, estou preocupado com ele.

— Ex-marido — disse ela, e senti uma ponta de humor, um toque de escárnio dirigido contra mim, ou possivelmente contra ela mesma, como se tivesse dito em voz alta: “Posso ser firme com você também.” Eu ainda não vira seu sorriso. Não o via agora.

— Quero que saiba que Robert não corre nenhum perigo iminente. Ele não tentou fazer mal a ninguém, nem a si próprio, desde aquele dia no museu.

Ela balançou a cabeça.

— Ele realmente parece bastante calmo durante grande parte do tempo, mas também tem períodos de raiva e agitação. Agitação silenciosa, quero dizer. Tenho a intenção de deixá-lo internado até estar seguro de que ele esteja realmente fora de perigo e de que seja capaz de levar uma vida normal. Como eu disse ao telefone, meu principal problema em tentar ajudá-lo é que ele não fala.

Ela também estava calada.

— Com isso quero dizer que ele não diz absolutamente nada.

Lembrei a mim mesmo de que ele falara uma vez, para me dizer que eu poderia conversar com a mulher que agora estava na minha frente.

Ela ergueu as sobrancelhas sobre a xícara de café, tomou um gole. Aquelas sobrancelhas eram de um tom de areia mais escuro que o do seu cabelo, feitas como se pintadas por — tentei pensar em qual retratista elas me faziam lembrar, no número do pincel que eu teria usado. Sua testa era larga e delicada embaixo da onda lúzida de cabelo.

— Ele não falou nem uma vez com o senhor?

— No primeiro dia — admiti. — Reconheceu o que havia feito no museu e depois disse que eu podia falar com quem eu quisesse — decidi omitir, por ora, pelo menos, ele ter dito que eu poderia até falar com “Mary”. Torci para que a sra. Oliver acabasse por me contar a quem ele se referia, para que eu não precisasse perguntar. — Mas ele não fala desde então. Garanto que entende que falar é uma das únicas maneiras pelas quais ele pode desabafar sobre o que o está perturbando, e uma das únicas maneiras pelas quais podemos entender o que o faz piorar.

Eu a olhei firmemente, mas ela não me ajudou sequer com um aceno de cabeça.

Tentei compensar com razoável simpatia.

— Posso continuar administrando-lhe medicação, mas não podemos fazer muita coisa a menos que ele fale, porque não dá para eu avaliar exatamente como a medicação o ajuda. Encaminhei-o para a terapia individual e para a de grupo, mas ele também não falava nada, até que parou de ir. Se ele não quer falar, então preciso eu mesmo me dirigir a ele tendo alguma noção do que poderia estar incomodando-o.

— Para provocá-lo? — Disse ela sem rodeios. Tinha de novo as sobrancelhas erguidas.

— Não. Para fazê-lo desabafar, para que eu possa lhe mostrar que, até certo ponto, entendo a vida dele. Isso poderia ajudá-lo a falar.

Ela pareceu refletir muito por um momento; sentou-se mais empertigada, empinando os pequenos seios embaixo da blusa.

— Mas como vai explicar que sabe em detalhes coisas da vida dele que ele mesmo não lhe contou?

Era uma pergunta tão boa, tão direta e tão inteligente que pousei a xícara e fiquei olhando para ela. Eu não esperava ter de lhe dar uma resposta imediatamente; na verdade, eu mesmo andara remoendo aquilo. A sra. Oliver me pegou em cinco minutos de conversa.

— Vou ser honesto com a senhora — eu disse, embora soubesse que aquilo soava como discurso de um profissional. —

Ainda não sei como vou lhe explicar isso, caso ele pergunte. De qualquer modo, se ele perguntar, será sinal de que está falando. Mesmo que fique irritado.

Pela primeira vez, seus lábios se abriram revelando dentes alinhados, os da frente ligeiramente maiores, portanto, muito engraçadinhos. Então, ela tornou a contrair a boca.

— Humm — disse, quase num tom musical. — E vai envolver meu nome nisso?

— A senhora decide, sra. Oliver — respondi. — Podemos conversar sobre como lidar com esse problema, se quiser.

Ela pegou sua xícara de café.

— Sim — disse. — Pode ser. Deixe-me pensar no assunto e vamos combinar alguma coisa. Me chame de Kate, por favor. — Aquele pequeno movimento da boca era a aparência de uma mulher que já fora muito sorridente e que poderia aprender a sorrir de novo. — Para começar, eu tento não pensar em mim como sra. Oliver. Na verdade, já estou trocando o meu nome para o de solteira. Não faz muito tempo que resolvi fazer isso.

— Kate, então, obrigado — disse eu, desviando a vista antes que ela o fizesse. — Se não se incomodar, farei algumas anotações, só para meu uso pessoal.

Ela pareceu ponderar tudo isso. Então pôs de lado a xícara como se tivesse chegado a hora de tratar de negócios. Naquele momento, me dei conta de que a sala era limpíssima e arrumadíssima. Kate tinha dois filhos, que, segundo dissera, passavam o dia na escola. Os brinquedos deles deveriam estar em outro lugar da casa. Sua porcelana de amora era impecável e aparentemente ficava guardada num lugar não muito à mão. Esta era uma mulher que administrava a situação de maneira prodigiosa, e eu nem sequer notara isso até agora, talvez porque ela fazia tudo parecer natural. Tornou a cruzar as mãos sobre o joelho.

— Está bem. Por favor, não conte a ele que conversei com o senhor, pelo menos por enquanto. Preciso pensar no assunto. Mas vou ser o mais franca possível. Já que vou falar, quero que o registro seja completo.

Era a minha vez de ficar surpreso, e tive a impressão de que, sem querer, demonstrei estar.

— Acho que estará ajudando Robert, não importa o que sinta em relação a ele a esta altura.

Ela baixou os olhos, e seu rosto ficou envelhecido, mais apagado sem aquele azul. Pensei no nome de uma cor dos lápis Crayola que eu tinha em criança: “Pervinca.” Ela tornou a erguer os olhos.

— Não sei por que, mas também acho. Sabe, não pude ajudar muito Robert no fim. Aliás, eu nem queria muito, naquela altura. Essa é a única coisa que lamento de verdade. Acho que é por isso que paguei algumas contas da internação. Quanto tempo vai ficar aqui?

— Você quer dizer hoje de manhã?

— Digo de um modo geral. Bem, reservei duas manhãs. Temos até o meio-dia hoje, e amanhã de novo — ela falava com tanta calma como se estivéssemos discutindo a hora de fechar a conta num hotel. — Se necessário, posso tirar uma terceira manhã de folga, embora seja difícil. Vou precisar dobrar o expediente. Às vezes trabalho à noite para estar mais livre para as crianças depois da escola.

— Não quero tomar mais o seu tempo, já que está sendo tão generosa — disse eu. Terminei o café com dois goles, deixei-o de lado e peguei meu bloco de notas. — Vamos ver até onde conseguimos chegar nesta manhã.

Pela primeira vez, vi que sua fisionomia não era meramente fechada, era triste também, com aquelas cores de oceano e de praia. Meu coração ficou apertado — ou a minha consciência? Seria a minha consciência? Ela me olhou nos olhos.

— Acho que quer saber sobre a mulher — disse. — A mulher de cabelos escuros, certo?

Isso me desconcertou; eu planejava entrar com cuidado na história de Robert, ir perguntando aos pouquinhos sobre seus primeiros sintomas. Vi pela expressão dela que ela não apreciaria evasivas da minha parte.

— Sim.

Ela registrou com um movimento de cabeça.

— Ele anda pintando essa mulher?

— Anda, sim. Quase todo dia. Notei que ela foi o tema de uma de suas exposições também, e achei que você saberia alguma coisa sobre ela.

— Eu sei. Tanto quanto quero saber. Mas nunca achei que algum dia estaria falando sobre isso com um estranho. — Ela se inclinou à frente, e vi seu corpo miúdo se elevar e depois descer — Está acostumado a ouvir coisas muito íntimas?

— Claro — disse eu. Se minha consciência fosse uma pessoa naquele momento, eu poderia tê-la estrangulado.

17 de outubro de 1877

Mon cher oncle,

Espero que não se importe que eu o chame assim, como um parente de verdade, o que sou em espírito, pelo menos. Papa pede que eu lhe agradeça o embrulho que mandou em resposta ao meu bilhete. Leremos o livro em voz alta, com a ajuda de Yves esta noite em casa — ele também está muito curioso. Esses mestres italianos menores o interessam há muito tempo, diz ele. Vou passar três noites em casa de minha irmã, onde ficarei para me deleitar com seus filhos encantadores. Não me importo de lhe dizer que eles são meus modelos preferidos, em minhas investigações. E como minha irmã é minha amiga mais admirada, entendo muito bem a dedicação do seu irmão ao senhor. Papa diz que, por causa da sua modéstia, ninguém sabe que o senhor é o homem mais corajoso e honesto da Terra. Quantos irmãos falam com tanto carinho um do outro? Yves promete que as noites serão todas para ler para Papa enquanto eu estiver fora, e eu continuarei a partir do ponto em que ele parar.

*Com meus mais efusivos agradecimentos por sua gentileza,
Béatrice Vignot*

CAPÍTULO 12

KATE

Vi pela primeira vez aquela mulher num posto de serviços numa rodovia em algum lugar em Maryland. Mas antes disso eu deveria lhe contar também sobre a primeira vez que vi Robert. Foi na cidade de Nova York, em 1984, quando eu tinha 24 anos, que o conheci. Eu trabalhava lá havia dois meses, era verão, e eu estava com saudades de Michigan. Eu esperara que Nova York fosse apaixonante, e era, mas era também cansativa. Eu morava no Brooklyn, não em Manhattan. Tomava três trens para ir trabalhar em vez de atravessar Greenwich Village a pé. No fim do expediente, depois de horas exercendo a função de assistente editorial de uma revista médica, eu estava cansada demais para caminhar até qualquer lugar e preocupada demais com as despesas para assistir a um filme estrangeiro interessante. Eu também não estava conhecendo muita gente.

No dia em que conheci Robert, eu tinha ido depois do trabalho à Lord & Taylor, apesar de saber que era uma loja muito cara para comprar um presente de aniversário para minha mãe. Quando entrei, vindo do calor do verão da rua, o ar condicionado perfumado me atingiu em cheio. Ao cruzar o olhar de desprezo dos manequins com aqueles maiôs de banho e suas novas calcinhas cavadas, desejei ter ido mais bem-vestida para o trabalho naquela manhã. Eu queria comprar um chapéu para minha mãe, uma coisa que ela jamais compraria para ela, uma coisa bonita que ela poderia ter usado quando conheceu meu pai no Philadelphia Cricket Club. Ela poderia nunca usar o presente em Ann Arbor, mas ele lhe lembraria a sua juventude, com luvas brancas e a sensação de segurança, além de lembrá-la também do amor de uma filha. Achei que a seção

de chapéus era no primeiro andar, perto dos lenços de seda assinados por estilistas famosos que eu mal conhecia, perto das pernas de manequins sem corpo viradas para cima com suas meias compridas e macias. Mas esta parte estava em obras, e uma senhora que usava um avental para fazer maquiagem me sugeriu que eu subisse para o mostruário temporário de chapéus.

Eu não queria me aventurar mais dentro da loja — começava a sentir as pernas, nuas e arranhadas, feias porque eu não fora trabalhar de meias naquela manhã. Mas como era por minha mãe, subi a escada rolante — respirando sempre profundamente até chegar sã e salva lá em cima — e, ao encontrar a seção, dei graças por estar sozinha parada no meio dos cabideiros com chapéus, que mais pareciam árvores floridas em tons pastel ou vivos. Havia chapéus transparentes com flores de seda espetadas numa fita de gorgorão, chapéus de palha azul-marinho e pretos, e um deles era azul com cerejas e folhagens. Eram todos um pouco chamativos, especialmente se vistos em conjunto, e eu já começava a achar que aquela não fora uma boa ideia para um presente de aniversário, quando deparei com um lindo, que se encontrava deslocado ali e era perfeito para minha mãe. Tinha abas largas, era coberto com uma espiral de organdi creme, e, preso no organdi, havia um buquê de diferentes tipos de flores azuis, que pareciam de verdade — esporinhas, flores de chicória, miosótis. Dava a impressão de ser um chapéu enfeitado com um pedaço de campo.

Tirei-o do cabide e fiquei parada segurando-o com ambas as mãos. Então virei a etiqueta de preço com muito cuidado. O chapéu custava cinquenta e nove dólares e noventa e nove centavos, o que era mais do que eu costumava gastar por semana com comida. Se economizasse três vezes esta quantia, poderia tomar o ônibus para Ann Arbor e ir ver minha mãe. Mas, quando abrisse o presente, ela poderia sorrir, poderia segurá-lo com muito cuidado e experimentá-lo no espelho do hall, sem parar de sorrir. Segurei o chapéu pelas delicadas bordas, sorrindo com ela. Senti um enjoo e meus olhos começaram a lacrimejar, o que iria estragar o pouco de maquiagem que eu fizera para trabalhar. Torci para que nenhuma vendedora se

aproximasse dos cabideiros com os chapéus e me abordasse. Temia que uma palavra de quem quer que fosse me fizesse comprá-lo.

Depois de alguns minutos, tornei a pôr o chapéu no lugar e me encaminhei para a escada rolante, mas fui para o lado errado, que subia, e tive de recuar enquanto as pessoas saíam no patamar. Fui andando às cegas até o outro lado, que descia, e me dirigi para o primeiro andar, apoiando-me com as duas mãos. O corrimão ondulava sob minhas mãos e quase já lá embaixo, me senti enjoadíssima. Pensei que não conseguiria sair no último degrau, que tropeçaria. Dobrei-me mais para ver se meu estômago desembrulhava, e aí tropecei mesmo. Um homem que passava se virou e me apoiou; vomitei nos sapatos dele.

Assim, a primeira coisa que conheci de Robert foram os sapatos. Eram de couro marrom claro, pesados e meio desengonçados, diferentes dos das outras pessoas, algo que um inglês usaria numa fazenda ou para atravessar as charnecas a caminho do *pub*. Depois soube que eram de fato ingleses, feitos à mão, muito caros, e duravam uns seis anos. Ele comprava dois pares de cada vez, trocando-os aleatoriamente, e os sapatos tinham um aspecto macio e confortável sem que ficassem batidos. Fora isso, Robert não ligava para roupa, apesar de ter um jeito interessante de combinar as cores, e tendia a se vestir com o que comprava em brechós, bazares ou ganhava de amigos, e que depois fazia circular entre esses mesmos fornecedores. “Este moletom? É do Jack”, ele dizia. “Ele deixou no bar ontem à noite. Ele não liga.” E o moletom seria dele até se desintegrar e virar um trapo para limpar nossa casa em Greenhill, ou para limpar pincéis — afinal, já estávamos casados há tempo suficiente para que as roupas virassem trapos. Nada disso tinha importância para Robert, porque, enquanto isso, Jack estava com as luvas ou a echarpe que ele, Robert, deixara no sofá do amigo quando discutiram sobre tipos de pastel até duas da manhã. Quase todas as roupas de Robert eram tão manchadas de tinta que

provavelmente só interessariam a outro artista. Ele nunca foi cuidadoso com o que vestia, como alguns artistas são.

Os sapatos, no entanto, eram sua menina dos olhos. Ele economizava dinheiro para os sapatos, poupava-os, tratava-os com óleo de vison, apesar de não comer frango, e tomava cuidado para não deixar cair tinta neles, colocava-os alinhados no pé da nossa cama ao lado da pilha de roupas recentemente usadas. O outro único artigo caro que geralmente mantinha em sua vida — além das tintas a óleo — era sua loção pós barba. Mas vim a saber depois que, por uma estranha coincidência, ele entrara na Lord & Taylor também para comprar um presente para a mãe. Quando vomitei nos seus sapatos, ele automaticamente fez cara feia, uma espécie de: “Ai meu Deus, você tinha que fazer isso?”. Na época, achei que ele simplesmente ficara com nojo porque eu vomitara a seus pés, e não porque eu atingira aquele alvo.

Ele tirou uma coisa branca do bolso e começou a limpar a ponta dos sapatos, e presumi que não estivesse fazendo caso das minhas desculpas. No segundo seguinte, porém, agarrou-me pelos ombros. Era muito alto. “Depressa”, disse, e sua voz também era rápida, grave e tranquilizadora aos meus ouvidos. Ele me fez atravessar com velocidade os corredores mais retos, passando por uma onda de perfume que me fez de novo segurar o estômago, por manequins que empunhavam raquetes de tênis, as golas jovialmente viradas para cima. Esquivei-me, tentei escapar. Aquelas novidades todas que eu via, aquelas coisas todas para comprar, tudo aquilo que estava acima das minhas posses e que minha mãe não usaria me davam um engulho atrás do outro. Mas o estranho que me amparava era forte. Usava uma camisa de brim de mangas curtas e jeans cinzentos manchados, e quando tentei virar a cabeça abaixada, entrevi uma pessoa rude, de cabelos crespos e barba por fazer. Ele tinha uma espécie de cheiro de linhaça que reconheci vagamente mesmo estando nauseada, e que eu poderia ter achado agradável em outras circunstâncias. Perguntei-me se ele estava usando minha indisposição para me raptar, roubar minha carteira, ou pior — aquela era a Nova York dos anos 1980, afinal de contas,

e eu ainda não tinha tido minha história de assalto imprescindível para contar em Michigan.

Mas eu estava enjoada demais para lhe perguntar suas intenções, e, passado um minuto, saíamos ao ar livre, na medida em que se pode estar ao ar livre numa calçada apinhada de gente, e ele parecia tentar me equilibrar.

— Você está bem — disse. — Vai ficar bem.

Assim que ele disse isso, tornei a vomitar, dessa vez mirando bem longe dos seus sapatos e num dos cantos da porta de entrada, longe também dos sapatos dos passantes. Comecei a chorar. Ele me soltou enquanto eu vomitava, mas continuou esfregando as minhas costas com uma mão, que parecia ser grande. Eu estava um pouco assustada com isso, como se um estranho tivesse tentado dar em cima de mim num vagão do metrô, e eu estivesse muito fraca para resistir. Quando acabei, ele tirou do bolso um guardanapo de papel limpo e me deu.

— Tudo bem, tudo bem — murmurou. Finalmente, endireitei-me e me encostei no prédio. — Vai desmaiar? —, ele perguntou. Eu agora via seu rosto. Tinha uma expressão solidária e, além disso, franca e alerta. Seus olhos eram grandes e castanho-esverdeados. — Está grávida? — perguntou.

— Grávida? — Arfei. Eu estava apoiada na parede do lado de fora da Lord & Taylor. Sentia-me incrivelmente firme e forte, uma fortaleza. — O quê?

— Só estou perguntando porque minha prima está grávida e também vomitou dentro de uma loja justamente na semana passada. — Ele enfiara as mãos nos bolsos de trás como se estivéssemos conversando num estacionamento depois de uma festa.

— O quê? — Disse eu, estupidamente. — Não, claro que não estou grávida. — Depois comecei a sentir meu rosto corar de vergonha, porque achei que ele poderia pensar que eu estava revelando algo sobre minha vida sexual, que, na verdade, àquela altura era nula. Eu tivera exatamente três relacionamentos na faculdade, e um curto durante a melancolia pós-faculdade de Ann

Arbor, mas até agora Nova York fora um fiasco total nessa área; eu era muito ocupada, muito cansada, muito tímida para estar de olho em rapazes com quem eu pudesse sair. Falei depressa: — Eu só me senti esquisita de repente. — Lembrar daquela primeira golfada imensa nos sapatos dele (eu não conseguia olhar para eles) me deu outra sensação de fraqueza, então apoiei as duas mãos e a cabeça na parede.

— Uau! Você está mal mesmo — disse ele. — Quer que eu lhe arranje um pouco de água? Quer que eu a ajude a se sentar em algum lugar?

— Não, não — menti, aproximando a mão da boca para o caso de precisar tapá-la de novo. Não que tapá-la fosse ajudar. — Preciso ir para casa. Preciso ir já para casa.

— É, seria melhor você se deitar com uma bacia do lado — observou ele. — Onde você mora?

— Eu não digo a estranhos onde moro — respondi num fio de voz.

— Ah, o que é isso! — Ele começara a sorrir. Tinha belos dentes, um nariz feio, um olhar muito afetuoso. Parecia apenas alguns anos mais velho que eu. Seu cabelo escuro e crespo era arrepiado, como galhos retorcidos. — Será que tenho cara de alguém que vai mordê-la? Qual é a sua linha de metrô?

Pessoas nos empurravam para entrar na loja, para andar na calçada, a caminho de casa, no fim do expediente.

— Ali... bem ali... Brooklyn. — disse eu com um fio de voz. — Se talvez você puder me acompanhar nesta direção, eu estou bem. Ficarei bem num minuto. — Dei um passo trôpego e tapei a boca. Depois me perguntei por que eu não quisera um táxi. Minha parcimônia era um hábito muito forte, acho eu, mesmo naquela situação.

— Ah, vai droga nenhuma — disse ele. — Tente não vomitar nos meus sapatos de novo que eu levo você até sua estação. Depois me diga se tem alguém que gostaria que eu chamasse.

Ele me envolveu com o braço, me amparando, e fomos andando desajeitadamente juntos rumo à entrada do metrô no fim do

quartirão.

Quando chegamos lá, segurei no corrimão e tentei estender a mão, atrapalhando todo mundo na escada.

— Tudo bem, obrigada. Vou pegar o meu trem.

— Venha. — Como ele foi na minha frente, protegendo-me daquela guerra, eu só conseguia ver as costas da sua camisa de brim. — Vamos descer.

Eu ia me segurando no ombro do estranho e no corrimão.

— Quer que eu ligue para alguém? Seus familiares? Colegas de quarto?

Fiz que não com a cabeça. Repeti esse gesto duas ou três vezes, mas não conseguia falar. Estava prestes a tornar a vomitar, e se isso acontecesse minha humilhação seria completa.

— Tudo bem, agora. — Ele sorria de novo, exasperado, simpático. — Entre neste trem.

E entramos juntos, naquela massa horrorosa de gente. Tivemos de ir em pé, e ele me apoiou por trás com uma das mãos, sem colar em mim, para meu alívio, mas com firmeza, enquanto segurava a alça do teto com a outra. Inclina-se por nós dois quando o trem fazia curvas. Na primeira parada, alguém saltou e eu afundei num assento. Achei que se vomitasse de novo naquele espaço fechado, onde minha excreção atingiria pelo menos cinco pessoas, eu decidiria parar de viver. Eu voltaria para Michigan, porque não era feita para a cidade; era mais fraca que as demais sete milhões de pessoas que viviam ali. Eu vomitei em público. Meu maior prazer em ir embora ou morrer seria nunca mais tornar a ver aquele jovem altíssimo com aquela camisa de brim e aqueles sapatos manchados.

CAPÍTULO 13

KATE

Na minha estação, eu mal sabia onde estava, mas o estranho galante me tirou do trem e me levou à superfície antes que eu vomitasse de novo — dessa vez num bueiro no meio fio. Percebi debilmente que minha mira ficava cada vez melhor, minhas escolhas, mais adequadas.

— Por aqui? — Perguntou ele quando terminei, e apontei para o meu prédio, que felizmente estava perto.

Acho que teria indicado onde era meu prédio mesmo que realmente achasse que ele fosse me degolar quando chegássemos lá, e foi a mesma coisa na hora de abrir a porta com minha chave, que ele me tirou da mão trêmula, e também com o elevador.

— Agora estou bem — murmurei.

— Que andar? Que número? — Perguntou ele, e quando chegamos ao comprido corredor acarpetado e malcheiroso, ele encontrou minha outra chave no chaveiro e abriu a porta do meu apartamento. — Alô! — Gritou. — Ninguém por aqui, acho eu.

Eu não disse nada. Não tinha forças nem disposição para lhe contar que morava sozinha. Ele deve ter notado imediatamente de qualquer forma, porque meu apartamento era um conjugado, com uma quitinete parcialmente escondida por armários. Minha cama funcionava também como sofá, umas patéticas almofadas antigas de quando eu era criança amontoadas em cima da colcha, e em cima da cômoda eu guardava pratos que não cabiam na cozinha. Havia um tapete persa puído, da casa da minha tia em Ohio, e minha mesa era coberta de faturas e desenhos, com uma xícara de café em cima como peso de papel. Olhei para tudo isso como se nunca tivesse visto meu quarto, e fiquei impressionada com aquele

desmazelo. Ter minha própria casa era muito importante para mim. Para conseguir uma, eu me conformara com um prédio e um senhorio sórdidos. Os canos em cima da pia eram aparentes, com a tinta descascada — choravam lágrimas constantes de água fria que eu tinha de absorver com uma toalha dobrada que ficava por trás.

O estranho me ajudou a entrar e me colocou sentada na beira do sofá-cama.

— Gostaria de um pouco de água?

— Não, obrigada — gemi, observando-o cuidadosamente.

Era surreal ter alguém que encontrei nas ruas de Nova York atravessando o meu umbral. A única pessoa que chegara tão longe fora o meu senhorio, que passara lá dois minutos para ver por que o forno não acendia e para me mostrar como sacudir a porta do eletrodoméstico com o pé. Eu nem sabia o nome desse homem, e ele estava parado no meio da minha sala olhando em volta como se procurasse algo que me impedisse de vomitar de novo. Tentei não respirar muito fundo.

— Será que daria para me trazer uma bacia da cozinha, por favor?

Ele me trouxe uma junto com uma toalha de papel úmida para limpar meu rosto, e eu me recostei um pouco no sofá. Ele estava com as mãos nas cadeiras, e vi seus olhos brilhantes percorrerem minha galeria: uma fotografia em preto e branco dos meus pais conversando na nossa varanda, que eu tirara quando estava no ensino médio; vários dos meus desenhos recentes de caixas de leite; e um pôster de um mural de Diego Rivera — três homens movendo um bloco de pedra, seus corpos avermelhados curvados pelo esforço. Ele estudou o pôster por um momento. Bateu-me uma ligeira insegurança. Estaria ele ignorando meus desenhos? Algumas pessoas teriam dito: “ah, você fez esses desenhos?”, mas ele ficou olhando os operários mexicanos de Diego Rivera, com suas caras contraídas e seus corpanzís astecas. Então se virou para mim novamente.

— Bem, está pronta?

— Estou — quase murmurei, mas algo no jeito dele de ficar em pé no meio da minha sala, aquele estranho com suas calças largas e cabelo castanho ondulado, tornou a me nausear, ou talvez não fosse ele, então voei da cama para o banheiro. Dessa vez, vomitei na privada, com o assento cuidadosamente levantado. Isso me deu uma sensação de segurança e de estar em casa. Eu finalmente estava vomitando no lugar certo.

Ele foi para a porta do banheiro, ou para perto dela, e eu ouvia seus movimentos embora não pudesse olhar para ele.

— Quer que eu chame uma ambulância? Quer dizer, acha que isso é sério mesmo? Talvez você esteja com uma intoxicação alimentar. Ou a gente podia pegar um táxi e simplesmente ir para um hospital.

— Não tenho seguro — disse eu.

— Nem eu. — Ouvi que ele mexia os pesados sapatos do lado de fora do banheiro.

— Minha mãe não sabe disso. — Acrescentei, querendo por alguma razão lhe contar pelo menos uma coisa sobre mim.

Ele riu, a primeira vez que ouvi Robert rir.

— Acha que a minha sabe?

Olhando de esguelha, vi que estava rindo: como ele deixava os dentes completamente à mostra, as comissuras de seus lábios formavam um ângulo reto, arreganhadas. Seu rosto era deslumbrante.

— Ela não ficaria aborrecida? — Encontrei uma toalhinha e limpei a cara, depois enxaguei apressadamente a boca com um colutório.

— Provavelmente — quase deu para ouvir seu movimento de ombros. Quando saí do banheiro, ele me ajudou a voltar para a cama sem uma palavra, como se tivéssemos esse relacionamento baseado na invalidez há anos.

— Quer que eu fique aqui mais um pouco?

Presumi que ele tivesse outros lugares para estar.

— Ah, não. Estou realmente bem agora. Estou bem. Acho que essa foi a última rodada.

— Eu não contei — disse-me ele —, mas você não pode ter muito mais para vomitar.

— Espero que eu não tenha lhe passado alguma doença contagiosa.

— Eu nunca fico enjoado — ele disse, e acreditei nele. — Bem, já vou indo, se você está bem, mas aqui estão meu nome e meu telefone. Ele anotou esses dados na borda de um papel na minha mesa sem perguntar se eu precisava daquele papel para outra coisa, e eu lhe disse o meu nome, sem jeito. — Me ligue amanhã para dizer como está. Então vou saber que está bem mesmo.

Assenti, quase chorando. Eu estava muito, muito longe do meu lar, e o meu lar era uma mulher que levava sozinha o lixo para fora, uma passagem de ônibus de cento e oitenta dólares distante dali.

— Então está bem — disse ele. — Até logo. Não deixe de beber líquidos.

Fiz que sim com a cabeça; ele sorriu e foi embora.

Eu estava impressionada com a segurança daquele estranho — ele veio me ajudar, depois foi embora sem protestar. Levantei-me e me encostei na mesa para estudar seu número de telefone. A letra era como ele, um pouco tosca, porém segura e firme.

Como na manhã seguinte eu me sentia quase bem, liguei para ele. Estava ligando, eu disse a mim mesma, só para agradecer.

22 de outubro de 1877

Mon Cher oncle,

Não rivalizo com o senhor em assiduidade na correspondência, mas apresso-me em lhe agradecer o atencioso bilhete, que chegou hoje de manhã e que compartilhei com Papa. Ele lhe manda dizer que um irmão deve fazer visitas um tanto mais frequentes para ser contado como membro da família na mesa de jantar. Eis a sua reprimenda por hoje, embora seja repleta de ternura e admiração, e eu a transmito no mesmo espírito, com o pedido de que dê atenção a minha causa também. Aqui está meio aborrecido, nesta chuva. Gostei muito do desenho — a criança no canto é encantadora — o senhor capta tão maravilhosamente a vida que os demais só podem esperar fazê-lo tão bem... Voltei da casa de minha irmã com vários desenhos feitos por mim. Minha sobrinha mais velha está com 7 anos, e o senhor a consideraria um modelo dos mais encantadores, estou certa.

*Saudações carinhosas,
Béatrice de Clerval Vignot*

CAPÍTULO 14

KATE

Robert e eu moramos juntos em Nova York por quase cinco anos. Ainda não sei onde foi parar esse tempo. Li uma vez que é bem provável que tudo o que já aconteceu esteja guardado em algum lugar do universo, a história particular da pessoa — a história toda, acho eu — dobrada em bolsões e buracos negros de tempo e espaço. Espero que esses cinco anos sobrevivam em algum canto. Não sei se gostaria de ter guardada a maior parte do nosso tempo juntos, porque, no final, houve momentos horríveis, mas aqueles anos em Nova York, sim. Passaram num piscar de olhos, me dei conta depois, mas enquanto estivemos em Nova York juntos, eu tinha certeza de que as coisas seriam sempre daquele jeito, sem cessar, até que algo vagamente semelhante a uma vida adulta predominou. Foi antes que eu começasse a desejar muito ter filhos ou a querer que Robert tivesse um emprego estável. Todo dia parecia perfeito e emocionante, ou potencialmente emocionante.

Aqueles cinco anos aconteceram porque eu de fato peguei o telefone e liguei para Robert no dia seguinte ao que parei de vomitar, e porque conversamos por tanto tempo que ele acabou dizendo que uns amigos iam a uma peça na noite seguinte em sua escola de arte e que eu poderia ir também se quisesse. Não era exatamente um convite, mas era algo parecido, e também tinha muito a ver com o tipo de oferta que eu imaginara enchendo minhas noites em Nova York, quando me mudei de Michigan para lá. Então, aceitei, e, obviamente, a peça era incompreensível, um monte de estudantes de arte lia um roteiro que no final foi rasgado e pintava a cara das pessoas na primeira fila com tinta branca e verde, um procedimento que ninguém conseguia enxergar direito das últimas

filas. Eu estava sentada ali, mirando a parte de trás da cabeça de Robert, que estava numa fila mais próxima ao palco — aparentemente ele se esquecera de guardar para mim uma cadeira ao seu lado.

Depois, os amigos de Robert foram para uma festa, mas nós fomos para um bar perto do teatro, onde sentamos lado a lado em bancos giratórios. Eu nunca tinha ido a um bar em Nova York. Lembro-me de que havia um violinista irlandês tocando num canto ao microfone. Conversamos sobre os artistas de cujas obras gostávamos e por que gostávamos. Mencionei Matisse primeiro. Ainda adoro seus retratos de mulheres porque são muito peculiares, e não me desculpo mais por isso, e adoro suas naturezas-mortas, cheia de cores e frutas em movimento. Já Robert analisou um monte de artistas contemporâneos de quem eu nunca ouvira falar. Ele estava no último ano da escola de arte, e, naquela época, as pessoas estavam pintando sofás e embrulhando prédios e conceituando tudo. Achei que algo do que ele descrevia parecia interessante e o resto, pueril, mas, não querendo revelar minha ignorância, ouvi enquanto ele desfiava uma ladainha de obras, movimentos, atividades, pontos de vista com os quais eu não estava nada familiarizada, todos energicamente contestados nos ateliês onde ele trabalhava e onde seu trabalho era criticado.

Observei a cara de Robert enquanto ele falava. Oscilava entre a feiura e a beleza, a testa bastante saliente sobre os olhos, o nariz aquilino, um cacho lhe caindo na têmpora. Achei que ele parecia uma ave de rapina, mas cada vez que me ocorria a comparação, ele sorria de uma maneira tão infantil e feliz que eu me perguntava o que eu andara vendo a um segundo atrás. Era fascinante como ele parecia não prestar a mínima atenção aos próprios gestos. Observei-o esfregar o indicador ao lado do nariz, depois esfregar a ponta do nariz com a palma da mão como se sentisse uma coceira ali, e então ele coçou a cabeça do mesmo jeito que uma pessoa poderia coçar um cão — distraída e carinhosamente — ou que o cão poderia se coçar. Seus olhos às vezes eram da cor do meu copo de cerveja preta e, às vezes, verde-oliva, ele também tinha

uma maneira inquietante de me fitar, como se tivesse certeza de que eu ouvira o tempo todo mas quisesse saber qual seria a minha reação ao último argumento que ele defendera e como se precisasse saber disso imediatamente. Sua tez tinha uma cor quente e suave, como se estivesse bronzeadada mesmo no mês de novembro em Manhattan.

Robert estava numa escola de arte muito boa, da qual eu já ouvia falar havia anos. *Como chegou lá?*, eu me perguntava. Depois da faculdade, passara quase quatro anos vagabundeando, como ele dizia, antes de se decidir a voltar a estudar, e agora que já estava quase terminando, ainda se perguntava se fora uma perda de tempo, sabe? Meus pensamentos se distanciaram um pouco dos pintores contemporâneos cuja obra ele estava discutindo, praticamente sozinho. Peguei-me imaginando-o sem camisa, com mais daquela pele quente à mostra. Então ele estava falando de mim, sem mais nem menos, perguntando o que eu queria do meu trabalho com arte. Eu não pensara que ele havia sequer reparado nos meus desenhos, quando me levava para casa para que eu vomitasse sã e salva. Eu disse isso, com um sorriso — consciente de que já era hora de eu sorrir para ele e satisfeita por ter usado a única blusa que eu sabia que combinava com a cor dos meus olhos. Sorri, objetei, achei que ele nunca iria perguntar.

Mas ele não pareceu comovido com minha tentativa de ser encantadora e modesta.

— Claro que reparei — disse ele categoricamente. — Você é boa. O que está fazendo a respeito disso?

Fiquei sentada olhando para ele.

— Eu gostaria de saber — respondi, afinal. — Vim para Nova York descobrir. Eu me sentia sufocada em Michigan, em parte porque não conhecia muito nenhum outro artista.

Ele nem me perguntara de onde eu era, percebi, nem me contara nada sobre sua origem.

— Um bom artista não deveria ser capaz de trabalhar em qualquer lugar? Precisa conhecer outros artistas para fazer bons trabalhos?

Isso machucou, e me deixou irritada, o que era raro.

— Aparentemente não, se sua avaliação do meu trabalho estiver correta. Pela primeira vez, ele parecia me enxergar completamente. Virou-se e botou um daqueles seus sapatos grandes e incomuns — aquele em cima do qual eu vomitara, a julgar pela mancha esmaecida — no descanso de pé do meu banco. Seus olhos eram cercados de rugas, envelhecidos para seu rosto jovem, as comissuras de sua boca rasgada se contraíram para cima, num sorriso aborrecido.

— Deixei você irritada — disse ele meio espantado.

Endireitei-me no banco e tomei um gole de Guinness.

— Bem, sim. Já dei bastante duro sozinha, mesmo quando não havia um estudante de arte para conversar comigo em bares elegantes.

Eu me perguntava o que tinha acontecido comigo. Normalmente eu era tímida demais para responder assim. Talvez fosse a cerveja, ou o longo monólogo dele, quem sabe a ideia de que meu pequeno ataque tivesse chamado a atenção dele, coisa que eu não conseguira fazer enquanto ouvia educadamente. Eu tinha a sensação de que ele agora me observava com cuidado — meu cabelo, minhas sardas, meus seios, o fato de que minha estatura mal alcançava o ombro dele. Ele sorria para mim e o calor de seus olhos com aquelas rugas prematuras entrou na minha corrente sanguínea. Senti que era naquela hora ou nunca. Eu precisava conseguir toda a sua atenção e prendê-la, do contrário ela poderia nunca mais voltar. Do contrário, ele seria arrastado de volta para aquela cidade vasta e eu nunca mais ouviria falar dele, ele que tinha dezenas de colegas de arte para escolher. Suas coxas sólidas, suas pernas compridas com aquelas calças excêntricas — naquela noite, eram de tweed e tinham manchas de atrito nos joelhos, sem dúvida uma compra de brechó — o mantinham equilibrado na minha direção no banco do bar, mas ele poderia se desinteressar a qualquer momento e se voltar para a bebida.

Virei-me para ele e o encarei.

— O que quero dizer é: como você ousa entrar no meu apartamento e analisar meu trabalho sem dizer nada? Pelo menos poderia ter dito que não gostava.

Sua expressão ficou mais séria, os olhos me examinando. Com ele de frente e tão perto, vi que tinha rugas na testa também.

— Sinto muito.

Eu me senti como se tivesse chutado um cachorro — o jeito intrigado que ele franzia as sobrancelhas tentando entender minha irritação. Era difícil acreditar que ele estivera dissertando para si mesmo sobre pintores contemporâneos pouco antes.

— Eu não tive o luxo de frequentar uma escola de arte — acrescentei. — Passo dez horas por dia fazendo um trabalho de editoração. Depois vou para casa e desenho ou pinto. Isso não era inteiramente verdade, porque eu só trabalhava oito horas, e quase sempre ia para casa exausta e assistia ao noticiário e a seriados na televisãozinha que minha tia-avó me deixara havia anos, ou dava telefonemas, ou ficava deitada letargicamente no meu sofá-cama, ou lia. — Aí me levanto e volto para o trabalho no dia seguinte. Nos fins de semana, às vezes, vou a um museu ou pinto no parque, ou fico desenhando dentro de casa se o tempo estiver ruim. Muito glamoroso. Será que se pode dizer que isso seja uma vida de artista?

Carreguei no sarcasmo na última pergunta, mais do que pretendia, e acabei me assustando. Ele era a única pessoa com quem eu tinha tido um encontro em todos aqueles meses, se é que a gente podia chamar aquilo de encontro, e eu estava brigando com ele.

— Sinto muito — ele falou de novo. — E devo dizer que estou impressionado.

Ele olhou para as próprias mãos no balcão do bar e para as minhas, que envolviam a minha cerveja. Aí ficamos sentados nos olhando, por um bom tempo, uma disputa de olhares. Seus olhos estavam embaixo daquelas sobrancelhas grossas — talvez fosse a cor que me prendesse. Era como se eu nunca tivesse visto realmente os olhos de outra pessoa. Achei que se eu pudesse

especificar aquela cor, ou o tom dos pontinhos lá no fundo deles, eu conseguiria desviar a vista. Finalmente, ele se mexeu.

— Agora o que fazemos?

— Bem — disse eu, e minha ousadia me alarmou porque, no íntimo, eu sabia, eu *sabía* que aquela não era eu, que eu estava totalmente inspirada pela presença de Robert e pelo modo como ele me encarava. — Bem, acho que é aqui que você me convida para ir à sua casa para ver seus desenhos.

Ele começou a rir. Seus olhos se iluminaram e sua boca generosa, feia e sensual dava gargalhadas. Ele bateu no joelho.

— Exatamente. Quer ir lá em casa comigo ver meus desenhos?

29 de outubro de 1877

Mon cher oncle,

Recebemos seu bilhete hoje de manhã e ficaremos encantados em lhe dar as boas-vindas no jantar. Papa espera que chegue cedo, com os jornais para ler para ele.

*Com pressa, sua sobrinha,
Béatrice de Clerval*

CAPÍTULO 15

KATE

Robert morava num apartamento no West Village com dois outros estudantes de arte, que não estavam em casa quando chegamos. As portas de seus quartos estavam abertas, havia roupas e livros espalhados pelo chão como nos dormitórios universitários. Havia um pôster de Pollock na sala caótica, uma garrafa de conhaque na bancada da cozinha e pratos na pia. Robert me conduziu ao seu quarto, que também era uma bagunça. A cama estava desfeita, claro, e havia roupa suja pelo chão, mas ele pendurara direitinho um par de suéteres no espaldar da cadeira da escrivaninha. Havia pilhas de livros — fiquei impressionada de ver que alguns eram em francês, livros de arte e talvez romances, e quando perguntei a Robert sobre isso, ele disse que sua mãe viera para os Estados Unidos com seu pai depois da guerra, que era francesa e ele era bilíngue.

O mais impressionante, contudo, era que todas as superfícies estavam cobertas de desenhos, aquarelas, cartões postais de quadros. Pendurados nas paredes, havia o que certamente eram os desenhos de Robert — a lápis, a carvão, às vezes o mesmo modelo repetido, estudos de braços, pernas, narizes, mãos por todo lado. Eu presumira que este quarto seria um santuário da pintura moderna, cheio de cubos e linhas e pôsteres de Mondrian, mas não: era um espaço de trabalho comum. Ele ficou parado me olhando. Eu sabia o suficiente para entender que seus desenhos eram estupendos, tecnicamente seguros e no entanto também cheios de vida e mistério e movimento.

— Estou tentando aprender como se faz o corpo — disse ele com seriedade. — Isso ainda é para mim uma coisa muito difícil de

desenhar. Não penso em mais nada.

— Você é um tradicionalista — disse eu surpresa.

— Sim — disse ele abruptamente. — Não ligo muito mesmo para conceitos. Pode acreditar, estou cagando para isso na escola também.

— Ouvindo você falar lá no bar sobre todos aqueles grandes artistas contemporâneos, pensei que os admirava.

Ele me olhou de uma maneira estranha.

— Não tive intenção de lhe dar essa impressão.

Ficamos parados olhando um para o outro. O silêncio ecoava no apartamento, aquela sensação de inércia que se tem num lugar vazio em plena cidade numa noite movimentada. Poderíamos estar sozinhos em Marte. Havia um sentimento secreto nisso, como se tivéssemos planejado brincar de esconde-esconde e ninguém soubesse onde estávamos. Pensei rapidamente em minha mãe, já dormindo há muito tempo na cama de casal que ela um dia dividira com meu pai, o gato aos seus pés, a porta da frente sensatamente trancada e verificada duas vezes, o relógio tiquetaqueando na cozinha lá embaixo. Virei-me para Robert Oliver.

— E o que você admira, então?

— Honestamente? — Ele ergueu as grossas sobrancelhas. — Trabalho duro.

— Você desenha como um anjo.

O comentário saiu espontaneamente, e eu disse aquilo como minha mãe poderia ter dito, e eu falava sério.

Ele pareceu inesperadamente satisfeito, surpreso com as minhas palavras.

— Não se ouve muito isso nas críticas. Na verdade, nunca.

— Nada do que me contou até agora me dá vontade de fazer faculdade de arte — comentei. Como ele não me convidara a sentar, continuei a andar e olhar os desenhos. — Presumo que pinte, também.

— Claro, mas na escola. Para mim, pintar é o principal. — Ele pegou umas folhas soltas na mesa. — Estes fazem parte de um

estudo para um modelo com quem trabalhamos no estúdio, um grande óleo sobre tela. Precisei lutar para ter essa aula. Esse cara, o modelo, foi muito estimulante para mim. É um velho, na verdade. Incrível, alto, de cabelos brancos, musculoso, mas também se deteriorando. Quer beber alguma coisa?

— Acho que não. — Eu, na verdade, começava a me perguntar o que exatamente eu queria daquele encontro e se eu não deveria ir para casa. Já estava tão tarde que eu teria que tomar um táxi para chegar a salvo na minha rua no Brooklyn, e isso consumiria as economias que eu guardara durante a semana. Talvez Robert possuísse bens de família e não entendesse. Eu também estava me perguntando onde estava o meu orgulho. Robert Oliver devia se interessar principalmente por ele mesmo e suas pinturas, e talvez tivesse gostado de mim porque eu fora uma boa ouvinte, pelo menos no início. Era o que me dizia o meu instinto, o instinto irritante que as garotas desenvolvem em relação aos garotos e que as mulheres desenvolvem a respeito dos homens.

— Acho melhor eu ir embora. Vou precisar pegar um táxi para ir para casa.

Ele ficou parado na minha frente, no meio daquele quarto caótico e sem janelas, imponente, mas de certa forma intimidado, vulnerável, as mãos pendendo ao lado do corpo. Ele precisava se abaixar um pouco para ver o meu rosto.

— Antes que vá para casa, posso beijá-la?

Fiquei chocada, não tanto por ele querer me beijar, mas sim com o pedido, com o discurso inepto. Fiquei com pena daquele homem que parecia um huno conquistador e, no entanto, timidamente me fazia um pedido. Adiantei-me e pus as mãos nos seus ombros, que davam a impressão de serem sólidos e confiáveis, ombros fortes como os de um touro, de trabalhador, tranquilizadores. Seu rosto estava um pouco indistinto assim tão de perto, seus olhos eram uma mancha de cor no primeiro plano do meu campo visual. Então, ele encostou os firmes lábios nos meus. Sua boca tinha a mesma consistência dos seus ombros, quente e musculosa, porém hesitante. E ele pareceu me esperar ali por um segundo, até que eu

sentisse algo semelhante a compaixão e começasse a beijá-lo também.

De repente, ele me envolveu nos braços — a primeira vez que senti sua vastidão, todo o seu corpo enorme e alto — e quase me levantou, beijando-me com uma paixão atrevida. Não havia timidez nenhuma nele. Era como se ele simplesmente não soubesse como ser outra pessoa que não fosse ele mesmo e eu senti sua personalidade me percorrer como um raio — eu que duvidava e previa e analisava cada segundo da minha vida. Era como beber uma poção quando eu não sabia que existiam poções: cada gota dela, o elixir todo, foi para a minha nuca e para o fundo do meu peito, depois disparou para os meus pés. Senti necessidade de recuar e tornar a examinar seus olhos, mas não era por medo. Era mais por ficar um pouco surpresa que alguém pudesse ser tão complexo e, no entanto, tão simples. Sua mão desceu para a base das minhas costas e me segurou com mais força de encontro ao seu corpo — ele me apertava como se eu fosse um pacote que ele estivesse aguardando ansiosamente. Levantou-me do chão, e literalmente me segurou nos braços.

Depois disso, esperei ouvir o ruído da porta se fechar, sentir o cheiro de uma cama com lençóis por lavar, onde eu me perguntaria se outra pessoa havia se deitado recentemente, a mão tateando a gaveta da mesa de cabeceira à procura de camisinhas — nessa época, começava o pânico da epidemia de AIDS — e meu consentimento entre temeroso e ansioso. Mas em vez disso, ele me beijou de novo e me botou no chão. Segurava-me colada no seu suéter.

— Você é linda — disse. E ficou ali afagando meu cabelo. Pegou minha cabeça desajeitadamente nas mãos e me beijou na testa. Foi um gesto tão terno e tão íntimo que senti um nó na garganta. Seria uma rejeição? Mas ele estava colocando aquelas mãos grandes nos meus ombros, acariciando meu pescoço. — Não quero que se precipite. Nem quero me precipitar. Gostaria de sair comigo amanhã à noite? Podíamos jantar num lugar que conheço no Village. É barato e não é barulhento como o bar.

Fui dele, a partir daquele momento — ele me teve na palma da mão. Ninguém jamais quis que eu não me precipitasse. Eu sabia que quando chegasse a hora, fosse na noite seguinte ou ainda na outra, ou na semana seguinte, eu sentiria que ele se alongaria em cima de mim não como um intruso mas como um homem por quem eu poderia me apaixonar, ou já me apaixonara. Essa simplicidade — como ele conseguia mantê-la em meio da minha cautela? Quando ele me levou até um táxi, beijamo-nos demoradamente na rua, o que me deu um frio na barriga, e ele riu com o que parecia ser alegria e me abraçou, fazendo o motorista esperar.

Não tive nenhuma notícia dele na manhã seguinte, embora ele tivesse prometido ligar para o meu trabalho à primeira hora, para me dar as coordenadas do restaurante. A euforia foi escorrendo lentamente por meus braços e pernas quando chegou perto de meio-dia. Não dormir comigo tinha sido uma maneira fácil de me desapontar, uma maneira gentil — ele não tivera a intenção de jantar comigo, afinal de contas. Eu tinha um longo artigo sobre punção lombar para corrigir, e isso me nauseou ligeiramente, como se um pouco do enjoo que senti quando conheci Robert na loja de departamentos tivesse voltado, uma recaída branda. Não saí para almoçar. Às quatro, meu telefone tocou. Como ninguém a não ser minha mãe tinha meu número direto no trabalho, eu sabia que só poderiam ser duas pessoas. Era Robert.

— Me desculpe por não ter ligado antes — disse ele sem mais explicações. — Ainda quer sair hoje à noite?

Aquela foi a segunda noite de nossos cinco anos em Nova York.

CAPÍTULO 16

MARLOW

Kate se levantou do sofá em sua sala silenciosa e ficou andando de um lado para o outro, como se eu a tivesse prendido numa gaiola. Ela ia até as janelas e voltava, e eu a observava, sentindo uma espécie de pena dela, pela situação em que eu a colocara. Em sua história, ela não chegara perto das coisas que eu mais precisava saber, mas eu não gostaria de pressioná-la naquele momento.

Ocorreu-me que boa esposa ela teria sido — deve ter sido — uma mulher não muito diferente de minha mãe na honestidade, na organização e nos gestos claros de hospitalidade (não era a primeira vez que eu pensara isso), embora lhe faltassem a confiança amigável e o senso de humor irônico de minha mãe. Ou talvez o senso de humor de Kate tivesse sido apagado pela separação do marido. Uma interrupção temporária da felicidade, esperava eu. Eu vira muitas mulheres ficarem emocionalmente transtornadas por causa de um divórcio. Algumas não se recuperaram, no sentido de que ficaram amarguradas ou passaram a sofrer de depressão crônica, especialmente se o divórcio estivesse associado a algum trauma anterior ou a uma condição subjacente. Mas a maioria das mulheres era extraordinariamente forte, sempre achei; as que se curavam tinham uma vida mais profunda depois. Inteligente, Kate — com a luz das janelas se refletindo em seu cabelo macio — iria em frente para alguma coisa ou alguém melhor e ficaria satisfeita, e sábia.

Enquanto eu pensava isso, ela virou-se para mim.

— Acha que realmente poderia não ter sido tão ruim? — Perguntou num tom acusatório.

Senti meu queixo cair.

— Mais ou menos — respondi. — Mas você está quase certa. Tenho certeza de que foi ruim, mas eu estava pensando em quão forte você parece ser.

— Então vou superar isso.

— Acredito que sim.

Ela dava a impressão de que poderia estar prestes a me censurar, então, disse apenas:

— Bem, já viu tantos pacientes, acho eu, e deve saber.

— Eu nunca acho que sei alguma coisa sobre seres humanos, em última instância, mas é verdade que já observei tanta gente. — Era uma confissão que eu não teria feito a um paciente.

Ela se virou, as pequenas clavículas banhadas pela luz.

— E gosta de gente, dr. Marlow, depois de ter observado tantas pessoas?

— Você gosta? Parece ser extremamente observadora.

Ela deu uma risada, a primeira que eu ouvira desde que entrara em sua sala.

— Não vamos jogar um com o outro. Vou lhe mostrar o escritório de Robert.

Isso me surpreendeu muito, por dois motivos: primeiro, que ele tivesse um escritório, e segundo, que ela fosse tão generosa no meio da sua dor. Talvez aquilo servisse também de ateliê doméstico.

— Tem certeza?

— Tenho — disse ela. — Não é bem uma sala; comecei a limpá-la porque quero usar a mesa como um lugar para fazer as contas e organizar minha papelada. Ainda falta limpar o ateliê dele.

Com Robert naquela casa, ela não tivera um escritório nem um ateliê, ao passo que ele tivera as duas coisas. Robert Oliver tomara um espaço considerável em sua vida, literalmente. Eu esperava que ela me mostrasse o ateliê dele também.

— Obrigado — disse eu.

— Ah, não fique muito agradecido — retrucou ela. — O escritório dele é uma bagunça. Levei muito tempo até conseguir abrir a porta dessa sala, mas me sinto melhor agora que comecei a fazer uma

triagem das coisas. Pode olhar o que quiser. Estou dizendo isso porque não me interessa por nada que tem lá dentro atualmente. Não me interessa mesmo.

Kate se levantou e recolheu nossas xícaras, olhando para trás.

— Venha comigo — disse.

Acompanhei-a, entrando numa área de jantar tão arrumada e tranquila quanto a sala de estar — cadeiras de espaldar alto em volta de uma mesa reluzente. Mais uma vez, os quadros eram aquarelas, dessa vez das montanhas, e um par de velhas gravuras de pássaros, cardeais e gaios-azuis, à maneira de Audubon. Nada de quadros de Robert Oliver ali tampouco. Ela me conduziu por um momento até uma cozinha ensolarada, onde depositou nossas xícaras na pia, e então seguimos para um quarto não muito maior que um armário grande. Estava mobiliado, ou melhor, completamente atravancado, com uma mesa, prateleiras e uma cadeira. A mesa era antiga, como a maioria da mobília de Kate, uma enorme escrivaninha de tampo corrediço, que estava aberto, revelando escaninhos abarrotados de papéis — uma bagunça, como ela dissera.

Aqui, muito mais que na sala de estar, eu sentia a presença de Robert Oliver, imaginava sua manzorra metendo papéis e recibos e artigos não lidos nos compartimentos da escrivaninha. Havia um par de cestas de plástico no chão, etiquetadas com clareza para receber vários tipos de arquivos, como se Kate tivesse andado separando-os. Não havia nenhum móvel de arquivo à vista — não cabia mais nada no quarto — embora Kate pudesse ter metido algum em outro canto.

— Odeio esse trabalho — disse ela, novamente sem explicar mais.

As estantes continham um dicionário, um guia de filmes, romances policiais — alguns em francês — e muitas obras sobre arte. *Picasso e Seu Mundo*, Corot, Boudin, Manet, Mondrian, os pós-impressionistas, retratos de Rembrandt e um número surpreendente de obras de Monet, Pissarro, Seurat, Degas, Sisley — a França do século XIX predominava.

— Robert gostava mais dos impressionistas? — perguntei.

— Acho que sim — encolheu os ombros. — Ele gostava mais de tudo, dependia do momento. Eu não conseguia acompanhar todos os entusiasmos dele — havia um tom desagradável em sua voz, e eu me virei para a mesa. — Pode olhar tudo, desde que mantenha as coisas em ordem. Ordem... — ela revirou os olhos, pensando em alguma outra coisa. — De qualquer maneira, não misture nada porque estou tentando organizar todos os informes financeiros, caso eu seja auditada.

— É muita bondade sua. — Eu queria ter certeza de que tinha a autorização dela; insisti na minha ideia categórica de que examinar os documentos de um paciente vivo sem o seu consentimento era uma medida séria, mesmo que a ex-mulher dele me incentivasse, com amargura, a fazer isso. Aliás, especialmente se ela estivesse me incentivando. Mas Robert me dissera que eu poderia falar com quem eu quisesse. — Acha que tem alguma coisa aqui que possa me ajudar?

— Duvido — respondeu ela. — Talvez por isso eu esteja me sentindo tão generosa. Robert realmente não tinha documentação particular. Ele não escrevia sobre suas emoções nem mantinha um diário nem nada semelhante. Eu gosto de escrever, mas ele costumava dizer que não conseguia entender muito bem o mundo por meio de palavras. Precisava olhar para ele e captar-lhe as cores, pintá-lo. Não encontrei muita coisa aqui a não ser sua colossal desorganização.

Ela riu, ou bufou, como se gostasse da própria descrição: *colossal*.

— Acho que não é bem verdade que ele não escrevesse sobre as coisas; ele fazia essas notinhas para si mesmo, e listas, e as perdia na bagunça. — Ela puxou um pedaço de papel de uma caixa aberta. — “Corda para cenário” — leu em voz alta. — “Cadeado do portão dos fundos, comprar alizarina e tábua, cheque para Tony, quinta-feira.” Ele vivia esquecendo tudo no final das contas. Ou que tal essa: “Pensar sobre fazer quarenta anos.” Pode acreditar nisso? Precisar deixar um lembrete para si mesmo para pensar numa coisa

tão básica? Quando vejo este lixo todo, fico feliz de não ter de lidar com o resto dele. Quero dizer, não ter de lidar mais com Robert. Vou preparar alguma coisa para o almoço para comermos em paz antes de eu ir buscar as crianças. Ainda tem amanhã, claro.

Ela saiu do quarto sem esperar por minha resposta.

CAPÍTULO 17

MARLOW

Após alguns instantes, sentei-me na cadeira da escrivaninha de Robert. Era uma daquelas cadeiras de escritório muito velhas com couro rachado e fileiras de tachas de metal, que gira cambaiamente nas rodinhas dos pés ou precisa ser inclinada um pouco demais para trás para ter estabilidade, herdada, achei, de um avô ou até mesmo de um bisavô. Então tornei a me levantar e fechei a porta com delicadeza. Achei que Kate Oliver não se importaria; já deixara que eu me virasse totalmente por minha conta. Parecia-me que ela era uma pessoa de tudo ou nada. Conscienciosamente me mostraria e me contaria tudo, ou manteria sua privacidade intacta, e escolhera a primeira opção. Gostei dela. Gostei muito dela.

Debrucei-me sobre a escrivaninha e puxei um maço de papéis de um dos escaninhos: extratos bancários, recibos de contas de água e luz meio amassados, folhas de caderno em branco. Achei estranho Kate ter confiado ao marido disperso as finanças da casa, mas talvez ele tivesse insistido. Empurrei o maço de volta para o lugar. Alguns dos escaninhos não continham nada a não ser poeira e cliques de papel; ela já andara mexendo ali. Imaginei-a puxando isso tudo para fora, arquivando tudo metodicamente em algum lugar, depois limpando a escrivaninha, lustrando-a, quem sabe. Talvez ela tenha permitido que eu entrasse ali porque já retirara o que era pessoal; talvez este fosse um gesto vazio, uma falsa hospitalidade.

Não havia qualquer coisa que interessasse nos demais escaninhos a não ser um objeto ressequido no fundo de um deles que se revelou um baseado antigo — reconheci o cheiro de algo muito distante no tempo, como a gente reconhece o aroma de uma sobremesa da infância. Coloquei-o cuidadosamente no mesmo

lugar. As duas gavetas superiores estavam abarrotadas de desenhos — exercícios convencionais de desenho de figuras, nenhum deles com qualquer semelhança com a mulher que ele rotineiramente enchia seu quarto em Goldengrove — e catálogos velhos, a maior parte deles sobre material de arte, embora alguns fossem de equipamentos para atividades ao ar livre, como se Robert também tivesse sido excursionista ou ciclista. Por que eu insistia em pensar nele no passado? Ele poderia ficar bom e fazer a trilha dos Apalaches de cabo a rabo, e era meu trabalho ajudá-lo a tentar isso.

A gaveta inferior foi mais difícil de abrir, abarrotada de blocos de notas nos quais Robert aparentemente fizera anotações para suas aulas (“Desenhos anteriores, umas frutas — natureza-morta para o fim da aula, duas horas?”). Depreendi dessas anotações que Robert fazia apenas sínteses mínimas para suas aulas, e a maioria dos papéis não estava datada. Só a sua presença devia encher a sala de aula ou o estúdio; aparentemente, ele não planejava muito mais que isso. Ou teria sido ele um professor tão talentoso que guardava na cabeça todo o seu conhecimento e podia emití-lo organizadamente quando bem quisesse? Ou quem sabe ensinar pintura significasse para ele apenas ficar dando voltas na sala enquanto criticava os trabalhos em andamento dos alunos? Eu tinha tido cinco ou seis aulas de estúdio assim, espremidas entre as fronteiras da minha profissão, e eu adorava — aquela sensação de estar sozinho, embora no meio de outros pintores, deixado em paz a maior parte do tempo até pelo professor, mas também observado, e às vezes estimulado, de modo que a gente se concentrava ainda mais.

Vasculhei no fundo da gaveta inferior e estava prestes a deixar para lá todos aqueles blocos de notas misturados com contas de telefone velhas quando uma folha manuscrita me chamou a atenção. Era um papel branco pautado, amassado como se tivesse sido embolado e depois esticado, rasgado em um dos cantos. Era o início de uma carta, ou o rascunho de uma carta, escrita com uma letra firme e floreios verticais — aqui e ali havia uma palavra riscada e outra acrescentada. Eu já conhecia aquela letra, da série de

bilhetes ao meu redor — inconfundivelmente era de Robert. Tirei o papel da gaveta e tentei alisá-lo no tampo de feltro da escrivaninha.

Você estava constantemente comigo, minha musa, e eu pensava em você com uma intensidade espantosa, não só em sua beleza e em sua boa companhia, mas também em seu riso, seu mínimo gesto.

A linha seguinte estava riscada, rabiscada sem piedade, e o restante da página estava em branco. Prestei atenção nos ruídos que vinham da cozinha. Através da porta fechada, eu ouvia a ex-mulher de Robert mudar algo de posição — arrastando um banco no chão de linóleo, talvez, abrindo e fechando a porta de um armário. Dobrei a página em três e a guardei no bolso do paletó. Então me abaixei e fiz uma última busca na gaveta de baixo. Nada — nada mais com a letra de Robert, embora houvesse declarações de impostos que pareciam não ter sido retiradas dos envelopes.

Podia ser tolice, mas já que a porta estava bem fechada e Kate continuava aparentemente ocupada na cozinha, debrucei-me e comecei a retirar os livros de Robert das prateleiras para ver o que havia por trás deles. Fiquei com a mão suja de pó. Encontrei uma bola de borracha que poderia ter sido de uma das crianças e que agora era um bolo de poeira — massas fofas de células humanas, me lembrei com certo estremecimento. Como eu colocava quatro ou cinco livros de cada vez no chão, se abrisse a porta sem avisar, Kate não encontraria muita coisa fora do lugar e eu poderia sempre dizer que estivera olhando os próprios livros.

Mas não havia mais papéis; não havia nada por trás dos livros, e, aparentemente, nada — folheei alguns deles rapidamente — enfiado entre as páginas. Por um momento eu vi a mim mesmo como se eu estivesse na porta, observando um interior cuidadosamente constituído de formas escuras e iluminado por uma

lâmpada que pendia do teto, uma luz dura, uma dissonância, um interior estimulante à maneira de Bonnard. Pela primeira vez, notei que não havia quadros nas paredes do escritório de Robert, nada de cartões postais colados com fita adesiva, nada de pôsteres de exposições, nada de pequenos quadros encaixados de antigas exposições em galerias. Aquilo era estranho no escritório de um artista, mas talvez ele tivesse guardado essas peças todas em seu ateliê.

Então, debruçando-me novamente sobre as estantes, vi que ali havia de fato algo em uma das paredes — não era nenhum tipo de quadro, mas sim uns números rabiscados a lápis e algumas palavras ao lado das prateleiras, de modo que não dava para visualizá-los da porta. Cheguei a pensar que pudesse ser a altura e a idade de cada um dos filhos de Robert, as datas em que eles haviam atingido certo tamanho, mas aquilo estava muito baixo até para uma criança pequena. Agachei-me ao lado dos livros, ainda com *Seurat and the Parisians* na mão. Era lápis mesmo, provavelmente 5B ou 6B, escuro e macio para sombreamento pesado. Olhei a inscrição. Dizia “1879”. Depois disso, duas palavras. “Étretat. Alegria.”

Li e reli aquilo. Os números e as letras eram meio tortos — ele deve ter se estendido no chão para escrevê-los, e ainda assim deve ter sido difícil fazê-lo. Ele deve ter ficado com aquelas pernas compridas levantadas para trás numa posição infantil, o escritório era muito pequeno. Ou teria outra pessoa feito aquela marca? Achei que o “É” e o “J” rebuscados, o comprimento do “g”, pareciam a letra de Oliver, a caligrafia inchada e forte de todos os lembretes que eu andara lendo, dos cheques cancelados. Peguei no bolso o rascunho da carta para comparar. O “g” certamente era o mesmo, assim como o nítido e calcado “t” minúsculo. Por que um homem grande, altíssimo, haveria de deitar no chão para escrever algo na parede de seu escritório?

Tornei a esconder cuidadosamente a carta no bolso — ela já estava quente do calor do meu corpo — e comecei a procurar um pedacinho de papel que estivesse em branco. Lembrei-me dos

blocos amarelos na primeira gaveta e peguei uma folha de um deles, copiando cuidadosamente a mensagem da parede. Achei que conhecia essa palavra, “Étretat”, mas iria procurá-la mais tarde de todo modo.

Minha busca por papéis me deu outra ideia: puxando a lixeira mais para perto, revistei o seu conteúdo, olhando de dois em dois segundos para a porta. Perguntei-me se Kate ou o próprio Robert a haviam enchido — Kate, provavelmente, durante a faxina. Continha mais pedaços de papel com a letra dele, e uns rabiscos que poderiam ser estudos para um nu ou garatujas feitas num momento de ociosidade, algumas delas rasgadas em dois — finalmente uma evidência do artista. Nenhuma das notas de Oliver para si mesmo significava qualquer coisa para mim, especialmente por tais notas terem em sua maioria poucas palavras, que em geral falavam de questões práticas. Passei para outra: “Pegar vinho, cerveja para amanhã à noite.” Não me atrevi a guardar nenhuma delas; se eu enchesse os bolsos, Kate ouviria o farfalhar, e para além desta possibilidade humilhante e muito real, eu me ouviria farfalhar e ficaria muito envergonhado. Uma vergonha bastava; toquei na carta através do paletó. “*Você estava constantemente comigo, minha musa.*” Quem era a musa dele? Kate? A mulher em seus desenhos em Goldengrove? Essa mulher era “Mary”? Parecia provável, e talvez Kate me contasse sobre ela se eu perguntasse sem de fato perguntar.

Examinei os demais livros pegando poucos de cada vez, sempre de ouvido atento à porta, só encontrando algumas tiras em branco usadas para marcar uma página preferida, ou talvez uma passagem ou imagem para uma das aulas de Robert — uma tira dessas estava ao lado de uma reprodução colorida da *Olympia* de Manet. Eu vira o original em Paris uns anos atrás. Ela me olhou, nua e inexpressivamente despreocupada, quando retirei o papel. Atrás da fileira superior de livros, encontrei uma meia branca embolada. Não havia mais onde procurar, a menos que eu levantasse o tapete. Espiei atrás das estantes e da escrivaninha, olhei de novo aquela data na parede. Uma palavra francesa “Étretat”, um lugar. O que

andara acontecendo na França em 1879, se o nome e a data estavam associados, pelo menos na cabeça de Robert? Tentei me lembrar, mas eu nunca soube muita coisa sobre a história da França, ou então esqueci logo depois das aulas de civilização ocidental do ensino médio. Não tinha sido a Comuna de Paris, ou isso foi antes? Exatamente quando o Barão Haussmann projetara todos aqueles grandes bulevares em Paris? Em 1879, o Impressionismo estava vivo e ia bem, ainda que muito criticado — isso eu sabia de ir a museus e ler um livro ou outro — portanto, talvez tenha sido um ano de paz e prosperidade.

Abri a porta do escritório, feliz por Kate não ter chegado a ela pelo outro lado antes de mim. A claridade da cozinha não parecia natural depois do escritório de Robert. O sol saíra e as árvores molhadas brilhavam. Chovera, então, enquanto eu examinava os papéis de Robert. Kate estava na bancada, misturando a salada numa tigela. Usava um avental de *chef* por cima do jeans e da blusa e estava corada. Os pratos eram amarelo-claros.

— Espero que goste de salmão — afirmou, como se quisesse dizer que eu não ousasse não gostar.

— Gosto — disse eu com honestidade. — Gosto muito. Mas nunca tive a intenção de lhe dar tanto trabalho para o almoço. Obrigado.

— Não tem problema. — Ela estava colocando pedaços de pão numa cesta forrada com um pano. — Atualmente eu quase não cozinho para adultos, e as crianças não comem muita coisa além de macarrão com queijo e espinafre. Ainda bem que elas gostam mesmo de espinafre.

Ela se virou e sorriu para mim, e fiquei impressionado com a estranheza dessa situação — lá estava a ex-mulher do meu paciente, uma mulher que eu vira pela primeira vez havia apenas algumas horas, uma mulher que eu mal conhecia e de quem tinha um pouco de medo, preparando uma refeição para mim. Seu sorriso soava simpático e espontâneo ao chegar a mim do outro lado da cozinha. Eu quis abaixar a cabeça.

— Obrigado — tornei a dizer.

— Pode levar estes pratos para a mesa? — Ela me disse, segurando-os com suas mãos finas.

30 de outubro de 1877

Mon cher oncle,

Estou lhe escrevendo hoje de manhã para expressar todo o nosso agradecimento por sua presença ontem à noite e pelo prazer que nos trouxe. Obrigada também por suas palavras encorajadoras sobre meus desenhos, que só lhe mostrei por insistência de meu sogro e de Yves. Estou trabalhando com afinco durante as tardes num novo quadro, mas isso deveria ser considerado apenas um esforço humilde. Estou feliz de pensar que gostou tanto de minha jeune fille — como eu lhe disse, minha sobrinha posou e ela é uma menina encantadora. Espero fazer um quadro daquele desenho também — mas no início do verão, para poder usar o meu jardim como pano de fundo; ele é magnífico nessa época do ano, quando as roseiras estão carregadas de flor.

*Saudações carinhosas,
Béatrice de Clerval*

CAPÍTULO 18

MARLOW

Após o almoço, que, de um modo geral, foi silencioso (mas um silêncio sociável, achei), Kate me disse que precisava voltar logo para o trabalho. Entendi a indireta e me retirei, mas só depois de termos marcado um novo encontro para a manhã seguinte. Ela fechou a porta de entrada atrás de mim, porém, quando me virei para trás no caminho de acesso, ela continuava a olhar pela vidraça. Sorriu para mim, então abaixou a cabeça como se estivesse arrependida do sorriso, acenou uma vez e desapareceu antes de me dar chance para acenar de volta. O caminho de tijolos brilhava depois da chuva, e fui andando com cuidado em direção à pista de cascalho. Toquei no bolso do peito quando entrei no carro, conferindo se o papel amassado estava ali.

Havia muito tempo que eu não me sentia tão triste, não sei bem por quê. Meus pacientes, quando me viam ou quando eu os via, estavam no ambiente monótono do meu consultório ou das salas obstinadamente alegres de Goldengrove. Agora eu falara com uma mulher que estava sozinha, sozinha e talvez tão deprimida que poderia tranquilamente ir ao meu consultório como paciente, mas, em vez disso, eu estivera com ela em seu próprio ambiente, que tinha o enorme pé de azevinho ao lado da porta de entrada, os canteiros com as tulipas floridas, a mobília que sua avó lhe deixara, o cheiro de salmão e endro em sua cozinha, as ruínas da vida de seu marido em evidência atrás dela. Mesmo assim, ela fora capaz de sorrir para mim.

Voltei pelas ruas floridas de seu bairro, passando por bosques e entrevendo casas interessantes, familiarizando-me com o caminho por onde eu viera. Imaginei Kate vestindo uma jaqueta de lona e

pegando as chaves do carro num gancho do porta-chaves, trancando a porta ao sair. Pensei em sua aparência ao se abaixar para beijar os filhos em suas camas à noite, sua cinturinha flexível sob as roupas azuis. As duas crianças seriam loiras, como a mãe, ou uma teria o cabelo claro e a outra os cachos escuros de Robert — mas aqui minha mente evitou a questão. Ela beijaria os filhos toda vez que os reencontrava, mesmo depois de uma ausência breve. Disso eu tinha certeza. Eu me perguntava como Robert conseguia ficar afastado dessas três pessoas perfeitas que ele tornara suas. Mas o que sabia eu? Talvez ele não conseguisse suportar, na verdade. Ou talvez tivesse esquecido quão perfeitas elas eram. Eu nunca tinha tido mulher ou filho, nem uma casa grande e antiga com uma sala ensolarada. Eu via minhas mãos pegando os pratos das mãos de Kate — ela não usava anéis, apenas uma corrente de outro no pulso. O que sabia eu?

Na casa dos Hadley, abri de novo todas as janelas, depois coloquei o pedaço da carta que peguei no escritório de Robert sobre a escrivaninha, deitei-me na feia cama de solteiro e cochilei. Cheguei mesmo a adormecer por alguns minutos. Sonhei com Robert Oliver me contando sobre sua vida com sua mulher, mas eu não conseguia ouvir uma palavra e pedia para ele falar com mais clareza. Havia outra coisa escondida nesse sonho, uma lembrança: Étretat, o nome de uma cidade costeira na França — onde exatamente? — o cenário dos famosos quadros dos penhascos de Monet, aqueles arcos icônicos, aquela água azul-esverdeada, aquela rocha verde com tons de roxo.

Finalmente, levantei-me, agitado, e vesti uma camisa velha. Peguei o livro que estava lendo, uma biografia de Newton, e desci para a cidade a fim de procurar um lugar onde jantar. Encontrei vários bons restaurantes; num deles, que tinha luzinhas brancas em todas as janelas como se fosse Natal, comi um prato de panquecas de batata com várias guarnições. A mulher sentada no bar sorriu para mim e tornou a cruzar pernas encantadoras, e o homem que foi ter com ela minutos depois tinha cara de empresário nova-iorquino.

Uma cidadezinha estranha, pensei, apreciando-a ainda mais à medida que meu Pinot Noir fazia efeito.

Passeando pelas ruas após o jantar, perguntei-me se eu poderia encontrar Kate, e, se a encontrasse, o que eu lhe diria, como ela reagiria se déssemos de cara um com o outro depois da conversa daquela manhã, então me lembrei que ela com certeza estaria em casa com os filhos. Imaginei-me voltando ao seu bairro para espiar por aqueles janelões. Eles estariam suavemente iluminados, os arbustos em volta já escuros, o telhado flutuando no alto. Lá dentro, uma caixa de pedras preciosas: Kate brincando com duas lindas crianças, seu cabelo brilhando à luz do abajur. Ou eu a veria na janela da cozinha onde ela fizera o salmão para mim. Ela estaria lavando a louça depois que as crianças já estivessem deitadas, deleitando-se com o silêncio. Num afã, imaginei-a ouvindo meus passos no meio dos arbustos, chamando a polícia local, as algemas, as explicações infrutíferas, sua raiva, minha desgraça.

Parei um instante para me acalmar na frente da vitrine de uma boutique cheia de cestos e do que pareciam ser xales tecidos à mão. Ali, comecei a ansiar pela minha casa. Afinal de contas, o que eu estava fazendo naquele lugar? Aquela cidade bonitinha era erma; em casa, eu estava acostumado a ficar sozinho. Eu continuava vendo a inscrição a lápis na parede de Robert. Por que ele enchera sua biblioteca de livros sobre os impressionistas? Obriguei-me a andar um pouco mais, fingindo que ainda não tinha desistido da noite. Logo eu iria para casa — para a casa dos Hadley, melhor dizendo — e ficaria deitado na cama lendo sobre Newton, que pertencia confortavelmente a outro mundo, a uma época sem a psiquiatria moderna. Tragicamente sem ela, claro. Uma época anterior a Monet, anterior a Picasso, anterior aos antibióticos, anterior à minha própria existência. Newton confortavelmente morto seria melhor companhia para mim que estas ruas mal-iluminadas, com seus prédios restaurados, com aquelas mesas dos cafés, aqueles jovens casais enrolados em echarpes e usando brincos, andando de mãos dadas numa nuvem de perfume almiscarado. Eu já não era jovem há muito tempo; quanto, eu nem sabia mais.

No fim do quarteirão, as boutiques davam lugar a um estacionamento e, então, inesperadamente, chegava-se a uma boate de aspecto festivo que, afinal, era um bar de *stripteasers*. Apesar da presença de um leão de chácara na porta, a casa não tinha nada do aspecto sórdido que os estabelecimentos desse tipo tinham em Washington. Não que eu os frequentasse. Aliás, só estive uma vez num deles, na época da faculdade, décadas atrás, mas como passava de carro por eles aqui e ali, pelo menos sabia que existiam. Hesitei um instante. O homem à porta estava bem-vestido, como um cavalheiro, como se até os shows de striptease nesta cidade tivessem sido aburguesados. Ele se virou para mim com um sorriso simpático, expectante, compreensivo, como um consultor financeiro num banco. Estaria me convidando a entrar? Será que eu queria solicitar um crédito imobiliário?

Fiquei ali parado, me perguntando se eu de fato devia entrar, pois não conseguia pensar em por que não poderia. Lembrei-me também da única modelo realmente bonita das minhas aulas na Art League School na minha cidade — um nu distante e equilibrado, a mente longe e provavelmente pensando no trabalho da faculdade ou na próxima consulta ao dentista, os seios ligeiramente empinados à frente, o profissionalismo, o ligeiro estremecimento que era a única coisa que traía sua necessidade de se mexer durante a longuíssima pose.

— Não, obrigado — disse eu ao sujeito na porta, mas minha voz parecia abafada pela idade e pelo constrangimento.

Se ele não me convidara a entrar, não me entregara nenhum tipo de folheto, então por que eu falava com ele? Segurei firme a biografia embaixo do braço e fui em frente, depois virei na esquina seguinte para não precisar passar de novo por ele — por ele e sua porta festiva. Será que ele já estava tão acostumado com os espetáculos e o som da casa que não achava desagradável nem sacrificatória a obrigação de ficar sentado do lado de fora, no escuro, perdendo aquilo tudo? Será que, enfim, seus pensamentos vagavam, fazendo-o ficar entediado até mesmo com o que deveria excitá-lo?

Na casa silenciosa dos Hadley, fiquei horas acordado naquela cama de solteiro ao lado da outra vazia, percebendo e ouvindo os pinheiros, as cicutas, o rododendro roçando na janela entreaberta, a montanha verdejante ali fora na noite, a natureza florescente que parecia não me incluir. E quando, perguntava meu corpo agitado à minha mente fervilhante, eu concordara em ser excluído?

Parado no pórtico de Kate na manhã seguinte, eu não me sentia ainda mais constrangido, mas com uma espécie de intimidade, estava à vontade mesmo, como se tivesse chegado para ver uma velha amiga ou como se eu mesmo fosse um velho amigo, subindo para tocar a campainha. Ela atendeu prontamente, e, de novo, foi como entrar no cenário de uma peça, só que eu já tinha visto o espetáculo uma vez e sabia onde estariam todos os acessórios usados na produção. Hoje, o tempo estava claro, e o sol inundava a sala. Só havia duas coisas diferentes: a primeira, uma bacia com flores flutuando, cor-de-rosa e brancas, arrumada com cuidado na mesa ao lado das janelas; e a própria Kate, que usava uma blusa de algodão cor de açafão por cima do jeans, com as mesmas joias de turmalina. Na véspera, eu achara que seus olhos eram azuis; agora, eram turquesa, arregalados e límpidos. Ela sorriu, mas foi um sorriso reservado e educado, de quem acusava a chegada de um problema, e o problema era eu, a insistência da minha presença em sua casa, minha necessidade de lhe fazer mais perguntas sobre o marido que já não morava mais ali.

Quando terminou de servir nosso café, ela se sentou no sofá em frente a mim.

— Acho que devíamos nos programar para concluir isso hoje — disse ela com suavidade, como se tivesse estudado a maneira de falar aquilo sem ferir meus sentimentos ou revelar os seus.

— Sim, claro — disse eu, para mostrar que podia entender prontamente uma indireta. — Claro. Você já foi muito hospitaleira. Ademais, devo voltar para Washington amanhã à noite, se possível.

— Então não vai à faculdade?

Ela equilibrou a xícara no pequeno Joelho Bem-feito, como se me mostrasse como se podia fazer isso. Seu tom era cortês, coloquial. Perguntei-me se hoje eu conseguiria menos dela, e não mais.

— Acha que eu devia ir? O que eu encontraria lá?

— Não sei — admitiu. — Tenho certeza de que há ainda muita gente por lá que conheceu Robert, mas eu não me sentiria bem intermediando seu contato com essas pessoas. E duvido que ele demonstrasse muito seus estados de espírito na escola. Mas seu melhor quadro está lá. Devia estar num museu de primeira linha. Ele devia ter vendido bem esse quadro. Não sou a única que o considera sua melhor obra, embora nunca tenha gostado muito dele.

— Por quê?

— Vá vê-lo pessoalmente.

Fiquei ali sentado, observando sua presença pequena e elegante à minha frente. Achei que precisava saber como a doença de Robert começara a se manifestar, e o tempo se esgotava. E eu precisava, ou pelo menos desejava, saber quem era a musa de cabelos escuros dele.

— Gostaria de continuar com sua história de ontem? — perguntei-lhe com a maior delicadeza possível.

Se essa história não levasse logo a informações sobre o início dos problemas dele e sobre o tratamento que se seguiu, eu poderia conduzi-la cuidadosamente para aquelas questões mais importantes quando ela estivesse animada pelo calor do momento. Acenei com a cabeça sem falar nada, embora ela ainda não tivesse aberto a boca. Lá fora, um cardeal pousou ao sol; um galho balançou.

CAPÍTULO 19

KATE

Nossa vida em Nova York se arrastava, ou passava num piscar de olhos. Moramos em três lugares diferentes em cinco anos — primeiro, por algum tempo em meu apartamento, no Brooklyn, e depois disso num quarto minúsculo na 72 Oeste, perto da Broadway, um armário com uma bancada de cozinha dobrável dentro de um armário menor, e, finalmente, no último andar abafado de um prédio no Village. Adorei todas essas casas, as lavanderias, os armazéns e até os sem-teto da vizinhança — tudo, tudo em torno que era familiar.

Então, um dia, acordei e pensei: *Quero me casar. Quero ter um filho*. Foi mesmo simples assim — uma noite, fui me deitar jovem e livre, despreocupada, desdenhando a vida convencional dos outros, e, no dia seguinte, às seis da manhã, quando levantei para tomar banho e me vestir para ir para meu trabalho de editoração da época, eu era outra pessoa. Ou talvez a ideia tenha me ocorrido num momento entre eu secar o cabelo e vestir a saia — *Quero me casar com Robert e ter uma aliança no dedo e um filho, e o filho vai ter o cabelo encaracolado de Robert e minhas mãos e pés pequenos, e a vida será melhor do que jamais foi*. Era como se essa visão de repente fosse tão real para mim que tudo o que eu tinha a fazer era cobrir o último pedacinho de chão e torná-la realidade e aí eu seria plenamente feliz. Não me passou pela cabeça apenas engravidar e ter um filhinho fruto do amor livre — como minha mãe poderia ter dito com algum humor — em Manhattan. Eu associava filho com casamento, casamento a longo prazo, filhos crescendo em velocípedes e gramados verdes — afinal de contas, era isso que eu conhecia da minha infância. Eu queria ser como minha mãe,

abaixando-se para nos calçar as meias e amarrar nossos sapatinhos vermelho-escuros. Eu até queria usar os vestidos da juventude dela, que exigiam que a gente se agachasse com as pernas dobradas bem juntas de lado. Eu queria uma árvore com um balanço no quintal.

E assim como não me passaria pela cabeça produzir um filho antes de ter uma aliança no dedo, nunca me passou pela cabeça criar um filho na cidade acachapante que eu começara a adorar. É difícil explicar essas ideias, por causa da certeza que eu tinha de não querer outra coisa senão essa vida de Manhattan, pintar e encontrar os nossos amigos nos cafés depois do trabalho e conversar sobre pintura e ver Robert pintar com aqueles calções azuis daquele algodão grosso Oxford no estúdio de um amigo tarde da noite enquanto eu desenhava na minha prancheta, e depois me levantar no dia seguinte, bocejando antes do trabalho, despertando na caminhada para o metrô sob as árvores raquíticas. Esta era minha realidade, e aquelas pessoinhas de cabelo encaracolado que ainda nem existiam, que nem sequer tinham direito às minhas fantasias, me diziam para abandonar isso tudo. E, anos depois, elas são a única coisa — o fato de as termos gerado, apesar de todo o sofrimento, do medo, apesar de eu ter perdido Robert, apesar da superpopulação deste pobre planeta e da culpa que eu sentia por ter contribuído para aumentá-la — meus filhos são a única coisa da qual nunca me arrependi.

Robert não quis abrir mão de nada daquela vida que levávamos em Nova York. Acho que foi a persuasão do corpo que o levou a desmanchá-la, com o pretexto de que era por minha causa. Os homens também adoram fazer filhos, embora digam que não sentem a mesma coisa que as mulheres. Acho que ele foi atraído pela paixão que eu sentia por tudo aquilo. Ele não queria muito viver numa cidadezinha verde nem trabalhar numa faculdade pequena, mas acho que sabia também que mais cedo ou mais tarde a vida de pós-graduados que montamos daria lugar a algo mais. Ele já tinha se dado bem, tinha feito uma exposição com um colega de departamento da faculdade, vendido uns quadros no Village. A mãe

dele, uma viúva que morava em Nova Jersey, que ainda lhe tricotava suéteres e coletes e o chamava de Bobi com aquele sotaque francês, decidira que ele seria um grande artista — ela de fato começou a lhe mandar a parte da herança do pai que cabia a ele para que ele a usasse para pintar.

Acho que Robert se sentia invencível, com aquela sorte de principiante. Era talento de principiante também. Quem via o trabalho dele parecia reconhecer o talento — gostasse ou não do seu tradicionalismo. Ele lecionava para uma turma de primeiranistas na escola onde se formara e, dia após dia, produzia aqueles quadros da fase inicial que agora estão em muitas coleções — eles são maravilhosos, sabe. Eu ainda acho.

Na época em que propus ter filhos, Robert estava trabalhando no que chamava, de forma bem grave, sua série Degas — as jovens se aquecendo na barra na School of American Ballet, graciosas e eróticas, mas não exatamente eróticas, alongando os braços e pernas finos. Ele passou horas no Metropolitan Museum naquele inverno, estudando as bailarazinhas de Degas, porque queria que as dele fossem iguais e ao mesmo tempo diferentes. Cada tela dessa série de Robert continha uma ou duas anomalias — um pássaro enorme tentando entrar pela janela do estúdio de balé atrás das bailarinas, ou um pé de gingko crescendo na parede e se refletindo nos espelhos sem-fim. Uma galeria no Soho vendeu duas delas e pediu mais. Eu também estava pintando, três vezes por semana depois do trabalho, chovesse ou fizesse sol — lembro-me da disciplina que eu tinha na época, da noção de que eu poderia não ser tão boa quanto Robert, mas que meu trabalho melhorava a cada semana. Às vezes, nas tardes de sábado, levávamos nossos cavaletes para o Central Park e pintávamos juntos. Estávamos apaixonados — se fazíamos amor duas vezes por dia nos fins de semana, por que não fazer um filho? O meu novo jeito de fazer amor com ele o cativou, tenho certeza, uma vez que ele dava a maior importância a essa parte da nossa vida e estava intrigado com a sensação da passagem de uma semente entre nós, do florescimento iminente da nossa ligação.

Casamo-nos numa capela da rua 20. Eu queria ir a um juiz de paz, mas em vez disso, tivemos um modesto casamento católico para agradar à mãe de Robert. Minha mãe veio de Michigan com minhas duas melhores amigas do ensino médio, e ela e a mãe de Robert gostaram uma da outra e sentaram-se juntas durante aquela missa um tanto estranha, duas viúvas, a mãe de Robert me aceitando como uma segunda filha. Minha sogra fez um suéter para mim de presente de casamento, o que, quem ouve, pode achar horrível, mas que, durante anos, foi um dos meus tesouros — *off-white*, com uma gola fofa como uma flor de dente-de-leão. Gostei dela de cara. Era uma mulher alta, magra e alegre, que me aprovou sei lá por que e se convenceu de que as dez ou doze palavras que eu falava da língua materna dela poderiam se transformar em fluência, se eu me esforçasse o suficiente. O pai de Robert, um funcionário do governo que trabalhou na implementação do Plano Marshall, a havia tirado de uma Paris do pós-guerra, que ela não parecia lamentar ter abandonado. Ela nunca voltara e sua vida inteira girava em torno do trabalho de enfermagem para o qual fora treinada nos Estados Unidos, além de seu filho prodígio.

Robert não me pareceu mudado pela cerimônia nem pelo ato do casamento, demonstrava estar descomplicadamente feliz ali ao meu lado, alheio ao fato de estar de terno, com a única gravata que possuía toda torta em cima da camisa, as unhas sujas de tinta. Esquecera-se de cortar o cabelo, coisa que eu particularmente queria que ele fizesse antes de comparecermos perante a um padre católico e minha mãe, mas pelo menos ele não perdeu a aliança. Observando-o quando pronunciámos os votos pouco familiares, achei-o igual — ele mesmo, eternamente ele mesmo, poderia muito bem estar comigo e com nossos amigos em pé no nosso bar preferido, tomando mais uma cerveja e discutindo problemas de perspectiva. E eu estava desapontada. Eu quisera que, ali, de pé ao meu lado, ele estivesse diferente — transformado até, pela nota de abertura desta nova fase de nossas vidas.

Após a cerimônia, fomos a um restaurante no coração do Village e lá encontramos a nossa turma — todos pareciam inusitadamente

asseados, e algumas das mulheres usavam salto alto. Meus irmãos também estavam lá, vindos do Oeste. Todos tinham uma atitude formal, e nossos amigos apertavam as mãos de nossas mães ou até lhes beijavam. Depois de algumas rodadas de vinho, os colegas de Robert começaram a fazer brindes picantes, o que me preocupou. Mas em vez de se chocarem, nossas mães, sentadas lado a lado, riram como duas adolescentes, as bochechas vermelhas. Fazia tempo que eu não via minha mãe tão feliz. Senti-me um pouco melhor.

Robert só se deu o trabalho de se candidatar a empregos em outro lugar depois que passei vários meses lhe pedindo que fizesse isso — agora eu queria que encontrássemos aquela cidade aconchegante com as casas que algum dia poderíamos ter dinheiro para comprar. Aliás, na verdade, ele não se candidatou. Um emprego em Greenhill lhe caiu nas mãos graças a um de seus professores que, após Robert ter passado de surpresa no escritório dele para convidá-lo para almoçar, lembrou-se, durante a refeição, de um trabalho sobre o qual acabara de ouvir falar e para o qual poderia recomendar Robert — esse professor tinha um velho amigo, escultor e ceramista, que lecionava em Greenhill. Era um ótimo lugar para um artista, disse ele a Robert no almoço: a Carolina do Norte estava cheia de artistas vivendo a vida simples e real, limitando-se a fazer a sua arte. Além disso, a Faculdade Greenhill tinha ligações com a antiga Faculdade Black Mountain porque alguns dos alunos de Josef Albers saíram de lá quando ela acabou, e então fundaram um departamento de arte na Greenhill — seria perfeito, e Robert poderia pintar. Talvez eu também pudesse, imagine só; o clima era bom, e... — bem, ele mandaria uma carta recomendando Robert.

Na verdade, Robert consegue quase tudo na vida assim, por sorte, e, em geral, ele tem sorte. O policial lhe perdoa o excesso de velocidade e reduz a multa de cento e vinte dólares para vinte e cinco dólares. Ele envia um pedido de bolsa com atraso e consegue a bolsa, além de uma bolsa extra para o equipamento. As pessoas adoram fazer coisas para ele porque ele parece tão feliz mesmo

sem a ajuda delas, tão alheio às próprias necessidades e ao desejo delas de ajudá-lo. Nunca entendi isso. Achava que ele era meio malandro, que enganava as pessoas sem querer, mas passei a achar, às vezes, que isso simplesmente é uma compensação da vida pelo que falta nele.

Eu estava grávida quando nos mudamos para Greenhill. Assinalei para Robert que todos os grandes amores da minha vida começaram com vômitos. Na verdade, eu não conseguia pensar em outra coisa. Embalei tudo que tinha no nosso apartamento do Village e doei muita coisa para os amigos que estavam ficando (estavam ficando para trás, pensei eu com pena) naquela nossa antiga vida. Robert havia dito que chamaria alguns deles para nos ajudar a carregar a picape que alugamos, mas se esqueceu, ou eles se esqueceram, e acabamos contratando uns adolescentes na rua para descer com a mudança do nosso prédio sem elevador. Eu embalara tudo sozinha, porque ele teve um monte de coisas de última hora para fazer na escola ou no ateliê. Quando o apartamento ficou vazio e fizemos uma faxina para que o senhorio não retivesse o nosso depósito, Robert passou no ateliê e desceu com caixas de material de pintura e braçadas de telas. Não embalou uma única peça de roupa dele, uma única panela, percebi depois — só aqueles artigos essenciais do ateliê dele. Fui junto para esperar na picape e dar uma volta no quarteirão, caso a polícia ou a controladora do parquímetro aparecesse.

Enquanto esperava no carro, o sol de agosto batendo no volante, eu afagava minha barriga, que já estava grande, não por causa do bebê, que segundo os gráficos da clínica era do tamanho de um amendoim, mas sim porque eu comia e vomitava, porque agora vivia mole, preguiçosa, sem disposição para mantê-la contraída. Quando deslizei a mão naquele ponto, senti um desejo delicado por quem crescia lá dentro, pela vida diante de nós. Não era um sentimento que eu já tivesse tido antes — era escondido até de Robert, principalmente porque eu não conseguiria explicá-lo nem a

ele. Quando Robert desceu com o último carregamento de caixas mambembes, o último cavalete, olhei através da janela da picape para ele e vi que estava alegre e cheio de uma energia e de uma segurança que não tinham nada a ver comigo. Ele não estava pensando em nada senão em empilhar aquelas partes da sua vida antiga para acomodá-las na caçamba do carro, junto com a nossa triste mobília. Naquele momento, mais que em qualquer outro, senti o começo de um erro, e foi como se meu filho estivesse me dizendo baixinho: *Será que ele vai tomar conta da gente?*

5 de novembro de 1877

Mon cher oncle,

Por favor não leve a mal eu não lhe ter respondido antes: seu irmão, seu sobrinho e duas das criadas estiveram muito gripados — quase a casa toda, em resumo — e andei muito ocupada por conta disso. Não há nada de sério com que se preocupar, realmente, senão, eu lhe teria escrito muito antes. Todo mundo está se recuperando, e seu irmão voltou a dar seus passeios no Bois com o criado. Tenho certeza que Yves irá hoje com ele; como o senhor, ele sempre leva a sério a saúde de Papa. Já acabamos há muito tempo o livro que mandou, e estou lendo Thackeray para mim mesma e também em voz alta para Papa. Não posso lhe mandar muitas novidades, pois estou muito ocupada, mas penso no senhor com carinho...

Béatrice de Clerval

CAPÍTULO 20

KATE

Paramos para almoçar alguns quilômetros ao norte de Washington, saindo da estrada numa parada destinada à recreação e esticando as pernas. Eu começava a ficar com cãibra só de pensar nelas. O local tinha mesas de piquenique e um bosque de carvalhos — Robert verificou se havia sujeiras de cachorros no chão e então se deitou para dormir. Ele chegara em casa tarde, pois ficara embalando as coisas do ateliê, e ainda demorou para se deitar, aparentemente porque estava desenhando algo e bebendo conhaque, cujo cheiro pude sentir em seu hálito quando ele desabou nos lençóis ainda não embalados da nossa cama. Eu deveria estar dirigindo, pensei, para não correr o risco de ele adormecer ao volante.

Eu estava aborrecidíssima — afinal de contas, estava grávida, e por acaso ele tinha ajudado com algum dos preparativos, sequer com o que havia de mais simples, que seria dormir o suficiente antes de uma viagem longa e difícil? Estendi-me ao seu lado na relva sem me encostar nele. Eu estaria cansada demais para dirigir no fim do dia, mas se ele dormisse agora poderia ser capaz de assumir o volante de novo quando eu apagasse. Ele usava uma camisa amarela velha com o colarinho desabotoado e franzido de forma irregular do lado direito — provavelmente uma de suas compras de bazar —, feita de um tecido que já fora de boa qualidade e agora o uso deixara bastante frágil. Havia um pedaço de papel metido no bolso de sua camisa, e, ali, deitada sem mais nada para fazer, mas sem querer acordá-lo, estiquei o braço com cuidado e puxei o papel. Devia ser um desenho, claro, e era.

Desdobrei-o — era feito com habilidade, a lápis, o esboço de um rosto de mulher.

Na mesma hora me dei conta de que eu nunca a vira antes. Eu conhecia as amigas que ele usara como modelos no Village, e as meninas bailarinas cujos pais haviam assinado termos dizendo que Robert poderia desenhá-las ou pintá-las, e eu conhecia as improvisações do cérebro dele. Essa mulher era uma estranha para mim, mas Robert a compreendia bem — essa ideia saltou da página em cima de mim. Ela olhava para mim como teria olhado para Robert, sob a mão dele — com reconhecimento, os olhos luminosos, o olhar sério e amoroso. Eu sentia o olhar de artista com que ele a via. O talento dele e a cara dela eram indistinguíveis, no entanto ela era uma mulher de verdade, alguém de nariz e maçãs do rosto delicados, queixo um pouco quadrado demais, cabelo escuro, amassado e encaracolado como o de Robert, boca quase sorrindo mas os olhos intensos. Aqueles olhos ardiam na página — eram grandes e luminosos e não tentavam se disfarçar. Aquele era o rosto de uma mulher apaixonada. Eu mesma me senti atraída por ela. Ela era uma pessoa que parecia que a qualquer momento ia tanto encostar a mão no seu rosto quanto de repente falar.

Eu sempre tivera certeza da dedicação de Robert a mim, tanto por ele não prestar atenção ao que o cercava como por ele ser uma pessoa intrinsecamente responsável. Estudando aquele rosto, desenhado com amor, fiquei morta de ciúmes e me senti pequena, degradada pela minha própria insistência de que Robert era meu. Ele era meu marido, a pessoa com quem eu partilhava minha casa e minha alma, o pai da plantinha que crescia no meu solo confuso, o amante que me fizera adorar seu corpo sem inibição após meus anos de relativa solidão, aquele por quem eu abandonara o meu eu antigo. Quem era ela, essa maria-ninguém? Será que ele a conhecera na escola? Será que ela era uma das alunas dele, ou uma jovem colega? Ou será que ele simplesmente andara copiando algum desenho, o trabalho de outra pessoa? O rosto não era jovem, na verdade. Ele dizia antes que idade não era problema uma vez que a questão da beleza havia sido tão plenamente respondida.

Será que ela era mesmo mais velha que Robert, que era mais velho que eu? Talvez fosse uma modelo por quem ele havia sentido uma afinidade especial mas em quem nunca tocara e, portanto, se eu o acusasse de fazer isso, só estaria me depreciando. Ou será que ele tocara nela além de desenhá-la e achara que eu não entenderia, porque eu não chegava a ser uma artista?

Então me dei conta, com raiva, de que havia três meses que eu não pegava num lápis nem num pincel, desde que engravidara e desde que começara a embalar as coisas físicas e práticas de nossas vidas e lhes fazer uma faxina. Eu não sentia falta disso, o que era pior. Os últimos meses do meu trabalho haviam sido frenéticos, e minha vida doméstica, exaustivamente cheia de planejamentos e execuções. Será que Robert andara fora de casa desenhando essa beldade enquanto eu estava ocupada em organizar tudo? Quando e onde ele a conhecera? Sentada na relva bem-cortada do posto de serviços, sentindo gravetos e formigas através do meu vestido fino, a cabeça e os ombros sob a sombra relaxante dos carvalhos, fiquei me perguntando o que eu devia fazer.

Finalmente tive a resposta. Eu não queria fazer nada. Se pensasse bem, eu poderia me convencer de que ela era um ser da imaginação dele, uma vez que ele às vezes desenhava também a partir de suas ideias. Se fizesse perguntas capciosas a Robert, eu me tornaria menos desejável a seus olhos. Essas perguntas poderiam me transformar na mulher grávida, chata e paranoica, especialmente se a figura nada significasse; ou ainda, se eu encontrasse algo que eu não quisesse saber, simplesmente não quisesse saber, não queria que estragasse nossas vidas novas.

Se ela estivesse em Nova York, já a estávamos deixando, e se Robert voltasse lá por qualquer razão, eu iria com ele. Tornei a dobrar o rosto encantador e metê-lo no bolso de Robert. Ele dormia tão profundamente que era possível sacudi-lo ou falar durante um bom tempo com ele sem obter qualquer resposta, portanto, não temi acordá-lo.

A viagem para a Carolina do Norte no dia seguinte foi espetacular — eu estava dirigindo e gritei de felicidade, então me virei para Robert e o acordei. Chegamos pelo lado norte de Greenhill, por um longo caminho no Blue Ridge, e pegamos uma estrada menor para a Faculdade Greenhill. A faculdade realmente fica na cidade de Shady Creek, num espinhaço chamado os Craggies. Robert passara pela região em férias com os pais havia muito tempo, mas lembrava-se de muito pouco, e eu nunca havia estado tão ao sul. Ele quis dirigir nesse último trecho da viagem, e trocamos de lugar. Era o começo da tarde, e o interior parecia dormir ao sol, com suas grandes e antigas casas de fazenda, suas várzeas e árvores frondosas, as montanhas enevoadas ao longe, o súbito rugido do leito de um córrego embaixo de um rododendro, quando pegamos uma estrada secundária.

Robert diminuiu a velocidade numa curva, debruçou-se para fora da janela e apontou para uma placa entalhada: FACULDADE GREENHILL, FUNDADA COMO ESCOLA FAZENDA CRAGGY EM 1889. Fiz uma foto com a câmera que minha mãe me dera antes de eu me mudar para Nova York. A placa era emoldurada com pedras brutas cinzentas, e estava numa pradaria coberta de capins e samambaias com arbustos escuros logo adiante, uma trilha levando à mata. Era, pensei, como se tivéssemos sido convidados para um paraíso rústico — eu esperava ver Daniel Boone* ou alguém desse tipo sair da mata com sua espingarda e seu cão. Eu custava a acreditar que, na véspera, estávamos em Nova York, ou mesmo que Nova York existia. Tentei imaginar nossos amigos voltando do trabalho para casa a pé ou esperando dentro do metrô abafado, o barulho constante do tráfego, as vozes no ar. Isso já tinha acabado. Robert encostou o carro na beira da estrada e parou, saltamos sem falar. Ele foi até a placa entalhada à mão com suas letras cuidadosamente pintadas — feita por estudantes? Fiz uma foto dele de braços cruzados em triunfo encostado à placa, já um caipira. A picape estalava e fumegava na poeira.

— Ainda podemos dar meia-volta e volver — disse eu maliciosamente, para fazê-lo rir.

Ele riu.

— Para Manhattan? Está brincando?

* Nascido em 1734, foi dos primeiros heróis populares norte-americanos. Lutou na Guerra da Independência e é lembrado como um dos primeiros desbravadores de fronteiras, explorando as florestas ocupadas por povos indígenas. (*N. da T.*)

15 de novembro de 1877

Cher oncle et ami,

Por favor não pense que, pelo fato de não ter escrito, eu o esqueci! Seus bilhetes são muito carinhosos e alegram a todos, aprecio os que me enviou — sim, estou muito bem. Yves passará duas semanas em Provence, o que significa muitos preparativos na casa. O Ministério o está enviando para elaborar um plano para a agência dos correios que lhe será entregue no ano que vem. Papa está bastante aflito com a partida de Yves e diz que precisamos encontrar um jeito de fazer o governo dispensar aqueles que têm o pai cego de viajarem para longe. Ele diz que Yves é sua bengala e eu sou seus olhos. Talvez o senhor ache que isso é um fardo, mas não pense nisso nem por um minuto — jamais uma jovem teve sogro mais bondoso que o meu, como bem sei. Receio que ele definha sem Yves, mesmo por esse período relativamente curto, e não me atrevo a ir visitar minha irmã na ausência de Yves. Quem sabe o senhor vem nos alegrar uma noite dessas — na verdade, Papa vai insistir, tenho certeza! Enquanto isso, agradeço também os pincéis que me mandou no pacote. São os melhores que já vi, e Yves está contente de ver que terei um trabalho novo para fazer na ausência dele. Meu retrato da pequena Anne está pronto, assim como duas paisagens mostrando a aproximação do inverno, mas parece que não consigo começar nada que seja novo. Seus pincéis serão minha inspiração. O estilo natural moderno de paisagem me agrada imensamente, talvez mais do que ao senhor, e tento captá-lo, embora, naturalmente, não se possa fazer muita coisa nesta estação.

Enquanto isso, as melhores saudações daquela que o estima

Béatrice de Clerval

CAPÍTULO 21

MARLOW

Kate pousara a xícara de café, com aquele delicado padrão de amoras, numa mesa ao seu lado. Fez um gesto sutil, como se me pedindo para deixá-la parar de falar. Inclinei a cabeça, e imediatamente me recostei na cadeira; eu me perguntava se seus olhos estavam marejados.

— Vamos fazer um intervalo — disse ela, embora me parecesse que já estivéssemos fazendo um. Torci para que ela estivesse disposta a continuar. — Gostaria de ver o ateliê de Robert?

— Ele trabalhava muito em casa? Tentei não aceitar com muita sofreguidão.

— Bem, em casa e na escola — disse-me ela. — Principalmente na escola, claro.

Lá em cima, o hall central também fazia às vezes de pequena biblioteca, com um carpete desbotado e janelas que davam para aquele gramado espreado. Mais romances, coletâneas de contos, enciclopédias. Numa ponta, havia uma mesa equipada com material de desenho, lápis dentro de um vidro, um bloco grande aberto — aparentemente, um esboço de janelas feito por alguém. Será que isso finalmente deixava entrever Robert? Mas Kate me viu olhando.

— Meu lugar de trabalho — disse ela abruptamente.

— Você deve ler muito — arrisquei.

— Sim, Robert sempre achou que eu passava muito tempo lendo, na verdade. Muitos desses livros eram dos meus pais.

Então os livros eram dela, não dele. Vi várias portas, umas fechadas, outras abertas, deixando entrever quartos com camas bem-feitas. Num desses, finalmente, vi os brinquedos das crianças espalhados pelo chão. Kate abriu uma porta e me deixou entrar.

O aroma de álcoois minerais persistia ali, bem como o cheiro de óleos — eu me perguntei como uma dona de casa tão cuidadosa quanto ela aparentava ser (mais ainda que minha mãe) poderia tolerar aquele cheiro no andar de cima da casa. Talvez, como eu, ela na verdade o achasse agradável. Entramos sem falar; imediatamente aquele quarto me deu uma sensação lúgubre. O artista que trabalhara naquele aposento há não muito tempo não morrera, mas agora estava deitado numa cama longe dali, olhando para o teto de um centro psiquiátrico. Kate foi até os janelões e abriu uma série de venezianas de madeira e a claridade inundou o quarto, que devia ter sido escolhido por Robert exatamente por isso. O sol batia nas paredes, nas telas empilhadas num canto, numa mesa comprida, nas latas cheias de pincéis. E num belo cavalete regulável ainda com um quadro, quase acabado, um quadro que me deixou exaltado.

Além disso, as paredes estavam cobertas de reproduções de pinturas — principalmente cartões postais de museus e de todas as épocas da arte ocidental. Vi dezenas de obras que eu conhecia e muitas que eu não conhecia. Rostos, campinas, vestidos, montanhas, cisnes, montes de feno, frutas, navios, cães, mãos, seios, gansos, vasos, casas, faisões mortos, madonas, janelas, chapéus, árvores, cavalos, estradas, santos, moinhos de vento, soldados e crianças saltavam de cada pedacinho de parede. Os impressionistas predominavam; eu facilmente discernia um monte de reproduções de Renoir, Degas, Monet, Morisot, Sisley e Pissarro, embora houvesse outras imagens nitidamente impressionistas, que eu não conhecia.

O próprio aposento dava a impressão de que seu ocupante o abandonara de repente: havia um monte de pincéis duros de tinta — bons pincéis, desperdiçados — e um pedaço de pano manchado de tinta em cima da mesa. Ele nem terminara de limpar o material, meu paciente que tomava banho e se barbeava diariamente em plena instituição psiquiátrica. Sua ex-mulher estava parada no meio do aposento, com o sol batendo em seus cabelos cor de areia. Ela

resplandecia na claridade, com a beleza da juventude começando a diminuir, e — me deu a impressão — com raiva.

De olho nela, fui até o cavalete. Ali, o tema habitual de Robert lançava seu olhar fixo, a mulher dos cachos escuros, dos lábios vermelhos e dos olhos brilhantes. Ela usava um vestido que poderia ser uma camisola ou um robe fora de moda, uma vestimenta pregueada e azul-clara que era mantida no lugar por sua mão branca. Era um retrato vivo, romântico, altamente sensual — salvo do sentimentalismo, na verdade, por um erotismo aberto, o antebraço da mulher pressionando a curva de um de seus seios enquanto ela segurava seu robe para mantê-lo no lugar. Para minha surpresa, a mão que prendia a roupa também segurava um pincel, cuja ponta estava besuntada de cobalto, como se ela tivesse sido apanhada no meio da pincelada, trabalhando em alguma tela. O fundo parecia ser uma janela ensolarada, uma janela com o caixilho feito de pedra e folhas de vidro bisotado, preenchido ao longe com água azul-cinzenta e nuvens azuladas. O restante do fundo — o quarto onde se encontrava a mulher — estava inacabado, perdendo-se na tela nua no canto superior direito.

Aquele rosto me era bastante familiar, o cabelo escuro e vivo maravilhosamente encaracolado, mas dois aspectos deste retrato eram diferentes das imagens que Robert costumava pintar em seu quarto em Goldengrove. Um era o estilo, a pincelada, o realismo exacerbado; neste quadro, ele abandonara o tratamento às vezes primário que dava às obras, sua versão moderna do impressionismo. Era altamente realista, quase fotográfico em alguns pontos — a textura da pele, por exemplo, tinha a maciez do período medieval tardio, a atenção às superfícies delicadas. Lembrava-me, na verdade, os pré-rafaelitas e seus retratos detalhados de mulheres; tinha aquela qualidade mítica também, com o robe solto, a estatura e o esplendor de ombros largos da mulher. Uns cachos negros haviam escapado para lhe roçar a face e o pescoço. Eu me perguntava se ele realmente pintara o quadro a partir de uma fotografia; mas seria ele um pintor que costumava usar fotografias?

A outra coisa que me espantou — não que tenha me chocado, realmente — foi a expressão da retratada. Na maioria dos esboços do hospital, a mulher de Robert era séria, até sombria, ou pelo menos pensativa — às vezes, como já mencionei, enfezada. Aqui, numa tela que aparentemente ficava a maior parte do tempo no escuro, ela estava rindo. Eu nunca a vira rir. Apesar do *négligé*, não era uma risada licenciosa, mas um riso alegre, inteligente, de um espirituoso amor à vida, um movimento natural da boca encantadora que deixava entrever os dentes e os olhos faiscantes. Ela estava completamente, quase terrivelmente viva na tela; parecia prestes a se mexer. Ao vê-la, a vontade era de esticar o braço para tocar em sua pele realista — sim, o desejo era trazê-la para perto e ouvi-la rir em seu ouvido. Réstias de luz a iluminavam. Vou confessar: eu a desejei. Era uma obra-prima, um dos retratos contemporâneos mais esplendidamente concebidos e executados que eu já vira pessoalmente. Inacabada como estava, ela consumira — eu sabia só de olhar — semanas ou meses de trabalho. Meses.

Quando tornei a me voltar para Kate, não pude deixar de perceber o seu desdém.

— Também gosta dela, vejo — disse ela, e notei a frieza do seu tom. Ela parecia pequena e esgotada, até murcha, ao lado da dama na tela. — Acha que meu ex-marido é talentoso?

— Sem dúvida — respondi.

Percebi que falei mais baixo, como se ele pudesse estar bem atrás da gente, ouvindo — lembro-me da cara de desprezo que eu tantas vezes vira nele quando lhe falava de seus desenhos e pinturas. Robert e Kate podiam ter se separado em função de sua história difícil, mas ambos sabiam se mostrar amargos e cheios de desprezo, isso era certo. Perguntei-me se eles tinham se encarado com aquela expressão algumas vezes. Kate estava parada, olhando a mulher hiper-real no cavalete, que fitava radiante um ponto atrás de nós. De repente, achei que o retrato estava procurando Robert Oliver, seu criador, que ela também o via de pé atrás de nós. Quase me virei para conferir. Era aflitivo, e não lamentei muito quando Kate fechou as venezianas e a dama voltou a sorrir no lusco-fusco.

Saímos do quarto e Kate fechou a porta. Quando eu teria coragem de lhe perguntar a identidade da mulher no retrato? Quem posara para ele? Eu perdera a oportunidade; temi que, se eu perguntasse isso, ela parasse de falar comigo.

— Você deixou o ateliê como estava — comentei tão casualmente quanto pude.

— Deixei, sim — confessou ela. — Continuo com a intenção de fazer alguma coisa a esse respeito, mas nunca tenho muita certeza do quê. Não quero apenas colocar todas essas coisas num depósito ou jogar tudo fora. Quando Robert se acomodar em algum lugar, eu poderia lhe mandar esse material para ele começar um novo ateliê. Se algum dia ele se acomodar em algum lugar — ela evitou meu olhar. — As crianças vão precisar de quartos separados daqui a pouco. Ou talvez eu finalmente faça um ateliê para mim, coisa que nunca tive. Sempre me limitei a levar meu cavalete para fora de casa, mas isso significava trabalhar com bom tempo, e aí, tivemos as crianças — ela se interrompeu. — Às vezes, Robert me oferecia um canto do ateliê dele, ou dizia que ele poderia ir trabalhar na escola e me dar o ateliê dele aqui. Mas eu não queria um canto; e sem dúvida eu não queria que ele passasse ainda mais tempo na escola.

Algo no seu tom de voz me fez sentir que eu não devia perguntar por quê. Então fiquei calado, descendo as escadas atrás dela. Suas costas, com aquela saia dourada, eram pequenas e retas, seu corpo controlado com firmeza, como se dissesse para eu não me atrever a sentir qualquer desejo ou mesmo curiosidade, como se fosse me dirigir aquela hostilidade digna no minuto em que eu deixasse meus olhos passearem por ela. Olhei pela janela em vez disso, para uma faixa que lançava uma luz rosada na escadaria. Ela me conduziu à sala de estar e sentou-se em seu sofá com um olhar decidido. Entendi que queria dar continuidade à nossa tarefa, e sentei-me em frente a ela tentando me concentrar.

14 de dezembro

Mon cher oncle,

Tivemos, sim, um pouquinho de vida social ontem à noite, e lamentei que não tenha podido aproveitá-la conosco; além dos amigos de sempre, Yves trouxe para casa com ele Gilbert Thomas, um pintor de família excelente que dizem ser talentoso — embora tenha sido recusado no Salon ano passado e tenha levado isso a mal. M. Thomas deve ter uns dez anos mais que eu — talvez uns trinta e muitos. É encantador e inteligente, mas às vezes tem certo rancor que não me agrada muito, especialmente quando fala de outros pintores. Teve a delicadeza de pedir para ver meu trabalho, e acho que Yves imaginou que ele, como o senhor, poderia me ajudar. Ele pareceu genuinamente impressionado com meu retrato da pequena Marguerite, a nova criada de quem lhe falei, de tez muito alva e cabelos muito dourados, e confesso que foi envaidecedor ouvir alguém elogiá-lo. Ele disse achar que eu poderia fazer coisas ótimas, dado o meu talento, e louvou a minha representação da figura. Achei-o simpático, então, se bem que um pouco seguro de si (eu não diria pretensioso, para que o senhor depois não me recrimine o esnobismo). Ele e o irmão pretendem fundar uma grande galeria de leilões, e ousou dizer que ele gostaria de expor o seu trabalho lá. Prometeu a Yves voltar um dia com o irmão, e o senhor também deve vir, se for o caso.

Havia também um homem encantador no grupo, M. Dupré, outro artista, que trabalha para os jornais ilustrados. Andou no interior da Bulgária, onde recentemente houve uma revolução. Ouvi-o dizer a Yves que conhecia o seu trabalho. Ele nos trouxe algumas de suas gravuras, que são muito detalhadas e mostram batalhas e escaramuças de todo tipo, com cavalaria, uniformes

magníficos — e, às vezes, cenas mais calmas com aldeões em trajes típicos. M. Dupré diz que se trata de um país montanhoso, bastante inseguro no momento para jornalistas, mas cheio de panoramas dramáticos. Ele está fazendo uma série que chama de “Les Balkans Illustrés”. Na verdade, ele é casado com uma moça búlgara que atende pelo nome encantador de Yanka Georgieva, a quem levou a Paris para aprender francês — ela estava indisposta e não pôde estar presente nessa noite, mas ele anotou o nome dela para mim. Desejei poder conhecer esses lugares. Na verdade, aqui está bem aborrecido com Yves trabalhando tanto ultimamente e foi bom dar um jantar aqui em casa. Espero muito que venha se unir a nós da próxima vez.

Preciso ir agora, mas aguardo ansiosa quaisquer linhas que possa enviar àquela que o estima

Béatrice de Clerval

CAPÍTULO 22

KATE

Nossa nova moradia era um grande chalé verde providenciado pela universidade. Após o início das aulas, Robert passava mais tempo fora de casa que nunca, e também estava pintando no sótão de casa à noite. Como não gostava de ir lá em cima por causa dos odores, eu não me aproximava. Estava passando por uma fase de preocupação constante com o bebê, talvez por ter começado a senti-lo se mexer e chutar — “sentindo a vida”, conforme uma das mulheres casadas que faziam parte do corpo docente me disse. Quando ele não se mexia, eu tinha certeza de que estava doente ou, mais provavelmente, morto. Eu já não comprava banana quando ia ao armazém na nossa nova lata-velha por ter lido que essa fruta continha uma substância química horrível que podia causar defeitos congênitos. Em vez disso, eu ia de vez em quando a Greenhill com uma grande cesta e a enchia de frutas e iogurtes orgânicos que ultrapassavam um pouco o nosso orçamento. Como mandaríamos um filho para a faculdade se nem podíamos pagar por uvas saudáveis?

Aquilo tudo era um enigma para mim. Eu já tornara a perder as esperanças de vir a ser qualquer coisa senão uma péssima mãe, entediada e impaciente, me enchendo de Valium. Desejei que nunca tivéssemos conseguido conceber — desejei isso com nobreza, pelo bem do pobre bebê que simplesmente precisaria tirar o melhor partido de mim e de seu destino miserável com um pai artista — Meu Deus, talvez o esperma dele tivesse sofrido uma mutação por causa de todos aqueles vapores que ele inalava. Eu não pensara nisso antes. Deitava na nossa cama com um livro e chorava. Eu precisava de Robert e, quando jantávamos juntos, eu lhe contava

todos os meus temores e ele me abraçava, me beijava e insistia em que não havia qualquer motivo de preocupação, mas, depois do jantar, ele tinha uma reunião no Departamento de Arte, porque eles estavam para contratar um novo especialista em artesanatos de montanha. Eu parecia estar sempre carente dele, e ele parecia não ligar muito para isso.

Na verdade, Robert passava cada vez mais tempo no sótão quando não estava lecionando, e provavelmente por isso eu tenha custado a saber sobre seu sono. Uma manhã, reparei que ele não havia descido para tomar café, e vi que devia ter passado a noite inteira pintando, como às vezes gostava de fazer, e fora se deitar com o sol nascendo — não era raro eu acordar e ver seu lado da cama vazio nessas ocasiões, porque ele colocara um sofá velho no sótão logo depois que nos mudamos. Naquele dia específico, ele apareceu por volta do meio-dia, o cabelo arrepiado do lado direito. Almoçamos juntos, e ele foi para suas aulas da tarde.

Acho que me lembro daquele dia principalmente porque poucos dias depois, recebi pela manhã um telefonema do Departamento de Arte. Estavam telefonando para saber se Robert estava bem, porque seus alunos tinham dito que por duas vezes seguidas ele faltara à aula da manhã. Tentei me lembrar do horário dele naqueles últimos dias, mas não consegui — vivia confusa e cansada, com a barriga tão grande que mal conseguia me abaixar para fazer a cama. Eu disse que perguntaria a ele quando o visse, mas que achava que ele não estava em casa.

A verdade era que eu tinha acordado tarde e presumi que ele tivesse saído de casa antes de eu acordar, embora agora eu já começasse a ter minhas dúvidas quanto a isso. Fui até o pé do pequeno lance de escada que levava ao sótão de Robert e abri a porta. A escada me pareceu o Monte Everest, mas levantei um pouco o vestido e comecei a subir. Ocorreu-me que isso poderia provocar o trabalho de parto, mas, se provocasse, e daí? Eu já estava na zona de segurança, ou antes, o bebê estava — a

enfermeira-obstetriz me dissera alegremente na semana anterior que eu poderia ter o bebê “quando quisesse”. Eu estava dividida entre o desejo de ver a cara de nosso filho ou filha e o de adiar o momento inevitável em que meu bebê me olharia nos olhos e saberia que eu não tinha ideia do que estava fazendo.

Não havia porta no alto da escada, e deu para ver o sótão todo quando subi o último degrau. Duas lâmpadas pendiam do teto, e estavam acesas. Um meio-dia triste entrava pela claraboia. Robert dormia no sofá, um dos braços pendendo em direção ao chão, a mão torcida ao contrário, graciosa e barroca. Tinha o rosto escondido nas almofadas. Consultei o relógio — eram 11h35. Bem, provavelmente ele trabalhara até o dia raiar. Seu cavalete estava de costas para mim, e o cheiro de tinta ainda era forte. Tive ânsias de vômito, como se as perturbações estomacais do primeiro trimestre tivessem voltado, e, em vez vomitar, dei meia-volta e descí a escada. Deixei-lhe um bilhete na bancada da cozinha dizendo que ligasse para o departamento, almocei alguma coisa, e saí para dar uma volta com minha amiga Bridgette. Ela também estava grávida, do segundo filho, embora não tão barriguda quanto eu, e havíamos prometido uma a outra caminhar pelo menos três quilômetros por dia.

Quando cheguei em casa, a prova de que Robert tinha almoçado estava na mesa e o bilhete sumira. Ele me ligou dizendo que precisava ficar até mais tarde para uma reunião com os alunos e talvez jantasse na faculdade. Fui jantar no refeitório, mas ele não apareceu. Sonhei três noites seguidas com a escada do sótão rangendo. Às vezes, eu rolava na cama e o encontrava a um palmo de mim. Às vezes, eu acordava tarde e ele não estava. Eu esperava o bebê e esperava Robert, embora o bebê me preocupasse mais. Acabei começando a me preocupar com a possibilidade de entrar em trabalho de parto numa hora em que não conseguisse encontrar Robert. Rezei para que ele estivesse pintando no sótão ou dormindo quando viessem as dores, e que eu conseguisse chegar até o pé da escada para gritar por ele.

Uma tarde, depois que eu tinha voltado da caminhada, que parecia ter sido de trinta quilômetros, o departamento ligou de novo. Lamentavam perguntar, mas será que eu havia visto Robert? Eu disse que iria encontrá-lo. Quando fiz a contagem regressiva, pareceu-me que ele não dormia em casa havia dias, pelo menos não em nossa cama, e que ele mal estivera em casa. Por vezes eu ouvira a escada ranger à noite e presumira que ele estivesse pintando com furor talvez tentando terminar um trabalho extra antes da chegada do bebê. Tornei a subir, e, no sótão, encontrei-o estirado de costas, respirando lenta e profundamente, até roncando um pouco. Eram quatro da tarde e eu não sabia ao certo se ele havia se levantado naquele dia. Será que sabia que tinha aulas para dar, uma mulher com uma barriga gigantesca para sustentar? Fiquei com raiva e me arrastei rumo ao sofá para sacudi-lo a fim de despertá-lo, então parei. O cavalete estava virado na direção da claraboia, e eu acabara de entrevê-lo junto com os esboços que cobriam o chão.

Reconheci-a imediatamente, como se tivéssemos nos encontrando na rua depois de termos perdido contato por um tempo. Ela sorria para mim, a boca um pouquinho virada para baixo, os olhos brilhando, uma expressão que eu conhecia do esboço que eu tirara do bolso de Robert na parada da área de recreação da estrada meses antes. Era um retrato até a cintura, vestido. Dava para ver quão encantador também era seu corpo — esguio, forte, curvilíneo, os ombros um pouquinho mais largos do que se esperaria, o pescoço sinuoso. De perto, vi que havia uma indefinição na pintura, uma aspereza da superfície, embora as formas fossem reais e sólidas — Impressionismo, ou algo próximo a isso. Ela usava um vestido bege drapeado com listras vermelhas abaulando-se na frente para realçar o busto, um traje de outra época, um traje de estúdio, e seu cabelo estava apanhado no alto da cabeça com um laço de fita vermelha em volta — no meu tom favorito: carmim-alizarina — eu sabia exatamente o tubo que ele usara para aqueles detalhes. Os esboços no chão eram estudos para esse quadro, e entendi naquele instante que o quadro era um

dos melhores que Robert já havia pintado. Era elegante, mas também cheio de ação contida. Eu raramente havia visto uma expressão humana captada de forma tão brilhante — ela estava prestes a se mexer, a rir baixinho, a baixar os olhos sob a minha mirada.

Virei-me para o sofá furiosa, mas se estava irritada com a mulher no quadro, com o talento extremo de Robert ou com Robert dormindo enquanto ligavam do trabalho de que ele dependia para comprar iogurtes e fraldas, naquele momento eu não poderia dizer. Sacudi-o então. Enquanto fazia isso, lembrei-me de que ele me dissera para jamais o acordar assim — isso o assustava, dizia, porque uma vez ouvira uma história verdadeira sobre uma pessoa que perdera o juízo depois de acordar com um susto. Dessa vez, não me importei. Sacudi-o bruscamente, odiando seu ombro grande, seu alheamento, o mundo em que ele dormia e sonhava e pintava — e admirava outras mulheres, de cintura fina. Por que eu me casara com uma pessoa tão desleixada e egoísta? Ocorreu-me pela primeira vez que era tudo minha culpa, da minha falta de discernimento.

Robert se mexeu e resmungou.

— O quê?

— Como assim, o quê? — disse eu. — São quatro horas da tarde. Você perdeu as aulas da manhã. De novo.

Fiquei gratificada com a aflição dele.

— Merda — disse ele, sentando-se na cama com visível esforço. — Que horas você diz que são?

— Quatro — respondi secamente. — Está planejando manter o emprego, ou vamos criar essa criança na pobreza abjeta? É com você.

— Ah, para com isso. — Ele lentamente tirou os cobertores velhos de cima do corpo, como se cada um pesasse mais de vinte quilos. — Não há necessidade de me dar lição de moral.

— Não estou dando lição de moral — disse eu. — Mas o Departamento de Arte talvez dê, quando você retornar a ligação.

Ele me fuzilou com o olhar, esfregando a cabeça e o cabelo, mas nada disse, e eu senti um nó começando a me subir na garganta. Eu poderia ficar sozinha, do jeito que as coisas estavam — ou talvez já estivesse sozinha. Ele se levantou e calçou os sapatos e começou a descer a escada, enquanto eu ia atrás com cuidado, receando escorregar, sem equilíbrio, infeliz. Eu queria ficar o mais perto possível dele, beijar a parte de trás de sua cabeça de cabelos cacheados, segurar no seu ombro para não bambejar e cair, repreendê-lo e arranhar-lhe as costas com as unhas. Por um momento, até senti um lampejo de desejo físico há muito incorporado, uma consciência da intumescência dos meus seios e da minha cintura. Mas ele ia muito na minha frente, e agora eu o ouvia descer correndo para a cozinha. Quando cheguei, ele estava ao telefone.

— Obrigado, obrigado — dizia. — Sim, acho que foi só um vírus sem importância. Amanhã estou aí. Obrigado, tomo, sim. — Ele desligou.

— Você disse a eles que estava gripado?

Eu tinha tido a intenção de ir até ele, passar os braços em volta do seu pescoço, desculpar-me pelo mau gênio, fazer-lhe uma sopa, começar do zero. Afinal de contas, ele dava duro, pintava exaustivamente — obviamente estava cansado. Em vez disso, minha voz saiu monocórdia e desagradável.

— Não é da sua conta o que eu disse a eles, se vai falar comigo assim — respondeu ele, e abriu a geladeira.

— Você ficou acordado pintando?

— Claro que fiquei acordado pintando. — Para meu maior desgosto, ele pegou um vidro de pickles e uma cerveja. — Sou pintor, lembra?

— O que significa isso?

Agora eu cruzava os braços, sem querer. Eu tinha toda uma paciência para apoiá-los.

— Significar? Significa o que significa.

— Significa pintar a mesma mulher o tempo todo?

Eu esperara que ele se virasse para mim de cara feia, me dissesse friamente que não tinha ideia do que eu estava falando, que pintava qualquer coisa que estivesse pintando, qualquer coisa que sentisse necessidade de pintar. Para meu maior horror, em vez disso ele desviou o olhar, o rosto impassível, e começou a abrir a cerveja sem falar. Parecia ter esquecido o pickles. Não era a primeira vez que brigávamos naqueles quase seis anos em que estávamos juntos, nem mesmo naquela última semana, mas era a primeira vez que ele desviava o olhar.

Eu não podia imaginar nada pior que a expressão de culpa dele, aquele olhar evitando o meu, mas logo depois, aconteceu algo terrível: ele ergueu os olhos parecendo não me ver, fixando o olhar em um ponto justo acima do meu ombro e sua expressão amoleceu. Tive a sensação horrível e paulatina de que alguém aparecera na porta atrás de mim sem fazer ruído — o cabelo realmente foi eriçando na minha nuca. Esforcei-me para não me virar enquanto ele olhava, a expressão cega e gentil. De repente, eu temia saber mais. Se ele tinha se apaixonado por outra pessoa, eu logo descobriria. Eu só queria me deitar, abraçar meu bebê e descansar.

Saí da cozinha. Se ele perdesse o emprego por ser irresponsável, eu voltaria para Ann Arbor e iria morar com minha mãe. Meu bebê seria uma menina e nós três, de três gerações, iríamos simplesmente nos apoiar e tomar conta umas das outras até que minha filha crescesse e encontrasse uma vida melhor. Fui para o nosso quarto, me deitei na cama, que rangeu sob o meu peso, e me cobri com o edredom. Lágrimas de fraqueza me brotavam dos olhos e escorriam pelo rosto. Limpei-as com a manga de minha roupa.

Depois de alguns minutos, ouvi Robert se aproximar e fechei os olhos. Ele se sentou na beira da cama, fazendo-a bambejar mais.

— Desculpe — disse ele. — Não tive a intenção de ser mesquinho. Só ando realmente exausto por causa da faculdade e do trabalho à noite.

— Por que não diminui o ritmo, então? — perguntei. — Não vejo mais você. Enfim, parece que você passa quase o tempo todo

dormindo, e não trabalhando.

Olhei furtivamente para ele. Sua cara estava de novo normal. Pensei que eu devia ter me enganado a respeito daquele olhar estranho.

— Não à noite — disse ele. — Não consigo dormir à noite. Eu simplesmente pego um embalo, um embalo forte, e tenho a sensação de que preciso usar cada minuto dele. Estou pensando em fazer uma nova série, algo com muitos retratos, e simplesmente tenho a sensação de que não posso dormir enquanto não terminar uma parte dessa série. Então fico muito cansado e preciso dormir para me recuperar. Acho que passei três noites acordado.

— Você podia diminuir o ritmo — repeti. — Vai precisar diminuir quando o bebê chegar, de qualquer maneira — *o que poderia ser a qualquer minuto*, acrescentei para mim mesma, embora fosse muito supersticiosa para dizer isso em voz alta.

Ele afagou meu cabelo.

— Sim — concordou, mas a palavra parecia dita distraidamente, e senti que seu pensamento já não estava mais ali de novo.

Algumas de minhas amigas que já eram mães e se reuniam com seus filhos na caixa de areia haviam me contado que os maridos de vez em quando “piravam” antes da chegada do bebê — elas riam disso como se não fosse nada sério. “Mas quando veem *aquele* bebê...”, acrescentavam, e todo mundo fazia que entendia com um gesto de cabeça. Nitidamente, ver o bebê pela primeira vez colocava tudo em ordem. Talvez isso também colocasse Robert em ordem. Ele se tornaria uma pessoa matinal, pintaria em horas razoáveis, manteria o emprego, conseqüentemente, e iria se deitar quando eu me deitasse. Passearíamos com o carrinho e colocaríamos juntos o bebê para dormir à noite. Eu voltaria a pintar, e poderíamos trabalhar por turnos, nos revezar para tomar conta do bebê e pintar. Talvez pudéssemos deixar o bebê no nosso quarto por uns tempos para usar o segundo quarto como meu ateliê.

Pensei em como expor isso para Robert, como pedir isso, mas eu estava muito cansada para procurar as palavras. Ademais, se ele não fizesse essas coisas comigo e para mim de livre e espontânea

vontade, que tipo de pai seria? Preocupava-me o fato de ele nunca parecer ter ideia de quanto ou quão pouco dinheiro tínhamos — em geral quão pouco — ou de quando as contas venciam. Eu sempre as pagara eu mesma, lambendo os selos e colando-os retos no canto do envelope, sentindo-me satisfeita, mesmo sabendo que quando os cheques fossem depositados na outra ponta, nossa conta ficaria quase no vermelho. Robert apertou meu ombro.

— Vou voltar a pintar meu quadro — disse. — Acho que posso finalizá-lo amanhã se eu recomeçar agora.

— Ela é uma aluna?

Obriguei-me a perguntar isso, veementemente, temendo não ser capaz de perguntar depois.

Ele não pareceu espantado. Na verdade, nem pareceu registrar a pergunta; não havia culpa.

— Quem?

— A mulher no quadro lá em cima.

De novo, obriguei-me a formar as palavras, já me arrependendo. Torcia para ele não responder.

— Ah, não estou usando modelo — disse ele. — Só estou tentando imaginá-la.

Foi estranho — não acreditei nele, mas também não achei que estivesse mentindo. Eu sabia que, de agora em diante, eu iria examinar todos os rostos jovens no campus, o que me assustava. Ainda que isso não fizesse sentido. Afinal, ele já andara desenhando o mesmo rosto antes de sairmos de Nova York, ou pelo menos na época em que nos preparávamos para sair. Eu tinha certeza de que era o mesmo rosto.

— O mais difícil de fazer corretamente é o vestido — acrescentou passado um momento.

Estava com a testa franzida, coçando o couro cabeludo, esfregando o nariz — normal, perplexo, absorto. Nossa, pensei. Sou uma tola paranoica. Este homem é um artista, um verdadeiro artista, com sua visão própria. Ele faz o que quer, o que lhe ocorre, e o resultado é brilhante. Isso não quer dizer que esteja dormindo com uma aluna, nem com uma modelo em Nova York. Ele nem voltou lá

desde que nos mudamos. Isso não significa que ele não vá ser um bom pai.

Então ele se levantou, abaixou-se para me dar um beijo, ficou parado diante da porta.

— Ah, esqueci de lhe contar. O departamento me escolheu para fazer a exposição individual da faculdade ano que vem. A gente se reveza, sabe, mas não pensei que seria a minha vez tão cedo. O museu na cidade vai se envolver. Ao mesmo tempo, vou ganhar um aumento.

Sentei-me na cama.

— Que maravilha! Você não me contou.

— Bem, descobri ontem. Ou talvez tenha sido na véspera. Quero terminar esse quadro para isso, com certeza, talvez a série toda.

Ele foi embora, e fiquei ali sorrindo meia hora, puxando o edredom para me cobrir. Talvez, como Robert, eu merecesse uma soneca.

Mas na vez seguinte em que fui procurá-lo no sótão, vi que ele havia raspado a tela toda, antes de limpá-la para uma nova imagem — talvez o vestido de listras vermelhas não tenha funcionado muito bem no final. Quase achei que imaginara aquele rosto uma segunda vez, aquela expressão cheia de amor arrependido por ele.

18 de dezembro

Mon cher oncle et ami,

Quanta bondade sua ter vindo ontem bem na hora que começava a chover, o que sempre promete uma noite triste. Foi maravilhoso vê-lo e ouvir suas histórias. E hoje já está chovendo de novo! Eu gostaria de conseguir pintar a chuva — como isso seria realmente feito? M. Monet conseguiu, sem dúvida. E minha prima Mathilde, que adora tudo que é japonês, tem na sala uma série de estampas que os artistas franceses só podem sonhar emular — mas talvez a chuva levante mais o moral no Japão que em Paris. Como eu adoraria saber que a natureza toda estava acessível ao meu pincel, como parece estar para o de Monet, mesmo as pessoas sendo antipáticas em relação a ele, seus colegas e as experiências deles. A amiga de Mathilde, Berthe Morisot, expõe com eles, como talvez saiba, e ela já é bem conhecida (aparece muito, talvez, em exposições públicas; isso deve exigir coragem). Eu gostaria que nevasse de novo — a parte bela do inverno está demorando muito a chegar este ano.

Felizmente, há seu bilhete hoje de manhã. Foi carinhoso de sua parte escrever a mim e a Papa. Não mereço suas bondosas palavras sobre meu progresso, mas meu ateliê no alpendre ajuda, sim; fico ali matando o tempo enquanto Papa dorme. Também soubemos pelo correio de hoje de manhã que Yves ficará fora pelo menos mais duas semanas, o que foi um golpe para todos nós, especialmente para Papa. Deve ser melhor não ter filhos, como é o nosso caso, que ter apenas um, como é o caso do meu sogro, sobretudo quando este único é tão querido e constantemente chamado para longe de casa. Sinto por Papa, mas ficamos sentados junto à lareira de mãos dadas e lemos nosso Villon em voz alta. A mão dele está tão frágil que poderia

servir como um estudo sobre a velhice de Leonardo ou algum escultor romano da antiguidade. Que maravilha sua tela grande estar avançando e que seus artigos encontrem depois uma esfera ainda mais ampla — devo insistir no meu direito de ser tão orgulhosa quanto qualquer parente de sangue. Por favor, aceite as congratulações da sobrinha que o adora...

Béatrice

CAPÍTULO 23

KATE

Ingrid nasceu no dia 22 de fevereiro na maternidade em Greenhill. Nada jamais reduz o brilho deste momento para mim, quando me dei conta de que ela estava viva e bem — perfeita, na verdade — ou do momento em que encontrei sua mão apertando o meu dedo. E, afinal, eu não morrera em minha jornada através das chamas. Robert ficou parado tocando nela, a ponta do seu dedo quase do tamanho do nariz de Ingrid. Eu também estava chorando, afinal, e quando olhei para Robert, senti um amor por ele tão radiante que tive que desviar os olhos do seu rosto, que reluzia como um anel dourado. Eu não entendera antes o que significava estar apaixonada — não conseguia escolher de qual daquelas duas pessoas, a minúscula ou a enorme, eu mais gostava. Por que eu nunca havia notado a divindade de Robert, que agora fora reproduzida na cabecinha deitada na minha pele e nos olhos de avelã que olhavam em volta com tamanha incredulidade?

Nós a batizamos em homenagem a minha avó da Filadélfia, que morrera havia muito tempo. Ingrid dormia razoavelmente bem e nosso padrão se manteve depois daquela primeira noite. Robert e Ingrid dormiam, enquanto eu ficava deitada vigiando os dois ou lendo, ou andava pela casa, ou limpava o banheiro, ou dormia com eles. Robert parecia cansado demais para ficar acordado pintando — o bebê nos acordava três vezes por noite, o que não era nada, garanti a ele, e ele achava aquilo exaustivo. Perguntei se ele não queria amamentá-la, e ele riu sonolento, dizendo que faria isso se pudesse, mas achava que seu leite não teria um gosto muito bom se ele conseguisse produzir algum.

— Muitas toxinas — disse. — Aquela tinta toda.

Senti uma pontada de irritação que poderia ter sido ciúme — será que eu ouvia um tom de autocongratulação na voz dele? Não havia tinta nenhuma na *minha* corrente sanguínea, só alimentos saudáveis e as vitaminas pós-natais que eu continuava a achar que não estávamos em condições de comprar mas não queria negar ao bebê. Aquele sentimento de amor que eu tivera, de quase veneração, por Robert na sala de parto desvanecia-se dia após dia, desaparecendo com minha dor na barriga e nos músculos das pernas, e eu o observava dissipar-se, consciente da perda. Era como o fim visível de uma paixonite adolescente, mas muito mais triste, e deixava uma lacuna porque agora eu sabia o que eu era capaz de sentir, não aos 15 anos, mas depois dos 30, e tinha acabado, acabado. Porém, eu observava Robert segurar o bebê com um braço, já com bastante habilidade, enquanto comia com a outra mão, e amava os dois — Ingrid estava começando a virar a cabeça para olhá-lo e seus olhos se enchiam daquela surpresa que eu sempre senti diante daquele homem monumental com sua cara angulosa e seu cabelo cheio e crespo.

Eu não exigia muito de Robert em casa. Ele estava dando aulas no curso de início de verão para ganhar mais dinheiro e eu estava agradecida. Depois de algum tempo, ele voltou a pintar até tarde no sótão e, às vezes, passava a noite no ateliê da escola. Não parecia mais dormir de dia, pelo menos não que eu soubesse, apesar de nossa vigília noturna com Ingrid. Ele me mostrou uma ou duas pequenas telas, naturezas-mortas com paus e pedras que ele andara compondo para os alunos e a título de experimentação para si mesmo também. Sorri e me contive para não comentar que para mim elas pareciam mortas, como o termo dizia. Alguns anos antes, eu poderia ter discutido com ele sobre elas, o provocado um pouco, discutido, porque ele gostava daquele tipo de atenção, e, então, dito que só lhe faltava um faisão inerte para completar as telas. Agora, eu via mais o nosso pão de cada dia nelas do que apenas a madeira e as pedras, e fiquei calada. Ingrid precisava de comida de bebê, de preferência cenouras e espinafres orgânicos, e um dia poderia

querer ir para a Barnard, e meu único pijama tinha rasgado no joelho na semana anterior.

Uma manhã em junho, depois que Robert saiu para dar aula, decidi ir à cidade, para dar uma voltinha, principalmente para quebrar minha rotina de passeios com o carrinho de bebê pelo campus. Aprontei Ingrid e botei-a no berço para brincar uns minutinhos enquanto pegava o suéter, as chaves do carro, a bolsa. Minhas chaves não estavam no gancho ao lado da porta dos fundos e logo percebi que Robert devia tê-las pegado enquanto eu terminava de tomar café. Às vezes, quando estava muito atrasado, ele ia para a faculdade de carro, e nunca sabia onde tinha deixado as chaves. Fiquei na maior irritação.

Como último recurso, subi a escada do sótão para ver se as chaves estavam entre o monte de objetos pessoais que Robert costumava deixar em cima de sua mesa, que sempre parecia uma natureza-morta com papéis amassados, canetas, guardanapos de restaurante, cartões telefônicos e até dinheiro. Eu estava tão concentrada na busca que a princípio não entendi o que via — continuava olhando para a mesa bagunçada, esperando encontrar as chaves para sair, enquanto minha vista se adaptava à penumbra. Então acendi a luz, devagar. Fazia alguns meses que eu não ia lá em cima, me dei conta, talvez há quatro meses, desde que Ingrid nascera. Era uma casa velha e rústica, como já mencionei. O teto não tinha acabamento, com as vigas e as ripas do telhado aparentes; o sótão tomava toda a largura da casa e era um inferno nos dias quentes, que, felizmente, eram escassos nas montanhas. Olhei desanimada para a mesa onde estava aquele monte de lixo familiar, depois tornei a olhar em volta.

Não consigo descrever minha primeira impressão, exceto que o que vi me fez dar um gritinho antes de conseguir me conter, pois era uma visão daquela mulher por todo canto, espalhada pelas superfícies do sótão em pequenas partes e versões, repetições — dissecada, esquartejada, embora sem sangue. Seu rosto, eu já

conhecia, e o via dezenas de vezes pelo quarto, sorrindo, séria, pintada em tamanhos e estados de espírito diferentes. Algumas vezes, ela usava o cabelo preso no alto da cabeça, outras, aparecia com uma fita vermelha, um chapéu, uma touca escura, um vestido decotado ou o cabelo solto e os seios nus, o que me deixou mais chocada. Às vezes, era só uma mão com pequenos anéis de ouro, ou um sapato antigo todo abotoado, ou até mesmo o estudo de um único dedo, um pé descalço, ou, para meu horror, um mamilo contraído meticulosamente delineado, a curva de umas costas, de ombros ou nádegas nuas, um sombreado de pelos entre coxas abertas, e aí — o que era ainda mais espantoso por causa do contraste — uma luva meticulosamente abotoada, o corpete negro de um vestido, uma mão segurando um leque ou um buquê de flores, um corpo misterioso envolto num manto, e depois, o rosto dela novamente, de perfil, três quartos, de frente, com olhos escuros, triste.

A madeira em que ele pintara fora toda lixada — as superfícies do sótão não tinham acabamento, mas não eram irregulares — de modo que ele conseguira desenhar detalhes delicados. Cobrira o fundo desta colagem com um azul-cinza suave e incluía bordas de flores primaveris, não tão realistas como todas as imagens espalhadas da mulher, mas perfeitamente reconhecíveis — rosas, flores de maçã, glicínias —; flores que existiam no terreno da faculdade, de fato, e que Robert e eu adorávamos. As vigas estavam ornamentadas com compridas fitas retorcidas vermelhas e azuis, um efeito *trompe-l'oeil* que me lembrava o papel de parede nos quartos vitorianos.

As duas paredes mais baixas do sótão foram dedicadas a paisagens e haviam sido pintadas com liberdade suficiente para serem chamadas de um tributo ao Impressionismo, com a mesma dama aparecendo em cada uma delas. Uma representava uma praia, com altos penhascos se erguendo à esquerda. Ela estava sozinha, ao longe, olhando para o mar. Tinha um guarda-sol sobre o ombro e um chapéu azul carregado de flores na cabeça, no entanto, ainda assim tinha de proteger os olhos do sol que se refletia na

água. A outra paisagem era de uma campina, com manchas coloridas que deviam ser flores de verão, e ela estava recostada na relva alta lendo um livro, o guarda-sol armado acima dela e o brilho de seu vestido estampado de cor-de-rosa refletido em seu rosto encantador. Dessa vez, para minha surpresa, havia uma criança ao lado dela, uma garotinha de uns três ou quatro anos, puxando as corolas das flores, e eu me perguntei imediatamente se aquela variação fora inspirada pela presença de Ingrid em nossas vidas. Isso desafogou um pouco o meu coração.

Sentei-me na cadeira rangente da mesa de Robert. Eu tinha consciência plena, especialmente vendo aquela garotinha na campina com aquele chapéu e aquela nuvem de cachos escuros, de que eu não devia deixar Ingrid sozinha acordada no berço lá embaixo por muito mais tempo. Havia ainda um canto nu, uma área inclinada do teto que Robert ainda não cobrira. O restante estava repleto, abarrotado de cor e beleza no auge da plenitude, derramando a presença dessa mulher. As telas parcialmente terminadas nos cavaletes de Robert também a retratavam: em uma, ela aparecia sentada, envolta num tecido escuro que ele só pintara pela metade — um manto, um xale — o rosto sombreado, os olhos cheios — do quê? De amor? Temor? Ela me encarava, e desviei o olhar. A outra tela era ainda mais assustadora. Mostrava o rosto dela ao lado de outro rosto, o de uma mulher morta que jazia inerte encostada em seu ombro. A morta tinha cabelo grisalho, um traje semelhante ao da outra mulher e uma ferida vermelha no meio da testa — um furo escuro, fundo, pequeno, de certa forma mais horripilante do que qualquer corte ensanguentado poderia ser. Era a primeira vez que eu via essa imagem.

Fiquei ali sentada durante outro longo minuto. Sótão, telas — eu sabia que aquele era o maior trabalho que eu já vira produzido pelo pincel de Robert. Era transcendente, focado, mas o efeito também remetia a uma paixão quase explosiva, uma selvagem tentativa de contenção. Consumira dias, noites, semanas, provavelmente meses. Pensei nas olheiras roxas de Robert, em como a tensão começava a deixá-lo com a testa e as faces enrugadas. Ele me

dissera algumas vezes quão determinado se sentia, como desejava exclusivamente pintar e pintar, como se não precisasse de sono naqueles dias, e eu ficara com inveja, pois passava o dia inteiro meio sonolenta, depois de amamentar Ingrid à noite. Não podíamos vender o sótão, com aquela decoração esmagadora, mas talvez pudéssemos expor os dois quadros. Na verdade, rezei para que mais ninguém visse aquela extravagância espantosa. Como a explicaríamos à faculdade? Não, ele precisaria repintar o sótão inteiro algum dia, sem dúvida, antes de deixarmos a casa. A ideia de esconder todo aquele trabalho transbordante e admirável me doeu no estômago. Nenhuma outra pessoa jamais entenderia.

E o pior de tudo, quem quer que ela fosse, ela não era eu. E ela tinha uma filha, aparentemente, de cabelos escuros e encaracolados como os de Ingrid. O cabelo de Robert...herdado? Era um pensamento absurdo, ridículo. Eu estava mais cansada que havia imaginado. Afinal, a própria mulher tinha o cabelo escuro e encaracolado, bastante parecido com o de Robert. Uma possibilidade ainda pior me ocorreu. Talvez Robert de certa forma desejasse *ser* aquela mulher — talvez aquele fosse um autorretrato sob a forma da mulher que ele desejava ser. O que sabia eu sobre meu marido, de fato? Mas Robert era e sempre fora tão profundamente másculo que não pude acreditar nesta hipótese por mais de um segundo. Eu não sabia o que me alarmava mais: o trabalho incessante que preenchia praticamente cada centímetro quadrado daquele espaço que me cercava ou o fato de ele nunca ter me falado espontaneamente sobre a mulher que dominava seus dias.

Levantei-me e fiz uma rápida busca pelo quarto, as mãos tremendo enquanto sacudia os cobertores no sofá onde Robert aparentemente já não dormia muito. O que eu esperava encontrar ali? Não havia outra mulher dormindo com ele, pelo menos na minha casa. Nenhuma carta de amor caiu — nada senão o relógio de Robert, que ele andara procurando. Vasculhei a pilha em cima da mesa, os papéis — esboços, alguns deles para os retratos e bordas à minha volta. Acabei encontrando as chaves no chaveiro com as

moedas de latão que eu lhe dera fazia alguns anos. Enfiei-as no bolso do jeans.

Ao lado do sofá, havia várias pilhas de livros emprestados da biblioteca, principalmente livros de arte em grandes formatos, deslizando numa avalanche. Ele vivia trazendo livros e fotografias para casa, portanto isso, pelo menos, não era surpresa. Mas agora havia tantos livros, e quase todos sobre o Impressionismo francês, um tema que eu não sabia que ele achava tão fascinante, exceto, é claro, por sua preocupação com Degas quando morávamos em Nova York. Havia livros sobre os grandes artistas do movimento e seus precursores — Manet, Boudin, Courbet, Corot. Alguns deles haviam sido tomados emprestados de universidades distantes. Havia também livros sobre a história de Paris, livros sobre a costa da Normandia, livros sobre os jardins de Monet em Giverny, sobre moda feminina do século XIX, sobre a comuna de Paris, sobre o imperador Luiz Napoleão, sobre a reurbanização de Paris pelo Barão Haussmann, a Ópera de Paris, os castelos franceses e sobre caça, leques femininos e buquês na história da pintura. Por que Robert nunca conversara comigo sobre esses interesses? Quando esses livros todos entraram em nossa casa? Será que ele lera todos eles só para decorar um sótão? Robert não era historiador — que eu soubesse, lia catálogos de arte e um ou outro romance policial.

Fiquei sentada segurando uma biografia de Mary Cassatt. Isso tudo devia ser para a exposição dele, de certa forma, uma inspiração, um projeto a respeito do qual ele não me contou. Será que eu estava ocupada com o bebê e deixara de perguntar? Ou será que esse projeto estava tão entrelaçado com seus sentimentos sobre a modelo que ele nunca mencionou a ponto de ele não conseguir falar comigo a respeito? Tornei a correr os olhos pelo sótão, para o tsunami de imagens, estilhaços de um espelho evidenciando uma mulher impressionante. Ele a vestira meticulosamente segundo a moda daqueles livros — sapato, luva, roupas de baixo brancas e franzidas. Para Robert, ela era nitidamente uma pessoa real, uma parte viva de sua vida. Ouvi Ingrid gemer e me dei conta de que só haviam decorrido alguns

minutos desde que eu subira para o sótão, a breve passagem de um pesadelo.

Ingrid e eu fomos de carro para a cidade, e empurrei seu carrinho por ali em meio a aposentados, turistas e gente no horário de almoço. Na biblioteca, peguei *Onde vivem os monstros* para poder ter o prazer de lê-lo para Ingrid em voz alta — sempre que via a capa desse livro, eu voltava a me sentir criança. Peguei uma biografia de Van Gogh que estava em exposição. Já era hora de eu prosseguir com meus estudos, e eu nada sabia sobre ele senão as lendas conhecidas. Comprei um vestido de verão numa das butiques. Pelo menos estava em liquidação, de algodão creme estampado de violetas, antiquado, diferente dos meus jeans e camisetas de cores lisas de sempre. Pensei em pedir a Robert para me pintar no nosso alpendre, ou na campina atrás das casas do pessoal do corpo docente, e então tive de me esforçar para não me lembrar da criança de cabelos escuros na parede do sótão.

— Mais alguma coisa para a senhora hoje? — perguntou-me o vendedor, embrulhando um par de bastões de incenso de cortesia para colocar na sacola.

— Não, não, obrigada. É só isso mesmo. — Endireitei Ingrid no carrinho porque quando me abaixava era mais fácil controlar a vontade de chorar.

22 de dezembro de 1877

Mon cher oncle et ami,

Obrigada por seu adorável bilhete, que não mereço, mas que apreciarei sempre que minhas pequenas tentativas no trabalho necessitarem de estímulo. Um dia cinzento de fato, e achei que poderia passar agradavelmente alguns breves momentos dele lhe escrevendo. Nós o aguardamos, claro, no Natal, e com muita ansiedade, no dia e na hora que puder vir; Yves pretende voltar por vários dias então, embora seu direito a uma folga para um feriado mais longo esteja longe de estar garantido, e ele terá de voltar para o Sul a fim de terminar seu trabalho no Ano Novo. Acho que celebraremos com bastante sobriedade; Papa está novamente resfriado — nada de alarmante, eu lhe asseguro, mas ele se cansa facilmente e seus olhos o incomodam mais que o normal. Acabei de ajudá-lo a se deitar em sua saleta, com compressas quentes e, da última vez que olhei, o fogo estava aconchegante e ele adormecera. Estou um pouco cansada hoje, e não consigo me concentrar em nada a não ser escrever cartas, embora minha pintura tenha andado bem ontem porque encontrei um bom modelo, Esmé, outra de minhas criadas; ela uma vez me disse, timidamente, quando lhe perguntei se conhecia nossa adorada Louveciennes, que a cidade dela fica logo ao lado, e se chama Grémière. Yves diz que eu não deveria atormentar as criadas fazendo-as posar para mim, mas onde mais eu poderia encontrar um modelo paciente? Hoje, porém, ela saiu para fazer umas incumbências e, enquanto estou lhe escrevendo, preciso prestar atenção para ouvir caso Papa chame.

O senhor, que já viu meu ateliê, sabe que contém não só meu cavalete e minha mesa de trabalho, mas também esta

escrivadinha, que tenho desde criança; ela pertenceu à minha mãe, que pintou ela mesma os painéis das portas. Sempre trato da minha correspondência aqui, olhando pela janela. O senhor pode imaginar, tenho certeza, quão encharcado está o jardim esta manhã — mal posso acreditar que seja o mesmo pequeno paraíso onde pintei várias paisagens no verão passado. Mas é belo mesmo assim, embora desolado. Imagine este jardim, meu consolo de inverno, mon ami — imagine-o para mim, se puder.

*Afetuosamente,
Béatrice de Clerval*

CAPÍTULO 24

KATE

Quando Robert chegou em casa, não falei nada sobre o sótão. Ele estava cansado de um dia de aulas e ficamos sentados em silêncio em torno de uma sopa de lentilha que eu preparara, com Ingrid alegremente fazendo bolhas de purê de maçã com cenoura que lhe escorriam pela cara. Eu lhe dava comida e limpava sua boca a toda hora com uma toalhinha úmida, e tentava arranjar coragem para perguntar a Robert alguma coisa sobre o trabalho dele, mas não conseguia. Ele estava sentado com a cabeça apoiada na mão, umas olheiras fundas, senti que algo havia mudado para ele, embora eu não soubesse o que era nem de que maneira era diferente de tudo. Toda hora, ele olhava para o vão da porta da cozinha atrás de mim, os olhos perscrutando desesperançados o espaço ao redor, como se ele esperasse alguém que nunca chegasse; tornei a sentir aquele arrepio, confusa e apreensiva, e apelei para minha força de vontade a fim de não acompanhar o olhar dele.

Após jantar, ele foi se deitar e dormiu por quatorze horas. Arrumei a cozinha, coloquei Ingrid na cama, levantei com ela à noite, levantei com ela de manhã. Pensei em convidar Robert para dar uma caminhada, mas quando voltei do meu passeio até a agência de correio do campus, ele já não estava em casa. Deixara a cama por fazer e uma tigela de cereal pela metade sobre a mesa. Subi ao sótão florido para ter certeza de que ele saíra e tornei a entrever a mulher caleidoscópica, mas nada de Robert.

No terceiro dia, eu já não aguentava mais, e me assegurei de que Ingrid estivesse dormindo quando Robert chegasse em casa depois das aulas da tarde. Com isso, ela dormiria até muito depois

da hora habitual e ficaria acordada até muito tarde à noite, mas era um pequeno preço a se pagar pela oportunidade de colocar as coisas de novo em ordem. Quando Robert chegou, eu o esperava com um chá, e ele sentou-se à mesa. Tinha o rosto cansado, cinzento, com um lado um pouco caído como se pudesse estar quase dormindo ou chorando, ou tendo uma pequena isquemia. Eu sabia que ele devia estar cansado e me admirava com o meu egoísmo de fazê-lo enfrentar uma grande discussão. Obviamente, era em parte para o seu próprio bem — algo estava muito errado, e eu precisava ajudá-lo.

Coloquei nossas xícaras na mesa e me sentei com toda a calma possível.

— Robert — comecei —, sei que você está cansado, mas será que podíamos conversar uns minutinhos?

Ele me olhou por cima do chá, o cabelo meio em pé, a cara emburrada. Vi que ele não andava tomando banho — tinha o aspecto seboso além de cansado. Eu teria de reclamar com ele do excesso de trabalho, fosse esse trabalho lecionar ou pintar paredes de sótãos. Robert estava simplesmente se cansando demais. Ele pousou a xícara.

— O que eu fiz agora?

— Nada — disse eu, mas o nó na minha garganta já estava crescendo. — Absolutamente nada. Só estou preocupada com você.

— Não se preocupe comigo — disse ele. — Por que deveria se preocupar comigo?

— Você está exausto — disse eu, engolindo o nó. — Está trabalhando tanto que parece exausto, e a gente quase não se vê .

— Era o que queria, não? — resmungou ele. — Queria que eu tivesse um bom emprego e sustentasse você.

Meus olhos começaram a se encher de lágrimas apesar de todo o meu esforço para me controlar.

— Quero que seja feliz e vejo quão cansado está. Dorme o dia todo e pinta a noite inteira.

— Quando devo pintar senão à noite? De um modo geral, durmo à noite também. — Ele passou a mão com irritação pela frente do

cabelo. — Acha que termino algum trabalho de verdade?

De repente, ver aquele cabelo malcuidado e seboso também me irritou. Afinal, eu também estava trabalhando muito. Nunca dormia mais que algumas horas de cada vez. Fazia todo o trabalho enfadonho de manter a casa funcionando e não tinha chance de pintar a não ser que dormisse menos ainda, e isso eu não conseguia, então, não pintava. Fazia o possível para que ele terminasse o trabalho que estivesse fazendo. Ele nunca tinha de lavar a louça, limpar uma privada nem preparar uma refeição — eu o liberara. E conseguia lavar meu cabelo de vez em quando, achando que isso poderia fazer alguma diferença para ele.

— Tem outra coisa — disse eu, mais secamente do que planejava. — Eu fui ao sótão. O que é aquilo tudo?

Ele se recostou e me fitou, depois ficou sentado muito quieto, endireitando os ombros poderosos. Pela primeira vez nos anos em que estávamos juntos, senti medo dele — não medo do seu brilho, de seu talento ou de sua habilidade para ferir meus sentimentos, mas simplesmente medo, de uma forma sutil e animal.

— No sótão? — disse.

— Você andou pintando muito lá. — Tentei com mais cuidado. — Mas não nas suas telas.

Ele custou um pouco a falar, depois abriu uma das mãos sobre a mesa.

— E?

O que eu mais quisera fora lhe perguntar sobre a própria mulher, mas, em vez disso, eu disse:

— Só achei que você estivesse se preparando para a sua exposição.

— Eu estou.

— Mas só fez uma tela e meia — ressaltei.

Isso não era o que eu queria discutir. Minha voz recomeçara a tremer.

— Então agora você tem de acompanhar o meu trabalho também? Já que está nessa, quer me dizer o que devo pintar? —

De repente ele estava todo empertigado na pequena cadeira da cozinha, sua presença tomando conta da sala.

— Não, não — disse eu, e a crueldade das palavras dele, e a crueldade da minha própria autotraição faziam lágrimas me escorrer pelo rosto. — Não quero lhe dizer o que pintar. Só estou preocupada com você. Sinto sua falta. Estou preocupada vendo você com um rosto tão exausto.

— Bem, poupe a sua preocupação — disse ele. — E fique fora do meu espaço. Não preciso de ninguém me espionando, ainda por cima.

Tomou um gole de chá, depois pousou a xícara como se o gosto lhe desagradasse, e saiu da cozinha.

De alguma forma, sua recusa em ficar para conversar me abalou mais que tudo. A onda amarga da sensação de pesadelo quebrou em cima de mim. Consegui atravessá-la e me surpreendi levantando-me de um pulo e indo atrás dele.

— Robert, pare! Não vá simplesmente saindo! — Peguei-o no corredor e agarrei seu braço.

Ele se desvencilhou de mim.

— Afaste-se de mim.

Meu autocontrole cedeu completamente.

— Quem é ela? — Gemi.

— Quem é quem? — Perguntou ele, e então seu cenho escureceu, ele se afastou e entrou no nosso quarto.

Fiquei parada na porta, observando, as lágrimas escorrendo pelo rosto, o nariz pingando, os soluços humilhantemente audíveis, enquanto ele se deitava na cama que eu fizera naquela manhã e se cobria com uma colcha. Fechou os olhos.

— Me deixe em paz — disse sem tornar a abri-los. — Me deixe em paz.

Para meu horror, ele adormeceu enquanto eu estava ali parada. Fiquei inerte no vão da porta, contendo o choro e observando enquanto sua respiração ficava mais lenta e depois mais suave e

regular. Ele dormiu como um bebê, e, lá em cima, Ingrid acordou gritando.

CAPÍTULO 25

MARLOW

Imaginei o jardim de Béatrice. Seria pequeno e retangular — o livro de quadros da Paris no fim do século XIX que encontrei não incluía nenhum de Clerval, mas havia uma cena íntima de Berthe Morisot retratando seu marido e sua filha num banco à sombra. O texto explicava que Morisot e sua família moravam em Passy, um bairro novo e grande. Imaginei o jardim de Béatrice no fim do outono, as folhas já marrons e amarelas, algumas cobrindo o passeio de ardósia após uma chuvarada, a hera vermelha no muro do fundo — *vigne vierge*, dizia uma legenda embaixo de um quadro representando um muro semelhante: a videira virgem original. Haveria algumas rosas — agora inflexíveis hastes marrons, frutos de rosas escarlates — em volta de um relógio de sol. Considerei isso tudo, descartando mentalmente o relógio de sol. Em vez disso, concentrei-me nos canteiros encharcados, nos cadáveres de crisântemos e de alguma outra flor pesada escurecida pela chuva, e, no centro, um pequeno arranjo formal de arbustos e um banco.

A mulher sentada à sua mesa olhando para tudo isso deveria ter 26 anos, uma idade madura para a época, sendo casada há cinco anos, mas sem filhos — esta falta, uma angústia secreta, a julgar por seu amor às sobrinhas. Eu a via à mesa que fora pintada por sua mãe, as compridas saias cinza-claro de seu vestido — as damas não usavam vestidos diferentes para a manhã e para a tarde? — encostando-se como uma onda na cadeira, renda em seu pescoço e em seus punhos, uma fita prateada ao redor do nó de seu cabelo pesado. Ela mesma deveria ser menos cinzenta, o rosto de feições fortes e definidas mesmo na luz mortiça, seu cabelo escuro, mas também lustroso, seus lábios vermelhos voltados com

nostalgia para a folha de papel que já era sua companhia preferida,
aquela manhã úmida.

CAPÍTULO 26

KATE

Robert passou aquele verão todo dormindo intermitentemente, lecionando, pintando de vez em quando e mantendo distância de mim. Depois de algum tempo, parei de chorar escondido e comecei a me acostumar com isso. Eu me insensibilizei um pouco, em meio ao meu amor por ele, e esperei.

Em setembro, o ritmo do ano letivo recomeçou. Quando eu ia com Ingrid tomar chá e conversar com amigas cujos maridos faziam parte do corpo docente, eu as ouvia falar sobre eles e contribuía também com alguma pequena informação inócua, para mostrar quão normais estavam as coisas lá em casa. Robert estava dando três oficinas naquele período. Robert gostava de chili. Eu devia pegar essa receita.

Eu também colhia informações em segredo, para comparar. Seus maridos aparentemente se levantavam à mesma hora que elas pela manhã — ou mais cedo, para correr. Uma delas tinha um marido que cozinhava nas noites de quarta-feira, pois ele dava menos aulas nesse dia. Quando ouvi isso, perguntei-me se Robert já notara quando era noite de quarta-feira ou de qualquer outro dia da semana. Ele sem dúvida nunca preparara uma refeição, a não ser que abrir latas contasse. Uma de minhas amigas deixava o marido cuidando dos filhos duas vezes por semana, para ter um pouco de tempo para ela. Eu já o vira chegar exatamente na hora marcada para pegar o filho deles de 2 anos. Como ele sabia que horas eram, onde ele deveria estar? Eu ficava na minha e sorria com elas das pequenas manias de seus maridos. *Ele não cata as roupas dele?*, eu queria dizer. *Isso não é nada*. E pela primeira vez, me perguntei como as mulheres que faziam parte do corpo docente

administravam suas vidas — eu conhecia uma que era também mãe solteira, e fiquei inesperadamente triste e culpada por estarmos ali reunidas naquele grupo agradável enquanto ela dava aula. Nunca fazíamos um esforço para incluí-la. Nossas vidas eram muito livres — contávamos tostões, mas não trabalhávamos para ganhá-los. No entanto, minha vida não parecia tão livre quanto a de minhas amigas, e eu me perguntei como aquilo acontecera.

Um dia naquele outono, Robert chegou em casa quase entusiasmado e me deu um beijo no alto da cabeça antes de me contar que aceitara um convite para lecionar por um semestre no norte — já em janeiro. Era uma boa posição, um bom dinheiro, na Faculdade Barnett, pertinho de Nova York. A Barnett possuía um famoso museu de arte e uma vaga de professor-assistente para pintores — ele citou alguns dos grandes que o haviam precedido lá. Ele precisava dar apenas um curso e o restante era, essencialmente, um retiro para pintar. Ele poderia pintar em tempo integral, mais que em tempo integral.

Por um minuto, não consegui compreender o que ele queria dizer, embora entendesse a parte sobre estar feliz por ele. Pousei o pano de prato que estava segurando.

— E nós? Não vai ser fácil a gente se mudar com uma criança de colo para um lugar novo só por alguns meses.

Ele ficou me olhando como se isso não lhe tivesse passado pela cabeça.

— Achei que, pensei... — disse ele devagar.

— O que você pensou?

Por que estava tão irritada com ele até mesmo por causa de um olhar, de um franzir de sobrancelhas?

— Bem, eles não falaram nada em relação a levar a família. Achei que eu iria sozinho fazer um trabalho.

— Você poderia pelo menos ter perguntado se eles se importariam se você levasse com você as pessoas com quem por acaso mora.

Minhas mãos tinham começado a tremer, por isso as coloquei atrás das costas.

— Não há necessidade de ser hostil. Você não *sabe* como é não conseguir pintar — disse ele.

Que eu soubesse, ele andava pintando havia semanas.

— Bem, então não durma o tempo todo — sugeri.

Na verdade, ele não andava dormindo de dia. Eu realmente estava ficando preocupada porque ele passava as noites em claro, às vezes no ateliê da faculdade, e parecia estar dormindo muito pouco, embora a imagem indelével que eu tinha dele agora era a de um corpo esparramado na horizontal.

— Você não sabe ser compreensiva. — Robert tinha o nariz e as bochechas brancos e contraídos. Pelo menos ele estava realmente prestando atenção. — Claro que vou sentir muita falta sua e de Ingrid. Você poderia ir com ela me visitar no meio do período. E ficaríamos o tempo todo em contato.

— Compreensiva?

Virei as costas. Fixei o olhar nas estruturas de madeira da casa e me perguntei que tipo de marido escolheria abandonar seu lar durante um semestre por causa do seu trabalho sem sequer me consultar ou me perguntar se eu queria ficar sozinha com uma criança pequena. Que tipo. Que tipo. Os armários da cozinha estavam todos bem-fechados. Perguntei-me se, caso eu ficasse olhando para eles durante certo tempo, isso me impediria de explodir. Perguntei-me se era possível viver com uma pessoa louca sem enlouquecer. Talvez eu pudesse virar um gênio, também, embora não tivesse certeza se queria ser um gênio se, de perto, eles eram assim. A verdade era que eu o teria deixado ir sem reclamar se ele tivesse pedido, se ele tivesse me perguntado. Pensei na musa de cabelos escuros — por que ela tinha de ser tão viva? Por que ele queria estar bem perto de Nova York? Ele bem poderia ir embora, se concentrar, sentir-se realizado, terminar sua grande série e se curar com isso.

— Você poderia ter me consultado — disse eu, e ouvi minha voz como um grunhido, a desagradável mordida até o osso, um membro da matilha finalmente voltando-se contra o outro. — Sendo assim, faça o que quiser. Sirva-se. Nos vemos em maio.

— Dane-se você — disse Robert devagar, e achei que nunca o tinha visto tão furioso, ou pelo menos tão silenciosamente furioso. — Eu vou.

Então, ele fez uma coisa estranha. Levantou-se e deu meia-volta lentamente umas duas ou três vezes, como se quisesse sair da cozinha, mas tivesse esquecido em que direção ficava a porta. Isso de certa forma me assustou mais que qualquer outra coisa que tivesse acontecido até então. De repente, ele encontrou a saída, e passei dois dias sem vê-lo de novo. Sempre que eu pegava Ingrid no colo, começava a chorar e precisava esconder dela minhas lágrimas. Quando Robert voltou, não mencionou nossa conversa, e eu não perguntei onde ele havia estado.

Então, um dia, Robert apareceu enquanto eu preparava o café da manhã — para mim e para Ingrid. Tinha o cabelo molhado e recendendo a xampu. Arrumou uns garfos sobre a mesa. No dia seguinte, tornou a acordar a tempo de tomar café. No terceiro dia, me deu bom-dia com um beijo e, quando entrei no quarto para fazer alguma coisa, vi que ele arrumara a cama — toda torta, mas arrumara. Era outubro, meu mês preferido, as árvores douradas, torrentes de folhas caindo ao vento. Ele parecia ter voltado para a gente — como ou por que, eu não sabia, mas fui ficando feliz demais para perguntar. Naquela semana, ele veio se deitar na hora — ou melhor, quando eu me deitei — e, pela primeira vez em sei lá quanto tempo, fizemos amor. Achei espantoso o corpo dele não ter mudado depois de ter tido um filho. Ele continuava bonito como sempre: grande, quente, definido, o cabelo revolto no travesseiro. Fiquei com vergonha da minha carne comprometida, consumida por um bebê e lhe disse isso baixinho, e ele calou minhas dúvidas com o seu ardor.

Nas semanas seguintes, Robert começou a pintar depois das aulas em vez de trabalhar à noite e passou a descer para comer quando eu chamava. Às vezes, trabalhava no ateliê do campus, especialmente em telas maiores, e eu levava Ingrid no carrinho até

lá para buscá-lo para jantar. Aquele era um momento maravilhoso, quando ele deixava os pincéis e vinha caminhando para casa com a gente. Eu ficava feliz quando passávamos por amigos e eles nos viam juntos, nós três, em harmonia e plenos a caminho de casa para o jantar que eu já tinha deixado quente embaixo de tampas de porcelana de segunda mão. Após o jantar, ele pintava no sótão, mas não até muito tarde e, às vezes, vinha para a cama e lia enquanto eu cochilava com a cabeça metida embaixo do seu queixo.

No ateliê e no sótão dele (eu de vez em quando conferia na ausência dele), Robert estava trabalhando numa série de naturezas-mortas, retratadas com grande beleza e muitas vezes com um elemento cômico, alguma coisa fora do lugar. O estranho retrato ameaçador da mulher de cabelo escuro segurando a amiga morta permanecia virado para a parede do sótão, e eu tinha o cuidado de não lhe perguntar a respeito. O teto do sótão continuava festivo com roupas e partes do corpo dela. Os livros ao lado do sofá eram novamente catálogos de exposições, e uma ou outra biografia, mas nada sobre os impressionistas ou sobre Paris. Às vezes, eu achava que tinha sonhado sua obsessão caótica, inventado tudo, fosse lá o que aquilo significasse. Só o sótão excessivamente colorido me lembrava desta realidade. Eu evitava ir lá em cima sempre que sentia novas dúvidas.

Um dia, quando Ingrid já engatinhava, Robert não se levantou até o meio-dia, e naquela noite eu o ouvira andando de um lado para o outro, pintando. Ele passou duas noites pintando sem dormir, depois pegou o carro e sumiu por um dia e uma noite, voltando justamente depois do café da manhã. Enquanto ele estava sumido, também não dormi muito, e me perguntei várias vezes com lágrimas nos olhos se devia chamar a polícia, mas o bilhete que ele deixara me impediu de fazer isso. “Querida Kate”, dizia. “Não se preocupe comigo. Só preciso dormir nos campos. Não está muito frio. Estou levando o meu cavalete. Acho que vou enlouquecer se não fizer isso.”

Era verdade que o tempo andava ameno, um daqueles esporádicos momentos de calor com que o fim do outono nas

Montanhas de Blue Ridge às vezes nos brindavam. Ele chegou em casa com uma nova paisagem, uma paisagem sutil mostrando campos justo abaixo da franja das montanhas, o pôr do sol. Andando no capinzal marrom havia uma figura, uma mulher com um vestido branco comprido. Eu conhecia tão bem sua forma que poderia senti-la em minhas próprias mãos, a linha da cintura, o pregueado da saia, o volume dos seios embaixo de ombros largos encantadores. Ela acabava de se virar, de modo que seu rosto aparecia, mas estava muito longe para qualquer expressão senão uma insinuação de olhos escuros. Robert dormiu até escurecer, perdendo a oficina da manhã e uma reunião do corpo docente à tarde; no dia seguinte, liguei para o médico no centro de saúde do campus.

CAPÍTULO 27

MARLOW

Imaginei a vida dela.

Ela não está autorizada a sair sem alguém que a acompanhe. Seu marido passa o dia todo fora, mas ela não pode falar com ele ao telefone — essa estranha invenção só será instalada na maioria dos lares parisienses dali a vinte e cinco anos. Desde o início da manhã, quando seu marido sai de casa vestido de terno preto, cartola e sobretudo para pegar um ônibus a tração animal nos amplos bulevares do Barão Haussmann até o seu trabalho de diretor de operações postais, localizado num grande edifício no centro da cidade, até a hora que ele chega em casa, cansado e às vezes recendendo levemente a álcool, ela não o vê nem tem notícias dele.

Se ele lhe diz que trabalhou até tarde, ela não pode saber onde ele esteve. Sua mente às vezes pensa em possibilidades que vão desde silenciosas salas de reunião, onde homens de terno, camisa branca e gravata preta como os que ele usa se reúnem em volta de uma mesa comprida, até o que ela imagina ser a decoração intencionalmente de bom gosto de certo tipo de clube, onde uma mulher vestida somente com uma combinação de seda e corpete, anáguas franzidas e sapatos de salto alto (mas, fora isso, de aparência respeitável, com o cabelo bem-penteado), o deixa passar a mão pela metade superior de seus seios brancos — cenas que ela só conhece vagamente de sussurros, uma insinuação em um ou dois romances e que não fazem parte de sua educação.

Ela não tem provas de que seu marido vá a este tipo de estabelecimento, e talvez ele nunca o faça. Não é claro para ela por que essa imagem recorrente lhe inspira pouco ciúme. Em vez disso,

lhe dá uma sensação de alívio, como se ela estivesse dividindo um fardo. Ela sabe que as alternativas respeitáveis a esses extremos são restaurantes onde os homens — principalmente os homens — fazem a refeição do meio-dia, ou até a da noite, e conversam. Às vezes, ele chega em casa sem precisar da ceia e conta todo animado que comeu um excelente *poulet rôti* ou um *canard à l'orange*. Há também *cafés chantants* onde homens e mulheres podem se sentar com decoro, e outros cafés onde ele pode se sentar com *Le Figaro* e uma xícara de café no fim da noite. Ou talvez ele simplesmente trabalhe mesmo até tarde.

Em casa, ele é atencioso: toma banho e se veste para a refeição da noite se jantam juntos; veste seu roupão e fica fumando junto à lareira se ela já comeu e ele jantou fora, ou lê o jornal em voz alta para ela; às vezes, beija-a na nuca com uma ternura intensa quando ela está sentada debruçada sobre o trabalho, fazendo renda de crochê ou bordando um vestido para o novo bebê da irmã. Ele a leva à ópera no resplandescentemente novo Palais Garnier e, às vezes, a lugares mais simpáticos para ouvir uma orquestra e beber champanhe, ou a um baile no centro da cidade, para o qual ela põe um vestido novo de seda turquesa ou de cetim cor-de-rosa. Ele deixa claro que se orgulha de dar o braço a ela.

Acima de tudo, ele a incentiva a pintar, balançando a cabeça em sinal de aprovação mesmo diante de suas mais inusitadas experiências com cor, luz e pinceladas toscas no estilo que ela viu com ele nas novas exposições mais radicais. Ele nunca a chamaria de radical, claro; sempre lhe disse que ela é simplesmente uma pintora e deve fazer o que achar adequado. Ela lhe explica que acredita que a pintura deveria refletir a natureza e a vida, que as novas paisagens cheias de luz a emocionam. Ele meneia a cabeça aquiescendo, embora crescente com cautela que não haveria de querer que ela soubesse *demaix* sobre a vida — a natureza é um bom tema, mas a vida é mais dura que ela possa entender. Ele acha que é bom para ela ter algo gratificante para fazer em casa; ele também gosta de arte; percebe o talento dela e quer que ela seja feliz. Conhece os encantadores Morisot. Conheceu os Manet, e

sempre comenta que são uma boa família, apesar da reputação de Edouard e de suas experiências imorais (pinta mulheres dissolutas), que o tornam talvez demasiado moderno — uma pena, dado seu talento evidente.

Na verdade, Yves a leva a muitas galerias. Eles vão todos os anos ao Salon, com quase um milhão de outras pessoas, e ouvem as fofocas sobre telas favoritas e aquelas que os críticos desprezam. De vez em quando, passeiam nos museus na região do Louvre, onde ela vê estudantes de arte copiando quadros e esculturas, até uma mulher desacompanhada aqui e ali (seguramente americana). Não consegue admirar completamente nus na presença dele, sobretudo os de heróis do sexo masculino; sabe que nunca pintará a partir de um modelo nu. Sua aprendizagem formal foi no ateliê particular de um acadêmico, copiando moldes de gesso com a mãe presente, antes de se casar. Pelo menos, ela se esforçou.

Ela se pergunta, às vezes, se Yves entenderia se ela optasse por apresentar um quadro ao Salon. Ele nunca dissera nada depreciativo sobre aqueles poucos quadros no Salon de autoria de mulheres, e aplaude o que quer que ela ponha na tela. Do mesmo modo, nunca se queixa da casa, que ela tão bem administra, a não ser para dizer educadamente uma vez por ano que gostaria de algo mais malpassado ou que deseja que ela ponha mais um arranjo na mesa do *hall*. No escuro, uma vez ou outra, eles se conhecem de forma completamente diferente, com um calor, até mesmo uma fúria, que ela aprecia, mas na qual não se atreve a pensar durante o dia, a não ser para desejar acordar um dia de manhã e se dar conta de que ultimamente não precisou pegar aqueles paninhos limpos bem dobrados para a roupa de baixo, o saco de água quente e o copo de xerez que acalma suas cólicas menstruais.

Mas isso ainda não aconteceu. Talvez ela pense nesse assunto muito amiúde, ou muito raramente, ou de maneira errada — ela tenta não pensar mais naquilo de jeito nenhum. Em vez disso, esperará uma carta, e essa carta será sua principal distração da manhã. O correio chega duas vezes por dia; é entregue por um

rapaz de casaco azul curto. Ela ouve seu sino tocar na chuva e Esmé atender a porta. Não se mostrará ansiosa; na verdade, não está ansiosa. A carta aparecerá numa bandeja de prata em seu *boudoir* enquanto ela estiver se vestindo para suas visitas da tarde. Ela a abrirá antes que Esmé saia e depois a guardará na escrivaninha, para reler mais tarde. Ainda não adquiriu o hábito de meter as cartas dentro do corpete do vestido, carregando-as junto dela.

Enquanto isso, há outras cartas a escrever e responder, refeições para mandar fazer, a modista para ver, a manta, que será o presente de Natal do sogro, para terminar. E há o próprio sogro, o velho paciente: o sogro gosta que ela lhe traga pessoalmente as bebidas e os livros quando ele acorda da sesta, e ela realmente aguarda com ansiedade o momento em que ele lhe afaga a mão com sua mão transparente de veias visíveis e lança sobre ela um olhar com olhos quase vazios, agradecendo o seu cuidado. Há as plantas que dão flor as quais ela prefere regar pessoalmente em vez de deixá-las para as criadas e, o mais importante de tudo, há o quarto ao lado do dela, originalmente um solário, que contém seu cavalete e suas tintas.

A criada que está posando para ela atualmente — não Esmé e sim a mais jovem, Marguerite, de cujo rosto simpático e cabelo amarelo ela gosta — é pouco mais que uma menina. Béatrice começou um quadro dela sentada ao lado da janela com uma pilha de costuras; já que a criada gosta de ocupar as mãos enquanto posa, Béatrice fica feliz de deixá-la consertar golas e anáguas, desde que a menina mantenha sua cabeça dourada abaixada imóvel o suficiente.

Ali é muito claro; mesmo quando a chuva escorre pelos muitos vidros, elas podem trabalhar um pouco; as mãos de Marguerite mexendo nas delicadas roupas brancas, no algodão e na renda, e as de Béatrice medindo forma ou cor, reproduzindo a redondeza dos ombros jovens curvados sobre a agulha, as pregas do vestido e do avental. Nenhuma delas fala, mas ambas estão unidas pela paz de mulheres diante de suas tarefas. Nestes momentos, Béatrice sente

que seu trabalho é parte da casa, uma extensão do almoço que ela prepara em fogo lento na cozinha e das flores que ela arruma para a mesa de jantar. Ela fantasia pintar a filha que não tem, em vez daquela menina calada de quem ela gosta, mas que mal conhece; imagina que a filha lê poemas em voz alta enquanto ela pinta, ou conversa sobre seus amigos.

Na verdade, quando está realmente trabalhando, Béatrice para de se preocupar com o significado de seus quadros, se são bons, se ela algum dia poderia aventar com Yves a hipótese de apresentar um deles ao Salon — eles ainda não são bons o bastante para isso afinal, e provavelmente nunca serão. Ela também não se preocupa em saber se sua vida tem um sentido maior. Basta-lhe por ora contemplar o azul do vestido da moça, que combina perfeitamente com a mancha sobre a palheta, a pincelada sinuosa que dá cor à face jovem, o branco que ela acrescentará na manhã seguinte (é preciso mais branco, e um pouco de cinza, para representar a luz daquele outono chuvoso, mas ela não tem mais tempo antes do almoço).

Se ela preenche suas manhãs pintando, as tardes, quando não tem mais vontade de pintar e não faz nem recebe visitas, podem ser meio vazias. As personagens do romance que ela está lendo parecem estar com certeza mortas, então, em vez disso, ela escreve uma carta que andou compondo mentalmente, uma resposta àquela missiva que agora está num escaninho de sua escrivaninha pintada. Ela cruza os pés e os enfia embaixo da cadeira. Sim, sua escrivaninha fica na janela; ela a transferiu para lá na primavera passada, a fim de aproveitar a vista do jardim.

Enquanto escreve, ela vê que este é um daqueles dias estranhos que às vezes faz em Paris no outono: a chuva torrencial virando neve com chuva, depois, só neve. *Effet de neige, effet d'hiver* — ela viu essa expressão numa exposição no inverno passado, onde alguns dos novos pintores estavam expondo não só luz do sol e campos verdes, mas também neve, realizando coisas revolucionárias ao ar livre, no frio. Ela ficou paralisada, humilhada, diante daquelas telas que os jornais denegriam. A neve, quando

está no chão, contém partículas cinzentas. Contém azul, dependendo da luz, da hora do dia, do céu; contém ocre e até marrom ou cor de lavanda. Ela já parara de ver a neve como branca havia um ano; quase se lembra do momento exato em que reconheceu isso, examinando seu jardim.

Agora, a primeira neve de um novo inverno aparece num instante diante de seus olhos; a chuva se transformou sem avisar. Ela para de escrever e retira as sujeiras da caneta no limpa-penas de flanela ao lado de seu cotovelo, mantendo a tinta longe da manga. O jardim murcho já está coberto de uma cor sutil — de fato, não é branco. Bege, hoje? Prateado? Sem cor, se existe tal coisa? Ela ajusta o papel, molha a pena e recomeça a escrever. Conta ao correspondente sobre a forma como a neve recém-caída se acomoda em cada galho, a forma como os arbustos, alguns deles verdes o ano inteiro, se amontoam sob o véu imponderável do não branco, sobre o banco que num momento encontra-se despido na chuva e no instante seguinte acumula uma almofada macia. Ela o sente ouvindo, desdobrando a carta com suas mãos graciosas e envelhecidas. Ela enxerga os olhos dele, com aquele calor comedido, absorvendo suas palavras.

Quando chega o correio mais tarde, há outra carta dele, uma que, embora perdida para a posteridade, lhe diz algo dele, ou de seu jardim ainda não coberto pela neve — ele a teria escrito naquele dia mais cedo, ou mesmo na noite da véspera; ele mora no centro da cidade. Talvez deplore — com um encanto cheio de humor — o vazio de sua vida; há anos está viúvo e não tem filhos. Sem filhos, ela às vezes se lembra, da mesma forma que ela — que tem idade para ser sua filha, até mesmo sua neta. Ela dobra o bilhete dele com um sorriso, depois, abre-o novamente e o relê.

CAPÍTULO 28

KATE

Robert concordou, friamente, em ir ao médico do campus, mas não quis que eu o acompanhasse. Dava para ir a pé de nossa casa ao centro de saúde, bem como a todos os outros lugares, e não consegui deixar de ficar parada no alpendre, vendo-o partir. Ele caminhava com os ombros curvados, pondo um pé na frente do outro, como se cada movimento lhe causasse dor. Rezei para tudo aquilo que pude me lembrar, pedindo que ele fosse comunicativo ou estivesse desesperado a ponto de contar ao médico todos os seus sintomas. Talvez precisassem lhe fazer alguns exames. Ele poderia estar esgotado por causa de alguma doença no sangue: mononucleose ou — Deus me livre — leucemia. Mas isso não explicava a mulher morena. Se Robert não quisesse falar muito sobre a consulta, eu teria de conversar com o médico e explicar as coisas, e talvez precisasse fazer isso escondido, para não irritar Robert.

Aparentemente, depois da consulta, ele tinha ido dar aula ou pintar no ateliê do campus, porque não o vi antes da hora do jantar. Ele não me contou nada antes de eu colocar Ingrid na cama e mesmo assim tive de lhe perguntar o que o médico dissera. Ele estava sentado na sala — não propriamente sentado, mas esparramado no sofá com um livro por abrir. Levantou a cabeça quando falei com ele.

— O quê? — Parecia que me olhava de muito longe, e tinha um lado do rosto meio caído, como eu havia notado antes. — Ah, eu não fui.

Fiquei aflita e com raiva, mas respirei fundo.

— Por quê?

— Quer me deixar em paz! — Disse num fio de voz. — Eu não estava a fim. Tinha trabalho para fazer, e há três dias não tenho tempo para pintar.

— Você foi pintar em vez de ir ao médico?

Isso, pelo menos, teria sido um sinal de vida.

— Você está me controlando?

Ele apertou os olhos. Pôs o livro diante de si como se fosse um peitoral. Eu me perguntei se ele poderia decidir atirá-lo em mim. Era um ensaio fotográfico sobre lobos que ele havia comprado por impulso uns meses atrás. Aquilo também era novidade, ele comprar livros que depois não lia. Sempre fora pão-duro para comprar qualquer coisa que não fosse de segunda mão, ou para comprar o que quer que fosse, exceto aqueles grandes sapatos bem-feitos que ele adorava.

— Não estou controlando você — disse eu com cuidado. — Só estou preocupada com sua saúde, e gostaria que você fosse ao médico e visse esse problema. Acho que só isso já vai ajudá-lo a se sentir melhor.

— Acha? — Disse ele num tom quase desagradável. — Você *acha* que isso vai fazer com que eu me sinta melhor. Tem alguma ideia de como eu me sinto? Sabe como é não conseguir pintar, por exemplo?

— Com certeza — disse eu tentando não me inflamar. — São pouquíssimos os dias em que consigo fazer isso. Quase inexistentes, aliás. Conheço essa sensação.

— E sabe como é a gente ficar pensando sem parar numa coisa até se perguntar... deixa para lá — encerrou ele.

— Até se perguntar o quê? — Tentei falar com muita calma, demonstrar apenas que era uma boa ouvinte.

— Até não conseguir pensar nem ver mais nada? — Ele falava com voz grave enquanto piscava olhando para a porta. — Tantas coisas terríveis aconteceram na história, inclusive com artistas, mesmo artistas como eu, que tentaram levar uma vida normal. Pode imaginar como é pensar nisso o tempo todo?

— Eu também penso às vezes em coisas terríveis — respondi com firmeza, embora isso me soasse como uma digressão bastante estranha. — Todo mundo tem esses pensamentos. A história está cheia de coisas horríveis. A vida das pessoas é cheia de coisas horríveis. Todo ser pensante reflete sobre elas, especialmente quando tem filhos. Mas isso não significa que tenha de adoecer por isso.

— E se começasse a pensar numa única pessoa? O tempo todo?

Fui ficando arrepiada, se de medo, de ciúme antecipado ou de ambos, eu não poderia dizer. Ali estava o momento em que ele iria destruir nossa vida.

— Como assim? — Pronunciei as palavras com alguma dificuldade.

— Uma pessoa de quem se poderia ter gostado — disse ele, e seus olhos tornaram a correr pela sala. — Mas ela não existiu.

— O quê? — Senti uma grande desolação, não conseguia ver onde aquilo acabava.

— Vou ao médico amanhã — disse ele zangado, como um garotinho resignado com o castigo.

Eu sabia que ele tinha concordado para que eu não lhe exigisse mais nada.

No dia seguinte, ele saiu e voltou, dormiu e depois se levantou para comer qualquer coisa. Fiquei calada ao seu lado à mesa. Não precisei perguntar.

— Ele não consegue achar nada de errado fisicamente. Bem, pediu um hemograma para ver se tenho anemia e mais umas coisas, mas quer que eu faça uma avaliação psiquiátrica.

Robert falou aquilo pausadamente, quase num tom de desprezo, mas eu sabia que só o fato de ele me contar já significava que estava com medo e disposto a seguir as orientações. Cheguei perto dele, abracei-o e afaguei sua cabeça, os cachos fartos, a testa enorme, sentindo aquela mente surpreendente lá dentro, os vastos dons que eu sempre admirara e que me causavam espanto. Toquei

em seu rosto. Eu adorava aquela cabeça, seu cabelo crespo e rebelde.

— Tenho certeza de que vai dar tudo certo — disse eu.

— Vou fazer por você — ele falou tão baixo que mal ouvi, depois me envolveu com os braços pela cintura e colocou o rosto em mim.

CAPÍTULO 29

1878

A neve se acumulou da noite para o dia. Pela manhã, a mulher dá as ordens para o jantar, envia um bilhete à modista e sai para o jardim. Gostaria de saber que aspecto tem a sebe, o banco. Quando fecha a porta dos fundos da casa e pisa no primeiro monte de neve, ela se esquece de todo o resto, inclusive da carta metida dentro do vestido. A árvore plantada dez anos antes pelos ocupantes originais da casa tem uma guirlanda de neve; um passarinho pousado num muro com as penas eriçadas parece duas vezes maior. Suas botas de cadarço afundavam nas bordas da superfície nevada enquanto ela caminha entre os canteiros em hibernação, as árvores engelhadas. Tudo está transformado. Ela se lembra de quando via da janela do andar de cima os irmãos ainda crianças, deitados nos montes de neve, agitando os braços, esperneando, se socando, se debatendo, os casacos de lã e as compridas meias de tricô sumidos dentro do branco. Era branco?

Com a mão enluvada, ela se serve de uma boa porção — uma sobremesa, *Mont Blanc* —, e a põe na boca, engole um pouco do frio insípido. Os canteiros estarão amarelos na primavera, este aqui, rosa e creme, e embaixo da árvore se abrirão as florezinhas azuis que ela sempre adorou, trazidas para cá do túmulo de sua mãe há pouquíssimo tempo. Se tivesse uma filha, ela a levaria ao jardim no dia que elas abrissem e lhe contaria de onde vinham. Não — levaria a filha ao jardim diariamente, duas vezes por dia, para o sol e o caramanchão, ou até a neve, se sentaria com ela no banco, mandaria fazer um balanço para ela. Ou para ele, seu filhinho. Ela contém as lágrimas e se volta irritada para a extensão de neve ao longo do muro dos fundos, nela riscando com a mão uma forma

comprida. Do outro lado do muro, há árvores, depois a névoa amarronzada do Bois de Boulogne. Se terminar o vestido da criada no quadro com mais branco, com as pinceladas rápidas que ultimamente ela prefere, iluminará o quadro todo.

Uma ponta da carta metida dentro do vestido a espeta. Ela limpa a neve das luvas e abre a capa, a gola, tira a carta, consciente dos fundos da casa atrás dela, dos olhos das criadas. Mas elas estarão especialmente ocupadas a esta hora, na cozinha ou arejando a saleta e o quarto do sogro enquanto ele está sentado à janela do quarto de vestir, cego demais para enxergar até mesmo o vulto escuro no jardim branco.

A carta não traz o seu nome, mas sim uma forma terna de tratamento. O remetente lhe conta sobre seu dia, seu novo quadro, os livros junto à sua lareira, mas nas entrelinhas, ela o ouve dizendo algo completamente diferente. Ela mantém os dedos enluvados e molhados longe da tinta. Já decorou todas as palavras da carta, mas quer ver de novo a prova negra e sinuosa, a letra dele com aquela desenvoltura regular, aquela concisão. É a mesma franqueza despreocupada que ela vê nos desenhos dele, uma segurança diferente da intensidade dela — fascinante, até mesmo intrigante. As palavras dele também são seguras, só que têm um significado maior do que parece. O *accent aigu*, um mero risco com a ponta da pena, uma carícia; o *accent grave* forte, inclinando-se e se afastando, um aviso. Ele fala dele próprio, seguro, e no entanto, em tom de desculpa: *Je*, o “j” maiúsculo no início de suas frases preciosas, uma inspiração profunda e vigorosa, o “e”, rápido e contido. Ele fala dela e da renovação da vida que ela lhe proporcionou — por acaso?, pergunta ele — e, como nas últimas cartas, com a permissão dela, trata-a por “*tu*”, o “t”, respeitoso no início das frases, o “u” terno, uma mão em concha envolvendo uma pequenina chama.

Segurando as extremidades da folha, ela ignora o som de cada linha por um momento, pelo prazer de compreendê-lo de novo um segundo depois. Ele não tem intenção de transtornar a vida dela; sabe que na idade dele tem poucos atrativos a lhe oferecer; só quer

ter permissão para respirar diante dela e encorajar seus pensamentos mais nobres. Ele se atreve a esperar que, embora os dois jamais possam tocar neste assunto, ela o veja no mínimo como seu amigo dedicado. Ele se desculpa por perturbá-la com pensamentos indignos. Assusta-a que, por baixo do longo floreio de seu *pardonnez-moi* e daquele hífen delicado, ele adivinhe que ela já seja dele.

Seus pés ficam gelados; o frio da neve começa a atravessar a sola de suas botas. Ela dobra a carta, esconde-a num lugar secreto, e encosta o rosto no tronco de uma árvore. Não pode se permitir ficar ali parada durante muito tempo, já que alguém com a visão perfeita poderia chegar às janelas que estão atrás dela, mas precisa de uma pausa para aguentar. O tremor no fundo de seu ser não vem das palavras dele, com aquele gracioso recuo parcial, mas de sua certeza. Ela já se decidira a não responder a essa. Mas não se decidira a não relê-la.

CAPÍTULO 30

KATE

Robert insistiu em ir sozinho ao psiquiatra e, quando voltou, disse-me simplesmente que tinha uma medicação para experimentar e o nome e telefone de um terapeuta. Não disse se iria ou não ligar para o terapeuta, nem se tomaria a medicação. Eu não consegui imaginar nem mesmo onde ele a havia guardado, e decidi ficar uma ou duas semanas sem bisbilhotar. Eu me limitaria a esperar para ver o que ele fazia e o estimularia de todos os modos que pudesse. No fim, o frasco apareceu no nosso armário de remédios do banheiro: lítio. Eu o ouvia chacoalhando-o de manhã e à noite, quando ele tomava uma dose.

Em uma semana, Robert pareceu mais calmo e recomeçou a pintar, embora dormisse pelo menos doze horas por dia e ficasse aturdido ao comer. Eu agradecia por ele manter as oficinas sem mais interrupções e por eu não ter percebido nenhum mal-estar por parte da faculdade, apesar de não saber ao certo de que maneira este mal-estar poderia ter chegado a meu conhecimento. Um dia, Robert me disse que o psiquiatra queria falar comigo, e que ele, Robert, achava boa ideia. Ele tinha uma consulta naquela tarde — perguntei-me por que ele não mencionara aquilo antes — e, quando chegou a hora, pus Ingrid na cadeirinha do carro pois foi muito em cima da hora para arranjar uma babá. Vi as montanhas passando e me dei conta de que fazia tempo que eu não ia à cidade. Minha vida girava em torno da casa, da caixa de areia e balanços quando estava quente o bastante fora de casa, e do supermercado na beira da estrada. Eu olhava o perfil sério de Robert enquanto ele dirigia e finalmente perguntei por que ele achava que o psiquiatra queria falar comigo.

— Ele gosta de saber o ponto de vista de um membro da família — disse, e acrescentou: — Acha que estou me dando bem até agora. Com o lítio.

Era a primeira vez que ele mencionara a droga pelo nome.

— Você também acha?

Pus a mão na coxa dele, sentindo os músculos se mexerem quando ele freou.

— Eu me sinto bastante bem — disse ele. — Duvido que vá precisar desse remédio por muito tempo. Mas eu queria não estar tão cansado. Preciso de energia para pintar.

Para pintar, pensei, mas para estar com a gente também? Ele adormecia depois do jantar sem brincar com Ingrid, e quase sempre estava dormindo quando eu saía para caminhar com ela pela manhã. Eu não disse mais nada.

A clínica era um prédio comprido e baixo construído com um tipo de madeira de aspecto caro e cercado de arvorezinhas nuas protegidas do frio por tubos de papel. Robert entrou como uma pessoa sensata, segurando a porta enquanto eu passava com Ingrid no colo. A sala de espera dentro do prédio, que parecia servir a vários médicos, era espaçosa e bastante ensolarada num dos lados. Depois de algum tempo, um homem saiu, sorriu para Robert e me chamou pelo nome. Não estava de jaleco branco nem com uma planilha na mão, mas de paletó, gravata e calça cáqui passada a ferro.

Olhei para Robert, que balançou a cabeça.

— Isso é com você — disse ele. — Ele quer conversar com você. Só vai me chamar para entrar também se precisar de mim.

Então, deixei Ingrid com o pai e acompanhei o dr.... bem, que importância tem o nome dele? Era um homem simpático de meia-idade fazendo o seu trabalho. Seu consultório era coberto de diplomas e certificados emoldurados, sua mesa, muito arrumada, um grande peso de papel de bronze repousava em cima da única folha de papel solta. Sentei-me de frente para a mesa, os braços vazios sem Ingrid. Desejei tê-la levado para dentro do consultório e me preocupei, achando que Robert poderia ficar de novo divagando

em vez de vigiá-la enquanto ela passeava pela sala onde havia tomadas e arranjos florais. Mas quando estudei um pouco o dr. Q, percebi que gostei dele. Seu rosto era meigo e me fazia lembrar meu avô de Michigan. Quando ele falou, tinha uma voz cava, meio gutural, como se, durante a adolescência, tivesse vindo de outro lugar, e qualquer que fosse o seu sotaque, já não era possível localizá-lo, como se isso arranhasse apenas sutilmente as consoantes.

— Obrigado por vir falar comigo, sra. Oliver — disse ele. — Conversar com um parente próximo de um paciente me facilita as coisas, especialmente dos pacientes novos.

— Estou feliz de ter vindo — respondi honestamente. — Ando muito preocupada com Robert.

— Claro que anda — ele mudou a posição do peso de papel, recostou-se na cadeira e olhou para mim. — Sei que isso deve ter sido duro para a senhora. Esteja certa de que estou prestando muita atenção em Robert e satisfeito com a eficácia dessa primeira medicação que experimentamos.

— Ele sem dúvida parece mais calmo — admiti.

— Você pode me falar um pouco da primeira coisa que notou de diferente ou que lhe preocupava no comportamento dele? Robert me contou que foi a senhora quem o fez procurar um médico inicialmente.

Cruzei as mãos e desfieei nossos problemas, os problemas de Robert, os atordoantes altos e baixos do último ano.

O dr. Q. ouviu calado, sem alterar a expressão, que era simpática.

— E ele lhe parece mais estável com o lítio?

— Sim — respondi eu. Ainda dorme muito, e se queixa disso, mas de fato parece capaz de se levantar para ir dar aulas quase sempre. Ele se queixa de não conseguir pintar.

— A adaptação a uma medicação nova demora, e descobrir a dosagem que funciona também. — Dr. Q. tornou a arrumar o peso de papel atentamente, desta vez no canto superior esquerdo da única folha de papel. — Acho que, no caso do seu marido, é

importante ele tomar lítio por algum tempo, e provavelmente precisará para sempre dessa substância, ou de alguma outra medicação caso esta não surta exatamente os efeitos que desejamos. O processo exigirá um pouco de paciência por parte dele e da senhora.

Comecei a sentir uma inquietação nova.

— Quer dizer que acha que ele terá sempre esses problemas? Não vai poder parar com a medicação quando melhorar?

O médico tornou a colocar o peso de bronze no centro do documento. Isso de repente me lembrou aquele jogo infantil — pedra, papel, tesoura — em que um elemento podia sempre ganhar do outro, sem nunca haver um vencedor absoluto, num ciclo fascinante.

— Leva tempo para desenvolvermos qualquer diagnóstico preciso. Mas acho que Robert provavelmente está com...

E ele me disse o nome de uma doença, que eu só conhecia vagamente e associava a coisas atroz, coisas que nada tinham a ver comigo, coisas pelas quais as pessoas eram submetidas a terapias de choque elétrico, ou que as levavam ao suicídio. Fiquei ali sentada por alguns segundos, tentando encaixar essas palavras em Robert, meu marido. Eu suava frio.

— Está me dizendo que meu marido está mentalmente doente?

— Não sabemos realmente que parte de qualquer estado é doença mental e que parte é ambiental ou uma função da personalidade — objetou o dr. Q., e eu o odiei pela primeira vez: ele estava respondendo com evasivas. — Robert talvez se estabilize com essa medicação, ou talvez tenhamos de tentar outro tratamento. Acho que, dada sua inteligência e sua dedicação à arte e à família, a senhora pode ter esperanças de que ele consiga muita coisa.

Mas já era tarde. Robert já não era só Robert para mim. Era uma pessoa com um diagnóstico. Eu já sabia que nada seria igual, jamais, por mais que eu tentasse sentir por Robert o mesmo que sentia antes. Meu coração doía por causa dele, mas doía mais ainda por mim. O dr. Q. tirara o que de mais caro eu tinha, e ele

visivelmente não sabia como eu me sentia com isso. Não tinha nada para me dar em troca, só a visão da sua mão arrumando a mesa vazia. Eu gostaria que ele tivesse tido a elegância de se desculpar.

CAPÍTULO 31

KATE

Robert ficava sonolento com o lítio. Um dia, bateu num carro quando ia para o museu da cidade — felizmente, estava devagar. Depois disso, o dr. Q. lhe passou outra droga, combinando-a com um ansiolítico. Robert me explicou essas coisas quando lhe pedi detalhes, o que eu fazia sempre que podia, porém sem irritá-lo.

Em meados de dezembro, a nova droga parecia estar funcionando tão bem que lhe permitia pintar e chegar pontualmente às aulas, e ele estava mais parecido com o velho Robert cheio de energia. Trabalhava no ateliê do campus, onde ficava até tarde várias vezes por semana. Quando fui lá uma vez com Ingrid, encontrei-o absorto num retrato — a dama dos meus pesadelos. Ela estava sentada numa poltrona, os braços cruzados no colo. Era um dos quadros brilhantes que mais tarde conseguiram levá-lo à grande exposição em Chicago — uma imagem razoavelmente alegre desta vez — ela estava vestida de amarelo, sorrindo como se fosse para si mesma, como se estivesse se lembrando de algo agradável e íntimo, os olhos doces, um buquê de flores na mesa ao seu lado. Fiquei tão aliviada de vê-lo trabalhando, e com cores alegres, que quase parei de me perguntar quem ela era.

Isso aumentou o choque quando passei por lá poucos dias depois para levar uns biscoitos que Ingrid e eu havíamos feito juntas e o encontrei trabalhando no mesmo quadro, mas com um modelo vivo. Ela parecia uma estudante e estava sentada numa cadeira dobrável, não em meio a um estofamento de damasco. Por um momento, meu coração parou. Ela era jovem e bonita, e Robert estava conversando com ela, como se assim a mantivesse imóvel enquanto pintava novamente o ângulo entre a cabeça e o ombro.

Mas ela não tinha nada a ver com a dama do sótão. Era loura de cabelos curtos e olhos claros, e usava uma camisa de futebol da universidade. Só seu belo corpo e sua mandíbula quadrada lhe conferiam alguma semelhança com a mulher de cabelos cacheados que eu vira pela primeira vez num desenho que tirei do bolso dele. Ademais, Robert pareceu não se perturbar com a minha presença, cumprimentando Ingrid e a mim com beijos e apresentando a moça como um dos modelos de praxe do ateliê, uma estudante fazendo um bico. A própria moça pareceu bem mais encantada com Ingrid e com o fato de os exames estarem quase no fim do que com Robert. Ele nitidamente a estava usando para a pose, e fiquei sabendo tão pouco como antes.

Lembro-me só de alguns momentos da partida de Robert para o Estado de Nova York no início de janeiro. Ele ficou com Ingrid no colo durante muito tempo e percebi que ela já estava tão grande que podia envolver quase toda a cintura dele com as pernas — tinha o corpo comprido de Robert, além de seu cabelo crespo e escuro. O outro momento de que me lembro é de entrar em casa depois que o carro dele desceu a rampa e sumiu no caminho por entre o bosque — deve ter sido depois, a menos que eu não quisesse ficar parada no alpendre na friagem por mais nem um segundo para vê-lo partir. Lembro-me de entrar para terminar de lavar a louça do café e me perguntar em palavras claras, apesar de mudas: *Isso é uma separação?* Mas não havia resposta na minha cabeça nem na cozinha aquecida, com aquele cheiro de purê de maçã e pão torrado. Tudo parecia normal, ainda que triste. A casa até estava aliviada. Eu já havia me virado antes e continuaria me virando.

Os bilhetes de Robert eram sempre rabiscados num cartão-postal e endereçados tanto a Ingrid quanto a mim, e seus telefonemas vinham num ritmo irregular, mas com bastante frequência. O inverno no norte do Estado de Nova York era rigoroso, no entanto a neve era maravilhosa. Impressionista. Ele pintou ao ar livre uma vez e quase congelou. O diretor da faculdade tinha lhe

dado as boas-vindas. Seu quarto ficava no alojamento de hóspedes do corpo docente e tinha uma boa vista do bosque e do pátio. Seus alunos, na maioria, não tinham talento, ainda que fossem interessantes. O ateliê era muito pequeno, mas ele estava conseguindo pintar. Fora dormir às quatro da manhã naquele dia.

Então, um pequeno intervalo, um silêncio curto, e os bilhetes recomeçariam. Eu gostava mais de seus postais que de seus telefonemas, que eram cheios de tensão muda entre nós, um abismo ainda mais difícil de transpor quando não podíamos ver o rosto um do outro. Eu tentava não telefonar para ele mais vezes que ele telefonava para mim. Uma vez, ele mandou um desenho para Ingrid, como se soubesse que ela conseguia entender melhor essa linguagem. Colei-o na parede do quarto dela. Retratava prédios góticos e montes de neve, árvores nuas. Se Ingrid chorava à noite, eu a trazia para a minha cama e acordávamos na manhã seguinte enroscadas. No fim de fevereiro, Robert tomou um avião e veio para as férias de inverno e para o aniversário de Ingrid. Ele dormia muito, e fazíamos amor, mas não conversamos sobre dificuldade alguma. Ele teria férias no início de abril também, disse, mas decidira passá-las pintando no norte. Não protestei. Se ele voltasse no verão com mais trabalhos terminados, talvez se tornasse uma pessoa de convivência mais fácil.

Quando Robert tornou a partir, minha mãe veio passar uma temporada comigo. Ela me mandava diariamente à piscina do campus para nadar. Eu tinha perdido muitos dos quilos que eu ganhara na gravidez naquele ano, e o resto foi embora enquanto eu me exercitava na água, fazendo com que também me lembrasse de como era, havia tão pouco tempo, ser jovem e otimista. Durante essa visita, notei pela primeira vez o tremor das mãos de minha mãe e os pequenos vasos capilares estourados em suas faces, o ligeiro inchaço de seus tornozelos. Ela continuava a me ajudar no mesmo ritmo — enquanto estive lá em casa, a louça estava sempre limpa no secador de pratos, os milhares de macacões de algodão de Ingrid, lavados e dobrados, e todas as histórias que minha filha poderia querer ouvir eram lidas para ela.

Mas mamãe foi ficando meio insegura e, depois que voltou para Michigan, começou a me dizer que tinha medo de andar no gelo. Colocava o pé fora de casa para ir ao armazém, ao dentista ou para fazer trabalho voluntário na biblioteca, via o gelo, tornava a entrar e então me ligava. Um dia, ela me disse que não saía de casa havia quase uma semana. Eu não quis esperar, sozinha, com a pergunta que agora me acordava de madrugada. E quando perguntei a Robert, ele concordou, sem hesitar, que mamãe deveria vir morar conosco.

Eu não deveria ter ficado surpresa, mas fiquei. Acho que tinha me esquecido da pronta generosidade dele, de seu uso do sim em vez do não, de seu hábito de dar paletós para amigos ou até estranhos. Isso reacendeu o meu amor enquanto eu esperava por ele, bem longe daquele campus no Estado de Nova York. Agradei-lhe do fundo do coração, contei-lhe das azaleias que começavam a florir, das folhas verdes em toda parte. Ele disse que voltaria para casa depressa, e ambos parecíamos estar sorrindo ao telefone.

Quando liguei para mamãe, ela não protestou como imaginei que faria — em vez disso, disse que iria pensar no assunto, mas que, se viesse, iria querer nos ajudar a comprar uma casa maior. Eu nunca soubera que ela tinha tanto dinheiro, mas tinha, e também já recebera uma oferta pela casa em Ann Arbor no ano anterior. Ela pensaria no assunto. Talvez não fosse uma ideia tão ruim. Como estava o resfriado de Ingrid?

CAPÍTULO 32

1878

Em maio, Yves insiste para que seu tio os acompanhe à Normandia, primeiro a Trouville e depois a uma aldeia perto de Étretat, um lugar calmo onde já haviam estado várias vezes antes e adorado. A ideia de Papa é regressar com o irmão, mas Yves se empenha para conseguir o que quer. Béatrice faz objeções; por que não poderiam ser apenas os três, como antes? Ela pode cuidar de Papa sozinha, e a casa que Yves sempre aluga só tem um quarto de hóspedes pequeno, sem uma saleta para tio Olivier, se Papa ficar no aposento em que sempre fica. Se mudarem Papa de lugar, ele não conseguirá encontrar nada, ou poderá cair na escada à noite. Já é difícil para Papa viajar, embora ele seja a paciência em pessoa e se delicie com a sensação do sol do Canal da Mancha e da brisa no rosto. Ela implora para que Yves reconsidere.

Mas Yves está firme. Ele pode ser chamado para viajar a trabalho no meio das férias, assim ela pelo menos terá Olivier para ajudá-la. Estranho — Olivier é mais velho ainda que Papa, mas parece ter menos quinze anos que ele em termos de saúde e agilidade. Olivier só ficou com os cabelos brancos depois da morte da mulher, contou-lhe Yves uma vez, mas isso foi há alguns anos, antes de ela ter conhecido a família. Olivier é forte, vibrante para a idade que tem; pode ajudar. A insistência de fazer com que Olivier os acompanhe é o mais próximo que Yves já chegou de se queixar de precisar arcar com o cuidado de Papa.

Ela torna a protestar — timidamente dessa vez — e três semanas depois, eles estão a bordo de um trem saindo lentamente de Gare Saint-Lazare. Yves cobre as pernas de Papa com uma manta e Olivier lê em voz alta as notícias de arte no jornal. Parece

evitar o olhar de Béatrice. Ela está agradecida, já que a presença dele ocupa de tal modo aquele espaço exíguo que ela até deseja se sentar em outro vagão. Ele parece ter remoçado desde que começaram a se corresponder; tem a tez bronzeada mesmo antes de chegarem à costa. Tem a barba espessa prateada, bem-aparada. Conta-lhes que andou pintando na Floresta de Fontainebleau, e ela se pergunta se ele pensou nela enquanto caminhava por aquelas trilhas com seu cavalete ou repousava em clareiras que provavelmente ela nunca veria. Por um momento, ela inveja as árvores que o cercaram, a relva que devia estar sob seu corpo comprido enquanto ele descansava, e imediatamente começa a pensar em outras coisas. Estará ela meramente com ciúmes da possibilidade que ele tem de viajar e pintar quando bem entende, de sua liberdade constante?

Do lado de fora da janela do trem, cinzas passam voando entre ela e os campos recém-brotados, os lampejos da água serpeando. Yves mantém a janela fechada para que nem a fumaça nem a fuligem entrem, embora, com isso, a cabine fique demasiado quente. Ela observa umas vacas sob as árvores de um bosque, um campo salpicado de papoulas vermelhas, margaridas brancas e amarelas. Tinha tirado as luvas, o chapéu e também o casaco, que fazia conjunto com eles, uma vez que estavam sozinhos, em família, e as cortinas que dão para o corredor estão fechadas. Quando se recosta e fecha os olhos, sente o olhar de Olivier e espera que o marido não note. Mas o que há para notar? Nada, nada, nada, e é assim que ela vai manter a situação — nada entre ela e esse homem de cabelo branco que Yves conhece desde que nasceu e que agora é parente dela também.

O apito toca bem adiante, na frente do trem, um ruído insincero, da mesma forma que ela se sente. A vida vai ser longa, ao menos para ela. Isso não é bom? Ela não sente sempre o tempo diante de si em uma adorável expansão? E se — ela abre os olhos e os mantém firmemente numa aldeia ao longe, uma mancha pálida, uma torre de igreja longe nos campos —, e se esse tempo não incluir filhos nem Olivier? E se não houver mais as cartas de Olivier, a mão

dele em seu cabelo — ela olha diretamente para ele agora, enquanto Yves abre um segundo jornal, e fica gratificada ao ver que o sobressaltou. Ele vira a bela cabeça para a janela e pega um livro. O tempo é muito escasso. Ele morrerá décadas antes dela. E se isso por si só fosse suficiente para comprometer a resistência dela?

CAPÍTULO 33

KATE

Na verdade mamãe levou vários anos para decidir o que fazer, depois para vender a casa e dar um fim a todos aqueles livros. Robert e eu ficamos no chalé no campus durante esse tempo. Uma vez, fui a Michigan para ajudá-la a dar a maior parte dos objetos que meu pai possuía, e ambas choramos. Deixei Ingrid com Robert e ele pareceu tomar conta dela direito, embora eu tivesse medo que ele esquecesse onde ela estava ou a deixasse perambular sozinha fora de casa.

No outono, na sua vez de tirar umas férias, Robert passou dez dias na França. Ele queria ver de novo os grandes museus, dissera — desde a faculdade não ia à França. Voltou tão revigorado e empolgado que achei que o gasto valera a pena. Ele também fez uma exposição bastante grande em Chicago no mês de janeiro, um convite de um de seus antigos professores — fomos todos de avião para lá gastando horrores, e vi no decorrer de um ou dois dias que ele estava conquistando alguma coisa que beirava a fama.

Em abril, as flores de que Robert e eu gostávamos tornaram a se abrir no campus. Eu ia ao bosque procurar as silvestres, e passeávamos pelos jardins da faculdade para que Ingrid visse os canteiros floridos. No fim do mês, comprei um pequeno kit no supermercado e vi uma linha cor-de-rosa se formar na janela oval branca. A ideia de contar a Robert me apavorava, embora tivéssemos concordado em tentar um segundo filho. Ele vivia cansado ou desanimado, mas pareceu contente com a minha notícia, e achei que a vida de Ingrid estaria completa. Qual é o objetivo de se ter um filho único? Descobrimos que dessa vez era um menino e comprei um boneco para Ingrid segurar no colo e

trocar a fralda. Em dezembro, tornamos a ir para a maternidade. Tive o bebê com uma espécie de concentração feroz e eficiente, e o trouxemos para casa — Oscar. Ele tinha cabelo claro e se parecia com minha mãe, embora Robert insistisse em que fosse mais parecido com a mãe dele. As duas mães vieram ajudar por umas semanas — a minha continuava em Michigan — hospedando-se na casa de vizinhos, e gostavam de discutir a questão. Agora eu estava de novo empurrando o carrinho de bebê, sempre com os braços e o colo cheios.

Tenho uma imagem indelével de Robert da época em que nossos filhos eram pequenos e morávamos na faculdade. Não sei bem por que me lembro tão bem dele nesse tempo, que foi o auge da nossa relação, apesar de ter sido aí que Robert começou a se dismantelar por dentro, acho eu. Mesmo alguém com quem você tenha morado, tenha visto nu todos os dias ou sentado na privada por uma porta entreaberta, pode se desvanecer depois de algum tempo e virar apenas uma silhueta.

Mas Robert, daquela época toda em que as crianças eram pequenas e antes de mamãe vir morar conosco, está inteiro, para mim, na cor e na textura. Ele tinha um suéter marrom grosso que usava quase diariamente quando fazia frio, e lembro-me daqueles fios pretos e castanhos vistos de perto, e das outras coisas que ficavam agarradas na lã, como fiapos e serragem, gravetos, todo tipo de pedaços de coisas ásperas que vinham de seu ateliê na escola, de seus passeios e excursões para pintar. Comprei aquele suéter de segunda mão para ele logo depois que nos conhecemos — estava em ótimo estado, era irlandês, feito à mão, e durou anos e anos — durou mais que nós, na verdade. O suéter enchia meus braços quando ele chegava em casa. Eu acariciava suas mangas ao acariciar os cotovelos dele. Por baixo do suéter, ele usava uma camiseta velha de mangas compridas ou uma camisa esgarçada de gola rulê, sempre de uma cor que contrastasse com o suéter — vermelho puído ou verde-escuro, não que elas necessariamente combinassem, mas chamavam atenção de alguma forma. Usava o

cabelo comprido ou curto — os cachos cobrindo a gola do suéter ou cortados rentes na nuca, mas o suéter era sempre o mesmo.

Naquela época, minha vida era principalmente tátil — suponho que a dele fosse cor e traço, de modo que não conseguíamos perceber muito bem o mundo um do outro, e ele não conseguia sentir direito minha presença. O dia inteiro eu tocava nos pratos e nas tigelas limpas quando os guardava, na cabeça pegajosa de xampu das crianças quando estavam na banheira, na maciez de seus rostos, nos seus traseiros arrepiados e sujos de cocô que eu limpava, no macarrão quente, na roupa úmida e pesada que eu jogava na secadora, nos tijolos dos degraus da frente quando eu sentava para ler por oito minutos enquanto eles brincavam logo ali, na relva nova que espetava, e aí, quando uma delas caía, eu tocava na grama, e na lama, e no joelho arranhado, e nos Band-Aids grudentos, e no rosto molhado, e nos meus jeans, e no cadarço desamarrado.

Quando Robert vinha para casa depois das aulas, eu tocava em seu suéter marrom e em seus cachos soltos, em seu queixo com a barba por fazer, nos bolsos traseiros de suas calças, em suas mãos calejadas. Via-o levantar as crianças, e sentia, só de ver isso, como seu rosto áspero roçava no rostinho delicado delas e quão agradável elas achavam isso. Ele parecia estar inteiramente conosco naqueles momentos, e seu toque era a prova disso. Se o dia não tivesse me deixado exausta, ele tocava em mim para me manter acordada mais um pouco, e aí eu tentava alcançar seus flancos macios e glabros e os pelos macios e crespos entre suas pernas, seus mamilos planos e perfeitos. Então, ele parecia parar de me olhar e, finalmente, entrar no meu mundo de toque, naquele espaço que se movia entre nós, até preenchermos a lacuna com uma familiaridade ferosa, uma rotina de alívio. Naqueles dias, eu sempre me sentia coberta de secreções: o leite que escorria, o jato no meu pescoço quando eu trocava Oscar um pouquinho antes do tempo, a espuma em minhas coxas, a saliva em meu rosto.

Talvez por isso eu tenha me convertido ao mundo tátil e abandonado o mundo visual, talvez por isso eu tenha parado de

desenhar e pintar depois daqueles anos todos fazendo aquelas mesmas coisas praticamente todos os dias. Minha família, a forma como as pessoas me lambiam e me mastigavam, me beijavam e me chupavam, derramavam coisas em cima de mim — suco, urina, sêmen, água suja. Eu não parava de me lavar, lavava as montanhas de roupa, mudava a roupa de cama e os protetores de seio, esfregava e secava corpos. Eu queria tornar a ficar limpa, limpar todos eles, mas um segundo antes de eu ter energia para lavar tudo, havia sempre outro tipo de excelência, uma concentração espiritual.

Então estávamos procurando um imóvel para comprar, como adultos, e enviávamos fotografias de pórticos de entrada para minha mãe. Finalmente nos mudamos para nossa casa no verão em que Ingrid tinha 5 anos e Oscar, 1 ano e meio. Era o que eu quisera antes de tudo: dois filhos encantadores, um quintal com um balanço que Robert finalmente montou depois que passei alguns meses lhe pedindo para por favor fazer isso, uma cidade pequena onde todas as coisas eram novas e pelo menos um de nós com um bom emprego. Será que algum dia a gente consegue o que julga desejar? E eu tinha minha mãe. Nos primeiros anos conosco, ela fazia jardinagem, aspirava a casa e lia durante uma ou duas horas no terraço, onde um olmo lançava a sombra de pequenas folhas sobre sua cabeça prateada e as páginas brancas do livro. Dali, ela podia até observar Ingrid e Oscar catando minhocas.

Aliás, acho que aqueles anos foram bons para nós *por causa* da presença de minha mãe. Eu tinha companhia e Robert estava em sua melhor forma. Às vezes, ele passava algumas noites acordado ou dormia na escola, e parecia cansado depois, e, às vezes, passávamos por um período de irritabilidade e ele acordava tarde durante uns dias. No cômputo geral, as coisas estavam tranquilas. Robert espontaneamente pintara o caos do seu estúdio do sótão antes de sairmos do campus. Eu não sabia o quanto disso se devia aos frascos laranja em nosso armário de remédios. De vez em

quando, ele mencionava que tinha ido falar com o dr. Q. e isso era suficiente para mim — o dr. Q. não podia me ajudar, claro, mas aparentemente estava ajudando meu marido.

Durante nosso segundo ano na casa nova, Robert lecionou num encontro de pintura no Maine. Não falou muito sobre o assunto, mas acho que isso lhe fez bem. Ríamos juntos por causa das crianças e, às vezes, à noite, se eu não estivesse muito cansada, Robert me procurava, e as coisas estavam como sempre estiveram. Eu usava umas camisas dele, rasgadas em três partes, para limpar os móveis — eu poderia puxar um desses trapos de qualquer pilha de roupas e sabia que era dele, sabia que era ele, o cheiro dele persistia ali, o tecido era dele. Ele parecia feliz em seu trabalho, e eu começara a fazer um trabalho de editoração em meio expediente, quase todo de casa, para ajudar com a nossa parte do financiamento imobiliário, enquanto minha mãe cuidava das crianças.

Uma manhã, quando ela já havia saído com as crianças para ir ao parque e eu já havia terminado a louça do café, subi para fazer as camas e começar a trabalhar na mesa do corredor. Então, vi a porta do ateliê de Robert aberta. Ele saíra de lá com a caneca de café na mão quando eu subia — estava numa fase de acordar muito cedo e ir para a escola pintar. Nessa manhã, vi que ele deixara cair uma coisa no chão, um pedaço de papel, que estava ao lado da porta aberta. Peguei-o sem pensar em nada específico. Robert muitas vezes deixava papéis espalhados — bilhetes, lembretes, pedaços de desenhos, guardanapos amassados.

O que encontrei no chão era mais ou menos um quarto de folha de papel, rasgada, como se o escritor tivesse ficado frustrado. O escritor era Robert — era a letra dele, porém mais caprichada que o normal. Ainda tenho aquelas linhas escondidas na minha mesa, não porque tenha guardado o papel original — na verdade, acabei embolando-o e jogando-o na cabeça dele; ele o pegou, metendo-o no bolso, e eu nunca mais vi o papel. Ainda tenho aquelas linhas porque algum instinto fez com que eu me sentasse à mesa, copiasse-as e as escondesse antes de confrontar Robert. Suponho que eu deva ter achado vagamente que poderia precisar delas no

tribunal algum dia, ou, no mínimo, que eu poderia querê-las mais tarde e, caso não as copiasse, pudesse começar a esquecer alguns detalhes. “Minha queridíssima”, dizia o bilhete, mas não era uma carta para mim, e eu jamais havia visto antes qualquer daquelas palavras, alinhadas naquela ordem específica e saindo da caneta de Robert.

Minha queridíssima,

Acabo de receber sua carta, que me move a lhe escrever imediatamente. Sim, como você piedosamente insinua, ando me sentindo sozinho nesses últimos anos. E, por estranho que pareça, desejaria que você tivesse conhecido minha mulher, embora se isso tivesse sido possível, você e eu teríamos nos conhecido em circunstâncias mais adequadas e não nesse amor espiritual, se me permitir chamá-lo assim.

Eu não sabia que Robert podia ser tão rebuscado numa carta, ou em qualquer outra coisa — seus bilhetes para mim sempre haviam sido curtos e secos. Por um momento, me senti pior com a surpresa em relação a ele que com o fato de aquilo ser uma carta de amor. O tom cortês, quase antiquado pertencia a um Robert que eu mal reconhecia, um Robert galante que nunca desperdiçara seus galanteios com a esposa, a qual ele desejava que a destinatária da carta conhecesse, ou tivesse conhecido em algum momento.

Fiquei parada segurando as palavras dele na biblioteca ensolarada e me perguntei o que eu estava lendo. Ele andara se sentindo solitário. Apaixonara-se espiritualmente. Claro que tinha de ser “espiritualmente”, uma vez que era casado, tinha dois filhos e possivelmente também era maluco. E eu? Eu não me sentira sozinha? Mas eu não tinha nada espiritual, só toda a realidade do mundo para enfrentar: as crianças, a louça, as contas, o psiquiatra de Robert. Será que ele achava que eu gostava mais do mundo real que ele?

Entrei sozinha no ateliê dele e olhei para o cavalete. A mulher estava lá. Achei que tinha me acostumado com ela, com a presença dela em nossas vidas. Era uma tela em que ele andava trabalhando

havia semanas — não havia nada além dela e seu rosto ainda não tinha sido completamente pintado, mas eu mesma poderia ter preenchido aquele tosco oval pálido com as feições certas. Ele a colocara junto a uma janela, em pé, e ela usava um robe solto e revelador azul-claro. Tinha um pincel na mão. Em um ou dois dias, estaria sorrindo para ele, ou olhando séria, com firmeza, seus olhos escuros cheios de amor. Eu começara a acreditar que ela era imaginária, uma ficção, parte de uma visão que conduzia seus talentos. Isso fora uma esperança, uma esperança exagerada, porque meus primeiros instintos se revelaram corretos. Ela era real, e ele lhe escreveu.

De repente, desejei destruir o quarto, rasgar seus blocos de desenho, jogar no chão a dama em andamento, lambuzá-la e pisoteá-la, arrancar os pôsteres e os postais caóticos da parede. O clichê da atitude me impediu, a humilhação de agir do mesmo modo que uma mulher ciumenta de um filme. E uma espécie de dissimulação também, uma manha que se insinuou no meu cérebro como uma droga — eu poderia saber mais se Robert não soubesse que eu sabia. Pus o pedaço de papel na minha mesa, já planejando copiar o texto e colocá-lo de novo no chão junto à porta aberta do ateliê para o caso de ele dar por sua falta. Imaginei-o se abaixando para pegá-lo, pensando: *deixei cair isto? Foi por pouco*. E guardando-o no bolso ou na gaveta de sua mesa.

Qual foi meu próximo passo — revistei delicadamente as gavetas de sua mesa do ateliê, repondo com o cuidado de um arquivista tudo o que eu tirava do lugar: grandes lápis de grafite, borrachas cinzentas, fórmulas de tintas a óleo, uma barra de chocolate comida pela metade. Cartas no fundo de uma gaveta, cartas numa letra que eu não reconhecia, respostas a cartas como as dele. *Caro Robert. Querido Robert. Meu querido Robert. Pensei em você hoje enquanto trabalhava na minha nova natureza-morta. Acha que vale a pena fazer naturezas-mortas? Por que pintar algo que está mais morto que vivo? Perguntei-me como colocar vida em algo só com a nossa mão, essa força misteriosa que pula como eletricidade entre a visão e o olho, e depois entre o olho e a mão, e*

depois entre a mão e o pincel, e assim por diante. E voltando ao olho: tudo se resume ao que se pode ver, não é isso?, porque seja lá o que a mão possa fazer, ela não pode fixar o enfraquecimento da vista. Tenho de correr para a aula agora, mas vivo pensando em você. Amo você, você sabe. Mary.

Minhas mãos tremiam. Fiquei nauseada, senti a sala balançar à minha volta. Eu sabia o nome dela, então — e sabia que ela devia ser uma aluna, ou talvez um membro do corpo docente, embora, neste caso, provavelmente, eu teria reconhecido o nome. A moça tinha de correr para a aula. O campus estava cheio de alunas que eu não conhecia e nunca vira. Eu não teria visto todas elas nem na época em que morávamos lá dentro. Então me lembrei do desenho que encontrei no bolso dele quando nos mudamos para Greenhill há muitos anos. Isso vinha acontecendo há bastante tempo; ele seguramente a conhecera em Nova York. Fora várias vezes ao norte desde então, incluindo aquele longo semestre passado fora — será que tinha ido para vê-la? Teria sido por isso que pediu aquela licença repentina, que não quis nos levar com ele? Claro que ela era outra pintora, uma estudante de arte, uma pintora na ativa, uma verdadeira pintora. Ele a estava pintando com o pincel em punho. Claro que ela era pintora, como um dia eu tinha sido.

E além disso — Mary — um nome tão comum, o nome da pessoa com o cordeirinho, o nome da mãe de Jesus. Ou da rainha dos escoceses, ou de Mary Sanguinária, o oposto, ou de Maria Madalena. Não, o nome nem sempre garantia uma inocência em azul e branco. Sua letra era grande e infantil, mas não era tosca, e a ortografia era correta, o estilo das frases inteligente e às vezes impressionante, ora cheio de humor, ora um pouco cínico. Algumas vezes ela lhe agradecia por um desenho ou acrescentava um desenho de sua autoria — um deles ocupava uma página inteira e representava pessoas sentadas num café com canecas e bules de chá nas mesas. Uma das cartas era datada de poucos meses atrás, mas a maioria não tinha data e nenhum vinha em envelope. Ele de alguma forma pensara em jogá-las fora, ou talvez as tenha aberto em outro lugar e não ligara para o envelope, ou andara com elas

sem os envelopes — algumas estavam se desmanchando, como se tivessem andado dentro de um bolso. Ela não mencionava encontros nem planos de vê-lo, mas falou de uma ocasião em que se beijaram. Não havia mais nada de realmente sexual naquelas cartas, de fato, embora ela dissesse muito que sentia falta dele, amava-o, sonhava acordada com ele. Em uma, referia-se a ele como “inatingível”, o que me fez pensar que talvez nada mais tivesse acontecido entre eles.

No entanto, tudo acontecera, se eles se amavam. Tornei a pôr as cartas na gaveta. Era a carta de Robert que mais me perturbava — mas não havia nenhuma outra dele, só dela. E não encontrei mais nada no ateliê, em seu escritório, em seu outro paletó, nem no carro quando o revistei também, naquela noite, com a desculpa de procurar uma lanterna no porta-luvas — não que ele fosse me seguir ou reparasse muito. Ele brincou com as crianças, sorriu no jantar — estava cheio de energia, mas com o olhar distante. Essa era a diferença, a prova.

CAPÍTULO 34

KATE

Confrontei-o no dia seguinte, pedindo-lhe que ficasse em casa mais alguns minutos depois de minha mãe sair com as crianças — eu sabia que era um dia em que ele só tinha aulas à tarde. Eu escondera as cartas no aparador da sala de jantar, exceto a escrita com a letra de Robert, que coloquei no bolso, e o fiz sentar-se à mesa para conversar. Ele estava impaciente para ir para a escola, mas ficou imóvel quando lhe perguntei se ele percebia o que estava acontecendo. Ele franziu o cenho. Agora era eu que tremia — de raiva ou medo, eu não tinha certeza.

— Como assim? — Seu espanto parecia genuíno.

Ele estava usando algo escuro, e sua extraordinária beleza me saltou aos olhos, como às vezes acontecia, inadvertidamente — o corpo majestoso, os traços fortes.

— Primeira pergunta: você a vê na escola? Você a vê diariamente? Ela veio de Nova York para cá, talvez?

Ele se recostou na cadeira.

— Vejo quem na escola?

— A mulher — disse eu. — A mulher em todos os quadros. Ela posa para você na escola ou em Nova York?

Ele começou a me fuzilar com os olhos.

— O quê? Achei que já tivéssemos superado isso.

— Você a vê diariamente? Ou ela lhe manda cartas de longe?

— Me manda cartas? — Ele parecia atônito com aquilo, pálido. Culpa, sem dúvida.

— Não se dê o trabalho de responder. Sei que manda.

— Sabe que manda? O que você sabe?

Havia raiva em seus olhos, mas também perplexidade.

— Sei por que encontrei cartas dela para você.

Agora ele estava me olhando como se não tivesse palavras, como se realmente não soubesse o que dizer. Raramente eu o vira tão desorientado, pelo menos reagindo a algo externo a ele. Ele pôs as duas mãos sobre a mesa, onde ficaram pousadas na madeira lustrosa. Polimento de mamãe.

— Você encontrou cartas dela para mim?

O estranho era que ele não parecia envergonhado. Se tivesse de caracterizar a voz e a cara dele naquele momento, eu diria que ele parecia de certa forma ansioso, alarmado, esperançoso. Isso me irritou — seu tom de voz me fez perceber que ele a amava de forma incontrolável, amava até mesmo a menção a ela.

— Sim! — Gritei, pondo-me de pé num pulo e puxando o monte de cartas de debaixo dos serviços americanos no aparador. — Sim, sei até o nome dela, seu idiota! É Mary. Por que deixou estas cartas aqui em casa se não queria que eu descobrisse? — Atirei os papéis sobre a mesa diante dele, e ele pegou um.

— Sim, Mary — disse, e aí tornou a erguer os olhos e começou quase a sorrir, mas com tristeza. — Isso não é nada. Bem, nada, não, mas não é muito importante.

Comecei a chorar sem querer, e senti que não era tanto por causa do que ele havia feito, mas pelo que ele me vira fazer, aquele gesto teatral de pegar as cartas e jogá-las na frente dele. Foi mais humilhante do que eu jamais poderia sonhar.

— Acha que você amar outra mulher não é nada? É isso?

Puxei do bolso o pedaço de papel que sem dúvida fora escrito com a letra dele, amassei-o e atirei-o nele.

Ele o pegou e o abriu na mesa. Julguei ver uma expressão de incredulidade em seu rosto. Depois ele pareceu se recompor.

— Kate, o que lhe interessa isso? Ela já morreu. Ela já morreu!

— Tinha o rosto rígido, esbranquiçado em volta do nariz e da boca.

— Ela morreu. Acha que eu não daria tudo para tê-la salvado, para deixar que ela continuasse pintando?

Agora eu soluçava mais confusa que qualquer outra coisa.

— Ela morreu?

A única carta de Mary datada mostrava que ela ainda estava viva há uns dois meses. Tive o estranho impulso protocolar de dizer: *Ah, sinto muito*. Ela teria sofrido um acidente de carro? Por que ele não agia ultimamente como quem estivesse traumatizado? Nada parecera diferente. Talvez, fosse o que fosse aquela relação, importava tão pouco para ele, na verdade, que ele não chorara por ela. Mas isso em si me pareceu terrível — poderia alguém ter um coração tão gelado assim?

— Sim. Ela já *morreu*. — Ele deu à palavra uma amargura de que não julguei que ele fosse capaz. — E eu ainda a amo. Você está certíssima quanto a isso, se isso lhe satisfaz. Não sei por que você deveria se importar. Amo essa mulher. E se você não entende a que tipo de amor eu me refiro, não vou explicar — ele se levantou.

— Isso não me satisfaz — agora que começara a chorar, eu não conseguia parar. — Piora tudo. Não sei o que você anda tramando nem o que quer dizer. Você não sabe o quanto me esforcei para entendê-lo. Mas está tudo acabado entre nós, Robert, e isso me satisfaz, me satisfaz mesmo.

Peguei nosso vaso chinês do aparador, onde ele sempre estivera fora do alcance das crianças, e atirei-o longe. Ele se espatifou em mil pedaços na lareira, embaixo dos retratos dos pais de meu pai, gente forte de Cincinnati. Eu já me arrependia de sua destruição. Arrependia-me de tudo, menos de meus filhos.

CAPÍTULO 35

1878

A aldeia onde eles estão é mais calma que a vizinha Étretat, mas Yves diz preferi-la por isso mesmo; achou o dia em Trouville ainda mais inquietante — no verão devia haver mais gente no passeio daquele lugar que nos Champs-Élysées, comenta Béatrice. Eles sempre podem pegar um táxi movido a tração animal para Étretat em busca de uma elegância discreta, se quiserem, mas essa aldeia de casas a um passo da ampla praia agrada a todos eles, e quase todos os dias, eles permanecem ali sossegados, caminhando nos seixos e na areia.

Toda noite, Béatrice lê Montaigne em voz alta para Papa na saleta alugada que tem aquelas cadeiras estofadas de damasco barato e aquelas prateleiras cheias de conchas. Os outros dois homens escutam ou falam baixinho perto deles. Ela começou um novo bordado também, para fazer uma almofada para o quarto de vestir de Yves, um presente de aniversário. Ela se empenha nessa tarefa dia após dia, debruçando-se com afinco sobre as flores douradas e roxas pequenas e delicadas. Ela gosta de bordar enquanto está sentada na varanda. Quando levanta a cabeça, lá estão o mar, os penhascos marrom-cinzentos coroados de verde à esquerda e à direita, os casebres descascados dos pescadores e os barcos encalhados na praia, as nuvens acima de um horizonte tempestuoso. Chove a intervalos regulares, e o sol torna a aparecer. Os dias vão ficando mais quentes até que uma súbita tempestade os prende dentro de casa desde a manhã; o dia seguinte é mais ensolarado ainda.

Todos os seus passatempos a ajudam a evitar Olivier, mas, uma tarde, ele vem sentar-se ao lado dela na varanda. Ela conhece os

hábitos dele, e isso é uma mudança. Pela manhã e no fim da tarde, quando o tempo está bom, ele pinta na praia. Já a convidou a acompanhá-lo, mas suas desculpas precipitadas — ela não tem uma tela preparada — sempre encerram o assunto, e ele vai sozinho, alegremente, assobiando, dando um toque no chapéu ao passar por ela sentada na varanda.

Ela se pergunta se ele anda mais depressa porque ela está olhando; de novo, tem aquela sensação estranha de que ele está remoçando a olhos vistos. Ou será simplesmente que ela aprendeu a não ver a idade dele — será que ela enxerga apenas a pessoa que o tempo o tornou? Sempre que ele se despede dela, ela observa suas costas retas, o terno preferido que ele usa para pintar se afastando em direção à praia. Ela está tentando desaprender o que sabe a respeito dele, vê-lo novamente como o parente idoso do seu marido que por acaso está de férias com eles, mas ela sabe demais sobre seus pensamentos, o estilo de suas frases, sua dedicação ao trabalho, seu respeito por ela. Claro, ele não lhe manda cartas naquela casa, mas as palavras ainda persistem entre eles — sua letra inclinada, sua súbita mudança de raciocínio no papel, seu “*tu*” acariciante na página.

Hoje ele tem um livro em vez de um cavalete embaixo do braço. Senta-se ao lado dela numa cadeira grande como se determinado a não ser rechaçado. Sem querer, ela fica feliz de ter posto o vestido verde-claro com o babado amarelo no pescoço, que, dias antes, ele dissera que a deixava igual a um narciso; ela deseja que ele estivesse mais perto para que o ombro de seu paletó cinza pudesse roçar no dela, deseja ir embora, deseja que ele estivesse num trem voltando para Paris. Sua garganta se fecha. Ele tem um cheiro gostoso de algum produto que usou na toalete, um sabonete ou uma água-de-colônia desconhecidos; ela se pergunta se ele já usa aquele perfume há muito tempo, se o perfume mudou com o passar dos anos. O livro no colo dele permanece fechado, e ela tem certeza de que ele não tem intenção de lê-lo, uma desconfiança corroborada quando ela vê o título, *La loi des Latins*; ela reconhece o livro da estante desinteressante da casa. Ele obviamente o pegou antes de

vir sentar-se com ela, um stratagemma que a faz sorrir para seu bordado.

— *Bonjour* — diz ela com o que espera ser um tom neutro de dona de casa.

— *Bonjour* — responde ele. Eles passam um ou dois minutos sentados em silêncio, e isso, pensa ela, é a prova, até mesmo o problema. Se fossem estranhos de fato ou parentes normais, já estariam conversando sobre trivialidades. — Posso lhe fazer uma pergunta, minha cara?

— Claro.

Ela encontra a tesourinha que tem gravações de bico e pernas de cegonha; corta a linha.

— Tem a intenção de me evitar durante um mês inteiro?

— Tem apenas seis dias — diz ela.

— E meio. Ou seis dias e sete horas — corrige ele. O efeito é tão engraçado que ela ergue os olhos e ri. Os olhos dele são azuis, não velhos o suficiente para repeli-la como deveriam. — Assim é muito melhor — diz ele. — Eu tinha esperado que o castigo não durasse quatro semanas.

— Castigo? — Pergunta ela da forma mais suave possível. Tenta em vão enfiar a linha de novo na agulha.

— Sim, castigo. E por quê? Por admirar uma jovem pintora a distância? Depois de toda a minha delicadeza, você com certeza poderia se permitir ser um pouco cordial comigo.

— Você entende, acho eu — começou ela, mas a agulha estava lhe causando problemas incomuns.

— Permita-me. — Ele toma a agulha, enfia cuidadosamente pelo buraco o fino fio dourado de seda e a devolve. — Vista velha, sabe. Fica mais aguçada com o uso.

Ela não consegue evitar rir. É essa centelha de humor entre eles, a capacidade dele de zombar de si mesmo, mais que qualquer outra coisa, que a perturba.

— Muito bem. Com a sua vista aguçada, então, você entenderá que é impossível para mim...

— Me dar tanta atenção quanto daria a uma pedra no seu bonito sapato? Aliás, você dá muito mais atenção à pedra, portanto talvez baste eu ficar mais irritante.

— Não, por favor...

Ela recomeçara a rir. Odeia a alegria que borbulha entre eles em momentos assim, o prazer que pode se tornar visível para todo mundo. Esse homem não entende que é da família? Uma pessoa de idade? Ela torna a sentir aquela ilusão da idade. O que ele já lhe ensinou é que a pessoa não se sente velha por dentro, pelo menos até o corpo exigir o triste pagamento que lhe é devido; por isso Papa parece velho embora seja mais moço, ao passo que esse artista de cabelos brancos e barba prateada parece não saber como deveria se comportar.

— Pare, *ma chère*. Com essa idade que tenho, já sou inofensivo, e seu marido aprova plenamente nossa amizade.

— E por que não deveria?

Ela tenta dar a impressão de que está ofendida, mas o estranho prazer de estar próxima a ele é muito grande, e ela se vê sorrindo novamente.

— Está bem, então. Você se colocou numa situação difícil. Se não há nenhuma razão para objeções, afinal, você pode vir pintar comigo amanhã de manhã. Meu amigo pescador lá da praia me disse que será uma manhã ótima, tão boa que os peixes estarão pulando para dentro do barco dele. Eu, particularmente, achei que pulavam mais alto nos dias chuvosos — ele imita o dialeto da costa, e ela ri. Ele faz um gesto apontando para a água. — Não gosto de ver você mofando aqui com toda essa costura. Uma grande artista em desenvolvimento deveria estar fora de casa com o seu cavalete.

Agora ela sente-se corar do pescoço para cima.

— Não me provoque.

Ele fica sério na mesma hora e pega sua mão automaticamente, não como um gesto de cortesia.

— Não, não...estou sendo sincero. Se tivesse os seus dons, eu não perderia um minuto.

— Perder? — Ela está um pouco zangada, quase pronta para chorar.

— Ah, minha cara. Eu *sou* desajeitado — ele beija sua mão se desculpando e a solta antes que ela possa protestar. — Você deve saber como faço fé em seu trabalho. Não fique indignada. Apenas saia e pinte comigo amanhã, e vai se lembrar do quanto adora isso e esquecer tudo sobre mim e minha falta de jeito. Vou apenas acompanhá-la até a vista certa. De acordo?

De novo, aquele garoto vulnerável a olhava pelos olhos dele. Ela passa a mão na testa. Não consegue imaginar amar ninguém mais do que o ama neste momento — não as cartas ou a polidez dele, mas o homem em si e todos os anos que o refinaram e o tornaram seguro e frágil ao mesmo tempo. Ela engole em seco, espeta cuidadosamente a agulha no bordado.

— Sim, obrigada, eu vou.

Quando regressam a Paris três semanas depois, ela leva consigo três pequenas telas da água, dos barcos, do céu.

CAPÍTULO 36

KATE

Robert não saiu de casa logo, nem eu — aliás, eu não tinha intenção de arrancar minha mãe e meus filhos ou tampouco de deixar a casa com a qual eu sonhara, da qual começara a gostar e que minha mãe me ajudara a comprar. Depois que quebrei o vaso, Robert recolheu sua porção de cartas, guardou-as no bolso, e saiu sem levar nem uma escova de dentes ou uma muda de roupa. Eu poderia ter me sentido melhor a respeito dele, mesmo naquela hora, se ele tivesse subido e botado prudentemente algumas coisas dentro de uma mala.

Passei vários dias sem ver Robert e sem saber do paradeiro dele. Eu só disse à minha mãe que tínhamos tido uma briga séria e precisávamos dar um tempo, e ela ficou preocupada, mas também neutra — percebi que achava que aquilo passaria. Tentei me convencer de que ele estava morando com Mary, onde quer que ela morasse, mas não conseguia tirar da cabeça aquela sensação de que ele falava a verdade quando dissera com tanta amargura: “Ela já *morreu*.” Ele não parecia capaz de um luto verdadeiro. Isso era quase o pior de tudo. O fato de que o caso terminara com a morte dela não aliviava a minha dor. Aliás, me dava uma sensação horripilante, sinistra, da qual eu não conseguia me livrar.

Uma tarde naquela semana, quando eu estava lendo — não com muita atenção — na escada da frente e minha mãe consertava nossas roupas na cadeira da varanda e estávamos ambas vigiando as crianças encharcarem o jardim, Robert chegou sem avisar e saltou do carro. Eu podia ver que ele tinha umas coisas guardadas na parte de trás — cavaletes, portfólios e caixas. Fiquei com o coração apertado. Ele veio pela calçada da frente e se desviou para

dar um beijo em minha mãe e perguntar como ela ia. Eu sabia que ela estava lhe dizendo que se sentia bem, embora eu tivesse tido de levá-la ao médico por outra crise de tontura na véspera. E ainda que ela já soubesse que ele praticamente já saía de casa.

Então Robert veio andando devagarzinho na minha direção e, por um momento vi a totalidade da sua presença, seu corpo grande que não era magro nem pesado, os movimentos amplos dos músculos por baixo da camisa e da calça. Suas roupas pareciam mais sebosas que nunca, e ele fora mais descuidado que de hábito com a tinta, de modo que tinha as mangas arregaçadas salpicadas de vermelho e a calça cáqui manchada de branco e cinza. Eu via a pele de seu rosto e de seu pescoço começando a envelhecer, as rugas embaixo dos seus olhos, o verde acastanhado do seu olhar, seu cabelo grosso, os cachos angelicais entremeados de prata, seu tamanho, sua distância, sua autossuficiência, sua solidão. Eu queria me levantar com um salto e me atirar nele, mas isso era o que ele deveria fazer em relação a mim. Em vez disso, fiquei sentada onde estava, sentindo-me menor que nunca, enquadrada, dentro de uma moldura — uma pessoa baixa, de cabelo liso e excessivamente asseada de quem ele esquecera de cuidar em sua grande busca pela arte, uma fulana qualquer. Ele se esquecera até de me dizer por que era a sua busca.

Ele fez uma pausa nos degraus.

— Só vou pegar umas coisas.

— Ótimo — disse eu.

— Quer que eu volte? Sinto falta de você e das crianças.

— Se você voltar — disse eu com uma voz grave que eu procurava manter firme — vai voltar mesmo, ou vai continuar morando com um fantasma?

Achei que Robert fosse ficar irritado de novo, mas, depois de um momento, ele disse simplesmente.

— Deixe isso de lado, Kate. Você não pode entender.

E eu sabia que se eu gritasse algo como: “Não consigo entender? *Eu* não consigo entender?”, eu não pararia nunca de gritar com ele, mesmo na frente das crianças e da minha mãe. Em

vez disso, apertei tanto o livro que machuquei os dedos, e deixei que ele subisse a escada e voltasse com a proverbial mala, na verdade uma sacola velha de um de nossos armários.

— Vou passar umas semanas fora. Ligo para você — disse ele.

Foi beijar as crianças e jogou Oscar para cima, deixando que as roupas molhadas dos filhos umedecessem sua camisa. Ele se demorou. Odiei-o até por sua dor. Finalmente, entrou no carro e partiu. Só então me perguntei como ele poderia largar o emprego por semanas a fio. Ainda não me ocorrera que ele também poderia ter parado de lecionar.

No fim das contas, aquele foi um dos últimos dias em que minha mãe sentiu-se ela mesma. Seu médico nos chamou no consultório para nos dizer que ela estava com leucemia, em estágio avançado. Ela poderia fazer quimioterapia, mas esse tratamento provavelmente lhe causaria mais desconforto que qualquer outra coisa. Ela optou, em vez disso, por aceitar um folheto de um hospital para doentes terminais, e apertou meu braço na saída para me salvar da minha própria dor.

CAPÍTULO 37

KATE

Deixarei de lado algumas passagens dessa parte. Passarei por cima, mas quero, sim, descrever como Robert voltou. Liguei para ele naquela noite e ele voltou durante as seis semanas que minha mãe levou para enfraquecer-se a ponto de quase sumir. Afinal ele não havia ido mais longe que a faculdade, embora não me tenha dito onde dormia enquanto estive lá — talvez nos ateliês ou num dos chalés vazios. Eu me perguntava se nossa antiga casa estava vazia. Talvez ele estivesse dormindo em meio aos nossos próprios fantasmas, num monte de cobertores no chão, nos quartos para onde levamos Ingrid e Oscar quando eles chegaram da maternidade.

Quando voltou por esse breve período para me ajudar com minha mãe, ele acampou no seu ateliê, mas estava mais calmo e simpático e, às vezes, saía de carro para fazer uma excursão com as crianças de modo que eu pudesse ficar com minha mãe, enquanto ela tomava analgésicos e fazia sestas cada vez mais longas. Não lhe perguntei pelo trabalho na faculdade. Achei que Robert e eu aguardaríamos juntos a hora em que as enfermeiras do hospital viessem; tudo estava organizado e minha mãe até me ajudara na organização — ela me diria, me daria um sinal, e eu faria a ligação do telefone da cozinha.

Então, finalmente, só Robert e eu estávamos lá, e este foi o verdadeiro fim de nosso casamento, a menos que se contem os fins anteriores, ou os telefonemas cada vez mais escassos depois, ou seu desaparecimento quando foi para Washington, ou meu pedido de divórcio, ou o fato de eu ter deixado seu ateliê intacto por mais de um ano, ou de ter enfim começado a limpá-lo, ou de ter guardado

quase todos os quadros da Senhora Melancolia, seja lá como for que você queira chamá-la. Ou mesmo o momento em que eu soube que ele atacou um quadro e foi detido por isso, ou quando soube depois que ele concordou em se internar numa instituição mental. Ou quando percebo que eu queria ajudar sua mãe pelo menos um pouco com as contas dele, que eu ainda queria que ele melhorasse, se isso fosse possível, para que, um dia, ele pudesse vir à formatura e ao casamento das crianças.

As pessoas cujos casamentos não desmoronaram ou cujos cônjuges morrem em vez de saírem de casa não sabem que os casamentos findos raramente têm um fim único. Os casamentos são como certos livros, uma história em que você vira a última página e acha que acabou, e depois há um epílogo, e depois disso, você está propenso a continuar se perguntando sobre os personagens ou imaginando que a vida deles continua sem você, caro leitor. Até esquecer a maior parte desse livro, depois de já tê-lo fechado, você fica intrigado querendo saber o que aconteceu com os personagens.

Mas se houve um fim único para Robert e eu, ele aconteceu no dia em que minha mãe morreu, porque ela morreu mais repentinamente que esperávamos. Ela estava descansando no sofá da sala, ao sol. Estava até disposta a me deixar lhe fazer um chazinho, então seu coração falhou. Este não é o termo técnico, mas é como eu penso nisso, porque o meu também falhou, e eu cheguei a ela bem na hora em que isso aconteceu, deixando então cair a bandeja no tapete da sala na pressa de acudi-la. Ajoelhei-me segurando-a pelos braços enquanto nossos corações falhavam, e foi terrível, terrível de ver, mas muito rápido, e teria sido muito mais terrível se eu não estivesse ali para lhe dar assistência e segurá-la depois de todos aqueles anos em que ela tomara conta de mim.

Quando tudo terminou e ela já não era mais ela, envolvi-a com os meus braços e estreitei-a mais e minha voz finalmente voltou. Chamei por Robert, gritei por ele, embora ainda receasse que isso a pudesse perturbar. Do ateliê atrás da cozinha, ele deve ter ouvido meu tom, porque veio correndo. Minha mãe já não pesava quase nada, por isso segurei-a facilmente nos braços, o rosto colado no

dela, em parte para não ter imediatamente que olhá-la diretamente no rosto. Fiquei olhando para Robert em vez disso. O que vi em seu rosto encerrou o nosso casamento enquanto a vida de minha mãe desaparecia. Os olhos dele estavam vazios. Ele não estava nos enxergando, não estava me enxergando com o corpo dela sem vida nos braços. Não estava pensando em como poderia me consolar naqueles primeiros momentos, nem em como poderia prestar uma homenagem à morte dela, nem em como chorar essa morte. Vi claramente que ele observava outra pessoa, algo que fazia seu rosto se acender horrorizado, algo que eu não podia enxergar nem possivelmente compreender porque era até pior que isso, o pior momento da minha vida. Ele não estava lá.

Novembro de 1878
Paris

Très chère Béatrice,

Obrigado por seu comovente bilhete. Não gosto de pensar que perdi outra noite a seu lado, ainda que pelo melhor de Molière; perdoe minha ausência. Eu me pergunto, bastante enciumado, se o elegante casal Thomas aí esteve de novo; talvez eu tenha uma atitude um pouco protetora por saber que os dois estão mais próximos de sua idade que eu. Na verdade, não ligo, atualmente, para a maneira como eles pairam sobre você — ou, aliás, comem com os olhos o seu trabalho, que só deve ser visto por olhos cheios de discernimento (não os deles). Desculpe essa ranhetice que não me fica bem. Se eu pudesse me impedir de escrever, certamente eu o faria, mas a beleza da manhã é demais para mim e preciso dividi-la com você. É provável que você esteja à janela, com seu bordado ou algum livro, possivelmente o que deixei da última vez, descansando em sua mão. Você me disse, quando cometi a indiscrição de admirá-las, ter as mãos muito grandes; mas elas são encantadoras — habilidosas — e proporcionais à sua altura graciosa. Ademais, elas não são habilidosas apenas na aparência, mas também no lidar com o lápis e o pincel, e, sem dúvida, com as demais atividades que você faz. Se eu pudesse segurar cada uma de suas mãos nas minhas (sendo estas, afinal, maiores ainda, porém menos habilidosas), eu beijaria uma de cada vez, respeitosamente.

Perdoe-me; já estou esquecendo meu objetivo de dividir a beleza da manhã com você. Fui caminhando até o Jeu de Paume hoje de manhã, para aliviar os efeitos da noitada no teatro e sentindo, minha querida, que afinal não estou à altura de

muitas noites, uma vez que acordo cedo; eu teria preferido estar contigo ontem à noite, e talvez amanhã à noite eu esteja novamente lendo para você ao lado de sua agradável lareira ou sem dizer absolutamente nada para poder observar seus pensamentos. Sinta-se assim algumas vezes, quando eu não puder estar aí sentado com você.

Mais uma vez, divago. No caminho para o Jeu de Paume, vi uma família de pardais alimentada por um velho cavalheiro que poderia ter assistido à última carga de Napoleão e já ter ficado muito bem com um chapéu de lado. Você vai rir das minhas fantasias inocentes. Caminhando pelo parque, havia também um jovem padre (que em algum outro reino poderia nos ter abençoado), chutando impacientemente a batina à frente; estava com pressa, isto é certo. E eu, que não estava, sentei-me num banco para sonhar por dez minutos, mesmo no frio, e você talvez possa adivinhar algumas das minhas reflexões. Por favor, não ria da nostalgia delas.

Agora que já cheguei em casa, aqueci-me e tomei o desjejum, preciso me aprontar para um dia de reuniões e trabalho, durante o qual pensarei sem cessar em você, ao passo que você me esquecerá inteiramente. Mas terei novidades amanhã, espero, novidades que lhe agradarão, e pelo menos uma das minhas reuniões diz respeito a essa novidade. Diz respeito também ao novo quadro, provavelmente o que apresentarei este ano ao Salon. Você desculpará minha tentativa de fazer mistério! Mas eu gostaria de lhe falar sobre isso, e é muito importante que eu lhe implore para vir ao ateliê amanhã entre dez e doze horas, se estiver livre, para tratar de negócios — da maior seriedade, uma vez que Yves insistiu comigo para buscar sua aprovação do trabalho. Anexo o endereço e o pequeno mapa; você achará a rua pitoresca mas não desagradável.

Até lá, beijo-lhe respeitosamente a esguia mão e aguardo uma bem-vinda repreensão — e a aceitação de meu convite — dirigida a seu amigo dedicado

O.V.

CAPÍTULO 38

MARLOW

Deixei Kate profundamente agradecido, levando na pasta minhas anotações sobre nossas sessões. Ela apertou minha mão calorosamente, mas também pareceu aliviada de me ver partir. Perto do centro da cidade, parei num café, mas permaneci dentro do carro e peguei o telefone celular. Bastou uma pequena pesquisa. A telefonista da Faculdade Greenhill era simpática, descontraída; ouvia-se um ruído ao fundo, como se ela estivesse almoçando no trabalho. Pedi para falar com o Departamento de Arte, onde encontrei uma secretária igualmente receptiva.

— Sinto muito ligar assim de repente — disse eu. — Sou o dr. Andrew Marlow. Estou escrevendo um artigo sobre um dos antigos professores da faculdade, Robert Oliver, para a *Art in America*. Correto. Sim, sei que ele não está mais aí, já o entrevistei em Washington, na verdade.

Eu sentia o suor na base dos fios de cabelo logo acima da testa, embora até aquele momento eu estivesse absolutamente calmo; desejei não ter citado uma publicação específica. A questão era: será que sabiam na faculdade que Robert fora detido e internado numa instituição? Torci para que o incidente na National Gallery tivesse sido divulgado principalmente nos jornais de Washington. Pensei em Robert estirado na cama como um colosso caído, braços atrás da cabeça, pernas estendidas e cruzadas na altura dos tornozelos, olhando para o teto. *Pode falar com quem quiser.*

— Estou passando por Greenhill hoje — prossegui animadamente — e sei que não avisei antes, mas eu estava pensando se algum dos colegas dele poderia conversar uns

minutinhos comigo hoje à tarde, ou amanhã de manhã, e falar um pouco sobre o trabalho dele. Sim. Obrigado.

A secretária se afastou um instante e voltou com uma rapidez surpreendente — imaginei um enorme estúdio sem divisórias, onde ela poderia parar qualquer pessoa diante de um cavalete e perguntar alguma coisa. Mas isso não se confirmaria.

— Professor Liddle? Muito obrigado. Diga-lhe que sinto pelo imprevisto e que não vou tomar muito o tempo dele.

Desliguei o telefone, entrei, pedi um café gelado e enxuguei a testa com o guardanapo de papel. Perguntei-me se o jovem no balcão percebera logo que eu era um mentiroso. *Eu não era*, quis lhe dizer. *Fui ficando assim aos poucos, sem sentir*. Não, não foi bem assim. *Fiquei há pouco, por acaso*. Um acaso chamado Robert Oliver.

O trajeto para a faculdade foi curto, talvez vinte minutos, mas minha ansiedade fez com que parecesse interminável: um enorme céu abaulado acima das montanhas, rodovias plantadas com vastos triângulos de flores silvestres, algo rosa e branco que eu não reconhecia, asfalto liso. “Pode até falar com Mary”, Robert me dissera. Como ele falara tão pouco na minha frente, era fácil lembrar o que dissera.

Só havia três possibilidades, pensei. A primeira era seu estado ter se deteriorado a ponto de provocar alucinações desde o rompimento com Kate e ele agora achar que uma mulher morta ainda estava viva. No entanto, eu não havia visto uma prova concreta disso. Seguramente, se estivesse sofrendo alucinações, ele não conseguiria manter aquele silêncio de uma forma tão calculada. Outra possibilidade era que ele tivesse mentido para Kate, de uma maneira rebuscada, e Mary não esteja morta. Ou... mas a terceira possibilidade não tomou forma em minha mente e acabei por desistir dela quando precisei prestar atenção na saída para a faculdade.

A região não correspondia à minha ideia dos bosques dos Apalaches; talvez fosse necessário a gente se afastar mais da interestadual para isso. A Faculdade Greenhill era responsável pelo trecho bem-cuidado de estrada rural que peguei, informou-me uma placa, e, como se para comprovar a informação, havia um grupo de jovens vestindo coletes cor de laranja catando quantidades insignificantes de lixo na vala ao lado do acostamento. A estrada serpenteou as montanhas e passou por uma placa que devia ser aquela descrita por Kate, entalhada e patinada pelo tempo, com uma moldura de pedras cinzentas brutas, então entrei no caminho que levava à faculdade.

Também ali não havia os bosques como eu os imaginara, embora alguns dos prédios próximos à entrada fossem velhas cabanas desbotadas, meio escondidas atrás de grupos de pés de cicuta e de rododendros. Uma grande sala institucional foi transformada em refeitório; dormitórios feitos de madeira e prédios de salas de aula de tijolos aparentes subiam a ladeira atrás do refeitório, e, para além dessas construções, só havia mata para todo lado — eu nunca vira um campus tão cercado de floresta. As árvores no terreno eram ainda maiores que as de Goldengrove — altaneiras, selvagens — carvalhos arranhando o céu tempestuoso, um plátano imponente, pinheiros altíssimos. Três estudantes jogavam *frisbee* no gramado dispostos num triângulo harmonioso, e um professor de barba dourada dava aula na praça, todos os alunos equilibravam os cadernos sobre as pernas cruzadas. Era idílico; eu quis voltar para a escola, começar tudo de novo. E Robert Oliver havia morado vários anos neste pequeno paraíso, doente e quase sempre deprimido.

O Departamento de Arte era uma caixa de concreto numa extremidade do campus; estacionei defronte e fiquei olhando para o prédio da galeria que fica ao lado: uma cabana comprida e estreita com uma porta colorida pintada. Um quadro do lado de fora anunciava uma exposição de arte dos alunos. Eu não pensei que fosse ficar tão nervoso. O que me assustava? Eu estava ali, essencialmente, numa missão de caridade. Se eu não estava sendo

franco sobre minha profissão ou a relação dela com o ex-professor de pintura Robert Oliver era por saber que, do contrário, eu não conseguiria informação nenhuma. Ou conseguiria bem menos.

A secretária afinal era, ou tinha idade para ser, uma estudante, de quadris largos, calça jeans e camiseta branca. Eu lhe disse que estava ali para uma reunião com Arnold Liddle e ela me conduziu por uns corredores até uma sala com uma porta; entrevi alguém com as pernas em cima da mesa. Eram pernas finas dentro de calças cinza, que terminavam com pés calçados com meias. Quando entramos, as pernas desceram e a pessoa ao telefone desligou bruscamente — era um telefone normal, tradicional, não era um sem fio, e ela levou um ou dois segundos para desenrolar do braço o fio em espiral. Então se levantou e apertou minha mão.

— Professor Liddle? — perguntei.

— Apenas Arnold, por favor — corrigiu-me ele. A secretária já havia se retirado. Arnold tinha um rosto fino e vivo, e uma calva que chegava até uma nuvem arruivada de cabelo em volta da parte posterior do colarinho da camisa. Seus olhos eram azuis — grandes, agradáveis, e seu nariz, comprido e vermelho. Ele sorriu e fez sinal indicando-me uma cadeira no canto, de frente para ele, e tornou a pôr os pés em cima da mesa. Tive o desejo de tirar os sapatos também, mas não tirei. A sala era atulhada de coisas: havia postais de exposições em galerias num quadro de avisos, um grande pôster de um Jasper Johns acima da mesa, instantâneos de umas crianças magras equilibradas em suas bicicletas. Arnold afundou-se mais na cadeira, como se adorasse estar ali. — Em que posso ajudá-lo?

Cruzei as mãos e tentei parecer à vontade.

— Sua recepcionista talvez tenha lhe informado que estou fazendo umas entrevistas sobre a obra de Robert Oliver. Ela achou que você poderia me ajudar.

Observei Arnold cuidadosamente.

Ele parecia considerar o assunto, mantendo-se calado, mas sem saber de nada de especial. Talvez não tivesse lido nem ouvido falar

no incidente da National Gallery, afinal das contas. Senti um ligeiro alívio.

— Com certeza — disse afinal. — Robert foi meu colega durante uns sete anos, e conheço bastante bem o trabalho dele, acho eu. Não diria que éramos amigos, exatamente. Ele era do tipo reservado, mas sempre o respeitei.

Ele não parecia saber muito bem aonde ir depois disso, e achei estranho ele não perguntar quais eram as minhas credenciais ou por que eu queria saber sobre Robert Oliver. Eu me perguntei o que lhe teria dito sua secretária — fosse lá o que fosse, ele parecia satisfeito com a informação. Será que ela repetira a afirmação da *Art in America*? E se o editor tivesse sido seu colega de quarto na escola de arte?

— Robert fez muitos bons trabalhos aqui, não? — arrisquei.

— Bem, fez — admitiu Arnold. — Ele era prolífico, uma espécie de super-homem, sempre pintando. Devo dizer que acho os quadros dele pouco originais, mas ele é um desenhista e tanto — um grande desenhista, na verdade. Uma vez me disse que fez pintura abstrata por uns tempos na escola e não gostou. Essa fase dele não durou muito, acho eu. Enquanto esteve aqui, trabalhou principalmente em duas ou três séries diferentes. Vamos ver... uma dessas era sobre janelas e portas, mais ou menos um interior de Bonnard, mas mais realista, sabe. Ele expôs algumas aqui na entrada do nosso centro. Uma era de naturezas-mortas, brilhantes, para quem gosta de natureza-morta: frutas, flores, copos, mais ou menos como Manet, mas sempre com algum elemento estranho, como uma tomada elétrica ou um vidro de aspirina, e não sei o quê. Anomalias. Muito bem-feitas. Ele fez uma grande exposição aqui e o Museu de Arte de Greenhill pegou pelo menos um desses trabalhos. E outros museus também — Arnold estava mexendo numa lata em cima da mesa; puxou um lápis dali e começou a girá-lo entre dois dedos. — Nos últimos anos que passou aqui, ele trabalhou numa série nova e exibiu-a numa exposição individual. Essa série era, vou ser franco, bizarra. Eu o vi trabalhar nela no ateliê. Em geral, ele trabalhava em casa, acho eu.

Tentei não parecer muito interessado: àquela altura eu já conseguira sacar meu caderno e me organizar com uma calma jornalística.

— Aquela série também era tradicionalista?

— Ah, sim, mas estranha. Todos os quadros mostravam basicamente a mesma cena, uma cena bem horripilante. Uma jovem com uma mulher mais velha nos braços. A jovem olha em estado de choque para a mais velha, que levou um tiro na cabeça e morreu, dá para ver. Uma espécie de melodrama vitoriano. Roupas, cabelo e detalhes incríveis, com umas pinceladas suaves e algum realismo, uma mistura. Não sei quem ele conseguiu que posasse para aqueles quadros. Talvez estudantes, embora eu nunca tenha visto nenhuma trabalhando com ele na série. Ainda existe um quadro desta série aqui na galeria. Ele o doou para o saguão quando houve a reforma. Também tenho uma peça lá. Cada membro do corpo docente da época estava representado, o que significa que foi necessário fazer um monte de vitrines de cerâmica e tudo. Conhece bem Robert Oliver? — perguntou ele de repente.

— Já o entrevistei umas vezes em Washington — disse eu, alarmado. — Eu não diria que o conheço tão bem, mas acho-o interessante.

— Como vai ele?

Arnold me olhava com mais entusiasmo do que eu notara antes; como eu não reparara a inteligência em seus olhos claros? Ele era uma pessoa que nos desarmava, meio informal e à vontade, com aquelas pernas e aqueles braços magros abertos em volta da mesa; não se podia evitar gostar dele, e eu agora o temia também.

— Bem, soube que ele atualmente está trabalhando em alguns desenhos novos.

— Ele não vai voltar, imagino. Nunca ouvi nada a respeito de uma volta dele.

— Ele não mencionou nenhum plano de voltar a Greenhill — admiti. — Pelo menos, não discutimos isso, pode ser que ele esteja planejando... sei lá. Acha que ele gostava de lecionar? Como era com os alunos?

— Bem, ele fugiu com uma aluna, você sabe.

Dessa vez eu estava totalmente desprevenido.

— O quê?

Ele pareceu achar graça.

— Ele não lhe contou isso? Bem, ela não estudava aqui. Aparentemente, ele a conheceu num período que ele lecionou numa outra universidade, depois que pediu uma licença repentina, soubemos que tinha ido viver com ela em Washington. Acho que nem enviou pelo correio um pedido de demissão oficial. Não sei o que aconteceu. Ele simplesmente não voltou. Foi muito ruim para a carreira dele no magistério. Sempre me perguntei como ele pode fazer isso. Não parecia alguém que tivesse muito dinheiro guardado, mas a gente nunca sabe. Talvez seus quadros estivessem vendendo bem o bastante, é uma possibilidade real. Enfim, foi uma pena. Minha mulher conhecia um pouco a mulher dele e disse que ela nunca tocou no assunto. Eles já moravam na cidade havia algum tempo, não mais no campus. A esposa dele é encantadora. Não consigo imaginar o que o velho Bob estava pensando, sabe. As pessoas enlouquecem.

Achei difícil acompanhar aquele discurso fazendo qualquer comentário coerente, mas Arnold não pareceu notar.

— Bem, desejo tudo de bom para Robert, afinal. No fundo, ele era um bom sujeito, ou sempre achei que fosse. É de primeiro time, penso eu, e provavelmente essa faculdade não conseguiu segurá-lo. É a minha teoria — mencionou isso sem amargura, como se a faculdade que não conseguira segurar Robert fosse tão confortável para ele, Arnold, quanto a cadeira em que estava instalado. Ele meditou mastigando o toco de lápis e depois começou a desenhar algo no bloco. — Qual é o foco do seu artigo?

Concentrei-me. Será que eu deveria perguntar a Arnold o nome daquela antiga aluna? Não me atrevi. Pensei de novo que ela deveria ter sido a musa dele, a mulher do quadro que Kate tanto detestava. *Mary*?

— Bem, estou me concentrando nos quadros de Oliver que retratam mulheres — disse eu.

Arnold teria bufado se fosse esse tipo de pessoa.

— Ele pintou muitos desses, acho eu. A exposição dele em Chicago era principalmente sobre mulheres, ou era toda sobre a mesma mulher, de cabelo escuro, encaracolado. Eu o vi pintar alguns desses também. O catálogo está por aqui em algum canto, se a mulher dele não o levou embora. Perguntei uma vez se ela era uma conhecida dele, e ele não respondeu, então, também não sei quem posou para aqueles quadros. A mesma estudante, talvez, embora não morasse aqui, como eu disse. Ou, não sei. Sujeito estranho o Robert. Tinha um modo de responder às nossas perguntas e só depois a gente via que não tinha conseguido tirar nenhuma informação dele.

— Ele parecia... você notou alguma coisa de anormal antes que ele saísse da faculdade?

Arnold deixou o desenho cair na mesa.

— De anormal? Não, eu não diria isso, a não ser por aquele último lote esquisito de quadros. Eu não devia falar isso de um colega de trabalho, mas sou conhecido por dizer o que penso, e vou ser honesto: eles me assustaram um pouco. Robert tinha uma grande habilidade para pintar à moda dos estilos do século XIX; mesmo quem não gosta de imitação tem de admirar o talento dele. Aquelas naturezas-mortas eram incríveis, e, uma vez, eu vi uma espécie de paisagem impressionista que ele fez também. Dava para achar que era impressionista mesmo. Um dia, ele me disse que só a natureza importava, que ele odiava a arte conceitual. Eu também não faço arte conceitual, mas não a odeio, e pensei: *Então por que diabo pintar todas aqueles temas vitorianos pesados?* Não sei o que é esse estilo, se não conceitual; hoje em dia, só de adotá-lo, a pessoa faz uma declaração. Mas tenho certeza de que ele lhe contou tudo sobre isso.

Vi que não tiraria muito mais de Arnold. Ele era um observador de quadros, não de gente; parecia tremeluzir e desaparecer na minha frente, esperto, insubstancial e cordial da mesma maneira que Robert Oliver era profundo, substancial e perturbado. Eu ficaria

com o rabugento e sutil Oliver no ato, pensei, se fosse para escolher entre eles.

— Se precisar fazer mais algumas anotações, posso levá-lo para ver os quadros de Bob — dizia-me Arnold. — Receio que isso é tudo o que vai encontrar sobre ele atualmente. Um dia a mulher dele apareceu e fez uma limpeza no escritório, levando todos os quadros que tinham ficado no estúdio da faculdade. Eu não estava aqui quando ela fez isso, alguém me contou. Talvez ele simplesmente não tenha querido fazer isso e aqueles quadros teriam ficado aqui para sempre, quem sabe? Acho que ele não era chegado a ninguém aqui. Vamos, estou precisando mesmo dar uma volta.

Ele endireitou as pernas, compridas e finas como as de uma cegonha, e saímos juntos. A claridade para além da porta de entrada estava deslumbrante, insistente; perguntei-me como um artista poderia aguentar aquela salinha de concreto, mas talvez isso não dependesse de Arnold, e ele parecia ter tirado o melhor partido dela.

CAPÍTULO 39

MARLOW

Entrei atrás dele na galeria que ficava na porta ao lado, em uma cabana de troncos, mas cujo interior era amplo e sofisticado, e tinha ao fundo, escondida, uma ala de vidro e caixilhos caiados de branco — um anexo que alguns arquitetos haviam projetado tendo em vista um prêmio local. A entrada, iluminada por claraboia, era coberta de telas e vitrines que, sob uma luz suave, expunham cerâmicas.

Arnold indicou uma tela grande em frente à porta, e vi imediatamente o que ele quis dizer — era bizarra, terrivelmente viva e, no entanto, excessivamente dramática, rebuscada como uma peça vitoriana. Mostrava uma mulher com saias enfunadas e corpete justo, o corpo esguio dobrado. Estava ajoelhada numa rua de calçamento tosco; como Arnold anunciara, segurava nos braços uma mulher mais velha, tão morta que a gente se sentia mal. Esta mulher tinha uma cara cinérea, os olhos fechados, a boca flácida e um furo de bala medonho na testa, o sangue já secando num lado de seu cabelo e de seu xale soltos.

A mulher mais moça estivera trajada com elegância, mas agora tinha o vestido verde sujo e rasgado, todo ensanguentado na parte da frente, onde ela aconchegava a cabeça da mulher assassinada. O cabelo lustroso e cacheado se soltara, o chapéu preso pela fita lhe caía no ombro, o rosto se debruçava sobre a morta e não dava para ver os olhos luminosos que eu já estava tão acostumado a encontrar. O fundo era mais confuso, mas parecia ter um muro, uma rua urbana estreita, um letreiro pendurado cujos dizeres eram letras borradas, ilegíveis, e figuras de vermelho e azul que, embora agachadas por perto, eram indistintas. Havia uns objetos

empilhados numa ponta — algo marrom, bege — lenha cortada? Sacos de areia? Um depósito de madeira?

O quadro todo era fascinante mas também deliberadamente exagerado, pareceu-me apavorante e emocionante. Cheirava a medo e desesperança. A pose e a tristeza que havia nele me lembraram a primeira visão que tive da Pietà de Michelangelo — uma obra já famosa demais para ser vista com clareza, salvo talvez quando se é jovem o bastante. Eu a vi quando fui à Itália depois da faculdade; naquela época, a escultura não ficava atrás de um vidro, e tudo o que me separava dela era uma corda e um metro e meio. A claridade natural que iluminava Maria e Jesus tocava-os com tons diferentes, e era como se ambos os corpos estivessem vivos, o sangue pulsando em suas veias — não só a mãe dolorosa mas também o filho recém-morto. O detalhe incrivelmente comovente era que ele não estava morto. Para mim, sem fé, não era uma previsão da ressurreição mas sim um retrato do choque de Maria e moribunda vivacidade que vemos no hospital quando um jovem morre de repente, vítima de um ferimento terrível. Aprendi, naquele momento, a diferença entre genialidade e todo o resto.

O que mais me impressionou no quadro de Robert, à parte o horror da cena, foi o fato de ele ser narrativo, enquanto que todas as imagens que eu havia visto de sua dama antes deste eram retratos. Mas qual era a história? Possivelmente Robert não usara nenhum modelo; lembrei-me do que Kate dissera sobre como ele às vezes desenhava e pintava usando apenas a imaginação. Ou talvez tivesse usado modelos mas inventado a história — o vestido do século XIX respaldava essa ideia. Será que ele sonhara com sua personagem segurando a mãe assassinada? Talvez ele até estivesse pintando seus próprios lados claro e escuro, as duas partes de sua psique dividida pela doença. Eu não esperara que Robert Oliver contasse histórias verídicas.

— Você também não gosta deste quadro? — Arnold parecia satisfeito.

— É feito com muita habilidade — disse eu. — Qual destes é o seu?

— Ah, nesta parede — disse Arnold, apontando para uma grande tela atrás de nós, ao lado da porta.

Ele cruzou os braços diante do quadro. Era um quadro abstrato, com grandes quadrados macios e azul-claros derretendo e se fundindo, um brilho pairando sobre tudo, como se a gente pudesse deixar cair um seixo quadrado na água e isso provocasse a formação de quadrados concêntricos. Era bastante interessante, na verdade. Virei-me para Arnold e sorri.

— Gostei muito.

— Obrigado — disse ele satisfeito. — Agora estou fazendo um amarelo — ficamos contemplando o azul, aquele filho mais velho de Arnold, o próprio Arnold com a cabeça carinhosamente virada de lado; dava para notar que ele não contemplava o quadro havia um bom tempo. — Bem... — falou.

— Sim, eu devo deixá-lo voltar para o trabalho — disse-lhe eu agradecido. — Você foi muito gentil.

— Se tornar a falar com Robert, diga-lhe que mando lembranças — sugeriu. — Diga-lhe que não foi esquecido aqui, independentemente de qualquer coisa.

— Pode deixar que com certeza digo! — menti?

— Mande-me uma cópia do artigo, se lembrar — acrescentou, acenando-me da porta.

Assenti e depois balancei negativamente a cabeça, tentei disfarçar meu erro acenando de volta antes de entrar no carro, mas ele já havia se retirado. Fiquei sentado ao volante por um momento, tentando não apoiar a cabeça nas mãos. Então saí novamente do carro, devagar, sentindo os olhos do prédio sobre mim, e entrei outra vez na galeria. Passei deliberadamente pelos quadros da entrada, pelas plataformas com potes e vasos esplendorosos, pelas tapeçarias de linho e de lã. Entrei no hall principal e examinei um por um os quadros de alunos ali expostos, lendo as placas distraidamente, contemplando o acabamento brilhante do vermelho, do verde, do dourado — árvores, frutas, montanhas, flores, cubos, motocicletas, palavras, uma confusão de obras, umas excelentes, umas surpreendentemente canhestras. Olhei para cada item até as

cores girarem vertiginosamente, e então, lentamente, voltei para o quadro de Robert.

Ela continuava lá, claro, debruçada sobre seu terrível fardo, comprimindo contra a curva verde de seu seio a cabeça inerte com aquele buraco de bala, seu próprio rosto concentrado no sofrimento em vez de relaxado, a mandíbula crispada para conter as lágrimas, as sobrancelhas escuras franzidas numa expressão delicada, furiosa e de incrível infelicidade, a raiva aparecendo também na linha do ombro, suas saias ainda trêmulas após o movimento rápido: ela se ajoelhara na rua de terra e agarrara o precioso corpo. Sabia-se que amava a mulher morta; aquilo não era uma caridade qualquer. Era um quadro extraordinário. Com todo o meu conhecimento, eu não conseguia entender como Robert transmitira tanta emoção e movimento na pintura; eu via alguns tipos de pincelada que ele usara, as misturas de cor, mas a vida que ele infundira na mulher viva e o estado inanimado com que ele retratara a morta estavam além da minha compreensão. Se era uma obra da imaginação, isso tornava a composição ainda mais assustadora. Como a faculdade podia permitir que esta imagem ficasse pendurada diante de seus alunos dia após dia?

Contemplei a mulher até ela me parecer prestes a dar um grito de angústia ou pedir socorro, ou correr, ou preparar aquelas lindas costas e aquela cintura para tentar levantar e carregar o pesado corpo. A qualquer momento poderia acontecer alguma coisa; isso era o extraordinário. Ele captara o instante de choque, de mudança total, de incredulidade. Levei a mão à garganta e senti ali minha própria quentura. Esperei que ela levantasse a cabeça. Será que eu seria capaz — essa era a questão — de ajudá-la se ela erguesse os olhos? Ela estava a poucos centímetros de mim, respirando e real, no segundo de uma calma irreal antes da angústia completa, e eu me sabia impotente. Percebi então, pela primeira vez, o que Robert conseguira.

CAPÍTULO 40

MARLOW

Levei horas naquela tarde para tomar uma decisão. Quando tornei a chegar diante da porta de Kate, estava escuro; eu perdera mais um dia e teria de sair cedinho para Washington no dia seguinte, esforçar-me na direção para chegar a tempo em um compromisso que eu tinha à noite. Em vez de deixar Greenhill, eu dera um passeio agitado e jantara na cidade; depois, peguei o carro e me afastei da serra de Hadley, no último instante, então voltei para o outro lado do vale. As árvores me rodeavam no bairro de Kate e havia luzes nas janelas das casas no estilo Tudor; um cão latiu. Subi devagar o acesso à casa de Kate. Não era tarde, mas também não era civilizadamente cedo. Por que diabos eu não ligara antes? O que eu estava pensando? A essa altura, porém, aquilo era mais forte que eu.

Quando cheguei ao pórtico, a luz se acendeu automaticamente, e quase esperei que soasse um alarme. Havia uma lâmpada acesa na sala. Não havia outro sinal de vida, embora eu visse uma claridade nos aposentos dos fundos também. Levantei a mão para tocar a campainha, depois mudei de ideia graças ao que me restara de juízo e bati com firmeza. Uma sombra saiu da porta mais ao fundo e se aproximou — Kate, seu corpo delicado entrando e depois saindo da zona de claridade da lâmpada, o cabelo lançando reflexos, os movimentos cautelosos. Ela espiou pelo vidro com uma fisionomia tensa e então, aparentemente tendo me reconhecido e, por isso, ainda mais cautelosa, chegou à porta e a abriu devagar.

— Sinto muito — disse eu. — Sinto muito incomodá-la tão tarde, e não perdi o juízo. — Embora eu não estivesse cem por cento certo

disso, e foi pior ter falado que ter ficado quieto. — Eu parto amanhã de manhã, sabe, e, por favor, me mostre os outros quadros.

Ela largou a maçaneta da porta e virou a cabeça para me encarar. Tinha uma expressão de tristeza, de desdém, um olhar que transparecia que aquela era a gota-d'água, mas também repleto de uma paciência infinita. Fiquei firme, perdendo as esperanças a cada segundo. Em alguns instantes ela iria me rejeitar, dizer que eu de fato perdera o juízo, comentar que não sabia do que eu estava falando, que eu não tinha nada que fazer ali, que ela desejava que eu fosse embora. Em vez disso, chegou para o lado para me deixar entrar.

A casa estava profundamente tranquila e eu me senti um intruso da pior espécie, desajeitado e de pisada forte. A que custo ela havia criado aquela tranquilidade? Havia conforto ao meu redor: luz de abajur, tudo perfeitamente ordenado, um delicado ar de madeira e flores que poderia ser a respiração das próprias crianças; presumivelmente, elas estariam dormindo lá em cima, e sua vulnerabilidade invisível me deixou mais culpado ainda. Eu estava apavorado de subir aquelas escadas e ouvir seus suspiros suaves e reais, mas, para minha surpresa, em vez disso, Kate abriu uma porta na sala de jantar e me fez descer uma escada; o porão. Cheirava a poeira, lama seca e lenha velha ressequida. Descemos devagar; apesar da lâmpada solitária no teto, eu tinha a sensação de que descíamos para a escuridão. O cheiro me lembrava alguma coisa da minha infância — estranhamente agradável, algum lugar que eu visitara ou onde brincara. O vulto esguio de Kate ia à minha frente; olhei para o alto de sua cabeça castanho-dourada naquela iluminação suficiente, mas inadequada, e ela parecia escapar de mim e entrar num sonho. Havia uma pilha de lenha num canto, uma roca antiga num outro, baldes de plástico, vasos de cerâmica vazios para flores.

Kate me conduziu sem dizer nada a um armário de madeira na outra extremidade da sala. Abri a porta, ainda como se estivesse sonhando e vi que o armário fora feito especialmente para guardar telas de forma ordenada, mantendo uma separada da outra, como

se fosse a armação para secagem de um ateliê, e que estava cheio de quadros. Ela ficou segurando a porta para mim, sua mão branca na madeira. Meti a mão no armário escuro, tirei cuidadosamente um quadro bem-calçado e encostei-o na parede ao lado, depois mais outro, e o seguinte, e mais outro, até esvaziar o armário e ter oito telas grandes e emolduradas encostadas nas paredes. Algumas dessas deviam ser de exposições de Robert; perguntei-me se ele vendera muitas outras daquelas e para que casas e que museus haviam ido.

A luz era ruim, como mencionei, mas isso só as tornava mais reais. Sete dos quadros mostravam a mesma versão da cena com que eu me deparara naquela tarde na galeria da Faculdade Greenhill — minha dama debruçada sobre um cadáver adorado, às vezes, um close dos dois rostos próximos um do outro, enormes na tela, o rosto ainda jovem, de feições fortes, pairando sobre o mais velho e cinzento. Outras vezes era uma cena semelhante, mas ela afogara os soluços no pescoço da morta como se bebendo seu sangue ou misturando-o às suas lágrimas — melodramático, sim, mas também profundamente comovente. Em outro, ela estava em pé com um lenço colado aos lábios, o corpo a seus pés, olhando ao redor com desespero para pedir ajuda — seria esse momento anterior ou posterior ao que ele pintara no quadro da Faculdade Greenhill? Várias e várias vezes, a mulher de cabelo cacheado se surpreendia, se horrorizava, se desconsolava. A história nunca andava para frente nem para trás; estava presa para sempre naquele evento isolado.

O oitavo quadro era o maior e bem diferente, e Kate já estava diante dele. Tratava-se de um panorama que tomava toda a largura da tela e continha três mulheres e um homem, numa disposição estranhamente formal, de um realismo de tirar o fôlego, sem nada do cunho usual de Robert do século XIX — não, este era indiscutivelmente contemporâneo, como o quadro sensual que eu vira no ateliê doméstico de Robert dois andares acima. O homem estava em primeiro plano, duas das mulheres atrás dele, à direita, e uma à esquerda, as quatro figuras solenemente de frente para o

observador e vestidas com trajes modernos. As três mulheres usavam jeans e camisas de seda claras, o homem, um suéter rasgado e calças cáqui. Reconheci todos eles salvo um. A mulher menor era Kate, seu cabelo dourado mais comprido do que o que ela usava agora, seus olhos azuis grandes e sóbrios, cada sarda em seu lugar, o corpo ereto. Ao lado dela estava uma mulher que eu não conhecia, também jovem, e muito mais alta, de pernas compridas, cabelo liso arruivado e um rosto atento, as mãos metidas nos bolsos da frente do jeans. Ou será que eu já a havia visto em algum lugar? Quem poderia ser? À esquerda do homem, estava uma figura familiar, feminina, embaixo de uma esquisita e moderna seda cinzenta e um brim desbotado, os pés descalços, o rosto forte como eu o via em meus sonhos, o cabelo escuro e encaracolado caído abaixo dos ombros. Vê-la com as roupas de minha própria época me deixou angustiado com a possibilidade de realmente encontrá-la.

O homem no quadro era Robert Oliver, claro. Era quase como tê-lo presente: o cabelo despenteado e as roupas gastas, os olhos esverdeados enormes. Ele parecia não totalmente consciente das mulheres à sua volta; era o personagem principal de seu quadro, em primeiro plano, olhando com uma resistência categórica, recusando-se a ceder qualquer coisa de si até mesmo para o observador. Sozinho, de fato, apesar das três Graças à sua volta. Era um quadro embaraçoso, pensei — óbvio, egocêntrico, intrigante. Kate olhava para ele quase do mesmo jeito que, de dentro do quadro, ela olhava para fora: os olhos arregalados, o pequeno corpo ereto como o de uma bailarina. Hesitante, aproximei-me dela, me encostando em seu ombro, depois passei o braço em volta dela. Eu só tinha intenção de consolá-la. Ela virou-se para mim uma expressão meio cínica, quase um sorriso.

— Você não os destruiu — disse eu.

Ela olhou com firmeza para mim, sem resistir ao meu braço. Tinha ombros de passarinho, ossinhos ocos.

— Robert é um grande artista. Foi um pai bastante bom e um marido bastante ruim, mas sei que é maravilhoso. Não compete a

mim destruir esses quadros.

Não havia nada de nobre em sua voz; tratava-se apenas de uma declaração simples e pragmática. Então recuou, desvencilhando-se de maneira graciosa de meu braço: fechou a porta. Não sorria. Alisou o cabelo, fitando o quadro maior.

— O que vai fazer com eles? — perguntei eu finalmente.

Ela entendeu.

— Guardá-los até saber o que fazer.

Isso fez tanto sentido que não lhe fiz mais perguntas. Pareceu-me que essas imagens perturbadoras um dia poderiam pagar a universidade de seus filhos, se ela cuidasse bem delas. Ela me ajudou a colocar os quadros de volta em seus escaninhos e fechamos a porta juntos. Finalmente eu tornava a segui-la, subindo as escadas de madeira, atravessando a sala e saindo no pórtico. Ali, fizemos uma pausa.

— Não me importo com o que vai fazer — disse ela. — O que quer que decida está certo.

Eu sabia que isso significava que eu tinha sua permissão para um dia dizer a Robert que falara com sua mulher, que eu não vira seus filhos a não ser em porta-retratos, que vira a elegante e asseada casa onde ele já havia morado, os quadros que ela estava guardando para um futuro que ela não enxergava depois de um determinado ponto.

Ficamos calados um momento, depois ela se esticou um pouco — e ainda assim ela devia chegar somente à altura do rosto de Robert Oliver — e me deu placidamente um beijo.

— Boa viagem — disse. — Vá com cuidado. — Não mandou nenhum recado.

Balancei a cabeça, incapaz de falar, e descii a escada, ouvindo a porta fechar atrás de mim pela última vez. Quando já estava no carro, liguei o rádio, depois desliguei e cantei em voz alta no silêncio, e mais alta ainda, batucando no volante. Eu via os quadros de Robert brilhando sob a lâmpada nua, e soube que talvez nunca mais tornasse a vê-los. Mas eu abrira à força minha vida, ou talvez Kate tivesse feito isso por mim.

CAPÍTULO 41

1878

Por fora, o prédio do ateliê dele na rue Lamartine é sem graça. Ela está sentada na carruagem a contemplá-lo. Dissera a si mesma desde a véspera que iria levar a criada com ela. Mas, na última hora, antes de sair de casa, percebeu que não queria nenhuma testemunha. Seu bilhete desnecessário para a governanta explica que ela ia visitar uma pessoa amiga e manda que levem uma bandeja para o sogro ao meio-dia.

A fachada do prédio é completamente real, e ela engole a saliva com dificuldade sob o laço da touca; apertou-o muito. Fim da manhã — o movimento de carruagens é intenso nas ruas, pares de cavalos com seus passos pesados, carroças de entregas. Garçons colocam cadeiras em linha reta do lado de fora de seus cafés e uma velha varre o lixo no meio-fio. Béatrice observa a mulher, que usa luvas esfarrapadas e uma saia remendada, aceitando umas moedas de um homem de avental comprido e seguindo em frente na rua com uma vassoura e uma pá.

O bilhete na pequena bolsa de Béatrice contém um número de rua e um desenho do prédio. O convite dele é para ver uma tela grande, que ele gostaria de mandar para o júri do Salon na semana seguinte, e ela deve vê-la agora ou aguardar até essa ocasião — e quem sabe se será aceita? É um pretexto inconsistente; verá o quadro depois com Yves, ela sabe, esteja ou não exposto no Salon. Mas Olivier já mencionara a apresentação várias vezes, uma tela difícil de transportar, a insegurança dele. A ideia do quadro, as dificuldades de Olivier com ele viraram uma preocupação de ambos, quase um projeto compartilhado. Trata-se do retrato de uma jovem, foi a última coisa que ele lhe disse. Béatrice não se atreve a

perguntar quem é — uma modelo, sem dúvida. Ele também pensou em mandar para o Salon, em vez do retrato, uma paisagem. Ela sabe disso tudo e se orgulha de estar envolvida, de ser consultada — essa é sua justificativa deficiente para aparecer sozinha ali com uma touca nova. Ademais, não é como se ela fosse visitá-lo na casa dele; ele só a atraiu para o ateliê, e talvez haja outras pessoas ali também, tomando refrescos e estudando os quadros.

Ela dispensa a carruagem por uma hora e segura as saias para saltar. Vestiu-se com um conjunto de passeio cor de ameixa e jogou por cima uma capa de lã azul debruada de pele cinzenta. Sua touca combina com a capa; tem o novo formato dos chapéus, em veludo azul forrado de prateado e é carregado de miosótis azuis, flores de chicória e lupino — maravilhosamente reais, como um chapéu decorado como um campo. O espelho em casa lhe disse que suas faces já estavam coradas e seus olhos brilhavam com algo parecido com culpa.

Ela observa o próprio pé calçado de couro preto deixar a carruagem, pisar nas pedras do calçamento, evitando uma água viscosa. Esta é uma parte da cidade onde ocorreram alguns dos tumultos, ela se dá conta, e tenta imaginá-la oito anos antes, cheia de barricadas e talvez até de cadáveres amontoados, mas sua imaginação não se desviará muito; ela está pensando somente no homem à sua espera lá em cima. Será que pode vê-la? Ela tem o cuidado de não tornar a olhar. Com as saias apanhadas na mão enluvada, ela se encaminha para a entrada, bate, depois percebe que deve simplesmente entrar — não há nenhum criado para atender. Lá dentro, uma escada velha conduz ao terceiro andar, ao ateliê dele. Nenhuma das portas fechadas nos outros andares se abre quando ela passa. Ela fica parada olhando o nome dele e recobrando o fôlego — seu espartilho está apertado — antes de bater.

Olivier atende na mesma hora, como se estivesse bem atrás da porta, prestando atenção para ouvi-la chegar, e eles se entreolham sem falar. Há mais de uma semana não se defrontam, e, neste ínterim, algo se aprofundou entre eles. Seus olhos se encontram,

inevitavelmente, e atravessam essa experiência, ela então percebe que ele está ciente da mudança. De sua parte, ela sente o choque da idade dele, porque não o viu nos últimos dias e o conhece cada vez mais como homem, objetivamente: ele é bem-apessoado, só passou um pouquinho da meia-idade, mas tem rugas verticais profundas dos cantos das narinas até as comissuras da boca e embaixo dos olhos, e seu cabelo é prateado.

Por baixo do rosto dele, ela vê o homem mais jovem que ele deve ter sido um dia, e este jovem olha para ela como se através de uma máscara que ele nunca quis usar, vulnerável e expressiva, revelando olhos ainda brilhantes — mas não como já deveriam ter sido; as bordas inferiores avermelhadas são um pouco caídas e o azul está comprometido, diluído. O cabelo, repartido, deixa à mostra o cor-de-rosa do couro cabeludo, que ela vê quando ele se inclina sobre sua mão. Sua barba ainda tem fios castanhos, um calor nas raízes, e seus lábios também são quentes quando encostam no dorso de sua mão. Naquele breve contato, ela sente a essência dele — nem o rapaz apaixonado, nem o homem idoso. Ela sente antes o próprio artista, sem idade e no meio de uma longa vida. Sua presença passa através dela como o ruído inesperado de uma campainha, de modo que ela não consegue recobrar o fôlego afinal.

— Entre, por favor — diz ele. — *Entrez, je vous en prie*. Meu ateliê. — Ele não a trata por “tu”. Segura a porta para ela, que então se dá conta de que ele está usando um terno velho, que nunca o vira tão mal-ajambrado, com uma bata de linho aberta por cima do paletó. As mangas da bata estão arregaçadas, como se fossem compridas demais até para ele. Sua camisa branca está respingada de tinta no peito, e sua gravata é de seda preta, também puída. Ele não se vestiu para a visita dela; está permitindo que ela o veja do jeito que ele de fato trabalha. Ela entra na sala, notando que não há mais ninguém ali, sentindo a proximidade dele na entrada. Ele fecha a porta delicadamente depois que ela passa, como se não desejasse chamar atenção para o ponto que os dois compreendem: o possível comprometimento da reputação de ambos. A porta é fechada. Ela desejaria estar mais arrependida, mais envergonhada;

faz questão de lembrar que o mundo externo ainda o considera meramente um parente, um senhor digno que poderia muito bem convidar a mulher do sobrinho para ver um quadro.

Mas é como se, em vez de fechar uma porta, ele abrisse outra, deixando um bom trecho claro e vazio entre eles. Após um momento, ele se mexe, dizendo:

— Posso pegar sua capa?

Ela se lembra dos gestos normais, desamarra a touca e levanta-a na vertical para não desarrumar os cachos. Desabotoa a capa no pescoço e dobra-a uma vez, ao comprimento, pelo lado do avesso, para proteger a pele delicada. Entrega-lhe as duas peças, e ele as leva para outro aposento. Ali, parada no ateliê, ela sente a intimidade crescente que uma sala vazia motiva. O cômodo é muito claro em função das janelas compridas, limpas por dentro e imundas por fora, e há uma claraboia ornamentada no alto. Ela ouve os ruídos da rua — choques abafados, chocalhar, atrito de ferro; cascos de cavalos — tudo tão baixinho que para ela já não há mais necessidade de acreditar na existência deles, de pensar em seu cocheiro tomando uma bebida quente num estábulo ali na rua, onde ele deve conhecer outros cocheiros, e não pensará nela durante uma hora. Olivier volta e aponta para seus quadros; deliberadamente, ela não olhou para eles.

— Não censurei nada — diz ele. — Você é uma colega artista.

Diz isso sem ostentação, quase timidamente, e ela sorri e desvia a vista.

— Obrigada. Fico honrada por você ter deixado o ateliê no estado habitual.

Mas ela precisa de um pouco de coragem para ver os quadros.

Ele aponta.

— Eis aqui um que esteve exposto no Salon ano passado. Talvez você se lembre, se eu não estiver enganado.

Ela se lembra bem; é uma paisagem de uns três ou quatro palmos de comprimento, uma peça sutil, um campo solto no ar com uma camada de flores brancas e amarelas na superfície, uma vaca pastando no canto, árvores marrons misturadas com verdes. É meio

antiquado, bem no estilo de Corot, pensa ela, e se repreende — ele pinta do jeito que sempre pintou, e pinta bem. Mas este é mais um lembrete dos anos que os separam.

— Você gosta, mas acha ultrapassado — diz ele.

— Não, não — protesta ela, mas ele ergue a mão para detê-la.

— Entre amigos — diz —, só pode haver honestidade.

Seus olhos são muito azuis; por que os achou velhos? Agora irradiam um vigor que é melhor que mera juventude.

— Muito bem — diz ela. — Então gosto mais da ousadia deste. — Virou-se para uma tela grande pousada no chão. — É esse que você vai apresentar?

— Não, infelizmente — ele agora está rindo. Um corpo de verdade ao lado do dela. Desde que não olhe de fato para ele, torna a sentir a presença do jovem dentro daquele corpo. — Este é um pouco ousado demais, como você diz. Poderiam não gostar.

O quadro mostra uma árvore em primeiro plano, um sujeito usando terno e chapéu elegantes sentado à sua sombra na relva, pernas cruzadas negligentemente e as mãos compridas caídas sobre o joelho. Tem uma perspectiva engenhosa que deixa Béatrice com vontade de chegar atrás da árvore para ver o que há do outro lado. A técnica é mais moderna que a do quadro da vaca — aqui, ela enxerga uma influência.

— Esse revela uma admiração pela obra do Monsieur Manet?

— Uma admiração relutante, minha cara, sim. Você tem bom olho. No Salon, poderiam dizer que é ofensivo porque não tem um propósito.

— Quem é o rapaz?

— O filho que nunca tive — ele fala com displicência, mas ela estuda sua fisionomia, sentindo-se intrigada, temendo revelações. — Ah, eu simplesmente penso nele assim. Meu afilhado da Normandia, que agora mora em Paris. Vejo-o várias vezes por ano, e saímos para dar longos passeios. Um rapaz querido, filho de uns jovens amigos. Ele vai dar um bom médico em alguns anos. Vive estudando. Sou o único que consegue fazê-lo sair para se exercitar no campo, e creio que ele pensa que isso faz bem a *mim*, seu pobre

padrinho. Por isso ele vai, fingindo obedecer às minhas ordens para a saúde dele. Assim, um engana o outro.

— O quadro é muito bom — diz ela com sinceridade.

— Ah, bem — ele encosta na manga de sua roupa cor de ameixa. — Venha, vou lhe mostrar o resto, e depois tomamos um chá.

Olhar os outros quadros é mais difícil para ela, mas ela faz isso impassível; modelos, seminus, as costas graciosas e inacabadas de uma mulher nua, — será que isso significa que a mulher voltará ao ateliê um dia desses e tirará novamente a roupa para ele? Será que ela já foi amante dele? Os artistas não são assim? Ela tenta só pensar nisso na qualidade de colega pintora, sem se importar. As modelos muitas vezes são mulheres de conduta dissoluta, como todos sabem, mas ela própria foi sozinha aos aposentos íntimos de um homem, a seu ateliê — será melhor do que as outras? Ela se acostuma a seu próprio receio e vira-se para examinar as naturezas-mortas, frutas e flores, que, segundo ele explica, são trabalhos juvenis. Para ela, são um pouco monótonas, mas bem-feitas, delicadas; ela enxerga os Velhos Mestres.

— Eu tinha acabado de chegar da Holanda quando pinteí esses quadros — diz ele. Peguei-os outro dia para ver como eles se mantiveram. São antiguidades, não?

Ela tem o cuidado de não responder.

— E o que vai apresentar este ano? Eu já vi?

— Ainda não. — Ele atravessa a sala comprida, para além das duas poltronas e da mesinha redonda feiosas onde, presume ela, ele servirá o chá. Encostada na parede, está uma tela coberta com um pano, uma tela grande; ele precisa das duas mãos para levantá-la. Encosta-a numa cadeira.

— Tem certeza de que quer vê-la?

Pela primeira vez, ela está assustada, quase com medo do próprio homem, essa figura familiar que ela percebe agora de uma maneira totalmente diferente por causa das cartas, da franqueza dele, da revelação que ele lhe fez, da estranha resposta do coração dela enquanto está ali parada ao seu lado. Ela se vira para ele, de

maneira inquisidora, mas não consegue pensar na pergunta. Por que ele está hesitando em lhe mostrar o quadro? Talvez seja um nu autenticamente chocante ou outro tema que ela não consegue imaginar. Ela sente a presença do marido, de braços cruzados para indicar que ela foi longe demais. Mas Olivier lhe contou na carta que Yves quer que ela veja o quadro. Ela não sabe o que pensar nem o que dizer.

Quando levanta o pano, Olivier respira fundo, fazendo um ruído audível para os dois. É o quadro dela, sua criada de cabelos louros sentada trabalhando, seu sofá cor-de-rosa, a pincelada que ela tentou fazer solta e livre, mas com visão, visão total.

— Você entende por que escolhi este para apresentar ao Salon este ano? — pergunta ele. — É de um artista melhor que eu.

Ela põe as mãos no rosto, e sua visão fica constrangedoramente coberta de lágrimas.

— Como assim? — Sua voz soa fraca aos seus ouvidos. — Está brincando comigo?

Ele se vira para ela, logo preocupado.

— Não, não. Não tive intenção de ofendê-la. Eu o trouxe para casa semana passada, depois que você nos deu boa-noite. Você precisa me deixar apresentá-lo por você. Yves está totalmente de acordo e só pede que proteja um pouco sua privacidade através de um pseudônimo. Mas o quadro é extraordinário. Nele você funde algo antigo com algo muito novo. Quando me mostrou esse quadro, percebi que o júri precisava vê-lo, mesmo se afinal for muito moderno para eles. Eu só queria convencê-la.

— E Yves sabe que você pegou o quadro?

Por alguma razão, ela não quer dizer o nome do marido ali, nos aposentos desse outro homem.

— Sabe, claro. Primeiro perguntei a ele, não a você. Eu sabia que ele concordaria e você não.

— Não concordo mesmo — disse ela, as lágrimas lhe enchendo os olhos e escorrendo por seu rosto.

Está humilhada, ela que raramente chora, mesmo diante do marido. Não consegue explicar a sensação de ver esse quadro

íntimo num ambiente estranho, ou — acima de tudo — de ouvir elogios a ele. Enxuga o rosto, procura um lenço na bolsa de veludo pendurada em seu pulso. Ele se aproximou, tirando algo de dentro do paletó. Agora está cuidadosamente lhe enxugando o rosto — com pancadinhas delicadas, usando mãos que passaram anos segurando pincéis, lápis e espátulas. Sem pressa, ele a segura pelos cotovelos com as mãos em concha, como se os pesasse, e a puxa para si.

Pela primeira vez, ela encosta a cabeça em seu pescoço, seu rosto, sentindo que isso é admissível para ambos porque ele a está consolando. Ele lhe afaga o cabelo e a nuca, e ela, ao sentir seu toque, arrepia-se toda. As pontas daqueles dedos passeiam pela massa de tranças na parte posterior de sua cabeça, tocando-as sem perturbar sua disposição meticulosa, e aquele braço envolve seus ombros. Ele a puxa de encontro ao seu peito e ela tem de pôr a mão nas costas dele para se equilibrar. Ele lhe afaga o rosto, a orelha; já chegou muito perto, e sua boca encontra a dela antes que sua mão o faça. Os lábios dele são quentes e secos, mas bastante grossos, como um couro macio, e seu hálito cheira a café e pão. Ela já foi beijada muitas vezes, mas só por Yves, portanto é a natureza estranha desses outros lábios que ela percebe primeiro; só depois se dá conta de que esses lábios são mais hábeis que os de seu marido, mais insistentes.

Aquele beijo impossível e o desejo impossível de que ele a beije leva ao seu rosto uma onda de calor que lhe desce pelo pescoço, um punho se cerrando dentro dela, desejo que ela antes não sabia associar com desejo. Ele agora a segura pelos braços, como se temendo que ela se afaste. Ele a segura com força e, de novo, ela sente os anos em que não o conhecia, quando simplesmente a vida e o trabalho o fizeram desenvolver aquela força.

— Não posso deixar — ela tenta dizer, mas as palavras desaparecem embaixo dos lábios dele, e ela não sabe se quer dizer que não pode deixar que ele mande o quadro para o Salon ou que a beije. É ele que, delicadamente, a afasta dele. Está trêmulo, tão nervoso quanto ela.

— Me perdoe — as palavras saem sufocadas. O olhar dele sustenta o dela, mas cegamente. Agora que pode olhar de novo para ele, ela vê que ele é velho mesmo. E corajoso, ela se dá conta. — Não tive intenção de ofendê-la. Descontrolei-me.

Ela acredita nele; ele se descontrolou, só pensando nela.

— Você não me ofendeu — diz com uma voz que ela mal ouve, endireitando as mangas, a bolsa, as luvas. O lenço dele está no chão. Ela não pode se abaixar para pegá-lo com aquele espartilho; teme se desequilibrar. Ele se abaixa para pegá-lo, mas, em vez de entregá-lo de novo a ela, mete-o lentamente dentro do paletó.

— A culpa é minha — ele diz.

Ela se vê olhando para os sapatos dele, de couro marrom, as pontas um pouco gastas, uma delas salpicada de tinta amarela. Ela está vendo os sapatos com que ele trabalha, a vida real dele.

— Não — murmura ela — Eu não devia ter vindo.

— Béatrice — diz ele.

Pega sua mão com seriedade, formalmente. Ela se lembra com uma infelicidade profunda do momento em que Yves a pediu em casamento anos atrás, a mesma formalidade. Eles são, afinal de contas, tio e sobrinho, então por que não compartilhariam gestos, traços familiares?

— Tenho de ir embora — diz ela, tentando retirar a mão, mas ele a retém.

— Antes que se vá, por favor entenda que a respeito e a amo. Estou deslumbrado com você, com quem você é. Nunca lhe pedirei nada, a não ser para beijar seus pés. Permita que eu lhe diga tudo, uma vez só.

A intensidade da voz dele a comove, seu contraste com aquele rosto conhecido.

— Você me honra — diz ela desamparada, olhando em volta à procura da capa e do chapéu. Lembra-se que estão no outro aposento.

— Eu também adoro sua pintura, seu instinto para a arte, e adoro essas coisas independentemente do meu amor por você. Você tem um dom esplêndido.

Ele fala com mais calma desta vez. Ela percebe que, apesar da natureza do momento, ele é sincero. É um homem triste, honesto, que o tempo já deixou para trás, e a quem sobra pouco tempo. Ele fica parado diante dela mais um pouco e então desaparece na sala ao lado para buscar suas coisas. Ela amarra o chapéu com dedos trêmulos; ele segura a capa com cuidado em volta dela enquanto Béatrice a abotoa no pescoço.

Quando ela se vira, vê uma expressão tão grande de perda em seu rosto que se aproxima dele sem se permitir pensar. Beija-lhe o rosto, faz uma pausa, depois a boca, rapidamente. Para sua tristeza, o contato e o gosto dessa boca já são familiares.

— Preciso mesmo ir embora — diz ela.

Nenhum deles menciona o chá ou o quadro dela. Ele lhe abre a porta, curvando-se em silêncio. Ela desce a escada inteira até a rua segurando o corrimão. Presta atenção para ver se ouve a porta se fechar, mas não escuta nada; talvez ele continue parado no vão da porta no alto do prédio. Como a carruagem não estará de volta antes de meia hora no mínimo, ela precisa ir a pé até os estábulos no fim da quadra ou encontrar um cabriolé para levá-la para casa. Ela se encosta um instante na frente do prédio dele, sentindo a fachada através da luva, tentando acalmar a mente. Conseguindo.

Porém, mais tarde, quando está sozinha, sentada no solário, tentando simplificar tudo, o beijo volta, enche o ambiente ao seu redor. Inunda as janelas altas, o tapete, as pregas de seu vestido, as páginas de seu livro. “Por favor, entenda que a respeito e a amo.” Ela não consegue deixar o beijo desaparecer. Na manhã seguinte, já não quer mais deixá-lo desaparecer. Não tem más intenções — não prejudicará ninguém — mas deseja guardar este momento com ela pelo tempo que conseguir.

CAPÍTULO 42

MARLOW

Antes do alvorecer, carreguei o carro e fui sonhando acordado até entrar na Virgínia, passando por rodovias cujos acostamentos haviam ficado ainda mais verdes desde minha viagem de ida. Era um dia friozinho, com chuva intermitente, e comecei a ansiar por estar em casa. Fui direto para o meu único compromisso no fim do dia em Dupont Circle. O paciente falou; por força do hábito, fiz as perguntas certas, ouvi, ajustei uma receita, deixei-o ir embora, seguro de minhas decisões.

Quando cheguei em casa à noite, desfiz as malas depressa, esquentei uma lata de sopa. Depois do chalé deprimente dos Hadley — agora eu podia admitir: eu demoliria aquela casa num minuto e construiria alguma coisa com o dobro de janelas — minhas salas eram imaculadas, acolhedoras, a iluminação perfeitamente regulada sobre cada quadro, as cortinas de linho macias graças à lavagem a seco do mês passado. A casa recendia a alcoóis minerais e tinta a óleo, algo que normalmente não noto a não ser que tenha passado uns dias fora, e também ao narciso em flor na cozinha; ele abrira enquanto eu estava fora, reguei-o agradecido, mas com cuidado para não aguar-lo demais. Fui até onde estava o conjunto de enciclopédias antigas de meu pai e pus a mão na lombada de um tomo, depois me detive. Haveria tempo; em vez disso, tomei um banho quente, apaguei a luz e fui me deitar.

O dia seguinte foi movimentado; minha equipe em Goldengrove precisava de mim mais do que nunca porque eu estivera fora; alguns de meus pacientes não passaram tão bem quanto eu

esperava e as enfermeiras pareciam mal-humoradas; minha mesa estava coberta de papéis. Consegui logo de manhã passar no quarto de Robert. Ele estava sentado numa cadeira dobrável à beira da bancada que servia tanto como mesa quanto como prateleira de suprimentos, desenhando. Ao seu lado, estavam as cartas, arrumadas em duas pilhas; perguntei-me como ele as dividira. Ele fechou o caderno de desenho quando entrei e virou-se para me olhar. Interpretei isso como um bom sinal; às vezes ele ignorava minha presença completamente, estivesse trabalhando ou não, e era capaz de fazer isso por períodos desconcertantemente longos. Sua expressão era cansada e irritada, e seus olhos passaram do reconhecimento de meu rosto à contemplação de minhas roupas.

Perguntei-me, talvez pela centésima vez, se o silêncio dele me permitia subestimar até que ponto sua doença o estava afetando; possivelmente, a coisa era muito mais séria do que eu era capaz de julgar pela observação, por mais atenta que fosse. Perguntei-me também se ele poderia ter adivinhado onde eu estivera, e considerei me instalar na cadeira grande e pedir que ele limpasse o pincel e sentasse em frente a mim na cama, para ouvir as novidades sobre a ex-mulher. Eu poderia dizer: *Sei que a primeira vez que a beijou, você a levantou do chão*. Eu poderia dizer: *Ainda há cardeais no comedouro que você fez para os pássaros e o loureiro da montanha está começando a florir*. Eu poderia lhe dizer: *Agora sei melhor ainda que você é um gênio*. Ou poderia perguntar: *O que “Étretat” significa para você?*

— Como está, Robert? — Fiquei no vão da porta.

Ele tornou a se virar para o desenho.

— Ótimo. Bem, já vou indo visitar outros camaradas.

Por que usei essa palavra? Sempre impliquei com ela. Examinei rapidamente o quarto. Nada parecia estar diferente, perigoso ou desordenado. Desejei-lhe um bom trabalho, ressaltando que o dia prometia ser ensolarado e deixei-o dando o sorriso mais autêntico que consegui, embora ele não estivesse olhando.

Pelejei até o fim do dia para cumprir minhas rondas e fiquei até mais tarde para limpar minha mesa. Quando a equipe do dia já

havia saído e o jantar dos pacientes já havia sido servido e estava sendo retirado, tranquei-me no meu gabinete e fui para o computador.

Então, me dei conta de que tinha começado a me lembrar. Era uma cidade costeira na Normandia, na região que fora muito pintada no século XIX, particularmente por Eugène Boudin e seu inquieto jovem *protégé*, Claude Monet. Encontrei as imagens familiares — os penhascos acidentadíssimos de Monet, o famoso arco de rocha na praia. Mas Étretat aparentemente atraía outros pintores — muitos, incluindo Olivier Vignot e até Gilbert Thomas, do autorretrato com moedas na National Gallery; ambos haviam pintado aquele litoral. Quase todo pintor em condição de pegar uma daquelas novas linhas de trem para o norte fora fazer uma tentativa em Étretat, ao que parecia — os mestres e os artistas menores, os pintores de fim de semana e os aquarelistas da sociedade. Os penhascos de Monet erguiam-se acima de todos os outros na história da pintura de Étretat, mas ele fora parte de uma tradição.

Encontrei uma fotografia recente da cidade; o grande arco estava igual ao que era na época dos impressionistas. Ainda havia vastas praias com barcos fora da água e emborcados na areia, penhascos com um relvado verde no topo, ruazinhas ladeadas de hotéis antigos e casas elegantes, muitos dos quais poderiam ter existido quando Monet pintava a alguns metros dali. Nada disso parecia ter qualquer relação com os rabiscos na parede de Robert Oliver, a não ser que se considerasse sua biblioteca pessoal de obras sobre a França, onde ele certamente teria deparado com o nome da cidade e algumas representações de seu dramático cenário. Será que ele havia estado lá pessoalmente, para experimentar “prazer”? Talvez na viagem à França que Kate mencionara? Tornei a me perguntar se ele poderia estar num ligeiro estado delirante. Étretat era um belo beco sem saída, o penhasco em minha tela arqueando-se para o canal, sumindo dentro d’água. Monet o retratara inúmeras vezes, e Robert, a menos que eu tivesse deixado escapar alguma coisa, nenhuma.

O dia seguinte era sábado, e fui correr de manhã só até o Zoológico Nacional, e voltei pensando no que eu vira daquelas montanhas em volta de Greenhill. Encostado nos portões, enquanto alongava o tendão retesado da minha coxa, achei pela primeira vez que talvez eu nunca conseguisse deixar Robert bem. E como eu saberia quando parar de tentar?

CAPÍTULO 43

MARLOW

Na quarta-feira após minha corrida até o zoológico, ao chegar pela manhã em Goldengrove, encontrei à minha espera uma carta de Greenhill com o endereço do remetente no canto superior. A letra era clara, feminina, organizada — Kate. Entrei no meu gabinete sem antes parar para ver Robert ou qualquer outro paciente, fechei a porta e peguei a espátula para cartas que minha mãe me dera como presente de formatura da faculdade; muitas vezes me ocorria que eu não devia guardar tal tesouro em meu escritório praticamente público, mas eu gostava de tê-lo perto de mim. A carta era de uma página e, diferentemente do endereço no envelope, estava datilografada.

Prezado dr. Marlow:

Espero que esteja bem. Obrigada pela visita a Greenhill. Se o ajudei de alguma maneira ou a Robert (indiretamente), estou satisfeita. Acho que não posso prosseguir com nossa comunicação, e estou certa de que há de entender. Dei valor ao nosso encontro e continuo pensando nele, creio que, se alguém pode ajudar Robert, será alguém como o senhor.

Há uma coisa que não lhe contei quando estive aqui, em parte, por motivos pessoais e, em parte, por não saber se seria ético, mas decidi que realmente desejo que o senhor saiba. É o sobrenome da mulher que escreveu a Robert as cartas de que lhe falei. Não lhe disse, então, que uma delas estava escrita num papel de carta, e tinha o nome completo dela no cabeçalho. Ela também era pintora, como lhe mencionei, e seu nome era Mary R. Bertison. Este continua sendo um assunto muito doloroso

para mim, e eu não tinha certeza se queria dividir este detalhe com o senhor, ou se até seria errado de minha parte fazê-lo. Mas se vai tentar ajudá-lo com seriedade, acho que tenho de lhe dar o nome dela. Talvez o senhor consiga descobrir algo sobre quem ela era, embora eu não saiba ao certo como isso poderia ser útil.

Desejo-lhe tudo de bom em seu trabalho e, especialmente, em seus esforços para ajudar Robert.

*Atenciosamente,
Kate Oliver*

Era uma carta generosa, honesta, impaciente, estranha e simpática; eu podia ouvir em cada linha a determinação de Kate, sua decisão de fazer o que julgava certo. Ela estaria sentada à sua mesa na biblioteca do andar de cima, talvez de manhã cedo, digitando teimosamente em meio à sua dor, fechando a carta antes que pudesse mudar de ideia, fazendo chá na cozinha logo depois, colando o selo. Seus esforços em prol de Robert a teriam deixado agoniada, mas satisfeita consigo mesma — eu a via com aquela blusa justa e aquele jeans, brincos faiscantes nas orelhas, colocando a carta numa bandeja ao lado da porta da frente, indo acordar as crianças, guardando seu sorriso para elas. De repente, senti que perdia alguma coisa.

Mas a carta era igual — a porta fechada que eu observara antes, mesmo se eu abrisse outra, e eu devia respeitar os desejos dela. Digitei uma breve resposta, agradecida e profissional, e fechei-a num envelope para meus assistentes postarem. Kate não me dera nenhum endereço eletrônico, nem usara o que constava no cartão que eu lhe entregara em Greenhill; aparentemente, só queria esta comunicação oficial e mais lenta entre nós, uma missiva de verdade atravessando o país numa maré anônima de correspondência. Todas fechadas. Era o que poderíamos ter feito no século XIX, pensei, esse diálogo cortês e secreto no papel, conversa indireta. Guardei a carta de Kate em meu arquivo pessoal e não na pasta de Robert.

O resto foi surpreendentemente fácil, nada de história de detetive. Mary R. Bertison morava em Washington e seu nome completo aparecia com todas as letras na lista telefônica, que indicava que ela morava na rua 3, Nordeste. Em outras palavras, como eu suspeitara, era bem possível que estivesse viva. Era estranho para mim ver este produto artificial da vida do silencioso Robert Oliver ali, às claras. Poderia haver mais de uma mulher com esse nome na cidade, mas eu duvidava disso. Depois do almoço, telefonei para o número que estava na minha mesa, a porta fechada novamente para ter privacidade. Mary Bertison poderia, pensei, estar em casa, já que era pintora; por outro lado, se fosse pintora, provavelmente tinha um emprego diurno, como eu — que tinha expediente semanal de cinquenta e cinco horas como médico. Deixei o telefone tocar cinco ou seis vezes. Minha esperança diminuía a cada toque — eu queria pegá-la desprevenida — e uma secretária eletrônica atendeu. “Você ligou para Mary Bertison no...”, disse com firmeza uma voz feminina. Era uma voz agradável, que ficara um tanto áspera, talvez, pela necessidade de gravar uma mensagem telefônica, mas firme no ouvido, uma voz educada de contralto.

Ocorreu-me então que ela poderia na verdade reagir melhor a uma mensagem educada que a um telefonema repentino ao vivo, e isso lhe daria tempo para pensar sobre o meu pedido. “Alô, sra. Bertison. Aqui é o dr. Andrew Marlow. Sou psiquiatra no Centro de Internação Goldengrove, em Rockville. Estou trabalhando com um paciente que entendo ser um amigo seu, um pintor, e me perguntava se a senhora estaria disposta a nos dar uma ajudinha.”

Aquele “nós” cuidadoso — aquilo me fez estremecer sem querer. Isso não era um projeto em equipe. E a mensagem em si já bastava para preocupá-la, se ela ainda o considerasse um amigo chegado, pelo menos. Mas se ele morara com ela, ou viera para Washington a fim de morar com ela, como Kate desconfiava, por que cargas-d’água ela ainda não aparecera em Goldengrove? Por outro lado, os jornais não haviam noticiado que ele estava em tratamento psiquiátrico. “Pode ligar para mim aqui no centro nos dias úteis e lhe

retornarei assim que for possível. O número é...” Dei o número com clareza, acrescentei as coordenadas do meu bipe e desliguei.

Então fui ver Robert, sentindo sem querer que tinha sangue nas mãos. Kate não me dissera para não tocar no nome de Mary Bertison com ele, mas quando cheguei ao quarto dele, eu continuava pensando se tocaria de qualquer forma. Eu ligara para uma pessoa que poderia jamais ter tomado conhecimento por outros meios que Robert estava em tratamento psiquiátrico. *Pode até falar com Mary*, ele me dissera com desprezo no primeiro dia em Goldengrove. Porém, não dissera mais nada, e deveria haver vinte milhões de Marys nos Estados Unidos. Talvez ele se lembrasse exatamente do que dissera. Mas eu precisaria explicar onde eu conseguira o sobrenome dela?

Bati e chamei por ele, embora a porta estivesse entreaberta. Robert pintava, parado calmamente diante do cavalete com o pincel erguido e os ombros largos relaxados e naturais; perguntei-me por um momento se ele tivera alguma melhora naqueles últimos dias. Será que realmente precisava estar ali só porque não falava? Então ele ergueu os olhos franzindo a testa. Tinha a vista injetada e pude notar a expressão de absoluta infelicidade em seu rosto quando me viu.

Sentei-me na poltrona e falei antes de desanimar.

— Robert, por que você simplesmente não me fala sobre isso?

Perguntei num tom mais frustrado do que pretendia. Ele pareceu assustado, para meu vil prazer — pelo menos eu conseguira uma reação. Mas fiquei menos satisfeito quando vi em seus lábios um leve sorriso que interpretei como de triunfo, vitória, como se minha pergunta demonstrasse que ele me obrigara de novo a parar de me esconder.

Na verdade, isso me deixou possesso após um instante, e talvez tenha precipitado minha decisão.

— Você poderia ter me contado, por exemplo, sobre Mary Bertison. Já pensou em entrar em contato com ela? Ou melhor dizendo, por que ela ainda não veio aqui visitá-lo?

Ele avançou, erguendo a mão que empunhava o pincel antes de tornar a se controlar. Seus olhos eram enormes, cheios daquela inteligência contida que eu vira neles no dia em que nos conhecemos, antes que ele aprendesse a ocultá-la na minha presença. Mas ele não poderia responder sem perder seu próprio jogo, e conseguiu ficar calado. Senti um pouco de pena; ele se metera nessa enrascada, e agora era obrigado a ficar ali. Se falasse até mesmo da raiva que sentia de mim, ou do mundo, ou possivelmente de Mary Bertison — ou me perguntasse como eu sabia a respeito dela —, abriria mão do único elemento de privacidade e força que guardara para si: o direito de permanecer calado diante de seu tormento.

— Está bem — falei, com delicadeza, eu supus.

Sim, eu tinha pena dele, mas sabia que ele agora tiraria mais proveito da situação; teria bastante tempo para refletir e conjecturar sobre minhas atividades, sobre as possíveis fontes de meu conhecimento do sobrenome de Mary Bertison. Considerei assegurar-lhe que eu mesmo haveria de informar-lhe se e quando eu encontrasse esta Mary específica, e o que ela me dissesse, se é que diria alguma coisa.

Mas eu já revelara tanto que decidi novamente guardar minha opinião. Se ele podia, eu também podia. Fiquei sentado com ele em silêncio por mais cinco minutos, enquanto ele brincava com o pincel na mão e fitava a tela. Finalmente, levantei-me. Virei-me para a porta por um segundo, quase arrependido; sua cabeça despenteada estava abaixada, seus olhos fixos no chão, e sua infelicidade me atravessou numa onda. Ela me acompanhou, na verdade, pelo corredor, até os quartos de meus outros pacientes mais comuns (confesso que, embora esta não seja uma palavra que eu goste de aplicar a caso algum, era o que eu sentia), com seus transtornos mais comuns.

Tive pacientes para visitar a tarde inteira, mas eram, na maioria, razoavelmente estáveis, e fui para casa sentindo-me satisfeito, quase contente. A névoa acima da Rock Creek Parkway era dourada, e a água brilhava em seu leito quando eu fazia cada curva. Parecia-me que um quadro no qual eu passara a semana inteira trabalhando teria de ser posto de lado por uns tempos; era um retrato a partir de uma fotografia de meu pai, e o nariz e a boca simplesmente não estavam certos, mas talvez, se passasse uns dias trabalhando em outra coisa, eu poderia voltar a ele com mais sucesso. Eu tinha uns tomates — não muito bons para comer nessa estação, mas suficientemente luminosos — que aguentariam uma semana sem estragar. Se eu os colocasse na janela do meu ateliê, poderiam constituir uma espécie de Bonnard atualizado, ou — se eu quisesse ser menos autodepreciativo em relação àquilo — um Marlow novo. A luz era o problema, mas eu poderia pegar um pouco da claridade da tarde depois do trabalho, agora que os dias estavam mais longos, e, se conseguisse arranjar energia para isso, eu poderia me levantar mais cedo ainda e começar uma tela matinal também.

Como eu já estava pensando nas cores e na posição dos tomates, nem me lembro de ter entrado com o carro na garagem, um espaço frio no subsolo do meu prédio onde o aluguel da vaga era quase a metade do aluguel do apartamento. De vez em quando, eu desejava ter outro emprego, que não me obrigasse a passar por toda a mal-humorada área da periferia da capital e, assim, me permitisse abrir mão do carro. Mas como eu poderia deixar Goldengrove? Além disso, a ideia de ficar em tempo integral no consultório de Dupont Circle com pacientes que estivessem suficientemente bem para ir até lá à procura de conselhos não me atraía.

Eu estava pensando nessas coisas todas — minha natureza-morta, o pôr do sol refletido na correnteza do Rock Creek, o humor dos meus colegas motoristas — com as mãos ocupadas em procurar as chaves; peguei, como sempre, a escada, para me

exercitar um pouco mais. Só a vi quando já chegava quase diante da minha porta. Ela estava encostada na parede como se já estivesse ali há um bom tempo, relaxada, mas impaciente, os braços cruzados, as botas apoiadas. Como eu me lembrava, ela usava jeans e uma camisa branca comprida, dessa vez com um blazer escuro por cima, o cabelo cor de mogno na iluminação precária do corredor. Fiquei tão aturdido que estaquei “no ato”; soube então, e saberia para sempre, o que significava essa expressão.

— Você — disse eu, mas isso não começou a desfazer minha confusão.

Ela sem dúvida nenhuma era a moça do museu, a que me lançara um sorriso conspirador diante da natureza-morta de Manet na National Gallery, a que estudara a *Leda* de Gilbert Thomas com atenção e sorria de novo para mim na calçada. Eu pensara nela uma ou duas vezes talvez, depois a esquecera. De onde viera ela? Era como se ela vivesse num reino diferente, como uma fada ou um anjo, e tivesse reaparecido sem que o tempo passasse, sem explicações humanas.

Ela se endireitou e estendeu a mão.

— Dr. Marlow?

CAPÍTULO 44

MARLOW

— Sim — disse eu, equilibrado ali, com as chaves penduradas numa mão, a outra insegura, apertando a dela. Fiquei impressionado com a ferocidade muda em seu comportamento, e, mais uma vez, inevitavelmente, com sua aparência. Ela era da minha altura, estava na casa dos 30, era encantadora, mas não de uma maneira convencional; era uma presença. A luz brilhava em seu cabelo, sua franja cortada muito reta e muito curta delineando a testa branca, a onda comprida, macia e avermelhada do restante dos fios caindo abaixo dos ombros. Seu aperto de mão era forte e eu instintivamente aumentei a força do meu para igualá-lo.

Ela sorriu um pouco, como se enxergasse as coisas do meu ponto de vista.

— Sinto muito tê-lo surpreendido. Sou Mary Bertison.

Eu não conseguia parar de olhar para ela.

— Mas você estava no museu. Na National Gallery.

E então, um momento de desapontamento me inundou até que eu me sentisse confuso: ela não era a musa de cabelos cacheados da vida de sonhos de Robert. Mais uma surpresa: eu também a vira recentemente num quadro, vestida com aquele jeans azul e uma camisa solta de seda.

Agora ela franzia o cenho, visivelmente confusa por sua vez, e largou minha mão.

— Quero dizer — repeti —, já estivemos juntos uma vez, mais ou menos. Na frente da *Leda*, e daquela natureza-morta de Manet, sabe, com os copos e as frutas — senti-me idiota. Por que eu achara que ela se lembraria de mim? — Estou vendo... você... sim,

você deve ter ido para ver o quadro de Robert. Isto é, o quadro de Gilbert Thomas.

— Eu me lembro de você, sim — disse ela, e era óbvio que ela não era mulher de mentir sobre isso, de bajular. Estava empertigada, sem se envergonhar de ter invadido minha casa, olhando para mim. — Você sorriu, depois lá fora...

— Foi lá para ver o quadro de Robert? — repeti.

— Sim, o que ele tentou esfaquear — fez que sim com a cabeça. — Eu tinha acabado de saber do problema, porque um amigo me deu o artigo umas semanas depois, quando o viu por acaso. Não costumo ler jornal — então ela riu, não com amargura, embora divertindo-se um pouco com a estranheza da situação, como se achasse aquilo adequado. — Que engraçado. Se algum de nós soubesse quem o outro era, poderíamos ter conversado ali mesmo.

Controlei-me e abri a porta. Era inquestionavelmente não ortodoxo da minha parte ter uma discussão sobre um paciente na minha própria casa — na verdade, eu sabia que não era uma boa ideia deixar essa estranha atraente entrar — mas a hospitalidade e a curiosidade já estavam me vencendo. Eu ligara para ela, afinal, e ela aparecera quase imediatamente, como se convocada num passe de mágica.

— Como encontrou meu apartamento?

Diferentemente dela, eu não estava na lista telefônica.

— Pela internet. Não foi difícil, uma vez que eu tinha o seu nome e o número do seu telefone.

Eu a fiz entrar na minha frente.

— Por favor. Agora que está aqui, seria melhor conversarmos.

— Sim, do contrário estaríamos jogando fora uma segunda oportunidade.

Seus dentes eram alvos e brilhantes. Eu me lembrava agora daquela pose jovial, harmonizada em suas botas e jeans, da blusa delicada por baixo da jaqueta, como se ela fosse metade caubói e metade dama refinada.

— Sente-se, por favor, e me dê um minuto para eu me organizar. Posso lhe servir um chá? Um suco?

Decidi não lhe oferecer nenhuma bebida alcoólica, para amenizar o fato de eu a ter convidado, embora, inusitadamente, eu estivesse louco para beber alguma coisa.

— Obrigada — disse ela com grande gentileza, e sentou-se com a graça de uma convidada numa sala de estar vitoriana, instalando-se com um único movimento elegante em uma de minhas poltronas brancas, botas cruzadas, pés voltados para um lado, mãos esguias e delicadas no colo. Ela era um enigma. Reparei no tom educado de sua fala, como já havia reparado em sua maneira de falar requintada e articulada na mensagem da secretária eletrônica. Sua voz era suave, mas também firme e atenciosa. Uma professora, tornei a pensar. Ela me acompanhou com os olhos.

— Sim, um suco, por favor, se não der trabalho.

Entrei na cozinha e servi dois copos de suco de laranja, tudo o que eu tinha à mão, e pus algumas bolachas numa bandeja. Quando voltei equilibrando a bandeja à frente, lembrei-me de Kate me servindo em sua sala em Greenhill, deixando-me levar o salmão para a mesa do almoço. E depois me dando o sobrenome dessa moça estranha e graciosa, a chave para descobri-la.

— Eu não estava cem por cento certo de ter encontrado a Mary Bertison correta — disse eu, entregando-lhe um copo. — Mas, se você se demorou diante do quadro que Robert Oliver tentou esfaquear, isso não pode ser coincidência.

— Claro que não. — Ela tomou o suco, pousou o copo, encarou-me com uma expressão súplice, sem a arrogância de antes. — Sinto muito incomodá-lo assim. Eu não tinha notícias em primeira mão de Robert há quase três meses, e estava preocupada... — ela não acrescentou “desconsolada”, mas perguntei-me, pelo súbito controle que ela parecia exercer sobre seu rosto expressivo, se este poderia ser um adjetivo melhor. — Naturalmente eu não ia entrar em contato com ele. Tivemos uma briga séria, entende. Pensei que ele simplesmente tivesse se isolado em algum lugar para trabalhar, para me ignorar, e que eu acabaria tendo notícias dele. Fiquei semanas preocupada, e depois muito admirada quando recebi seu recado e, como já estava no fim do expediente, percebi que não pegaria o

senhor em Goldengrove, e não poderia dormir se não conseguisse que me desse alguma notícia.

— Por que não tentou o meu bipe? — perguntei. — Não que eu lamentamente ter esta oportunidade de falar com você. Estou muito contente que tenha aparecido.

— Está? — vi que, por sua vez, ela me perdoava a lábia. Robert Oliver, sem dúvida, escolhia mulheres interessantes. Ela sorriu. — Tentei, sim, o número do seu bipe, mas, se verificar, vai ver que está desligado.

Verifiquei. Ela estava certa.

— Sinto muito — disse eu. — Vou tentar não deixar isso acontecer nunca mais.

— Enfim, é melhor podermos conversar pessoalmente — o estremecimento passara, a autoconfiança voltara, o sorriso se abrindo. — Por favor, me diga que Robert está bem. Não estou pedindo para vê-lo, aliás, não quero mesmo estar com ele. Só quero saber que ele está fora de perigo.

— Ele está em segurança sob nossos cuidados, e acho que está bem — informei com cautela. — Por ora, e desde que esteja conosco. Mas ele também já andou deprimido e por vezes agitado. O que mais me preocupa é a falta de colaboração dele. Ele não fala.

Ela pareceu assimilar isso, mordendo a bochecha por alguns segundos e me fitando.

— Nada?

— Nada. Bem, no primeiro dia, falou um pouco. Na verdade, uma das poucas coisas que me disse naquele dia foi: “Pode até falar com Mary se quiser.” Por isso me senti à vontade para lhe telefonar.

— Foi só isso que ele falou a meu respeito?

— É mais do que ele já disse a respeito de qualquer outra pessoa. É quase tudo o que ele já falou na minha presença. Ele mencionou a ex-mulher também.

Ela fez um gesto positivo de cabeça.

— E foi assim que descobriu a meu respeito, porque ele mencionou o meu nome.

— Não exatamente. — Dei o passo decisivo, por instinto. — Kate me disse o seu sobrenome.

Isso realmente a surpreendeu e, para meu espanto, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Foi bondade dela — disse ela incoerentemente. Levantei-me e peguei um lenço de papel para ela. — Obrigada.

— Conhece Kate?

— Num certo sentido. Só a vi uma vez, rapidamente. Ela não sabia quem eu era, mas eu sabia quem ela era. Sabe, Robert uma vez me contou que uns parentes de Kate eram *quakers* da Filadélfia, como os meus. Nossos avós, ou nossos bisavós, talvez tivessem se conhecido. Não é estranho. Gostei dela — acrescentou, pestanejando para secar os cílios.

— Eu também — eu não esperara dizer isso.

— Conheceu-a? Ela está aqui? — Olhou em volta como se esperasse que a ex-mulher de Robert se unisse a nós.

— Não, ela não está em Washington. Aliás, ela não foi visitar Robert nenhuma vez. Ele não recebeu visita de ninguém.

— Eu sempre soube que ele acabaria sozinho. — Desta vez, sua voz era fria, um pouco dura, e ela meteu o lenço de papel no bolso do jeans, endireitando a perna para que o lenço coubesse. — Ele não consegue amar ninguém de verdade, sabe, e essas pessoas sempre acabam sozinhas, não importa o quanto já foram amadas.

— Você o amou? Ou ama? — perguntei, friamente, também, mas com a voz mais simpática que consegui.

— Ah, sim. Claro. Ele é extraordinário — falou como se isso fosse um traço característico, como cabelo castanho ou orelhas grandes. — Não acha?

Terminei meu suco.

— É raro eu encontrar uma pessoa tão talentosa. Essa é a única razão pela qual quero vê-lo progredir, melhorar. Mas estou confuso em relação a uma coisa, várias coisas. Por que não soube antes

que ele tinha sumido, ou para onde tinha ido. Ele não morava com você?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Sim, quando veio para Washington. Foi maravilhoso no começo, estar com ele o tempo todo, e depois ele começou a ter arrependimentos, passar longos períodos calado, zangar-se comigo por pequenas coisas. Acho que, de alguma maneira terrível que não conseguia expressar, arrependia-se de ter abandonado a família, e acho que sabia que não conseguiria voltar mesmo se a mulher o aceitasse de volta. Ele não era feliz com ela, sabe — acrescentou simplesmente, e perguntei-me se isso seria uma ilusão de sua parte. — Terminamos há meses. De vez em quando, ele ligava para mim, ou tentávamos jantar ou ir a uma exposição numa galeria ou a um cinema, mas isso nunca funcionava. No fundo, eu só queria que ele voltasse, e ele sempre percebia isso e tornava a sumir. Acabei desistindo, porque era melhor para mim. Isso me deu pelo menos um pouco de paz de espírito. Ajudou o fato de termos tido uma briga feia justo antes da última vez que ele foi embora. Brigamos em parte por causa de arte, embora fosse realmente por nossa causa.

Ela ergueu a mão, um gesto de resignação.

— Achei que, se eu o deixasse em paz, ele poderia acabar me ligando, mas não ligou. O problema de estar com alguém como Robert é que quem quer que venha depois dele não vai conseguir superá-lo. A gente não imagina algum dia querer qualquer outra pessoa, porque todo mundo começa a ficar meio sem graça, meio apagado, em comparação. Eu disse isso uma vez a Robert, que, apesar de todos os seus defeitos, depois dele, não tinha para mais ninguém e ele riu. Mas aí ficou provado que isso era verdade.

Ela respirou fundo. Sua tristeza, quando vinha à tona, fazia com que parecesse dez anos mais jovem, não mais velha nem mais cansada — um truque esquisito. Ela seguramente tinha idade para ser minha filha, se eu tivesse me casado e tido uma filha aos 20 anos, como alguns de meus colegas do segundo grau.

— Então não o via há quanto tempo antes de ele ser preso?

— Uns três meses. Eu nem sabia onde ele estava morando durante esse tempo, e ainda não sei. Às vezes ele pedia emprestado o apartamento de amigos ou dormia no sofá da casa deles, acho eu, e provavelmente se hospedou em hotéis de quinta categoria no centro da cidade. Ele não tinha celular (odeia celulares) e eu nunca sabia onde encontrá-lo. Ele manteve contato com Kate, você sabe?

— Não tenho certeza — confessei. — Parece ter ligado para ela umas vezes para falar com as crianças, mas foi só. Acho que estava tendo um colapso nervoso gradual, se isolando, o que provavelmente culminou com essa ideia de atacar o quadro. A polícia entrou em contato com ela quando ele foi detido.

Como se tivesse me distanciado, reparei que eu já não tinha a sensação de estar quebrando o sigilo de um paciente quando conversava com as mulheres de Robert.

— Ele está mesmo doente? — disse “doente”, reparei, em vez de “mal” ou “maluco”.

— Sim, ele está doente — respondi —, mas estou otimista quanto a uma melhora se pelo menos ele falar e participar do próprio tratamento. O paciente precisa querer ficar bom, em algum nível essencial, para que isso aconteça.

— Isso é verdade para tudo — disse ela pensativa, o que a fez parecer mais jovem que nunca.

— Você percebia, quando vivia com ele, que ele tinha problemas psicológicos?

Passei-lhe a bandeja de biscoitos, e ela aceitou um, mas ficou segurando-o com as duas mãos em vez de comê-lo.

— Não. Vagamente. Quer dizer, eu não pensava nesses problemas como psicológicos. Eu sabia que ele tomava remédio de vez em quando se ficava perturbado ou nervoso com algumas coisas, mas muita gente toma, e ele dizia que o remédio o ajudava a dormir. Nunca me contou que tivesse quaisquer problemas sérios. Sem dúvida, nunca mencionou ter tido nenhum colapso nervoso no passado. Acho que jamais teve um de verdade, senão teria dito alguma coisa a respeito, porque éramos muito próximos — ela fez

essa última declaração de forma um pouco agressiva, como se eu pudesse optar por contradizê-la. — Acho que me limitei a ver certos problemas virem à tona sem saber o que eram.

— O que via? — peguei um biscoito também. Fora um dia longo, com esse desfecho confuso na porta do meu apartamento. E ainda não terminara. — Percebia alguma coisa que a preocupava?

Ela refletiu e afastou uma mecha de cabelo com a mão.

— Ele era imprevisível, mais que tudo. Às vezes dizia que vinha jantar em casa e passava a noite toda fora, outras vezes dizia que ia ao teatro ou a um vernissage com um amigo e não saía do sofá. Ficava ali lendo uma revista e adormecia, e eu não me atrevia a lhe perguntar o que o amigo à espera dele iria pensar. Cheguei ao ponto de ter medo de perguntar sobre seus planos, porque ele se irritava sempre com essas perguntas, e também tinha medo de fazer planos com ele porque ele podia mudar de ideia no último minuto. No começo, eu achava que era só porque estávamos os dois acostumados a ter muita liberdade, mas não gostava de levar bolo. Gostava menos ainda se tivéssemos combinado algo com outras pessoas e ele também lhes dava um bolo. Sabe o que quero dizer.

Ela se calou, encorajei-a com um gesto de cabeça até ela prosseguir.

— Por exemplo, uma vez combinamos de nos encontrar com minha irmã e o marido, que estavam na cidade para uma palestra, e Robert simplesmente não apareceu no restaurante. Jantei sozinha com eles, e cada garfada de comida era pior que a anterior. Minha irmã é muito organizada e prática, e acho que ficou pasma. E, quando Robert me deixou e ela teve de me consolar pelo telefone, não agiu como se estivesse muito admirada. Depois daquele jantar, fui para casa e encontrei Robert dormindo todo vestido na nossa cama, sacudi-o até acordá-lo, mas ele não se lembrava de nada sobre a combinação do jantar. Recusou-se a falar no assunto até mesmo no dia seguinte, ou a admitir que tivesse feito algo errado. Ele se recusava a falar sobre seus sentimentos em geral. Ou a admitir erros.

Contive-me para não repetir que, conforme ela insistira, eles eram muito próximos. Ela se inclinou sobre o biscoito e afinal o comeu, como se a lembrança a deixasse com fome, depois limpou delicadamente os dedos no guardanapo que eu lhe dera.

— Como ele pode ter sido tão grosseiro? Convidei-o para conhecer minha irmã e meu cunhado porque achei que nossa relação era séria. Ele tinha dito que havia largado a mulher, que ela já não o queria de qualquer maneira, e que achava que ficaríamos muito tempo juntos. Depois me contou que ela tinha pedido o divórcio e ele tinha concordado. Não é que falássemos sobre casamento. Eu nunca quis realmente me casar com ninguém. Não sei ao certo se entendo o propósito, já que acho que não quero filhos, mas Robert era minha alma gêmea, por falta de uma expressão melhor.

Achei que seus olhos estavam novamente cheios d'água; em vez disso, ela sacudiu as madeixas luzidias, provocadora, desiludida, zangada.

— Por que estou lhe contando isso tudo? Vim aqui me informar sobre Robert, não lhe contar minha vida particular — aí já estava sorrindo de novo, mas com tristeza, voltada para suas mãos. — Dr. Marlow, o senhor poderia fazer uma pedra falar.

Espantei-me: era o que John Garcia dizia de mim, o elogio que eu mais valorizava, um dos alicerces de nossa longa amizade. Eu nunca ouvira aquele comentário de mais ninguém.

— Obrigado. E eu não estava tentando arrancar de você nada que você não quisesse me contar. Mas o que dividiu comigo já é muito útil.

— Vamos ver — ela deu um sorriso de verdade, de novo alegre, divertido, a despeito de si mesma. — O senhor sabe que Robert estava tomando alguma medicação antes de chegar ao senhor, e se sente um pouco melhor sabendo que ele se recusava a falar sobre seus sentimentos até com a mulher com quem vivia, portanto o senhor não falhou realmente.

— Madame, a senhora é assustadora — disse eu. — E está certa.

Eu não via nenhuma razão para lhe mencionar que soubera dessas coisas por Kate também.

Ela deu uma gargalhada.

— Então, conte-me agora sobre o seu Robert, já que lhe contei sobre o meu.

Contei-lhe então, honestamente e em detalhes, e com uma sensação mais tangível de estar quebrando o sigilo de um paciente, o que certamente eu estava. Não lhe contei, claro, nada que Kate me contara, mas descrevi muita coisa do comportamento de Robert desde que ele viera para mim. Os meios — contar-lhe isso — teriam de justificar os fins; eu tinha muito mais a lhe perguntar e a lhe pedir, e, com uma pessoa tão perspicaz e tão intensa, eu precisaria pagar adiantado pelo privilégio. Terminei garantindo-lhe que observávamos Robert cuidadosamente em Goldengrove e que eu achava que ele estava em segurança naquele momento, pois não parecia propenso a se ferir ou ferir outra pessoa, mesmo se já tivesse chegado a isso tentando esfaquear um quadro.

Ela ouviu com atenção e sem interromper para fazer perguntas. Seus olhos eram grandes e límpidos, sinceros, uma cor estranha como água, tal como eu me lembrava do museu, com uma borda mais escura que poderia ser uma maquiagem bem-feita. Ela também poderia fazer uma pedra falar, e eu lhe disse isso.

— Obrigada. É uma honra — disse ela. — Cheguei a pensar em ser terapeuta, para dizer a verdade, mas isso foi há muito tempo.

— Em vez disso, é artista e professora — arrisquei. Ela ficou olhando para mim. — Ah, não foi muito difícil chegar a essa conclusão. Vi você estudando a superfície da *Leda* de um ângulo oblíquo, muito de perto. Normalmente só um pintor faz isso, ou possivelmente um historiador da arte. Não imagino você numa carreira puramente acadêmica. Isso iria aborrecê-la, portanto, você precisa ensinar pintura, ou fazer outra atividade visual para se sustentar, e tem a segurança do professor nato. Já estou sendo impertinente?

— Sim — disse ela, cruzando as mãos no joelho. — E o senhor também é artista. Foi criado em Connecticut e aquele quadro ali em

cima da lareira é seu, com a igreja da sua cidadezinha. É um bom quadro, o senhor é sério e tem talento, como sabe perfeitamente. Seu pai era pastor, mas um pastor bastante progressista que se orgulharia do filho mesmo se ele não tivesse estudado medicina. O senhor tem um interesse especial por psicologia e criatividade, e pelos transtornos que afligem muitas pessoas criativas ou até brilhantes como Robert, motivo pelo qual pensou em fazer dele o tema do seu próximo artigo. Uma vez que o senhor também é uma mistura incomum de cientista e artista, compreende essas pessoas, embora conserve sua sanidade com muita eficiência. O exercício ajuda: o senhor corre ou se exercita, e faz isso há anos, por isso parece ter dez anos a menos. Como gosta de ordem e lógica, e elas o fazem aguentar, não se importa de morar sozinho e ter um horário de trabalho puxado.

— Pare — disse eu, tapando os ouvidos. — Como sabe tudo isso.

— Pela internet, claro. Pelo seu apartamento e pela observação do seu comportamento. E o seu quadro está assinado no canto inferior direito, sabe. Junte a informação dessas fontes, e isso é o que temos. Ademais, Sir Arthur Conan Doyle era o meu escritor preferido quando eu era pequena.

— Um dos meus também.

Pensei em segurar sua mão, com aqueles longos dedos destituídos de anéis.

Ela não parara de sorrir.

— Lembra-se como Sherlock Holmes uma vez leu o caráter todo e a profissão de um homem, a história dele, numa bengala que o sujeito tinha deixado nos aposentos dele? E eu tenho aqui um apartamento inteiro com o qual trabalhar. Holmes também não tinha a internet.

— Acho que pode me ajudar a ajudar Robert mais do que ninguém — disse eu pausadamente. — Estaria disposta a me contar todas as suas experiências com ele?

— Todas? — Ela não estava propriamente me olhando.

— Desculpe. Eu me referia a tudo que achar que seria útil para alguém tentando entendê-lo — não lhe dei tempo de recusar, nem de aceitar. — Sabe algo sobre o quadro que ele esfaqueou?

— A *Leda*? Sei. Bem, um pouco. Uma parte é só suposição, mas pesquisei.

— O que vai fazer no jantar, sra. Bertison?

Ela pôs a cabeça de lado e tocou os lábios com a ponta dos dedos como se admirada de encontrar um resto de sorriso ainda ali. Quando virou o rosto, as marcas embaixo de seus olhos cristalinos se aprofundaram, cinza-azulado, sombras na neve, um *effet de neige*. Sua pele era muito clara. Ela estava empertigada ali, sentada no meu sofá com aquele blazer, os belos quadris e pernas metidos num jeans desbotado, os ombros magros erguidos para se proteger de um golpe. Esta jovem passara semanas, até meses angustiada, e não tinha dois filhos para consolá-la. Mais uma vez, senti aquela raiva perigosa de Robert Oliver, a súbita extinção da minha benevolência objetiva de médico.

Mas ela não estava zangada.

— No jantar? Nada, como sempre — cruzou as mãos. — Tudo bem, desde que a gente divida a conta. Mas não me peça para falar mais de Robert por ora. Prefiro escrever alguma coisa sobre esse assunto se concordar, para não acabar chorando na frente de uma pessoa totalmente desconhecida.

— *Totalmente* desconhecida, não — disse eu —, não se esqueça que estivemos juntos no museu.

Ela estava em frente a mim no crepúsculo da minha sala. Estava certa, aquilo era tudo muito metódico, muito lógico, e, num instante, eu me levantaria para acender outra lâmpada, perguntaria se poderia lhe oferecer mais alguma coisa antes de sairmos, pediria licença para ir ao banheiro, lavaria as mãos e pegaria um casaco leve. No jantar, certamente falaríamos sobre Robert pelo menos um pouco, mas também sobre quadros e pintores, sobre nossa infância com Conan Doyle, nossa maneira de ganhar a vida. E, de qualquer maneira, esperava eu, falaríamos sobre Robert Oliver, agora e no futuro. Seus olhos eram expressivos — não felizes, mas levemente

interessados no que viam do outro lado da sala, e eu tinha pelo menos duas horas na melhor mesa perto dali para fazê-la sorrir.

1878

Ma chère,

Por favor perdoe meu comportamento indesculpável. Não foi fruto de premeditação, nem de falta de respeito, creia-me, mas antes de um desejo que só você teve o poder de despertar, nesses últimos anos. Talvez você um dia entenda como um homem que está no fim da vida pode se descontrolar completamente por um momento, pode apenas pensar em como, de repente, tem muito mais a perder. Não tive intenção de lhe trazer desonra e você já deve saber que meus motivos para convidá-la para ver o quadro eram puros. Trata-se de um trabalho extraordinário; sei que fará muitos outros, mas, por favor, permita-me, à guisa de compensação e desculpas, autorizar o júri a ver este primeiro importante trabalho. Acho que não deixarão de reconhecer sua delicadeza, sua sutileza e sua graça, e, se forem tolos o bastante para não aceitá-lo, ele ainda assim terá tido a oportunidade de ser visto, mesmo que apenas pelos jurados. Farei o que você mandar quanto a usar seu nome ou mudá-lo. Consinta-me isso para que eu possa sentir que fiz ao seu dom — e a você — um pequeno favor.

Quanto a mim, decidi apresentar o quadro de meu jovem amigo, já que o admirou, mas isso, claro, será sob o meu nome e tem uma chance maior ainda de ser recusado. Precisamos nos preparar.

*Seu humilde criado,
O. V.*

CAPÍTULO 45

MARY

Há certas coisas em relação ao tempo em que estive com Robert Oliver que nunca consegui esclarecer nem para mim mesma, e que ainda assim gostaria de esclarecer se for possível. Robert disse durante uma de nossas discussões finais que nossa relação fora distorcida desde o início porque eu o tirara de outra mulher. Isso era terrível, flagrantemente inverídico, mas com certeza era verdade que já era casado quando me apaixonei por ele da primeira vez, e continuava casado quando me apaixonei por ele da segunda vez.

Esta manhã, contei à minha irmã, Martha, que um médico me pedira para lhe contar tudo que eu conseguisse pensar sobre Robert, e ela disse: “Bem, Mary, aí está sua chance de falar sobre ele durante vinte e cinco horas sem aborrecer ninguém.” Eu retruquei: “Você, entre todas as pessoas, não precisará ler isso.” Não a censuro por este comentário cáustico e amoroso — no momento mais difícil, o ombro dela recebeu quase todas as minhas lágrimas por Robert. Ela é uma excelente irmã, uma irmã que sofre há muito tempo. Talvez Robert tivesse me prejudicado mais que prejudicou se ela não tivesse me ajudado a me afastar dele. Por outro lado, se tivesse seguido o conselho dela, eu poderia não ter tido muitas experiências de que não consigo me arrepender agora. Embora seja uma mulher prática, minha irmã às vezes se arrepende de algumas coisas; em geral, eu, não. Robert Oliver quase tem os requisitos para ser considerado uma exceção.

Eu gostaria de ser minuciosa em relação a essa história, portanto começarei comigo. Nasci em Filadélfia, e Martha também. Nossos

pais se divorciaram quando eu tinha 5 anos e Martha, 4. Depois disso, meu pai foi se afastando cada vez mais: na verdade, deixou nosso bairro em Chestnut Hill e foi para Center City, vestido com seus ternos e morando em seu belo apartamento sem mobília, onde o visitávamos semanalmente, depois quinzenalmente, e sobretudo assistíamos a desenhos animados enquanto ele lia montes de papéis que chamava de “súmulas”. Um dia, embaixo da cama dele, encontrei sua roupa de baixo embolada com outra. Esta era de renda bege. Não sabíamos ao certo o que fazer com aquelas duas peças e não parecia correto deixá-las ali, então, quando papai foi na esquina comprar o *Inquirer* de domingo e nossas rosquinhas, atividade que em geral lhe tomava três ou quatro horas, levamos as duas peças, dentro de uma terrina, para o quintal do prédio dele e as enterramos juntas entre a grade de ferro forjado e um tronco de árvore coberto de hera.

Quando eu tinha 9 anos, papai mudou-se da Filadélfia para São Francisco, onde o visitávamos uma vez por ano. São Francisco era mais divertido; o apartamento de papai ficava no alto de frente para o oceano coberto de névoa, e podíamos alimentar as gaivotas bem na varanda. Muzzy, nossa mãe, passou a nos enviar para lá sozinhas de avião tão logo achou que tínhamos idade suficiente. Então nossas visitas a São Francisco passaram a ser a cada dois ou três anos, depois, mais esporádicas, quando estávamos a fim de ir e Muzzy, a fim de pagar, até que, finalmente, papai foi trabalhar no Japão e nos mandou uma foto dele abraçado com uma japonesa.

Acho que Muzzy ficou contente quando papai foi para São Francisco. Isso a deixou completamente livre para dar atenção a Martha e a mim, e ela fez isso com tanto vigor e energia que nenhuma de nós quis ter filhos. Martha diz que sabe que se sentiria na obrigação de fazer tudo que nossa mãe fez por nós e mais ainda, e isso a aborreceria, mas acho que nós duas sabemos no íntimo que não poderíamos estar à altura. Usando a excelente e antiga conta bancária *quaker* de seus pais — nunca soubemos se nela havia ações de petróleo, de aveia, de ferrovias, ou dinheiro vivo — Muzzy nos proporcionou estudar por doze anos numa boa escola

quaker, um lugar onde professores de voz macia e cabelos grisalhos e impecavelmente cortados se ajoelhavam para ver se o aluno estava bem, quando alguém o acertava com uma pedrada. Estudávamos os escritos de George Fox, assistíamos a reuniões e plantávamos girassóis num bairro ruim em North Philly.

Minha primeira experiência amorosa ocorreu quando eu estava no ensino médio na escola *quaker*. Um dos prédios da escola era uma casa que havia sido uma parada da Ferrovia Clandestina;* havia um alçapão integrado ao piso de um armário velho no sótão. O prédio abrigava as salas de aula da sétima e da oitava séries, e quando estava nestas séries, eu gostava de ficar mais uns minutos lá dentro depois que todo mundo saía para o intervalo do almoço, para escutar as almas dos homens e mulheres fugindo para a liberdade. Em fevereiro de 1980 (eu tinha 13 anos), Edward Roan-Tillinger também não saiu na hora do almoço, e me beijou no canto de leitura da sétima série. Eu andava torcendo para isso acontecer há alguns anos e, como primeiro beijo, não foi mau, embora a borda da língua dele parecesse um corte duro de carne e eu pudesse ver George Fox olhando para nós do seu quadro na outra ponta da sala. Na semana seguinte, Edward voltara sua atenção para Paige Hennessy, que tinha um cabelo ruivo macio e morava no interior. Não levei mais que algumas semanas para deixar de odiá-la.

É pena a história de uma mulher só girar em torno de homens — primeiro garotos, depois outros garotos, depois homens, homens, homens. Isso me lembra de nossos livros didáticos de história que só falavam de guerras e eleições, uma guerra após a outra, com os eventuais períodos monótonos de paz mencionados rapidamente. (Nossos professores deploravam isso e acrescentavam unidades suplementares sobre história social e movimentos de protesto, mas aquela continuava a ser a mensagem dos livros.) Não sei por que as mulheres quase sempre contam histórias com esse enfoque, mas acho que acabo de começar a fazer o mesmo, talvez porque o

senhor tenha me pedido para contar quem eu sou e descrever meu contato com Robert Oliver.

Meus anos de ensino médio, para continuar sendo minuciosa, certamente não giraram exclusivamente em torno de garotos; giraram também em torno de Emily Brontë e da Guerra Civil, de botânica nos parques íngremes da Filadélfia, de decalques de lápides, *Paraíso perdido*, tricô, sorvetes e minha incrível amiga Jenny (que levei de carro para a clínica de aborto quando eu ainda nem tirava a blusa na frente de um garoto). Naqueles anos, aprendi esgrima — eu adorava as roupas brancas, o cheiro de mofo de nosso ginásio *quaker* demasiado pequeno e o momento em que a ponta do florete chicoteava a camiseta do oponente — e aprendi a carregar um urinol sem derramar o conteúdo, em meu trabalho voluntário no Hospital de Chestnut Hill, e a servir chá nas intermináveis reuniões de caridade de Muzzy, e a sorrir, de modo que suas amigas caridosas diziam: “Que filha encantadora você tem, Dorothy. Sua mãe também era loura?” Que era o que eu queria ouvir. Aprendi a aplicar sombra nos olhos e colocar um absorvente interno de modo a não senti-lo lá dentro (com uma amiga; Muzzy nunca teria tratado comigo de uma coisa dessas), e a acertar a bola com meu bastão de *hockey*, e a fazer bolas de pipoca colorida, e a falar francês e espanhol, embora de modo algum como uma falante nativa, e a sentir pena, no íntimo, de outra menina enquanto lhe dava um gelo, se necessário fosse, e a reestofar cadeirinhas com tecido bordado à mão. À margem de tudo isso, descobri a sensação da tinta embaixo do meu pincel, mas guardarei isso para um pouco mais tarde.

Achei que tinha aprendido muitas dessas coisas sozinha, ou com meus professores, mas agora vejo que elas sempre foram parte do plano abrangente de Muzzy. Do mesmo modo que, toda noite na banheira, quando éramos bem pequenas, esfregava entre os nossos dedos dos pés e das mãos, chegando naquelas membranas tenras com um dedo envolto firmemente numa toalhinha, ela também fazia questão de que suas filhas soubessem apertar as alças do sutiã antes de colocá-lo, só lavar blusas de seda à mão em

água fria, pedir uma salada quando comíamos fora. (Para ser justa, ela também queria que soubéssemos o nome e o século dos reis e rainhas ingleses mais importantes, a geografia da Pensilvânia e como funcionava o mercado de ações.) Ela ia às nossas reuniões de pais com um caderninho em punho, nos levava para comprar um vestido de festa novo todo Natal, remendava nossos jeans, mas nos levava para cortar o cabelo num salão especial em Center City.

Hoje, Martha é glamourosa e eu sou passável, apesar de ter tido uma longa fase em que só usava roupas velhas detonadas. Muzzy fez uma traqueostomia, mas quando vamos visitá-la — ela ainda mora na mesma casa, com uma empregada no segundo andar e uma professora de jardim de infância que aluga o apartamento do último andar — ela diz: “Ah, vejo que vocês vão muito bem. Estou muito agradecida por isso.” Martha e eu sabemos que sua gratidão é principalmente para ela mesma, mas mesmo assim nos sentimos singulares naquela salinha cheia de antiguidades, nos sentimos grandes e graciosas e realizadas e invencíveis, como amazonas.

Mas para que era todo esse vestir, esse polimento, esse acabamento, esse ajuste de alças? O que me traz de volta aos homens. Muzzy não falava sobre homens nem sexo, não tínhamos tido um pai em casa para ameaçar nossos namorados e nem sequer para perguntar sobre eles, e as tentativas de Muzzy para nos proteger dos meninos eram muito delicadas para dar em alguma coisa. “Os meninos vão querer alguma coisa se pagarem tudo quando saírem com vocês”, dizia ela.

“Muzzy” — Martha começava a sessão de revirar os olhos de praxe — “estamos nos anos 1980. Os anos 1950 já ficaram para trás. Alô.”

“Alô, você. Sei em que ano estamos”, dizia Muzzy com suavidade, e ia para o telefone encomendar tortas de abóbora para o jantar do Dia de Ação de Graças, ou ligava para sua irmã doente em Bryn Mawr, ou ia até a loja de iluminação para ver se lá também consertavam castiçais antigos. Ela sempre dizia que teria ido

trabalhar fora de bom grado, mas já que podia arcar sozinha com os nossos estudos (“sozinha” significava com as ações de petróleo e aveia no banco), achava que era mais útil para nós se ficasse em casa.

Quanto a mim, eu achava que ela ficava em casa principalmente para vigiar a gente; mas como nunca perguntava sobre meninos, não lhe contávamos muita coisa, a menos que o menino fosse o nosso par do baile de formatura, e, neste caso, ia à nossa casa exatamente uma vez, de smoking, para cumprimentá-la e chamá-la de “sra. Bertison”. (“Que rapaz simpático, Mary”, dizia ela depois. “Já o conhece há muito tempo? A mãe dele não faz a campanha de vegetais orgânicos na escola, ou estou pensando em outra pessoa?”) Este pequeno ritual fazia com que eu me sentisse menos culpada, de alguma maneira, aprovada, na verdade — conforme os anos de baile de formatura iam passando — quando o menino depois deslizava a mão no decote das costas do meu vestido, por exemplo. À medida que ficava mais velha, eu contava a Muzzy cada vez menos, e quando Robert Oliver entrou em minha vida, eu já tinha passado a adolescência num mundo que eu dividia comigo, uma ou outra amiga ou um ou outro namorado, e meus diários. Robert me contou, quando morávamos juntos, que ele também se sentia só desde criança e acho que isso foi uma das coisas que mais me fez gostar dele.

* Rede de rotas secretas e refúgios usados pelos negros escravos nos Estados Unidos para fugir para estados livres e para o Canadá com a ajuda de abolicionistas. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 46

MARY

Para a infinita consternação de Muzzy, trabalhei durante dois anos numa livraria do centro da cidade antes de ir para a faculdade, mas depois fui obedientemente e com meu próprio dinheiro no bolso. A Faculdade Barnett foi útil o bastante para mim. Eu deveria ser capaz de dizer que eu era angustiada na época de faculdade, e me debatia com a questão do meu futuro, o significado da minha vida — menina rica mimada e protegida encontra grandes livros e fica arrasada com a própria banalidade. Ou, talvez, menina rica mimada e protegida se dá conta de que a Barnett é mais do mesmo, vende o que tem e foge para o mundo para ver a vida real, passa dez anos dormindo na rua com um cachorro.

Talvez eu não tenha sido exatamente bastante mimada — Muzzy deixou claro que a Aveia Quaker não nos compraria viagens de esqui nem sapatos italianos sofisticados, e nos dava uma quantia restrita para gastarmos com roupas. E talvez eu não tenha sido exatamente bastante protegida — os projetos sociais da escola, os conjuntos habitacionais de North Philly, o abrigo para mulheres maltratadas, o vômito sanguinolento no Hospital de Chestnut Hill, tudo isso me trouxe notícias de um mundo sofrido. O currículo da Barnett não continha muitas revelações para mim, e trabalhei na biblioteca para ajudar Muzzy a comprar meus livros didáticos e minhas passagens de trem para casa. Na verdade, não vivi muito mais do que as crises normais de toda universitária por causa de rapazes e trabalhos de fim de período. No entanto, descobri uma coisa que ninguém jamais vai me tirar e, de certa forma isso foi uma crise em si, uma crise de prazer.

Eu sempre gostara das aulas de arte na escola — gostava de nossa professorinha de arte do ensino médio cheia de vida com suas batas roxas manchadas, e ela gostava das minhas figuras de barro pintadas, descendentes diretas do hipopótamo da quarta série que habitava o armário de tesouros de Muzzy. Eu nunca fora uma das estrelas da arte na escola, o grupo de solitários que ganhou prêmios oficiais e se inscreveu para a Escola de Design de Rhode Island ou para a Faculdade de Arte e Design de Savannah, enquanto o resto de nós se perguntava se poderia entrar na Ivy League. Mas, na Barnett, aprendi sobre a arte inerente a mim.

Estranhamente, isso começou com um desapontamento, quase um equívoco. Eu planejava fazer o curso de Inglês, mas tinha de fazer umas matérias eletivas em Arte. Não me lembro qual era a eletiva — expressão criativa, talvez — e, no início do meu segundo semestre, me inscrevi numa turma de escrita de poesia, porque o garoto do penúltimo ano, que achei que eu iria namorar em breve, era poeta e eu não queria me sentir completamente ignorante com ele.

Afinal, esta turma já estava completa, e fui remanejada para uma disciplina secundária chamada compreensão visual. Descobri muito depois que Robert Oliver, um paparicado pintor visitante cujo castigo foi dar o curso naquele período, chamava-o em particular de “desentendimento visual”. A faculdade se orgulhava de dar aos alunos que não estivessem fazendo o curso de Arte acesso a um artista estabelecido, e compreensão visual era o único fardo de sua visita à Barnett, uma aula de pintura e história da arte que servia para tudo e atraía alunos não muito entusiasmados de todos os cursos. Certa manhã de janeiro, eu me vi entre eles numa uma mesa comprida no ateliê de pintura.

O professor Oliver estava atrasado e fiquei ali sentada, tentando não fazer contato visual com meus colegas, nenhum dos quais eu conhecia. Sempre fui tímida no início de qualquer curso; para evitar cruzar meu olhar com o de quem quer que fosse, eu olhava pelas sujas janelas altas. Através delas, eu via campos brancos, a neve acumulada nos parapeitos. A luz do sol batia num amontoado de

cavaletes e bancos, na mesa maltratada, no chão cheio de mossas e manchado de tinta; na natureza-morta de chapéus, maçãs murchas e estatuetas africanas arrumadas num estrado na frente; nas rodas das cores e nos pôsteres de museus. Reconheci a cadeira amarela de Van Gogh e um Degas desbotado, mas não uns quadrados dentro de outros quadrados, com um colorido vibrante, que Robert depois nos diria serem reproduções da obra de Josef Albers. Meus colegas conversavam uns com os outros, estourando bolas de chiclete, escrevendo em cadernos, coçando as respectivas barrigas. A garota ao meu lado tinha cabelo roxo; eu reparara nela no refeitório naquela manhã.

Então a porta do ateliê se abriu e Robert entrou. Ele só tinha 34 anos, mas eu nem sabia disso. Pensei, como os universitários pensam, que ele e todos os meus outros professores já deviam passar dos 50 — deviam ser velhíssimos, em outras palavras. Ele era um homem alto e dava a impressão de ser ainda mais alto e mais cheio de energia do que era na verdade. Tinha mãos esguias e uma cara bastante magra sem ser magro de corpo; era sólido, forte (ainda que provavelmente velho) por baixo da roupa. Estava vestido com uma calça pesada e manchada de veludo cotelê marrom-escuro com tons de dourado, já surrada nos joelhos e nas coxas. Por cima da calça, usava uma camisa amarela, as mangas arregaçadas até os cotovelos, e um suéter verde-oliva puído que parecia feito à mão. E era — a mãe fizera-o para o pai dele quando este já estava no fim da vida.

Na verdade, fiquei sabendo tanto sobre Robert depois que tenho dificuldade de distinguir a primeira imagem que fiz dele de todas as outras. Ele estava muito sério, a testa toda franzida. Seria um homem interessante se não fosse ranzinza e mal-ajambrado, pensei naquele primeiro momento. Tinha a boca rasgada, frouxa, com lábios grossos, a pele ligeiramente morena, o nariz agressivamente comprido, o cabelo escuro, mas também avermelhado e crespo, mal cortado — foi em parte essa cabeleira fora de moda que me deu a impressão de que ele fosse mais velho do que na verdade era.

Então ele deu a impressão de nos ver sentados ao redor da mesa, e parou de andar por um segundo e sorriu. Quando sorriu, percebi que eu devia estar errada ao imaginar que ele fosse descuidado e mal-humorado. Via-se muito claramente que estava contente de nos ver. Era uma pessoa calorosa, de pele quente, olhar quente, vestida com roupas velhas de cores suaves. A gente podia perdoar seu aspecto fora de moda e mal-ajambrado quando o via sorrir.

Robert tinha dois livros debaixo do braço; fechou a porta depois de entrar, foi para a cabeceira da mesa e pousou os livros. Olhávamos para ele cheios de expectativa. Vi que suas mãos eram um pouco nodosas, como se fossem mais velhas que ele; eram mãos incomuns, muito grandes e pesadas, no entanto, elegantes. Ele usava uma aliança larga de ouro fosco.

“Bom dia”, disse. Sua voz era sonora e rouca. “Essa é aula de pintura para quem não faz o curso de Arte, também conhecida como compreensão visual. Acredito que vocês todos estejam satisfeitos de estar aqui, como eu estou” — uma mentira irônica, mas ele foi convincente na hora — “e que esta seja a turma em que deveriam estar.” Abriu uma folha de papel e leu nossos nomes, lentamente e com cuidado, parando para verificar como devia pronunciá-los e meneando a cabeça para cada um de nós quando confirmávamos. Ele coçava os antebraços; ainda estava parado na nossa frente. Tinha pelos pretos nas costas da mão e as unhas sujas de tinta, como se nunca as limpasse direito. “Esses são todos os nomes que tenho. Há alguém que não tenha se inscrito?”

Uma garota ergueu a mão: como eu, ela não conseguira vaga em outra turma, mas, diferentemente de mim, ela não constava da lista dele e queria saber se podia ficar. Ele pareceu refletir sobre isso. Coçou a cabeça na raiz dos cachos escuros. Ele tinha nove alunos, disse, o que era menos do que lhe haviam prometido. Sim, ela era bem-vinda na turma. Devia pegar uma autorização do chefe do departamento. Isso não seria problema. Nenhuma outra pergunta? Nenhum problema? Ótimo. Quantos de vocês já pintaram antes?

Algumas mãos se ergueram, mas timidamente. A minha permaneceu firme na mesa. Só depois eu soube como aqueles primeiros dias de aula de qualquer curso o abatiam. Ele era tão tímido à sua maneira, quanto eu era à minha, embora ele escondesse isso bastante bem em sala. “Como sabem, não se exige experiência anterior para este curso. Também é importante lembrar que cada pintor é um iniciante, num sentido real, a cada dia de sua vida.” Esta frase foi um equívoco, como eu poderia ter lido; aluno de graduação odeia especialmente ser tratado com paternalismo, e os elementos feministas da turma com certeza não apreciariam aquele “pintor” para designar os dois gêneros de artistas — eu me incluía entre esses elementos, embora não fosse dada a vaiar em palestras como algumas das jovens que eu conhecia. Era provável que ele fosse comer o pão que o diabo amassou com essa turma. Observei-o cada vez mais interessada.

Mas ele parecia adotar um enfoque diferente agora. Deu pancadinhas nos livros à sua frente e sentou-se. Cruzou as mãos manchadas de tinta como se fosse rezar. Suspirou: “É sempre difícil saber por onde começar com a pintura. A pintura é quase tão velha como os seres humanos, se é que as cavernas da Europa indicam alguma coisa. Vivemos num mundo de forma e de cor e, claro, queremos reproduzi-lo — embora as cores de nosso mundo moderno tenham ficado muito mais vivas desde a invenção da cor sintética. A sua camiseta, por exemplo” — ele fez um sinal com a cabeça para um rapaz em frente a mim na mesa. “Ou, se você me desculpar o uso desse exemplo, o seu cabelo.” Ele sorriu para a garota das mechas roxas, fazendo um gesto vago na direção dela com a mão que tinha a aliança no dedo. Todo mundo deu risada e a garota abriu orgulhosamente um sorriso.

De repente, gostei dali, gostei da sensação de início de semestre, do cheiro de tinta, do sol de inverno inundando o estúdio, das fileiras de cavaletes aguardando para receber nossos quadros ineptos e daquele homem desalinhado, mas de alguma forma jovial, oferecendo-se para nos iniciar em todos os mistérios da cor, da luz e da forma. Estar na sala de aula dele me devolveu por um momento

os prazeres da minha oficina de arte do ensino médio, fora de contexto entre meus outros estudos ali, mas uma lembrança importante agora que eu voltara àquela época.

Não me lembro do resto da aula daquele dia — acho que devemos ter escutado Robert falar sobre a história da pintura ou alguns princípios técnicos básicos do meio. Talvez tenhamos passado uns para os outros os livros que ele trouxera, ou apontado para o pôster de Van Gogh. No final devemos ter nos dirigido aos cavaletes, naquela aula ou na seguinte. A certa altura — talvez só na aula seguinte — Robert deve ter nos mostrado alguma coisa a respeito de como espremer o tubo de tinta, como raspar uma paleta, como desenhar uma figura na tela.

Lembro-me de que ele disse uma vez não saber se era uma tentativa ridícula ou sublime de nossa parte tentar pintar a óleo quando a maioria ali nunca tinha feito cursos de desenho, perspectiva ou anatomia, mas que pelo menos teríamos uma noção do quanto aquele meio era difícil, e nos lembraríamos do cheiro de tinta em nossas mãos. Até nós podíamos perceber que se tratava de uma experiência, uma decisão do departamento, não dele, expor à tinta antes de qualquer outra coisa algumas pessoas que não faziam o curso de Arte. Ele tentou nos convencer de que não se importava muito.

Eu, no entanto, fiquei mais impressionada com o fato de ele notar o cheiro de tinta em nossas mãos, porque isso era uma das partes de que eu mais gostava na aula de compreensão visual, assim como também fora na de arte do ensino médio; eu adorava cheirar minhas mãos depois de tê-las lavado para jantar e provar a mim mesma que o odor de tinta era indelével. Era mesmo. Não saía com nenhum tipo de sabão. Eu cheirava minhas mãos em outras aulas e olhava para a tinta que grudava nas minhas unhas se eu não as mantivesse cuidadosamente limpas, como Robert nos instruíra a fazer. Eu cheirava minhas mãos no travesseiro quando ia dormir, ou quando elas tocavam o cabelo macio do poeta do penúltimo ano, que agora eu estava namorando. Nenhum cheiro podia mascarar ou mesmo ultrapassar aquele aroma pungente e

oleoso, que estava misturado diariamente na minha pele com o cheiro igualmente forte da terebintina que não removia eficientemente a tinta.

Esse prazer olfativo só era superado a meu ver pelo prazer de aplicar a tinta na tela. As formas que eu desenhava na aula de Robert eram sem dúvida canhestras, apesar dos esforços anteriores de minha professora do ensino médio — eu desenhava, no ateliê, as formas toscas das tigelas e das madeiras retorcidas das estatuetas africanas, da torre de frutas que Robert trouxe um dia, amontoando-as cuidadosamente nas mãos quase nodosas com aquela aliança. Vendo-o, eu queria lhe dizer que eu já adorava o cheiro de tinta em minhas mãos e já sabia que nunca haveria de esquecê-lo, mesmo se eu não pintasse mais depois de terminado o curso; eu queria que soubesse que não éramos tão insensíveis às aulas dele quanto ele provavelmente pensava. Eu não achava que podia lhe dizer algo assim em sala; seria incentivar a zombaria da garota do cabelo roxo e do astro das pistas de atletismo que usava seus tênis de corrida quando tinha de criar as próprias naturezas-mortas. Por outro lado, eu não ir até a sala do professor Oliver em seu horário de atendimento e me sentar para lhe contar que eu dava valor ao cheiro das minhas mãos — seria igualmente ridículo.

Em vez disso, eu aguardava uma pergunta de verdade para fazer, algo que eu poderia genuinamente lhe indagar. Eu não tinha tido quaisquer perguntas até então. Só sabia que eu era mais desajeitada com o lápis e o pincel do que minha velha professora me revelara, e que o professor Oliver não tinha gostado muito da minha bacia com as laranjas dentro; a bacia estava desproporcional, ele me dissera um dia, embora as cores das laranjas estivessem bem misturadas — e passara imediatamente para o cavalete de outra pessoa, onde havia problemas até piores. Eu desejei ter desenhado melhor a bacia, me detido mais nela, em vez de ter ficado tão ansiosa para chegar às laranjas.

Mas não havia uma pergunta inteligente que eu pudesse fazer sobre isso. Eu precisava aprender a desenhar e, um pouco para minha surpresa, comecei a me empenhar nessa empreitada,

pegando livros na biblioteca de arte e levando-os para o quarto, onde eu podia ficar sentada copiando maçãs e caixas, cubos, os quartos traseiros de cavalos, um desenho impossível de uma cabeça de sátiro de autoria de Michelangelo. Eu era péssima nisso, e fiquei desenhando essas coisas até algumas das linhas parecerem sair com mais facilidade da minha mão. Passei a viver sonhando com a escola de arte, para preocupação de Muzzy; ela aprovava que eu experimentasse o sortimento das cadeiras das artes liberais, tentando uma novidade a cada semestre (história da música, ciência política), mas esperava que o levantamento dessas amostras todas acabasse por me levar ao direito ou à medicina.

Como a escola de arte ainda estivesse claramente muito distante, comecei a desenhar objetos de verdade no meu quarto: o vaso que meu tio me trouxera de Istambul anos antes, a treliça da janela, cuidadosamente construída para o dormitório por volta de 1930. Desenhei buquês de forsítias que minha colega de quarto trazia de suas caminhadas, a mão delicada do meu poeta quando ele dormia em minha cama enquanto minha colega de quarto estava no seminário de quatro horas de Grandes Livros. Comprei cadernos de vários tamanhos para deixá-los em minha mesa ou levá-los na sacola de livros. Fui ao museu de arte da universidade, uma coleção surpreendentemente boa para uma faculdade, e tentei copiar tudo o que via ali — uma estampa de Matisse, um desenho de Berthe Morisot. Cada tarefa que eu me impunha tinha um sabor especial, um sabor que ficava mais forte sempre que eu fazia um novo esforço para aprender a desenhar; eu estava fazendo aquilo em parte por mim mesma e em parte para que tivesse uma boa pergunta para o professor Oliver.

1878

Minha queridíssima,

Acabo de receber sua carta, que me incitou a lhe escrever imediatamente. Sim, como você insinua de modo compassivo, ando me sentindo sozinho nesses últimos anos. E, por estranho que pareça, desejaria que você tivesse conhecido minha mulher, embora se isso tivesse sido possível, você e eu teríamos nos conhecido em circunstâncias mais adequadas e não nesse amor espiritual, se me permitir chamá-lo assim. Todo viúvo tem por sina que dele se compadeçam, entretanto não senti qualquer sinal de compadecimento em sua carta, apenas um generoso pesar por minha causa, o que muito a honra como amiga.

Você está certa: choro e sempre hei de chorar a morte dela, embora seja a forma como ela morreu que tenha me angustiado mais, não o simples fato de ela não estar mais viva — e, sobre isso, não posso falar, nem com você, pelo menos por enquanto. Um dia falarei, prometo.

Também não tentarei lhe dizer que você preencheu esse vazio, porque ninguém ocupa a ausência deixada por outra pessoa: você simplesmente tornou a encher meu coração e por isso estou mais em dívida com você que seus anos e sua experiência me permitirão explicar. Correndo o risco de parecer arrogante, ou até paternalista — você encontrará um jeito de me perdoar —, asseguro-lhe que um dia você entenderá o conforto que me trouxe o amor que sinto por você. Estou bem certo de que acha que o amor que sente por mim é que me conforta,

mas, quando tiver vivido tanto quanto eu, você saberá que é o fato de você me permitir amá-la, caríssima, que amenizou a tristeza que carrego dentro de mim.

Por fim, agradeço que tenha aceitado minha oferta e espero apenas não ter sido demasiado insistente. E, naturalmente, usaremos o nome que sugeriu — Marie Rivière doravante será minha honrada colega, e este quadro será levado para o júri por mim pessoalmente, com toda a descrição. Hei de levá-lo amanhã, já que o tempo é curto.

*Com a gratidão do seu
O. V.*

P.S.: O amigo de Yves, Gilbert Thomas, passou no ateliê com seu irmão, que é um tanto calado — você conhece Armand também, suponho — para comprar uma de minhas paisagens de Fontainebleau, que concordei há tempos em vender através da galeria deles. Ele poderia lhe ser útil, não acha? Admirou imensamente sua moça de cabelos dourados, embora, naturalmente, eu não tenha dito nada sobre seu real autor; na verdade, ele comentou uma ou duas vezes que o estilo lhe lembrava algo familiar, mas que não sabia o quê. Receio que ele seja inescrupuloso ao aumentar os preços dos quadros em sua galeria, mas talvez eu seja muito exigente. E a admiração que ele demonstrou pelo seu pincel fala bem dele, mesmo que ele não saiba quem o empunhe — um dia você lhe poderia vender alguns trabalhos, se assim desejasse.

CAPÍTULO 47

MARY

Finalmente, percebi que não tinha uma pergunta para o professor Oliver: tinha um portfólio com vários tipos de trabalho. Tinha meu caderno de desenho, dos grandes, repleto de sátiras, caixas e naturezas-mortas. Tinha as folhas individuais onde eu desenhara uma das mulheres de Matisse, feita com apenas seis traços, dançando com entusiasmo na página (não consegui fazer com que dançasse realmente, por mais que tivesse copiado aqueles traços), e cinco versões de um vaso sombreado com a mesa ao lado. Estaria a sombra no lugar certo? Seria esta a minha pergunta? Comprei um canudo de papelão na loja do departamento de arte e botei tudo lá dentro, e, na aula seguinte, esperei uma oportunidade para marcar uma reunião com o professor Oliver.

Ele estava definindo uma nova lição para nós: íamos pintar uma boneca naquela semana e um modelo vivo na outra. A boneca devia ser terminada fora do tempo de aula e trazida para ser apreciada. Não gostei da ideia de pintar uma boneca, mas, quando ele a mostrou e a sentou numa cadeira de madeira feita para bonecas, senti-me um pouco melhor. Ela era uma antiguidade, magra e dura, aparentemente de madeira pintada, com o cabelo fosco cor de ouro velho e olhos azuis fixos, mas seu rosto tinha uma expressão sagaz e observadora que me agradou. Ele colocou as mãos da boneca sobre o colo dela, e ela nos encarou, cautelosa e meio viva. Usava um vestido azul com uma flor de seda vermelha esfarrapada espetada na gola. O professor Oliver virou-se para a turma. “Ela foi da minha avó”, disse. “O nome dela é Irene.”

Então pegou um bloco de desenho e, em silêncio, demonstrou como deveríamos articular as formas da boneca aos membros

relacionados — a cabeça oval, os braços e pernas articulados embaixo do vestido, o tronco ereto. Deveríamos olhar com bastante atenção para fazer o escoreço dos joelhos, disse ele, uma vez que a veríamos de frente. A saia dela esconderia as pernas, mas elas ainda estariam lá — devíamos encontrar um jeito de mostrar a frente dos joelhos por baixo do vestido. Isso entrava na área de roupa, que não iríamos estudar naquele semestre — era simplesmente muito complicado. Mas o exercício nos habituaria a lidar com membros cobertos com tecido, com a solidez de um corpo vestido. Não era uma questão ruim para uma pequena reflexão de um pintor, assegurou-nos Robert.

Ele se pôs a trabalhar fazendo uma demonstração e eu o observei; observei a manga desbotada de sua camisa que estava arregaçada no braço com o qual desenhava, seus olhos castanho-esverdeados correndo da boneca para a folha enquanto o resto de seu corpo permanecia imóvel e concentrado na presa. Seu cabelo crespo estava achatado atrás como se ele tivesse se esquecido de se pentear ao acordar e, na frente, tinha um cacho em pé, crescendo como uma planta. Eu via que não estava ligado em nós nem em seu cabelo, não estava ligado em coisa alguma salvo na boneca com seus joelhos arredondando a frente do delicado vestido. De repente, eu queria esse desligamento para mim. Eu nunca me desligava. Vivia observando as pessoas; vivia me perguntando se elas estavam me observando. Como eu poderia vir a ser uma artista como o professor Oliver se eu não conseguisse me alhear diante de um grupo de pessoas, me alhear assim, de tudo, salvo do problema à minha frente, do ruído do meu lápis na página e do fluxo do traço que emergia dele? Fiquei desesperada. Concentrei-me tanto em seu perfil com aquele nariz protuberante que comecei a ver um halo de luz em volta de sua cabeça. Era impossível lhe fazer a minha não pergunta, levar meu pretenso portfólio para ele ver. Seria mais mortificante para mim se ele visse o restante do meu trabalho que se nunca o visse. Eu ainda nem fizera minha primeira cadeira de desenho da especialização de arte — eu era um exemplo de arte para não especialistas, uma diletante

que sabia estofar cadeirinhas e tocar sonatinas de Beethoven ao piano. Para pessoas como eu, ele fornecia esta seleção de dificuldades da pintura de verdade — há anatomia, há roupagem, há sombras, há luz, há cor. Pelo menos vocês todos saberão quão difícil isto realmente é.

Virei-me para minha tela e preparei-me para fingir desenhar a boneca articulada e dar-lhe um pouco de cor. Todo mundo se pôs a trabalhar. Até os alunos tagarelas estavam levando a atividade a sério, aliviados por se encontrarem num lugar silencioso, numa aula em que não se era obrigado a falar, numa sala pequena e sossegada, longe do estilo de vida do dormitório. Eu também trabalhava, mas às cegas, usando o lápis e depois espremendo óleo na minha paleta cuidadosamente raspada só porque eu não queria que ninguém me visse parada. Por dentro, eu estava parada. Senti meus olhos se encherem d'água.

Eu poderia ter abandonado a pintura para sempre naquele dia, antes de ter realmente começado, mas, de repente, Robert, que estava passando de um cavalete ao outro, parou atrás de mim. Torci para não começar a tremer; eu queria lhe pedir que, por favor, não olhasse o que eu estava fazendo, e aí ele se inclinou e apontou um daqueles dedos grandes e estranhos para a cabeça que eu desenhara. “Muito bonito”, disse. “É impressionante o progresso que você fez com isso.” Eu não conseguia falar. Sua camisa amarela estava tão perto que era só o que eu via quando virei a cabeça para tentar agradecer aquelas palavras. Seu braço e a mão que apontava eram bronzeados. Ele era espantosamente real, feio, cheio de vida, confiante. Achei que quem eu era, tudo aquilo com que fui criada, essas coisas todas eram inferiores, aborrecidas, mas a presença dele tornava-as importantes por um momento.

“Obrigada”, eu disse bravamente. “Tenho trabalhado duro; aliás, eu estava me perguntando se eu poderia ir à sua sala lhe fazer umas perguntas, lhe mostrar umas outras coisas que ando fazendo para me preparar para a cadeira de desenho que vou cursar no outono.”

Enquanto falava, eu me virei mais e olhei para ele. Seu rosto anguloso era mais suave do que eu notara antes, a área ao redor do nariz e do queixo era carnuda, a pele havia começado a ficar flácida — um rosto que envelheceria depressa porque seu dono não se preocupava com ele. Senti quão firmes eram meu rosto liso, a curva do meu queixo e do meu pescoço, o brilho do meu cabelo, cuidadosamente escovado e cortado com o fio reto. Ele era assustador, além de velho e maltratado. Eu era nova e pronta para o mundo. Talvez a vantagem fosse minha. Ele riu, deu uma espécie de sorriso, que não era pessoal — um sorriso quente, o sorriso de um homem que não desgosta realmente das pessoas, apesar de poder se esquecer totalmente delas enquanto desenha uma boneca. “Com certeza”, disse ele. “Pode passar lá. Dou atendimento às segundas e quartas, de dez ao meio-dia. Sabe onde é minha sala?”

“Sei”, menti. Eu a acharia.

Cerca de uma semana depois de ter sido convidada para passar na sala de Robert Oliver, arranjei coragem suficiente para lhe mostrar meus trabalhos. Quando cheguei abraçada com aquela grande pasta de papelão, a porta estava aberta e eu vi sua figura avantajada circulando dentro de uma sala minúscula. Passei timidamente pelo quadro de avisos na porta dele — cartões postais, charges e, estranhamente, uma mão enluvada presa com uma tacha — e entrei sem bater. Percebi que devia ter batido e dei meia-volta, então desisti porque Robert já tinha me visto. “Ah, oi”, ele disse.

Ele estava guardando uns papéis dentro de um arquivo e vi que os metia empilhados dentro da gaveta porque não havia pastas verticais. Era como se simplesmente quisesse escondê-los ou tirá-los de sua mesa, sem se importar caso nunca mais conseguisse achá-los. Sua sala era uma confusão de cadernos, desenhos, material de pintura, pedaços soltos de naturezas-mortas (algumas das quais reconheci de nossa aula), caixas de carvões e pastéis, fios elétricos, garrafas de água vazias, embalagens de sanduíches,

desenhos, canecas de café, papelada da universidade — papéis por todo lado.

As paredes eram quase igualmente cobertas de lixo: cartões-postais de lugares e quadros colados com fita adesiva acima de sua mesa, lembretes, citações (não consegui me aproximar o suficiente para ler nenhuma), alguns grandes pôsteres de arte um pouco obscurecidos por aquela mixórdia. Lembro-me de que um dos pôsteres era da National Gallery para a exposição *Matisse em Nice*, que eu visitara numa viagem com Muzzy. Robert espalhara uma série de anotações em post-its por toda a dama de Matisse com aquele robe listrado aberto.

Lembro-me também que, por alguma razão (foi assim que me lembrei disso), havia um livro de poesia em cima daquela confusão em sua mesa — eram os *Collected Poems* de Czeslaw Milosz, traduzidos, uma novidade — e fiquei admirada de pensar que um pintor lia poesia, tendo sido temporariamente convencida por meu namorado poeta de que só os poetas estavam autorizados a fazer isso. Foi a primeira vez que ouvi falar da poesia de Milosz, que Robert adorava e depois lia para mim; ainda tenho aquele mesmo volume, o que vi na mesa dele naquele dia. É um dos únicos presentes que ele me deu que guardei; ele dava suas coisas com a mesma displicência com que se servia das coisas dos outros, uma característica que, à primeira vista, parecia generosidade, até você se dar conta de que ele nunca se lembrava de nenhum aniversário e nunca pagava pequenas dívidas.

“Entre, por favor.” Robert estava liberando uma cadeira num canto, o que fez passando os papéis em cima dela para a gaveta do arquivo. Tornou a fechar a gaveta. “Sente-se.”

Sentei-me obedientemente, entre um pé de babosa num vaso alto e um tipo de tambor aborígene que ele usou uma vez em nossa oficina de natureza-morta. Eu conhecia de cor as contas e conchas que rodeavam aquele objeto. “Obrigada por me deixar passar aqui”, disse eu com toda a naturalidade que consegui. Sua presença física na salinha atulhada era ainda mais intimidante que na sala de aula; as paredes pareciam empenar em volta dele, como se sua cabeça

encostasse no teto, como se o deslocasse. Ele certamente podia abrir os braços e tocar nas paredes opostas ao mesmo tempo, com sua grande envergadura. Isso me lembrou do nosso livro infantil de mitos gregos, em que os deuses eram descritos como seres humanos, porém maiores. Ele puxou suas calças cáqui nas coxas e sentou-se na cadeira da escrivaninha, girando-a para olhar para mim. Sua expressão era simpática e professoral, interessada, embora eu sentisse sua distração; ele já não estava ouvindo com muita atenção.

“Claro. É um prazer. Como vai a matéria e o que posso fazer por você?”

Brinquei com as bordas da minha pasta, depois tentei ficar quieta. Eu pensara muitas vezes no que ele me diria, especialmente quando visse meu empenho em fazer aqueles desenhos, mas me esquecera de ensaiar o que lhe diria — estranho, quando eu me vestira com tanto cuidado e escovara o cabelo mais uma vez antes de entrar no prédio.

“Bem”, disse eu. “Estou gostando muito das aulas; aliás, estou adorando. Eu nunca tinha pensado em ser artista, mas estou me esforçando — quer dizer, estou começando a ver as coisas de outra maneira. Onde quer que eu olhe.” Não era o que eu tencionava dizer, mas, com aqueles olhos estreitos me fitando, pensei estar descobrindo alguma coisa e aquilo saiu. Os olhos dele eram extraordinários, especialmente de perto, não eram grandes, a menos que ele os arregalasse, mas tinham uma forma linda e eram castanho-esverdeados, da cor de azeitonas verdes: eram de fazer vergonha ao seu cabelo maltratado e àquilo que me parecia então sua pele envelhecida — ou seria o contraste entre aqueles olhos perfeitos e sua pessoa mal-ajambrada que era tão espantoso? Nunca cheguei a uma conclusão, nem muito mais tarde, quando me era permitido examinar seus olhos e a ele mesmo com cada célula do meu ser. “Quer dizer, estou começando a enxergar as coisas em vez de só as ver. Saio do dormitório de manhã e vejo os ramos das árvores pela primeira vez. Registro e depois volto para desenhá-los.”

Ele agora ouvia. Seu olhar estava atento, não naquela voz interior que frequentemente ele parecia ouvir no meio da aula; já não estava elegantemente indiferente, já não estava displicente. Tinha as mãos enormes sobre os joelhos, e olhava para mim. Não estava fazendo charme; não estava preocupado consigo mesmo; não estava nem preocupado comigo nem com meu cabelo impecavelmente escovado. Foi surpreendido por minhas palavras, como se eu lhe tivesse oferecido em segredo um aperto de mãos ou pronunciado uma expressão da língua que ele conhecera na infância e não ouvia há anos. Suas sobancelhas escuras e emaranhadas se ergueram, espantadas. “Este é o seu trabalho?” Apontou para a pasta de papelão.

“É.” Entreguei-lhe a pasta, cutucando as bordas. Meu coração palpitava. Ele abriu-a no colo e estudou o primeiro desenho: o vaso do meu tio, em pé ao lado de uma bacia de frutas roubadas do refeitório. Eu via o desenho de cabeça para baixo no joelho dele; era terrível, uma paródia. Ele às vezes virava nosso trabalho de cabeça para baixo na aula, para que pensássemos em organizar formas, trabalhando numa composição em vez de numa lâmpada ou numa boneca — fazia isso para nos mostrar a forma pura, para limpar as imprecisões. Perguntei-me por que eu mostrara aquele desenho para alguém, ainda mais para Robert Oliver. Eu deveria tê-lo escondido dele, escondido tudo. “Sei que tenho que trabalhar pelo menos mais dez anos.”

Ele não disse nada, segurando meu desenho um pouco mais perto dos olhos, depois afastando-o lentamente. Percebi que dez anos poderiam na verdade parecer muito otimismo. Afinal ele falou. “Este não é muito bom, você sabe”, disse.

Minha cadeira parecia jogar como um barco em águas revoltas. Não tive tempo para pensar.

“Mas é vivo”, disse ele, “e isso é uma coisa que não pode ser ensinada. É um dom.” Ele folheou mais alguns desenhos. Eu sabia que agora devia estar estudando meus galhos de árvore, e o poeta do penúltimo ano sem camisa — eu pusera as folhas grandes cuidadosamente em ordem. Agora, minha cópia de umas maçãs de

Cézanne, e depois a mão da minha colega de quarto, que ela teve a gentileza de manter imóvel em cima de uma mesa para mim. Eu tentara um pouco de tudo, e, para cada desenho incluído, eu descartara dez outros; ao menos eu tivera essa sensatez. Robert Oliver tornou a erguer rapidamente os olhos, sem me enxergar, mas enxergando a minha alma. “Você estudou arte no ensino médio? Desenha há muito tempo?”

“Sim e não”, disse eu, sentindo que ali estavam algumas perguntas a que eu poderia realmente responder. “Tivemos aula de arte em todos os anos, mas era uma aula bastante relaxada. Não aprendemos mesmo a desenhar. À parte isso, só tive essa aula — a sua — e comecei a desenhar por minha conta há umas semanas porque não conseguia pintar direito as coisas, exatamente como você disse. Você disse que não conseguiríamos pintar direito antes de aprender a desenhar.”

“Exatamente”, murmurou ele, voltando a folhear lentamente os meus desenhos. “Então, quando começou isso?” Ele tinha um jeito de fixar os olhos na gente de repente, como se tivesse acabado de nos encontrar — era aflitivo e emocionante. “Você é mesmo bastante talentosa.” Tornou a virar uma página, como se intrigado, depois fechou a pasta. “Você gosta de fazer isso?”, perguntou ele solenemente.

“Gosto mais que qualquer coisa que já tenha descoberto”, disse eu, percebendo enquanto falava que era verdade e não meramente a resposta certa.

“Então desenhe tudo. Faça cem desenhos por dia”, disse ele com veemência. “E lembre-se de que essa é uma vida infernal.”

Como o céu se abrindo sobre mim poderia ser infernal? Eu não gostava que me mandassem fazer nada — isso sempre me fazia sentir uma aflição no estômago — mas ele me deixara feliz. “Obrigada.”

“Você não vai me agradecer”, disse, não com dureza, mas sim com tristeza. *Será que ele se esqueceu da alegria?*, perguntei-me. *Quão terrível deve ser envelhecer.* Senti muita pena dele e fiquei muito feliz por mim, por toda a minha juventude e todo o meu

otimismo e meu conhecimento repentino de que minha vida ia ser magnífica. Ele balançou a cabeça para lá e para cá, sorriu — um sorriso comum, cansado. “Trabalhe com afinco, só isso. Por que não se inscreve na oficina de pintura de verão aqui? Posso recomendar você.”

Muzzy vai adorar isso, pensei, mas disse: “Obrigada; eu estava pensando em me inscrever.” Eu nem sequer planejava passar o verão no campus; todos os meus amigos estavam indo para Nova York arranjar algum emprego e eu tinha quase decidido fazer o mesmo. “Você vai dar a oficina?”

“Não, não”, disse ele. Parecia distraído de novo, como se tivesse coisas de que precisava voltar a tratar — mais papéis para meter em gavetas, talvez. “Só estou aqui esse semestre. Como visitante. Tenho que voltar para minha vida.” Eu tinha esquecido disso. Perguntei-me que vida poderia ser a dele, à parte os quadros e desenhos que ele podia fazer em qualquer lugar e, obviamente, seus alunos importantíssimos, como eu. Havia a aliança na mão esquerda, mas provavelmente sua mulher viera com ele, embora eu nunca a tivesse visto. “Costuma lecionar em algum outro lugar?” Percebi tarde demais que provavelmente eu já deveria saber isso a respeito dele, mas ele não pareceu notar minha ignorância.

“Sim. Estou na Faculdade Greenhill na Carolina do Norte. Um lugarzinho bom, com bons ateliês. Tenho de ir para casa.” Ele sorriu. “Minha filha está sentindo a minha falta.”

Isso foi bastante chocante. Eu achava que os artistas não tinham filhos, com certeza não deveriam ter. Isso lhe dava uma existência prosaica que julguei não me agradar muito. “Quantos anos ela tem?”, perguntei, por educação.

“Um ano e dois meses, uma escultora em formação.” O sorriso ficou mais marcado; ele estava longe, num ambiente doméstico que julgava ser o seu lugar.

“Por que não trouxe a família?”, perguntei isso para castigá-lo um pouco pelo fato de ele ter uma.

“Ah, elas estão muito bem lá. A faculdade tem uma boa creche e minha mulher acabou de começar a trabalhar em meio expediente.

Logo vou estar de volta.”

Ele parecia nostálgico; adorava a filhinha, eu via, naquele reino misterioso, e talvez também adorasse a esposa diligente. Era desapontador como as pessoas mais velhas afinal tinham essas vidas comuns. Achei que não devia abusar da acolhida dele nem procurar mais alguma desilusão. “Bem, é melhor eu deixar você voltar para o seu trabalho. MUITÍSSIMO obrigada por ver meus desenhos e pelo incentivo. Eu lhe agradeço muito.”

“Venha quando quiser”, disse ele. “Boa sorte. Fique à vontade para me trazer outros trabalhos, e lembre-se de se inscrever naquela oficina. James Ladd é que vai dar as aulas e ele é incrível.”

Mas ele não é você, pensei. “Obrigada.” Estendi a mão, querendo encerrar essa reunião com algum ritual. Ele se levantou, muito alto de novo, e aceitou meu cumprimento. Apertei a mão dele com firmeza, para mostrar que era séria, agradecida, quem sabe até uma futura colega. Era maravilhosa aquela mão; eu ainda não tinha tocado nela. A minha sumia dentro dela. Os nós dos dedos eram grossos e secos, e o aperto dele também foi firme, se bem que automático — dava a sensação de ser um abraço. Engoli em seco para me obrigar a ir embora. “Obrigada”, eu disse, incoerentemente virando-me para a porta com a pasta embaixo do braço.

“Até logo.” Eu o senti, mais do que o vi, voltar para seus afazeres na mesa. Mas eu também vira, naquele último segundo, algo nele que eu não conseguia identificar — possivelmente ele também ficara balançado com o meu toque, ou — não, talvez tenha apenas notado que fiquei balançada com o dele. Fiquei envergonhadíssima com essa ideia; só na metade do caminho para o dormitório, debaixo de um céu azul e ventoso, e depois de ter passado por hordas de estudantes indo para o almoço, é que meu rosto esfriou. Então, lembrei-me: *Faça cem desenhos por dia*.

Robert, me lembrei disso durante quase dez anos. Ainda me lembro.

Mon cher ami,

Não sei por onde começar a lhe escrever, a não ser para dizer que sua carta muito me comoveu. Se lhe trouxer alívio me contar sobre sua amada esposa, pode ter a certeza de que me encontrará pronta. Papa certa vez me contou, mas muito rapidamente, que você a perdeu de uma hora para outra, e quase ficou doente de tristeza antes de deixar o país. Só posso presumir que os anos em que estive fora foram solitários por causa disso e que você deixou Paris em parte para chorar a morte dela. Se falar comigo o acalma, ouvirei da melhor maneira possível, embora, graças a Deus, eu pouco saiba sobre tal perda. É o mínimo que posso fazer por você depois do que fez por mim, de seu incentivo e sua confiança em meu trabalho. Agora me vejo indo com ansiedade para meu alpendre-ateliê todas as manhãs, sabendo que esses quadros têm pelo menos um simpático admirador. Em outras palavras, embora eu vá aguardar tão ansiosa quanto você o veredicto do júri, suas palavras são mais importantes para mim que jamais será uma notícia boa ou ruim daquela fonte. Talvez você pense que isso seja uma bravata de artista jovem, e talvez esteja certo, em parte. Mas também sou sincera.

*Com a mais profunda afeição,
Béatrice*

CAPÍTULO 48

MARY

Esta não foi a última vez em que estive sozinha com Robert Oliver antes que ele deixasse a Barnett; tivemos mais um encontro, mas primeiro devo lhe contar sobre umas outras coisas. Nossas aulas haviam terminado; tínhamos pintado, mal, de modo geral, três naturezas-mortas, uma boneca e um modelo — discretamente vestido e não nu, um musculoso estudante de química. Eu não conseguia evitar desejar que Robert pintasse e desenhasse mais conosco, para podermos observar como se fazia realmente aquilo. Alguns dos trabalhos dele foram incluídos na exposição de primavera da faculdade e eu fui ver. Ele contribuía com quatro telas novas, todas pintadas — onde? em casa? à noite? — durante o período em que estive conosco. Tentei enxergar nelas os temas que ele ensinava nas aulas: forma, composição, escolha de cores, mistura da tinta. Será que ele as virara de cabeça para baixo enquanto trabalhava? Tentei encontrar nelas triângulos, linhas verticais, horizontais. Mas elas tinham tanta força no tema, na pincelada viva e pulsante, que era difícil ver o que havia por trás das cenas.

Um dos quadros de Robert na exposição era um autorretrato (vi o quadro de novo alguns anos depois, antes que ele o destruísse) com uma expressão intensa e distante, e dois outros eram quase impressionistas e mostravam campinas de montanha e árvores, com dois homens trajando roupas modernas saindo pela borda da tela. Gostei do contraste entre a pincelada do século dezenove e as figuras contemporâneas. Eu estava aprendendo que Robert não queria saber se as pessoas achavam ou não que ele tinha um estilo; considerava sua própria obra uma longa experiência e raramente

usava um único olhar ou uma única técnica por mais de alguns meses.

Então lá estava o quarto quadro. Fiquei parada muito tempo diante deste porque não dava para não ficar — está vendo, deparei-me com ela muito antes de me tornar amante de Robert; ela já estava presente, sempre presente. Era o retrato de uma mulher com um vestido decotado e antiquado, uma espécie de vestido de baile, segurando um leque fechado numa das mãos e um livro fechado na outra, como se não conseguisse decidir se saía para a festa ou se ficava em casa lendo. Seu cabelo era farto e escuro, preso em cachos macios e enfeitado com flores. Achei sua expressão reflexiva e profundamente inteligente, um pouco cautelosa. Ela andara ponderando alguma coisa e aí percebera que estava sendo observada. Lembro-me de me perguntar como ele pôde ter captado uma expressão tão fugaz.

Devia ser a mulher dele, pensei, posando em traje de época — o retrato tinha aquele tipo de intimidade. Não gostei de conhecê-la daquele jeito, por alguma razão, especialmente uma vez que eu já a imaginara como sem graça e trabalhadora, com sua filhinha pequena, seu trabalho útil. Achei uma surpresa vagamente desagradável pensar que ela poderia ser vital e encantadora assim para Robert. Ela era jovem, mas não muito jovem para pertencer a Robert, e tão carregada de uma sutil energia contida, que nos fazia crer que, a qualquer instante, ela iria sorrir — mas só depois de nos reconhecer. Era assustador.

O cenário era a outra coisa extraordinária no quadro. A dama estava sentada num sofá preto grande, um pouco recostada, com um espelho na parede atrás e acima dela. O espelho era tão bem-feito que esperei me ver refletida ali. Em vez disso, ao longe, vi Robert Oliver com seu cavalete, com suas roupas modernas mal-ajambradas, se pintando e pintando a mulher e, no centro do espelho, via-se, por trás, o pescoço esguio e o cabelo dela com aquele penteado fofo. Ele olhava para ela com uma cara séria e preocupada — ela era modelo e esposa.

Então ele era a pessoa para quem ela sorriria em um instante. Senti uma pontada de ciúme de verdade, embora não pudesse dizer se seria porque eu esperara que ela sorrisse para mim e não para ele, ou porque não queria que Robert sorrisse para ela. O espelho mostrava Robert e seu cavalete emoldurados mais adiante por uma janela que era a fonte da luz atrás dele enquanto ele pintava, uma janela encaixilhada com pedra de cantaria. A Barnett tinha alguns prédios no estilo do revivalismo gótico dos anos 1920 e 1930; ele deve ter ido para um refeitório ou para um dos prédios de salas de aula antigos para descobrir aqueles detalhes. Pela janela refletida no espelho, via-se o que parecia uma praia, penhascos de um lado, céu azul se encontrando com o horizonte de água.

Retrato e autorretrato, retratado e observador, espelho e janela, paisagem e arquitetura: era um quadro extraordinário, que mexia com a cabeça da gente, para usar a linguagem de nossos alojamentos estudantis e refeitórios. Eu queria ficar ali parada na frente dele para sempre, tentando decifrar a história. Ele chamou-o de *Óleo sobre tela*, embora as outras três telas tivessem títulos de verdade. Desejei que Robert entrasse na galeria para que eu pudesse lhe perguntar o significado do quadro, dizer-lhe quão sufocante, encantador e enigmático era. Senti-me um pouco angustiada de sair dali e deixar o quadro — conferi o catálogo em minha mão, mas a galeria da faculdade optara por reproduzir um de seus outros quadros e discuti-lo em detalhes, enquanto esta obra estava apenas listada e datada. Depois que eu saísse da exposição, poderia nunca mais tornar a ver o quadro, poderia nunca ver essa mulher cujo olhar cruzou com o meu com tanto desejo — talvez por isso eu tenha voltado para vê-lo algumas vezes antes que a exposição fosse desmontada.

CAPÍTULO 49

MARY

Então, um dia, tornei a ver Robert, sozinho, justo no fim do semestre. Nossa turma fizera uma festinha de encerramento no ateliê e ele, elegantemente, nos acompanhara até a porta no final, não dando atenção a ninguém em especial e agradando a todos com um sorriso de orgulho; tínhamos nos saído melhor, todos nós, admitiu, do que ele jamais pudesse imaginar. Eu estava indo para a biblioteca dias depois, na semana das provas e, ao virar num caminho coberto de pétalas, quase esbarrei nele.

“Imagine esbarrar com você aqui”, disse ele, parando bruscamente e estendendo o braço como se quisesse me pegar, ou evitar que eu de fato colidisse com ele. Sua mão se fechou no meu braço. A frase soou mais íntima do que ele deve ter pretendido, mas aí eu já tinha praticamente entrado em sua caixa torácica.

“Literalmente”, acrescentei, e fiquei alegre quando ele riu com entusiasmo, algo que eu ainda não vira. Jogou a cabeça um pouco para trás; estava concentrado no prazer daquilo, sem inibição. Era uma risada alegre — eu também ri, quando a ouvi. Ficamos ali satisfeitos embaixo das árvores primaveris, uma pessoa mais velha e uma mais jovem cujo trabalho que fizeram juntas estava terminado. Por isso, não havia nada a dizer, e ainda assim ficamos ali parados, sorrindo, porque era um dia quente e o longo inverno do norte do estado não havia destruído nossos sonhos diferentes, e porque o semestre estava prestes a terminar e liberar todo mundo — uma transição, um alívio. “Vou fazer aquela oficina de pintura no período de verão”, disse eu para preencher o agradável silêncio. “Obrigada mais uma vez pela recomendação.” Então me lembrei:

“Ah, fui ver a exposição. Adorei seus quadros.” Não mencionei que havia ido três vezes.

“Bem, obrigado.” Ele não disse mais nada. Eu acabara de descobrir mais uma coisa sobre ele: que não gostava de comentar o que as pessoas comentavam sobre seu trabalho.

“Na verdade, eu tinha um monte de perguntas para lhe fazer sobre um deles”, arrisquei. “Quer dizer, eu estava muito curiosa sobre umas coisas que você fez nele e desejei que você estivesse lá para lhe perguntar na hora.”

Uma expressão de desconforto apareceu em seu rosto então; durou um breve momento — uma nuvem diáfana no dia primaveril, e eu nunca soube se ele adivinhou que quadro eu ia mencionar ou se foi o meu “desejei que você estivesse lá” que fez com que ele fosse percorrido por “o quê?”. Teria sido um estremecimento premonitório? Não é assim que se expressam todos os amores, com as sementes de seu florescimento e de sua ruína nas primeiríssimas palavras, no primeiro suspiro, no primeiro pensamento? Ele franziu o cenho e me olhou atentamente. Perguntei-me se a atenção era para mim ou para algo logo além do meu corpo. “Pode me perguntar”, disse ele um pouco secamente. Então sorriu. “Gostaria de se sentar um pouco?” Olhou em volta e eu também — as cadeiras e as mesas no fundo do bar dos estudantes estavam bem à vista, do outro lado do pátio. “Que tal ali?”, perguntou. “Eu estava pensando em parar para tomar uma limonada.”

Almoçamos, em vez disso, sentados do lado de fora entre os estudantes e suas mochilas, alguns estudando para as provas, outros conversando ao sol, enquanto mexiam o café. Robert comeu um enorme sanduíche de atum com pickles acompanhado por uma profusão de batatas fritas, e eu comi uma salada. Ele insistiu em pagar a conta, e eu insisti em comprar dois copos descartáveis grandes de limonada — de um reservatório turvo, mas mesmo assim ela estava boa. Comemos calados a princípio. Eu entregara meu quadro final, havíamos nos despedido na última aula e, embora eu agora estivesse esperando o momento de lhe perguntar sobre o *Óleo sobre tela*, tinha a sensação de que talvez já fôssemos alguma

coisa semelhante a amigos, já que não éramos mais professor e aluna. Descartei essa ideia por me soar presunçosa no momento em que me ocorreu; ele era um grande mestre e eu era uma ninguém com um pouco de talento. Eu não tinha reparado nos pássaros até então — que eles haviam voltado depois da neve do inverno — nem no brilho das árvores e dos prédios, nas janelas encaixilhadas do refeitório, que estavam abertas para deixar a primavera entrar.

Robert acendeu um cigarro, desculpando-se primeiro. “Em geral, eu não fumo”, disse. “Só comprei um maço essa semana, para comemorar. Não pretendo comprar mais. É uma vez por ano.” Entramos de novo no bar para pegar um cinzeiro e, quando saímos, ele se instalou na cadeira e disse: “Está bem, vá em frente, mas você sabe que não costumo responder a perguntas sobre meus quadros.” Eu não sabia; eu queria dizer que não sabia nada a respeito dele. Mas ele estava achando graça, ou se preparando para achar graça, e seus olhos pareceram registrar meu cabelo quando o joguei por cima dos ombros — que ainda me chegava na cintura, e ainda era louro, minha cor natural.

Mas ele não disse mais nada, então tive de falar. “Isso quer dizer que eu não deveria lhe perguntar?”

“Pode me perguntar, mas talvez eu não responda, só isso. Não acho que um pintor tenha as respostas sobre seus próprios quadros. Ninguém sabe nada a respeito de um quadro a não ser o próprio quadro. Enfim, um quadro precisa ter algum mistério para funcionar.”

Tomei o último gole de limonada, reunindo coragem. “Gostei muito de todos os seus quadros. As paisagens são realmente maravilhosas.” Eu era muito jovem, na época, para saber como esses comentários poderiam soar para um gênio, mas pelo menos não me passou pela cabeça falar sobre o autorretrato. “O que eu queria lhe perguntar era sobre aquela tela grande, com a mulher sentada no sofá. Presumo que seja sua mulher, mas ela está com aquele incrível vestido antigo. Qual é a história por trás disso?”

Ele tornou a olhar para mim, mas dessa vez estava ausente, cauteloso. “A história?”

“É. Quero dizer, o quadro tem tantos detalhes — a janela, o espelho — é tão complicado e ela parece completamente viva. Ela pousou para você ou quem sabe você usou uma fotografia?”

Ele olhava para mim sem me ver, aparentemente sem ver o muro de pedra atrás de mim, o muro do diretório dos estudantes. “Ela não é minha mulher, e eu não uso fotografias.” A voz dele era suave, apesar de distante, e ele deu uma tragada no cigarro. Examinou sua outra mão em cima da mesa, flexionando os dedos, massageando as juntas: o longo declínio de um pintor rumo à artrite, entendi mais tarde. Quando ele tornou a levantar a cabeça, seus olhos ficaram estreitados, mas dessa vez focados em mim, não num horizonte vago. “Se eu lhe disser quem ela é, você guardará segredo?”

Alguma coisa me incomodou nisso, o tipo do horror que uma criança sente quando um adulto propõe lhe falar de um assunto de adulto — uma tristeza íntima, por exemplo, ou um problema financeiro que você já adivinhou, mas deveria ter permissão para ignorar por mais alguns anos de sua infância, ou algo, Deus me livre, assustador, sexual. Será que ele ia me contar algo a respeito de uma vida amorosa oculta e sórdida? As pessoas de meia-idade tinham essas coisas às vezes, embora fossem velhas demais para isso e devessem saber o que precisavam fazer. Quão mais doce era ser jovem e livre e estar autorizado a exibir suas afeições e seus erros e seu corpo. Era um hábito meu ter pena de todo mundo com mais de 30 anos e, cruelmente, não abri exceção para o bronzeado Robert Oliver com seu único cigarro de primavera.

“Claro”, disse eu, embora meu coração disparasse. “Posso guardar segredo.”

“Bem...” Ele bateu a cinza no cinzeiro emprestado. “A verdade é que não sei quem ela é.” Piscava rapidamente. “Ah, meu Deus”, disse, a voz cheia de desespero. “Se ao menos eu soubesse quem ela era!”

Isso foi tão surpreendente, tão irrespondível, tão arrepiante e tão esquisito, que fiquei calada; quase fingi que ele não havia dito a última frase. Eu simplesmente não conseguia entender, não sabia

como reagir. Como ele poderia pintar uma pessoa e não saber quem ela era? Eu imaginara que ele pintasse as amigas ou a mulher ou modelos contratados sempre que quisesse, que as pessoas posassem para ele. Será que ele poderia ter se apossado da imagem de uma mulher espetacular da rua, como fizera Picasso? Eu não queria lhe perguntar diretamente, expor minha confusão e minha ignorância. Então, ocorreu-me uma possibilidade. “Quer dizer que você a imaginou?”

Dessa vez, sua fisionomia se fechou e me perguntei se gostava dele afinal de contas. Talvez, na verdade, ele fosse mau. Ou maluco. “Ah, ela é real, de certa maneira.” Então sorriu, para meu inefável alívio, embora eu também me sentisse vagamente ofendida. Ele tirou um segundo cigarro do maço. “Quer outra limonada?”

“Não, obrigada”, respondi. Meu orgulho estava ferido; ele apresentara um mistério angustiante sem me dar sequer uma pista, e parecia não ter noção de que excluía a mim, sua aluna, sua convidada para o almoço, a moça do cabelo bonito. Isso também assustava um pouco. Ocorreu-me que se ele pudesse me explicar o que havia querido dizer com essas declarações estranhas, eu na mesma hora teria uma luz quanto à natureza da pintura, ao milagre da arte, mas obviamente ele achara que eu não era capaz de entender. Uma parte de mim não queria saber seus segredos estranhos, mas, ao mesmo tempo, aquilo machucava. Coloquei o copo descartável e o garfo branco de plástico arrumados no prato, como se eu estivesse num dos jantarezinhos das amigas de Muzzy. “Sinto muito. Preciso voltar para a biblioteca. Provas.” Levantei-me, provocadora, com aquele jeans e aquelas botas — mais alta, pelo menos naquela vez, que meu professor, já que ele continuava sentado. “Muito obrigada pelo almoço. Foi muita gentileza sua.” Peguei meu lixo sem olhar para ele.

Ele também se levantou e me deteve segurando meu braço, de modo que tornei a pousar o prato sobre a mesa. “Você está zangada”, disse, com uma voz um pouco espantada. “O que eu fiz para perturbar você? Foi o fato de não ter respondido à sua pergunta?”

“Não posso culpá-lo por achar que eu não entenderia sua resposta”, disse eu secamente, “mas por que brincou comigo? Ou conhece a mulher ou não conhece, certo?” A mão dele era incrivelmente quente através da manga da minha blusa; eu não queria que ele a retirassem nunca mais, mas um segundo depois ele retirou.

“Sinto muito”, falou. “Eu estava dizendo a verdade. Não sei quem a mulher do meu quadro é realmente.” Tornou a sentar-se e não precisou fazer nenhum gesto. Acompanhei-o, lentamente. Ele balançou a cabeça, olhando para a mesa com aquelas manchas num dos cantos que pareciam ser de cocô de passarinho. “Não consigo explicar isso nem para minha mulher. Acho que ela não gostaria de ouvir falar nisso. Encontrei essa mulher anos atrás, no Metropolitan Museum, numa sala lotada. Eu estava trabalhando numa exposição que era toda de quadros de jovens dançarinas de balé, algumas delas apenas crianças mesmo, em Nova York — eram uma perfeição, eram como passarinhos. E comecei a ir ao Met para ver muitas obras de Degas, como referência, porque, obviamente, ele era um dos pintores-mestres da dança, provavelmente o maior que já houve.”

Balancei a cabeça com orgulho; dessa vez, eu sabia.

“Eu a vi numa das últimas vezes que fui ao museu, antes de nos mudarmos para Greenhill, e simplesmente nunca consegui tirar a imagem dela da cabeça. Nunca. Não consegui esquecê-la.”

“Ela devia ser linda”, arrisquei.

“Muito”, disse ele. “E não só bonita.” Ele parecia absorto, de novo lá no museu, vendo uma mulher que logo sumiu no meio da multidão; eu podia sentir o romantismo do momento, e fiquei com ciúmes da estranha que não lhe saía da cabeça. Só depois me dei conta de que nem mesmo Robert Oliver seria capaz de ter guardado um rosto na memória tão depressa.

“Não voltou para tentar encontrá-la?” Torci para que não tivesse voltado.

“Ah, claro. Eu a vi mais umas vezes, e depois nunca mais.”

Um romance irrealizado. “Aí começou a imaginá-la”, provoquei.

Dessa vez, ele sorriu para mim e senti um calor me percorrer a nuca. “Bem, acho que você estava certa para início de conversa. Eu realmente acho.” Ele tornou a se levantar, tranquilizado e tranquilizador, e voltamos, amistosamente, para a frente do diretório dos estudantes. Ele parou no sol e estendeu a mão. “Um bom verão para você, Mary. Boa sorte com os estudos no outono. Tenho certeza de que vai fazer bons trabalhos se persistir.”

“Igualmente”, respondi com tristeza, sorrindo. “Quer dizer, boa sorte com suas aulas — com seu trabalho. Já vai voltar para a Carolina do Norte?”

“Vou, vou, semana que vem.” Ele se inclinou e me beijou no rosto, como se dizendo adeus para o campus todo e para cada um de seus alunos ali, e para o norte invernal, tudo convenientemente sintetizado em mim. A impessoalidade do gesto me deixou sem ar. Os lábios dele eram quentes e agradavelmente secos.

“Bem, até logo”, disse eu, dei meia-volta e me obriguei a sair andando. A única coisa surpreendente foi que não ouvi quando ele foi para o lado oposto; senti-o ali durante um bom tempo, e era orgulhosa demais para olhar para trás. Achei que ele provavelmente estava parado ali, olhando para os pés ou para a calçada, pensando na mulher que ele vislumbrara algumas vezes em Nova York, ou talvez sonhando acordado com a sua família em casa. Ele certamente estava animado para deixar isso tudo e voltar para a mulher, os filhos e a vida real. Mas ele também me dissera: *Não consigo explicar isso nem para minha mulher*. Eu recebera sua tentativa vã de dizer algo sobre sua visão; eu fora privilegiada. Guardei isso, como ele guardara o rosto de uma estranha.

CAPÍTULO 50

MARY

Depois que Robert e eu terminamos, meses atrás, comecei a desenhar pela manhã num café que ainda frequento algumas vezes. Sempre adorei essa expressão, “frequentar” um café. Eu precisava de um lugar para não ter de ficar nos ateliês da universidade, onde agora leciono. Não há muitos cafés nessa área com privacidade suficiente para o corpo docente da faculdade ficar à vontade. A probabilidade de você encontrar seus alunos antigos (ou, pior, atuais) e começar a conversar é muito grande. Em vez disso, encontrei um café entre minha residência e meu trabalho, numa estação de metrô com um endereço chique.

Não é que eu não goste de meus alunos; pelo contrário, eles agora são o que me move, os únicos filhos que jamais hei de ter, o meu futuro. Eu os adoro, apesar de todas as suas crises, suas desculpas e seu egoísmo. Adoro vê-los extasiados com uma súbita revelação sobre pintura, ou uma súbita predileção por aquarelas, um caso de amor com o carvão — ou uma obsessão com o azul celeste que começa a aparecer em todos os seus quadros e eles precisam explicar o que está acontecendo para o resto da turma. “Estou... com mania.” Em geral, não conseguem explicar por quê; cada amor novo simplesmente os conquista. Se não é a pintura, infelizmente, às vezes é o álcool ou a cocaína (embora eles não me contem realmente sobre essas coisas), ou uma jovem ou um rapaz na aula de história, ou os ensaios para uma peça; eles têm olheiras fundas, uma postura encurvada em sala de aula, animam-se quando mostro um Gauguin que eles amaram no ensino médio. “É meu!”, gritam. Eles me dão presentes de fim de período feitos com caixas de ovos pintadas. Eu os adoro.

Mas a pessoa também tem de se afastar dos alunos para conseguir fazer o seu trabalho, então, havia algum tempo que eu me habituara a desenhar o que estava ao meu redor em meu café preferido, logo depois do café da manhã, se eu tivesse tempo antes que minhas aulas começassem. Desenhei as fileiras de bules de chá numa prateleira, o vaso Ming falso, as mesas e cadeiras, a placa de saída, o conhecidíssimo pôster de Mucha ao lado da estante de jornais, as garrafas de xarope italiano com seus rótulos diferentes, mas que combinavam entre si e, finalmente, as pessoas. Tornei a ter cara de pau para desenhar estranhos, como tinha quando era estudante — três asiáticas de meia-idade falando depressa diante de bolinhos e copos descartáveis, ou um rapaz com um rabo de cavalo comprido, quase adormecido em cima da mesa, ou uma quarentona com seu laptop.

Esse sentimento de que eu era uma entre muitos e que aquelas outras pessoas, com seus paletós, seus óculos diferentes e seus olhos de cores e formas diversas, todas elas tinham os seus Roberts, seus desastres incríveis, seus prazeres e tristezas — tudo isso me fez enxergar de novo as pessoas, e isso amenizou um pouco minha mágoa em relação a Robert. Tentei imprimir prazer e tristeza nos retratos que eu fazia delas. Algumas gostavam de ser desenhadas e sorriam de esguelha para mim. Aquelas manhãs me facilitaram, um pouquinho, aceitar que eu estava sozinha e não queria olhar para outros homens, embora talvez isso acabasse passando. Depois de uns cem anos.

1879

Mon cher ami,

Não consigo entender por que você não escreveu nem nos visitou durante essas semanas. Será que fiz alguma coisa para lhe ofender? Achei que continuasse fora, mas Yves diz que está na cidade. Talvez eu tenha me equivocado considerando sua afeição tão forte quanto considere, e, nesse caso, por favor, perdoe o erro de sua amiga.

Béatrice de Clerval

CAPÍTULO 51

MARLOW

O trânsito estava pesado na manhã seguinte a meu jantar com Mary Bertison, possivelmente porque saí tarde. Gosto de andar na frente da multidão, de chegar antes dos recepcionistas, de ter as ruas e depois o estacionamento e os corredores de Goldengrove só para mim, de ter vinte minutos sozinho para pôr a papelada em dia. Nessa manhã, eu me demorei olhando o sol do outro lado da minha solitária mesa de café da manhã, fazendo mais um ovo cozido. Eu botara Mary num táxi depois de nosso simpático jantar — ela não aceitara minha oferta, educadamente expressa, de deixá-la em casa —, mas, de manhã, o apartamento aonde ela não voltara, o meu, parecia impregnado de sua presença. Eu a via sentada no meu sofá, ora inquieta, ora hostil, ora confiante.

Eu servira uma segunda xícara de café da qual eu sabia que me arrependeria depois; olhei pela janela para as árvores na rua, que agora estavam totalmente verdes, vestidas para o verão. Lembro-me do gesto de sua mão comprida descartando um argumento que eu dera e apresentando o seu. No jantar, conversamos sobre livros e quadros; ela deixara claro já ter falado o suficiente sobre Robert Oliver por uma noite. Mas, naquela manhã, eu ainda me lembrava do estremecimento em sua voz quando ela me contou que preferia escrever a falar sobre ele.

Na metade da viagem para Goldengrove, desliguei o aparelho de som do carro com a minha gravação favorita na época, e que, naquele ponto, normalmente eu teria posto mais alto — Andrés Schiff tocando algumas das Suítes francesas de J. S. Bach, uma torrente gloriosa, depois uma onda de luz, depois de novo a água jorrando. Eu disse a mim mesmo que estava desligando a música

porque não conseguia me concentrar num tráfego tão intenso e ao mesmo tempo apreciar o que eu ouvia; as pessoas davam fechadas umas nas outras na entrada dos acessos, ficavam com a mão na buzina, paravam sem avisar.

Mas eu também não sabia ao certo se havia espaço em meu carro para a presença de Bach e de Mary, para o espetáculo de seu entusiasmo no jantar quando ela esqueceu Robert Oliver por uns minutos e falou sobre seus quadros recentes, uma série de mulheres de branco. Eu perguntara respeitosamente se poderia vê-los uma hora dessas — afinal, ela vira a minha paisagem da cidadezinha, e eu nem mesmo considerava este o meu melhor quadro. Ela hesitara, concordara vagamente, mantendo um limite entre nós. Não, não havia espaço no meu carro para as Suítes francesas, o verde intenso dos dois lados da estrada, e o rosto alerta e puro de Mary Bertison. Ou talvez não houvesse espaço para mim. Meu carro nunca parecera tão pequeno, tão necessitado de uma capota conversível.

Depois de ter feito minhas visitas matinais, encontrei o quarto de Robert vazio. Eu o guardara para o fim, e ele sumira. A enfermeira no corredor disse que ele estava caminhando com um dos funcionários, mas quando atravessei a varanda dos fundos, ele não estava à vista. Acho que não mencionei que Goldengrove, assim como meu consultório em Dupont Circle, é uma relíquia de dias mais grandiosos; uma mansão que assistira a grandes festas na época de Gatsby e da MGM; muitas vezes eu me pergunto se os pacientes que passam nos corredores arrastando os pés não ficam mais animados e talvez até tenham uma melhora graças à elegância *déco* à sua volta, às paredes ensolaradas e aos frisos em estilo egípcio. O prédio teve o interior e a fachada restaurados alguns anos antes da minha chegada. Gosto especialmente da varanda, que tem uma parede sinuosa de adobe e vasos altos de flores, mantidos cheios (em parte por insistência minha) de gerânios brancos. Dali, avista-se até a mancha de arvoredo ao longo do Little

Sheridan, um túbio afluente do Potomac, do outro lado da propriedade. Alguns dos jardins originais foram refeitos, embora não tivéssemos condições de ressuscitá-los todos. Há canteiros de flores e um grande relógio de sol, que não é original da casa. Na ladeira, além dos jardins, há um pequeno lago raso (raso demais para alguém se afogar nele) com um pavilhão do outro lado (muito baixo para um pulo fatal do telhado, os caibros no interior cobertos com um forro inclinado para evitar enforcamentos).

Tudo isso impressiona as famílias que conduzem seus entes queridos ao relativo silêncio do lugar; vejo, às vezes, familiares enxugando lágrimas aqui na varanda, um assegurando ao outro: *Olhe como é bonito, e é só por uns tempos*. E em geral é só por uns tempos. A maioria dessas famílias nunca verá os hospitais públicos municipais onde as pessoas sem dinheiro nenhum são enviadas para lutar contra seus demônios, os locais sem jardins, sem pintura nova e, às vezes, sem papel higiênico suficiente. Conheci alguns desses hospitais como residente, e é difícil para mim esquecer aqueles espetáculos. No entanto, aqui estou eu, empregado num hospital particular e propenso a ficar. Não sabemos exatamente quando ficamos paralisados, ou perdemos o ânimo para mudar, mas acontece. Talvez eu devesse ter tentado mais. Eu, porém, me sinto útil, à minha maneira.

Saindo da varanda, vi Robert ao longe no gramado. Ele não estava caminhando; em vez disso, estava pintando, o cavalete que eu lhe dera montado de frente para a longa vista que ia até o rio. Havia um funcionário não muito longe, passeando com um paciente que aparentemente insistira em continuar de roupão de banho — quantos de nós permaneceríamos vestidos se nos fosse permitido escolher? Fiquei satisfeito de ver que o funcionário estava seguindo minhas ordens de vigiar Robert Oliver de perto, mas com respeito. Talvez ele não gostasse nada de ser vigiado, mas certamente apreciava o pouco de privacidade que lhe era permitida naquele processo.

Fiquei parado observando-o enquanto ele estudava a paisagem; ele escolheria a árvore mais alta, um tanto deformada à direita,

imaginei, e ignoraria o silo de fazenda que aparecia acima das árvores à esquerda, do outro lado do Sheridan. Tinha os ombros retos (e vestidos com a camisa desbotada que ele usava quase todo dia, ignorando o fato de que eu conseguira mais algumas para ele), a cabeça um pouco inclinada para a tela, embora eu calculasse que ele havia regulado as pernas do cavalete na altura máxima. As pernas dele, numa calça cáqui sem graça, eram elegantes; ele alternava o apoio do corpo entre os pés, refletindo.

Era extraordinário vê-lo pintar — eu já vira antes, mas sempre em recintos fechados, onde ele tinha consciência da minha presença. Agora eu podia observá-lo sem ele saber, apesar de não poder ver a tela. Perguntei-me o que Mary Bertison daria para ter esta vantagem por alguns minutos; mas não — ela me dissera que não queria tornar a ver Robert. Se eu o ajudasse a ficar bom e ele voltasse para o mundo, se ele voltasse a lecionar, a pintar, a expor seus trabalhos, a ser um ex-marido, um pai com uma custódia amorosa, um homem que comprava legumes, ia à academia e pagava o aluguel de um apartamentinho em Washington ou no centro de Greenhill, ou em Santa Fé, será que ele ainda escolheria ficar longe de Mary? E, mais importante, será que a raiva que ela sentia dele resistiria? Seria uma canalhice da minha parte esperar que sim?

Encaminhei-me até ele, mãos atrás das costas, e só falei quando cheguei mais perto. Ele virou-se rapidamente, lançou-me um olhar maligno — o leão enjaulado, as barras em que a gente não devia bater. Inclinei a cabeça para indicar que minha interrupção era bem-intencionada.

— Bom dia, Robert.

Ele voltou para o trabalho, isso, pelo menos, demonstrava certa confiança, ou talvez ele estivesse concentrado demais para deixar até mesmo um psiquiatra interrompê-lo. Fiquei parado ao lado dele e olhei abertamente para a tela, esperando que isso pudesse instigá-lo a reagir de alguma maneira, mas ele continuou a pintar. Ora segurava o pincel contra o horizonte distante, ora olhava para a tela, abaixava-se para focar numa pedra na beira do lago pintado.

Ele já estava trabalhando havia pelo menos umas duas horas, dava para perceber, a menos que fosse incrivelmente rápido; formas bem-definidas começavam a aparecer na composição. Admirei a luz na superfície da água — na superfície de sua tela — e a força suave das árvores ao longe.

Mas não verbalizei minha admiração, temendo o silêncio dele, que abafaria até mesmo as palavras mais calorosas que pudessem me ocorrer. Era alentador ver Robert pintar algo diferente da senhora de olhos escuros e sorriso triste, especialmente uma paisagem viva. Ele tinha dois pincéis na mão que pintava, e fiquei observando calado enquanto ele os alternava, o hábito, a destreza de uma vida inteira. Será que eu devia lhe contar que conhecera Mary Bertison? Que, degustando um bom vinho e um peixe embrulhado em papel manteiga, ela começara a me contar a história dela e parte da dele? Que ela ainda o amava o suficiente para querer me ajudar a curá-lo; que nunca mais queria vê-lo; que seu cabelo brilhava com qualquer luz, iluminando seus reflexos acaju, dourados e vermelhos; que ela não conseguia dizer o nome dele sem um tremor ou um tom de provocação na voz; que eu sabia como ela segurava o garfo, como se postava equilibrada contra uma parede, como cruzava os braços para se proteger do mundo; que, como a ex-mulher dele, ela não era, afinal de contas, o modelo do retrato que ele criava sem parar com seu pincel raivoso; que ela, Mary, de alguma forma tinha o segredo da identidade daquele modelo e não sabia; que eu ia encontrar a mulher que ele mais amara na vida e saber por que ela lhe roubara não só o coração, mas também o juízo?

Aquela, pensei, vendo-o pegar um pouco de branco, um pouco de amarelo cádmio para a copa de suas árvores, era a natureza mesma da doença mental, se as definições clínicas fossem abandonadas e se fosse considerada apenas a vida humana. Não era doença deixar outra pessoa — ou uma convicção ou um lugar — conquistar seu coração. Mas se você jogasse fora seu juízo por uma dessas coisas, renunciasse à sua capacidade de tomar decisões, isso acabaria por deixá-lo doente — isto é, se o fato de você fazer

isso já não fosse um sinal do seu estado. Olhei de Robert para a paisagem que ele pintava, os espaços cobertos de cinza no céu onde ele provavelmente pretendia definir nuvens, o ponto irregular em seu lago que seguramente seriam os reflexos delas. Fazia muito tempo que eu não pensava nas doenças que eu estava tentando tratar, dia após dia. Ou sobre o amor em si.

— Obrigado, Robert — disse eu em voz alta, e deixei-o. Ele não se virou para me ver partir, ou, se o fez, eu já estava de costas.

Mary me ligou naquela noite. Fiquei bastante surpreso — eu já havia decidido ligar para ela, mas dali a alguns dias — e, por um momento, não entendi direito quem estava na linha. Aquela voz de contralto de que eu passara a gostar mais ainda no jantar estava hesitante, quando me contou que andara pensando em sua promessa de escrever para mim as suas lembranças de Robert. Ela faria isso aos poucos. Seria bom para ela também; ela me enviaria o material pelo correio. Eu poderia fazer uma narrativa completa com aquilo caso quisesse, ou usar o maço de papéis para prender a porta, ou reciclar tudo. Ela já começara a escrever. Riu de maneira um pouco nervosa.

Fiquei desapontado no primeiro momento, porque essa combinação significava que eu não a veria pessoalmente. Mas que direito tinha eu de querer vê-la de novo? Ela era uma mulher livre, solteira, mas também era a antiga namorada do meu paciente. Então a ouvi dizer que gostaria de jantar de novo comigo — era a vez dela de me convidar, já que eu tinha insistido em pagar a conta daquela primeira refeição, apesar dos protestos dela — e talvez fosse melhor para ela esperar até me enviar as memórias. Ela não sabia quanto tempo isso levaria, mas aguardava com ansiedade outro jantar; fora divertido conversar comigo. Aquela simples palavra “divertido” me tocou no que eu tinha de mais fundo, por alguma razão. Eu disse que achava boa ideia, que entendia, que esperaria as cartas dela. E desliguei sorrindo sem querer.

CAPÍTULO 52

MARY

Estar apaixonado por uma pessoa inatingível é como um quadro que vi uma vez. Foi antes de adquirir o hábito — já de muitos anos — de anotar informações básicas de qualquer quadro que me impressione num museu ou galeria, num livro ou, às vezes, na casa de alguém. No ateliê que tenho em casa, além de todos os meus postais de quadros, mantenho um fichário com fichas que preencho com: o nome do artista, a data, o lugar em que vi o quadro, uma sinopse de qualquer historinha sobre ele que eu tenha descoberto na placa ou no livro, às vezes até um esboço tosco da obra — a torre da igreja é para a esquerda, a rua, em primeiro plano.

Quando me frustro com minha tela e ela fica aquém das minhas expectativas, dou uma olhada nas minhas fichas e encontro uma ideia; acrescento a torre da igreja, visto o modelo de vermelho ou quebro as ondas em cinco cristas agudas. De vez em quando, vejo-me consultando o fichário, concreta ou apenas mentalmente, procurando aquele quadro importante que não está fichado. Eu o vi quando tinha uns vinte e poucos anos (nem consigo me lembrar em que ano), provavelmente num museu, porque depois da faculdade eu visitava todos os museus que podia, onde quer que eu fosse.

Esse trabalho específico era impressionista; só tenho certeza disso. Mostrava um homem sentado no banco de um jardim, aquele jardim selvagem e luxuriante que os impressionistas franceses preferiam e até plantavam quando precisavam de um, uma revolta total contra a formalidade dos jardins franceses e da pintura francesa. O homem alto estava ali sentado no banco, numa espécie de caramanchão verde e cor de lavanda, vestido como um cavalheiro — acho que *era* um cavalheiro — de paletó formal e

colete, calças cinzentas, chapéu claro. Tinha um ar contente, complacente, mas também ligeiramente alerta, como se estivesse escutando alguma coisa. Quando a gente recuava um pouco, via melhor a expressão dele. (É por isso também que penso ter visto o quadro ao vivo, não num livro; lembro-me de ter recuado para olhá-lo.)

Perto do homem, numa cadeira de jardim — em outro banco? sentada num balanço? — havia uma mulher cuja roupa era tão elegante quanto a dele, listras pretas num fundo branco, um chapeuzinho inclinado à frente no penteado alto, uma sombrinha listrada do lado. Recuando mais, a gente via outra figura feminina andando entre arbustos floridos ao fundo, as cores suaves do vestido quase se fundindo com o jardim. Tinha o cabelo claro, não escuro como o deles, e a cabeça descoberta, o que a deixava com uma aparência jovem ou de alguma forma pouco respeitável. Tudo numa moldura dourada, gloriosa, decorada, e também suja.

Não me lembro de ter associado este quadro a mim quando o vi; ele simplesmente permaneceu em mim como um sonho, e sempre volto a ele mentalmente. Na verdade, procuro-o há anos em estudos do impressionismo sem encontrá-lo. Para começar, não tenho nenhuma prova de que fosse francês, só de que parecia uma obra do impressionismo francês. O cavalheiro e suas duas mulheres poderiam estar num jardim do final do século XIX, em São Francisco, ou em Connecticut, ou em Sussex, ou até na Toscana. E, de tanto trazer essa imagem à mente, às vezes acho que a inventei, ou sonhei com ela e lembrei-me dela ao acordar.

No entanto, aquelas pessoas no jardim são vivas para mim. Eu jamais haveria de querer desequilibrar a composição eliminando a bela mulher formal e de roupa listrada da esquerda, mas há tensão na imagem: por que a mais jovem nas moitas de flores parece não ter um lugar? Será filha do homem? Não, alguma coisa, você diz — eu digo —, que não. Ela está para sempre se encaminhando para fora da tela à direita, relutando em sair. Por que o homem elegantemente vestido não se levanta e a pega pela manga,

detendo-a por um instante, e lhe diz, antes que ela vá embora, que a ama, também, que sempre a amou?

Então imagino apenas aquelas duas figuras andando, enquanto o sol brilha permanentemente nas flores e arbustos caídos e sugeridos com pinceladas rápidas, e a dama bem-vestida permanece imperturbável em sua cadeira, segurando a sombrinha, certa de seu lugar ao lado do homem. O cavalheiro se levanta, sim; ele deixa o caramanchão com um passo agressivo, como se por impulso, e pega a moça do vestido suave pela manga, pelo braço. Ela também é firme, à sua maneira. Há apenas flores entre eles, roçando na saia dela e sujando de pólen as calças sob medida dele. A mão dele é morena, meio grossa, meio nodosa até, nas juntas. Ele a detém. Os dois nunca falaram assim antes — não, não estão falando agora. Estão imediatamente nos braços um do outro, os rostos colados quentes sob o sol forte. Acho que nem sequer estão se beijando no primeiro momento; ela soluça aliviada porque o toque do queixo barbado dele na testa dela é como ela havia imaginado, e talvez ele também esteja chorando.

1879

Minha amada,

Perdoe-me a fraqueza de não lhe escrever, e de me ausentar de modo tão grosseiro. A princípio foi, sim, uma ausência normal — como eu lhe disse, fui passar mais ou menos uma semana no sul e descansei um pouco após uma pequena indisposição. Mas isso também foi uma desculpa; retirei-me para lá não só para me recuperar de um resfriado, com a ideia de pintar uma paisagem que eu não via há anos, mas também para me recuperar de um mal-estar mais profundo, a respeito do qual lhe fiz algumas insinuações tempos atrás. Não fiz nenhum progresso, como pode ver na saudação desta carta. Você estava sempre comigo, minha musa, e eu pensava em você com uma intensidade espantosa, não só em sua beleza e sua agradável companhia, mas também em seu riso, em seus mínimos gestos, em cada palavra que você me disse desde que comecei a gostar de você mais do que deveria, na afeição que sinto em sua presença e fora dela.

Então, voltei para Paris não menos doente que quando parti, e, em minha chegada, resolvi tentar até mesmo aqui mergulhar no trabalho e deixá-la em paz. Não esconderei de você o prazer que seu bilhete me trouxe — a ideia de que talvez de alguma maneira você não desejasse que eu a deixasse em paz — de que também sentira minha falta. Não, não — não houve ofensa nenhuma, senão a que, com a minha tolice, eu talvez lhe tenha

causado. Só posso resolver viver perto de você com toda a compostura que eu for capaz de reunir.

Que tolíce um velho ficar tão abalado, há de pensar você, ainda que seja muito bondosa para dizer-me isso. Naturalmente, você estará certa. Mas neste caso também subestimarás o seu próprio poder, minha cara, o poder de sua presença, sua receptividade à vida e como isso me comove. Hei de deixá-la em paz o mais possível, porém sem mais me afastar completamente, já que você, tanto quanto eu, não parece desejar isso. Pelo que sejam louvados todos aqueles deuses autoritários e caindo aos pedaços que vi na Itália.

Mas esta é apenas uma parte de minha história. Aqui devo respirar fundo e deixar por uns minutos a tarefa de lhe escrever, para tentar buscar a força suplementar de que preciso. Durante todo o tempo em que estive ausente, achei que não conseguiria, mesmo se você o desejasse, voltar a você, fosse em pessoa ou por carta, sem cumprir a promessa mais difícil que lhe fiz.

Como você há de se lembrar, eu disse que um dia lhe contaria sobre minha mulher. Arrependo-me a cada hora desta declaração. Fui egoísta a ponto de achar que você não pode me conhecer sem saber a respeito dela, e até que eu poderia — como sugeri — sentir um pequeno alívio ao lhe contar. E eu jamais quebraria intencionalmente qualquer promessa feita a você. Se pudesse lhe dar todo o meu passado, e sumir com todo o seu futuro, eu faria isso, como pode imaginar; e é sempre uma tristeza para mim não poder fazê-lo. Veja o tamanho do meu egoísmo — para pensar, como eu penso, que você poderia ser feliz comigo quando já tem todas as razões para ser feliz.

Ao mesmo tempo, senti profundamente o meu equívoco em lhe fazer esta promessa, porque a história da minha mulher não é uma história que eu transmitiria de boa vontade a você, com sua inocência encantadora, suas esperanças para com o mundo. (Isso há de aborrecê-la, eu sei, e você verá tarde demais a triste verdade de minha análise.) De todo modo, imploro-lhe que guarde as páginas seguintes para uma hora em que possa se

sentir capaz de ouvir algo terrível, e no entanto totalmente verdadeiro — e peço que se dê conta de que hei de me arrepender de cada palavra. Depois de ler isso, você saberá um pouco mais que meu irmão sabe, e muito mais que meu sobrinho. E mais, sem dúvida, que todas as demais pessoas. Saberá também que esta é uma questão política, e, conseqüentemente, minha segurança estará em suas mãos. E por que deveria eu fazer uma coisa dessas — contar-lhe algo que só pode consterná-la? Bem, esta é a natureza do amor: ele é brutal em suas exigências. O dia em que reconhecer por si mesma sua natureza brutal, você olhará para trás e me conhecerá melhor ainda, e me perdoará. Provavelmente, eu já terei morrido há muito, mas, onde quer que eu esteja, hei de abençoá-la por sua compreensão.

Conheci minha mulher bastante tarde; eu já tinha 43 anos e ela, 40. O nome dela, como talvez você saiba por meu irmão, era Hélène. Ela era uma mulher de boa família, de Rouen. Nunca se casara, não por lhe faltarem qualificações para isso, mas por ter sob seus cuidados a mãe viúva, que só morreu dois anos antes de nos conhecermos. Após a morte da mãe, ela foi morar com a família da irmã mais velha em Paris, e tornou-se tão indispensável para eles quanto fora para a mãe. Ela era uma pessoa digna e doce, séria, mas não sem humor e, desde nosso primeiro encontro, fiquei atraído por seu porte e por sua consideração pelos outros. Ela se interessava por pintura, embora não tivesse tido grande educação artística e fosse mais dada aos livros; lia alemão e um pouco de latim também, tendo o pai acreditado que a filha deveria ser instruída. E era tão dedicada que envergonhava minhas dúvidas levianas. Eu admirava sua firmeza em tudo.

Seu cunhado, um velho amigo, foi meu defensor no namoro (embora soubesse muito a meu respeito, talvez, para o bem da minha reputação), e outorgou a Hélène um dote generoso. Casamo-nos na igreja de Saint-Germain l'Auxerrois, na presença de alguns amigos e parentes, e fomos para uma casa em Saint-

Germain. Vivíamos discretamente. Continuei com minha pintura e minhas exposições, e ela administrava muito bem a nossa casa, onde meus amigos se sentiam bem-vindos. Cheguei a amá-la muito, com um amor em que havia mais estima que paixão. Éramos muito velhos para esperar filhos, mas estávamos satisfeitos um com o outro e eu sentia que sua influência me tornava mais profundo e domava um pouco do que ela sem dúvida considerava minha rebelde vida pregressa. Graças à confiança que depositou em mim, envolvi-me mais profundamente com a pintura e meu talento se desenvolveu.

Poderíamos ter vivido para sempre assim se nosso imperador não tivesse considerado seu direito mergulhar a França naquela mais inútil das guerras, invadindo a Prússia — você, minha cara, era uma menina, mas as notícias da Batalha de Sedan devem ser chocantes em sua lembrança, também. Depois, veio o terrível troco dos exércitos deles — e o cerco que arrasou nossa pobre cidade. Agora devo lhe dizer, e com franqueza, que eu estava entre os que se irritaram insuportavelmente com tudo isso. Decerto, eu não fazia parte da turba feroz, mas era um daqueles moderados que achavam que Paris e a França já haviam sofrido além da conta nas mãos do despotismo inconsequente, luxuoso e que, por isso, se insurgiam contra isso.

Você sabe que passei muitos desses últimos anos na Itália, mas o que eu não lhe contei é que eu me exilei, retirando-me do que sem dúvida teria sido perigoso, até poder ter certeza de retomar uma vida pacata em minha cidade natal — retirando-me com tristeza e também com cinismo. Eu na verdade era um amigo da Comuna e, no fundo, não me envergonho disso, apesar de lamentar por meus camaradas a quem o estado não perdoou por suas convicções. Por que, de fato, deveria qualquer cidadão de Paris ter suportado sem uma reação revolucionária — ou sem o mais forte protesto, pelo menos — o que não havíamos aprovado em primeiro lugar? Nunca abandonei esta convicção, mas paguei tão caro por ela que talvez não tivesse me comprometido a agir se soubesse o que isso me custaria.

A Comuna foi instituída no dia 26 de março e não houve muito problema para minha unidade até o início de abril, quando teve início a luta nas ruas onde estávamos dispostos. Você já estaria morando nos arredores da cidade, e em segurança, como sei por perguntas que fiz a Yves desde que voltei; ele me diz que só foi conhecer sua família mais tarde, mas que você passou incólume pela calamidade, à parte as privações de que ninguém conseguia escapar. Talvez você me conte que ouviu tiroteio em ruas distantes, talvez nem isso. Firmei o compromisso de levar mensagens de uma brigada a outra, onde havia fuzilaria, fazendo esboços das cenas históricas sempre que possível sem colocar em risco a vida de ninguém a não ser a minha.

Hélène não tinha as mesmas simpatias que eu. Sua convicção a alinhava fortemente com os direitos do regime recém-derrubado —, mas ela era delicada em relação a tudo em que eu acreditava; pediu-me para não dividir com ela coisa alguma que pudesse me comprometer, caso algum de nós fosse preso. Por isso, não contei a ela onde a brigada com a qual eu estava mais envolvido se encontrava acampada, e não lhe contarei agora. Era uma rua antiga e estreita: nós a bloqueamos na noite de 25 de maio, sabendo que esse obstáculo seria de grande importância na defesa da área se, como esperávamos, o governo traidor enviasse milícias para tentar acabar conosco no dia seguinte.

Prometi a Hélène que eu não demoraria, mas, à noite, surgiu a necessidade de transmitir mensagens a nossos camaradas em Montmartre, e ofereci-me para ser o portador, já que a polícia não desconfiava de mim. Aliás, cheguei àquela área sem ser detido. E assim eu também voltaria se não tivesse sido capturado e detido. Era meu primeiro contato com a milícia. Meu interrogatório foi prolongado e ameaçado várias vezes de se tornar violento, e só fui liberado no dia seguinte. Passei muitas horas pensando que poderia ser executado ali mesmo. Ademais, não lhe contarei os detalhes do meu interrogatório, já que não

desejo que tenha conhecimento deles, mesmo oito anos depois. Foi uma experiência terrível.

Mas preciso e hei de lhe contar o que é infinitamente pior: Hélène, sentindo minha falta à noite e ficando aflita, começou a procurar por mim ao raiar do dia, perguntando a nossos vizinhos até sua apreensão acabar persuadindo um deles a levá-la à nossa barricada. Eu continuava preso. Ela chegou diante da barricada para indagar por mim no exato momento em que as tropas do centro apareceram, abrindo fogo contra todos os presentes, integrantes da comuna e passantes indistintamente. O governo, claro, negou todos os incidentes desse tipo. Ela caiu, alvejada na testa. Um dos meus companheiros a reconheceu, puxou-a do meio da escaramuça e protegeu seu corpo atrás dos escombros.

Quando cheguei, já depois de ter ido correndo à nossa casa e a encontrado vazia, Hélène já esfriava. Jazia em meus braços com os cabelos e as roupas todos ensanguentados. Seu semblante só mostrava surpresa, embora seus olhos tivessem se fechado sozinhos. Sacudi-a, chamei por ela, tentei despertá-la. Meu único e triste consolo era ela ter tido uma morte instantânea — isso e a convicção de que, se ela soubesse o que estava para acontecer, seria da sua natureza encomendar a alma a Deus naquele momento.

Sepultei-a, mais apressadamente do que queria, no cemitério de Montparnasse. Em poucos dias, minha dor aumentou com a rápida derrota de nossa causa e a execução de milhares de camaradas, inclusive de nossos organizadores. Durante esta extinção final, fugi da França com a ajuda de um amigo que morava próximo a um dos portões da cidade. Viajei sozinho rumo a Menton e à fronteira, sentindo que eu não poderia fazer mais nada por um país que recusara sua única esperança de justiça, além de não querer viver temendo ser detido.

Meu irmão permaneceu fiel a mim durante todo esse calvário, ocupando-se da memória e da sepultura de Hélène em silêncio e me escrevendo de vez em quando, durante minha ausência,

para me aconselhar se eu poderia voltar ou não. Fui um ator menor nesse drama e, no fim, não interessava a um governo com tanta coisa para reconstruir. Regressei, de fato, não por vontade de contribuir para o bem-estar da França, mas por gratidão a meu irmão e pelo desejo de ser útil para ele em suas aflições. Descobri, não por ele, mas sim por Yves, que ele estava perdendo a visão. Qualquer ajuda que eu pudesse lhe dar e o hábito persistente de seguir com a minha pintura eram os únicos prazeres que me restavam até conhecê-la. Eu era uma ruína sem mulher, sem filhos e sem país. Vivia sem o sonho de melhorar a sociedade que deve ser a motivação de todos os homens dotados de razão, e minhas noites eram um horror por causa da morte que me enchera os braços com um sacrifício inútil e cruel.

O esplendor de sua presença, seus dotes naturais, a delicadeza de sua afeição e de sua amizade já significam mais para mim do que posso dizer. Agora acho que precisarei menos que nunca explicar-lhe isso. Não vou rebaixá-la insistindo na necessidade de guardar segredo — quase toda a minha felicidade já está em suas mãos. E, temendo ver que não consigo ou não quero cumprir minha promessa e lhe enviar essas verdades a meu respeito, encerro rapidamente subscrevendo-me, de todo coração,

*Seu
O. V.*

CAPÍTULO 53

MARLOW

Eu prestara especial atenção à informação de Mary de que Robert Oliver vira pela primeira vez a mulher que o obcecava no meio de muita gente no Metropolitan Museum, e agora considerava se poderia perguntar a Robert sobre o incidente diretamente. O que quer que tivesse acontecido ali, o que quer que ele tivesse visto nela, absorvera muito da sua atenção — e provavelmente moldara sua doença — desde então. Se ele tivesse imaginado a mulher no meio daquela gente no Met — em outras palavras, se ela fosse a alucinação dele, isso implicaria uma reconsideração do diagnóstico que eu fizera de Robert, e uma mudança séria em seu tratamento. Será que agora ele pintava de memória, tivesse ou não visto originalmente uma mulher de carne e osso? Ou continuava tendo alucinações? O fato de que ele aparentemente estava pintando uma mulher moderna, entrevista uma vez, com roupas do século XIX, já implicava um ato imaginativo, talvez involuntário. Será que ele tinha outras alucinações? Caso tivesse, não as estava pintando, pelo menos no momento.

Fosse como fosse, na ocasião de sua mudança para Greenhill com Kate, ele andara imaginando a cara da mulher pelo menos de vez em quando; afinal, Kate encontrara um esboço dela no bolso da camisa de Robert durante a viagem para o sul. Mas se eu lhe perguntasse sobre a primeira vez que viu a mulher e incluísse qualquer informação sobre o museu, ele saberia imediatamente que eu andara conversando com uma pessoa chegada a ele, e as possibilidades ficariam bastante reduzidas, então —, talvez a apenas uma, considerando que ele já sabia que eu tinha o sobrenome de Mary. Aparentemente, ele confiara em Mary, mas não

em Kate, e era improvável ter tocado no assunto com mais alguém, a menos que possuísse amigos em Nova York a quem pudesse ter mencionado aquela inesquecível primeira visão que teve da mulher. Ele sugerira a Mary que só vira a estranha algumas vezes, mas eu achava difícil acreditar nisso, especialmente depois de ter visto todos aqueles quadros fortes na casa de Kate. Com certeza, ele fora íntimo dela e absorvera seu rosto e sua presença com o passar do tempo. Robert afirmava não trabalhar a partir de fotografias, mas será que teria conseguido convencer uma estranha a posar para ele até ele reunir material suficiente a partir do qual pudesse pintar futuros retratos?

Eu não podia correr o risco de perguntar nada disso a Robert; se lhe revelasse a extensão do meu conhecimento, eu jamais ganharia sua confiança. Provavelmente fora um erro eu lhe contar que sabia o sobrenome de Mary. Cheguei, sim, até a indagar, numa de minhas visitas matinais à poltrona grande em seu quarto, onde ele conhecera a mulher que inspirara quase todo o seu trabalho. Ele me olhou rapidamente e voltou ao romance que estava lendo. Depois de algum tempo, só pude pedir licença para me retirar e lhe desejar um bom dia. Ele se habituara a pegar *thrillers* policiais nas estantes de brochuras bastante manuseadas na sala de estar dos pacientes, lendo-os com um misto de tédio e dedicação quando não estava pintando; consumia cerca de um por semana, e era sempre uma literatura comercial das mais ordinárias sobre a Máfia ou a CIA, ou crimes misteriosos ambientados em Las Vegas.

Não me espantaria se Robert tivesse alguma simpatia pelos criminosos desses livros, uma vez que ele mesmo tinha sido detido empunhando uma navalha. Kate dissera que ele às vezes lia *thrillers*, e eu os vira nas estantes de seu ateliê, mas ela também dissera que ele lia catálogos de exposições e obras sobre história. Havia livros muito melhores que aqueles romances policiais na sala de estar dos pacientes, incluindo algumas biografias de artistas e escritores (confesso que eu mesmo coloquei algumas destas nas estantes, para ver se ele as pegaria), mas ele jamais tocou nelas. Eu só podia esperar que as histórias de assassinato não

estimulassem mais nele o gosto pela violência, embora não visse sinais disso. Era tão improvável que ele me contasse onde e como entrara em contato com sua modelo preferida quanto me explicar por que limitava sua leitura ao que havia de pior na estante da sala dos pacientes.

No entanto, a história de Mary sobre a primeira vez em que ele pôs os olhos naquela dama me dera outra ideia, e talvez a menção que ela fizera, rindo, ao gênio de Sherlock Holmes é que tenha me levado a ficar meditando sobre aquela historinha. Até liguei um dia para Mary e lhe pedi para repetir o caso assim como Robert lhe contara na Faculdade Barnett, e ela o fez, praticamente com as mesmas palavras. Por que eu estava perguntando? Ela prometera explicar mais depois, e o faria. Agradei-lhe educadamente, acusando o recebimento dos textos que ela estava enviando e tomando o cuidado de não pressioná-la para nenhum tipo de encontro.

Mas eu não conseguia me livrar do que eu sentia sobre aquele momento, e uma ideia holmesiana a esse respeito se apossou de mim — uma desconfiança específica, mas também uma noção de que, em princípio, devia-se ir pessoalmente à cena do acontecimento. Era justamente o Met, e eu fora lá muitas vezes ao longo dos anos, mas queria descobrir o ponto da primeira alucinação, ou da inspiração de Robert, ou... teria sido o ponto em que ele se apaixonara? Mesmo se não houvesse nenhuma arma na cena, nenhuma corda pendurada no teto, nada que uma pessoa pudesse sacar, uma lupa para examinar — bem, era bobagem, mas eu iria, em parte porque eu poderia combinar isso com uma missão mais importante, uma visita a meu pai. Eu costumava ir a Connecticut de seis em seis meses, mas já não ia havia quase um ano, e embora ele parecesse alegre ao telefone e nos bilhetinhos que mandava no papel timbrado da paróquia (precisava ser usado para acabar, dizia ele, e desdenhava do correio eletrônico), eu receava que, se houvesse algo de errado, ele nunca me contaria por qualquer desses meios. E o que poderia haver de errado, se é que

havia realmente algo, seria ele estar um pouco desanimado, o que seguramente ele não contaria.

Com tudo isso em mente, escolhi um fim de semana próximo e comprei duas passagens de trem, uma ida e volta para a Penn Station partindo de Washington, e uma ida e volta partindo de Nova York para minha cidade natal. Fiz a extravagância de gastar fazendo a reserva para uma noite num hotel sombrio, mas agradável perto da Washington Square, um lugar onde eu já passara um fim de semana com uma jovem com quem eu mais ou menos esperava me casar, surpreendendo-me, agora, ao constatar há quanto tempo fora aquilo e o quanto já me esquecera dela, uma mulher que eu já beijara numa cama de hotel e com quem eu me sentara nos bancos do parque da Washington Square, enquanto ela apontava para todas as espécies de árvores que ali cresciam. Eu não sabia onde ela estava agora; provavelmente se casara com alguém e já tinha netos.

Pensei por um momento em convidar Mary para ir comigo a Nova York, mas não consegui explicar a mim mesmo o que esse convite poderia acarretar nem como ela reagiria a ele, como eu resolveria ou mencionaria a questão dos quartos do hotel. Poderia ser conveniente ir ao museu com ela, uma vez que o passado de Robert Oliver a consumia ainda mais profundamente do que a mim. Mas era muito complicado. No fim, não lhe contei sobre os meus planos; ela não telefonava havia algumas semanas afinal, e eu achava que ela continuaria a me enviar os textos sobre Robert quando estivesse pronta. Eu ligaria para ela quando voltasse, decidi. Informei à minha equipe que faltaria um ou dois dias de trabalho para visitar meu pai, e então dei as ordens costumeiras para que Robert e meus outros pacientes preocupantes fossem vigiados com atenção especial.

Fui direto da Penn Station à Grand Central para pegar o trem para New Haven; eu passaria a noite na casa de meu pai antes da visita à cidade. Não é uma viagem ruim, e sempre gostei de trem, que uso

para ler e sonhar acordado. Dessa vez, li um pouco do livro que eu trouxera, uma tradução de *O vermelho e o negro*, mas também contemplei o cenário do início de verão passando lá fora, o coração miseravelmente estragado do Corredor Nordeste, armazéns de tijolos aparentes, os fundos das casas dos bairros ferroviários em cidades pequenas e cidades da periferia, uma mulher pendurando roupa na corda em câmera lenta, crianças num pátio de asfalto de uma escola, um aterro altíssimo com gaivotas sobrevoando-o em círculos como urubus, o brilho do ferro se projetando do chão aqui e ali.

Devo ter cochilado, porque o sol iluminava a água salgada quando chegamos à costa de Connecticut. Sempre adorei aquela primeira visão do Estreito de Long Island, das Ilhas Thimble, das velhas estruturas empilhadas, das marinas cheias de barcos novos. Eu praticamente fui criado nessa costa; nossa cidade fica dezesseis quilômetros para o interior, mas os sábados na minha infância significavam um piquenique na praia pública em Grantford ali perto, ou um passeio pelos jardins do Solar Lyme, ou uma caminhada pelas estradas das marismas que terminavam em alguma pequena plataforma da qual a gente podia ver melros de asa vermelha com o binóculo de mamãe.

Nossa cidade, na verdade, era construída numa das margens do rio Connecticut que os britânicos teriam tomado a fogo em 1812 não tivessem os cidadãos mais importantes da cidade se apressado em negociar com o capitão britânico, e este então tivesse descoberto que o prefeito da cidade era primo de seu pai e todos tivessem confraternizado. O prefeito asseverou sua disposição de reconhecer o rei, o capitão passou por cima da tibieza da declaração do primo, e todos ficaram amigos. Naquela noite, a cidade se reuniu na igreja — não na de meu pai, mas numa muito antiga que fica exatamente em cima da água — para agradecer. As cidades ao redor foram incendiadas pelos britânicos e o prefeito deu guarida a seus cidadãos com o que devia ter sido generosidade, mas também culpa. Nossa cidade é o orgulho dos preservacionistas da história local: nossas igrejas, nossa pousada e nossas casas mais antigas

são originais — madeira virgem, poupada por laços de família. Meu pai adora contar essa história; cansei-me dela em criança, mas nunca deixo de me lembrar nem de me emocionar com ela quando vejo a água do rio novamente e o grupo de estruturas coloniais, muitas delas agora lojas cheias de velas e bolsas caras, no centro antigo.

A ferrovia chegou só trinta anos depois da partida do honrado capitão, mas apenas no outro extremo da cidade. A primeira estação já não existe há muito e em seu lugar há um belo prédio de cerca de 1895; a sala de espera — metal, mármore, madeira escura — tem o mesmíssimo cheiro de cera de móveis que tinha quando meus pais e eu esperávamos o trem que nos levaria a Nova York para ver o espetáculo de Natal no Radio City Music Hall, em 1957. Hoje, uns poucos passageiros liam o *Boston Globe* nos bancos de madeira que eu já adorava quando meus pés nem chegavam a encostar no chão.

Meu pai estava lá à minha espera, o chapéu de *tweed* na mão seca e transparente, os olhos azuis brilhantes e satisfeitos quando encontraram meu rosto. Deu-me um abraço e me segurou pelos ombros para me olhar, como se eu ainda estivesse em fase de crescimento e ele precisasse conferir o meu progresso. Sorri, perguntando-me se ele me via com todo o meu cabelo ainda castanho e ainda na cabeça, ou com as calças de sarja e o suéter grosso que eu usava em casa quando vinha da faculdade, em vez de um cinquentão, razoavelmente em forma, usando calças retas, camisa polo e blazer. E senti aquele prazer familiar de ser o filho crescido, de ter um pai. Fiquei impressionado de constatar como fazia tempo que eu não o via; antes, eu ia lá com mais frequência, e resolvi imediatamente demorar muito menos tempo para voltar. Este homem de quase 90 anos era minha prova da continuidade da vida, a barreira de proteção entre mim e a mortalidade — imortalidade, teria dito ele com um sorriso de repreensão, o clérigo nele tolerando o cientista em mim. Eu não duvidava muito que ele iria para o céu quando me deixasse, embora não acreditasse no céu desde os 10 anos. Onde mais uma pessoa daquelas poderia parar?

Ocorreu-me quando senti seus braços me envolvendo que eu já conhecia todo o trauma que acompanha a morte de um de nossos pais, e sabia também que ficaria mais traumatizado ainda com a perda de meu pai quando chegasse a hora, por já ter perdido precocemente minha mãe, pelas lembranças que tínhamos dela e pelo fato de ter sido ele o meu último cuidador, o segundo a morrer. Eu ajudara pacientes a enfrentar tais passagens, na verdade, e sua tristeza muitas vezes custava a passar e era complexa; depois que perdi minha mãe, passei a entender que até mesmo o mais tranquilo desaparecimento da presença parental podia ser devastador. Se houvesse sintomas mais sérios num paciente, como uma luta contínua contra a doença mental, a morte de um pai ou de uma mãe poderia acabar com equilíbrios delicados, romper com padrões cuidadosamente mantidos de lidar com problemas.

Mas de modo nenhum meu conhecimento profissional poderia me consolar antes do tempo pela futura perda deste homem afável de cabelos brancos vestido com aquele casaco leve de verão, com seu misto de otimismo e cinismo em relação à natureza humana, sua habilidade serena de fazer o exame de vista ano após ano, apesar dos olhares de dúvida dos funcionários do departamento de trânsito. Ao vê-lo agora ali, à minha frente, prestes a completar 89 anos no outono e, no entanto, tão inteiro, eu enxergava ao mesmo tempo sua presença e sua ausência iminente. Ao vê-lo ali, bem-vestido à minha espera, o volume das chaves do carro e da carteira aparecendo nos bolsos de suas calças, os sapatos engraxados, senti como sempre a realidade e o vazio que um dia o substituiriam. Estranhamente, às vezes eu achava que ele só estaria completo para mim depois de morto, talvez por causa do suspense de amar alguém no fim da vida.

Enquanto ele continuava ali, abracei-o com firmeza — com força, até — surpreendendo-o tanto que ele precisou se equilibrar. Ele encolhera; eu agora era mais alto que ele no tamanho equivalente a uma cabeça.

— Oi, meu filho — disse ele, sorrindo e segurando meu braço com mão firme. — Vamos sair daqui?

— Claro, pai — pendurei a mala de mão no ombro, recusando a mão que ele estendeu para pegá-la. No estacionamento, perguntei se ele queria que eu dirigisse, depois me arrependi da pergunta; ele me olhou com severidade, achando graça, e tirou os óculos do bolso interno do blazer, limpando-os com um lenço antes de colocá-los. — Quando começou a usar isso para dirigir? — perguntei para disfarçar a gafe.

— Ah, eu devia ter começado a usar há anos, mas não precisava tanto. Agora é um pouco mais fácil quando eles estão sobre o meu nariz, confesso.

Deu a partida no carro, e saímos magistralmente do estacionamento. Vi que ele dirigia mais devagar do que eu me lembrava e que se sentava inclinado à frente; os óculos deviam ser antigos. Parecia-me que sua teimosia era uma das principais características que ele passara ao filho único. Isso nos conservara e nos fortalecera a ambos, mas será que também nos tornara solitários?

CAPÍTULO 54

MARLOW

Nossa casa fica a poucos quilômetros da estação, logo atrás da região histórica da cidade e bem próxima da água. Desta vez, por alguma razão, me emocionei quando vi a porta de entrada no fim daquela curta, mas melancólica fileira de ciprestes. Já tinham se passado décadas desde a última vez que eu vira minha mãe abrir aquela porta; não sei por que, naquele dia, isso mexeu comigo mais que o normal.

Disfarcei — nada poderia ter magoado mais meu pai do que eu mencionar um sentimento desses — elogiando o bom aspecto do jardim e deixando meu pai mostrar as sebes que podara na semana anterior, a relva que ele mesmo mantinha bem-aparada. Havia o cheiro familiar do buxo, vasos de marias-sem-vergonha em volta da pequena porta da entrada. Na frente, pelo menos, o jardim não era grande, porque o comerciante do século XVII que construíra a casa quisera-a perto da rua. Nos fundos, era maior, estendendo-se até os vestígios maltratados de um pomar e até a horta da qual minha mãe de algum jeito cuidava nas horas vagas. Todo verão, meu pai ainda plantava uns pés de tomate, e algumas raízes retorcidas de salsa brotavam entre eles, mas papai não era o jardineiro que ela fora.

Meu pai abriu a casa e me fez entrar, e, como sempre, fui assediado por objetos e odores com que eu crescera, o surrado tapete turco no hall de entrada, a prateleira de canto que abrigava um gato de cerâmica que eu fizera numa aula de arte e vitrificara para deixá-lo parecido com aqueles do livro sobre arte egípcia antiga de minha mãe — ela ficara orgulhosíssima da minha iniciativa, da minha percepção. Acho que toda criança faz algumas coisas toscas assim, mas nem toda mãe as guarda para sempre. O

aquecedor fazia ruídos no hall de entrada; via-se que não era do século XVIII, mas mantinha o andar de baixo aquecido e exalava um cheiro que eu sempre adorara, de pano chamuscado.

— Só liguei isso hoje de manhã — desculpou-se meu pai. — Está um frio louco para o verão.

— Boa ideia.

Larguei a mala ao lado do aquecedor e fui ao banheiro, que ficava na cozinha, lavar as mãos. A casa estava arrumada, limpa, agradável, e o assoalho reluzia — meu pai cedera no último ano à minha insistência e contratara uma empregada doméstica, uma senhora polonesa de Deep River que vinha de quinze em quinze dias. Meu pai disse que ela esfregava até os canos embaixo da pia da cozinha. Mamãe teria gostado disso, assinalei, e ele teve de concordar.

Quando já tínhamos lavado as mãos, ele disse que havia uma sopa para o meu almoço tardio e começou a passá-la para uma panela no fogão. Suas mãos tremiam um pouco, notei, e dessa vez convenci-o a deixar que eu preparasse a nossa refeição, esquentando a sopa e providenciando os pickles e o pão de centeio integral e o chá inglês que ele adorava, aquecendo o leite para que este não esfriasse o chá dele. Ele sentou-se na cadeira de vime que minha mãe comprara para o canto da cozinha, contando-me sobre seus paroquianos sem mencionar seus nomes. Mas eu sabia quem eram quase todos, afinal, eles ou seus filhos crescidos estavam há anos com ele; uma perdera o marido num desastre de automóvel, outro se aposentara depois de quarenta anos lecionando no ensino médio e comemorara tendo uma crise de fé muito pessoal mas desesperadora.

— Eu disse a ele que não podíamos ter certeza de nada a não ser da força do amor — contou meu pai —, e que não se exigia que ele acreditasse numa fonte específica desse amor, desde que pudesse continuar recebendo e dando um pouco de amor em sua vida.

— Ele não voltou a acreditar em Deus? — perguntei, espremendo os saquinhos de chá.

— Ah, não — meu pai estava sentado com as mãos metidas serenamente entre os joelhos, fitando-me com os olhos úmidos. — Eu não esperava que voltasse. Na verdade, ele já não acreditava há anos, e a atividade docente apenas o mantinha ocupado demais para se preocupar com a questão. Agora ele vem me visitar uma vez por semana e jogamos xadrez. Meu compromisso é derrotá-lo.

E mostrar que ele é amado, acrescentei com admiração muda. Meu pai nunca demonstrara o menor desrespeito por meu ateísmo natural, nem quando eu queria discutir com ele no ensino médio e depois na faculdade, queria provocá-lo.

— A fé é simplesmente o que quer que seja real para a gente — ele sempre me dizia em resposta, e depois citava Santo Agostinho ou um místico sufi e cortava uma pera para mim, ou montava o tabuleiro de xadrez.

Durante o almoço e depois, enquanto saboreávamos uns pedaços de chocolate amargo, o prazer frugal de meu pai, ele me perguntou como estava indo o meu trabalho. Eu não pretendia mencionar Robert Oliver para ele — sentia vagamente que minha preocupação com o homem poderia parecer desequilibrada, injusta com meus outros pacientes, entre outras coisas, ou ainda pior, que eu poderia não conseguir justificar para ele as atitudes que eu tomara por causa de Robert. Mas naquela sala de jantar calma e sossegada, eu me vi contando a ele praticamente a história inteira. Como meu pai, não mencionei o nome do meu paroquiano. Ele escutava com o que eu via ser um interesse autêntico, passando manteiga no pão de centeio; como eu, não havia nada de que ele gostasse mais que um retrato humano. Contei-lhe minhas conversas com Kate; não disse que tinha voltado à noite à casa dela nem que convidara Mary para jantar. Talvez ele perdoasse até mesmo essas coisas, presumindo, como naturalmente faria, que eu me preocupava com o que era melhor para Robert.

Quando contei que Robert usava sempre as mesmas roupas, trocando-as apenas quando precisavam ser lavadas, que só lia livros aquém do seu intelecto e que se recusava a falar, meu pai

anuiu com a cabeça. Ele acabou de tomar a sopa, pousou a colher. Ela lhe escorregou da mão, batendo no prato, e ele a endireitou.

— Penitência — disse.

— Como assim? — peguei o último quadrado de chocolate.

— Este homem está fazendo penitência. É isso que você está descrevendo, acho eu. Ele pune sua carne e elimina o desejo de sua alma de falar sobre seu sofrimento. Mortifica corpo e alma para expiar alguma coisa.

— Expiar? O quê?

Meu pai serviu outra xícara de chá, cuidadosamente, e me contive para não ajudá-lo.

— Bem, é mais provável você saber disso do que eu, não?

— Ele largou a mulher e os filhos — disse eu pensando alto. — Possivelmente por outra. Mas acho que não foi assim tão simples. Parece que, de alguma maneira, a ex-mulher pensa que ele nunca lhe pertenceu realmente, e a outra com quem ele foi viver tem a mesma impressão. Ele também largou esta, em pouco tempo. E já que não fala comigo, não tenho como adivinhar quão culpado ele se sente em relação a elas.

— Me parece — disse meu pai, secando os lábios com um guardanapo de papel azul —, que aqueles quadros todos fazem parte da penitência dele. Talvez ele esteja pedindo desculpas a ela.

— Você fala da mulher que ele pinta? Lembre-se de que ela pode ser um produto da imaginação dele — ressalttei. — Se ele a baseou numa pessoa real, como a esposa dele acha, foi numa pessoa que ele não conhecia bem. E a mulher que ele abandonou há pouco tempo parece acreditar que ele não poderia conhecer bem a dama misteriosa, mesmo se ela fosse real, embora eu não tenha certeza se concordo.

— Não é do interesse dela pensar isso? — meu pai estava recostado na cadeira, contemplando nossos pratos vazios com a mesma atenção que sempre dava ao peão da minha dama. — Seguramente, seria horrível para ela descobrir que ele andara pintando sem parar uma mulher de carne e osso que ele conhecia

intimamente, sobretudo dada a natureza dos retratos que você descreveu, a paixão inerente a eles.

— É verdade — disse eu. — Mas se o modelo de Robert for de verdade ou se for fruto de alucinação, por que ele precisaria se penitenciar por causa dele? Será que o modelo poderia ser uma pessoa real que de alguma forma ele tenha prejudicado? Se estiver pedindo desculpas a uma alucinação, está pior que pensei.

Estranhamente, meu pai tornara a dizer o que sempre me disse no ensino médio, um eco da frase na qual eu estivera pensando havia pouco. “Fé é o que é real para a gente.”

— Sim — disse eu. Fiquei aborrecido. Eu nem podia voltar ao lar da minha família, ao meu santuário, sem ser perseguido por Robert Oliver. — Ele tem a deusa dele, isso é certo.

— Vai ver que ela tem a ele — observou meu pai. — Pronto, vou tirar esses pratos, provavelmente você quer dar uma descansada depois da viagem.

Eu não podia negar que a casa estava me ninando, como sempre fazia. Os relógios em cada quarto, alguns deles quase da idade dos consoles de lareira onde ficavam, faziam um ruído que parecia dizer: “Dorme, dorme, dorme.” Era raríssimo eu conseguir descansar o suficiente de uma semana para a outra, no mundo lá fora, jamais gostei de desperdiçar meus fins de semana dormindo. Ajudei meu pai a tirar a mesa e deixei-o com uma esponja ensaboada na mão, depois subi a escada.

Meu quarto estava eternamente reservado para mim, e nele havia um retrato de minha mãe que eu pintara (a partir de uma fotografia; eu não era um purista como Robert) mais ou menos um ano antes de ela morrer. Ocorreu-me que, se eu soubesse o que logo aconteceria com ela, eu a teria feito posar para mim, por mais inconveniente que pudesse ser para nós dois combinar as sessões — eu a teria feito posar não porque assim o retrato poderia ficar melhor (eu não era muito bom naquela época), mas porque dessa maneira talvez pudéssemos ter passado mais oito ou dez horas juntos. Eu poderia ter memorizado seu rosto vivo, depois, medido suas pequenas irregularidades com um pincel empunhado na

horizontal ou na vertical, sorrido para ela sempre que tirasse os olhos do quadro. Como estava, o retrato mostrava uma senhora digna, arrumada, quase bonita, com uma expressão profundamente pensativa, mas não revelava nada da vitalidade e da força que eu conhecera em minha mãe na vida real, nada daquele lampejo de humor pragmático. Ela estava com seu cardigã preto e sua gargantilha, um sorriso formal; a fotografia deve ter sido tirada para um boletim da paróquia ou para uma parede do gabinete.

Eu desejava agora, como já o fizera tantas vezes, que a tivesse pintado com o vestido vermelho que meu pai lhe dera de Natal, com a minha aprovação quando eu tinha 12 anos, a única peça de roupa que o vi comprar para ela. Ela o vestira para nós, prendera o cabelo e pusera no pescoço o colar de pérolas que usara em seu casamento. Era um vestido recatado de lã macia, adequado à esposa de um pastor e à pastora que ela recentemente se tornara. Quando desceu para o jantar de Natal, ficamos ambos sem fala, e meu pai tirara uma fotografia de minha mãe comigo, em preto e branco: minha mãe com seu magnífico vestido, e eu com meu primeiro blazer, que já estava ficando curto nas mangas — onde fora parar aquela foto? Preciso me lembrar de perguntar se ele sabe.

Meu quarto era revestido com um papel listrado de marrom e verde desbotado; o pequeno tapete parecia ter sido lavado recentemente, achei, um pouco fofo demais, e o piso de madeira reluzia — a empregada polonesa. Deitei-me na cama estreita que eu ainda considerava minha e adormeci, despertando no silêncio e percebendo que só dormira durante vinte minutos, depois mergulhando num sono mais profundo por mais uma hora.

CAPÍTULO 55

MARLOW

Quando acordei, meu pai estava parado no vão da porta sorrindo, e percebi que o rangido dos degraus enquanto ele subia lentamente a escada havia sido o meu despertador.

— Sei que você não gosta de dormir muito — disse ele se desculpando.

— Ah, é — ergui-me num cotovelo. O relógio na parede dizia que já eram cinco e meia. — Gostaria de sair para dar uma volta? — eu gostava de levar meu pai para passear sempre que ia visitá-lo, e ele se animava.

— Claro — disse ele. — Vamos passear na Duck Lane?

Eu sabia que isso significava ir até o túmulo de mamãe e eu não estava a fim de fazer isso hoje, mas por ele, concordei imediatamente, sentei-me na cama e comecei a calçar os sapatos. Ouvi meu pai descer novamente, sem dúvida, segurando o corrimão e colocando os dois pés no degrau antes de prosseguir. Eu estava agradecido pelo cuidado dele, mas não conseguia deixar de me lembrar do tropel dos seus passos quando ele descia para tomar café ou voltava para pegar um livro esquecido antes de ir para a igreja. Caminhamos devagar pela rua também, ele, com o chapéu na cabeça, segurando meu braço, e eu via de cada lado do caminho o início do verão, fresco e instável no momento, com juncos no pântano, um corvo saindo voando dos caniços, um sol crepuscular batendo nas casas vizinhas com as respectivas datas em cima das portas de entrada — 1792, 1814 (esta por pouco não vira a invasão britânica, notei, e a recusa polida do prefeito de ter a cidade incendiada).

Como eu já imaginava, meu pai parou diante dos portões do cemitério, que ficavam abertos até escurecer, e apertou meu braço com a maior delicadeza; entramos juntos e passamos pelos marcos manchados de líquens que traziam os nomes de fundadores esquecidos, alguns deles com aquela caveira puritana alada em cima para nos avisar do fim a que todos chegaríamos tivéssemos ou não pecado, e depois pelos túmulos mais recentes. O de minha mãe encontrava-se ao lado de uma família chamada Penrose, que jamais conheci, e a sepultura era grande o suficiente para acomodar meu pai quando ele se juntasse a ela. Pensei pela primeira vez se devia comprar ou não uma sepultura ali; diferentemente deles, eu já optara por doar meu corpo à ciência, e depois ser cremado, mas talvez aqui houvesse espaço para colocar uma urna entre meus pais; imaginei nós três dormindo juntos para sempre nessa cama *king-size*, meus restos reduzidos entre o esqueleto protetor de cada um deles.

A imagem não foi tão real para mim a ponto de me causar mais tristezas; o que me abateu foi ver o nome de minha mãe e suas datas, gravadas em letras simples no granito, seus anos demasiados fugazes — como era o verso de Shakespeare, o soneto? Alguma coisa, alguma coisa — “and summer’s lease hath all too short a date.”*

Citei em voz alta para meu pai, que se abaixara para retirar um galho da sepultura, e ele sorriu e balançou a cabeça.

— Há um soneto melhor para essa ocasião. Atirou o galho lentamente, mas com uma mira certa nos arbustos ao lado da cerca. — “But if the while I think on thee, dear friend, / All losses are restor’d, and sorrows end.”**

Achei que ele se referia a mim, seu amigo remanescente, bem como à minha mãe, e fiquei agradecido. Eu tentara nos últimos anos pensar nela em paz, não como eu a vira naqueles minutos finais, lutando para não nos deixar. Perguntei-me, como sempre fazia, o que era pior, ela ter morrido aos 54 anos ou a morte que tivera. Elas andavam juntas, essas duas tristes realidades, mas eu nunca me cansava de tentar desenredá-las, distinguir uma desgraça da outra.

Não consegui segurar o braço de meu pai enquanto estávamos ali parados, nem envolvê-lo com o meu, e fiquei muito comovido quando ele fez exatamente isso por mim, segurando minhas costas com aquela sua mão magra e envelhecida.

— Eu também sofro com a morte dela, Andrew — disse ele num tom neutro —, mas a gente aprende que a pessoa não está longe, especialmente quando se tem a minha idade.

Contive-me para não assinalar a diferença de sempre em nossas visões: eu acreditava que a dimensão de minha reunião com minha mãe seria a mistura, ao longo de milhares de anos, dos átomos que compunham nossos corpos.

— Sim, sinto-a perto de mim às vezes, quando estou fazendo o meu melhor. — O nó em minha garganta não me deixava falar mais, portanto, não tentei, e, não sei por que, lembrei-me de Mary, sentada em meu sofá com aquela blusa branca e aquele *blue jeans*, contando-me que não queria mais tornar a ver Robert Oliver. Há maneiras diferentes de aceitar a dor em diferentes circunstâncias; minha mãe nunca me abandonara, senão a contragosto, naqueles minutos que constituíram o seu adeus.

Subimos um pouco mais a Duck Lane, depois meu pai indicou, parando um pouco e dando meia-volta, que já estava farto de andar, e voltamos para casa mais devagar ainda. Comentei que o bairro continuava sossegado apesar da nova expansão da cidade para oeste, e ele disse que graças ao rio a rodovia interestadual não tinha se aproximado mais. A própria calma da rua me preocupava; que companhia meu pai poderia ter ali, se não tínhamos visto um único vizinho desde que saímos para aquele pequeno passeio? Meu pai anuiu com um gesto de cabeça, como se o silêncio à sua volta fosse uma vantagem. Diante de nossa casa, parei para dizer uma outra coisa que eu pensara no cemitério no entanto não conseguira falar — não sobre minha saudade de minha mãe, mas sobre o outro fantasma que me assombrava ali.

— Papai? Não sei se estou fazendo a coisa certa. Esse paciente sobre o qual lhe contei.

Ele entendeu logo.

— Você quer dizer interrogando as pessoas chegadas a ele?

Pus a mão no tronco de um de nossos ciprestes. Tinha a textura felpuda e descascada que me fazia lembrar da infância, a dureza da própria madeira por baixo.

— Sim. Ele me deu seu consentimento verbal, mas...

— É porque ele não sabe que você está interrogando, ou porque você não tem certeza dos seus motivos?

Como sempre, quando o abordava sobre um assunto importante, eu ficava boquiaberto com sua inteligência. Eu não lhe falara realmente de nada daquilo.

— As duas coisas, acredito eu.

— Volte-se para os seus motivos primeiro, então, acho eu, e o resto se arranja.

— Vou me voltar. Obrigado.

No jantar, que ele insistiu em cozinhar para nós, e em nosso jogo subsequente na mesa de xadrez da sala de estar — ele arrumou a lenha e acendeu o fogo, sentado numa cadeira baixa ao lado da lareira e enfiando gravetos através da grade — contou-me dos seus projetos de escrita e da mulher dez anos mais jovem que vinha de Essex uma ou duas vezes por mês para ler em voz alta para ele. Foi a primeira vez que falou nela, e perguntei-lhe como a conhecera, um pouco surpreso.

— Ela morava aqui e frequentava a igreja antes de eu me aposentar, depois se mudou com o marido, mas não para longe, e, assim, os dois vinham ouvir meu sermão emérito anual. Ele morreu, e eu não soube mais dela por muito tempo, então ela finalmente me mandou um bilhete e agora temos esses simpáticos encontros. Na minha idade, isso não pode ser muito, claro — acrescentou —, ou na dela, mas significa um pouco de companhia. — Eu sabia que ele também estava dizendo que não poderia amar ninguém senão minha mãe e a mim o suficiente para reorganizar seu curto futuro.

Fez menção de pegar sua dama, mas mudou de ideia. — Que tipo de companhia você tem atualmente? — perguntou-me.

Era uma pergunta inusitada da parte dele, e achei-a muito positiva.

— Você sabe que sou um velho solteirão pior que você, papai. Mas estou quase achando que encontrei uma pessoa.

— A jovem, você quer dizer — disse ele afável. — Certo? Aquela que seu paciente largou há pouco tempo.

— Não dá para enrolar você — observei-o tirar um bispo do caminho do perigo. — Sim. Mas ela é realmente muito jovem para mim, e acho que ainda pensa em tudo que aquele homem fez com ela — não acrescentei que o fato de eu a ter usado para uma pesquisa profissional complicava minha relação com ela, pois, nem mesmo que ainda estivesse solteira agora, ela fora amante do meu paciente e, portanto, era um problema ético; tudo isso seria igualmente óbvio para meu pai. — Uma mulher recém-abandonada pode ser complicada.

— E ela não é só complicada. É independente, fora do comum, linda — disse meu pai.

— Claro.

Fingi estar assustado com a segurança do meu rei, para divertilo. Ele não caiu.

— E você está preocupado, em primeiro lugar, porque ela há pouco tempo pertencia ao seu paciente.

— Bem, esta é uma questão que não se pode deixar de levar em conta.

— Mas ela agora está solteira, e já terminou com ele, na prática? Ele me lançou um olhar agudo.

Ainda bem que pude fazer que sim com a cabeça.

— Sim, acho que sim.

— Que idade ela tem, exatamente?

— Uns trinta e poucos anos. Dá aula de pintura numa universidade local e pinta bastante por conta própria também. Não vi

o trabalho dela, mas sinto que ela deve ser muito boa. Fez todo tipo de bico para seguir com a pintura a sério. Ela tem raça.

— Sua mãe tinha vinte e poucos anos quando me casei com ela. E eu também era alguns anos mais velho que ela.

— Eu sei, pai. Mas era uma diferença de idade muito menor. E nem todo mundo é feito para se casar como você e mamãe eram.

— Todo mundo é feito para isso — observou ele com um lampejo de prazer; na suave claridade da lâmpada e do fogo, ele estava pagando para ver o meu blefe. Sabia que eu nunca arriscaria o meu rei, nem mesmo para deixá-lo ganhar. — O problema é simplesmente encontrar a pessoa certa. Pergunte a Platão. Apenas se certifique de que ela termine os seus pensamentos e você termine os dela. É só disso que precisa.

— Eu sei, eu sei.

— E aí você precisa dizer a ela: “Madame, vejo que seu coração está partido. Permita-me consertá-lo para a senhora.”

— Eu não imaginaria que você tivesse isso na cabeça, pai.

Ele riu.

— Ah, eu nunca conseguiria dizer isso a mulher nenhuma.

— Mas você não precisou dizer, precisou?

Ele fez que não com a cabeça, os olhos mais azuis que o normal.

— Não precisei. Além do mais, se eu dissesse uma coisa dessas para sua mãe, ela me diria para eu me controlar e levar o lixo para fora para ela.

E lhe daria um beijo na testa enquanto falava.

— Pai, por que você não vem para Nova York comigo amanhã? Vou ao museu, e no quarto do hotel tem duas camas. Faz muito tempo que você não vai lá.

Ele suspirou.

— Essa agora é uma viagem longuíssima para mim. Eu não conseguiria acompanhá-lo direito. Andar até o armazém tem sido uma odisseia ultimamente.

— Eu entendo — mas eu não podia deixar de insistir; não queria que essa dificuldade já o levasse a não ver mais o mundo — Pois bem, então você não gostaria de vir me visitar em Washington no verão? Venho buscar você de carro. Ou talvez no outono, quando está mais fresco?

— Obrigado, Andrew. — Ele me pôs em xeque. — Vou pensar no assunto. — Eu sabia que ele não iria.

— Que tal pelo menos trocar os óculos, Cyril?

Era uma velha brincadeira, eu chamá-lo pelo nome de batismo quando tinha um pedido especial a lhe fazer.

— Não seja implicante, meu filho — ele estava sorrindo para o tabuleiro agora, e resolvi deixá-lo ganhar, o que ele quase fizera afinal; sem dúvida ele não tinha qualquer dificuldade para enxergar as peças.

* “...e a demora do estio é bem pequena.” (*N. da T.* — tradução livre)

** “Mas se no entanto eu penso em ti, caro amigo/ Toda perda se anula e os pesares terminam.” (*N. da T.* — tradução livre)

CAPÍTULO 56

1879

Ela acorda gritando. Yves, de touca de dormir, está sacudindo seu ombro, trazendo-lhe um pouco de conhaque do quarto de vestir. É só um sonho. Com o que ela sonhou? Com nada, responde — foi só uma estranha construção da imaginação dela. Uma vez que a tranquilizou, ele está de novo sonolento; trabalhou como um burro de carga estas últimas semanas, ela sabe; ela o deixa achar que está calma para que ele possa voltar a se esconder nos próprios sonhos. Ele respira de mansinho enquanto ela acende uma vela e se senta vestida com aquele penhoar debruado e cor-de-rosa na beira da cama até a claridade começar a se insinuar através das cortinas.

Ela acaba necessitando usar o penico; retira-o cuidadosamente de debaixo da cama e usa-o, levantando o robe para não molhá-lo. Ao se limpar, vê uma mancha vermelha, e tem de procurar na cômoda do quarto de vestir os paninhos que Esmé deixou dobrados na gaveta superior. Mais um mês sem esperança. O sangue em si é apavorante depois daquele sonho; ela o vê borbulhando em cima de uma face branca, escorrendo para as pedras do calçamento, o sangue de uma mulher se misturando na terra com o sangue dos homens que morreram por suas convicções.

Ela apaga a vela, receando que Yves acorde de novo; lágrimas queimam seus olhos. Ela pensa em Olivier. Não pode lhe contar seu sonho — não lhe daria semelhante desgosto. Mas agora desejava que ele estivesse ali, sentado na cadeira de damasco ao lado da janela, abraçando-a. Ela pega um robe mais quente e fica ali sentada sozinha, o cabelo solto e as lágrimas lhe escorrendo pelo pescoço. Se estivesse ali, ele se sentaria na cadeira dela primeiro, o

corpo comprido, um tanto magro, ocupando o espaço; depois ela se aninharia em seu colo como uma criança. Ele iria abraçá-la, enxugar seu rosto, puxar seu robe para cobrir-lhe os ombros e os joelhos. Ele é a pessoa mais amorosa que ela já conheceu, esse homem que uma vez se esquivou de balas com um caderno de desenho na mão. Mas aí, pergunta-se ela, por que ele deveria consolá-la? Seguramente a necessidade dele é maior. Isso traz de novo o sonho, e ela se encolhe mais na cadeira, amassando os seios com os braços, esperando o passado dele assentar dentro dela.

CAPÍTULO 57

MARLOW

Chegar a Nova York vindo daquela direção foi, como sempre, uma maravilha, antes de aparecer a cidade, a silhueta dos prédios despontando como uma fileira de lanças em riste: o World Trade Center, o Empire State, o Chrysler, e um monte de nulidades altíssimas cujos nomes e funções eu não sei nem nunca saberei — bancos, suponho, e prédios comerciais megalíticos. É difícil imaginar a cidade sem aquela silhueta, do jeito que devia ser quarenta anos atrás, e agora é cada vez mais difícil imaginar as Torres Gêmeas novamente fazendo parte dela. Mas no trem, naquela manhã, senti o otimismo que vem com muitas horas de sono profundo e a antecipação da vitalidade da cidade. Era uma sensação de estar de férias também, ou pelo menos longe do trabalho — já duas vezes em poucos meses; não havia mensagens de Goldengrove nem de qualquer dos meus pacientes particulares, e eu me sentia verdadeiramente livre. Ocorreu-me que Mary poderia ter ligado, mas não ligara, e por que deveria? Eu precisaria esperar pelo menos mais algumas semanas antes de ligar para ela — mais uma vez desejei que ela tivesse permitido que eu a entrevistasse, como Kate fizera, mas havia um prazer especial em ver suas palavras na página, e sua história era talvez mais sincera do que seria se ela tivesse de me contá-la cara a cara.

Até deixar as malas no Hotel Washington e ir a pé para o Village, eu não percebera por que havia escolhido aquela área, ainda que inconscientemente. Estas eram as ruas de Robert e de Kate; ele passara por elas diariamente a caminho da escola, sentara em bares com amigos com quem trocava opiniões e moletons, expusera seu trabalho em pequenas galerias não muito longe dali. Desejei

que Kate me tivesse dito seu endereço, embora eu não conseguisse bem me imaginar procurando o número, espichando o pescoço para o prédio: *Robert Oliver dormiu aqui*. Mas, estranhamente, senti sua presença. Era fácil imaginá-lo com uns 29 anos, igual ao que era hoje, mas sem nenhum fio prateado no cabelo crespo. Já Kate era um enigma; seguramente era diferente naquela época, mas eu não conseguia imaginar o quanto.

Procurei-os pelas ruas, como num jogo: aquela jovem loura com o cabelo cortado à escovinha e uma saia comprida, o estudante com uma pasta pendurada pela alça no ombro — não, Robert era mais alto e com uma aparência mais forte que qualquer um naquela calçada apinhada. Seu vulto teria se destacado ali, como em Goldengrove, embora em Nova York sua vivacidade tivesse sido mais bem-absorvida. Perguntei-me pela primeira vez se sua depressão não teria sido, em parte, devido ao simples deslocamento: uma pessoa fora dos padrões, que se destacava da maioria das outras, precisava de um cenário à altura da sua energia. Será que ele murchara aos poucos, longe de Manhattan? Fora Kate quem quisera se mudar para um lugar mais sossegado, um refúgio para crianças. Ou será que seu exílio desta cidade pulsante simplesmente aumentara sua determinação de perseguir sua vocação? Será que era essa a fúria que Kate observara quando ele pintava no sótão e dormia no horário das aulas em Greenhill? Será que ele estava tentando realmente ser demitido da faculdade para poder justificar um regresso a Nova York? Por que, quando acabou indo embora, ele fora para Washington e não para Nova York? A escolha de uma cidade diferente sugeria a força de seu vínculo com Mary, ou talvez fosse uma prova de que sua amante morena não estava mais em Nova York, se é que algum dia esteve.

Passei pelo local em que Dylan Thomas praticamente morrera na sarjeta, ou pelo menos dali fora tirado para a derradeira viagem ao hospital, e pela rua onde Henry James ambientara *Washington Square* — meu pai me lembrara deste livro naquela manhã, pegando um exemplar na estante do seu gabinete e me observando por cima dos óculos inadequados.

— Você ainda arranja tempo para ler, não, Andrew? — A heroína daquele livro morava numa das ruas ilustres defronte à praça, e quando finalmente rejeitou o pretendente interessado em seu dinheiro, pousou o bordado — “para toda vida, por assim dizer” — leu meu pai em voz alta.

De novo o fim do século XIX. Pensei em Robert e sua dama misteriosa, com saias amplas e os botões miudinhos, os olhos escuros mais vivos que a tinta supostamente seria. Naquela manhã, Washington Square estava sossegada com o sol de verão, gente conversando nos bancos, como há várias gerações se fazia, como eu já fizera com uma mulher com quem achei que poderia me casar, esse tempo todo passando por todo mundo e desaparecendo, todos nós desaparecendo com ele. Era reconfortante como a cidade continuava sem a gente.

Comi um sanduíche num café na calçada, depois peguei o metrô da rua Christopher para a rua 79 oeste e tomei um ônibus para atravessar para o outro lado. O Central Park transbordava de verde, com gente andando de skate e bicicleta, corredores escapando por um triz de morrerem atropelados por quem ia sobre rodas — um sábado sublime, Nova York exatamente como deveria ser, como eu não via fazia anos. Mais do que nunca, lembrei-me do meu mundo ali, irradiando-se para o sul a partir de Columbia, das minhas salas de aula e dos meus dormitórios de estudante da graduação. Nova York, para mim, significava juventude, do mesmo modo que significara para Robert e Kate. Saltei do ônibus e fui a pé umas duas quadras até o Met. A escadaria do museu estava coberta de visitantes, instalados ali como pássaros, se fotografando, ruidosos, descendo para comprar cachorros-quentes ou Coca-Colas nas carrocinhas ali perto, esperando a condução, ou os amigos, ou descansando os pés. Abri caminho entre essa gente toda e subi para o museu.

Eu não entrava ali havia quase dez anos, agora eu me dava conta. Como pude deixar passar tanto tempo entre mim e essa entrada extraordinária, o saguão majestoso com seus vasos de flores frescas, a algazarra dos bandos de gente a atravessá-lo, a

entrada enorme do Antigo Egito de um lado? Alguns anos mais tarde, minha mulher iria visitar o museu sozinha e me diria que uma nova área havia sido aberta bem embaixo da escada principal; ela entrara ali, cansada de perambular, e encontrara uma exposição do Egito Bizantino. Só duas ou três pessoas de cada vez cabiam no espaço. Ela chegara ali e se vira sozinha com apenas alguns objetos antigos, perfeitamente iluminados. E me disse depois que ficou com os olhos cheios d'água porque o que vira naquela sala a fizera sentir sua ligação com os outros seres humanos. (*Mas você estava sozinha*, disse eu, *Sim, sozinha com aqueles objetos que alguém havia feito.*)

Eu sabia que queria ficar a tarde inteira, ainda que minha visita por causa de Robert levasse só cinco minutos. Eu agora estava me lembrando de tesouros meio esquecidos: mobiliário colonial, balcões espanhóis, cartuns barrocos, um Gauguin grande e lânguido de que eu gostava especialmente. Eu não deveria ter ido ali num sábado, o dia de maior frequência de público; será que eu conseguiria ver alguma coisa de perto? Por outro lado, Robert entrevira a dama dele no meio de muita gente, portanto talvez fosse bom eu estar ali no meio da multidão. Com um bóton colorido do museu preso no bolso da camisa e o paletó pendurado no braço, subi a escadaria imponente.

Eu esquecera de perguntar se a coleção de Degas se encontrava toda num lugar só, e se havia mudado de lugar desde que Robert ficara obcecado por ela nos anos 1980. Não importava muito; eu sempre poderia voltar ao balcão de informações, e talvez eu não estivesse procurando nenhuma informação afinal. Encontrei as salas impressionistas mais ou menos onde eu me lembrava, e fiquei petrificado com sua extensão verdejante — a multidão era densa ali, mas de repente eu via pomares, caminhos de jardim, águas calmas, navios, os régios penhascos arqueados de Monet. Pena essas imagens terem virado ícones, uma melodia que estávamos todos cansados de cantarolar. Mas sempre que eu me aproximava mais de uma daquelas telas, a velha melodia era silenciada por algo enorme que ia crescendo, uma cor que

realmente era quase música, tinta grossa em superfícies que de fato transmitiam os cheiros de pasto e de mar. Lembrei-me da pilha de livros que Kate encontrara ao lado do sofá de Robert no sótão, livros que inspiraram a pintura que ele fez nas paredes e no teto. Essas obras não estavam mortas para ele, um artista contemporâneo, mas eram, de alguma maneira, novas e revigorantes, mesmo em reproduções de colorido brilhante da biblioteca. Ele era um tradicionalista, claro, mas enxergara algo ainda revolucionário através do sem-fim de exposições e pôsteres.

A coleção Degas estava quase toda abrigada em quatro salas, e alguns outros exemplares de sua obra — principalmente retratos grandes — colocados nas galerias das coleções do século XIX. Eu também não me lembrava de que a coleção do Met da obra dele devia ser uma das maiores que havia em qualquer museu, em qualquer lugar, talvez a maior do mundo; eu não deixaria de verificar isso. A primeira sala continha um molde de bronze da escultura mais famosa de Degas, *A pequena bailarina de quatorze anos*, com sua saia de linho de verdade desbotado e a fita de cetim da trança escorregando pelas costas. Ela estava no caminho de quem entrava, o rosto virado para cima, cega e submissa, mas talvez tocada por um sonho que só um dançarino poderia entender, as mãos cruzadas atrás, as costas delicadamente arqueadas, o pé direito à frente e incrivelmente virado para fora na bela deformidade para a qual fora treinada.

As paredes à sua volta eram dominadas por Degas, com alguns outros pintores aqui e ali; seus retratos de mulheres bastante comuns cheirando flores em suas casas, e telas de dançarinas. As dançarinas ocupavam quase completamente as outras duas salas, jovens bailarinas com os pés na barra ou numa cadeira, amarrando as sapatilhas, as saias viradas para cima quando elas se abaixavam, como as plumas dos cisnes pescando embaixo d'água, a sensualidade que nos fazia examinar a linha de seus corpos exatamente como poderíamos examiná-las no próprio balé, a intimidade intensificada de vê-las ensaiando, fora do palco, nos bastidores, comuns, cansadas, tímidas, mutiladas, ambiciosas,

menores de idade ou mais que maduras, esplêndidas. Fui passando de uma a outra, depois parei em frente a uma terceira para olhar em volta.

Para além das dançarinas, havia uma saleta de nus de Degas, mulheres saindo do banho e se enrolando em enormes toalhas brancas. Os nus tinham muita carne, como se as bailarinas tivessem envelhecido e ganhado peso, ou se revelassem curvilíneas afinal sob a disciplina dos corpetes apertados e das saias fofas. Nada me falou da presença de Robert ou da dama que ele vira naquelas galerias; embora talvez ela tivesse estado ali como uma apreciadora de Degas. Ele tinha autorização para desenhar no museu, montara seu cavalete ou segurara seu bloco de desenho à sua frente em alguma manhã movimentada no fim dos anos 1980, vira uma mulher no meio do público e a perdera. Se queria desenhar, por que estava ali no meio da multidão? Eu nem sabia se essas salas tinham a mesma arrumação na época, e verificar isso faria com que eu parecesse fanático, ainda que só para mim mesmo. Essa era uma peregrinação ridícula; eu já estava cansado do empurra-empurra das pessoas, toda aquela gente reunindo impressões de impressões de impressionistas, colhendo imagens em primeira mão que elas já conheciam de terceira mão.

Direcionei meu pensamento para Robert e resolvi descer para uma sala sossegada cheia de móveis ou vasos chineses que não interessavam a tanta gente. Talvez tenha sido assim com ele; ele ficara cansado naquele dia, dera meia-volta e olhara a multidão — tentei também fazer isso, e meus olhos pousaram numa mulher grisalha de vestido vermelho segurando pela mão uma garotinha, que também já estava cansada, lançando um olhar vazio para as pessoas em volta, não para os quadros. Mas naquele dia, Robert olhara direto no meio da multidão para uma mulher que nunca conseguiu esquecer, uma mulher possivelmente vestida com trajes do século XIX para um ensaio, ou uma fotografia ou uma brincadeira — essas possibilidades ainda não haviam me ocorrido. Talvez ele tenha se aproximado e falado com ela, mesmo no meio da multidão.

— Há mais quadros de Degas? — perguntei ao segurança na porta.

— Degas? — ele disse franzindo o cenho. — Sim, mais dois naquela sala.

Agradei e encaminhei-me para lá, para cobrir todas as possibilidades; talvez Robert tivesse tido sua epifania, ou sua alucinação, ali. Havia menos gente na sala seguinte, possivelmente porque havia menos Monets. Examinei um pastel sobre papel, desenhado em cor-de-rosa e branco, uma dançarina alongando braços compridos na perna comprida, e mais três ou quatro bailarinas de costas para o pintor e envolvendo a cintura das colegas com os braços ou ajustando as fitas do cabelo.

Eu tinha terminado. Dei meia-volta, procurei uma saída no outro extremo da galeria, na direção oposta à aglomeração que eu deixara. Então, ela estava ali, do outro lado da sala, um retrato a óleo de uns sessenta centímetros quadrados, pintado com liberdade, mas com uma precisão absoluta, o rosto que eu conhecia, o sorriso fugaz, o chapéu amarrado embaixo do queixo. Seus olhos eram tão vivos que a gente não podia se virar sem encontrá-los. Sem conseguir raciocinar, atravessei a sala, que parecia enorme; levei horas para chegar a ela. Era indiscutivelmente a mesma mulher, pintada dos ombros vestidos de azul para cima. Quando me aproximei, ela pareceu sorrir mais um pouco; seu rosto estava espantosamente vivo. Se eu tivesse de adivinhar o pintor, eu diria Manet, embora o retrato não tivesse a genialidade dele. Devia ser do mesmo período, no entanto: as pinceladas cuidadosas que criavam os ombros do vestido, a renda no pescoço, o luxo escuro do cabelo não eram bem do domínio do Impressionismo; seu rosto tinha um pouco do realismo de obras anteriores. Examinei a placa — *“Portrait de Béatrice de Clerval, 1879. Olivier Vignot.”* Béatrice de Clerval! E pintada por Oliver! Ela era uma mulher real, sim. Mas não uma mulher viva.

O sujeito no balcão de informações do primeiro andar ajudou o quanto pode. Não, não havia mais nenhuma obra de Olivier Vignot, nem outros títulos envolvendo Béatrice de Clerval. A peça estava na

coleção desde 1966, adquirida de uma coleção particular em Paris. No período em que Robert lecionava na Cidade de Nova York, o quadro foi emprestado por um ano para uma exposição itinerante sobre o retrato francês no advento do Impressionismo. Ele sorriu e anuiu com um gesto de cabeça; era tudo o que tinha — aquilo tinha sido útil para mim?

Agradei-lhe, a boca seca. Robert vira o quadro uma ou duas vezes antes que este fosse retirado para viajar com uma exposição. Ele não tivera uma alucinação, só ficara impressionado com uma imagem maravilhosa. Será que realmente ele não perguntara a alguém o que acontecera com o quadro? Talvez tenha feito isso, talvez não; o que convinha ao seu mito sobre ela era que ela desaparecera. E se ele voltara ao museu depois disso, tanto fazia se o quadro estivesse ali ou não; a essa altura ele já andara produzindo sua própria versão da mulher. Mesmo que não tivesse visto esse quadro muitas vezes, ele seguramente fizera um esboço dele, um esboço muito bom, para que seus quadros posteriores tivessem uma semelhança tão precisa com ela.

Ou será que ele tornara a ver o quadro num livro? Obviamente, nem o artista nem a retratada eram conhecidos, mas a qualidade da obra de Vignot atraíra o Met a ponto de fazê-los adquirir o retrato. Tentei a loja de presentes também, mas ali não havia nenhum postal do quadro, nenhum livro com uma reprodução. Tornei a subir a escada, voltei para a galeria. Ela estava ali esperando, radiosa, sorrindo, prestes a falar. Peguei meu bloco de desenho e desenhei-a, a pose da cabeça — quem me dera poder desenhar melhor. Então fiquei parado olhando-a nos olhos. Eu não aguentaria sair sem levá-la comigo.

CAPÍTULO 58

MARY

Depois da escola de arte, trabalhei em tudo que eu conseguia achar até finalmente arranjar um emprego para lecionar em Washington. De vez em quando, eu expunha uma obra, ou recebia uma pequena bolsa, ou até fazia uma boa oficina. A oficina sobre a qual quero lhe falar é uma que fiz há uns anos, no final de agosto. Realizava-se numa propriedade antiga no Maine, no litoral, uma área que eu sempre quis conhecer e talvez pintar. Fui de Washington para lá na minha pequena caminhonete, minha Chevy azul, da qual depois me desfiz. Eu adorava aquele carro. Eu tinha meus cavaletes na mala, minha grande caixa de madeira com o material de pintura, meu saco de dormir e meu travesseiro, a sacola do serviço militar do meu pai na Coreia atulhada de jeans e camisetas brancas, maiôs velhos, toalhas velhas, tudo velho.

Fazendo aquela mala, me dei conta que eu tinha evoluído muito desde Muzzy e a educação que ela me dera; Muzzy nunca teria tolerado meu jeito de fazer a mala nem a bagagem que eu levava, aquele ninho de roupas esfarrapadas, tênis velhos e caixas de material de pintura. Ela odiaria meu moletom da Barnett com as letras rachadas na frente e minha calça cáqui com a aba do bolso de trás rasgada. Mas eu não era *grunge*; mantinha o cabelo longo e lustroso, a pele macia, as roupas velhíssimas muito limpas. Eu usava no pescoço uma corrente de ouro com um pingente de granada, comprava sutiãs e calcinhas de renda para me enfeitar sob a superfície andrajosa. Eu me adorava desse jeito, esguia e curvilínea vestida em segredo, sem estar à vista. Não me vestia para nenhum homem (cansei de todos eles, depois da faculdade), mas sim para aquela hora à noite em que eu tirava a blusa branca

manchada de tinta e o jeans que deixava o meu joelho à mostra. Aquilo era tudo para mim; eu era o meu tesouro.

Saí muito cedo e peguei estradas secundárias para o Maine; pernoitando em Rhode Island num motel de beira de estrada meio vazio dos anos 1950, pequenos chalés com uma placa ostentando uma sofisticada inscrição em preto, o conjunto todo me fazendo lembrar desagradavelmente do motel de *Psicose*. Mas não havia assassinos lá; dormi sossegada até quase oito horas, e comi ovos fritos no restaurante enfumaçado ao lado. Desenhei um pouco no caderno enquanto estava ali sentada, gravando as cortinas transparentes manchadas de sujeira de mosca e que ficavam amarradas de cada lado das jardineiras cheias de flores artificiais, as pessoas tomando café.

Na fronteira do Maine, havia uma placa indicando travessia de alce, e os acostamentos ficaram cheios de árvores de folhas perenes, que se apinhavam de cada lado como exércitos de gigantes — nada de casas, nada de saída, só quilômetros e quilômetros de abetos altos. Então, apareceu na beirinha da estrada um monte de areia clara e vi que estava me aproximando do oceano. Isso me deixou na maior animação, como eu ficava quando Muzzy nos levava a Cape May, em Nova Jersey, para nossas férias anuais. Imaginei-me pintando a praia, a paisagem ou sentada nas pedras perto da água ao luar, sozinha. Naquela época, eu ainda curtia a aventura que eu chamava de “eu sozinha”; ainda não sabia como isso seria solitário e como se transformaria em uma profunda irritabilidade que acabaria por estragar um dia de vez em quando — estragando mais que isso, se a pessoa não tomasse cuidado.

Tive de fazer uma pesquisa para encontrar a rua certa que atravessava aquela cidade e levava ao retiro; nos folhetos da oficina havia um mapinha terminando numa entrada longe da civilização. As duas últimas estradas que peguei eram de terra, atravessando pinheirais tão compactos que pareciam, na verdade, toras de construção, embora fossem suavizados, também, com pinheirinhos novos brotando no acostamento na sombra da floresta. Alguns quilômetros depois, cheguei a uma casa que parecia um biscoito de

gengibre. Uma placa na guarita de madeira dizia: CENTRO DE RETIRO PRAIA ROCHOSA, sem ninguém por perto, e um pouco adiante eu me vi fazendo uma curva em direção a um gramado verde. Avistei um casarão de madeira com o mesmo recorte de biscoito de gengibre embaixo das cornijas, bosques e um pedacinho de mar brilhando logo atrás. A casa era enorme, pintada de um rosa apagado, e o gramado não era apenas um gramado, mas tinha jardins, treliças, caminhos, um pavilhão cor-de-rosa, árvores velhas, uma área plana onde haviam montado um jogo de *croquet*, uma rede. Dei uma olhada no relógio; eu tinha bastante tempo para me registrar.

A sala de jantar, onde todo mundo se reuniu naquela noite para a primeira refeição, era numa cocheira sem divisórias. Tinha vigas altas e janelas orladas de quadrados de vitrais. Havia oito ou dez mesas compridas dispostas sobre um piso de madeira descascada, e rapazes e moças (universitários — já me pareciam mais jovens que eu) circulavam, arrumando jarras d'água. Havia um bufê numa ponta da sala com algumas garrafas de vinho, copos, um vaso de flores, e, ao lado, recipientes térmicos cheios de cerveja. Tive uma sensação incômoda; era como o primeiro dia numa escola nova (embora em criança eu tenha estudado doze anos na mesma escola), ou como minha primeira semana na faculdade, onde vemos que não conhecemos ninguém e, portanto, ninguém liga para nós, e é necessário fazer alguma coisa a respeito disso. Eu vi uns grupos pequenos de pessoas conversando perto das bebidas. Obriguei-me a ir a passos largos até aquelas cervejas (eu me orgulhava das minhas passadas naquela época) e pegar uma no leito de gelo sem olhar em volta. Quando me endireitei para procurar um abridor, esbarrei em Robert Oliver.

Sem dúvida era Robert. Ele estava ali meio de perfil, falando com alguém, saindo do meu caminho, desviando da interrupção que era eu sem nem sequer olhar em volta. Conversava com outro homem — um homem com uma cabeça delgada e uma barba

grisalha. Era, sem sombra de dúvida, Robert Oliver. Seu cabelo crespo estava um pouco mais comprido atrás pelo que eu me lembrava, com mais uns fios prateados a lhe dar brilho, e um de seus cotovelos aparecia através do furo da camisa de algodão azul. O catálogo da oficina não o mencionava; por que ele estava ali? A calça clara de algodão estava com os fundilhos sujos de tinta ou de gordura, como se ele tivesse limpado as mãos no traseiro como um garotinho. Ele estava de sandália apesar da friagem noturna do verão da Nova Inglaterra já estar entrando pela porta. Ele segurava uma cerveja com uma mão e gesticulava com a outra para o homem de cabeça pequena. Era alto como eu me lembrava, imponente.

Fiquei paralisada, olhando para a orelha dele, para o cacho pesado em volta daquela orelha, para seu ombro ainda familiar, para o lado da sua mão comprida levantada na discussão. Ele se virou um pouco, como se sentisse o meu olhar, e continuou conversando. Eu me lembrava daquele equilíbrio sólido e elegante de quando ele circulava pelo estúdio. Então ele tornou a olhar em volta, com uma cara séria, mas não como nos filmes, quando a pessoa se dá conta de algo que não percebera no primeiro momento. Era mais como se ele tivesse colocado uma coisa fora do lugar, ou tentasse se lembrar o que tinha ido procurar numa sala. Ele me reconheceu sem me reconhecer. Afastei-me, virando o rosto. Achei alarmante a ideia de que, se quisesse, eu poderia ir até ele, bater no seu ombro através da camisa azul, e interromper sua conversa com mais firmeza. Imaginar a perplexidade dele me apavorava, o vago *Ah, desculpe... de onde eu te conheço?*, ou *Que bom te ver, quem quer que você seja*. Pensei nas centenas (nos milhares?) de alunos que ele provavelmente teve desde aquela época. Melhor não falar com ele que descobrir que eu era mais uma vaga lembrança no meio da multidão.

Virei-me mais que depressa para a primeira pessoa com cujo olhar cruzei, que por acaso era um rapaz alto e magro de camisa aberta no peito. Era um peito impressionante, bronzeado e proeminente; ostentava uma corrente grossa de onde pendia um símbolo da paz. Parecia um peito de pombo, com os mamilos

bronzeados e achatados. Ergui os olhos, imaginando que ele teria longas madeixas para combinar com o pingente retrô, mas ele tosara o cabelo claro. Seu rosto era tão duro quanto o peito, com um nariz aquilino, olhos castanho-claros, miúdos, pestanejando vacilantes para mim.

“Festa legal”, disse ele.

“Não, mais ou menos.”

Eu me sentia repleta de uma antipatia que eu sabia ter começado injustificadamente a partir do momento em que vi Robert se virar para mim e depois me dar as costas.

“Eu também não estou gostando.” O rapaz encolheu os ombros e riu; o peito nu encovado por um momento. Era mais jovem do que eu pensara, mais jovem que eu. Seu sorriso era simpático e iluminava seus olhos. Perversamente, impliquei de novo com ele; claro que ele devia ser muito alienado para gostar de qualquer reunião de seres humanos, ou pelo menos para admitir gostar se alguém discordasse. “Como vai? Sou Frank.” Ele estendeu a mão, renunciando imediatamente a toda alienação retrô, um filhinho de mamãe, um cavalheiro. O *timing* era impecável, desarmava. Tinha uma deferência em sua fala que reconhecia meus — ah, seis — anos a mais; tinha também uma centelha que dizia que eu era uma mulher mais velha sensual. Fui obrigada a admirar nele sua habilidade de admiração. Ele parecia saber que eu tinha quase 30 anos, era velha, e me dizer no calor seco de sua mão que gostava das de 30, e gostava muito. Tive vontade de rir, mas não fiz isso.

“Mary Bertison”, disse eu.

Robert se mexera, no fim do meu campo visual; encaminhava-se para as portas do refeitório para falar com outra pessoa. Continuei de costas. Meu cabelo fazia uma cortina, um manto, que me protegia.

“Então, o que fez você vir aqui?”

“Confrontar vidas passadas”, respondi.

Pelo menos, ele não perguntara se eu era do corpo docente.

Frank franziu o cenho.

“Estou brincando”, disse eu. “Estou aqui para fazer a oficina de paisagem.”

“Muito legal”, riu Frank. “Eu também. Quer dizer, eu também vou fazer.”

“Onde você estudou?”, perguntei, tomando um gole de cerveja para tentar não me distrair com o perfil de Robert Oliver.

“Na SCAD”, disse ele displicentemente. “MFA.”* A Faculdade de Arte e Design de Savannah estava se transformando numa ótima escola, e ele parecia bem moço para já ter terminado o mestrado; sem querer, senti certo respeito.

“Quando se formou?”

“Há três meses”, confessou ele. Isso explicava seu comportamento de universitário em festas, o recém-formado. “Ganhei uma bolsa para fazer o curso de paisagem aqui, porque dou aula no outono e preciso acrescentar isso ao quadro.”

O quadro, pensei, o quadro representando a mim, Frank, o artista talentoso e meu futuro magnífico. Bem, uns anos fora da escola de arte haveriam de curá-lo direitinho do seu quadro; por outro lado — ele já lecionava? Robert Oliver estava totalmente fora do meu campo visual agora, mesmo quando eu inclinava a cabeça e minha perspectiva mudava. Ele tinha ido para outro lugar na sala sem me reconhecer, sem nem sequer sentir na sala todo o meu desejo de ser reconhecida. Em vez disso, eu estava ali completamente empacada com “Frank”.

“Onde você leciona?”, perguntei para disfarçar minha maldade interna.

“Na SCAD”, respondeu Frank, o que me fez pensar. Ele fora contratado direto para integrar o corpo docente de seu próprio programa, como mestrando em Belas Artes? Isso seria bastante inusitado; talvez ele tivesse razão de sonhar com o futuro. Fiquei calada um instante, perguntando-me quando começaria o jantar e como eu poderia sentar o mais longe ou o mais perto possível de Robert Oliver. Longe seria melhor, decidi. Frank me examinava com interesse. “Você tem um cabelo incrível”, disse finalmente.

“Obrigada”, respondi. “Deixei crescer no terceiro ano para ser a princesa na peça da minha turma.”

Ele tornou a franzir o cenho. “Então você está fazendo paisagem? Deve ser ótimo. Estou quase contente por Judy Durbin ter quebrado a perna.”

“Ela quebrou a perna?”

“Quebrou. Eu sei que ela é muito boa, e não estou realmente feliz por ela ter quebrado a perna, mas que legal pegar o Robert Oliver!”

“O quê?” Olhei em volta na direção de Robert malgrado todo o meu esforço para não fazê-lo. Ele estava sentado no meio de um grupo de estudantes, cabeça e ombros acima de quase todo mundo, de costas para mim — longe, longe, do outro lado da sala. “Pegamos Robert Oliver?”

“Soube quando cheguei hoje à tarde. Não sei se ele já está aqui. Durbin quebrou a perna quando fazia uma trilha. Segundo a secretária me contou, Durbin disse ter realmente ouvido o osso quebrando. Fratura feia, operação complicada e tudo, então o diretor chamou o amigo dele Robert Oliver. Dá para acreditar? Quer dizer, que sorte. Não para Durbin.”

Eu senti como se uma espécie de bobina de filme tivesse arreventado e ficasse girando a meu redor — Robert Oliver andando conosco nos campos, mostrando ângulos de luz e fixando a perspectiva naquelas colinas azuis baixinhas mais para o interior, aquelas pelas quais passei de carro. Será que dava para vê-las da praia? Eu teria de lhe dizer no primeiro dia: *Ah, olá, acho que não se lembra de mim, mas...* E depois eu teria de pintar a semana inteira com ele ali, circulando entre nossos cavaletes. Suspirei alto.

Frank estava com uma cara intrigada. “Não gosta do trabalho dele? Ele é tradicionalista e tudo, mas, meu Deus, pinta muito bem!”

Fui salva pelas badaladas fortes de um sino tocado aparentemente lá fora para anunciar a refeição, um ruído que eu ouviria duas vezes por dia durante cinco dias, um ruído que ainda me atravessa direto o estômago quando penso nele. Todo mundo começou a se reunir em volta das mesas. Fiquei ao lado de Frank

até ter visto que Robert se sentara à mesa mais próxima de seu grupinho, como se para continuar a conversa. Então fiz Frank pegar um lugar o mais longe possível de Robert e seus ilustres colegas. Sentamos juntos e criticamos o jantar, que foi a própria definição de saudável, seguido de uma torta de morango e café. A refeição foi servida por estudantes que, segundo Frank, eram artistas que estudavam e trabalhavam, e que estavam na escola ou na faculdade de arte; não se entrava em fila, simplesmente aqueles belos jovens traziam os pratos já servidos e os colocavam à nossa frente. Alguém até me serviu de água.

Enquanto comíamos, Frank falou sem parar de suas aulas, sua exposição de estudante, seus amigos talentosos que estavam saindo de Savannah e indo para grandes cidades pelo país afora. “Jason está indo para Chicago — talvez eu vá encontrar com ele e passe uns tempos lá no verão que vem. Chicago será a próxima cidade grande, está bem claro.” E assim por diante. Foi mortal, mas enganou minha confusão, e, quando a torta de morango chegou, senti-me segura por saber que, durante uma noite inteira, eu não seria nem reconhecida nem ignorada por Robert Oliver. Eu sentia o ombro musculoso de Frank ao lado do meu, sua boca se aproximando da minha orelha, o seu mudo *Talvez isso seja o começo de alguma coisa / Meu quarto é embaixo, no fim do dormitório dos homens*. Durante a sobremesa, o diretor do curso se pôs de pé atrás de um microfone numa das extremidades do casarão — afinal, era o homem da cabeça pontuda e do cabelinho grisalho — e disse quão feliz estava de ter um grupo novo tão bom, quão talentosos nós éramos, quão difícil tinha sido recusar todas aquelas outras ótimas inscrições. (“E todas aquelas outras taxas de matrícula da oficina”, Frank me disse baixinho.)

Depois do discurso, todos se levantaram e ficaram zanzando um pouco por ali enquanto os artistas que trabalhavam e estudavam precipitaram-se para recolher os pratos. Uma mulher de vestido roxo e brincos enormes contou a Frank e a mim que haveria uma fogueira atrás dos estábulos e que deveríamos ir para lá. “É uma tradição da primeira noite”, explicou, como se já tivesse feito muitas

vezes essas oficinas. Saímos para a escuridão — eu sentia de novo o cheiro do mar, e o céu estava estrelado — e quando demos a volta nos prédios, havia uma incrível chuva de fagulhas sendo cuspidas para o alto, iluminando o rosto das pessoas. Não dava para ver para lá das árvores no fim do jardim, mas julguei ouvir o barulho da arrebentação. O folheto de inscrição dissera que o acampamento ficava perto da praia; amanhã eu exploraria. Havia umas lanternas de papel penduradas nas árvores, como se tivéssemos vindo para assistir a um festival.

De repente fiquei esperançosa — isso seria mágico, apagaria o longo tédio recente dos meus trabalhos de segunda categoria no magistério, um numa faculdade municipal e outro num centro comunitário, acabaria com a distância entre minha vida profissional e minha vida secreta em casa com meus quadros e meus desenhos, mataria minha fome de companhia de colegas artistas, um desejo que cresceu sem controle desde que me formei. Aqui, em poucos dias apenas, eu passaria a ser uma pintora melhor do que já sonhara poder ser. Nem os comentários jocosos e desdenhosos de Frank poderiam frustrar minha súbita esperança louca. “Uma balbúrdia”, disse ele, e usou isso como pretexto para me segurar pelo braço com dedos confiantes e me levar para o lado onde não chegava fumaça.

Robert Oliver estava parado no meio do pessoal mais velho — o corpo docente, *habitués* (reconheci a mulher de vestido roxo) —, também fora do alcance da fumaça, uma garrafa de cerveja na mão. O fogo iluminava a garrafa, e ela brilhava de dentro para fora, como um topázio. Ele agora escutava o diretor. Lembrei-me daquele seu truque, que possivelmente não era um truque, de ouvir mais que falar. Ele tinha de abaixar um pouco a cabeça para ouvir quase todo mundo, e isso lhe dava um aspecto atento, atencioso, e então ele erguia ou desviava os olhos sem mexer a cabeça enquanto ouvia, como se o que era dito estivesse impresso no céu. Ele vestira um suéter com parte da gola desfiada; ocorreu-me que tínhamos uma afinidade na preferência por roupas velhas.

Considereei chegar mais perto do fogo, onde estava mais claro, e tentar fazer com que ele me olhasse, mas descartei a ideia. O constrangimento de amanhã não tardaria a chegar. *Ah, sim, eu (não) me lembro de você.* O interessante seria ver se ele mentira sobre isso. Frank estava me entregando uma cerveja: “A menos que você queira uma coisa mais forte.” Eu não quis. Ele agora estava encostado no meu ombro, no meu suéter velho, e depois que tomei uns goles da cerveja, aquela sensação do braço firme dele encostado no meu não foi desagradável. Eu via a cabeça de Oliver à luz das estrelas, seus olhos brilhantes fitando por um momento as chamas à nossa frente, seu cabelo áspero diabolicamente em pé, seu semblante suave e sereno. Seu rosto era mais enrugado do que eu me lembrava, mas ele já devia ter pelo menos 40 anos; havia sulcos profundos nos cantos da sua boca, que sumiam quando ele sorria.

Virei-me para Frank, que fazia uma pressão mais nítida no meu suéter. “Acho que vou me deitar”, disse eu num tom que eu esperava ser despreocupado e indiferente. “Boa noite. Dia importante amanhã.” Lamentei a última declaração; não seria tão importante para Frank, o Grande Artista, quanto para mim, a talentosa fulana, mas ele não precisava saber disso.

Frank olhou-me por cima da cerveja, pesaroso e muito moço para esconder esse sentimento. “Ah, sim. Durma bem, tá?”

Ainda não havia ninguém deitado no dormitório comprido, outro celeiro reformado, que abrigava as estudantes em suas pequenas baias fechadas. Naturalmente, nada de privacidade ali, apesar de isso ter sido tentado ao se colocar paredes maciças entre as hóspedes. Ainda havia ali um leve cheiro de cavalo, que eu recordava, com uma pontada de nostalgia, das aulas de equitação que Martha e eu tivemos durante três anos, obrigadas por Muzzy. “Você monta tão bem num cavalo”, dizia-me ela demonstrando aprovação após cada aula, como se isso justificasse todo aquele tempo e toda aquela despesa. Usei o sanitário de tampa fria no fim

do hall — ou melhor, no fim do corredor — e depois me tranquei em meu cubículo para desfazer a mala. Havia uma mesa grande o suficiente para que se pudesse desenhar sobre ela, uma cadeira dura, uma cômoda minúscula com um espelho emoldurado em cima, uma estreita cama arrumada com lençóis brancos e estreitos, um quadro de avisos sem nada a não ser buracos de percevejos, e uma janela com cortinas marrons.

Depois de ficar ali parada, desorientada por um instante, fechei as cortinas, abri meu saco de dormir e estendi-o na cama para me aquecer mais. Guardei minhas roupas surradas nas gavetas e pus os blocos de desenho e o diário em cima da mesa. Pendurei o moletom atrás da porta. Arrumei meu pijama e meu livro. Com a janela fechada eu ainda ouvia as pessoas se divertindo, falando, rindo ao longe. *Por que estou me excluindo de tudo isso?*, perguntei-me, embora me sentisse dividida entre estar satisfeita e melancólica. Meu carro se encontrava no estacionamento próximo ao acampamento e eu estava exausta da longa viagem, pronta para me deitar, ou quase. Em pé, diante do espelho, cumpri o ritual noturno de me despir, tirando a camiseta pela cabeça. Por baixo, eu tinha um sutiã caro e delicado. Endireitei bem o corpo e fiquei me olhando. Autorretrato, noite após noite. Então, tirei o sutiã, deixei-o de lado e continuei a me olhar: eu, e eu por inteiro. Autorretrato, nua. Quando terminei aquela longa contemplação, vesti o pijama velho e pulei na cama; os lençóis estavam frios, o livro era um que eu me achava na obrigação de ler, uma biografia de Isaac Newton. Minha mão encontrou o interruptor e minha cabeça encontrou o travesseiro.

* Master of Fine Arts. Nos Estados Unidos o mestrado em Belas Artes exige de dois a três anos de estudos e é considerado o grau mais alto nesta área. (N. da T.)

Minha querida amiga,

Sua carta me comoveu muito e me encheu de tristeza por tê-la feito sofrer, o que vejo quando leio as entrelinhas de sua carta corajosa e altruísta. Arrependo-me a cada momento da carta que lhe enviei, receando que, além de colocar imagens medonhas em sua cabeça — aquelas com as quais sou obrigado a conviver —, a missiva também pareça uma deplorável tentativa de atrair solidariedade. Sou humano e a amo, mas juro que nenhuma dessas coisas foi minha intenção. Ainda bem que essa ignomínia fez com que me contasse seu pesadelo, minha querida, apesar de suas reservas quanto a isso; assim, posso sofrer com você por minha vez, triste como estou por ter causado sua noite insone.

Se tivesse realmente morrido em braços tão amorosos como os seus, minha mulher teria se sentido abraçada por um anjo, ou pela filha que nunca teve. Sua carta já provocou uma estranha alteração em meus pensamentos a respeito desse dia, que me ocupam e me atormentam amiúde — até hoje de manhã, meu maior desejo sempre foi que ela tivesse morrido em meus braços, se ela tivesse que morrer. E agora acho que se ela tivesse podido morrer nos braços delicados de uma filha, de uma pessoa com sua ternura e coragem instintivas, isso poderia ter sido mais reconfortante ainda, para ela e para mim. Obrigado, meu anjo, por me tirar um pouco desse peso e me fazer sentir a generosidade da sua natureza. Destruí sua carta, embora com

relutância, para que você jamais possa estar implicada em qualquer conhecimento de um passado perigoso. Espero que destrua as minhas também, tanto esta quanto a última.

Preciso sair um instante; não consigo me concentrar nem me acalmar dentro de casa nesta manhã. Vou caminhar um pouco, e me certificar de que esta carta lhe seja entregue em completa segurança, envolvida no coração agradecido do seu

O.V.

CAPÍTULO 59

MARY

Na manhã seguinte, acordei cedo, como se alguém tivesse murmurado para mim — completamente desperta, sabendo exatamente onde estava — e a primeira coisa em que pensei foi no mar. Levei apenas alguns minutos para vestir uma calça cáqui limpa e um moletom, e escovar o cabelo e os dentes no gelado banheiro do dormitório cheio de aranhas no teto. Então, saí sorrateiramente do dormitório, molhando o tênis com o orvalho. Eu iria me arrepender disso depois, eu sabia, já que não tinha trazido outro par. Era uma manhã cinzenta e enevoadada, mas com trechos irregulares de um céu límpido aparecendo, as árvores de folhas perenes cheias de corvos e teias de aranha, e as bétulas já com algumas folhas amarelando.

Uma trilha conduzia para fora do alojamento, justo para lá do monte de cinzas em que a fogueira se reduzira, como eu imaginara. Eu ia na direção certa, para o mar, e após alguns minutos escutando os meus passos na trilha e os ruídos da mata, cheguei numa praia pedregosa, com poças-d'água e algas, a maré espumando entre faixas cinzentas de terra. A névoa pairava bem acima da água, lutando para se dissipar, de modo que eu entrevia uns pedaços de céu pálido, embora só enxergasse um ou dois metros de ondas. Não havia visibilidade nenhuma para o mar, somente aquela névoa e as margens do continente ladeadas de pinheiros escuros e altivos, cujas fileiras eram interrompidas por alguns chalés. Tirei os sapatos e arregacei a calça até o joelho. A água estava fresca, depois fria, depois muito fria, penetrando nos ossos dos meus pés e me deixando com as panturrilhas arrepiadas de frio. As algas me chegavam acima dos tornozelos.

De repente, senti medo, sozinha na mata, o cheiro de pinho, o Atlântico invisível. Tudo estava parado, salvo as ondas. Não consegui me obrigar a chegar até mais fundo que a altura dos meus tornozelos — senti aquele medo infantil de tubarões e de me emaranhar nas algas, a sensação de que eu poderia ser puxada para baixo e me perder no mar. Não havia nada para contemplar; o nevoeiro refletia meu olhar como uma espécie de cegueira. Perguntei-me como pintar o nevoeiro e tentei me lembrar se já vira alguma vez um quadro mostrando praticamente só nevoeiro. Talvez alguma coisa de Turner, ou uma estampa japonesa. Neve, sim, e chuva, e nuvens pairando sobre montanhas, mas eu não conseguia pensar em nenhum quadro mostrando esse tipo de cerração. Afinal, saí da água e encontrei uma pedra para me sentar, uma pedra alta, seca e lisa o suficiente para poupar os fundilhos da minha calça, com outra pedra mais alta para servir de encosto. Havia um prazer igualmente infantil em encontrar o próprio trono, e comecei a sonhar. Eu ainda estava sentada ali quando Robert Oliver saiu da mata.

Vinha sozinho e parecia absorto em seus pensamentos, como eu estivera ainda há pouco; andava devagar, olhando para o chão e às vezes para as árvores ao redor ou para o mar coberto de névoa. Estava descalço, com uma calça velha de veludo cotelê, e usava uma camisa amarela de algodão que estava amassada e aberta por cima de uma camiseta com umas letras que, dali de onde eu estava, não consegui decifrar. Agora eu seria obrigada a me apresentar, querendo ou não. Pensei em me levantar e ir cumprimentá-lo, mas logo perdi a oportunidade: comecei a me levantar quando percebi que ainda estava fora do seu campo visual. Tornei a me sentar atrás das rochas arredondadas, me sentindo constrangida e agoniada. Se as coisas caminhassem bem, ele molharia os pés na água, verificaria a temperatura e daria meia-volta para retornar à propriedade; eu esperaria vinte minutos, deixaria meu rosto esfriar, e voltaria furtivamente sozinha. Encolhi-me contra a pedra fria. Eu não conseguia tirar os olhos dele; se ele me visse, em primeiro lugar, eu queria vê-lo me reconhecer. O que provavelmente ele não faria.

Então, ele fez o que eu mais temia e desejava, sem saber: despiu-se. Não se afastou na direção do mar ou se escondeu na fímbria da mata; simplesmente desabotoou a calça, tirou-a — não estava de cueca —, retirou as camisas, largando tudo amontoado acima da linha da maré, e caminhou para a água. Fiquei paralisada. Ele estava apenas a uns metros de mim, aquelas costas e pernas musculosas despidas, esfregando a cabeça como se quisesse amansar o cabelo ou despertar a mente, então pôs as mãos nas cadeiras. Poderia ser um modelo de estúdio, esticando os membros rígidos enquanto a turma fazia um intervalo. Ficou parado olhando para o mar, relaxado, completamente sozinho (até onde ele soubesse). Virou um pouco a cabeça, não para o meu lado. Torceu o corpo, suavemente, aquecendo-se, e, sem querer, entrevi seus pelos escuros enroscados, o pau balançando. Então ele foi andando para dentro da água e, enquanto eu estava ali sentada tiritando, olhando, me perguntando o que fazer, mergulhou, um longo mergulho raso para longe das últimas pedras, e deu algumas braçadas. Eu já sabia quão fria a água que o envolvia estava, mas ele só retornou depois de ter nadado uns vinte metros.

Finalmente, deu meia-volta na água, voltou mais depressa e encontrou onde dava pé, tropeçando um pouco, caminhando para a praia. Pingava e arfava; enxugou o rosto. Gotas brilhavam nos pelos de seu corpo e no seu cabelo encharcado. Na praia, ele finalmente me viu. Não dá para desviar a vista numa hora dessas, mesmo se a pessoa quiser fingir, e de fato o fizer, é impossível: como alguém pode deixar de ver Poseidon saindo do oceano? Como alguém pode fingir estar conferindo as unhas ou retirando os caramujos da pedra? Fiquei simplesmente sentada ali, muda, infeliz e também paralisada. Até pensei na hora que desejava pintar aquela cena — uma ideia clichê, algo que raramente cogito no meio da experiência. Ele parou e me estudou por um momento, um pouco espantado, mas não fez qualquer movimento para se cobrir. “Olá”, disse, atencioso, cauteloso, possivelmente achando graça.

“Olá”, respondi com a maior firmeza que consegui. “Sinto muito.”

“Ah, não tem problema.” Foi pegar as roupas na praia de seixos e, usando a camiseta, secou-se recatadamente, mas sem pressa, depois vestiu a calça e a camisa social amarela. Aproximou-se mais um pouquinho. “Sinto muito se eu a assustei”, disse. Ficou ali parado, me estudando, e vi a temida expressão de reconhecimento parcial surgir em seus olhos; percebi, com tristeza, que ele não conseguia me identificar direito.

“Para piorar as coisas, a gente se conhece.” A informação saiu mais monótona, mais áspera que eu pretendia.

Ele pôs a cabeça de lado, como se o chão pudesse lhe dizer meu nome e o que ele deveria se lembrar a meu respeito. “Sinto muito”, ele disse afinal. “Sou péssimo nisso, mas me refresque a memória.”

“Ah, não tem importância.” Puni-o fazendo com que abaixasse os olhos afinal. “Tenho certeza de que você dá aula para milhões de pessoas. Fui de uma das suas turmas na Barnett há muito tempo, só por um período. Compreensão visual. Mas você realmente me fez começar na arte, e sempre quis lhe agradecer por isso.”

Ele agora estava olhando para mim, sem se preocupar em esconder que procurava se lembrar da minha presença mais jovem, como uma pessoa mais delicada poderia ter feito. “Espere.” Esperei. “Almoçamos uma vez, não? Eu me lembro de alguma coisa assim. Mas seu cabelo...”

“Tudo bem. Era de outra cor, louro. Pinte porque já não aguentava mais as pessoas olhando só para isso.”

“Sim, me desculpe. Eu me lembro de você, sim. Seu nome...”

“Mary Bertison”, completei, e agora que ele estava vestido, estendi a mão.

“Bom ver você de novo. Robert Oliver.”

Eu não era mais aluna dele, ou não voltaria a ser até as dez da manhã. “Eu sei que você é Robert Oliver”, disse eu com o todo o sarcasmo que consegui.

Ele riu. “O que está fazendo aqui?”

“A sua oficina de paisagem”, respondi, “só que não sabia que seria com você.”

“Sim, foi uma emergência.” Ele agora esfregava o cabelo com as duas mãos, como se desejasse ter uma toalha. “Mas que coincidência agradável. Agora posso ver como você está evoluindo.”

“Só que você não se lembra do que eu fazia antes”, ressalttei, e ele riu de novo, aquela encantadora liberação de todos os problemas, sem um pinga de ironia ou cumplicidade — Robert ria como uma criança. Lembrei-me agora daqueles movimentos de mão e braço, e das comissuras contraídas de sua boca, do relevo estranho do rosto, do encanto que se fazia encantador por ser natural e espontâneo, como se ele estivesse simplesmente alugando aquele corpo, que acabou por se revelar um bom corpo, embora ele o tratasse com a falta de cuidado peculiar aos locatários. Regressamos caminhando lentamente e, onde a trilha só dava passagem para uma pessoa, ele foi na frente, sem ser cavalheiro, e fiquei aliviada porque não precisava sentir seus olhos nas minhas costas e me perguntar que expressão poderiam ter. Quando chegamos à beira dos gramados, com o casarão ao fundo e o orvalho brilhando na relva, vi as pessoas correndo para tomar café e me dei conta de que tínhamos de nos unir a elas. “Não conheço ninguém aqui a não ser você”, confessei sem pensar, e ambos paramos na fímbria da mata.

“Nem eu”, disse ele, dirigindo-me seu sorriso descomplicado. “Só o diretor, e ele é um chato de galocha.”

Eu precisava fugir, estar sozinha por alguns minutos, não ter que chegar para uma refeição pública ao lado de um homem que eu acabara de ver pelado saindo do mar — ele parecia já ter esquecido esse incidente, como se tivesse acontecido há tanto tempo quanto nossa aula de compreensão visual. “Preciso pegar umas coisas no quarto”, eu lhe disse.

“Vejo você na aula.” Ele parecia prestes a me dar um tapinha no ombro ou uma palmada nas costas, de homem para homem, depois, aparentemente pensou melhor e me deixou ir. Fui devagar para a estrebaria e me tranquei na minha baia caiada por alguns minutos. Fiquei sentada ali, imóvel, sentindo a bênção da porta trancada. Encolhida naquele lugar, lembrei-me da viagem a

Florença que suei para ganhar três anos antes, a primeira e única vez que estive na Itália, quando fui ao convento de San Francesco e vi os afrescos de Fra Angelico nas antigas celas dos monges, então vazias. Havia turistas nas galerias, e monges modernos de guarda aqui e ali, mas esperei até não ter ninguém olhando, entrei numa cela branca e, ilicitamente, fechei a porta. Fiquei, enfim sozinha, culpada, porém determinada. O quartinho estava vazio a não ser pelo anjo de Fra Angelico, em dourado, rosa e verde, radioso numa parede, as asas dobradas para trás, e o sol entrando pela janela gradeada. Eu entendi por que, mesmo na época em que o monge morara sozinho naquele espaço, quando não havia o afresco e aquele lugar era igual a uma prisão, ele não quisera mais nada, exceto estar naquele lugar — exceto o seu Deus.

CAPÍTULO 60

MARLOW

Quando saí do Metropolitan Museum, subi uma quadra e entrei no Central Park. O parque estava deslumbrante, verde e cheio de canteiros floridos, como eu imaginei que estivesse. Encontrei um banco limpo, peguei o celular, digitei o número para o qual eu não ligava havia algumas semanas. Era sábado à tarde; onde estaria ela num sábado? Eu realmente não sabia nada sobre sua vida atual, a não ser que eu estava entrando nela sem autorização.

Ela atendeu após o segundo toque, e eu ouvia ruídos ao fundo, um restaurante, um lugar público.

— Alô? — disse ela, e lembrei-me da firmeza de sua voz, o aspecto esguio de suas mãos compridas.

— Mary — disse eu. — É Andrew Marlow.

Mary levou cinco horas para me encontrar em Washington Square; chegou a tempo para o jantar, que acabou sendo no restaurante do meu hotel. Ela estava faminta depois da inesperada viagem de ônibus — preferira pegar o ônibus a vir de trem porque era mais barato, eu tinha certeza, embora ela não tivesse dito isso. Enquanto comia, contou-me suas peripécias engraçadas para conseguir a última passagem daquele horário. Eu ficara surpreso com a insistência dela em vir. Seu rosto estava corado da emoção de ter feito algo espontâneo, seu cabelo comprido, preso dos lados com pequenas presilhas; ela usava um suéter fino turquesa e uma gargantilha de vários fios de pesadas contas pretas.

Tentei não me importar com o fato de aquela cor intensa do seu rosto ser por Robert Oliver, pelo alívio, ou possivelmente até pelo prazer, de descobrir algo sobre a vida dele que explicasse por que havia sumido e por que ela se entregara a ele. Seus olhos agora estavam azuis — pensei em Kate — por causa do suéter. Aparentemente, eles mudavam como o oceano; dependiam do céu, do tempo. Ela comeu como um lobo educado, usando a faca e o garfo com graça e dando cabo de um prato enorme de frango com cuscuz. A pedido dela, descrevi com mais detalhes o retrato de Béatrice de Clerval e o empréstimo que o removeu justo depois de Robert tê-lo visto.

— Mas é estranho que, tendo visto o quadro uma ou duas vezes, ele se lembrasse tão detalhadamente do retrato para conseguir pintá-la durante anos a fio — acrescentei.

Eu já estava com os cotovelos na mesa, e pedi café e sobremesa para nós dois, apesar dos protestos dela.

— Ah, não.

Ela pousou a faca e o garfo no prato.

— Ele não se lembrava dela? Mas pintou a mulher com tanta precisão que a reconheci quando a vi.

— Não, ele não precisava lembrar. Tinha o retrato dela num livro.

Pus as mãos no colo.

— Você sabia disso.

Ela ficou impassível.

— Sim. Sinto muito. Eu estava planejando lhe contar, ao chegar nessa parte da história. Já está toda redigida para você. Mas eu não sabia do quadro no museu. O livro não dizia onde estava o quadro. Na verdade, achei que devia estar na França. E eu ia lhe contar a respeito. Eu lhe trouxe o resto das minhas reminiscências, ou do que quer que você queira chamá-las. Levei bastante tempo para colocar tudo no papel, e depois ainda esperei mais um pouco. — Ela não falava como alguém que se desculpasse. — Ele tinha pilhas de livros ao lado do sofá quando morava comigo.

— Kate me descreveu a mesma coisa, quer dizer, as pilhas de livros. Mas acho que ela nunca viu aquele retrato num deles, senão

teria me dito.

Então me dei conta de que dera uma informação sobre Kate diretamente a Mary pela primeira vez. Eu disse a mim mesmo para não tornar a fazer isso.

Mary ergueu as sobrancelhas.

— Posso imaginar o que Kate aguentou. Tenho imaginado, muitas vezes.

— Ela aguentou Robert — ressaltei.

— Sim, exatamente. — A alegria acabara, ou deslizara para trás de uma nuvem, e ela brincou com o copo de vinho.

— Eu levo você amanhã para ver o quadro — acrescentei, para animá-la.

— Me leva? — ela sorriu. — Acha que eu não sei onde fica o Met?

— É claro — eu tinha esquecido por um momento que ela era jovem o bastante para se ofender. — Quero dizer que podemos ir ver o quadro juntos.

— Eu gostaria que fôssemos. Foi para isso que vim.

— Só para isso?

Imediatamente me arrependi do que disse. Eu não pretendia parecer malicioso ou conquistador. A conversa que tive com meu pai me veio à cabeça, espontaneamente: *Uma mulher recém-abandonada pode ser complicada. / E ela não é só complicada. É independente, fora do comum, linda. / Claro.*

— Sabe, achei que o retrato tivesse sido o motivo que o levou para a França sem mim, que estava lá e ele tinha ido para vê-lo de novo.

Mantive o rosto impassível.

— Ele foi à França? Enquanto estive com você?

— Foi. Pegou um avião e foi para o exterior sem me dizer. Nunca explicou porque fez segredo disso. — Seu rosto estava crispado, e ela afastou o cabelo para trás com as duas mãos. — Eu lhe disse que fiquei zangada por ele ter gastado dinheiro numa viagem sozinho quando não parecia ter o suficiente para me ajudar a pagar

o aluguel ou a comida, mas eu estava realmente mais zangada por ele ter escondido aquilo de mim. Isso me fez ver que ele me tratava do mesmo jeito que tinha tratado Kate, agindo de maneira misteriosa. E era também como se nunca tivesse lhe passado pela cabeça me convidar para ir com ele. Nossa maior briga foi por isso, embora fingíssemos que era por causa de pintura, e quando ele voltou da viagem, ficamos juntos apenas por mais uns dias e então ele saiu de casa.

Agora havia lágrimas se acumulando nos olhos de Mary, as primeiras que eu via desde a noite em que ela chorara no meu sofá. Juro, se eu estivesse em frente à porta de Robert naquela hora, teria entrado e lhe dado um soco em vez de me sentar na poltrona. Ela enxugou os olhos.

— Mary, posso perguntar? Você disse para ele ir embora ou ele largou você?

— Eu disse para ele ir. Receei que, se eu não dissesse, ele poderia ir por conta própria, e aí eu perderia minha autoestima também.

Eu havia esperado muito para fazer essas perguntas.

— Você sabia que Robert tinha um maço de cartas antigas com ele quando atacou aquele quadro? Uma correspondência entre Béatrice de Clerval e Olivier Vignot, que pintou o retrato?

Ela ficou paralisada um instante, depois fez que sim com a cabeça.

— Eu não sabia que as cartas eram também de Olivier Vignot.

— Viu as cartas?

— Vi, algumas. Depois eu conto mais.

Eu teria de deixar o assunto. Ela me olhava nos olhos; seu rosto era limpo, destituído de ódio. Achei que talvez o que eu estivesse vendo, nu e cru na minha frente, fosse o que seu amor por Robert representara para ela. Eu nunca conhecera uma pessoa tão impressionante como aquela moça, que olhava de lado a tinta numa tela de museu, comia como um homem bem-educado e passava a mão no cabelo como uma ninfa. A única exceção poderia ser uma mulher que eu só conhecia de cartas antigas e de quadros — de

Olivier Vignot e Robert Oliver. Mas eu entendia por que Robert poderia ter amado a mulher viva enquanto amava a morta, da melhor forma possível.

Eu queria dizer a ela o quanto eu sentia pela dor contida em suas palavras, mas não sabia como falar isso sem parecer paternalista, então me concentrei em ficar ali, sentado, olhando para ela com a maior delicadeza possível. Ademais, eu sabia, pelo modo que ela estava terminando o café e Tateando para pegar o casaco, que a refeição tinha terminado. Mas havia um último problema para essa noite, e eu tinha que pensar em como abordá-lo.

— Verifiquei na recepção, e há mais quartos disponíveis. Eu ficaria feliz...

— Não, não — ela estava colocando umas notas embaixo do prato, já saindo da mesa. — Tenho uma amiga na Vinte e Oito que já está me esperando. Liguei para ela antes. Eu passo aqui amanhã, digamos, às nove horas.

— Sim, pode passar. Podemos tomar café e ir para o museu.

— Perfeito. E isso é para você.

Meteu a mão na bolsa e me deu um envelope grosso — rígido e pesado dessa vez, pois continha um livro além de papéis.

Ela já tinha recolhido o que era dela e eu me levantei depressa. Essa jovem era difícil de acompanhar. Eu a chamaria de chata se ela não fosse tão delicada, ou se não estivesse sorrindo um pouco agora. Para minha surpresa, ela pôs a mão no meu braço para se equilibrar, depois me deu um beijo no rosto; era quase da minha altura. Tinha os lábios quentes e macios.

Quando cheguei ao quarto, ainda era cedo; eu tinha a noite pela frente. Pensei em entrar em contato com meu único velho amigo na cidade — Alan Glickman, uma amizade do ensino médio que consegui manter, sobretudo graças a alguns de telefonemas por ano. Eu gostava de seu profundo senso de humor, mas nem sequer havia conseguido ligar para ele antes, e ele provavelmente já tinha

um compromisso. Além do mais, o pacote de Mary estava na beira da minha cama. Sair e deixar aquilo ali, mesmo por algumas horas, seria como deixar uma pessoa para trás.

Sentei-me, abri o pacote e puxei o maço de folhas datilografadas e uma brochura fina com reproduções coloridas. Deitei na cama, com as páginas de Mary. A porta estava trancada e as cortinas fechadas, mas eu sentia uma presença no quarto, um desejo que era até palpável.

CAPÍTULO 61

MARY

Frank me encurralou no café da manhã. “Pronta?”, perguntou, equilibrando uma bandeja com duas tigelas de flocos de milho, um prato de ovos com bacon e três copos de suco de laranja. Esta manhã, cada um se servia — democracia. Eu encontrara um canto ensolarado e já estava na segunda xícara de café com um ovo estalado, e eu não via Robert Oliver em nenhum lugar. Talvez não tomasse café.

“Pronta para quê?”, perguntei.

“Para o primeiro dia.”

Ele pousou sua bandeja de café da manhã sem perguntar se eu queria algum tipo de companhia.

“Fique à vontade”, disse eu. “Eu estava justamente querendo uma companhia nesse lugar lindo e solitário.”

Ele sorriu, aparentemente contente com minha animação: por que achei que sarcasmo funcionaria? Tinha o cabelo esculpido nuns tufos espetados na frente, e usava jeans velho, moletom e uns tênis puídos, um colar de contas vermelhas e azuis. Debruçou-se com agilidade e inclinou os ombros sobre os flocos de milho. Era perfeito em sua imaturidade, e sabia disso. Imaginei-o aos 65 anos, magro, os braços murchos, joanetes nos pés e uma tatuagem enrugada em algum lugar.

“O primeiro dia vai ser longo”, disse ele. “Por isso perguntei se você estava preparada. Soube que Oliver vai exercitar a gente durante horas e horas. Ele é intenso.”

Tentei voltar para o meu café. “É uma aula de pintura de paisagem, não um treino de futebol.”

“Ah, não sei.” Frank ia comendo a papa que fazia. “Já ouvi falar nesse cara. Ele não para nunca. Fez nome como retratista, mas agora faz paisagens. Passa o dia inteiro ao ar livre, como um bicho.”

“Ou como Monet”, disse eu, e imediatamente me arrependi.

Frank olhava para o outro lado, como se eu tivesse começado a limpar o nariz.

“Monet”, murmurou ele, e ouvi o desdém, a perplexidade enquanto ele mastigava o seu bocado. Terminamos nossos ovos num silêncio não muito amistoso.

A encosta onde Robert Oliver nos pôs para fazer nosso primeiro exercício de paisagem tinha uma vista do mar e de ilhas rochosas. Fazia parte de um parque estadual, e perguntei-me como ele soubera ir exatamente ali, naquele cenário incrível. Robert fincou os pés de seu cavalete no chão. Reunimo-nos todos em volta dele, segurando nosso material ou largando-o na relva, observando enquanto ele demonstrava um esboço, mostrava-nos como focar primeiro na forma, sem considerar ainda o que as formas representavam, e depois fazia sugestões de colorido. Precisaríamos de um fundo acinzentado, disse ele, para reproduzir a claridade fria que nos envolvia, mas também de alguns tons quentes de marrom por baixo dos troncos das árvores, da relva, até da água.

Sua apresentação em sala de aula naquela manhã fora mínima: “Vocês todos são artistas que têm talento e que trabalham, e não vejo necessidade de falar muito — vamos simplesmente sair em campo e descobrir o que acontece. Podemos discutir composição mais tarde, quando tivermos algumas imagens para ver.” Eu ficara satisfeita, depois disso, de escapar para o ar livre. Fomos de carro até o estacionamento, e de lá seguimos a pé pela mata, carregando nosso material. A oficina fornecera sanduíches e maçãs; esperávamos que não chovesse mais tarde.

Agora, posicionada perto o bastante para ver sua demonstração, mas sem parecer sôfrega, eu me lembrava muito do jeito de Robert

Oliver; reconheci aquela insistência apaixonada pela forma, a convicção com que ele nos mandava ignorar tudo a não ser a geometria da cena até conseguirmos entendê-la, a forma como ele recuava, o peso do corpo nos calcanhares, examinando o trabalho a todo instante, depois voltando a se inclinar para a tela. Robert fazia algum tipo de contato com todo mundo, reparei. Mais do que nunca, ele mostrava aquele talento fácil e despojado para a hospitalidade, como se onde quer que lecionasse fosse uma sala de jantar e não uma sala de aula, e estivéssemos todos comendo à sua mesa. Era irresistível, e os outros alunos pareceram imediatamente atraídos por ele, acotovelando-se, confiantes, em volta de sua tela. Ele mostrava alguns panoramas e as formas que poderiam criar numa tela, depois esboçava as formas da vista que escolhera e aplicava cor, em geral terra de siena queimada, um tom de marrom-escuro desbotado.

Havia, na encosta, lugares planos suficientes para seis pessoas montarem cavaletes e encontrarem um equilíbrio fácil, e todos passamos algum tempo à procura de cenários. Era difícil se enganar, na verdade, difícil escolher qual dos 180 graus de esplendor natural pintar. Finalmente escolhi um extenso panorama de pinheiros descendo até o mar, com o volume da Isle des Roches no canto direito e um horizonte calmo de água e céu se encontrando à esquerda. Não estava muito equilibrado; movi o cavalete alguns graus e peguei um quadro de árvores de folhas perenes junto à praia na extrema esquerda, para dar à minha tela um interesse suplementar daquele lado.

Quando escolhi meu lugar, Frank plantou seu cavalete com entusiasmo perto do meu, como se eu o tivesse convidado e ficasse honrada com a companhia dele. Alguns dos outros alunos pareciam bem agradáveis; eram da minha idade ou mais velhos, na maioria mulheres, o que fazia Frank parecer uma criança precoce. Duas das mulheres, que disseram já se conhecer de uma conferência em Santa Fé, foram simpáticas e puxaram conversa comigo na van. Observei-as colocando os cavaletes nas partes mais baixas da encosta, discutindo sobre suas paletas. Havia também um homem

mais velho muito tímido que, segundo Frank me contou baixinho, expusera na Faculdade Williams no ano anterior; ele se estabeleceu perto de nós e começou a desenhar à tinta e não a lápis.

Frank não só montara o cavalete dele perto do meu como também o virara mais ou menos para o mesmo lado. Notei com irritação que estávamos fazendo vistas semelhantes, o que colocava os nossos talentos em concorrência direta. Pelo menos ele se concentrou logo e provavelmente não iria me incomodar; já tinha a paleta pronta com algumas cores básicas e usava grafite para delinear o volume da ilha e o limite da praia em primeiro plano. Era rápido, seguro, e suas costas magras moviam-se por baixo da camisa num ritmo elegante.

Olhei para o outro lado e comecei a preparar minha paleta: verde, terra de siena queimada, um azul suave com um pouco de cinza, um pingo de branco e um de preto. Eu já estava desejando ter substituído dois dos meus pincéis antes da oficina; eles eram esplêndidos, no entanto eu já os tinha há tanto tempo que estavam ficando carecas. O que eu ganhava como professora não dava para comprar muitos materiais caros de pintura. Eu pagava o aluguel e a comida, e a vida em Washington não era barata, embora eu tivesse achado um apartamento num bairro que Muzzy jamais teria aprovado, e felizmente nunca veio ver. E eu tampouco sonharia em lhe pedir dinheiro, depois de decepcioná-la com a escolha da minha carreira. (“Mas muita gente com pós-graduação em arte trabalha com advocacia hoje em dia, não, querida? E você sempre foi uma defensora e tanto.”) Renovei meus votos, como fazia diariamente: eu continuaria tentando fazer um portfólio razoável, participar de uma quantidade suficiente de exposições, acumular uma quantidade suficiente de referências excelentes, para me candidatar a um trabalho decente no magistério. Fuzilei Frank com os olhos já que ele não estava vendo. Talvez Robert Oliver pudesse me ajudar de alguma maneira, se eu me saísse bem nessa oficina. Verifiquei, disfarçadamente, e descobri que Robert também estava concentrado pintando. Eu não conseguia ver sua tela de onde eu

estava, mas era grande e ele começara a preenchê-la com longas pinceladas.

A cor da água mudava toda hora, claro, tornando difícil captá-la, e o pico da Isle de Roches revelou-se um desafio; minha versão dele foi um pouco suave demais, parecendo pudim de leite ou creme batido em vez de pedra clara; a aldeia, na praia mais baixa, parecia borrada, na melhor das hipóteses. Robert ficou pintando muito tempo, mais para baixo da encosta, e me perguntei se ele alguma hora iria subir para ver nosso trabalho, me apavorando com isso.

Afinal paramos para almoçar, Robert se alongando, unindo as mãos ao contrário acima da cabeça e nós todos imitando, de uma maneira ou de outra, olhando para cima, pousando pincéis, levantando os braços. Eu sabia que comeríamos depressa, e, quando Robert se sentou num ponto ensolarado mais abaixo e tirou o almoço de uma sacola grande de lona, todos fizemos o mesmo, agachando-nos em volta dele com nossos sanduíches. Ele sorriu para mim; será que andara olhando ao redor à minha procura um segundo atrás? Frank começou a falar com as duas mulheres simpáticas sobre o sucesso de sua recente exposição em Savannah, e Robert se debruçou por cima dele para perguntar como a minha paisagem estava tomando forma. “Muito mal”, disse eu, o que, por alguma razão, o fez sorrir. “Quer dizer”, falei alentada, “já viu aquela sobremesa chamada ‘ovos nevados’?” Ele riu e prometeu que iria dar uma olhada.

CAPÍTULO 62

MARY

Quando o almoço terminou, Robert nos deixou e foi para a mata — para fazer xixi, percebi mais tarde, algo que consegui fazer tão logo os três homens já haviam recomeçado a trabalhar e não havia perigo; eu tinha uns lenços de papel no bolso, que enterrei embaixo das folhas molhadas e dos galhos cobertos de líquens. Depois do almoço, começamos telas novas para dar conta da mudança de luz, e ainda permanecemos pintando por horas. Comecei a perceber que a avaliação de Frank da dedicação de Robert à natureza era precisa. Ele não veio olhar o trabalho de ninguém afinal, e me senti aliviada e também um pouco decepcionada. Minhas pernas e costas doíam, e comecei a ver pratos de comida na minha frente em vez de texturas de água e pinheiros.

Finalmente, pouco antes de dar quatro horas, Robert circulou lentamente entre nós fazendo sugestões, ouvindo problemas, chamando-nos todos juntos uma vez para perguntar o que pensávamos das diferenças entre a luz da manhã e a da tarde naquela paisagem, comentando que pintar um penhasco não era diferente de pintar uma pálpebra — tínhamos de lembrar que a luz revelava a forma qualquer que fosse o objeto. Ele finalmente parou ao lado do meu cavalete, e ficou examinando a tela de braços cruzados. “As árvores estão muito boas”, disse. “Realmente muito boas. Olhe, se você puser uma sombra deste lado da ilha — você se importa?” Fiz que não com a cabeça, e ele pegou um pincel emprestado. “Não tenha medo de fazer uma sombra mais escura se precisar de contraste”, murmurou, e vi minha ilha tomar proporções geológicas sob a mão dele. E não me importei que ele melhorasse o meu trabalho. “Pronto. Não vou mexer mais. Quero deixá-la

continuar o quadro.” Tocou no meu braço e me deixou, e trabalhei a fundo, quase cegamente, até o sol cair a ponto de interferir na visibilidade exata.

“Estou com fome”, sibilou Frank, debruçando-se para cima de mim. “Esse cara é maluco. Você não está morrendo de fome? Árvores legais”, acrescentou. “Você deve gostar de árvores.”

Tentei entender o que ele queria dizer com aquilo, mas não consegui, não pude nem dizer: “O quê?” Eu estava completamente rija, gelada por baixo do moletom e do lenço de algodão que enrolei no pescoço quando a brisa do mar esfriou; eu não pintava com tanto afinco há muito tempo, embora pintasse todos os dias, antes ou depois do trabalho. Eu tinha outra coisa para perguntar a Robert, agora que me concentrara tão profundamente em minhas sombras e precisava acrescentar uns salpicos de branco na cena toda, para iluminá-la. Será que deveria esperar para acrescentar o branco no dia seguinte, com uma claridade mais próxima da luz com que havíamos começado, ou fazer isso naquele momento — rapidamente, de memória?

Desci até Robert, onde ele começava a limpar os pincéis e a paleta. A toda hora, parava, olhava a tela e depois a vista. Ocorreu-me que, por um momento, ele não se lembrara de nos ensinar nada, e me identifiquei com ele; ele também estivera concentrado, num nível além do consciente, no movimento do pincel, da mão, dos dedos, do pulso. Só de estar perto de alguém com uma obsessão desse tipo, a gente já aprendia, pensei. Fiquei parada na frente do seu trabalho. Ele fazia parecer fácil enxergar as formas básicas e colocá-las na tela, acrescentando cor, dando-lhes um toque de luz — as árvores, a água, as rochas, a praia estreita lá embaixo. A superfície não estava terminada; ele, como nós, provavelmente trabalharia nesta mesma tela pelo menos mais uma tarde inteira, se houvesse tempo. Expandiria posteriormente as formas até a realidade plena; daria toques aqui e ali, incluindo detalhes de galhos, folhas e ondas.

Mas uma parte de sua tela estava pronta e maravilhosa. Perguntei-me por que ele a terminara antes do resto: a praia

acidentada e as rochas claras estendendo-se mar adentro, as cores suaves da pedra e da alga avermelhada. Estávamos acima do nível do mar, e ele captara aquela perspectiva de cima para baixo, ou de maneira oblíqua, nas duas figuras que, ao longe, caminhavam de mãos dadas pela praia; a menor inclinada, como se para pegar alguma coisa numa piscina formada pela maré, a mais alta ereta. As figuras eram nítidas apenas o suficiente para se verem as saias compridas da mulher enfunadas pelo vento, o chapéu da criança pendurado pelas fitas azuis, duas pessoas sozinhas onde não houvera ninguém senão uma turma de alunos de pintura na colina a tarde inteira. Vi-me olhando para elas, depois para ele; Robert deu um toque com o pincel no sapato minúsculo da mulher, como se estivesse engraxando a ponta, e tornou a limpar os pelos de marta. Eu já não me lembrava mais o que eu queria lhe perguntar — algo sobre mudanças na luminosidade.

Ele se virou para mim com um sorriso, como se soubesse que eu estava ali e soubesse até quem eu era: “Sua tarde foi boa?”

“Muito boa”, respondi. Seu jeito descontraído me fez achar que seria tolice lhe perguntar por que ele colocara duas figuras fictícias na cena de verão à nossa frente. Ele era conhecido por suas referências ao século XIX e tinha todo o direito, como Robert Oliver, de botar o que quisesse numa aula de paisagem. Torci para que outra pessoa fizesse essa pergunta.

Depois, torci por uma coisa diferente: para que um dia eu o conhecesse bem o bastante para lhe perguntar qualquer coisa. Ele me olhou com aquela expressão simpática e distante de que eu me lembrava da faculdade — uma cara enigmática, críptica. Em seu peito, onde ele tinha o colarinho da camisa aberto, eu via tufo de pelos prateados. Eu queria tocar nesses pelos, para ver se a idade os deixara macios ou ressecados — qual dos dois? Ele arregaçara as mangas quase até o cotovelo. Agora, estava parado naquela sua pose de homem alto, braços cruzados, as mãos segurando os cotovelos, as pernas compensando a inclinação da encosta. “É uma vista maravilhosa”, disse amistosamente. “E acho que a gente devia se mandar agora para ir jantar.” Era uma vista maravilhosa, eu

poderia ter ressaltado, mas que não incluía quaisquer figuras de vestidos compridos evitando a maré. Nenhuma praia poderia estar mais impressionantemente deserta — uma paisagem sem gente, que fora o objetivo do exercício, não?

CAPÍTULO 63

1879

No fim de março, seu quadro da criada de cabelos dourados é aceito no Salon, sob o nome de Marie Rivière. Olivier vem pessoalmente lhe dar a notícia. Ele, Yves e Papa bebem à sua saúde no melhor cristal, ao redor da mesa de jantar, enquanto ela morde os lábios para conter o sorriso. Tenta não olhar para Olivier e consegue; já está se acostumando a ver todos esses amores reunidos ao redor da mesma mesa. Naquela noite não consegue dormir de felicidade, uma alegria complexa que parece lhe roubar um pouco do entusiasmo para pintar. Olivier lhe diz na carta seguinte que aquela é uma reação natural. Diz que ela se sente exposta e jubilosa, e que deve simplesmente seguir pintando, como qualquer artista.

Ela começa uma tela nova, esta dos cisnes do Bois de Boulogne; como Yves tem tempo para acompanhá-la aos sábados, ela não caminha nem pinta sozinha. Às vezes, Olivier a acompanha em vez de Yves, ajuda-a a misturar as cores, e uma vez a pintou sentada num banco perto da água, um pequeno retrato começando na renda de sua gola e terminando no alto do chapéu, que está empurrado para trás para mostrar seu olhar arregalado. Ele diz que é o melhor retrato da carreira dele. Marca-o em pinceladas enérgicas atrás, *Portrait de Béatrice de Clerval, 1879*, e assina no canto.

Uma noite, quando Olivier não está, Gilbert e Armand Thomas vêm novamente para o jantar. Gilbert, o irmão mais velho, é um belo homem de gestos controlados, uma boa companhia num salão. Armand é mais calado, vestido com tanta elegância quanto Gilbert, mas com certa propensão à apatia. Eles se complementam, Armand não possuía a intensidade de Gilbert, e Gilbert fazia o silêncio de

Armand parecer mais refinado que monótono. Gilbert tem acesso especial às obras selecionadas do Salon, que agora estão sendo penduradas; no momento em que os outros convidados já haviam saído e os quatro ainda estão juntos na sala de estar, ele afirma ter visto a obra que Olivier Vignot submeteu, o rapaz embaixo da árvore, bem como a outra, misteriosa, que Monsieur Vignot apresentou em nome de um pintor desconhecido, uma Madame ou Mademoiselle Rivière. É curioso como o quadro lhe lembra alguma coisa. É irritante também Vignot recusar-se a revelar a identidade de Madame Rivière; seguramente esse não é seu nome verdadeiro.

Gilbert vira-se para Yves quando fala, depois para Béatrice. Sua bela cabeça se inclina para um lado quando lhes pergunta se conhecem essa pintora — talvez jovem e tímida. Que coragem uma mulher desconhecida apresentar uma obra ao Salon! Yves faz que não com a cabeça e Béatrice vira-se para o outro lado; Yves nunca foi bom em esconder coisas. Gilbert acrescenta que é pena nenhum deles ter mais informações e Monsieur Vignot ser tão misterioso. Ele sempre achou que Olivier Vignot não mostra tudo o que é; ele tem uma longa história — como pintor. A sala está agradável, como sempre, a mobília estofada com cores novas, o grande suporte de lareira de Papa, a luz do fogo e das velas finas iluminando o quadro do jardim de sua casa que Béatrice pintou e que agora está emoldurado num caixilho dourado do outro lado da sala. O tom de Gilbert é comedido, seus modos, respeitosos e cultos; ele olha para o quadro e para ela, e endireita os punhos impecáveis. Pela primeira vez desde que autorizou Olivier a apresentar o trabalho dela, Béatrice sente-se alarmada. Mas de que maneira o fato de Gilbert Thomas descobrir sua identidade poderia ser prejudicial, uma vez que a peça já fora aceita?

Ele parece estar insinuando algo mais profundo, e agora ela está realmente inquieta. Talvez seja um elogio, uma delicada maneira de dar a entender que ele poderia ser capaz de vender seu trabalho se estiver disposta a continuar com a farsa. Ela poderia estar disposta a continuar, mas não está disposta a lhe perguntar o que ele quer dizer. Assim como sentiu a bondade de Olivier, seu idealismo, desde

a primeira noite que ele passou ao lado desse fogo, ela sente algo fora do lugar em Gilbert Thomas, algo solto e duro que chacoalha dentro dele. Ela quer sair da sala, mas não consegue explicar a si mesma por quê. Yves acha-o inteligente; comprou um quadro através dele, uma imagem encantadora do bastante radical Degas, uma pequena dançarina parada com as mãos nas cadeiras, observando suas colegas na barra. Béatrice dirige a conversa para esta compra, e Gilbert responde com entusiasmo, seguido por Armand — que Degas será um pintor importante, disso estão certos, e já foi um bom investimento.

Ela fica aliviada quando eles partem, Gilbert beijando e apertando sua mão e dizendo a Yves que mande lembranças suas ao tio.

CAPÍTULO 64

MARY

Eu gostaria de poder dizer que Robert Oliver e eu nos tornamos verdadeiros amigos a partir daquele momento, que desde então ele foi um mentor, uma voz sábia e um defensor ativo da minha pintura, que ajudava minha carreira e eu, por minha vez, admirava a dele, e que foi tudo muito direito até ele morrer aos 83 anos, deixando-me dois de seus quadros no testamento. Mas não foi nada assim, e Robert continua bem vivo, com toda a nossa estranha e verdadeira história passada e encerrada. Não sei o quanto dela ele se lembra hoje; se tivesse que adivinhar, eu não diria que nem se lembra nem que se esqueceu de tudo, mas que alguma coisa ficou. Parece-me que ele se lembra um pouco de mim, um pouco de nós dois juntos, e o resto foi-se embora dele como a camada superficial do solo numa enxurrada. Se ele se lembrasse de tudo, se nossa experiência tivesse calado fundo nele, como em mim, eu não estaria explicando tudo isso ao seu psiquiatra, ou a qualquer psiquiatra, e talvez ele não estivesse louco. Louco — será esta a palavra? Ele era louco antes, no sentido de que não era como os outros, e por isso eu o amei.

Na noite após nossa primeira excursão de paisagem, sentei-me ao lado de Robert no jantar e, claro, Frank sentou-se perto de mim com aquela camisa aberta. Quis lhe dizer para abotoá-la e superar aquilo. Robert conversou bastante com uma pessoa do corpo docente sentada do seu outro lado, uma mulher na casa dos 70 anos, uma grande dama do *ready made*, mas a toda hora ele olhava em volta e sorria para mim, em geral distraidamente e uma vez com uma franqueza que me chocou até eu perceber que ele sorrisse igualmente para Frank. Parecia que tinha gostado mais do

tratamento que Frank dera à água e ao horizonte que o que eu dera. Se Frank achava que ia pintar melhor que eu na frente de Robert, ele estava redondamente enganado, prometi a mim mesma, ouvindo Frank passar por cima de mim para tentar monopolizar a atenção de Robert. Quando Frank terminou a longa sessão de perguntas técnicas que fazia para se mostrar, Robert virou-se de novo para mim; eu estava bem ao lado dele afinal de contas. Ele tocou no meu ombro. “Você está muito calada”, disse, sorrindo.

“Frank é muito barulhento”, disse eu baixinho. Eu pretendia ter falado mais alto, para mostrar a Frank um pouco do que eu pensava, mas o comentário saiu grave e rouco, como se destinado exclusivamente aos ouvidos de Robert Oliver. Ele olhou de cima para mim — como já disse, Robert olha de cima para quase todo mundo. Sinto muito usar esse clichê, mas nossos olhos se encontraram. Nossos olhos se encontraram, e se encontraram pela primeira vez em todo o tempo que nos conhecíamos, o qual, enfim, fora interrompido por um hiato de muitos anos.

“Ele só está começando a carreira dele”, comentou Robert, o que fez com que eu me sentisse um pouco melhor. “Por que não me conta um pouco sobre como vão as coisas com você? Fez escola de arte?”

“Fiz”, respondi. Eu precisava chegar bem perto para ele conseguir me ouvir; em sua orelha tinham uns pelos pretos macios.

“Que pena”, retrucou ele falando alto com uma voz macia.

“Não foi tão terrível”, confessei. “No fundo, gostei.”

Ele virou-se de tal modo que eu o via de frente novamente. Senti que era perigoso para mim vê-lo daquela maneira, que ele tinha muito mais vida que uma pessoa deveria ter. Ele estava rindo, os dentes grandes e de aparência forte, porém amarelados — meia-idade. Era maravilhoso ele parecer não ligar para nada, ou nem saber que tinha os dentes amarelos. Frank estaria branqueando os dele algumas vezes por mês antes de completar 30 anos. O mundo estava cheio de Franks, quando deveria estar cheio de Roberts Olivers.

“Também gostei da minha”, ele dizia. “Ela me deu um motivo de irritação.”

Arrisquei um movimento de ombros. “Por que a arte deveria irritar alguém? Eu não ligo para o que os outros fazem.”

Eu o estava imitando, imitando sua indiferença, mas ele pareceu ter estranhado aquilo. Franziu o cenho. “Talvez tenha razão. Enfim, a gente supera esse estágio, não?” Era uma experiência compartilhada, não uma pergunta de verdade.

“Sim”, disse eu, atrevendo-me a olhar novamente para seus olhos. Não era difícil, depois de uma ou duas vezes.

“Você superou isso, jovem”, disse ele, com sobriedade.

“Não sou tão jovem.” Eu não tivera a intenção de parecer agressiva, mas ele me olhava com mais atenção ainda. Seus olhos desceram pelo meu pescoço, passaram rapidamente pelos meus seios — o registro masculino da presença feminina, automático, selvagem. Desejei que ele não tivesse revelado aquele olhar; era impessoal. Fez-me pensar em sua mulher. Agora, como na Barnett, ele usava a aliança de ouro, e tive de presumir que continuava casado. Mas seu rosto tinha uma expressão simpática quando ele falou de novo. “Seu trabalho revela muita compreensão.”

Aí, virou-se para o outro lado, arrastado de alguma maneira pelas outras pessoas em volta, e conversou com a mesa toda, de modo que não descobri, pelo menos naquela ocasião, que tipo de compreensão ele tinha em mente. Concentrei-me em minha comida; de qualquer maneira, eu não ouvia nada com aquele barulho todo. Dali a pouco, ele virou-se para mim e de novo houve aquele silêncio entre nós, aquela expectativa. “O que está fazendo agora?”

Decidi contar a verdade. “Bem, estou com dois empregos chatos em Washington. Vou à Filadélfia de três em três meses visitar minha mãe idosa. Pinto à noite.”

“Pinta à noite”, disse ele. “Já fez alguma exposição?”

“Nem individual e nem sequer coletiva”, respondi lentamente. “Acho que poderia ter criado uma oportunidade, de alguma forma, na escola, mas dar aulas me mantém tão ocupada que não consigo

pensar direito no assunto. Ou talvez eu ainda não me sinta pronta o suficiente. Simplesmente continuo pintando sempre que posso.”

“Você devia expor. Em geral há uma maneira, com um trabalho como o seu.”

Desejei que desenvolvesse o “como o seu”, mas, a esse cavalo dado, não olhei os dentes, especialmente uma vez que ele já caracterizara minha única paisagem como dotada de “compreensão”. Eu disse a mim mesma para não me deixar levar por nada, apesar de saber, por experiência, que Robert não elogiava à toa, e, por instinto, que embora tivesse, num reflexo, me olhado por inteiro, ele não usaria um elogio para conseguir alguma coisa comigo. Era simplesmente muito verdadeiro em relação à pintura; via-se isso em cada ruga de seu rosto e em sua postura, ouvia-se em sua voz. Percebi muito mais tarde que o que ele tinha de mais confiável era aquele elogio ou aquele desprezo sem disfarce; que eram, como aquele seu olhar pelo meu corpo, impessoais. Ele tinha uma frieza, um olhar gelado por baixo daquela pele morena e daquele sorriso quente, uma qualidade na qual confiei porque confiava nessa mesma qualidade que havia em mim. Podia-se contar que ele rejeitaria a pessoa com um dar de ombros, não daria a menor importância ao trabalho dela se não o considerasse bom. Não havia esforço nisso, ele nem cogitava em fazer alguma concessão por razões pessoais. Diante do trabalho, da pintura, sua ou dos outros, ele não era pessoal.

A sobremesa era morangos frescos. Fui pegar uma xícara de chá preto com creme, que eu sabia que me manteria acordada, mas, de qualquer maneira, eu estava muito empolgada com toda a situação para pensar em dormir. Quem sabe eu ficaria acordada pintando. Havia estúdios abertos a noite inteira, não longe dos dormitórios — garagens que já deviam ter abrigado os primeiros Ford Modelo T e agora eram equipadas com grandes claraboias. Eu poderia ficar ali pintando, talvez produzir algumas outras versões daquela paisagem a partir da original inacabada. E então, sem vergonha nenhuma, eu poderia dizer a Robert Oliver no café da manhã, ou na próxima vez que estivéssemos na encosta: “Estou um

pouco cansada. Ah, pinteí até três da manhã.” Ou talvez ele estivesse passeando lá fora na noite e passasse por ali e me visse na janela da garagem, trabalhando com afinco; ele entraria, me tocaria no ombro com um sorriso e me diria que o quadro demonstrava “compreensão”. Era tudo que eu queria — a atenção dele, por um instante, e de maneira quase, porém não de todo, inocente.

Quando terminei o chá, Robert se levantava da mesa, pondo-se de pé, o quadril dentro daquelas calças surradas no nível da minha cabeça; estava dando boa-noite a todos. Provavelmente tinha coisas mais importantes para fazer, como seu próprio trabalho. Para meu desgosto, Frank saiu da mesa com ele, o perfil anguloso girando para cá e para lá, abusando dos ouvidos de Robert. Pelo menos, assim ele não viria atrás de mim, abrindo um pouco mais a camisa ou me perguntando se eu queria passear no bosque. Senti-me sozinha com isso, abandonada não por um, mas por dois homens, e tentei reunir de novo a meu redor minha independência, o romance do *eu sozinha*. Eu iria pintar, afinal; não para manter Frank longe ou para atrair Robert para mim, iria pintar apenas por pintar. Eu estava ali para usar bem o meu tempo, para tornar a dar a partida nos meus motores engasgados, para saborear meus preciosos dias de férias, os homens todos que fossem para o inferno.

Por isso Robert me encontrou mesmo na garagem, tão tarde que as outras duas ou três pessoas que estiveram trabalhando aqui e ali naquele espaço grande cheirando a mofo já haviam pegado suas coisas e ido embora, tão tarde que eu estava zonzinha, vendo verde em vez de azul, usando o amarelo muito depressa, raspando-o, dizendo a mim mesma que parasse. Eu refizera minha paisagem da tarde numa tela nova trazida do meu cubículo e nela havia várias diferenças. Lembrei-me das margaridas na relva, nas quais eu não tinha chegado com o dia claro, e as coloquei na superfície da encosta, tentando fazê-las flutuar, mas, em vez disso, elas

afundaram. E havia também outra diferença. Quando Robert entrou e fechou a porta lateral ao passar, eu já estava tão cansada de contemplar essas mudanças que o vi como uma manifestação da fantasia que criei no jantar, do meu desejo de que ele aparecesse ali. Eu, na verdade, me esquecera dele, embora, de alguma forma, ele ao mesmo tempo ocupasse meus pensamentos. Eu estava desprevenida e agora olhava cegamente para ele.

Ele estava parado diante de mim, sorrindo um pouco, braços cruzados. “Você ainda está acordada. Trabalhando na futura exposição?”

Fiquei parada, encarando-o. Ele estava irreal, rodeado da névoa das lâmpadas penduradas no teto. Sem querer, achei-o parecido com um arcanjo num daqueles trípticos medievais colossais, o cabelo meio comprido, crespo, a cabeça rodeada de ouro, as enormes asas recolhidas por conveniência enquanto ele transmitia uma mensagem celeste. Suas roupas douradas surradas, o brilho escuro de seu cabelo, o esverdeado de seus olhos, tudo combinava com asas, e se Robert tivesse asas, elas seriam imensas. Senti-me fora dos limites da história e das convenções, à margem rochosa de um mundo que era muito humano para ser real, ou muito real para ser verdadeiramente humano: senti apenas a mim mesma, o quadro no cavalete, que eu já não queria mais que ele visse, e esse homenzarrão de cabelos crespos parado a dois metros de mim.

“Você é um anjo?”, perguntei. Imediatamente a pergunta soou falsa, boba.

Mas ele coçou o queixo, onde crescia uma barba incipiente, e riu. “Difícilmente. Assustei você?”

Fiz que não com a cabeça. “Você pareceu radioso por um momento, como se estivesse vestido de ouro.”

Ele teve a delicadeza de parecer confuso, ou talvez tenha ficado mesmo. “Eu não daria um bom anjo pelos padrões de qualquer pessoa.”

Dei uma risada forçada. “Devo estar muito cansada então.”

“Posso ver?” Ele se aproximou mais do meu cavalete do que exatamente de mim; não pude dizer não. Ele já passara por trás de

mim, e tentei não me virar para observar o rosto dele, mas também não podia evitar olhar. Ele contemplava minha paisagem e, de repente, ficou sério. Descruzou os braços, que caíram ao longo do seu corpo. “Por que as botou no quadro?”

Apontou para as duas figuras caminhando em minha praia revista, a mulher com suas saias compridas e a garotinha ao lado dela.

“Não sei”, titubeei. “Gostei do que você fez.”

“Não achou que elas poderiam pertencer a mim?”

Perguntei a mim mesma se seu tom se aproximava de algo que sugeria perigo; sua pergunta era um pouco bizarra, mas senti principalmente minha própria tolice, e as lágrimas tolas subindo, embora ainda escondidas embaixo do meu desgosto. Será que ele ia realmente me castigar? Recuperei-me. “Há alguma coisa que pertença a um único artista?”

Sua feição estava sombria, mas também pensativa, interessada em minha pergunta. Eu era um pouco mais nova que ele; não entendia como as pessoas podem simplesmente *parecer* interessadas em alguma coisa que não elas mesmas. Finalmente, ele disse. “Não, tem razão. Acho que eu simplesmente sou possessivo em relação às imagens com as quais convivo há tanto tempo.”

De repente, eu voltava àquele campus, tantos anos atrás; era, estranhamente, a mesma conversa, e eu estava lhe perguntando a identidade da mulher em suas telas e ele estava prestes a dizer. “Eu apenas sabia quem ela era!”

Em vez disso, toquei no braço dele — com impertinência, talvez. “Sabe, acho que já conversamos uma vez sobre isso.”

Ele franziu a testa. “Já?”

“Sim, no gramado da Barnett, quando eu estudava lá e você expôs aquele retrato da mulher em frente ao espelho.”

“E está se perguntando se é a mesma mulher?”

“Sim, estou me perguntando isso.”

A luz no grande estúdio aberto era dura e nua; meu corpo vacilava com o avanço da hora e a proximidade desse homem

estranho que só ficara mais atraente com o tempo. Eu mal acreditava que ele tivesse sobrevivido à passagem daqueles anos para voltar à minha vida. Na verdade, ele franzia a testa para mim. “Por que quer saber?”

Hesitei. Havia muitas coisas que eu poderia ter dito, mas, na crueza daquele momento e daquele lugar, na irrealidade que parecia não ter futuro ou consequências, eu disse o que era mais espontâneo, mais próximo ao meu coração. “Tenho a sensação”, disse eu devagar, “de que se eu soubesse por que continua pintando a mesma coisa depois de tantos anos, conheceria você. Eu saberia quem você é.”

Minhas palavras calaram fundo na sala, e pude ouvir sua frieza e achei que eu deveria me sentir constrangida, mas não me sentia. Robert Oliver estava ali parado, me olhando, como se estivesse ouvindo o tempo todo e quisesse saber como eu reagiria à observação que ele iria fazer. Mas em vez de fazer uma observação, ele ficou ali parado, calado — eu até me senti desafiadoramente alta ao lado dele, chegando à altura de seu queixo — e afinal, em vez de falar, ele tocou no meu cabelo. Puxou uma mecha longa por cima do meu ombro, e alisou-a só com as pontas dos dedos, sem encostar em mim.

Lembrei-me com um sobressalto que este era o gesto de Muzzy; pensei nas mãos de minha mãe, agora tão mais velhas, pegando uma mecha do meu cabelo quando eu era adolescente, dizendo-me quão luzidio e liso e macio ele era, e largando-a com ternura. Era seu gesto mais delicado, na verdade, um pedido de desculpas mudo por todas as exigências, o molde contra o qual eu me batera até acabarmos desgastadas e ressentidas. Fiquei o mais imóvel que pude, com medo de que pudesse tremer ostensivamente, torcendo para que Robert não me tocasse mais porque isso poderia fazer com que eu estremecesse na frente dele. Ele levantou as duas mãos e pôs o meu cabelo para trás, ajeitando-o atrás dos meus ombros, como se o quisesse assim para um retrato. Vi que seu rosto estava pensativo, triste, assombrado. Então ele deixou cair as mãos e ficou parado ali mais um pouco, como se quisesse dizer alguma

coisa. Depois, deu meia-volta e foi-se embora. Suas costas eram grandes e vagarosas, seus gestos ao abrir e fechar a porta, lentos, delicados; não houve despedida.

Quando ele saiu, limpei os pincéis, coloquei meu cavalete no canto, apaguei a luz brilhante e deixei o prédio. A noite cheirava a orvalho, abafada. O céu continuava repleto de estrelas — estrelas que aparentemente não existiam em Washington. No escuro, peguei meu cabelo e o joguei para frente, ele caiu sobre o meu peito, depois o levantei e o beijei onde a mão de Robert estivera.

CAPÍTULO 65

1879

Num belo dia de primavera, afinal, eles visitam o Salon. Ela, Olivier e Yves juntos, embora ela e Olivier voltem outro dia sozinhos, a mão enluvada dela metida embaixo do braço dele, para ver os quadros de ambos, pendurados em salas diferentes. Já estiveram ali em outros anos, mas esta é a primeira vez — de duas, como se verá — que Béatrice vê seu próprio quadro entre as centenas que cobrem as paredes. Está familiarizada com o ritual da plateia, mas hoje é totalmente diferente; nas galerias apinhadas, cada pessoa que ela enxerga pode ter visto o quadro dela, mirando-o com indiferença, contemplando-o com empatia, ou franzindo o cenho para a sua inépcia. O público já não é mais uma imagem vaga de roupas elegantes. São indivíduos, cada qual capaz de dar seu veredicto.

Isso é o que significa ser um pintor público, pensa ela, estar exposto. Ela se alegra agora por não ter usado seu nome. Ministros do governo provavelmente passaram por seu quadro; talvez Monsieur Manet e seu velho professor, Lamelle, também. Ela usa seu vestido e seu chapéu novos, ambos cinza-pérola, o vestido debruado com um fino viés vermelho, a boinazinha inclinada à frente acima da testa, com longas tiras vermelhas caindo atrás. Traz o cabelo enrolado num coque embaixo do chapéu, a cintura bem apertada num corpete, a parte de trás da saia apanhada numa série de cascatas apertadas, a bainha arrastando no chão. Sente-se grata a Yves por ele ter parado para ver um quadro, segurando o chapéu com as duas mãos atrás das costas.

Foi uma tarde gloriosa, mas, naquela noite, o pesadelo volta; ela está na barricada. Chegou tarde demais e a mulher de Olivier se esvai em sangue em seus braços. Ela não escreverá a Olivier sobre isso, mas Yves ouviu seus gemidos. Algumas noites depois, ele lhe diz categoricamente que ela precisa ir ao médico — ela está nervosa, pálida. O médico receita chá, um bife dia sim, dia não, e um copo de vinho tinto no almoço. Quando o pesadelo volta mais algumas vezes, Yves lhe diz estar programando umas férias para ela na costa da Normandia, que eles adoram.

Eles estão sentados no pequeno *boudoir* dela, onde ela passou a noite descansando com um livro; Esmé acendeu a lareira. Yves diz que precisa insistir; não há por que ela se cansar mais com os cuidados domésticos quando não está bem. Ela pode ver pela preocupação no rosto dele, pelas rugas embaixo de seus olhos, que ele não aceitará uma recusa; esta é a determinação, a vontade, o amor à ordem que o tornou tão bem-sucedido em sua carreira e o ajuda constantemente a superar problemas na cidade. Ela esqueceu, ultimamente, de procurar em seu rosto a pessoa que conhece e admira há anos; seus olhos firmes e cinzentos, seu ar de nítida prosperidade, sua boca surpreendentemente simpática, sua barba castanha cerrada. Ela não repara há algum tempo como aquele rosto é jovem; talvez seja simplesmente o fato de que ele está na flor da idade, aliás, ele e ela — Yves é seis anos mais velho que ela. Ela fecha o livro e lhe pergunta.

— Como pode largar o seu trabalho?

Yves esfrega o tecido do terno na área dos cotovelos e dos joelhos; não parou para se trocar para o jantar, e a poeira da cidade continua em suas roupas. As cadeirinhas azuis e brancas dela são muito pequenas para ele.

— Não poderei ir — diz ele pesaroso. — Eu não me importaria de descansar um pouco, mas seria muito difícil para mim sair agora, com os novos quadros de funcionários chegando. Pedi a Olivier para levá-la.

Ela se prepara para não falar naquele momento, mas está consternada. É isso o que a vida lhe reserva? Considera contar a

Yves que a história de seu tio é a causa de seu estado de nervos, mas jamais trairá a confiança que Olivier depositou nela. Ademais, Yves nunca entenderá como o amor de uma pessoa poderia causar pesadelos em outra. Afinal, ela diz:

— Isso não será muito aborrecido para ele?

— Ah, ele hesitou a princípio, mas eu insisti muito, e ele sabe quão agradecido eu ficarei se seu rosto puder recobrar a cor.

Paira entre eles a ideia de que ainda poderiam conceber um filho, e também que Yves está sempre ocupado ou cansado e eles não fazem amor há vários meses. Ela se pergunta se ele está propondo alguma espécie de recomeço, embora queira primeiro deixá-la bem.

— Sinto muito que você esteja decepcionada, minha querida, mas eu simplesmente não posso me afastar agora — cruza as mãos no joelho; está ansioso. — Vai lhe fazer bem, e, se você achar aborrecido, não precisa ficar mais que umas poucas semanas.

— E Papa?

Ele balança a cabeça

— Ele e eu vamos nos dar bem. Os criados podem se ocupar de nós.

Seu destino parece se abrir à sua frente. Ela torna a ver o corpo atrás da barricada, Olivier, ainda sem os cabelos brancos, ajoelhando-se diante do corpo, esmagado pelo pesar. Ela irá até metade do caminho para encontrá-los, se for o que a vida exige. Antes disso, ela não entendia o amor, apesar de todos os esforços do empresário sentado à sua frente. Ela se prepara para o pior, sorri para ele. Se assim for preciso, ela irá até o fim.

— Muito bem, querido. Eu irei. Mas deixarei Esmé aqui para atender a você e Papa.

— Que absurdo. Podemos dar um jeito, e você precisa dela para cuidar de você.

— Olivier pode cuidar de mim — diz ela com coragem. — Papa depende de Esmé quase tanto quanto de mim.

— Tem certeza, querida? Não quero você fazendo sacrifícios quando não está bem.

— Claro que tenho — responde ela com firmeza. Agora que a viagem é inevitável, ela se sente exuberante, como se não precisasse mais olhar onde pisa. — Hei de aproveitar a independência. Você sabe como Esmé fica em cima de mim. E hei de me preocupar bem menos, sabendo que Papa está bem-servido.

Ele faz que sim com a cabeça. Ela pode perceber que o médico recomendou que ela precisa ter o que desejar, deve descansar; a saúde de uma mulher pode ser minada muito rapidamente, e sobretudo a de uma mulher em idade de ter filhos. Ele mandará o médico examiná-la de novo, sem dúvida, antes que ela parta, pagará os preços exorbitantes das consultas para se permitir ficar tranquilo. Ela sente uma onda de afeição por esse homem firme e preocupado. Ele poderia ter culpado a pintura dela, ela se dá conta, ou a ansiedade por estar apresentando um trabalho ao Salon, mas o marido não disse uma palavra sobre essas coisas. Ela se levanta, calçando novamente os chinelos, e atravessa a saleta para lhe dar um beijo na testa. Se ela algum dia voltar a ser o que era, ele sairá no lucro. No lucro total.

Paris
Maio de 1879

Minha querida,

Sinto muito realmente que Yves não vá nos acompanhar a Étretat, mas creio que você não se importará de se colocar sob meus respeitosos cuidados. Consegui as passagens como você pediu, e irei pegá-la num cabriolé às sete da manhã na quinta-feira. Escreva-me com antecedência para informar-me quais materiais de pintura posso levar-lhe; isso, estou certo, será melhor remédio para você que qualquer outra coisa que eu possa fazer em seu favor.

Olivier Vignot

CAPÍTULO 66

MARY

No café da manhã do segundo dia, preparei-me para desviar o olhar caso ele cruzasse com o de Robert, mas, para meu alívio, ele não estava lá, e até Frank parecia ter encontrado alguém com quem conversar. Debrucei-me sobre meu café com torrada, entorpecida por ter passado a noite pintando, sem dormir, relutando em começar o dia. Eu prendera o cabelo, vestira uma saia cáqui desbotada e suja de tinta, aquela de que Muzzy menos gostava. O café quente ajudou a acalmar meus nervos; afinal, era bobagem da minha parte pensar nesse homem, esse estranho não disponível, estranho e famoso, então planejei não fazer isso. A manhã estava aviltantemente límpida, perfeita para uma excursão de paisagem; quando deu nove horas, eu estava de novo na van. Robert dirigia, e uma das mulheres mais velhas consultava um mapa para ele. Frank me cutucava do assento ao lado e era como se a noite da véspera nunca tivesse acontecido.

Desta vez, pintamos na beira de um lago com um chalé em ruínas do outro lado, e um rendilhado de bétulas brancas ao redor das margens. Robert nos advertiu com humor a não colocar nenhum alce nos quadros. Nem mulheres de vestidos compridos, eu poderia ter acrescentado se não fosse aquela minha dor de cabeça. Montei meu cavalete o mais longe possível dele sem, contudo, me juntar a Frank. Naturalmente, eu não queria que Robert Oliver pensasse que eu o estava perseguindo, e minha única gratificação foi ele ter evitado de propósito me olhar a tarde inteira, sem nem sequer passar para criticar meu quadro, que ficou um desastre de todo jeito. Aquilo significava que a conversa da noite da véspera continuava em sua corrente sanguínea, também; do contrário, ele estaria

fazendo brincadeiras comigo, sua antiga aluna. Eu não conseguia lembrar o que eu sabia sobre árvores, nem sombras, nem nada; parecia que eu estava pintando um fosso lamacento em que eu via minha forma emergindo, agitando a água, algo familiar porém sinistro.

Almoçamos espremidos em duas mesas de piquenique (não sentei na de Robert) e, no fim do dia, reunimo-nos em volta do cavalete de Robert — como ele fazia a água parecer viva assim? — e ele falou sobre as formas da orla e as cores que escolhera para as colinas azuis ao longe. O desafio desta cena era sua natureza monocromática, colinas azuis, lago azul, céu azul, e a tentação de exagerar o branco das bétulas em contraste. Mas se olhássemos bem, disse Robert, veríamos que havia uma variedade incrível naqueles tons apagados. Frank estava parado esfregando um dedo atrás da orelha, escutando com um ar de eu-respeito-mas-poderia-lhes-dizer-mais-alguma-coisa que me deu vontade de lhe dar um tapa; o que o fazia pensar que ele sabia mais que Robert Oliver?

O jantar foi pior; Robert chegou ao refeitório apinhado depois de mim e, depois de ter visto onde eu estava sentada, pareceu escolher o lugar mais distante possível da minha mesa. Mais tarde, a fogueira foi acesa no jardim escuro, e as pessoas beberam cerveja e conversaram e riram com outro nível de entusiasmo, como se amizades já tivessem se solidificado. E o que eu solidificara? Eu andara com Frank, o Perfeito, ou ficara no quarto sozinha, ou pensara no gênio do nosso professor e o evitara, quando eu poderia ter feito amigos. Considerei procurar uma das mulheres de quem gostei na aula de paisagem, levando uma cerveja, e me instalar num banco de jardim para ouvir sobre a vida dela em casa, onde ela estudava e onde fizera uma exposição individual, o que o marido dela fazia — mas me senti enfastiada antes de sequer ter tomado a iniciativa. Olhei o grupo à procura da cabeça crespa de Robert e encontrei-a; ele era o mais alto de uma roda que incluía alguns de meus colegas de turma, e fiquei feliz de ver que dessa vez Frank não estava grudado nele. Peguei meu moletom e fui andando numa postura desajeitada em direção às cavalariças, à minha cama e ao

meu livro — Isaac Newton seria melhor companhia que toda essa gente se divertindo demais junta, e uma vez que conseguisse dormir mais de três horas, eu também seria boa companhia.

As cavaliças estavam desertas, as filas de portas dos quatinhos, fechadas, a não ser a minha, que aparentemente eu deixara aberta — foi descuido, embora eu estivesse com a carteira no bolso da calça e não estivesse preocupada com o resto das coisas. Ninguém parecia se trancar muito aqui afinal. Entrei, sonolenta, e, sem querer, dei um gritinho; Frank estava sentado na beira da minha cama, usando uma camisa branca limpa aberta até a cintura, jeans e um colar de pesadas contas marrons que na verdade era bastante parecido com o meu. Tinha um caderno de desenho na mão; esfregava o polegar num desenho novo, esfumando linhas. Seu bronzeado era espantoso, seu abdome musculoso se contraía um pouco quando ele se inclinava sobre a página; esfregou com concentração mais um segundo, depois ergueu os olhos e sorriu. Tentei não colocar de fato as mãos nas cadeiras. “O que está fazendo aqui?”

Ele pousou o desenho e riu para mim. “Ah, para com isso. Você anda me evitando há dias.”

“Eu poderia chamar os organizadores e mandar expulsá-lo.”

Ele fez uma cara atenta mais decente. “Mas não vai. Você reparou em mim tanto quanto reparei em você. Pare de me dar gelo.”

“Não ando lhe dando gelo. Acho que a palavra é ‘ignorando’. Ando ignorando você e talvez você não esteja acostumado a isso.”

“Acha que não sei que sou um fedelho mimado?” Pôs de lado a cabeça com aquele cabelo louro espetado e olhou para mim. “E você?” Seu sorriso era contagiante, para meu pesar. Cruzei os braços. “Você também é?”

“Se não fosse um fedelho mimado, certamente você não estaria aqui desse modo totalmente impróprio.”

“Ora essa”, disse ele de novo. “Não é bem isso que você pensa sobre o que é ou não apropriado. Não estou aqui para comer você, afinal. Só achei o tempo todo que podíamos ser amigos, e pensei

que poderia conversar comigo se estivéssemos sozinhos e você não tivesse que se exhibir para os outros.”

Eu não sabia por onde começar a criticá-lo. “Exibir? Nunca vi ninguém mais preocupado com imagem que você, rapaz.”

“Ah, agora vemos quem você é. Uma antiesnobe. Assim é melhor. Afinal, você também fez escola de arte, e eu sei onde. Nada mal.” Ele sorriu e me mostrou seu caderno de desenho. “Ei, estava tentando fazer um autorretrato no seu espelho. Estava acabando de retocá-lo. Pareço exibido?”

Olhei para o desenho sem querer. Era nostálgico, calmo, uma expressão pensativa que eu não associaria com o que eu vira de Frank. Era bom, também.

“Sombreado muito fraco”, disse eu. “E a boca está muito grande.”

“Grande é bom.”

“Saia da minha cama, moço”, disse eu.

“Venha cá me dar um beijo primeiro.”

Eu deveria ter-lhe dado uma bofetada, mas comecei a rir. “Tenho idade para ser sua mãe.”

“Não é verdade”, disse ele. Pousou o caderno na cama, levantou-se — era exatamente da minha altura, com o mesmo corpo — e me segurou com uma mão de cada lado, contra a parede, um gesto que seguramente aprendeu com Hollywood. “Você é jovem e linda e devia parar de ser tão ranzinza e se divertir um pouco. Aqui é uma colônia de *arte*.”

“Eu devia mandar que chutassem você dessa colônia de *arte*, seu criação.”

“Vamos ver, você deve ser... o que, oito anos mais velha que eu? Cinco? Tão digna.” Ele começou a afagar meu rosto e uma labareda me saltou do ombro para a raiz dos meus cabelos. “Gosta de fingir que é autossuficiente, ou gosta mesmo de dormir sozinha nessa baia?”

“Aqui, de qualquer maneira, homem não tem permissão de entrar”, disse eu, retirando a mão dele, que voltou imediatamente em um delicado passeio por minha têmpora e pelo meu maxilar

abaixo. Comecei, sem querer, a botar aquela mão delicada e habilidosa em outro lugar, a senti-la em toda parte.

“Isso é só no papel.” Ele veio se chegando, mas devagar, como se para me hipnotizar, uma tarefa bem-sucedida. Seu hálito tinha um cheiro agradável, fresco. Ele ficou ali parado até eu beijá-lo primeiro, humilhando-me, porém sedenta, e aí seus lábios encontraram os meus completamente, com uma força contida que me causou um frio na barriga. Eu poderia ter terminado a noite encostada naquele peito sedoso se ele não tivesse levantado uma mecha do meu cabelo. “Maravilhosa”, disse ele.

Desvencilhei-me de seu braço bronzeado. “Você também, garotinho, mas pode esquecer.”

Ele riu, surpreendentemente bem-disposto. “Está bem. Se você mudar de ideia, me informe. Você não precisa estar tão sozinha se não quiser. Podemos simplesmente ter umas boas conversas daquelas que você insiste em evitar.”

“Vá embora, por favor. Nossa. Chega.”

Ele pegou o caderno de desenho e saiu tão silenciosamente quanto Robert saíra do estúdio na noite da véspera, inclusive fechando a porta respeitosamente ao passar, como se para me mostrar a maturidade que eu subestimara nele. Quando tive certeza de que ele saíra do prédio, atirei-me na cama e limpei a boca nas costas da manga e até chorei um pouco, embora com violência.

CAPÍTULO 67

1879

Quando o trem chega à costa, é noite e eles estão calados; ela está cansada, o véu um pouco manchado de fuligem, o que a faz pensar que há algum problema com sua vista. Em Fécamp, eles se preparam para saltar do trem e pegar um cabriolé para Étretat. Olivier pega as malas menores na prateleira da cabine em que passaram o dia inteiro conversando — os baús seguirão depois — e, quando ele se levanta, ela o acha sem flexibilidade, parecendo-lhe que aquele corpo por baixo do terno de viagem bem-cortado é, sem dúvida, velho, que ele não tem nada que tocar em seu cotovelo quando fala com ela, não por não ser Yves mas por não ser jovem. Mas ele torna a sentar-se e pega sua mão. Ambos estão de luvas.

— Estou segurando sua mão — diz ele —, porque eu posso, e porque é a mão mais linda do mundo.

Ela não pode dizer nada à altura daquilo e o trem está trepidando, freando. Em vez disso, ela se solta e tira a luva, depois devolve a mão para a dele. Ele a levanta para examiná-la e, na penumbra da cabine, ela a vê objetivamente, notando, como sempre, que os dedos são muito compridos, a mão toda, muito grande para o pulso pequeno, que há tinta azul na ponta de seus dedos indicador e médio. Ela acha que ele vai beijar-lhe a mão, mas ele apenas inclina a cabeça, como se ponderando alguma coisa íntima, e a solta. Então fica em pé, ágil, pega as malas, e convida-a delicadamente a sair primeiro da cabine.

O inspetor ajuda-a a saltar na noite, que cheira a carvão e campos encharcados. O colossal trem atrás deles ainda geme, a fumaça branca do motor contra fileiras escuras de casas, as formas vagas dos maquinistas e passageiros. No cabriolé, Olivier instala-a

cuidadosamente num assento ao lado dele; os cavalos arrancam e ela se pergunta pela centésima vez por que consentiu em tal viagem. Será porque Yves insistiu ou porque Olivier quis que ela viesse com ele? Ou será porque ela mesma queria e foi fraca demais para fazer Yves mudar de ideia, muito curiosa?

Étretat, quando eles chegam, é uma imagem indistinta de lampiões a gás e ruas calçadas. Olivier oferece a mão para que ela salte, e ela se enrola no manto, alonga-se discretamente — também está enrijecida da viagem. O vento recende a água salgada; em algum lugar por ali, está o Canal, com seu marulho solitário. Étretat tem o aspecto injusto de uma estação turística fora de temporada. Ela conhece aquela melodia, conhece essa cidade de visitas anteriores, mas, hoje à noite, parece-lhe um lugar novo, um deserto, o fim do mundo. Agora Olivier está dando ordens a respeito da bagagem. Quando ela se permite olhar para o perfil dele, acha-o distante, triste. Que décadas ele trouxe consigo? Será que ele visitou esta costa há muito tempo com a mulher? Será que ela pode lhe perguntar uma coisa dessas? Sob a luz dos lampiões da rua, o rosto dele parece envelhecido, os lábios elegantes, sensíveis, enrugados. Nas janelas do primeiro andar de uma das casas altas e dotadas de chaminés em frente à estação, alguém acendeu velas; ela enxerga um vulto circulando lá dentro, talvez uma mulher arrumando um quarto antes de se deitar. Ela se pergunta como é a vida naquela casa e por que mora numa diferente, em Paris; pensa com que facilidade o destino poderia ter realizado tal troca.

Olivier faz tudo com elegância, um homem há muito habituado à si mesmo — acostumado, também, a fazer as coisas discretamente ao seu jeito. Observando, ela se dá conta com um frio na barriga que, a menos que lhe diga algum tipo de não, acabará se vendo deitada nua em seus braços ali, naquela cidade. É um pensamento chocante, mas, uma vez que se manifesta, ela não consegue afastá-lo. Terá de encontrar forças para formar aquela palavra, “*non*”. *Non* — não existe tal palavra entre eles, somente essa estranha abertura de espírito. Ele está mais perto da morte que ela; não tem tempo de

esperar respostas, e ela está muito comovida com o desejo dele. A inevitabilidade disso a angustia.

— Você deve estar cansada, minha querida — ele diz. — Vamos direto para o hotel? Tenho certeza de que vão nos oferecer uma pequena ceia.

— Será que nossos quartos serão simpáticos? — A pergunta sai num tom mais categórico que ela pretendia, porque quer dizer outra coisa.

Ele olha para ela, surpreso, afável, divertido.

— Sim, ambos são muito simpáticos, e acho que há uma sala de estar para você também.

Ela fica envergonhada. Claro; Yves mandou-os lá juntos. Olivier tem a delicadeza de não rir.

— Você vai querer dormir até tarde, espero, e podemos nos encontrar amanhã para pintar no fim da manhã, se quiser. Veremos como está o tempo. Bom, acho eu, pela sensação desse ar.

O homem já subiu a rua com a bagagem deles num carrinho, as malas e as caixas, o baú com correias de couro dela. Ela e o tio do marido estão sozinhos à beira de um outro mundo, limitados somente pelo mar escuro, um lugar onde ela não conhece ninguém senão ele. De repente tem vontade de rir.

Em vez disso, pousa a mala com seu precioso material de pintura e levanta o véu que lhe cobre o rosto; aproxima-se dele, as mãos em seus ombros. Os olhos dele estão alertas à luz do lampião. Se está surpreso com seu rosto virado para cima, sua impetuosidade, trata logo de não demonstrar. Ela se surpreende por sua vez, aceitando o beijo dele sem reserva, sentindo naquilo os quarenta anos de experiência dele, vendo o ângulo da maçã do seu rosto. Ele tem uma boca quente e instigante. Ela é mais uma entre muitos amores, mas é a única neste momento, e será a última. A inesquecível, a que ele levará consigo até o fim.

CAPÍTULO 68

MARY

O terceiro dia foi surpreendente. Nunca poderei descrever todos os cerca de quinhentos dias que passei com Robert Oliver, mas os primeiros dias em que se ama uma pessoa são vívidos; a gente se lembra deles em detalhes porque representam todos os outros. Até explicam por que um amor específico não dá certo.

Na terceira manhã da oficina, eu me vi tomando café na mesma mesa que umas mulheres do corpo docente que pareciam não notar minha presença na outra ponta, por isso foi uma sorte eu ter levado meu livro. Uma delas devia ter uns 60 anos, e eu a reconheci porque ela ensinava gravura, e a outra, de uns 45, era professora de pintura, tinha o cabelo curto e oxigenado e começou a declarar que não estava achando o nível dos alunos de pintura tão alto como o dos alunos do ano anterior. *Bem, então vou ler meu livro, senhora*, pensei. Meus ovos estavam com a gema mole, não do jeito que eu gostava.

“Não sei bem por que isso.” Ela tomou um grande gole de café, e a outra fez que sim com a cabeça. “Espero que o grande Robert Oliver não esteja decepcionado, só isso.”

“Tenho certeza de que ele vai sobreviver. Ele leciona agora numa faculdade pequena, certo?”

“Bem, é verdade. Acho que é em Greenhill, na Carolina do Norte. Justiça seja feita, um departamento muito bom, mas não como ele encontraria numa escola de verdade. Quer dizer, num curso de arte.”

“Os alunos parecem gostar dele”, observou a gravurista afavelmente; ela claramente associara a leitora que beliscava um ovo em sua própria mesa ao grupo de Robert. Continuei de cabeça

baixa. Não é que a idiotice alheia me deixe tímida; ela simplesmente me dá vontade de sair de perto.

“Claro que sim.” A mulher oxigenada empurrava a xícara de café pela mesa. “Ele saiu na capa da *ARTnews*, tem obras em todo canto, e é moderno o suficiente para não se importar e continuar lecionando no meio do nada. Ele ter um metro e noventa e se parecer com Júpiter também facilita.”

Posseidon, na verdade, corrigi em silêncio, cortando o bacon. *Ou Netuno. Você não tem ideia.*

“As alunas vivem correndo atrás dele, garanto”, disse a gravurista.

“Claro.” Sua companheira pareceu satisfeita com essa abertura. “E a gente ouve coisas, mas quem sabe o que é verdade. Ele me parece meio alheio, o que é um alívio. Ou ele pode ser um daqueles homens que não reparam em ninguém senão em si mesmos, afinal. Acho que ele tem uma família bastante nova, também. Mas nunca se sabe. Quanto mais velha fico, mais acho que os quarentões são um mistério total, e em geral um desagradável.”

Perguntei-me de que idade ela mais gostava. Eu poderia, por exemplo, apresentá-la a Frank, o homem de iniciativa.

A gravurista suspirou. “Eu sei, fui casada vinte e dois anos — *fui* — e continuo achando que não entendo nada sobre o meu ex-marido.”

“Você vai querer levar mais um café?”, perguntou a mulher suscetível, e as duas saíram juntas sem olhar para o meu lado. Vi enquanto iam andando quão graciosa era a mais jovem — encantadora, mesmo, esbelta, vestida de preto com um cinto vermelho, mais em forma aos 45 do que a maioria das mulheres aos 20. Talvez ela também aceitasse o desafio Robert Oliver, e os dois pudessem comparar a cobertura que tiveram na *ARTnews*. Só que Robert nunca se interessaria por esse tipo de competição, concluí; ele coçaria a cabeça e cruzaria os braços e pensaria em outra coisa. Perguntei-me se minha imagem dele como incorruptível estava correta; será que ele era simplesmente alheio, como a mulher dissera? Ele não fora exatamente alheio a mim havia duas noites,

no entanto nada de mais acontecera entre nós. Tomei meu chá correndo e voltei para pegar meu material no quarto. Se ele não era alheio, significava que eu não devia ser inesquecível.

Robert nos encontrou de novo perto das vans, mas desta vez disse que iríamos a pé, e não de carro. Para minha surpresa, levou-nos pela trilha da mata que eu tomara para ir até o mar no primeiro dia, e montamos nossos cavaletes na praia rochosa onde eu o vira primeiro mergulhar na água fria e depois emergir dali. Ele sorriu para o grupo todo, sem me excluir, e nos deu algumas orientações sobre o ângulo da luz e a maneira que poderíamos esperar que este mudasse. Faríamos uma tela representando a manhã, ali mesmo, teríamos um intervalo para almoçar no alojamento, então faríamos uma segunda tela representando a tarde. Isso resolveu tudo para mim; se podia voltar ali para dar uma aula de paisagem, ele era realmente alheio, e a mim em particular. Fiquei triste, embora aliviada; eu não só estivera errada e fora pouco ética como também fora tola por achar que ele sentira o que eu sentira. Eu poderia ter chorado um pouco, vendo Robert circular entre seus alunos, dando-nos indicações aqui e ali sobre o posicionamento de nossos cavaletes; ao mesmo tempo, voltava a sentir toda a minha liberdade, a aventura do *eu sozinha*, a solidão. Eu estivera certa em valorizar isso, e certa também em expulsar Frank do meu quarto ridicularizando-o.

Prendi o cabelo e me posicionei de frente para o promontório mais longo entrando mar adentro, onde eu podia pegar um grande grupo de abetos com as raízes na rocha atlântica. Vi imediatamente que esta seria uma boa tela, uma boa manhã; minha mão desenhava as formas com facilidade e minha vista logo absorveu os cinzas, os marrons subjacentes, o verde dos abetos que pareciam negros ao longe. Nem mesmo a presença de Robert ali, saindo para montar seu cavalete bem à vista, abaixando-se e inclinando-se com aquela camisa amarela de algodão — nada daquilo podia me interromper por muito tempo. Pintei com afinco até pararmos para fazer um lanche, e quando ergui os olhos depois de limpar os pincéis, Robert sorria para mim do meio do grupo de uma maneira

normal que confirmava minhas conclusões. Comecei a falar com ele, dizer alguma coisa sobre a vista e seus desafios, mas ele já se virara para conversar com outra pessoa.

Pintamos até a hora do almoço, e recomeçamos à uma hora com telas novas. Meu quadro da manhã, encostado numa árvore para secar, tinha me agradado mais que qualquer outra coisa que eu fizera em meses; prometi a mim mesma que eu voltaria para terminá-lo na hora certa do dia, talvez na manhã em que as pessoas deixassem a oficina, o que seria dali a apenas dois dias. Desejei que Robert tivesse vindo vê-lo, mas ele não olhara os quadros de ninguém nesse dia. À tarde, trabalhamos calados, fixando nossos cavaletes aqui e ali; Robert foi para a fímbria da mata com o dele, mas voltou quando a luz começou a cair no fim da tarde, falou um pouco sobre a vista conosco, e levou-nos de volta para o alojamento. Fiquei menos satisfeita com minha segunda tela, mas ele passou por mim e a elogiou um pouco, comentou o trabalho de todo mundo igualmente, e nos reuniu para uma crítica final. Foram duas boas sessões, um dia, além de agradável, digno de um bom profissional, achei, e não via a hora de chegar a noite, para eu me obrigar a tomar uma cerveja com um ou dois colegas e depois ir para a cama e dormir profundamente.

CAPÍTULO 69

MARY

Consegui tomar minha cerveja cedo, no jantar, e fiquei sentada perto do fogo durante certo tempo com dois homens que faziam o curso de aquarela. Sua discussão dos méritos relativos dos óleos e da aquarela para a pintura de paisagem foi interessante e me prendeu mais do que eu pretendia. Afinal, pedi licença e me levantei, preparando-me para ir para minha cama bem-arrumada. Como Frank conversava à beira do fogo com uma moça jovem e bonita, não precisei me preocupar em encontrá-lo sentado de novo na frente do meu espelho. De qualquer maneira, dei uma longa volta para me desviar dele, e foi isso que me colocou no canto do jardim, onde a luz do fogo não chegava e era muito escuro.

Havia um homem parado ali, quase dentro do bosque, um homem alto esfregando os olhos com as mãos, depois esfregando a cabeça, como se estivesse cansado e distraído. Olhava na direção das árvores e não para a fogueira com aquele grupo de figuras alegres. Depois de alguns minutos, foi entrando no bosque, pela trilha que eu já considerava nossa, e eu o segui, sabendo que não devia. O lusco-fusco era suficiente para apenas revelar seu andar à minha frente de modo que eu me assegurasse de que ele não percebia estar sendo seguido. Eu disse a mim mesma algumas vezes para voltar, para lhe dar privacidade. Ele ia na direção da praia onde havíamos trabalhado naquele dia; provavelmente queria ver algumas das formas que havíamos pintado, mesmo que não estivessem totalmente visíveis agora, e se havia saído do alojamento sozinho, provavelmente não queria companhia.

Na fímbria do bosque, parei e observei-o descer até as pedras da praia, que se entrechocavam sob seus pés. Ouvia-se o marulho

do oceano; o brilho escuro da água se estendia rumo a um horizonte mais escuro ainda. As estrelas se acendiam, mas o céu ainda estava azul — safira — e não negro, e a camisa de Robert, clara, seu vulto agora andando na beira da água. Ele ficou parado, depois se abaixou para pegar alguma coisa, jogou o braço para trás com o gesto infantil de quem tem a bola de beisebol na mão, e arremessou o objeto para longe — uma pedra. Foi um gesto rápido, furioso: raiva, talvez, desespero, liberação. Observei-o sem me mexer, um pouco assustada com a emoção dele. Aí ele se agachou, uma atitude estranha para uma pessoa tão grande, de novo uma atitude infantil, e pareceu colocar as mãos na cabeça.

Perguntei-me por um momento se ele estava cansado, irritado (como eu estava) devido à falta de sono e à necessidade de estar sempre com outras pessoas no encontro, ou se ele poderia estar chorando, embora eu não pudesse imaginar uma razão que uma pessoa como Robert Oliver tivesse para chorar. Agora ele estava sentado na praia — devia estar molhada, pensei, dura e escorregadia — e ficou ali um tempão, as mãos na cabeça. As ondas chegavam suavemente, inflando-se brancas e parcialmente visíveis no escuro. Eu fiquei parada olhando e ele continuava simplesmente ali sentado, os ombros e as costas reluzindo. No fim, é sempre o coração que me move, embora eu também valorize a razão e a tradição. Eu desejaria, embora não consiga, poder explicar por que fui descendo para a praia, ouvindo as pedras chacoalhando embaixo dos meus pés, quase tropeçando uma vez.

Ele não se virou até eu estar muito perto, e mesmo aí não deu para ver sua expressão. Mas ele me viu, reconhecendo-me ou não no primeiro momento, e se levantou — bruscamente. Neste momento, enfim fiquei envergonhada e realmente apreensiva por ter invadido a solidão dele. Ficamos ali parados nos olhando. E agora eu via seu rosto; estava sombrio, perturbado, e minha presença não o iluminara. “O que está fazendo aqui?”, perguntou categoricamente.

Movi os lábios, mas a voz não saiu. Em vez disso, fui pegar a mão dele, que era muito grande, muito quente, e automaticamente

envolveu a minha. “Você devia voltar, Mary”, disse ele com um tremor (achei) na voz. Foi gratificante ele ter usado o meu nome, e com tanta naturalidade.

“Eu sei”, disse eu. “Mas vi você e fiquei preocupada.”

“Não se preocupe comigo”, disse ele, e sua mão apertou mais a minha, como se dizer isso o deixasse por sua vez preocupado comigo.

“Você está bem?”

“Não”, disse ele baixinho, “mas não tem importância.”

“Claro que tem. Sempre tem importância a pessoa estar bem ou não.” *Idiota*, eu disse a mim mesma, mas havia o problema da mão dele em volta da minha.

“Acha que os artistas realmente sempre têm de estar bem?” Ele sorriu, e achei que poderia até começar a rir de mim.

“Todo mundo tem de estar”, eu disse com firmeza, e sabia que eu era mesmo uma idiota e esse era o meu destino e eu não me importava com isso.

Ele largou minha mão e se virou para o mar. “Já teve a sensação de que as vidas que as pessoas viveram no passado ainda são reais?”

A pergunta foi esquisita e fora de contexto o bastante para me arrepiar. Eu queria muito que ele estivesse bem, a despeito de sua afirmação estranha, então pensei em Isaac Newton. Depois pensei em quão amiúde Robert pintava figuras históricas ou pseudo-históricas, inclusive aquelas pessoas distantes que eu vira na paisagem dele em nosso primeiro dia ali, e me dei conta de que esta deveria ser uma pergunta natural para ele. “Claro.”

“Quer dizer”, continuou ele, como se falasse com a beira da água, “quando a gente vê um quadro que foi pintado por uma pessoa morta já há muito tempo, sabe sem dúvida nenhuma que essa pessoa realmente existiu.”

“Também penso às vezes sobre isso”, confessei, embora a observação dele não se encaixasse em minha primeira teoria de que ele apenas estava interessado em acrescentar figuras históricas às suas telas. “Está se referindo a alguém em particular?”

Ele não respondeu, mas um instante depois passou o braço em volta de mim, depois afagou meu cabelo descendo pelas minhas costas abaixo, uma continuação de seu gesto de duas noites atrás. Era mais estranho do que eu pensara, esse homem — não era só simples excentricidade, mas autêntica esquisitice, uma espécie de foco completo no mundo de seus pensamentos, um desligamento. Minha irmã, Martha, teria dado um beijinho no seu rosto e voltado da praia, garanto, e qualquer pessoa sensata que conheço também. Ele afagou meu cabelo. Mas há outro significado para *sensible* — Mozzy nos fez estudar francês durante anos. Peguei a mão dele e a trouxe para o meu rosto e a beijei no escuro.

Beijar a mão de alguém é um gesto mais masculino que feminino, ou um gesto de respeito — para membros da realeza, para um bispo, para os moribundos. E o meu foi de respeito; eu quis dizer que estava assombrada e empolgada com a presença dele, e também um pouco assustada. Ele se virou e me puxou para junto dele, enganchando delicadamente um de seus braços no meu pescoço, e passou a outra mão no meu rosto, como que limpando o pó dali, atraindo-me mais para junto dele a fim de me beijar. Eu nunca, nunca, nunca tinha sido beijada assim; sua boca dava a sensação de uma paixão totalmente espontânea, um desejo possivelmente sem consciência nem mesmo de mim, pleno do ato em si. Sua mão me pegou na parte de baixo das minhas costas e me estreitou contra ele, pude sentir o calor que emanava de seu peito através da camisa surrada, a pressão dos botões como se fosse para marcar minha pele.

Então, lentamente, ele me soltou. “Não posso fazer isso”, disse, como se estivesse bêbado. Não havia cheiro de álcool em seu hálito, nem mesmo de cerveja, coisa que eu tinha tomado. Ele pôs as mãos no meu rosto e me beijou de novo, rapidamente, e dessa vez, senti que sabia exatamente quem eu era. “Volte, por favor.”

“Está bem.” Eu, a quem Muzzy chamara de teimosa, a quem meus professores do ensino médio consideravam meio taciturna e os da escola de arte achavam difícil, dei meia-volta docilmente e fui embora aos tropeções pela praia escura.

CAPÍTULO 70

1879

O quarto dela na pensão dá para o mar; o dele, ela sabe, é no mesmo andar no outro extremo do corredor, de modo que deve ter uma vista para a cidade. A mobília é simples, um sortimento de peças antigas. Há uma concha polida em sua cômoda. Cortinas de renda encobrem a noite. A gerente da pensão acendeu lampiões e uma vela para ela e deixou uma bandeja coberta com um pano; galinha ensopada, uma salada de alho-poró, uma fatia de *tarte aux pommes* fria. Ela se lava na bacia e come com grande apetite. A lareira está apagada, talvez por causa da estação, ou para poupar combustível. Ela poderia pedir que acendessem o fogo, mas isso talvez envolvesse Olivier — e ela prefere se lembrar do beijo que deram na plataforma da estação, e não vê-lo agora, com aquele rosto cansado.

Ela tira o vestido e as botas de viagem, satisfeita, alegre por não ter trazido a criada. Pela primeira vez, fará coisas para si mesma. Ao lado da lareira fria, tira a peça que cobre o espartilho, o desamarra e o pendura temporariamente numa cadeira. Desvencilha-se da combinação e das anáguas, enfia a camisola pela cabeça, sentindo o seu próprio cheiro, reconfortante, alguma coisa familiar. Começa a abotoar a gola, então para e despe-a de novo; estende-a na cama e senta-se em frente à cômoda usando apenas ceroulas. O frio do quarto a deixa arrepiada. Faz um ano no mínimo que ela não fica sentada olhando seu corpo, nu da cintura para cima. Sua pele é mais jovem do que ela pensa; ela tem 27 anos. Não se lembra da última vez que Yves beijou seus mamilos — há quatro, seis meses? Durante a longa primavera, ela se esqueceu de atraí-lo com agrados até mesmo na época certa do mês. Andou

distraída. Ademais, ele vive viajando, ou cansado, ou talvez tenha tudo o que quer em outro lugar.

Ela envolve cada seio com uma das mãos, nota o efeito de seus anéis refletindo a luz da vela. Agora sabe mais a respeito de Olivier do que do homem com quem vive. Décadas de vida de Olivier estão claras para ela, enquanto Yves é um mistério que entra e sai de casa, balançando a cabeça em sinal de aprovação e a admirando. Ela espreme os seios com força usando as duas mãos. No espelho, seu pescoço é comprido, seu rosto está pálido da viagem de trem, seus olhos são muito escuros, seu queixo, muito quadrado, seus cachos, muito pesados. Nada nela significa beleza, pensa ela, tirando os grampos do cabelo. Desfaz o pesado coque apertado; deixa o cabelo lhe cair nos ombros e entre os seios, vê-se como Olivier poderia vê-la, e fica deslumbrada: autorretrato, nu, um tema que ela nunca pintará.

CAPÍTULO 71

MARY

Robert e eu não nos olhamos no dia seguinte; na verdade, não sei se ele olhou para mim ou não, porque a essa altura a única coisa que eu conseguia pensar em fazer era ignorar tudo à minha volta exceto minha mão no pincel. Ainda gosto das paisagens que fiz naquele encontro tanto quanto de qualquer outra coisa que já pintei. São tensas, quer dizer, cheias de tensão. Eu mesma posso sentir quando as vejo agora que elas têm aquele pouquinho de mistério de que todo quadro precisa para ser brilhante, como Robert uma vez me disse. Naquele último dia, ignorei Robert, ignorei Frank, ignorei as pessoas à minha volta nas três últimas refeições, ignorei a escuridão e as estrelas e a fogueira e até mesmo meu próprio corpo encolhido na cama branca nas cavalariças. Dormi profundamente após minha exaustão inicial. Eu nem sabia se veria Robert na última manhã, e ignorei minhas esperanças conflitantes de vê-lo e de não vê-lo. Qualquer outra coisa teria que depender dele; era como se ele tivesse combinado tudo não combinando nada.

A manhã da partida foi movimentada; todo mundo precisava ir embora às dez horas, porque começaria um encontro para psicólogos junguianos no dia seguinte, e a equipe tinha que fazer uma faxina no refeitório e nas cavalariças para preparar tudo para recebê-los. Arrumei metodicamente minha sacola em cima da cama. No café, Frank bateu no meu ombro, muito alegre; estava na cara que ele conseguira transar com alguém. Cumprimentei-o solenemente com um aperto de mão. As duas mulheres simpáticas da aula de pintura me deram seus e-mails.

Não vi Robert em lugar nenhum, e isso me afligiu, mas também me deixou de novo com aquela estranha sensação de alívio, como

se, por um triz eu tivesse evitado me arranhar em uma parede. Era bem possível que ele tivesse ido embora cedo, já que teria uma longa viagem pela frente até a Carolina do Norte. Uma caravana de carros de artistas estava partindo, muitos deles com adesivos de para-choque, alguns de carros de passeio enormes carregados de equipamentos, uma van pintada com estrelas e turbilhões de Van Gogh, mãos acenando para fora das janelas, gente gritando as últimas palavras de despedida para os colegas de oficina. Carreguei meu carro, mas achei melhor ir dar uma volta do que ficar esperando na fila. Fui para o bosque, para um lado que eu ainda não conhecia; havia muitas trilhas limpas para passeios que duravam quarenta minutos e se afastavam pouco da sede. Eu gostava da vegetação rasteira, com seus galhos de abeto cobertos de líquens e seus arbustos emaranhados, a luz se filtrando dos campos em direção à floresta.

Quando saí do bosque, o engarrafamento acabara e só restavam três ou quatro carros. Robert carregava um deles; eu não sabia que ele dirigia um pequeno Honda, embora pudesse ter tido a ideia de ver se havia placas da Carolina do Norte. Seu método de arrumar a bagagem parecia ser enfiar as coisas soltas na mala do carro sem usar para isso sacolas ou caixas; eu o via metendo lá dentro roupas e livros, um banco dobrável. Seu cavalete e suas telas embrulhadas já estavam cuidadosamente guardados, e ele parecia usar o resto da tralha para protegê-los. Eu estava planejando ir calada para o meu carro quando ele se virou e me viu, me detendo. “Mary, você está indo embora?”

Fui até ele; não consegui evitar. “Não estamos todos?”

“Eu não.” Para minha surpresa, ele exibia um sorriso de cumplicidade, um adolescente saindo furtivamente da casa. Tinha um ar revigorado e alegre, o cabelo em pé, mas ainda molhado como se ele tivesse acabado de sair do banho. “Dormi até tarde, e quando acordei resolvi pintar.”

“E foi?”

“Não, vou agora.”

“Aonde vai?” Eu começara de alguma forma a ficar com ciúmes, irritada, sentindo-me excluída de sua felicidade secreta. Mas por que isso deveria ter importância?

“Tem um trecho maravilhoso de um parque estadual a uns quarenta e cinco minutos daqui, à beira-mar. Perto de Penobscot Bay. Dei uma olhada na vinda.”

“Você não tem que voltar para a Carolina do Norte?”

“Claro.” Ele embolou um moletom e usou-o para calçar uma perna do cavalete. “Mas tenho três dias para isso, e dá para fazer em dois se eu pegar firme.”

Fiquei ali parada, vacilante. “Bem, divirta-se. E boa viagem.”

“Não quer vir?”

“Para a Carolina do Norte?”, perguntei tolamente. De repente me vi indo junto para a casa dele para ver sua vida ali, sua mulher de cabelo escuro — não, essa era a dama dos quadros — e seus dois filhos. Eu ouvira ele dizer a alguém do grupo que agora tinha dois filhos.

Ele riu. “Não, não. Para pintar. Você tem de ir embora correndo?”

O que eu menos queria no mundo era “ir embora correndo”. O sorriso de Robert era tão carinhoso, tão simpático, tão normal. Não poderia haver perigo nenhum em acompanhá-lo quando ele dizia aquilo daquele jeito. “Não”, falei devagar. “Só tenho que estar de volta daqui a dois dias, e também posso fazer a viagem em um se pegar firme.” Então pensei que isso deveria soar como se eu estivesse lhe fazendo uma proposta, aproveitando aquela noite, quando provavelmente não era o que ele quisera dizer, e senti-me enrubescer. Mas ele pareceu não notar.

Foi assim que passamos o dia pintando juntos na praia em algum lugar ao sul de — bem, não importa; é o meu segredo, e quase todo o litoral do Maine é pitoresco afinal. A gruta que Robert escolheu era mesmo linda — um campo rochoso corado de arbustos de mirtilos, flores silvestres estendendo-se pelas ribanceiras abaixo e montes

de galhos trazidos pela maré, uma praia de seixos lisos de todos os tamanhos, o mar interrompido sinistramente por ilhas. Era um dia de vento atlântico claro, quente — é assim que me lembro, pelo menos. Calçamos nossos cavaletes entre seixos cinzentos, verdes e azul-acinzentado, e pintamos o mar e os recortes do terreno — Robert comentou que parecia a costa sul da Noruega, que ele vira uma vez logo que terminou a faculdade. Arqueei isso na reserva muito pequena de coisas que eu sabia sobre ele.

Mas não conversamos muito naquele dia; durante a maior parte do tempo, ficamos alguns metros separados e trabalhamos em silêncio. Minha pintura andou bem, apesar de eu estar dispersa, ou talvez, de certa maneira, por causa disso. Dei-me trinta minutos para a primeira tela, que era pequena, trabalhando rapidamente, segurando o pincel da maneira mais leve possível, uma experiência. A água era azul-marinho, o céu, uma claridade praticamente sem cor, a espuma na margem das ondas, marfim, um tom rico, orgânico. Robert olhou rapidamente para minha tela quando a retirei do cavalete e a deixei secando encostada numa pedra. Vi que não me importei com o fato de ele estar calado, como se ele não fosse mais o professor, mas apenas uma companhia.

Fiz minha segunda tela mais devagar e só tinha terminado parte do fundo quando paramos para almoçar. Os funcionários do refeitório haviam gentilmente permitido que eu me abastecesse de sanduíches de ovo e frutas. Robert parecia não ter trazido nada para comer, e não sei o que teria comido se eu não tivesse fornecido o almoço. Quando terminamos, passei um pouco de bloqueador solar na cara e nos braços; apesar das rajadas frias de vento, eu já sentia minha pele arder. Ofereci o bloqueador a Robert, como tinha oferecido o meu almoço, mas ele riu e não quis. “Nem todos nós somos assim tão claros.” E aí pôs de novo a mão no meu cabelo e tocou no meu rosto com a ponta dos dedos, como se meramente admirando, sorri, mas não respondi, e voltamos ao trabalho.

Quando a luz começou a cair e enfraquecer, as sombras mudaram na face das ilhas e comecei a pensar na noite. Teríamos

que passá-la em algum lugar — não nós, mas eu, e eu conseguiria chegar a Portland se saísse às seis ou às sete, e encontrasse um motel ali. Precisava ser barato, e eu tinha de ter tempo para procurar algo em conta. Eu não pensaria em Robert Oliver e em seus planos nem — eu já estava desconfiando — na falta deles. Já bastava, ou tinha de bastar, ter tido esse dia de trabalho mais ou menos ao lado dele.

Robert começou a pintar mais devagar; senti o cansaço em seu pincel antes que ele parasse ou falasse. “Já está cansada?”

“Eu poderia parar”, confessei. “Talvez mais quinze minutos, para eu poder me lembrar de algumas cores e sombras, mas já perdi minha luz original.

Pouco depois, ele começou a limpar seu pincel. “Vamos comer?”

“Comer o quê? Os frutos das roseiras?” Indiquei o penhasco atrás de nós. Os frutos eram deslumbrantes, eu nunca tinha visto tão grandes, rubis contra o verde das sebes de roseiras silvestres. Olhando para cima dali, só se via o céu azul. Ficamos contemplando juntos aquela tríade de cores: o vermelho, o verde, o azul, surrealmente azul.

“Ou poderíamos comer algas”, disse Robert. “Não se preocupe — vamos achar alguma coisa.”

CAPÍTULO 72

1879

À tarde, Étretat: a luz se estende com grandiosidade na praia, mas seu quadro não vai bem. É sua segunda tentativa desta cena — barcos de pesca emborcados na praia de seixos. Ela quer uma figura humana para a cena e finalmente se conformou com o efeito de duas senhoras e um cavalheiro passeando junto aos penhascos, senhoras urbanas com sombrinhas de cores claras que dão um toque perfeito contra a arcada mais escura ao longe. Hoje, há ainda outro pintor presente, um homem corpulento com uma barba castanha que fincou as pernas do cavalete quase na linha da maré; ela lamenta não o ter escolhido como tema. Ela e Olivier se entreolham quando ele passa por eles a caminho da beira da água, uma companhia silenciosa para o silêncio deles.

O céu dela não quer dar certo hoje, nem quando ela acrescenta mais branco e uma delicada mistura de ocre. Olivier vem lhe perguntar por que ela está balançando negativamente a cabeça. O ocre na vasta luz de verdade toca no cabelo revoltado, no bigode, na camisa clara dele. Ela não tem intenção de fazer isso, mas quando ele chega mais perto ela põe a mão em seu rosto. Ele segura os dedos dela, beija-os com um calor que a percorre. À vista das janelas da cidade, à vista das costas do estranho que pinta os penhascos, das senhoras embaixo de suas sombrinhas ao longe, eles se beijam por um momento interminável. É o terceiro beijo. Desta vez ela sente a boca de Olivier insistindo, abrindo a dela como Yves só tentaria no escuro do quarto. Ele tem uma língua forte e uma boca fresca; ela entende então, com os braços em volta do pescoço de Olivier, que a juventude realmente continua dentro dele

e que esta boca é a passagem para esta juventude, um túnel para a maré.

Ele para bruscamente.

— Minha caríssima.

Larga o pincel e se afasta um pouco, os seixos rangendo sob seus passos. Fica parado olhando o mar, e ela não vê nenhum melodrama, só a necessidade dele de se afastar mais para se concentrar. Ela o segue assim mesmo e lhe dá a mão. A mão dele é mais velha que sua boca.

— Não — diz ela. — A culpa foi minha.

— Amo você.

Uma explicação. Ele contemplando o horizonte. Sua voz parece desolada aos ouvidos dela.

— E por que isso é tão sem esperança?

Ela observa o perfil dele esperando uma resposta. Num instante, ele se vira e pega sua outra mão.

— Cuidado com o que diz, minha querida. — O rosto dele está sereno agora, delicado, completamente controlado. — A esperança de um velho é mais frágil que você possa imaginar.

Ela contém o impulso de bater o pé nos seixos soltos — essa atitude só a faria parecer infantil.

— Por que acha que não posso entender isso?

Ele está segurando suas mãos, ainda de frente para ela. Por uma vez, ela aprecia a indiferença dele em relação a possíveis espectadores.

— Talvez possa — diz ele.

Ele está começando a sorrir, aquele sorriso afetuoso, solene, os dentes amarelados, porém retos. Quando ele sorri, ela sabe de onde vêm as rugas de seu rosto; isso resolve o mistério todas as vezes. Ela sabe agora que também o ama, não só por quem ele é, mas também por quem ele era muito tempo antes de ela ter nascido, e porque um dia ele morrerá com o nome dela nos lábios. Ela o envolve nos braços sem qualquer convite, sentindo seu corpo magro, suas costelas e sua cintura embaixo das camadas de roupa,

e o estreita com força. Encosta no ombro do velho paletó dele, onde seu rosto encaixa. Os braços dele a envolvem por sua vez; têm um calor vivo. Naquele momento, mais tarde ela terá essa impressão, todo o resto do curto futuro dele se decide, e até mesmo o alcance mais longo do dela.

CAPÍTULO 73

MARY

O restaurante que encontramos, descendo em caravana mais uns quilômetros para o sul com nossos carros recendendo a tinta fresca, era daqueles metidos a italiano com toalhas e cortinas vermelhas quadriculadas, uma rosa vermelha num vaso em cima da mesa. Era segunda-feira à noite e a casa estava vazia exceto por um outro — casal, quase escrevi — e um homem jantando sozinho. Robert pediu uma vela. “Como chamaria essa cor?”, perguntou ele quando a garçonne menor de idade a acendera.

“Da chama?”, disse eu.

Eu já estava aprendendo que muitas vezes não conseguia entender Robert, não conseguia acompanhar o seu raciocínio muitas vezes caótico. Mas me agradava aonde conduzia, em geral.

“Não. Da rosa.”

“Seria cor-de-rosa se todo o resto não fosse vermelho e branco”, adivinhei.

“Certo.” E depois me disse a tinta que ele usaria para aquela rosa, a marca, a cor, a quantidade de branco a ser acrescentada. Pedimos a mesma lasanha, e ele comeu com gosto, enquanto eu beliscava a minha, com fome, mas inibida. “Me conte mais alguma coisa sobre você.”

“Você sabe mais sobre mim do que eu sobre você”, objetei. “De qualquer maneira, não tem muito para contar afinal — vou para o trabalho, faço o melhor que posso para minhas dezenas de alunos de todas as idades, volto para casa e pinto. Não tenho uma... família, e não quero especialmente ter, imagino. Só isso. Uma história muito sem graça.”

Ele tomou o vinho tinto que pedira para nós dois; eu mal tocara no meu. “Não é sem graça. Você pinta com dedicação. Isso é tudo.”

“Sua vez”, disse eu, e me obriguei a comer um pouco da lasanha.

Ele agora estava relaxando; pousou o garfo e se recostou, arregaçou uma manga que tinha desdobrado. A pele dele começava a ganhar aquela fina rede de rugas na superfície: couro bom já gasto há algum tempo. Seus olhos e seu cabelo ficavam da mesma cor naquela luz, e tanto um como o outro tinham alguma coisa alerta e um pouco selvagem. “Bem, eu também sou muito chato”, disse. “Só que minha vida não é tão bem-organizada, acho eu. Moro numa cidade pequena, de onde fujo de vez em quando, mas de que, a bem da verdade, gosto. Dou contínuas oficinas principalmente para estudantes de graduação desprovidos ou com um talento bem pequeno. E exponho meu trabalho aqui e ali. Gosto de não ser mais um artista de Nova York, embora sinta falta de Nova York.”

Não interrompi dizendo que seu “aqui e ali” significava uma carreira bastante extraordinária. “Quando morou em Nova York?”

“Fiz pós-graduação lá e fui ficando.” Claro, ele tinha sido um rebelde numa das escolas de Nova York que haviam recusado o meu portfólio. “Passei oito anos lá, ao todo. Fiz bastante coisa, na verdade. Mas Kate, minha mulher, não estava muito feliz na cidade, então nos mudamos. Não me arrependo. Greenhill é um bom lugar para ela e para as crianças.” Disse isso candidamente. Durante um bom tempo, que foi como se eu estivesse caindo de uma árvore, desejei que houvesse alguém sentado num restaurante bem longe, falando coisas tão prosaicas e carinhosas sobre mim e os filhos que eu não tinha.

“Como arranja tempo para fazer seus próprios trabalhos?” Achei que mudar de assunto era a melhor ideia.

“Não durmo muito, às vezes. Quero dizer, às vezes não preciso muito de sono.”

“Como Picasso”, disse eu, sorrindo para mostrar que não falava sério.

“Exatamente como Picasso”, concordou ele, também sorrindo. “Tenho um ateliê em casa, e isso significa que posso simplesmente ir lá para cima para trabalhar à noite em vez de voltar para a faculdade e lidar com um monte de portas trancadas.”

Imaginei-o caçando uma chave em todos os bolsos.

Ele terminou o vinho e serviu-se de mais, mas moderadamente, reparei; devia estar planejando dirigir, e com segurança. Não havia nenhum motel anexado a nosso refúgio italiano. “Enfim”, concluiu ele, “nos mudamos do campus da faculdade há pouco tempo, e temos muito mais espaço. Isso também é bom, embora agora a viagem para a escola leve vinte minutos de carro em vez de quatro minutos a pé.”

“Que pena.” Comi o restante da lasanha para não lamentar estar faminta além de o que quer que fosse que eu estivesse. Eu ainda tinha o Isaac Newton para terminar, que se revelava muito interessante, mais que eu poderia prever. Razão *versus* Fé.

Robert pediu a sobremesa e conversamos sobre nossos pintores preferidos. Confessei meu amor por Matisse e especulei em voz alta a respeito de como nossa mesa, nossas cortinas e nossa rosa tão garbosas poderiam ter saído do pincel de Matisse. Robert riu e não admitiu ser mais tradicional que aquilo nem se interessar pelos impressionistas; isso talvez fosse óbvio, ou então ele parara de justificar sua obra porque tinha conhecimento da cobertura crítica que ela recebia. Os elogios aumentavam bastante; ele dera o troco a seus professores e aos artistas conceituais de sua turma que caçoavam dele. Leio essas coisas nas entrelinhas quando ele fala. Conversamos também sobre livros; ele adorava poesia e citava Yeats e Auden, que eu lera um pouco na escola, e Czesław Miłosz, cuja coletânea de poemas eu lera de cabo a rabo uma vez, muito tempo atrás, porque eu vira um volume dela na mesa de Robert. Ele não gostava da maioria dos romances, e ameacei mandar-lhe um longo romance vitoriano como uma bomba no correio, *A pedra da lua* ou *Middlemarch*. Ele riu e prometeu não ler. “Mas você *devia* ler literatura do século XIX”, acrescentei. “Ou pelo menos os autores franceses, já que adora o Impressionismo.”

“Eu não disse que adoro o Impressionismo”, corrigiu ele. “Eu disse que faço o que eu faço. Pelos meus motivos. Por acaso alguma coisa tem uma semelhança com o Impressionismo.”

Ele também não dissera isso, mas não o corrigi em contrapartida. Lembrei-me também de que ele me contou sua experiência num avião que parecia prestes a cair. “Eu estava voltando de Greenhill para Nova York uma vez, quando estava dando aquelas aulas na sua faculdade, a Barnett. E aconteceu alguma coisa com um dos motores, então o piloto anunciou pelo microfone que poderíamos ter de fazer um pouso de emergência, embora já estivéssemos quase em LaGuardia. A mulher ao meu lado ficou muito assustada. Era uma mulher de meia-idade, mais ou menos comum. Antes disso, ela andara conversando comigo sobre o trabalho do marido ou qualquer outra coisa. Quando o avião pulou e o sinal de apertar cintos começou a piscar, ela se agarrou no meu pescoço.”

Ele fez um canudo com o guardanapo. “Eu também estava assustado, e me lembro de pensar que eu apenas queria viver. Entrei em pânico com ela agarrada em mim daquele jeito. E — sinto muito dizer isso — empurrei-a para longe. Eu sempre achara que eu seria naturalmente corajoso numa crise, que seria uma pessoa que puxa os outros do meio das chamas, automaticamente.” Ele ergueu a cabeça, endireitou os ombros. “Por que estou lhe contando isso? Enfim, quando pousamos sãos e salvos minutos depois, ela não queria me olhar. Estava virada para o outro lado, chorando. Nem quis me deixar ajudá-la com a mala e não olhava para mim.”

Eu não conseguia pensar em nada para dizer, embora sentisse uma profunda compaixão por Robert. Sua expressão era soturna, carregada; lembrou-me aquela hora na faculdade quando ele me falou da mulher cujo rosto não conseguia esquecer.

“Eu nunca poderia contar isso para minha mulher.” Ele achatou o guardanapo com as duas mãos. “Ela já acha que eu não cuido bem de ninguém.” Então, sorriu: “Olhe que confissão ridícula você me arrancou.”

Eu estava contente.

Afinal Robert esticou os braços e insistiu em pagar a conta, depois deixou que eu insistisse em dividi-la com ele, e nos levantamos. Ele pediu licença para ir ao banheiro — eu já havia ido duas vezes, principalmente para ficar uns segundos sozinha e me questionar diante do espelho — e o restaurante pareceu ainda mais vazio sem ele. Então fomos para o estacionamento escuro, que cheirava a mar e a fritura meio duvidosa, e ficamos parados ao lado do meu carro. “Bem, vou-me embora”, disse ele, mas dessa vez não no tom neutro, que teria machucado mais. “Gosto de dirigir à noite.”

“Sim, você tem uma longa viagem, imagino. Também vou indo.” Planejei em vez disso deixar que ele saísse na minha frente e se distanciasse de mim. Aí eu iria procurar o primeiro motel decente na primeira cidade; era muito tarde para ir até Portland, ou eu estava muito cansada, ou muito triste. Robert parecia pronto para dirigir até a Flórida.

“Foi uma delícia.” Ele passou os braços em volta de mim, e fiquei impressionada com as palavras tipicamente femininas. Reteve-me por um momento e me deu um beijo no rosto, tomei cuidado para não me mexer. Eu precisava memorizá-lo, afinal de contas.

“Foi.” Então o larguei e abri meu carro.

“Espere. Aqui estão o meu endereço e o meu telefone. Me avise se for para o sul.”

Inacreditável. Eu não tinha nenhum cartão de visita comigo, mas achei um pedaço de papel no porta-luvas e escrevi meu e-mail e meu telefone ali.

Robert olhou o papel. “Não uso muito e-mail”, disse. “Só para trabalho, se precisar, mas é só. Por que não me dá seu endereço de verdade e eu lhe mando um desenho uma hora dessas?”

Acrescentei meu endereço de verdade.

Ele afagou meu cabelo, como se pela última vez. “Acho que você entende.”

“Ah, sim.” Dei-lhe um beijinho no rosto. Senti o gosto ácido, até mesmo ligeiramente untuoso, do mais fino azeite extravirgem,

prensado a frio — cujos vestígios ficaram horas nos meus lábios. Entrei no carro e parti.

O primeiro desenho dele chegou em minha caixa de correspondência dez dias depois. Era apenas um esboço, curioso, feito às pressas, em um papel dobrado; mostrava uma figura semelhante a um sátiro erguendo-se das ondas e uma donzela sentada numa rocha próxima. O bilhete anexo dizia que ele pensara em nossas conversas, das quais gostara, e que estava trabalhando numa nova tela baseada em seu quadro da praia. Perguntei-me, imediatamente, se ele incluía a figura da mulher com a criança. Ele dava uma caixa postal, dizia que eu deveria usar este endereço e que deveria lhe enviar um desenho melhor que o dele, para colocá-lo, ele, Robert, no seu devido lugar.

CAPÍTULO 74

MARY

Robert e eu nos escrevemos durante muito tempo, e aquelas cartas continuam sendo uma das melhores experiências que já tive. É engraçado. Nessa era de e-mail, correio de voz e todas essas coisas com que nem eu fui criada, uma simples velha carta de papel adquire uma intimidade incrível. Eu vinha para casa no fim do dia para encontrar uma — ou nenhuma, muitas vezes — ou um desenho, ou as duas coisas metidas num envelope com o meu endereço rabiscado com a letra sinuosa de Robert. Fiz uma colagem dos desenhos no quadro de avisos acima da minha escrivaninha. Em casa, meu ateliê é também o meu quarto, ou vice-versa; eu via todos os desenhos dele, uma exposição crescente, quando estava na cama, à noite, com um livro, ou quando acordava de manhã.

O estranho é que depois de ter espetado dois ou três daqueles desenhos no quadro, parei de ter a sensação que a gente tem de estar solteira e sempre à espreita de alguém, da pessoa certa. Comecei a pertencer a Robert — eu que nunca quisera pertencer a nada. Acho que no fim pertencemos ao que amamos. Não que eu achasse que Robert estivesse disponível ou que eu tivesse alguma obrigação de ser fiel a ele; no início era só o sentimento de que eu não queria nenhum outro par de olhos vendo aqueles desenhos, se deitado na minha cama. Ele desenhava árvores, gente, casas, a mim, de memória; desenhava a si mesmo na fossa por causa de seu último projeto. Ainda não sei o que significava para ele me enviar todas aquelas imagens, se ele teria feito os desenhos de qualquer maneira e os enfiado num arquivo ou os jogado no chão

do ateliê, ou se desenhava mais ou com uma inspiração nova por que os desenhos eram para mim.

Uma vez, enviou-me um trecho de um poema de Czesław Miłosz, com um bilhete que dizia que era um de seus preferidos. Eu não sabia se considerava ou não aquilo como uma declaração do próprio Robert, mas guardei o poema no bolso por vários dias antes de espetá-lo no quadro de avisos.

*Ah meu amor, onde estão, aonde vão
O relance da mão, o vestígio do movimento, o atrito dos seixos.
Pergunto não por estar triste, mas sim maravilhado.*

No entanto, não coloquei cartas dele no quadro. Elas às vezes chegavam com os esboços, às vezes sozinhas, e eram sempre muito curtas, uma reflexão, uma imagem. Acho que Robert era — é — no fundo, também um escritor; se alguém recolhesse em ordem tudo que ele me escreveu, o resultado seria uma espécie de romance curto e impressionista, mas muito bom sobre o seu dia a dia e a natureza que ele vivia tentando pintar. Eu lhe respondia sempre; eu tinha instituído para mim mesma a regra de fazer a mesma coisa que ele fizesse, para manter as coisas equilibradas, e se ele mandasse só um desenho, eu mandaria um desenho em troca, e se ele mandasse só um bilhete, eu responderia só com um bilhete. Se ele mandasse as duas coisas, dizia a minha regra, eu poderia lhe escrever uma carta mais longa e ilustrá-la.

Não sei se ele alguma vez notou esse padrão, e foi uma das coisas que não lhe perguntei. Isso me deixava escrever para ele muito amiúde, e trocávamos cartas e desenhos várias vezes por semana quando mantínhamos uma correspondência regular. Após nossa última briga, criei uma regra nova: eu queimaria só as cartas e guardaria os desenhos, embora tivesse retirado tudo do quadro menos o seu primeiríssimo desenho. O primeiro, o sátiro e a donzela, coleí numa cartolina, alguns dias depois que ele foi embora, e pinteí com aquarela, e depois fiz uma série de três quadrinhos combinando baseados no desenho. Eu poderia ter

misturado as cores com lágrimas de verdade, doeu muito trabalhar naquelas aquarelas.

Eu sempre imaginava a caixa postal em que ele metia a mão periodicamente. Perguntava-me de que tamanho era, e se a mão dele cabia lá dentro ou só os dedos; imaginava-o tateando às cegas ali, como Alice que, depois de crescer muito no País das Maravilhas, subia a chaminé para apanhar um bichinho qualquer, um lagarto ou um camundongo. Ele sabia o meu endereço, claro, o que significava que sabia onde eu morava. E eu já tinha visto a Faculdade Greenhill uma vez também; mais ou menos na metade da nossa correspondência, Robert me surpreendeu ao me convidar para o *vernissage* de uma exposição que ele estava fazendo lá, a segunda desde que começara a lecionar. Disse que estava me convidando por causa do meu apoio ao seu trabalho e deu a entender que não poderia me arranjar hospedagem; depreendi que ele queria me convidar, porém não tinha certeza se queria que eu fosse.

Não quis desagradá-lo, mas também não quis me desagradar, então fui dirigindo de Washington — como sabe, é só um dia longo de viagem — e fiquei num Motel 6 fora da cidade. Havia um coquetel com queijos e vinhos na nova galeria do campus da Greenhill. Não me atrevendo a ligar para Robert, enviei um bilhete para a caixa postal vários dias antes de chegar para o *vernissage*, que ele só recebeu quando já era tarde demais.

Minhas mãos tremiam quando cheguei à recepção. Eu não via Robert desde o Maine — e desde que havíamos começado a nos escrever — e já me arrependia de ter ido; ele poderia se ofender, poderia achar que eu tinha ido para tumultuar sua vida de alguma maneira, o que, honestamente, não era minha intenção. Eu só queria vê-lo, talvez de longe, e ver os novos quadros de cuja concepção e execução eu ouvira falar semana após semana. Eu tinha me vestido de uma maneira bem comum, com um suéter preto de gola alta e o jeans de sempre, e cheguei à galeria uma boa meia hora antes do início da festa. Vi Robert imediatamente num canto. Era o mais alto do grupo; vários convidados com um copo de vinho na mão pareciam estar lhe perguntando sobre seus quadros. O

lugar estava repleto, não só de estudantes e membros do corpo docente, mas também de gente elegante que não tinha cara de ser de uma pequena faculdade rural. Provavelmente ali também havia compradores.

Os quadros, quando a gente conseguia entrevê-los, eram fascinantes; primeiro, porque eram maiores que qualquer obra dele que eu já tivesse visto, quase cenas e retratos em tamanho natural, muitas vezes retratos de corpo inteiro da senhora que eu recordava das telas da Faculdade Barnett, só que agora ela não estava apenas maior, mas também metida numa cena terrível, segurando nos braços o que parecia ser o corpo morto de uma outra mulher mais velha, chorando a sua morte. Perguntei-me se a senhora seria a mãe dela. A mulher mais velha tinha uma ferida medonha no meio da testa. Havia outros cadáveres no meio na rua, eu me lembro, alguns deles no chão, ou com sangue nas costas, mas eram corpos masculinos. O segundo plano era mais obscuro que as figuras: uma rua qualquer, um muro, montes de escombros ou lixo. As imagens eram tiradas direto do século XIX — pensei imediatamente no quadro de Manet da execução do Imperador Maximiliano, o que parece Goya, embora as imagens de Robert fossem mais detalhadas e realistas.

Era difícil dizer o que era aquilo; só sei que a força da fantasia dele impressionava quando se via aquelas cenas: a mulher estava mais linda que nunca, mesmo com o rosto branco e a frente do vestido manchada e tendo Robert retratado algo horrível. Era ainda mais horrível porque ela era encantadora, era como se ele tivesse se sentido compelido a vê-la com sangue no vestido, o rosto rígido. Por meio dos bilhetes dele eu concluíra que os quadros eram violentos e estranhos, mas vê-los pessoalmente era completamente diferente, chocante; cheguei a ficar assustada por um instante, como se tivesse me correspondido com um assassino. Foi muito contundente; desorientou-me no meio do meu amor crescente por Robert. Depois, vi a incrível característica escultural das figuras, a ideia de compaixão, a dor que era mais profunda que o sangue, e

eu sabia que estava vendo quadros que permaneceriam importantes até muito depois que estivéssemos todos mortos.

Quase fui embora sem cumprimentar Robert, em parte por causa desse choque, em parte para manter a sensação de privacidade entre nós — e em parte também por uma timidez fenomenal, confesso. Mas eu viera de tão longe que finalmente me obriguei a ir até ele quando alguns de seus admiradores se afastaram. Ele me viu atravessar a sala apinhada de gente e ficou paralisado por um momento. Depois fez uma cara espantada, alegre — como apreciei depois a lembrança dessa expressão — e ele logo se recompôs e veio me cumprimentar com um aperto de mão caloroso, tornando aquilo tudo muito correto, fazendo com que funcionasse, conseguindo me dizer baixinho que, antes de tudo, estava muito comovido por eu ter vindo. Eu já tinha quase esquecido quão grande ele era pessoalmente, quão impressionante, e quão estranha era sua beleza. Ele segurou meu cotovelo; começou imediatamente a me apresentar a uma roda de pessoas sempre diferentes sem explicar nada senão meu nome e, para algumas, que eu também era pintora.

Entre essas pessoas, entre essas apresentações momentâneas, estava a mulher dele, que apertou minha mão calorosamente, também, e tentou perguntar algo simpático sobre mim, para que eu me sentisse bem-vinda, quem quer que eu fosse. Felizmente, alguém a abordou um segundo depois. Fiquei aflita quando vi quem ela era, sentindo algo que eu chamaria de ciúme se não soubesse quão absurdo seria isso. Gostei dela instantaneamente e de longe, não porque eu assim quisesse, embora fosse para sempre desse jeito. Ela era muito mais baixa que Robert (eu imaginara uma espécie de caçadora para ele, uma amazona, uma Diana singular) — a bem da verdade, ela chegava apenas ao meu ombro. Tinha cabelo acaju, era sardenta, parecia uma flor de ouro com um vestido verde. Se ela fosse minha amiga, eu pediria para que me deixasse pintá-la, só pelo prazer de escolher as cores.

Senti o calor da mão dela na minha pelo resto da noite, após ter saído cedo, discretamente, sem falar com Robert de novo para que

ele não se preocupasse com a questão de onde eu estava hospedada e por quanto tempo. Também senti o calor da mão dela após eu ter dirigido algumas horas de volta para Washington, quando estava encolhida e muda, deitada numa cama de motel no sul da Virgínia, satisfeita de tê-lo visto. Por ter visto os dois: Robert e a mulher.

Maio de 1879
Étretat
Para: M. Yves Vignot
Rue de Boulogne, Passy, Paris

Mon cher mari,

Espero que esta encontre você e Papa tão bem quanto se pode esperar. Tem tido muito trabalho? Vai voltar a Nice ou poderá passar algumas semanas em casa, como pretendia? Continua chovendo?

Estou me dando otimamente aqui e passei o primeiro dia pintando no passeio, pois o tempo está muito aberto para maio, se bem que frio, e agora estou descansando antes do jantar. O tio acompanhou-me. Ele está trabalhando numa tela grande que retrata o mar e os penhascos. Confesso que só fiz uma coisa de que gosto, e é bastante esquemática, aliás — umas mulheres locais com amplas saias encantadoras arrepanhadas e uma criança andando ao lado, mas sem dúvida precisarei tentar algo mais majestoso para me manter no mesmo nível. A paisagem é tão fascinante como me lembrava de nossa primeira visita, apesar de estar muito mudada pela diferença da estação — as colinas começam a ficar verdes, e o horizonte é cinza-azulado, sem aquelas nuvens fofas do meio do verão. Nosso hotel é bastante confortável, você não deve se preocupar — é impecável e bem-equipado, e gosto da relativa simplicidade. Tomei um café reforçado hoje de manhã — você aprovaria. A viagem não me cansou nada, e adormeci no minuto em que cheguei ao quarto. O tio trouxe umas anotações para uns artigos em que está trabalhando quando não está pintando, de modo que conseguirei descansar nessas horas, como você pediu. Também comecei a ler Thackeray para me distrair. Não é

*necessário que mande ninguém para mim. Dou conta
perfeitamente e estou satisfeita por Esmé tratar com tanto
carinho de Papa, mesmo enquanto faz outras coisas. Por favor,
cuide-se bem — não saia sem casaco se o tempo aí não ficar
mais primaveril. Saiba que sou sua dedicada*

Béatrice

CAPÍTULO 75

MARY

Certa manhã, percebi que já fazia cinco dias que eu não recebia uma carta ou um desenho de Robert, o que então era muito tempo para nós. Seu último desenho havia sido um autorretrato, uma caricatura cheia de humor de seus traços fortes, seu cabelo em pé e de alguma forma vivo, como o da Medusa. Embaixo do desenho, ele escrevera: “Ah, Robert Oliver, quando você vai acertar a sua vida?” Foi provavelmente a única vez que o vi se criticar diretamente, e isso me espantou um pouco. Mas interpretei como uma referência a uma das “melancolias” que ele às vezes me descrevia com indiferença, ou como um reconhecimento da vida cada vez mais dupla que ele levava por meio de nossas cartas. Interpretei, na verdade, como uma espécie de elogio, que é a maneira que se quer que tudo pareça quando se está amando, não? Mas aí ele passou três dias sem mandar nada, depois quatro, cinco, então desobedeceu a minha regra e escrevi-lhe uma segunda vez, preocupada, com saudades, tentando falar daquilo com naturalidade.

Ele nunca recebeu aquela carta, tenho certeza; a menos que o correio tenha fechado a caixa postal dele e jogado fora minha carta, ela deve continuar lá, esperando pela mão que nunca foi buscá-la. Ou talvez Kate tenha limpado a caixa depois e jogado a carta fora. Quero crer que ela não a leu, se for isso o que aconteceu. Na manhã depois que a enviei, o interfone do meu apartamento tocou às seis e meia. Eu ainda estava de roupão de banho, o cabelo molhado, mas penteado, preparando-me para minha aula de desenho. Ninguém jamais tocou minha campainha a essa hora, e pensei imediatamente em chamar a polícia; esta é a natureza do

bairro em que eu moro. Mas só para ver o que estava acontecendo, apertei o botão do interfone e perguntei quem era.

“Robert”, disse uma voz, uma voz forte, rouca, estranha. Soava cansada, até um pouco hesitante, mas eu sabia que era dele. Eu a teria reconhecido no espaço sideral.

“Um minuto só”, disse eu. “Espere. Espere um minuto só.” Eu poderia ter apertado o botão para ele entrar, mas quis desesperadamente descer; eu não conseguia acreditar. Enfiei as primeiras roupas que consegui achar, peguei minhas chaves e corri descalça para o elevador. No primeiro andar, eu já o via pelas portas internas de vidro. Ele tinha uma sacola no ombro; parecia muito cansado, mais amassado que nunca mas também alerta, esquadrinhando o saguão à minha procura.

Pensei que eu devia estar sonhando, mas abri a porta assim mesmo e corri para ele, e ele largou a mala e me levantou nos braços e me apertou; senti que colava o rosto no meu ombro e no meu cabelo, cheirando-os. Nem estávamos nos beijando nesse primeiro momento; acho que eu estava chorando de alívio porque seu rosto tinha a textura que eu achava que teria, e talvez ele estivesse chorando também. Afastamo-nos com nosso cabelo colado no rosto um do outro, lágrimas, suor brilhando na testa dele. Ele não fazia a barba havia alguns dias; parecia um lenhador nas calçadas de um bairro de Washington, uma camisa velha por cima da outra. “O quê?”, disse eu, porque foi tudo o que consegui.

“Bem, ela me pôs na rua”, confessou ele, tornando a levantar a mala como se aquilo comprovasse o exílio dele. E diante da minha expressão de choque, imagino, completou: “Não por sua causa. Uma outra coisa.”

Devo ter parecido mais chocada que nunca, porque ele pôs o braço em volta dos meus ombros. “Não se preocupe. Está tudo bem. Foi só por causa dos meus quadros, e depois eu lhe explico.”

“Você dirigiu a noite inteira”, eu disse.

“Sim, e posso deixar meu carro ali?” Apontou para a rua, com suas placas, seu lixo e seus parquímetros incomprensíveis.

“Claro”, disse eu. “Pode, mas ele será rebocado em algum momento depois das nove.” Então começamos a rir, e ele tornou a pôr o meu cabelo para trás, o gesto de que eu me lembrava do nosso primeiro encontro no Maine, e me beijou, beijou, beijou.

“Já são nove horas?”

“Não”, eu disse. “Temos mais de duas horas.” Subimos com a mala pesada dele, e tranquei a porta depois que entramos e liguei para o trabalho dizendo que estava doente.

CAPÍTULO 76

MARY

Robert não se mudou para minha casa; simplesmente foi ficando, com sua mala enorme e pesada, e as outras coisas que trouxe no carro, os cavaletes e as tintas e as telas e os sapatos extras e uma garrafa de vinho que ele escolhera para mim como presente de chegada. Eu não sonharia em lhe perguntar quais eram seus planos nem em lhe dizer para arranjar um lugar para morar que fosse dele, da mesma forma que não me mudaria do meu apartamento. Foi uma espécie de paraíso para mim, confesso, acordar com seu braço dourado atravessado no meu travesseiro extra, seus cachos escuros no meu ombro. Eu ia dar aula e voltava para casa sem pintar na escola, como geralmente fazia, e ficava na cama até o meio da tarde.

Aos sábados e domingos, levantávamo-nos por volta de meio-dia e íamos para os parques pintar, ou íamos de carro até a Virgínia, ou visitávamos a National Gallery se estivesse chovendo. Lembro-me muito bem de termos passado pelo menos uma vez naquela sala na NGA onde está a *Leda*, e aqueles retratos, e aquele Manet incrível com os copos de vinho; juro que ele prestou mais atenção ao Manet do que à *Leda*, que não pareceu lhe interessar — pelo menos esse foi o comportamento dele na minha frente. Lemos as placas, e ele comentou a técnica de Manet, depois foi embora balançando a cabeça de uma forma que significava admiração para além das palavras. Depois da primeira semana, disse-me severamente que eu não estava pintando o suficiente provavelmente por causa dele. Eu voltava para casa e sempre encontrava uma tela preparada para mim, num tom de cinza ou bege. Sob sua orientação, comecei a

trabalhar duro como eu não trabalhava havia muito tempo e a me esforçar para tentar temas mais complicados.

Pintei o próprio Robert, por exemplo, com aquelas calças cáqui sentado no banco da minha cozinha, nu da cintura para cima. Ele me ensinou a desenhar mãos, notando que eu sempre as evitava. Ensinou-me a não desdenhar de flores nem de arranjos florais em minhas naturezas-mortas, ressaltando quantos grandes pintores as consideravam um desafio importante. Uma vez, trouxe para casa um coelho morto — ainda não sei onde ele arranjou o bicho — e uma truta grande, e amontoamos frutas e flores com eles e pintamos um par de naturezas-mortas barrocas, cada um de nós sendo fiel ao seu próprio estilo de cópia, e rimos dos quadros. Depois, esfolou e cozinhou o coelho, e também a truta, e os dois estavam deliciosos. Ele disse que aprendera a cozinhar com a mãe francesa; sem dúvida, até onde eu soubesse, ele raramente cozinhava. Quase sempre, abríamos latas de sopa e uma garrafa de vinho e ficava por isso mesmo.

E líamos juntos quase toda noite, às vezes durante horas. Ele lia seu Miłosz preferido em voz alta para mim, e poemas em francês, que traduzia conforme ia lendo. Eu lia para ele alguns dos romances que sempre adorei, a coleção de clássicos de Muzzy, Lewis Carroll e Conan Doyle e Robert Louis Stevenson, que ele não conhecera quando era pequeno. Líamos um para o outro, vestidos ou nus, enrolados nos meus lençóis azul-claros ou vestidos com um suéter velho esparramados no chão diante do sofá. Ele usava meu cartão da biblioteca para trazer para casa livros sobre Manet, Morisot, Monet, Sisley, Pissarro — ele adorava Sisley especialmente e disse achá-lo melhor que todos os outros juntos. Às vezes, copiava efeitos do trabalho desses pintores, em telas pequenas reservadas para este fim.

De vez em quando, Robert ficava taciturno ou até um pouco tristonho, e quando eu aflagava seu braço ele dizia que sentia falta dos filhos, e até pegava as fotos das crianças, mas nunca mencionava Kate. Eu receava que ele não pudesse ou não quisesse ficar lá em casa para sempre; também torcia para que conseguisse

sair do casamento e entrar na minha vida num sentido mais estável. Eu não sabia que ele tinha uma caixa postal nova, em Washington, até ele mencionar um dia que tinha pegado sua correspondência ali e lido o pedido de divórcio de Kate. Ele lhe enviara um endereço da caixa postal, disse, para o caso de acontecer alguma emergência. Contou-me que decidira ir para casa por alguns dias para resolver a papelada inicial e ver os filhos; que ficaria num motel ou em casa de amigos — acho que essa foi a maneira de deixar claro para mim que não pretendia voltar para Kate. Algo em sua firmeza quanto a não voltar mais para ela me arrepiou; se era capaz de se sentir assim em relação a ela, eu sabia, um dia ele poderia se sentir do mesmo jeito em relação a mim. Eu preferiria vê-lo arrependido, um pouco dividido — mas não tão em dúvida a ponto de precisar me tirar de sua vida.

No entanto ele parecia estranhamente seguro em relação a abandonar Kate, dizendo que ela não entendia a coisa mais importante sobre ele, sem dizer o que era essa coisa. Não quis perguntar, pois daria a impressão de que eu também não entendia. Quando voltou de sua estada de cinco dias em Greenhill, trouxe-me uma biografia de Thomas Eakins (ele sempre dizia que meu trabalho lhe lembrava o de Eakins, que tinha de certo modo um sabor americano maravilhoso) e me contou com entusiasmo suas pequenas aventuras na estrada, e que as crianças estavam bem e lindas e que tirara montes de fotografias delas, e não disse nada sobre Kate. Então me atraiu para o que agora considerava o nosso quarto, me puxou para a cama e fez amor comigo concentrado e insistente, como se tivesse sentido minha falta o tempo todo.

Nada desse pequeno paraíso me preparou para a mudança gradual no seu humor. Chegou o outono e ele foi ficando desanimado; o outono sempre fora minha estação preferida, o momento de começar de novo, sapatos novos para a escola, alunos novos, cores deslumbrantes. Mas, para Robert, parecia uma espécie de perda de viço, uma tristeza que aumentava progressivamente, o fim do verão e de nossa primeira felicidade. As folhas de ginkgo no meu bairro viravam papel crepom amarelo, as

castanhas se espalhavam por nossos parques preferidos. Peguei telas novas e provoqueei-o com uma viagem no meio da semana a Manassas, no dia que eu não dava aula, para o campo de batalha que havia ali. Mas Robert pela primeira vez recusou-se a pintar; em vez disso, ficou pensando, sentado embaixo de uma árvore numa colina histórica, como se estivesse ouvindo sons fantasmagóricos do conflito que acontecera ali, da carnificina. Pintei no campo sozinho, torcendo para que ele superasse aquilo se eu o deixasse sozinho por um tempo, mas nessa noite ele estava irritadiço, ameaçou quebrar um prato e saiu para dar um longo passeio sozinho. Chorei um pouco, sem querer — não gosto de fazer isso, sabe; era simplesmente muito doloroso vê-lo naquele estado e sentir-me rejeitada por ele depois de todos os momentos gloriosos que tivemos juntos.

Mas também me parecia natural que ele sentisse os efeitos retardados do abalo provocado por sua separação legal de Kate — ainda faltavam três meses para o divórcio — e pelo caráter definitivo com que se afastou de sua antiga vida. Eu sabia que ele deveria se sentir pressionado a procurar trabalho em Washington, embora não demonstrasse quaisquer sinais de estar fazendo isso; eu percebia que ele tinha uma pequena renda própria ou uma combinação de rendimentos, provavelmente provenientes da venda de seus extraordinários quadros, mas sem dúvida esse dinheiro não duraria para sempre. Eu também não queria lhe perguntar sobre sua renda, e tivera o cuidado de não misturar o nosso dinheiro, embora estivesse pagando o aluguel como sempre pagara e comprando a nossa comida. Como ele muitas vezes trazia alguns comes e bebes, um vinho, ou algum presentinho útil, e eu não estava fazendo nenhum grande esforço, embora já estivesse me perguntando se deveria acabar lhe pedindo para dividir o aluguel e as outras contas comigo, uma vez que eu vivia apertada no fim do mês. Eu poderia ter pedido ajuda a Muzzy, mas a reação dela quando fui morar com um artista que estava para se divorciar em breve não foi encorajadora, e isso me impediu. (“Eu sei como é o amor”, dissera ela amavelmente para mim numa visita que lhe fiz durante a

temporada que Robert passou comigo. Foi antes do espetáculo medonho de seu tumor, sua traqueostomia, sua prótese de fala. “Eu sei, querida, mais do que você poderia pensar. Mas você é talentosíssima, sabe. Sempre quis alguém que *cuidasse* um pouco de você.”) Agora Robert seguramente teria que pagar pensão para os filhos e eu não me atrevia a lhe perguntar os detalhes quando ele se sentava emburrado no sofá.

Nos fins de semana de sol, ele às vezes ficava mais animado, e eu me via cheia de esperanças, logo esquecendo os dias anteriores e me convencendo de que estas eram as dores do crescimento da nossa relação. Como pode perceber, eu pensava não exatamente em casamento, mas sim em algum tipo de vida com Robert a mais longo prazo, uma vida na qual assumiríamos um compromisso, alugaríamos um apartamento com um ateliê, uniríamos nossas forças, nossos recursos e nossos planos, iríamos à Itália e à Grécia numa espécie de lua de mel para podermos pintar e visitar todos os grandes quadros, esculturas e paisagens que eu desejava muito ver. Era um sonho vago, mas crescera enquanto eu não estava olhando, como um dragão embaixo da minha cama, e minara o meu romance do *eu sozinha* antes que eu notasse o que estava acontecendo. Naqueles últimos fins de semana felizes, fazíamos viagens curtas, quase todas por insistência minha, levando lanche para um piquenique para poupar dinheiro — a mais alegre foi para Harpers Ferry, onde ficamos numa pousada barata e passeamos a pé pela cidade toda.

Uma noite no princípio de dezembro, não encontrei Robert quando cheguei em casa, e passei vários dias sem notícias dele. Ele voltou com um ar estranhamente revigorado e disse que tinha ido visitar um velho amigo em Baltimore, o que não parecia ser verdade. Então, outra vez, ele foi para Nova York. Após esta visita, não pareceu revigorado, mas realmente eufórico, e naquela noite, estava ocupado demais para fazer amor, algo que nunca acontecera antes, e ficou diante do cavalete na sala fazendo desenhos a carvão. Lavei a louça do jantar, recalcando minha irritação — será que Robert achava que a louça se lavava sozinha, dia após dia? —

e tentei não olhar por cima da bancada que dividia a cozinha minúscula da sala minúscula enquanto ele desenhava um rosto que eu não via desde minha viagem impulsiva a Greenhill para sua exposição na faculdade: ela era muito bonita, com aquele cabelo escuro cacheado tão parecido com o dele, aquela cara quadrada, aquele sorriso pensativo.

Reconheci-a imediatamente. Na verdade, quando a vi, perguntei-me como pude não ter notado a ausência dela durante todos aqueles meses felizes; eu nunca questionara o fato de Robert tê-la deixado totalmente de fora de seus quadros e desenhos enquanto morava comigo. Ele nunca incluía sequer as figuras distantes de mãe e filha que eu vira em algumas de suas primeiras paisagens, como a que ele pintara no litoral do Maine durante nossa oficina. Sua volta naquela tarde teve um efeito estranho sobre mim, um medo progressivo, como a sensação que se tem quando alguém entra numa sala muito devagarzinho e está parado atrás de você. Eu disse a mim mesma que não era medo de Robert; mas se não era, de que eu tinha medo?

CAPÍTULO 77

1879

Ela observa Olivier pintar.

Estão parados na praia à luz da tarde e ele começou uma segunda tela: uma para a manhã, uma para a tarde. Está pintando os penhascos e dois grandes barcos a remo que os pescadores puxaram para a praia, os remos guardados no interior, as redes e as boias de cortiça banhadas por um sol fugidio. Ele desenha primeiro com siena queimada na tela preparada, e depois começa a dar forma à massa de penhascos com mais siena, com azul, um cinza azulado sombreado. Ela quer sugerir que ele clareie a paleta, como sua professora lhe disse uma vez; pergunta a si mesma por que esta cena de luzes e céu cambiantes parece a Olivier tão sombria por baixo. Mas ela acha que nem o trabalho nem a vida dele podem mudar muito agora. Está calada ao lado dele, prestes a instalar seu próprio material de trabalho, seu banco dobrável e seu cavalete de madeira portátil — adiando, observando. Usa um fino vestido de lã para se proteger do frio na tarde clara, e, por cima disso, um casaco mais pesado também de lã. A brisa bate em sua saia, nas fitas de seu chapéu. Ela o observa quase dar vida à água agitada. Mas por que não ilumina mais essa água?

Ela se afasta e abotoa o avental por cima da roupa, arruma a tela, desdobrando o engenhoso banco de madeira. Fica parada diante da tela ao fazer isso, em vez de se sentar, enterrando o salto das botas nos seixos. Tenta esquecer o vulto dele não muito longe dali, sua cabeça prateada inclinada sobre o trabalho, suas costas retas. A tela dela já está recoberta de cinza claro; ela escolheu esta cor para a luz da tarde. Aplica um verde-mar, uma mancha pesada

em sua paleta, vermelho cádmio para as papoulas nos penhascos à direita e à esquerda, suas flores preferidas.

Agora ela se dá trinta minutos no relógio preso à corrente, aperta os olhos, segura o pincel o mais de leve possível, pintando com o pulso e o antebraço, pinceladas rápidas. A água é rosada, azul-esverdeada; o céu, praticamente sem cor, as pedras da praia são rosadas e cinzentas, a espuma do limite das ondas é bege. Ela pinta o vulto de Olivier com seu terno escuro, seu cabelo branco, mas, como se ele estivesse bem longe, uma figura menor na praia. Nos penhascos, ela dá toques de siena pura, depois de verde, depois de pontos vermelhos de papoulas. Há flores brancas também, e as menores são amarelas — ela vê o penhasco de frente e ao longe.

Seus trinta minutos terminaram.

Olivier se vira. Como se entendesse que a primeira tentativa dela na tela tivesse terminado. Ela percebe que ele continua trabalhando devagar na vastidão da água, ainda não chegou novamente aos barcos nem aos penhascos. Será uma peça cuidadosa, controlada e até bonita, e levará dias. Ele se aproxima para ver a tela dela. Ela fica parada olhando-a com ele, sentindo o cotovelo dele roçar seu ombro. Tem consciência do próprio talento, tal como visto pelos olhos dele, e dos defeitos do quadro: o quadro é vivo, tem movimento, mas é muito tosco até para o gosto dela, uma experiência que não dá certo. Ela quer que ele fique calado, e, para seu alívio, ele não interrompe o rugido das ondas na areia pesada, o vaivém dos seixos rolados para cima e para baixo. Em vez disso, balança a cabeça, olha para ela. Seus olhos estão sempre vermelhos, com o contorno meio flácido. Naquele momento, ela não trocaria a presença dele por nada, simplesmente porque ele está muito mais perto que ela do limite do mundo. Ele a compreende.

Naquela noite, eles comem com os outros hóspedes, sentados um diante do outro, passando os pratos de molho ou de cogumelos pequeninos. A proprietária, servindo vitela a Olivier, diz que um cavalheiro passou lá durante a tarde para perguntar se ela estava hospedando um pintor famoso, um amigo dele de Paris; não deixou nenhum cartão. Monsieur Vignot é famoso?, pergunta ela. Olivier ri

e faz que não com a cabeça. Muitos pintores famosos já trabalharam em Étretat, mas ele não é um deles, diz. Béatrice toma um copo de vinho e se arrepende. Eles estão sentados na sala principal, lendo, com um hóspede inglês de bigode que faz barulho com os jornais de Londres e pigarreia por causa de algo que vê ali. Então ela pousa o livro e tenta escrever uma segunda carta para Yves, sem muito sucesso; sua pena parece não gostar do papel por mais que ela a mergulhe na tinta e use o mata-borrão. O relógio mandarim da proprietária marca dez horas, e Olivier levanta-se para inclinar-se para ela, sorri afetuosamente com seus olhos irritados pelo vento, parece que vai beijar-lhe a mão, mas depois não faz isso.

Quando ele já subiu, ela compreende: ele nunca há de incentivá-la a passar dos seus limites. Nunca lhe fará uma visita privada, nunca há de propor que ela lhe faça uma, nunca há de fazer outro movimento que um cavalheiro e um parente não devam fazer. Não iniciará nada. O beijo no ateliê dele foi o primeiro e o último, como ele prometeu; o beijo dela na plataforma da estação foi responsabilidade dela, assim como o beijo deles na praia. Ambos o surpreenderam. Ele tenciona que essa contenção seja um presente, ela tem certeza — uma prova de respeito, de carinho. Mas o resultado é um dilema cruel; o que quer que aconteça, ela é que deve levar a cabo e assumir as consequências. O que quer que eles experimentem juntos brotará do desejo dela, de sua relativa juventude. Ela não consegue imaginar bater à porta dele lá em cima. Ele deixou uma trilha de migalhas de pão, como o menino no conto de fadas.

Mais tarde, ela mal consegue dormir, em sua cama branca, observando as cortinas se mexerem um pouco onde ela deixou uma janela aberta para a ameaça do ar da noite, sentindo a cidade em volta, ouvindo o Canal bater no cascalho da praia.

CAPÍTULO 78

MARY

Robert passou semanas preocupado após a volta da dama de cabelos escuros a seus quadros, e não só preocupado mas também calado e suscetível. Dormia muito e não tomava banho, e comecei a me sentir repelida por sua presença de uma forma que eu nunca sentira antes. Às vezes, ele dormia no sofá. Semanas antes, eu combinara um encontro para que minha irmã e meu cunhado o conhecessem, e Robert não apareceu. Fiquei humilhada sentada na mesa de um restaurantezinho provençal chamado Lavandou que minha irmã e eu sempre adoramos. Eu ainda não tenho vontade de voltar lá, mesmo se tivesse dinheiro para jogar fora com jantares finos.

A única coisa para a qual ele tinha energia era para a pintura, e a única coisa que ele pintava era essa mulher. A essa altura eu sabia que não devia perguntar quem ela era, porque isso sempre provocava as respostas vagas, quase místicas, que tanto me irritavam. Nada mudara, pensei uma vez com amargura, desde o tempo em que eu era estudante e ele deliberadamente fizera mistério em relação ao lugar em que havia visto esta personagem de sua obra e por que a pintava.

Eu poderia ter passado a vida inteira acreditando que ele a conhecera em vida — rosto, cabelos escuros, vestidos, e tudo — se eu não tivesse examinado alguns de seus livros um dia, quando ele foi comprar telas. Já fazia um bom tempo que ele não saía de casa; considerei um bom sinal seu passeio, mostrando que tinha energia para ir às compras e também para planejar quadros novos. Depois que ele saiu, vi-me rondando o sofá, que virara uma espécie de toca de Robert, e até tinha o cheiro dele. Atirei-me ali e inspirei o cheiro

do cabelo e da roupa dele, sem o inconveniente de sua presença irritável. Estava coberto de lixo, como uma verdadeira toca — recortes de papel, material de desenho, livros de poesia, roupas velhas e volumes de biblioteca cheios de retratos. Tudo agora era retrato, e a dama morena era sua única personagem. Ele parecia ter esquecido seu antigo amor pela paisagem, sua grande habilidade para naturezas-mortas, sua versatilidade natural. Reparei que as cortinas estavam fechadas na minha salinha de estar e assim estavam havia dias, enquanto eu corria de um lado para o outro dando aulas.

Ocorreu-me de repente, como uma prova da minha própria idiotice, que Robert estava deprimido. O que ele chamava de “medo” era apenas a velha depressão comum, e talvez mais séria do que eu estava disposta a contemplar. Eu sabia que ele tinha remédios guardados e os tomava uma vez ou outra, mas, segundo ele, eram para ajudá-lo a dormir quando passava a noite pintando, e eu nunca o vi tomar nada regularmente. Por outro lado, ele nunca fazia nada regularmente. Fiquei sentada lamentando a transformação do meu apartamentinho alegre, chorando aquela perda para não precisar pensar na transformação da minha alma gêmea.

Então comecei a fazer uma faxina, botando toda a bagunça de Robert numa cesta, arrumando os livros ao lado da cama numa pilha organizada, dobrando os cobertores, afofando as almofadas do sofá, levando os copos sujos e as tigelas de cereal para a cozinha. E tive uma súbita visão de mim mesma, uma pessoa alta, limpa, competente, retirando a louça suja de outra pessoa do tapete. Acho que vi naquele momento que estávamos condenados, não por causa das idiossincrasias de Robert, mas por causa da minha noção de identidade. Observei-o encolher um pouco, senti o coração apertado. Abri as cortinas e enxuguei a mesa de centro e trouxe um vaso de flores da cozinha para a claridade renovada.

Eu poderia ter deixado a situação naquele ponto, sabe, naquele nível normal do será-que-precisamos-romper. Demorei-me mais um pouco sentada no sofá, sentindo-me reclamar algo, triste,

assustada. E porque eu estava sentada ali, comecei a olhar os livros de Robert. Os três primeiros do monte eram livros da biblioteca sobre Rembrandt, e havia outro sobre Leonardo da Vinci — o gosto de Robert parecia vagar um pouco a partir do século XIX. Embaixo havia um livro pesado sobre o Cubismo, que eu não o vira abrir nunca.

E perto daqueles havia dois livros sobre os impressionistas, um sobre os retratos que faziam uns dos outros — folheei as imagens familiares — e outro, menos previsível, uma brochura fina ilustrada sobre as mulheres do mundo impressionista, abordando desde o papel crucial de Berthe Morisot na primeira exposição impressionista até o início do século XX e pintoras menos conhecidas do movimento. Senti respeito pelo fato de Robert ter um livro daqueles — pertencia a ele, não a uma biblioteca, vi quando o abri — e fiquei assombrada ao constatar que estava bem manuseado; ele o lera de cabo a rabo, reportara-se muitas vezes a ele, e até o manchara de tinta.

Anexo uma cópia deste volume, que localizei para você no mês passado, já que ele levou o dele. Abra na página quarenta e nove, e verá o que vi quando o folheei — um retrato da dama de Robert e uma paisagem marinha do litoral da Normandia de autoria da própria dama. Béatrice de Clerval, fiquei sabendo, foi uma pintora muito talentosa que largara a arte pouco antes dos 30 anos; segundo o curto texto bibliográfico, o que a levou a isso foi a maternidade, que aconteceu em sua vida quando ela já estava com a idade perigosamente madura de 29 anos, numa época em que as mulheres de sua classe eram estimuladas a se concentrar exclusivamente na vida de família.

A reprodução do retrato era em cores, e seu rosto era inconfundível para mim; eu até conhecia sua gola franzida em tons de amarelo e verde-claro, o laço em seu chapéu, o exato vermelho macio de suas faces e seus lábios, a expressão prudente e alegre. De acordo com o texto, foi uma artista muito promissora no início,

estudando dos 17 aos 25 anos com o professor da academia Georges Lamelle, e expusera um quadro apenas uma vez no Salon, sob o pseudônimo de Marie Rivière, e morrera de gripe em 1910; sua filha, Aude, jornalista em Paris antes da Segunda Guerra Mundial, morreu em 1966. O marido de Béatrice de Clerval era um funcionário público importante, que implantou as agências modernas de correio de quatro ou cinco cidades francesas. Ela era conhecida dos Manets, dos Morisots, do fotógrafo Nadar e de Mallarmé. Obras de Clerval hoje podem ser encontradas no Musée d'Orsay, no Musée de Maintenon, na Galeria de Arte da Universidade de Yale, na Universidade de Michigan e em várias coleções particulares, destacando-se entre elas a de Pedro Caillet, de Acapulco.

Bem, você verá tudo isso no livro, mas quero tentar explicar o efeito que esse conjunto de imagens e a biografia que o acompanhava produziram em mim. A gente imaginaria que saber que o nosso parceiro está obcecado por uma mulher de carne e osso que viu de relance há muito tempo, alguém que ele só viu uma ou duas vezes, nos deixaria desconfortáveis, mas a gente espera que um artista, um colega artista, seja obcecado por uma imagem ou outra. Saber que Robert estava obcecado por uma mulher que ele nunca vira ao vivo me causou um desconforto muito maior — foi um choque, na verdade. Não se pode ter ciúmes dos mortos, no entanto, o fato de ela já ter sido uma pessoa viva me provocou um sentimento perigosamente próximo do ciúme, e o fato de ela já ter morrido havia muito era de certa forma grotesco, como se eu o tivesse flagrado num ato vago de necrofilia.

Não, isso está errado. Os vivos muitas vezes continuam amando os mortos; nunca criticaríamos um viúvo por amar a memória de sua mulher nem por ser um tanto obcecado por ela. Mas alguém que Robert nunca conheceu, não poderia ter conhecido, alguém que morrera mais de quarenta anos antes de ele nascer — isso me embrulhava o estômago. Essa é uma descrição muito forte, suponho. Mas fiquei enjoada. Era muito estranho para mim. Nunca achei que ele pudesse ser louco quando pintava repetidas vezes o rosto de uma pessoa viva; mas agora que sabia que era o rosto de

uma mulher morta há muito tempo, eu me perguntava se havia algo de realmente errado com ele.

Li a nota biográfica várias vezes para me certificar de que não perdera alguma coisa. Talvez não se soubesse muito sobre Béatrice de Clerval, ou talvez o fato de ela ter trocado a pintura pela vida doméstica tenha entediado todos os historiadores da arte. Ao que parece, ela morreu décadas depois, sem ter feito qualquer outra coisa digna de nota. Uma retrospectiva de sua obra foi realizada nos anos 1980, num museu em Paris cujo nome não reconheci, os quadros provavelmente emprestados por coleções particulares, pendurados e retirados novamente antes que eu sequer tivesse feito minha inscrição para a faculdade. Tornei a olhar o retrato dela. Havia o sorriso nostálgico, a covinha na face direita perto da boca. Mesmo da página brilhosa, os olhos dela seguiam os meus.

Quando não consegui mais suportar, fechei o livro e o coloquei de volta na pilha. Depois, tornei a pegá-lo e anotei o título e o autor, as informações editoriais, alguns dos fatos sobre Clerval, e o repus cuidadosamente no lugar, escondendo as anotações na minha escrivadinha. Fui para o quarto, fiz a cama e me deitei. Pouco depois, levantei-me, fui limpar a cozinha também e fiz uma refeição com o que achei nos armários. Fazia tempo que eu não cozinhava de verdade. Eu amava Robert, e ele teria o melhor tratamento possível, um cuidado que o ajudaria a melhorar; ele me dissera que ainda tinha o seguro saúde. Quando voltou para casa, parecia satisfeito. Comemos juntos à luz de velas e fizemos amor no tapete da sala (não pareceu notar que eu limpava o sofá), e ele me fotografou enrolada num cobertor. Eu não mencionei o livro nem os retratos.

A situação melhorou um pouco naquela semana, pelo menos aparentemente, até Robert me comunicar que iria de novo a Greenhill. Precisava ir ao advogado com Kate, explicou, e resolver umas questões financeiras, e passaria uma semana fora. Fiquei desapontada, mas, achando que ficar longe daquele trabalho poderia melhorar o estado de espírito dele, simplesmente despedi-me com um beijo e o deixei partir. Como o horário de seu avião

coincidia com o da minha aula, não pude levá-lo ao aeroporto. Na noite em que voltou, realmente uma semana depois, vinha cansado e com um cheiro estranho, recendendo a viagem, um cheiro sujo, mas também exótico. Passou dois dias dormindo.

No terceiro dia, saiu de casa para fazer algumas coisas, e revistei todos os pertences dele, descaradamente — ou melhor, com vergonha, mas determinada a saber mais. Ele ainda não tinha desfeito a mala, e, nela, encontrei recibos em francês, alguns que diziam “Paris”, um hotel, restaurantes, aeroporto Charles de Gaulle. Havia uma passagem amassada da Air France num dos bolsos do paletó, junto com o passaporte, que eu nunca tinha visto antes. Quase todo mundo sai horrível em foto de passaporte. A de Robert era deslumbrante. No meio das roupas, encontrei um embrulho de papel pardo contendo um maço de cartas amarradas com uma fita, cartas muito antigas, aparentemente em francês. Eu nunca as vira. Perguntei-me se teriam a ver com a mãe dele, se poderiam ser cartas antigas de família, ou se ele as conseguira na França. Quando vi a assinatura na primeira, fiquei sentada durante um bom tempo, vivendo um pesadelo, então tornei a dobrar as cartas e guardei o embrulho de novo na mala.

Aí tive de decidir o que dizer a ele. *Por que foi para a França?* Aquilo era só ligeiramente menos importante que: *Por que não me contou que ia para a França ou nem sequer me levou com você?* Mas não consegui me obrigar a perguntar; isso teria ferido o meu orgulho, e a essa altura meu orgulho estava muito machucado, como Muzzy diria. Em vez disso, discutimos, ou eu discuti com ele, briguei com ele por causa de um quadro, uma natureza-morta em que tínhamos trabalhado juntos, e coloquei-o para fora de casa, entretanto ele foi embora de muito bom grado. Chorei com minha irmã, jurei jamais recebê-lo de volta se ele tornasse a aparecer, tentei esquecê-lo, e a história acaba nisso. Mas fiquei preocupada quando ele não me procurou mais. Passei muito tempo sem saber que ele saiu direto — se não logo, apenas uns meses depois me deixou e foi — para a National Gallery e tentou rasgar um quadro. Ele não faria isso. Não faria mesmo.

CAPÍTULO 79

MARLOW

Mary veio até o meu hotel para o café da manhã e nos encontramos no restaurante quase vazio. Foi uma refeição mais calma que o jantar da véspera; o primeiro momento da sua empolgação já havia passado, e tornei a notar aquelas manchas violeta, sombras na neve, embaixo de seus olhos. Seus olhos propriamente ditos estavam escuros naquela manhã, turvos. Mary tinha umas sardas no nariz que eu não registrara antes, miudinhas, completamente diferentes das de Kate.

— Dormiu mal? — perguntei, correndo o risco de me expor a um de seus olhares severos.

— Sim —, disse ela. — Fiquei pensando no quanto lhe contei sobre Robert, tantas coisas íntimas, e em como você, lá no seu quarto de hotel, estava pensando nisso tudo.

— Como sabia que eu estava pensando no que me contou? — Passei-lhe um prato de torradas.

— Eu estaria — disse ela simplesmente.

— Bem, eu estava. Penso sempre. Você é extraordinária, mostrando-me tanto dele, e essa sua atitude é a maior ajuda que já recebi para ajudar Robert — fiz uma pausa, sondando o terreno, enquanto ela deixava a torrada esfriar. — E entendo por que esperou tanto tempo por ele, quando ele estava indisponível.

— Inatingível —, corrigiu ela.

— E porque o ama.

— Amei, já não o amo mais.

Eu não esperara tanto, e concentrei-me nos meus ovos beneditinos para evitar o olhar dela. Na verdade, terminamos o

nosso café quase sem falar, mas depois de algum tempo o silêncio tornou-se confortável.

No Met, Mary ficou parada contemplando o *Portrait de Béatrice de Clerval*, 1879, o quadro que ela vira pela primeira vez num livro que Robert deixara ao lado do sofá de sua casa.

— Sabe, acho que Robert voltou aqui e a encontrou de novo — disse ela.

Eu observava o seu perfil; era a segunda vez, lembrei-me repentinamente, que estávamos juntos num museu.

— É?

— Bem, ele veio a Nova York pelo menos uma vez enquanto morou comigo, como lhe escrevi, e voltou com uma empolgação estranha.

— Mary, quer ir visitar Robert? Eu poderia levá-la para vê-lo quando voltarmos para Washington. Segunda-feira, se quiser — eu não pretendia dizer isso logo.

— Quer dizer que quer que eu o interroque para descobrir mais coisas para você?

Ela estava toda empertigada, examinando o rosto de Béatrice mais uma vez sem olhar para mim.

Isso me chocou.

— Não, não. Eu não lhe pediria isso. Você já me ajudou a enxergá-lo de outro modo. Eu só quis dizer que não quero mantê-la afastada dele se precisar vê-lo pessoalmente.

Ela se virou. Depois, chegou mais perto, como se para se proteger, com Béatrice de Clerval nos observando; na verdade, ela de repente pegou a minha mão.

— Não — disse. — Não quero vê-lo. Obrigada — soltou minha mão e deu uma volta pela sala, olhando as bailarinas de Degas e os nus se secando com suas toalhas grandes. Após alguns minutos, voltou para perto de mim. — Vamos?

Lá fora estava um dia de verão lindo e ameno, quente, mas agradável. Comprei um cachorro-quente com mostarda para cada um de nós em um dos quiosques na rua. (“Como sabe que não sou vegetariana?”, disse Mary, embora já tivéssemos jantado duas vezes juntos.) Fomos para o Central Park e comemos sentados num banco, limpando as mãos com guardanapos de papel. Mary inesperadamente limpou a mostarda das minhas mãos bem como das suas, e pensei que mãe encantadora ela poderia ter sido, mas naturalmente não disse nada. Abri os dedos.

— Minha mão parece muito mais velha que a sua, não?

— Por que não deveria parecer? Ela é bem mais velha que a minha. Vinte anos, se você nasceu em 1947.

— Não vou perguntar como sabe disso.

— Não é preciso, Sherlock.

Fiquei ali sentado observando-a. A sombra dos carvalhos e das faias salpicava seu rosto e sua blusa branca de mangas curtas, a pele fina de seu pescoço.

— Como você é bonita.

— Por favor, não diga isso — disse ela, baixando os olhos.

— Só falei como um elogio, respeitoso. Você é uma pintura.

— Que idiotice — ela amassou os guardanapos e atirou-os numa lixeira ao lado do nosso banco. — Mulher nenhuma quer ser uma pintura —, mas quando tornou a se virar para mim, nossos olhos se encontraram justo depois daquela sua afirmação estranha. Ela foi a primeira a desviar a vista. — Você já foi casado?

— Não.

— Por quê?

— Ah, muito estudo na faculdade de medicina, e depois não encontrei a pessoa certa.

Ela cruzou as pernas vestidas de jeans.

— Já se apaixonou?

— Várias vezes.

— Recentemente?

— Não — reconsiderarei. — Talvez sim. Quase sim.

Ela ergueu as sobrancelhas até elas desaparecerem embaixo da franja curta.

— Decida-se.

— Estou tentando — disse eu com a maior tranquilidade possível. Era como conversar com uma corça selvagem, um bicho que poderia fugir em disparada. Estiquei um braço nas costas do banco sem encostar nela, e olhei para o parque, as curvas da trilha de cascalho, pedras, colinas verdes embaixo de árvores altaneiras, as pessoas andando a pé e de bicicleta por um caminho próximo. Seu beijo me pegou de surpresa; a princípio, só entendi que seu rosto estava muito próximo. Ela foi delicada, hesitante. Endireitei-me lentamente e pus as mãos em suas têmporas e retribuí o beijo, também com delicadeza, tentando não assustá-la mais, o coração palpitando. Meu coração velho.

Eu sabia que em um minuto ela se afastaria, depois se encostaria em mim e começaria a soluçar em silêncio, que eu a abraçaria até ela terminar, que logo nos separaríamos com mais um beijo apaixonado antes de irmos cada um para sua casa, e que ela diria algo como: *Sinto muito, Andrew, não estou pronta para isso.* Mas eu tinha a paciência da minha profissão do meu lado, e já entendia algumas coisas sobre ela: ela adorava ir para a Virgínia passar o dia pintando, como eu; precisava comer com frequência; queria sentir que controlava suas decisões. *Madame*, eu disse a ela, mas em silêncio, *vejo que seu coração está partido. Permita-me consertá-lo para você.*

CAPÍTULO 80

1879

Ela não consegue parar de pensar em seu corpo. Seguramente, deveria pensar um pouco no de Olivier, que viveu de tantas maneiras interessantes. Em vez disso, pensa na mordida de inseto no interior do seu pulso direito, coça-a, mostra-a a ele com intimidade enquanto pintam na praia na segunda manhã. Ficam olhando juntos para o antebraço branco, onde ela acabou de arregaçar a manga do avental de linho. Seu pulso, com aquela marquinha vermelha, a mão comprida e seus anéis — ela contempla aquilo, como ele deve contemplar, com desejo. Eles estão trabalhando diante de seus cavaletes na praia; ela pousou seus pincéis, mas Olivier continua segurando um pequeno, molhado de tinta azul-escura.

Estão parados olhando a curva do braço dela, então ela o levanta devagar na direção dele, do rosto dele. Quando já o aproximou tanto que ele não pode se enganar a respeito da intenção dela, ele pressiona os lábios contra a pele. Ela abaixa o braço delicadamente e seus olhos se encontram. Ela não consegue pensar em palavras que se encaixem nesta situação. O rosto dele está vermelho contra o cabelo branco, de emoção ou do vento do Canal. Será que ele está constrangido? É o tipo da pergunta que ela poderia lhe fazer num momento íntimo que ela ainda não se permite imaginar.

CAPÍTULO 81

MARLOW

Algum tempo depois disso, fiz a experiência de passar uma hora no quarto de Robert com ele em silêncio; levei um bloco de desenho e sentei na minha cadeira, desenhando-o enquanto ele estava sentado, desenhando Béatrice de Clerval. Eu queria lhe dizer que sabia quem ela era, mas, como sempre, a cautela me conteve. Afinal de contas, eu precisava saber mais sobre ela ou sobre ele antes de fazer isso. Depois de demonstrar estar irritado com a minha presença e de me lançar um olhar furioso, mostrando ter registrado que era o tema do meu desenho, Robert me ignorou, mas acho que senti, se simplesmente não imaginei, insinuar-se no quarto um leve clima de companheirismo. Só se ouvia o barulho dos nossos lápis no papel e a sensação era de tranquilidade.

A fuga do desenho no meio da manhã deu ao dia um tipo de harmonia que eu raramente sinto em Goldengrove. O rosto de Robert, de perfil, era muito interessante; e o fato de ele não demonstrar raiva nem se levantar e se afastar ou perturbar de algum outro modo o meu trabalho me agradou e me surpreendeu bastante. Era possível que ele houvesse se retraído mais e simplesmente não ligasse, mas achei que ele estava realmente tolerando meu gesto. Quando encerrei a tentativa, guardei o lápis no bolso do paletó e destaquei a folha do bloco, deixando-a no pé da cama dele sem dizer nada. Não estava muito ruim, pensei, embora naturalmente lhe faltasse a expressão brilhante dos retratos dele. Ele não ergueu os olhos quando saí, mas quando verifiquei uns dias depois, vi que ele colara meu presente em sua galeria, embora não num lugar de destaque.

Como se de alguma forma soubesse do tempo que passei com Robert, Mary ligou naquela mesma noite.

— Quero lhe pedir uma coisa.

— Qualquer coisa. É muito justo.

— Quero ler as cartas. De Béatrice para Olivier.

Hesitei apenas por um instante.

— Claro. Vou lhe fazer uma cópia das traduções que tenho até agora, e do restante, à medida que eu receber.

— Obrigada.

— Como você anda?

— Estou ótima — disse ela. — Trabalhando, quer dizer, pintando, uma vez que meu semestre já terminou.

— Gostaria de ir pintar na Virgínia esse fim de semana? Só por uma tarde? Deve estar um tempo primaveril, e eu estava pensando em ir. Posso lhe levar as cartas.

Ela ficou um instante calada.

— Sim, acho que eu gostaria do programa.

— Eu quis lhe ligar antes. Você se afastou.

— Sim, eu sei. Sinto muito — ela parecia sentir, sim, de verdade.

— Tudo bem. Posso imaginar como foi difícil para você este último ano.

— Você quer dizer que pode imaginar como profissional?

Suspirei sem querer.

— Não, como seu amigo.

— Obrigada — disse ela, e julguei ouvir lágrimas lhe embargando a voz. — Um amigo viria a calhar para mim.

— Para mim também, na verdade.

Aquilo era mais do que eu teria dito a qualquer pessoa seis meses antes, e eu sabia.

— Sábado ou domingo?

— Digamos sábado, mas vamos ver o tempo.

— Andrew? — A voz dela estava delicada, e quase sorridente.

— O quê?

— Nada. Obrigada.

— Eu que agradeço — objetei. — Que bom você querer ir.

No sábado, ela usava uma jaqueta vermelha grossa, o cabelo torcido para cima e preso com dois palitos, e pintamos juntos quase o dia inteiro. Mais tarde, ao sol inusitadamente quente para a época, fizemos um piquenique e conversamos. Seu rosto estava corado, e quando me debrucei sobre a manta para beijá-la, ela envolveu meu pescoço com os braços e me puxou para perto — sem lágrimas desta vez, nós apenas nos beijamos. Jantamos fora da cidade e deixei-a em casa num quarteirão cheio de lixo na Northeast. Ela estava com a cópia das cartas na bolsa. Não me convidou para subir, mas voltou da porta para me dar mais um beijo antes de entrar.

CAPÍTULO 82

1879

*Para: Yves Vignot
Passy, Paris*

Mon cher mari,

Espero que esta o encontre bem e que Papa esteja se recuperando. Obrigada pelo simpático bilhete. Os problemas de Papa me preocupam — eu gostaria de estar aí para cuidar dele. Compressas quentes no peito em geral ajudam, mas acho que Esmé já tentou isso. Por favor, envie a ele meus cumprimentos carinhosos.

Por mim, não posso dizer que estou achando aqui aborrecido, embora Étretat seja sossegado antes da temporada. Terminei uma tela, se é possível chamá-la de terminada, bem como um pastel e dois esboços. O tio é prestativo, fazendo sugestões sobre cor — claro, nossa técnica é tão diferente que nisso eu sempre tenho de agir por minha conta. Mas respeito profundamente o conhecimento dele. Agora ele está me falando sobre fazer uma tela muito maior, uma com um tema ambicioso, que eu poderia apresentar ao júri do Salon ano que vem, embora sob o pseudônimo de Marie Rivière. Mas não sei se quero um compromisso tão grande.

Tendo dormido bem as últimas duas noites, estou bastante descansada.

Ela pousa a pena e olha em volta do quarto revestido de papel de parede. Na primeira noite, dormiu de pura exaustão, e passou metade da terceira acordada, pensando nos lábios firmes e secos

de Olivier aproximando-se de seu braço — na forma sensível da boca do homem mais velho e no trecho claro de sua própria pele.

Ela sabe o que é certo: deveria dizer a Olivier que não se sente bem ali — nervos, pode dizer, a eterna desculpa — e que devem voltar para casa imediatamente. Mas esta é, para começar, a razão pela qual Yves a mandou para cá. Mesmo que ela pudesse apelar para essa atitude, Olivier veria o que havia por trás. Ela está desabrochando ao vento fresco do Canal, com as extensões de céu e mar a percorrendo, um alívio da Paris abafada. Ela adora trabalhar na praia, embrulhada em sua capa. Adora a companhia dele, a conversa, as horas que passam lendo juntos, à noite. Depois dele, o seu mundo ficara mais amplo do que ela imaginara possível.

Em vez disso, ela seca a última palavra da carta e contempla a alça do “d” em “dormi”. Se ela afirmar que precisa voltar, Olivier saberá que é mentira; pensará que ela está fugindo. Ficarão magoados. Ela não pode fazer isso; deve-lhe confiança em troca da vulnerabilidade dele, do gesto de segurar a mão dela quando, quem sabe, esta seja a última vez que ele toque em qualquer mulher. Especialmente quando ela poderia agredi-lo do alto de sua juventude.

Vai à janela e abre-a. Observando a rua de cima, tem uma vista oblíqua da extensão bege-cinza da praia e da água mais cinza. Uma brisa agita as cortinas, revolve as saias de seu vestido que ela usou pela manhã e que está dobrado em cima de uma cadeira. Ela tenta não pensar em Yves, mas quando fecha os olhos, vê uma caricatura irritante, como um cartum político em um dos jornais que ele lê. Yves de chapéu e casaco, a cabeça enorme, desproporcional, com uma bengala debaixo do braço, calçando as luvas antes de lhe dar um beijo de despedida. É mais fácil imaginar Olivier: ele está parado com ela na praia, alto e empertigado, sutil, com seu cabelo prateado, seu rosto rosado e enrugado, seus olhos azuis lacrimejantes, seu terno bem-cortado e bastante gasto, suas mãos de artesão e seus dedos de pontas quadradas e ligeiramente inchados em volta do pincel. A imagem a entristece de uma forma que ela não sente quando está pessoalmente com ele.

Mas ela não consegue nem mesmo sustentar por muito tempo sequer esta visão, que é substituída pela própria rua, pelas fachadas de tijolos numa elaborada carreira de lojas novas que tapam metade da vista que ela tem da praia. O que persiste ali para ela é uma pergunta. Quantas noites ela pode passar assim em suspenso? À tarde, eles irão a algum ponto da praia luminosa para pintar, voltarão para os respectivos quartos para se vestir para o jantar, tornarão a compartilhar sua refeição em público, sentarão no salão atravancado de móveis do hotel e conversarão sobre suas leituras. Ela sentirá que já está nos braços dele, em espírito; isso não deveria bastar? E depois, ela se retirará para seu quarto e começará sua vigília de todas as noites.

A outra pergunta que se faz, cotovelos apoiados no parapeito da janela, é ainda mais difícil. Será que o deseja? Nada na praia, nos barcos emborcados, sugere uma resposta. Ela fecha a janela, os lábios contraídos. A vida decidirá, e talvez já tenha decidido — uma resposta fraca, mas não há outra, e já está na hora de os dois irem pintar.

CAPÍTULO 83

MARLOW

Uma noite, cheguei em casa e encontrei uma carta — muito receptiva, para minha surpresa — de Pedro Caillet. Depois de lê-la, surpreendi-me outra vez indo ao telefone e ligando para um agente de viagem.

Prezado dr. Marlow:

Obrigado por seu bilhete de duas semanas atrás. O senhor provavelmente sabe mais do que eu sobre Béatrice de Clerval, mas seria um prazer ajudá-lo. Por favor, venha conversar comigo entre 16 e 23 de março, se possível. Depois, vou para Roma e não poderei recebê-lo. Em resposta à sua outra pergunta, não ouvi falar de um pintor americano pesquisando a obra de Clerval; tal pessoa nunca me procurou.

*Com os melhores votos,
P. Caillet*

Então liguei para Mary.

— Que tal Acapulco, daqui a duas semanas?

Sua voz estava rouca, como se ela estivesse dormindo, apesar de estarmos no fim da tarde.

— O quê? Você parece... sei lá. Uma propaganda?

— Você está dormindo? Sabe que horas são?

— Não me perturba, Andrew. É meu dia de folga e fiquei pintando até tarde.

— Até que horas?

— Até quatro e meia.

— Ah, vocês, genuínos artistas. Hoje eu estava em Goldengrove às sete da manhã. Agora, gostaria de ir para Acapulco?

— Está falando sério?

— Estou. Não para férias. Tenho uma pesquisa para fazer lá.

— Sua pesquisa tem a ver com Robert, por acaso?

— Não. Tem a ver com Béatrice de Clerval.

Ela riu. Fiquei animado, ouvindo-a rir logo depois de eu ter pronunciado o nome de Robert. Talvez, ela o estivesse esquecendo realmente.

— Sonhei com você ontem à noite.

— Comigo? — Meu coração palpitou, ridiculamente.

— Sim. Um sonho muito bonitinho. Sonhei que soube que você era o inventor da lavanda.

— O quê? A cor ou a planta?

— O perfume, acho eu. É o meu preferido.

— Obrigado. O que você fez, no sonho, quando descobriu isso?

— Deixa para lá.

— Vai me fazer implorar?

— Está bem, não. Eu lhe dei um beijo, de agradecimento. No rosto. Só isso.

— Então, quer ir para Acapulco?

Ela tornou a rir, aparentemente bem desperta.

— Claro que quero ir para Acapulco. Mas você sabe que não tenho dinheiro para isso.

— Eu tenho — disse eu baixinho. — Ando poupando há anos porque meus pais me disseram para fazer uma poupança. — E depois, pensei, mas não disse nada, não tive ninguém com quem gastar o dinheiro. — Poderíamos marcar a viagem para suas férias de primavera. Não é na mesma semana? Isso não é um sinal?

Houve um silêncio entre nós no telefone, como o instante em que a gente faz uma pausa para escutar os barulhos da floresta. Escutei; ouvi-a respirar, como ouvimos (após o primeiro silêncio, após nos aquietarmos e nos acomodarmos) pássaros no dossel de

ramos ou um esquilo pisando em folhas mortas a dois metros de distância.

— Bem — ela disse devagar.

Julguei detectar na voz dela anos de poupança porque sua mãe também havia mandado que ela poupasse, mas com quase nada para poupar, os anos de pintura durante os quais aproveitou todo tempo ou todo dinheiro de que podia dispor para tirar alguns dias, algumas semanas ou alguns meses, o medo e o orgulho que não a deixavam pedir emprestado, o presente antigo e provavelmente modesto que sua mãe lhe deixou além de sua educação, a dedicação que não deixava Mary parar de lecionar, os alunos que não tinham ideia de como sua conta bancária quase zerava depois que ela pagava o aluguel, a calefação, a alimentação — toda a constelação de desgraças que eu evitara indo estudar medicina. Desde então, eu só fizera dez quadros que me agradavam. Monet pintara sessenta paisagens de Étretat só nos anos 1860, muitas delas obras-primas; eu vira as dezenas de telas empilhadas ao longo das paredes do ateliê de Mary, as centenas de estampas e desenhos em suas prateleiras. Perguntei-me quantas delas ainda lhe agradavam.

— Bem — ela tornou a dizer, mas com mais leveza na voz —, deixe-me pensar no assunto. — Eu podia imaginá-la se mexendo numa cama que eu nunca vira; ela agora estaria se sentando para segurar o fone, talvez usando uma daquelas suas blusas brancas soltas e pondo o cabelo de lado. — Mas tem um outro problema se eu for com você.

— Deixe-me lhe poupar o trabalho de dizer qual é. Você não precisa dormir comigo para aceitar meu convite — disse eu, sentindo imediatamente que falara num tom mais categórico do que pretendia. — Vou encontrar um jeito de ficarmos em quartos separados.

Eu podia ouvir sua respiração presa como se ela estivesse para fazer uma exclamação de surpresa ou dar uma risada.

— Ah, não. O problema é que eu poderia *querer* dormir com você lá, mas não iria querer que você pensasse que isso fosse um

cartão de agradecimento por você estar pagando a minha parte.

— Bem — disse eu. — O que um sujeito pode dizer?

— Nada. — Mary estava quase rindo, eu tinha certeza. — Não diga nada, por favor.

Mas duas semanas depois no aeroporto, após uma rara tempestade de neve em Washington, estávamos calados e retraídos um com o outro. Comecei a me perguntar se essa aventura havia sido uma boa ideia ou se acabaria por se tornar um constrangimento para os dois lados. Tínhamos combinado de nos encontrar no portão de embarque, que agora estava cheio de estudantes, que poderiam ser alunos de Mary, sentados em fileiras, impacientes, já vestidos com roupas de verão, embora os aviões lá fora rodassem entre montes de neve suja. Mary me encontrou com uma sacola de lona pendurada no ombro e o cavalete portátil na mão, e inclinou-se para me dar um beijo no rosto, porém canhestramente. Ela prendera o cabelo num coque, usava um suéter marinho comprido sobre uma saia preta. Contra o pano de fundo de adolescentes agitadas de shorts e camisas coloridas, ela parecia uma irmã leiga de alguma seita deixando o convento para uma viagem de campo. Ocorreu-me que eu nem pensara em trazer meu material de pintura. O que havia de errado comigo? Eu só iria poder ficar olhando enquanto ela pintava.

Conversamos a bordo de uma forma volúvel e sem propósito, como se viajássemos juntos há anos, e então ela adormeceu, primeiro bem reta na poltrona, mas depois tombando aos poucos para o meu lado, a cabeça macia encostando no meu ombro: *fiquei pintando até tarde*. Achei que iríamos conversar muito em nossa primeira viagem de verdade juntos, mas, em vez disso, ela dormia quase encostada em mim, endireitando-se de vez em quando sem acordar, como se temesse essa intimidade progressiva entre nós. Eu sentia meu ombro embaixo de suas cabeçadas. Cuidadosamente, peguei um livro sobre o tratamento do distúrbio de personalidades limítrofes, que eu andava tentando ler havia algum

tempo — minhas leituras profissionais tinham começado a sofrer sob o peso de minha pesquisa sobre Robert e Béatrice — mas eu não conseguia assimilar as palavras de muito mais que uma frase de cada vez; depois disso, elas se desfaziam.

E então chegou aquele momento ruim que sempre se impunha para mim, mais cedo ou mais tarde: imaginei a cabeça dela no ombro de Robert Oliver, no ombro nu — será que ela estava me dizendo a verdade quando afirmara que já não mais amava Robert? Afinal de contas, ele poderia ficar curado sob meus cuidados, ou pelo menos um pouco melhor. Ou seria a verdade mais complicada? E se eu não estivesse mais querendo ajudá-lo, em vista do que poderia acontecer se ele voltasse a ter uma vida funcional? Virei outra página. Na claridade que atravessava as nuvens lá fora, o cabelo de Mary era castanho claro, dourado na superfície sob a fraca luz de leitura do avião, e mais escuro quando ela se afastava da janela; brilhava como madeira entalhada. Levantei um dedo e, infinitamente de leve, afaguei a parte no alto de sua cabeça; ela se mexeu e murmurou algo, ainda dormindo. Seus cílios estavam rosados, e jaziam sobre uma pele clara. Havia um sinalzinho no canto de seu olho esquerdo. Pensei na galáxia de sardas de Kate, no rosto magro de minha mãe e no seu olhar enorme ainda cheio de compaixão antes de ela morrer. Quando tornei a virar uma página, Mary se endireitou na cadeira, embrulhou-se no suéter, e encostou-se na janela, fugindo de mim. Ainda dormindo.

CAPÍTULO 84

1879

Ela vai ao guarda-roupa e escolhe entre dois vestidos de passeio, azul ou um marrom suave, finalmente se decidindo pelo marrom, com meias quentes e sapatos pesados. Prende o cabelo e pega a capa comprida, o chapéu forrado de seda carmim e as luvas velhas. Ele a espera na rua. Ela sorri para ele sem comedimento, feliz com o prazer dele. Talvez nada importe a não ser esta estranha alegria que dão um ao outro. Ele leva os dois cavaletes, e ela insiste em pegar as sacolas. A dele é uma surrada *musette de chasse* de couro que ele tem desde os 28 anos — uma das muitas coisas que ela agora sabe a respeito dele.

Quando chegam à praia, deixam o equipamento empilhado debaixo do quebra-mar e partem para um pequeno passeio sem precisar discutir o assunto. O vento está forte, porém mais quente hoje, cheirando a capim; as papoulas e as margaridas estão floridas em profusão. Ela pega a mão dele sempre que precisa de ajuda num ponto acidentado do caminho. Eles escalam os penhascos a leste até um platô a meio caminho acima do Canal, de onde podem ver a praia até os arcos e pilares mais dramáticos no outro extremo. Ela tem medo de altura e não chega até a beira, mas ele olha para baixo e relata a altura que a arrebentação atinge hoje, dramática, molhando o penhasco abaixo.

Os dois estão completamente sozinhos, e o cenário é tão esplêndido que ela sente que nada mais importa, sem dúvida, nada tão pequeno como eles dois; nem seu desejo de filhos, aquele ponto dolorido em seu coração, tem importância por alguns momentos. Ela não consegue se lembrar do caráter nem do sentido da culpa. A proximidade dele é o conforto dela, a pequena nota humana numa

paisagem sublime. Quando ele se volta para ela, ela se encosta nele. Ele aconchega os ombros dela contra o peito de seu paletó de pintar, abraçando-a como se para tirá-la da beira do penhasco. Ela sente uma onda de alívio, depois de prazer, depois de desejo. O vento os puxa com força. Ele beija o lado do pescoço dela embaixo do chapéu, a extremidade de seu cabelo preso para cima; talvez, por não poder vê-lo, ela se esqueça de contar os anos entre eles.

É assim que poderia ser com as luzes apagadas, os dois juntos sem nenhuma barreira, a escuridão ocultando suas diferenças. A ideia faz um veio de calor percorrê-la em direção à rocha onde eles pisam. Ele deve sentir isso; estreita-a contra si. Ela conhece a curva pesada de suas saias, a massa de anáguas, sente o que ele deve sentir, e dentro daquilo, o estranho pertencimento de um ao outro, mar e horizonte, aquele abraço recíproco no meio da imensidão. Eles ficam assim por tanto tempo que ela se esquece de tudo. Quando o vento começa a enregelá-los, eles voltam para a praia sem falar e montam seus cavaletes.

CAPÍTULO 85

MARLOW

As ruas de Acapulco me pareceram de sonho; eu só achava incrível que nos meus 52 anos eu nunca tenha cruzado a fronteira para sul. A longa rodovia dividida para a cidade era familiar como um filme, com sua mistura de concreto e aço em construção, casas de dois andares em mau estado decoradas com buganvílias e peças de carro enferrujadas, pequenos restaurantes coloridos e tamareiras enormes, também com aspecto enferrujado, acenando ao vento. O motorista de táxi falava um inglês hesitante conosco, mostrando a cidade velha, aonde iríamos no dia seguinte para meu encontro com Caillet.

Eu reservara um quarto para nós num *resort* que, segundo me dissera John Garcia, era o melhor lugar do mundo para uma lua de mel — ele passara a dele lá. Dissera isso sem maldade, sem brincadeira, sem curiosidade na voz quando lhe telefonei para lhe pedir conselho e lhe dizer que tinha me apaixonado. Não lhe contei quem ela era, claro; isso teria de vir depois, com explicações. — É uma boa notícia, Andrew — foi tudo o que ele disse; por trás disso, ouvi prováveis conversas passadas com a mulher dele: *Marlow não é mais jovem; será que algum dia vai encontrar alguém, coitado?* E por trás disso, aquela autocongratulação dos casados há muito tempo, dos que permanecem casados. Mas ele não disse mais nada, a não ser me dar o nome do hotel, La Reina. Agradei-lhe em silêncio enquanto observava Mary entrar no lobby, cujas laterais eram abertas de todos os lados e davam vista para grupos de palmeiras, o oceano ao longe, um vento morno atravessando tudo aquilo. O vento tinha um cheiro suave e tropical que eu não podia identificar, um cheiro de fruta madura de um tipo que eu nunca

comera antes. Ela havia tirado aquele suéter comprido de freira e estava ali com uma blusa fina, a brisa batendo na saia, a cabeça inclinada para trás para ver o telhado do enorme pátio, as fileiras piramidais de balcões cobertos de trepadeiras.

— Parece os Jardins Suspensos da Babilônia — disse ela, olhando de soslaio.

Eu queria chegar por trás dela e pôr os braços confortavelmente em volta de sua cintura e estreitá-la contra mim, mas senti que ela não gostaria desta intimidade num lugar novo, um lugar estranho, onde estávamos sozinhos entre estranhos. Em vez disso, ergui os olhos com ela para a claraboia. Então fomos para o comprido balcão de mármore negro e pegamos as chaves do quarto — com um instante de hesitação, durante o qual ela pareceu compreender, depois aceitar, eu ter me fiado na palavra dela. Subimos calados no elevador. Era de vidro, e o pátio fugiu sob os nossos pés até estarmos perto do topo. Pensei, não pela última vez, quão inadequado era escolher esse tipo de hotel num país tão desesperadamente pobre, que milhões de pessoas nativas dali estavam batendo às portas da nossa nação na esperança de encontrar um salário para viver. Mas a escolha não fora por mim, eu disse a mim mesmo; fora por Mary, que regulava a temperatura do seu apartamento em treze graus à noite para diminuir a conta da calefação.

Nosso quarto era grande e simples, repleto de elementos de design elegantes: Mary deu uma volta enquanto tocava a luminária de mármore translúcido quadrado, as paredes de estuque macio. A cama — desviei os olhos — era larga e estava coberta com uma colcha de linho bege. Nossa única janela era grande e dava para outros balcões, com trepadeiras e cadeiras de madeira pretas semelhantes às nossas, abrindo-se para o estonteante poço do pátio central. Perguntei-me se eu deveria ter reservado um quarto com vista para o mar, apesar da despesa extra — será que foi mesquinha para minha, dado tudo o que eu já gastara? Mary virou-se para mim, sorrindo, retraída, embaraçada; achei que ela não queria

parecer me agradecer por todo esse luxo, e no entanto queria me dizer alguma coisa.

— Gostou? — perguntei, para evitar que ela se constrangesse.

Ela riu.

— Gostei. Você é impossível, mas gostei mesmo. Sinto que vou descansar muito aqui.

— Vou garantir que isso aconteça.

Envolvi-a nos braços e beijei sua testa, e ela me beijou na boca, depois se afastou e foi se ocupar da bagagem. Não nos tocamos mais até sairmos juntos para a praia, onde ela pegou a minha mão, segurando os sapatos na outra, e caminhamos na beira-mar. A água era espantosamente quente, como o chá que sobrou num bule. A praia era orlada de enormes palmeiras e cheia de barraquinhas com teto de palha e de gente falando inglês e espanhol, ouvindo rádio e correndo atrás de seus filhos bronzeados. O sol batia em tudo, uma alegria insaciável. Eu não entrava no mar havia vários anos — seis ou sete, na verdade, pensei chocado — e não via o Pacífico desde os meus 22 anos. Mary subiu um pouco a saia, de modo que suas canelas compridas e finas brilharam nuas na água, e arregaçou as mangas da blusa. Senti-a ao meu lado, tremendo ao vento, ou talvez simplesmente vibrando com ele.

— Quer vir comigo amanhã? — perguntei alto para me fazer ouvir apesar do barulho das ondas.

— Para ver, como é o nome dele? Caillet? — Ela entrou numa piscina formada pela maré. — Quer que eu vá?

— A menos que você queira ficar pintando.

— Posso pintar o resto do tempo — disse ela sensatamente.

Quando voltamos para os jardins do hotel, vi que a entrada da praia era patrulhada por um guarda com um M16 pendurado no braço.

Almoçamos na varanda do lado de fora do saguão. Mary levantou-se uma ou duas vezes para ver o espelho-d'água e a cascata

artificiais lá fora, onde caminhava um casal de flamingos vivos — seriam propriedade do hotel? Seriam selvagens? Bebemos tequila em pequenos copos de vidro grosso, erguendo-os num brinde, mas sem dizer nada, brindando somente à nossa presença ali. Comemos ceviche, guacamole, tortillas, o sabor de limão e coentro persistindo na boca qual uma promessa. Aquela sensação se insinuando em mim trazida pelo vento cálido, pelo farfalhar das palmeiras, pela brisa do Pacífico não me era completamente estranha; era uma convicção infantil sobre selva e oceano, *Ilha do Tesouro* e *Peter Pan* — sim, era aquilo que esses *resorts* deviam evocar — uma versão mágica e segura dos trópicos. E o lugar evocou em mim algo mais também, uma sensação da longa viagem de um livro, meu preferido, *Lord Jim*, por exemplo, e o sopro do Extremo Oriente para o nosso extremo ocidente. *Mistah Kurtz — he dead*. Mas não seria aquilo um outro romance de Conrad? *Coração das trevas*. Citação de T. S. Eliot. Gauguin saindo de uma cabana após o sexo para voltar aos seus quadros. A estação do ano incerta porque ninguém precisava andar muito vestido. O calor.

— Precisamos partir para a casa de Caillet por volta das nove — disse eu para me distrair da primeira onda amenizadora de tequila em minha cabeça e do entusiasmo no rosto de Mary quando ela ajeitou uma mecha de cabelo para trás da orelha.

— Ele me pediu para ir de manhã, antes que esquentasse. Ele mora na parte velha da cidade, na baía. Só ver a casa dele, seja ela como for, já deve ser uma aventura.

— Ele pinta?

— Pinta. É crítico de arte e colecionador, mas acho que deve ser, acima de tudo, pintor, pela entrevista que li.

Quando voltamos para o quarto, senti o alívio do lugar novo e o cansaço da nossa viagem feita de manhã bem cedo tomarem conta de mim. Pode-se dizer que esperei que Mary se atirasse na cama ao meu lado e que dormíssemos juntos, vencendo gradualmente o constrangimento entre nós, mas ela pegou o cavalete e a mala.

— Não vá longe — disse eu sem querer, lembrando-me do guarda no portão.

Então, arrependi-me de ter falado; achei não que ela era jovem e não me entenderia, mas sim que eu era velho e poderia parecer estar orientando-a ou repreendendo-a.

Mas ela não se irritou.

— Eu sei. Vou montar o cavalete no jardim perto do lobby. À direita de quem olha para a praia, se precisar me achar.

A gentileza dela me surpreendeu, e nem consegui tirar a camisa antes de deitar na cama — ela se debruçou e me beijou do mesmo jeito que tínhamos nos beijado naquela tarde na manta de piquenique, com todo o desejo acumulado e interditado anteriormente. Minha resposta foi profunda, mas fiquei imóvel, valendo-me de toda minha força de vontade para deixá-la sair do quarto, uma vez que ela queria sair. Ela virou-se na porta e tornou a sorrir — relaxada, afetuosa, como se estivesse se sentindo segura comigo.

Então, ela já não estava mais lá. O sono para o qual fui arrastado era um emaranhado de árvores e claridade, uma arrebatção pulsante em algum canto para além das minhas pálpebras. A luz já ia caindo quando meu despertador tocou; pensei por um momento que eu havia faltado a um compromisso, provavelmente com Robert Oliver, e sentei-me na cama em pânico. Senti um aperto no peito, mas não — Robert estava vivo e pelo menos parcialmente bem, até onde eu sabia, e Goldengrove tinha o telefone do hotel. Fui até a janela e abri as cortinas pesadas, depois as leves, e vi gente caminhando lá embaixo no lobby, onde algumas lâmpadas haviam sido acesas.

Outro pânico: onde estava Mary? Eu só dormira duas horas, mas me parecia tempo demais para tê-la deixado sozinha em qualquer lugar; achei meus sapatos de praia e calcei-os. Nos jardins, as palmeiras estavam ruidosamente virando pelo avesso, as folhas agitadas, o vento soprando com força vindo do mar, forte demais agora para não ser um pouco ameaçador, ondas quebrando violentamente à vista do hotel. Mary estava exatamente onde

prometera estar, retocando a tela, recuando para vê-la, suspendendo o pincel por um momento. Ela estava parada com o peso do corpo apoiado só numa perna, depois trocou de perna com facilidade, mas eu via nela aquele tipo de pressa que a gente sente quando está perdendo a luz no fim de uma sessão de paisagem — a corrida, a forma como a sombra baixa cada vez mais depressa na nossa direção, o desejo de fazer voltar o dia ou apagar aquela sombra progressiva da nossa tela.

Pouco depois, ela me viu e se virou.

— Não tem mais luz.

Fiquei parado atrás dela.

— Está maravilhoso.

Eu era sincero. Sua paisagem de cores suaves e ásperas — o azul do mar com o pálido brilho da noite já em sua superfície — estava realmente bem-executada, mas eu também via algo pungente nela. Não sei o que às vezes confere *páthos* a uma paisagem, mas é diante dessas telas que a gente fica mais tempo, qualquer que seja a habilidade técnica que revelem. Ela captara a última vibração de um dia perfeito, perfeito porque estava terminando. Eu não sabia como lhe dizer isso tudo, nem se ela haveria de querer mais palavras, então fiquei calado e observei o ângulo do rosto dela enquanto ela estudava sua obra.

— Não está muito ruim — disse ela finalmente, e começou a limpar a paleta com a espátula, raspando os resíduos para dentro de uma caixinha. Segurei a tela úmida enquanto ela fechava o cavalete e guardava tudo.

— Está com fome? Precisamos dormir cedo, já que temos um grande dia amanhã.

Senti imediatamente o quanto fui inábil; poderia parecer que eu a estava apressando para ir se deitar, e ao mesmo tempo tratando-a como se ela fosse criança.

Para minha surpresa, ela rodopiou na penumbra, pegou-me e me beijou com força, evitando a tela e rindo.

— Quer parar de se preocupar? Pare de se *preocupar*.

Ri também — aliviado, um pouco envergonhado.

— Vou me esforçar ao máximo.

CAPÍTULO 86

1879

No salão, naquela noite, ela se senta perto dele e não do outro lado da sala. Suas mãos não conseguem se concentrar no bordado; ela deixa o trabalho no colo e observa Olivier. Ele está lendo, a cabeça bem-penteada inclinada sobre o livro. O divã que escolheu é muito curto para suas pernas compridas. Ele se vestiu para jantar, mas ela ainda vê seu terno puído coberto com a bata grosseira. Ele ergue os olhos e se oferece para ler em voz alta com um sorriso. Ela aceita. Trata-se de *O vermelho e o negro*; ela já leu duas vezes, uma para ela e uma para Papa, e ficou comovida, e muitas vezes irritada, com o pobre Julien. Agora, não dá para ela ouvir.

Em vez disso, ela observa os lábios dele, sentindo a própria lentidão, sendo infelizmente incapaz de acompanhar as palavras. Após alguns minutos, ele pausa o volume.

— Você não está prestando atenção nenhuma, minha cara.

— Não, acho que não.

— Tenho certeza de que a culpa não é de Stendhal, então só pode ser minha. Fiz alguma coisa errada? Bem, fiz, eu sei.

— Que bobagem — essa é a reação mais explosiva que ela saberia ter naquela sala elegante, com os outros hóspedes por perto. — Pare com isso.

Ele olha para ela com os olhos apertados.

— Então vou parar.

— Por favor, me desculpe — ela baixa a voz, puxa a renda na frente da saia. — É só que você não sabe o efeito que tem sobre mim.

— O efeito de irritá-la, talvez? — mas a confiança no sorriso dele a instiga. Ele sabe muito bem que prendeu a atenção dela. —

Pronto, deixe-me ler outra coisa para você. Ele pesca um exemplar dentre os volumes velhos na estante da proprietária. — Algo alegre. *Les Mythes Grecs*.

Ela se acomoda melhor, contando cada ponto do bordado, mas a primeira escolha dele é maliciosa.

— “*Leda e o Cisne*. Leda era uma donzela de rara beleza e atraiu de longe a admiração do poderoso Zeus. Ele se aproximou dela na forma de um cisne...”

Olivier olha para ela por cima do livro.

— Pobre Zeus. Não conseguiu evitar.

— Pobre Leda — corrige ela recatadamente; a paz foi restabelecida. Ela corta a linha com a tesoura em forma de cegonha. — Não foi culpa dela.

— Acha que Zeus gostava de ser cisne, à parte sua corte a Leda? — Olivier apoiou o livro aberto no joelho. — Não importa. Ele provavelmente gostava de tudo que fazia, salvo talvez disciplinar os outros deuses quando necessário.

— Ah, não sei — propõe ela, pelo prazer da discussão; por que será que com ele isso é sempre um prazer tão grande? — Talvez desejasse poder visitar a encantadora Leda na forma de um ser humano, ou mesmo poder simplesmente ser um ser humano por algumas horas, para ter uma vida normal.

— Não, não — Olivier pega o livro e o pousa mais uma vez. — Acho que devo discordar. Pense na alegria dele de ser um cisne, voando sobre a paisagem, descobrindo-a.

— É, acho que sim.

— Isso daria um quadro maravilhoso, não? Exatamente o tipo de coisa que o Salon receberia bem — ele se cala por um instante. — O tema foi bastante explorado antes, claro. Mas e se fosse tratado de uma maneira nova, num estilo novo: um tema antigo, mas pintado de acordo com a nossa época, com mais naturalidade?

— É mesmo. Por que não tenta?

Ela pousa a tesoura e olha para ele. O entusiasmo, a presença de Olivier inundam-na de amor; esse amor se acumula em sua

garganta, atrás de seus olhos, derrama-se sobre ela quando ela ajeita o bordado no colo.

— Não — diz ele. — Isso só poderia ser feito por um pintor mais ousado que eu, alguém com um grande dom para cisnes mas também com um pincel destemido. Você, por exemplo.

Ela torna a pegar a costura, a agulha, a seda.

— Bobagem. Como eu poderia pintar uma coisa dessas?

— Com a minha ajuda — diz ele.

— Ah, não. — Ela quase o chama de querido, engole as palavras. — Eu nunca fiz uma tela dessas, tão complicada, e poderia exigir um modelo para a Leda, e um cenário.

— Você poderia pintar o quadro quase todo ao ar livre. — Os olhos dele estão fixados nela. — Por que não no seu jardim? Isso o tornaria uma novidade. Poderia desenhar um cisne do Bois de Boulogne, que você já desenhou, e muito bem. E poderia usar a sua criada como modelo, como já usou.

— Isso é tão... não sei. É um tema forte para mim, para uma mulher. Como Marie Rivière algum dia poderia apresentá-lo?

— Seria a luta dela, não a sua. — Ele está falando sério, mas sorri, de leve, os olhos brilhando mais que antes. — Você teria medo, se eu estivesse lá para ajudar? Não poderia se arriscar? Ser corajosa? Não há coisas maiores do que a censura pública, coisas que devemos tentar fazer e valorizar?

Chegou a hora; o desafio dele, o pânico, o desejo dela, tudo isso se levanta dentro do peito de Béatrice.

— Se você estivesse lá para me ajudar?

— Sim. Você teria medo?

Ela se obriga a olhar para ele. Está se afogando. Ele adivinhará que ela o quer, ela o quer, sim, mesmo que tente evitar pronunciar as palavras.

— Não — diz ela lentamente. — Se você estivesse lá para me ajudar, eu não teria. Acho que eu não poderia realmente ter medo de nada. Se você estivesse lá comigo.

Ele sustenta o olhar dela, e ela fica muito feliz por ele não estar sorrindo; não há expressão triunfante, nada que ela possa atribuir à vaidade. Na verdade, ele parece estar quase chorando.

— Então vou ajudá-la — diz, tão baixinho que ela mal ouve.

Ela não diz nada, também quase chorando.

Ele a contempla por um bom tempo, depois pega o livro.

— Quer ouvir a história de Leda?

CAPÍTULO 87

MARLOW

Jantamos numa mesa perto do bar do lobby, na extremidade ao ar livre do prédio, onde ouvíamos as ondas batendo quase sem as ver e víamos as folhas dos coqueiros tremulando. A brisa da tarde sem dúvida se transformara em vento, e o farfalhar das folhas agitadas era um ruído tão persistente quanto o do mar, e tornei a pensar em *Lord Jim*. Perguntei a Mary o que ela estava lendo, e ela descreveu um romance contemporâneo do qual eu não ouvira falar, uma tradução de uma jovem autora vietnamita. Minha atenção vagava de suas palavras para seus olhos, estranhamente entreabertos à luz bruxuleante de nossa vela, e para as estreitas maçãs de seu rosto. Os garçons no bar subiam num banco para acender tochas num par de piras de pedra que ficavam bem acima dos copos e garrafas, de modo que o bar parecia um altar de sacrifícios — um efeito dramático, maia ou asteca, de algum designer.

Vi que a atenção de Mary também desviava, embora ela não tivesse parado de me contar sobre os refugiados do romance, e reparei que só havia mais um casal jantando ali perto, e três crianças brincando com uma arara presa num poleiro a alguns metros de nós. Turistas entravam no vento e saíam: um homem numa cadeira de rodas empurrada por uma mulher mais jovem abaixando-se para lhe dizer alguma coisa, uma família com gel nos cabelos passeando, olhando para o espelho-d'água turquesa e para a ave irritável.

Observando tudo isso, eu me sentia dividido. Em parte fascinado pela presença de Mary — os pelos claros de seus braços e a penugem ainda mais fina, quase invisível, em seu rosto à luz da vela — e em parte mesmerizado pela novidade do local, seus cheiros e

seus espaços cheios de eco, as pessoas passando... a caminho de que prazeres? Eu raramente estivera num lugar construído inteiramente para o prazer; meus pais não acreditavam muito nessas experiências, nem em gastar dinheiro nelas, e minha vida adulta girava quase exclusivamente em torno do trabalho, com uma ou outra viagem ou excursão pictórica edificante. Esse hotel era diferente, primeiro por causa da suavidade do vento, do luxo de todos os revestimentos, dos cheiros de sal e palmeiras, mas também da ausência de arquitetura antiga ou de um parque nacional, algo para estudar ou explorar, uma justificativa; era tão somente um lugar para relaxar.

— Tudo isso é para reverenciar o oceano, não? — disse Mary, e me dei conta de que ela interrompera a descrição do livro para concluir meu próprio raciocínio.

Eu não conseguia falar; minha garganta fechou. Era mera coincidência, nossos pensamentos convergentes, mas me deu vontade de pular por cima da mesa e beijá-la, uma vontade quase de chorar — e por quê? Pelas pessoas que eu sabia que não estavam mais vivas e perdiam isso, talvez, ou por todo mundo que não era eu naquele momento, não era a minha tão afortunada pessoa, com tudo o que eu parecia precisar esperar com impaciência que acontecesse.

Balancei a cabeça, querendo demonstrar uma concordância judiciosa, e comemos em silêncio. Por alguns minutos, os sabores de goiaba com molho picante e do peixe delicado tomaram minha atenção, mas eu continuava observando-a ou deixando-a me observar. Eu me via, como se houvesse um espelho do outro lado do bar, já um pouco depois dos meus melhores anos — os ombros largos, mas ligeiramente encurvados, o cabelo ainda farto, mas começando a ficar grisalho, os vincos que me saíam do nariz e iam até os cantos da boca realçados pela iluminação suave, minha barriga (embaixo do guardanapo de linho) tão enxuta quanto eu era capaz de mantê-la. Eu convivera amigavelmente com esse corpo sem exigir muito dele por um bom tempo, só pedindo que me levasse de casa para o trabalho e vice-versa, que fizesse um pouco

de exercício várias vezes por semana. Eu vestia-o, lavava-o, alimentava-o, fazia-o tomar vitaminas. Em uma hora ou duas, eu o colocaria nas mãos de Mary se ela ainda quisesse que eu fizesse isso.

Um arrepio me percorreu quando tive esse pensamento, primeiro de prazer: os dedos dela no meu pescoço, entre minhas pernas, minhas mãos nos seios dela, que eu só conhecia da silhueta dentro da blusa. Depois um arrepio de vergonha: meus anos expostos sob uma luz de cabeceira, minha longa ausência do amor, meu possível fracasso, o desapontamento dela. Eu precisava tirar Kate da cabeça, e tirar Robert, deitado em cima de cada uma delas, Kate e Mary. O que eu estava fazendo ali, com sua segunda mulher? Mas ela era algo diferente para mim agora; ela era ela mesma. Como eu poderia não estar ali com ela?

— Ai, meu Deus — eu disse em voz alta.

Mary me olhou, com o garfo na boca, perplexa, o cabelo deslizando para a frente por cima de um ombro.

— Nada — disse eu.

Ela, calma, sem fazer perguntas, bebeu água. Em silêncio, eu bendisse o fato de ela não ser o tipo de mulher que ficava o tempo todo perguntando: “Em que você está pensando?” Depois me ocorreu que eu era muito bem-pago para fazer exatamente aquela pergunta o dia inteiro para as pessoas — sorri, sem querer. Ela estava me observando, visivelmente intrigada, mas não falou. Ela era, senti com uma onda de afeição, uma pessoa que não queria saber tudo. Levava seu próprio horizonte ao redor de si, sua bela reserva.

Depois do jantar, subimos juntos, sem falar, como se as palavras tivessem sido varridas para longe de nós; não consegui me obrigar a olhar para ela nos segundos que levei para abrir a porta do quarto. Perguntei-me se eu deveria esperar no corredor enquanto ela usava o quarto ou o banheiro, e depois decidi que seria mais canhestro perguntar se ela gostaria que eu ficasse do lado de fora do que entrar com ela. Então entrei atrás dela em nosso espaço compartilhado e me deitei na cama todo vestido com um

Washington Post que sobrara, enquanto ela tomava uma chuveirada no banheiro, de porta fechada. Quando saiu, ela usava um dos roupões fornecidos pelo hotel, branco e espesso, com o leque do cabelo molhado caído nas costas. Vinha com o rosto e o pescoço corados. Ambos ficamos imóveis, nos olhando.

— Também vou tomar uma chuveirada — disse eu, tentando dobrar o jornal e depois tentando deixá-lo normalmente na cama.

— Está bem — concordou ela.

Falou com uma voz tensa e distante. *Ela está arrependida*, pensei. *Está arrependida de ter concordado em vir, de ter se metido nesta situação comigo. Sente-se presa agora.* E de repente me senti desconfortável — que pena; estávamos os dois ali e tínhamos de ir até o fim, tirar o melhor partido daquilo. Levantei-me sem tentar falar com ela de novo e tirei os sapatos e as meias; meus pés pareciam muito magros naquele carpete claro. Tirei meu *nécessaire* da mala enquanto ela foi para o canto do quarto para me deixar passar para o banheiro. Porque fui achar que isso poderia dar certo? Fechei a porta sem fazer barulho. Provavelmente havia mais uma coisa errada no homem no espelho: ele não era Robert Oliver. Bem, Robert Oliver também podia ir para o inferno. Despi-me, obrigando-me a não tirar os olhos do trecho de musgo prateado em meu peito. Pelo menos eu mantivera a forma, a musculatura desenvolvida pela corrida, mas Mary não ia sentir nada disso. Não era necessário, afinal de contas, ir até o fim de coisa nenhuma.

Lavei-me embaixo da ducha forte com a água pelando, ensaboando os genitais, embora ela provavelmente não fosse tocar neles. Barbeei cuidadosamente meu queixo de meia-idade diante do espelho e vesti o segundo roupão do hotel. (“Se adorou nosso roupão, você pode levar um para casa! Peça na loja do hotel no lobby” — depois, um preço assustador em pesos.) Escovei os dentes e penteei o cabelo que secara com a toalha. Também não era possível deixar alguém entrar tão tarde na vida de uma maneira séria; aquilo estava claro. Comecei a me perguntar como nós conseguiríamos dormir sem ter feito amor. Eu ainda poderia pedir um quarto separado para mim — deixaria a cama de casal para ela

e levaria a mala comigo, deixando-a descansar com privacidade e conforto. Torci para que pudéssemos resolver essa divisão de quartos, e o que quer que isso significasse, sem discussão, de forma digna e civilizada. Eu diria a ela na hora certa que eu certamente entenderia se ela escolhesse deixar Acapulco mais cedo. Quando organizei meu raciocínio e cerrei uma das mãos por um ou dois segundos para acalmar a respiração, consegui abrir a porta do banheiro, então eu apenas lamentava deixar meu refúgio cheio de vapor para iniciar uma conversa daquelas.

Para minha surpresa, o quarto estava escuro. Pensei que ela mesma tivesse resolvido a questão mudando de quarto, e aí vi um vulto branco num canto — ela estava sentada na beira da cama, justo onde a luz do banheiro não chegava. Seu cabelo parecia escuro como o quarto e os contornos de seu corpo nu, indistintos. Apaguei a luz do banheiro com dedos gelados e dei dois passos em direção a ela antes de pensar em tirar o roupão. Larguei-o na cadeira da escrivaninha, ou onde achei que a cadeira estivesse, e alcancei-a com uns passos hesitantes. Mesmo assim, eu não estava bem certo se deveria fazer um gesto para tocá-la, mas ela veio ao meu encontro e senti o calor de sua respiração perto da minha boca e o calor de sua pele encostada na minha. Eu andara frio, percebi. Já andava frio havia muitos anos. Suas mãos pousaram como dois pássaros nos meus ombros frios e nus. Então, ela estava preenchendo lentamente todas as outras deficiências — minha boca sem fala, a lacuna no meu peito, minhas mãos vazias.

Comecei a desenhar anatomia humana num curso com George Bo, na Art League School. Fiz esse curso duas vezes e depois fiz um de pintura do corpo humano, porque vi que os retratos que eu tentava pintar não melhorariam nunca se eu não conhecesse os músculos da face, do pescoço, dos braços, das mãos. Nas aulas, desenhávamos músculos, sim, sem parar, mas finalmente os cobríamos com pele — por cima daquelas linhas longas e macias, por cima dos músculos que fazem com que a gente ande e se

abaixe e se estique, desenhávamos pele. Há muita coisa que mesmo uma pessoa observadora não sabe a respeito do corpo, há muita coisa oculta dentro da gente.

Quando comecei a estudar anatomia como artista, anos depois de ter estudado a matéria do ponto de vista médico, eu me perguntava se essa nova perspectiva me faria novamente ver a pele com uma frieza analítica. Não fez, claro. Conhecer os músculos que criam a covinha de cada lado na base da coluna não diminuía o meu desejo de acariciar esta covinha, e o mesmo é verdadeiro no que toca à forma como a própria coluna se distribui primorosamente. Sei desenhar os músculos que dão flexibilidade à cintura, embora não necessite deles na maioria dos meus retratos, porque gosto de mostrar meus personagens do externo para cima, de me concentrar nos ombros e no rosto. E conheço bem esse osso, também, e os músculos que se irradiam dele, e o gancho e a curva suaves da clavícula, e a carne macia no meio. Quando preciso, sei desenhar corretamente a ondulação na coxa sustentando o peso do corpo, a longa área do joelho às nádegas, o bojo firme em direção ao interior da perna. O pintor ou a pintora mostra os músculos através da pele, através das roupas, mas pinta algo mais também, algo indefinível e imutável: o calor do corpo, sua realidade pulsante, a vida. E, por extensão, seus movimentos, seus sons suaves, a maré de sentimentos que sobe e nos inunda quando somos amados o suficiente para nos esquecer de nós mesmos.

Já quase de manhã, Mary deitou a cabeça no meu pescoço e dormiu; e eu, aninhando-a em meus braços antes vazios, dormi instantaneamente também, com o rosto encostado no seu cabelo.

CAPÍTULO 88

1879

Naquela noite, no quarto iluminado pela luz de velas, ela fica olhando fixo até tarde para um livro, sem ver, sem compreender. Quando o relógio lá embaixo bate meia-noite, ela escova o cabelo e pendura as roupas nos ganchos dentro do armário. Veste sua segunda camisola — a melhor, com babadinhos na gola e nos punhos, seus milhões de pregas cobrindo-lhe os seios — e veste o penhoar por cima. Lava o rosto e as mãos na bacia, calça os chinelos silenciosos e bordados a ouro, pega sua chave e sopra a vela. Ajoelha-se ao lado da cama e faz uma prece curta, para lembrar a graça que está vivendo, pedindo perdão de antemão. Perversamente, é Zeus que ela vê quando fecha os olhos.

Sua porta não range. Quando tenta a dele no fim do corredor, encontra-a destrancada, o que lhe dá uma certeza que a deixa com o coração aos pulos; ela entra sem fazer nenhum barulho e tranca a porta. Ele também andou lendo, na cadeira ao lado da janela, com uma vela na mesa. Tem um rosto velho, com um repentino aspecto cadavérico naquela penumbra, e ela luta contra um desejo de voltar para seu quarto. Então os olhos dele encontram os dela, e estão serenos, suaves. Ele está vestido com um roupão escarlate que ela nunca viu. Ele fecha o livro, apaga a vela e se levanta para abrir um pouco as cortinas; ela entende que agora eles podem se ver ao menos de maneira vaga, graças à luz de gás que vem da rua, sem, contudo, serem vistos de fora. Ela não faz qualquer movimento. Ele vai até ela e pousa as mãos delicadamente em seus ombros. Procura seu olhar na penumbra.

— Minha caríssima — sussurra. E logo depois o nome dela.

Beija sua boca, começando num canto. Com o medo e a dúvida dela, abre-se uma perspectiva, uma estrada ensolarada, um lugar por onde ele deve ter caminhado anos antes que ela o conhecesse, possivelmente anos antes que ela tivesse nascido, uma estrada conduzindo para fora sob os plátanos. Ele beija seus lábios, uma pequena parte de cada vez. Ela põe as mãos nos ombros dele em troca, e sente os ossos nodosos embaixo da seda, o mecanismo de um relógio bem-construído, um galho numa árvore majestosa. Ele bebe de sua boca, provando a juventude que há nela, contando ao vazio dentro dela as coisas que o amor lhe ensinou décadas antes disso, jogando uma pedrinha dentro de um poço.

Quando ela está arfando, ele se endireita, desabotoa a camisola dela desde a primeira pérola da gola e desliza a mão amorosa ali dentro, afasta a roupa dos ombros, deixa-a cair no chão. Por um momento, ela teme que isso seja meramente uma aula de anatomia para ele, homem do mundo, velho mestre do pincel, amigo de modelos. Mas então ele toca em sua boca com uma das mãos enquanto a outra desce lentamente, e ela vê o brilho, o rastro das lágrimas no rosto dele. É ele quem está trocando de pele, não ela. É ele que ela consolará em seus braços até quase de manhã.

CAPÍTULO 89

MARLOW

Caillet morava numa casa com vista para a baía de Acapulco, numa rua de casas geminadas bem acima do nível do mar. Era uma rua de um bairro com elegantes casas de adobe reunidas entre espierradeiras e com muros de estuque ornamentados por buganvílias. A campainha foi atendida por um homem de bigode e um paletó branco como o de um garçom. Dentro do portão de Caillet, outro homem, este de camisa e calças marrons, regava cuidadosamente a grama e uma laranjeira. Havia pássaros nos galhos e roseiras subindo nas venezianas da casa. Mary, parada ao meu lado com uma saia longa e uma blusa clara, olhava em volta — para as cores, eu sabia — alerta como um gato, descaradamente de mão dada comigo. Eu ligara para Caillet naquela manhã para ter certeza de que ele me aguardava, e acrescentara que esperava que ele não se importasse se eu levasse minha amiga pintora, ao que ele assentiu num tom sério. A voz dele ao telefone era calma e grave, com um sotaque que eu achava que poderia ser francês.

Então a porta entre as flores se abriu e um homem saiu para nos cumprimentar — o próprio Caillet, pensei imediatamente. Ele não era alto, mas era distinto. Usava um casaco preto com gola Mao por cima de uma camisa azul-marinho, e trazia na mão um charuto aceso, de modo que a fumaça o envolvia no vão da porta. Tinha o cabelo branco e farto, espetado, a pele cor de tijolo, como se o sol mexicano o tivesse deixado misteriosamente doente com o passar dos anos. De perto, tinha um sorriso franco, os olhos escuros descoloridos. Apertamo-nos as mãos.

— Bom dia — disse ele naquele inalterado tom de barítono, e beijou a mão de Mary, mas de uma maneira neutra. Depois nos fez

entrar.

O interior da casa era muito fresco, graças ao ar refrigerado e às paredes grossas. Caillet nos conduziu do hall de pé-direito baixo, passando por portais pintados de cores vivas, para uma sala grande e ampla cheia de colunas. Lá eu me vi olhando espantado para quadros cuja qualidade saltava de todas as paredes. A mobília era moderna e discreta, dispensável, mas aqueles quadros pendurados em fileiras de cinco ou seis, da altura da cintura até o teto eram um caleidoscópio. Abarcavam um amplo leque de estilos e épocas, desde algumas telas com aspecto de pintura holandesa ou flamenga do século XVII até formas abstratas e um retrato perturbador que eu tinha certeza de que era um Alice Neel. Mas o tema dominante era o Impressionismo: campos ensolarados, jardins, choupos, água. Era como se tivéssemos cruzado um limiar que separava o México da França, entrando num ponto de vista diferente. Claro, alguns dos quadros à nossa volta poderiam ser da Inglaterra ou da Califórnia do século XIX, mas, à primeira vista, achei que estivéssemos vendo a herança de Caillet, lugares que ele próprio poderia ter conhecido e por onde poderia ter passeado; talvez por isso colecionasse essas imagens.

Ouvi um movimento de Mary; ela se afastara e estava parada diante de uma tela grande ao lado da porta por onde havíamos entrado. Retratava uma paisagem de inverno, neve, a margem de um rio, arbustos dourados sob um peso suave, a superfície da água congelada numa pátina prateada com trechos cor de oliva de água em estado líquido, as pinceladas e camadas familiares, branco que não era branco, ouro, lavanda, o nome e a data pesados em preto no canto inferior direito. Um Monet.

Olhei para Caillet, que estava parado calmamente ao lado de seu sofá minimalista, a fumaça do charuto vagando (de modo chocante) por todos aqueles tesouros.

— Sim — disse ele, embora eu não tivesse perguntado. — Comprei-o em Paris em 1954. — Sua voz era rica e delicada sob um sotaque áspero. — Foi muito caro, mesmo na época. Mas não me arrependo da compra nem um minuto.

Fez um gesto nos convidando a sentar com ele no sofá de linho cinza-claro. Havia uma mesa de vidro no meio, com uma planta espinhosa em flor e um livro de quadros: *Antoine et Pedro Caillet: Une Rétrospective Double*. A capa lustrosa mostrava dois quadros verticais, profundamente diferentes um do outro na forma e no colorido, mas reproduzidos lado a lado num díptico forçado; reconheci neles os estilos de alguns dos quadros abstratos da sala. Eu estava louco para pegar o livro e folheá-lo, mas não queria parecer atrevido, e agora o homem de paletó branco estava trazendo uma bandeja cheia de copos e jarras — gelo, limões, suco de laranja, uma garrafa de água gasosa, um buque de flores brancas.

O próprio Caillet preparou os refrescos para nós. Ele começara a me parecer quase tão calado quanto Robert Oliver, mas entregou o buquê de flores a Mary.

— Para você pintar, jovem.

Esperei que ela se irritasse, como teria se irritado caso eu lhe tivesse dito uma coisa daquelas. Em vez disso, sorriu e afagou as flores no regaço de sua roupa escura. Caillet bateu a cinza do charuto num cinzeiro de cristal sobre a mesa de vidro. Esperou enquanto seu funcionário fechava as venezianas de um lado da sala, apagando metade dos quadros. Finalmente, virou-se para nós e falou.

— Gostariam de saber sobre Béatrice de Clerval. Sim, eu tive algumas de suas obras da juventude e, como podem ter lido, ela só teve obras da juventude. Supõe-se que ela parou de pintar aos 28 anos. Vocês sabem que Monet pintou até os 86 e Renoir, até os 79. Picasso, claro, trabalhou até morrer, aos 91 — ele indicou um conjunto de quatro touradas atrás dele. — Os artistas continuam trabalhando, em sua maioria. Portanto, veem que Clerval era um caso estranho, mas naquela época as mulheres não eram muito estimuladas. Ela era muito, muito talentosa. Poderia ter sido uma das grandes. Só era um pouco mais moça que o primeiro dos impressionistas — onze anos mais moça que Monet, por exemplo. Pensem nisso — amassou o toco do charuto no cinzeiro de cristal.

Suas unhas pareciam manicuradas; eu nunca vira uma mão tão perfeita num velho, e certamente nunca num pintor. — Ela teria sido uma artista importante, como Morisot e Cassatt, se não tivesse interrompido o próprio caminho.

Ele tornou a se recostar.

— Você disse que teve algumas das obras dela. Já não as tem mais?

Não consegui evitar olhar em volta da sala grande e escura. Mary também olhava.

— Ah, tenho alguma coisa. Vendi quase tudo em 1936 e 1937 para pagar minhas dívidas — Caillet alisou o cabelo no alto da cabeça. Ele não parecia se arrepender dessa decisão de modo algum. — Comprei os quadros dela de Henri Robinson — que ainda vive, por sinal. Em Paris. Não mantivemos contato, mas vi o nome dele num artigo de revista há muito pouco tempo. Ele continua escrevendo sobre literatura, mobiliário e filosofia. Filosofia e bricabraque.

Achei que ele teria bufado se fosse o tipo de homem que bufasse.

— Quem é Henri Robinson? — perguntei.

Caillet me fitou um instante, depois olhou para o cacto de Natal, ou o que quer que fosse aquilo entre nós.

— É um ótimo crítico e colecionador de arte, e foi amante de Aude de Clerval até ela morrer. A filha de Béatrice. Ela deixou para ele o que seguramente foi o melhor quadro de Béatrice. *Os ladrões de cisne*.

Balancei afirmativamente a cabeça, esperando que ele continuasse, embora eu não tivesse visto nenhuma menção a essa obra no material que eu lera até então. Mas Caillet pareceu ter caído de novo naquele silêncio profundo. Pouco depois, procurou no bolso interno do paletó e sacou mais um charuto, este pequeno e fino, parecendo filho do primeiro. Procurou mais um pouco e tirou um isqueiro de prata, e suas mãos velhas e bem-cuidadas cumpriram o ritual completo, acendendo, fechando-se em concha. Deu uma tragada e uma voluta de fumaça se afastou dele.

— Conheceu Aude de Clerval? — perguntei afinal.

Eu começava a me perguntar se conseguiríamos obter mais que informações rudimentares desse homem elegante.

Ele tornou a se recostar, apoiando um braço com a outra mão.

— Sim — respondeu. — Sim, eu a conheci. Ela roubou o meu amante.

Após esta afirmação meditativa, seguiu-se um silêncio muito longo, durante o qual Caillet fumava lentamente e Mary e eu não nos olhamos, de comum acordo. Pensei no que poderia dizer que não estragasse nossa pesquisa e afinal recaí no meu estilo profissional.

— Deve ter sido difícil para você.

Caillet sorriu.

— Ah, na época foi difícil, mas era porque eu era moço e achava que isso tinha importância. De qualquer maneira, eu gostava de Aude de Clerval. Ela era uma mulher maravilhosa, à maneira dela, e acho que fez o meu amigo feliz. E também tornou possível para ele comprar quase metade da minha coleção e, com isso, eu e meu irmão — indicou o catálogo do museu na mesa — pudemos pintar. Assim a vida organiza as coisas. Aude queria ter as obras da mãe dela que eu tinha comprado, especialmente *Os ladrões de cisne*. Essa foi minha apenas por pouco tempo; veio do leilão do espólio de Armand Thomas, o irmão mais moço, em Paris.

Caillet bateu a cigarrilha no cinzeiro.

— Aude achava que esse era o melhor quadro da mãe e também o último, embora eu não tenha certeza. Todo mundo ficou feliz, poderia dizer-se. Mas Aude morreu em 1966, e Henri teve que viver sem ela durante anos. Aparentemente, Henri e eu temos a mesma maldição da vida longa. Ele é ainda mais velho que eu, coitado. E Aude era vinte e dois anos mais velha que ele. O bicha e a velha. Eram um casal interessante. O coração não anda para trás. Só a mente.

Ele pareceu ficar tanto tempo perdido nisso que comecei a me perguntar se ele era usuário de outras substâncias além do tabaco e

da tequila, ou se simplesmente entrava nos silêncios de quem vivia sozinho.

Mary interrompeu o devaneio dele dessa vez, e sua pergunta me surpreendeu.

— Aude falava sobre a mãe?

Caillet olhou para mim, o rosto corado alerta, recordando.

— Sim, às vezes. Vou lhes contar o que eu me lembro, o que não é muito. Eu só a conheci por pouco tempo, porque depois que Henri se apaixonou por ela, deixei Paris e vim para cá, para Acapulco. Cresci aqui, sabem. Meu pai era um engenheiro acima de tudo francês, e minha mãe era mexicana, professora primária. Lembro-me de que Aude disse um dia que sua mãe fora uma grande artista a vida inteira. “Ninguém deixa de ser artista”, disse-nos ela. Ao que argumentei que um pintor que para de pintar não é mais pintor. É o ato de pintar que importa. Sim, estávamos sentados num café na rue Pigalle. Outra vez, ela nos contou que sua mãe fora a melhor amiga que ela tivera na vida, e Henri realmente pareceu magoado. Aude não era pintora, e só colecionava as obras da mãe. Guardou ciosamente *Os ladrões de cisne* depois que o comprou de mim, uma tradição a que Henri deu continuidade, presumo, já que o quadro nunca mais apareceu em lugar nenhum e nunca se escreveu sobre ele, pelo que eu saiba. Acho que Henri queria Aude por ela ser tão completa, tão *parfaite*. Ela não precisava de ninguém. Ele também tinha ascendência inglesa — os avós paternos — sempre se sentindo meio estrangeiro, e Aude era inteiramente francesa. E ele queria talvez lhe mostrar que ela poderia ter um último amigo na vida. Os dois passaram a guerra juntos numa penúria terrível. Ele foi fiel a ela até o fim. Ela morreu lentamente.

Caillet bateu a cigarrilha e apontou-a para o teto com a mão erguida. Era óbvio que ele era capaz de falar longamente uma vez que começava.

— Aude não era exatamente a beldade que a mãe fora, a julgar pelo pequeno retrato de Olivier Vignot. Quer dizer, Béatrice de Clerval era uma beldade. Mas Aude era alta, com um rosto muito interessante, o que chamam na França de “*jolie laide*”, ora feia, ora

fascinante. Eu a pintei uma vez, logo depois que a conheci. Henri guardou esse quadro. Não pinto retratos com frequência, e não confio em autorretratos. — Virou-se para Mary. — Pinta autorretratos, madame?

— Não — respondeu ela.

Caillet olhou para ela mais um pouco, o rosto apoiado na mão, como se ela pudesse ser uma emissária de uma tribo já estudada por ele. Depois tornou a sorrir, com uma cara tão boa que me vi irrelevantemente imaginando que avô meigo que ele poderia ter dado — presumindo, claro, que ele de fato não tivesse nenhum neto.

— Vocês vieram para ver os quadros de Béatrice de Clerval, não um velho mexicano muito tagarela. Deixem-me lhes mostrar esses quadros.

CAPÍTULO 90

MARLOW

Pusemo-nos de pé imediatamente, mas Caillet não nos levou direto à obra de Béatrice. Em vez disso, ofereceu-nos um *tour*, o longo *tour* do colecionador que adora seus quadros e os apresenta como se estes fossem gente. Havia uma pequena tela de Sisley, datada de 1894 — que ele comprara em Arles, disse, por nada, porque fora o primeiro a autenticá-la. Havia duas outras telas de Mary Cassatt, de mulheres lendo, e uma paisagem pastel sobre papel de Berthe Morisot, cinco pinceladas de verde, quatro de azul, um toque de amarelo. Mary gostou mais dessa:

— É tão simples. E perfeita.

E havia uma paisagem impressionista de tamanha beleza que ambos paramos diante dela — um castelo erguendo-se do meio de uma vegetação cerrada, palmeiras, luz dourada.

— É Maiorca — apontou Caillet abruptamente. — Minha avó materna morava ali, e eu a visitava sempre quando era pequeno. O nome dela era Elaine Gurevich. Ela não morava no castelo, claro, mas íamos passear lá. O quadro é dela. Ela foi minha primeira professora. Adorava música, livros, arte. Eu dormia na cama dela, e, se acordava às quatro da manhã, ela sempre estava lendo, de luz acesa. Foi uma das pessoas que mais amei — ele se afastou. — Quem dera que ela tivesse pintado mais. Eu sempre senti que pintava por ela, um pouco.

Havia obras do século XX também — de Kooning e um pequeno Klee, e abstrações do próprio Pedro Caillet e de seu irmão. A obra de Pedro era surpreendentemente colorida e viva, ao passo que a de Antoine tendia para linhas prateadas e brancas.

— Meu irmão já morreu — disse Caillet friamente. — Morreu na cidade do México há seis anos. Era meu melhor amigo. Trabalhamos juntos durante trinta anos. Tenho mais orgulho da obra de Antoine que da minha. Ele era uma pessoa profunda, reflexiva, maravilhosa. O trabalho dele me inspirava. Estou indo para Roma para uma exposição da obra dele. Será minha última viagem — alisou o cabelo. — Quando Antoine morreu, decidi parar de pintar. Foi mais saudável assim, em vez de continuar indefinidamente. Às vezes é melhor para um artista não durar muito. Isso significa que já não sou mais pintor. Enterrei meu último quadro com ele. Sabem que Renoir precisava que lhe amarrassem o pincel na mão no fim? E também Dufy.

Isso explicava suas unhas impecáveis, pensei, as roupas azuis e pretas perfeitas, a ausência de cheiros de ateliê. Eu gostaria de perguntar o que ele fazia com seu tempo agora, mas a casa, tão caprichada quanto o dono, tornava a resposta simples: nada. Ele tinha o ar de alguém que aguarda pensativo um compromisso, do paciente que chega adiantado na sala de espera sem ter trazido um livro ou um jornal, mas não se rebaixa pegando qualquer daquelas revistas de papel brilhoso. Não fazer nada, aparentemente, era um trabalho de tempo integral para Pedro Caillet; ele podia se dar a esse luxo, e seus quadros lhe faziam uma companhia silenciosa. Fiquei impressionado por ele não nos ter feito nenhuma pergunta pessoal, a não ser se Mary pintava autorretratos; ele não parecia querer saber por que estávamos interessados em seus velhos amigos. Libertara-se até mesmo da curiosidade.

Agora, Caillet passava da sala cavernosa para a sala de jantar através de um portal amarelo e vermelho. Ali vimos algo diferente: tesouros da arte folclórica mexicana. Havia uma comprida mesa verde rodeada de cadeiras azuis, com um lustre de estanho perfurado em forma de pássaro pendurado em cima, e um aparador antigo de madeira, tudo aparentemente não aguardando nenhum convidado para comer. Uma parede era decorada com uma tapeçaria bordada, pessoas e bichos magenta e esmeralda e laranja se ocupando dos respectivos assuntos sobre um fundo preto. A

parede em frente exibia (incongruentemente, achei) três quadros impressionistas e um retrato mais realista, a lápis, uma cabeça de mulher, que parecia do século XX. Caillet ergueu a mão como se para saudá-los todos.

— Aude queria especialmente estes três óleos — comentou —, então, declinei de vendê-los para ela. Por outro lado, eu era muito educado e vendi para ela os demais quadros, minha coleção completa — que não era grande, talvez doze peças, uma vez que Béatrice não pintava tanto assim.

Os quadros eram extraordinários, mesmo à primeira vista, prova de um talento impressionista esplêndido e discreto. Um deles representava uma moça de cabelos dourados diante de um espelho. Uma criada, presença de fundo obscura, trazia-lhe suas roupas, ou talvez simplesmente a observava; havia alguma coisa furtiva em torno da figura mais distante no espelho, fantasmagórica. O efeito era encantadoramente sensual, desestabilizador. Eu estava vendo ao vivo meu primeiro Béatrice de Clerval, e, em cada uma das poucas obras dela que vi desde então, havia um mal-estar desse tipo. No canto, havia uma marca forte em preto, que parecia decorativa, como um caractere chinês, até decifrarmos as letras: *BdC*, uma assinatura.

O óleo maior mostrava um homem sentado num banco à sombra de arbustos floridos grosseiramente pintados. Pensei no jardim das cartas de Béatrice e dei um passo atrás para vê-lo em foco, com cuidado para não esbarrar nas cadeiras azuis. O homem usava um chapéu e um paletó aberto com um plastrão no pescoço. Estava lendo um livro. Em primeiro plano, havia flores muito coloridas, vermelhas, amarelas e rosa, resplandecentes contra o verde, enquanto o homem era uma figura indistinta, relaxada e estável, mas muito menos importante para a composição, achei. Será que Béatrice de Clerval achava o marido um personagem tão menos definido que seu jardim, ou simplesmente usara a imprecisão para proteger sua intimidade?

Caillet, do outro lado da mesa, confirmou alguns dos meus palpites.

— Aquele é o marido de Béatrice, Yves Vignot, como confirmou a filha deles, Aude. Talvez saibam que Aude mudou o nome de Aude Vignot para Aude de Clerval após a morte da mãe. Lealdade fanática, acho eu, ou talvez percebesse o sucesso da mãe como artista e quisesse um pouco de sua glória. Ela se orgulhava muito da mãe.

Caillet foi para um extremo da sala de jantar e ficou ali parado, contemplando um pato de cerâmica cravejado de velas por acender, que ficava num armário de estanho perfurado. Mary e eu viramos para estudar o terceiro quadro de Béatrice de Clerval, que mostrava um lago num parque, o espelho-d'água encrespado pelo vento que embaralhava os reflexos de árvores encurvadas no alto. Esta cena engenhosa era alegrada por um jardim de flores numa ponta do lago e pelas formas dos pássaros na água, incluindo um cisne que acabara de abrir as asas para decolar. Era uma obra impressionante; pensei comigo mesmo que, pelo menos aos meus olhos, o tratamento da luz sobre a água aproximava-se do de Monet. Por que alguém com tamanho dom pararia de pintar algum dia? A forma do cisne, criada com pinceladas rápidas, era a essência do voo, do movimento súbito, livre. Mary disse:

— Ela deve ter observado um monte de cisnes.

— É inteiramente vivo — concordei. Virei-me para Caillet, que se apoiara nas costas de uma cadeira e nos observava. — Onde este foi pintado, sabe?

— Quando quis comprá-lo, Aude me disse que era o Bois de Boulogne, perto de sua casa em Passy. Sua mãe o pintou em junho de 1888, justo antes de parar de pintar. Chamou-o de *O último cisne*. É o que está escrito atrás, de todo modo. É muito bom, não? Henri quase seria capaz de matar para recomprá-lo para Aude. Ele me escreveu três cartas a esse respeito quando ela estava morrendo. A terceira foi uma carta irritada, para os padrões de Henri.

Ele fez um gesto com a mão como se tivesse rechaçado aquela emoção para sempre.

— Acho que este foi o último quadro que Béatrice de Clerval pintou, embora eu não tenha como provar. Mas isso explicaria o título (é o último cisne dela) e o fato de eu nunca ter conseguido encontrar nada sobre um quadro com uma data posterior. Henri, claro, acha que o quadro dele é o último, o que se chama *Os ladrões de cisne*. Ele é muito esquisito em relação a isso. É verdade que não havia uma obra posterior na primeira exposição da obra dela, nos anos 1980. Foi no Musée de Maintenon, em Paris. Sabem a respeito desta exposição? Emprestei esta tela para a mostra. No fim, não importa — acrescentou, inclinando-se lentamente à frente com as mãos nas costas da cadeira. — É um quadro extraordinário, um dos melhores da minha coleção. Ficaré aqui até eu morrer.

Ele não acrescentou o que poderia acontecer depois disso, e decidi não perguntar. Em vez disso, apontei para o esboço de retrato.

— Quem é essa?

Não era uma obra muito profissional; uma representação de uma mulher de cabelo curto e ondulado como uma estrela de cinema dos anos 1930, meio desajeitada na execução, mas também expressivo em torno dos olhos, que eram cheios de vida, e da boca fina e sensível. Ela parecia mais olhar do que falar, como se tivesse resolvido não dizer nada, em seguida ou mais tarde, e isso aumentava a intensidade do seu olhar. Ela não era exatamente uma mulher bonita, mas tinha algo de atraente e até mesmo fascinante; recusara-se, corajosamente, a ser bonita.

Caillet inclinou a cabeça para um lado.

— É Aude — disse. — Ela me deu esse retrato enquanto ainda éramos amigos, e guardei-o em homenagem a ela. Achei que ela poderia ter gostado de tê-lo pendurado aqui com os quadros da mãe. Tenho certeza de que ela gosta disso, onde quer que esteja.

— Quem pintou? — O esboço dizia “1936” num canto.

— Henri. Seis anos depois que eles se conheceram. Um ano antes de eu ir embora. Ele tinha 34 anos, eu, 24 e Aude, 56. Então tenho o retrato de Aude feito por ele, e ele tem o feito por mim. Uma

simetria simpática. Como lhe disse, ela não era bonita, embora ele fosse.

Caillet se afastou, como se a conversa tivesse chegado à sua conclusão lógica, e, se ele assim quisesse, chegaria. Rapidamente imaginei-os todos: ele partira para o México justo antes da guerra, então, fugindo não só dos problemas amorosos, mas também do desastre iminente na Europa. Era dez anos mais moço que Henri e, para um artista na faixa dos 20 anos, Aude devia parecer velhíssima aos 56 (apenas quatro anos mais velha que eu era, percebi com aflição). Mas a mulher no desenho não tinha cara de velha, e não se parecia com Béatrice de Clerval, se era possível confiar no retrato de Vignot. Nem um pouco, a menos que se contasse o brilho nos olhos. Onde e como Aude e Henri passaram a guerra? Os dois sobreviveram a ela.

— Então Henri Robinson ainda vive? — não pude deixar de perguntar enquanto acompanhávamos Caillet para seu salão galeria.

— Ele estava vivo ano passado — disse Caillet sem se virar. — Mandou-me um bilhete quando fez 97 anos. Completar 97 anos leva a pessoa a se lembrar de todos os seus amores antigos, acho eu.

Quando chegamos de novo nos sofás, ele não fez aquele gesto delicado para que sentássemos, mas permaneceu em pé no meio da sala. Percebi que deveria ter 88 anos, se eu estivesse calculando direito. Parecia impossível. Ele estava parado na nossa frente, gracioso, empertigado, a pele vermelho-escura macia, o cabelo branco farto e bem-escovado para trás, o terno preto com aquele corte inusitado bem-passado, um homem perfeitamente conservado, como se tivesse tropeçado no dom da vida eterna e estivesse educadamente farto até disso.

— Agora estou cansado — falou, embora parecesse que poderia ter ficado ali em pé o dia inteiro.

— Você foi muito gentil — disse-lhe eu imediatamente. — Por favor, me perdoe eu lhe pedir mais uma coisa. Com a sua permissão, eu gostaria de escrever a Henri Robinson para ter mais informações sobre a obra de Béatrice de Clerval. Tem um endereço que pudesse dividir comigo?

— Claro — disse ele, cruzando os braços, o primeiro sinal de impaciência que eu vira. — Vou procurar a informação para você.

Saiu da sala, e chamou alguém com uma voz grave e controlada. Pouco depois, voltou com um caderno de endereços bastante velho, encadernado em couro, e o homem que nos trouxera a bandeja de bebidas. Houve uma pequena negociação entre eles, e o homem escreveu algo para mim enquanto Caillet observava.

Agradei a ambos. Era um endereço em Paris, com o número de um apartamento. Caillet conferiu a anotação por cima do meu ombro.

— Pode lhe transmitir meus melhores votos. De um velho francês a outro.

Ele sorriu então, como se vendo de muito longe algo familiar, e senti-me culpado por ter pedido um favor tão pessoal.

Ele se virou para Mary.

— Até logo, minha querida. É bom tornar a ver uma mulher bonita. — Ela lhe estendeu a mão, e ele a beijou respeitosamente, sem entusiasmo.

— Até logo, *mon ami*.

Ele apertou a minha mão — um aperto forte e seco, como antes.

— Provavelmente não vamos nos ver de novo, mas desejo-lhe toda a sorte possível com a sua pesquisa.

Ele nos acompanhou em silêncio à entrada e ficou segurando a porta; agora não havia sinal do criado.

— Adeus, adeus — repetiu, mas tão baixinho que mal deu para ouvir.

Virei-me no caminho e acenei uma vez para ele ali, emoldurado por aquelas rosas e buganvílias, incrivelmente ereto, atraente,

embalsamado, sozinho. Mary acenou também, e balançou a cabeça sem falar. Ele não acenou de volta.

Naquela noite, fizemos amor pela segunda vez — nos entregando com mais confiança, amantes antigos da noite para o dia — e encontrei o rosto de Mary molhado de lágrimas.

— O que é, minha querida?

— É só que... hoje.

— Caillet? — arrisquei.

— Henri Robinson — disse ela. — Se importando por tanto tempo com a mulher que ele amou.

E sua mão correu pelo meu ombro abaixo.

CAPÍTULO 91

1879

Ela entra para tomar café um pouco atrasada, mas fresca, lavada, só com os olhos pesados. Seu corpo está inteiramente novo, irreconhecível para ela, o cabelo penteado num estilo simples que ela usa quando Esmé não está por perto. Sua alma briga dentro dela. Talvez essa seja a realidade do pecado, conhecer a forma da alma e senti-la incomodando lá dentro. Mas seu coração, vergonhosamente, está leve, e isso faz com que a manhã pareça bela — o mar lá fora é um espelho gigante; a textura da musselina de suas saias é agradável ao toque de suas mãos. Ela pede notícias de Olivier à gerente da pousada, de modo calculista, tentando olhar bem para ela. A velha senhora diz que *monsieur* saiu cedo para caminhar e deixou um envelope para Béatrice na mesa do hall de entrada. Ela vai procurá-lo, mas o bilhete não está lá; talvez ele mesmo o tenha pegado para entregá-lo pessoalmente a ela. Ela precisa lhe perguntar depois.

A mulher põe café quente e pães diante dela, com uma torta de geleia; essa pessoa lenta e idosa de vestido azul, encurvada nos ombros e na cintura, é da idade de Olivier. Ela sente uma espécie de indignação pela velha senhora, que Olivier poderia adequadamente desposar e fazer feliz. Então, pensa numa pequena passagem da noite, algo, uma carícia específica que deve ter durado dois ou três minutos no máximo, mas que ficou como uma presença em sua pele. Pergunta humildemente se há mais manteiga e ouve o “*oui*” aspirado da mulher e a pressão de uma mão quente e impessoal em seu ombro. Béatrice fica imaginando por que se sente mais culpada em relação a essa estranha, com aquele avental e

aquele ar de contentamento, do que a Yves, o marido que trabalha demais e agora é traído. Mas é verdade. Ela se sente.

E então lá está ele — Yves Vignot. É um dos dois momentos mais estranhos da vida dela. Yves entra na sala de jantar como uma alucinação, descalçando as luvas, o chapéu e a bengala já deixados em algum lugar na entrada — agora ela se lembra de ter ouvido a porta da frente bater. O pequeno hotel está repleto dele, ele está em toda parte, a imagem vaga de um paletó escuro, um sorriso barbado, aquele “*Eh, bien!*”. Ele já contava surpreendê-la, porém ela quase desmaia de surpresa. Por um momento, a agradável sala provinciana, ligeiramente rústica e nova, se funde com suas salas de Passy, como se seu prazer, sua culpa, o tivessem chamado para seu lado, ou a chamado para o lado dele.

— Mas eu assustei mesmo você! — Ele atira as luvas e vem para beijá-la, e ela consegue se levantar a tempo. — Sinto muito minha querida. Eu devia saber que isso não se faz — a cara dele é só arrependimento. — E você ainda está um pouco indisposta. Como pude pensar em surpreendê-la?

O beijo dele em seu rosto é carinhoso, como se soubesse que esse carinho iria refazê-la.

— Que surpresa gostosa — ela consegue dizer. — Como fugiu?

— Eu disse a eles que minha amada mulher estava doente e eu precisava me ocupar dela. Ah, não anunciei nenhuma doença perigosa, mas o supervisor foi bastante solidário, e como as demais pessoas respondem a mim... — ele sorri.

Ela não consegue pensar em nada para dizer que não vá soar hesitante ou mentiroso. Felizmente, ele está contente de vê-la e pela aventura da viagem, de modo que quando tornam a sentar-se diante do café frio dela, ele já concluiu que ela tem um aspecto melhor que o esperado, e que a linha de trem é melhor do que ele se lembrava, e que ele está felicíssimo de se encontrar longe do escritório. Já reservou um quarto para ele. Não vai invadir seu pequeno reino, acrescenta apertando o seu ombro. Ele é tão grande, tão digno e, no entanto, alegre, com a barba espessa e bem-aparada. Ele é, pensa ela, muito jovem.

Na subida, ele lhe passa o braço em volta da cintura. Sentiu falta dela, diz, mais ainda que o esperado. Não que ele tivesse pensado que não sentiria, mas sentiu ainda mais saudades do que imaginara. A alegria dele lhe dá vontade de chorar. Já tinha esquecido quão firme era o braço dele, quão resistente; agora se lembra, ao tocá-lo. Quando entram no quarto dela, ele fecha a porta e admira todas as arrumações do aposento com o entusiasmo de um turista: as conchas que ela coletou para a penteadeira, a pequena mesa envernizada onde ela desenha se o tempo está ruim. Ela explica cada um desses itens pelo máximo de tempo possível. Ele fica parado, sorrindo para ela enquanto isso.

— Você está com uma aparência maravilhosamente saudável, agora que estou vendo melhor. Tem verdadeiras rosas nas faces.

— Bem, andei pintando ao ar livre quase todas as manhãs e tardes.

Em seguida, ela lhe mostrará suas telas.

— Espero que Olivier vá com você — diz ele meio severo.

— Claro que vai. — Ela encontra a tela de barcos das primeiras sessões e a entrega a ele. — Na verdade, ele me incentivou a pintar todos os dias, desde que eu esteja bem-agasalhada. Eu sempre me lembro de me agasalhar.

— É lindo. — Ele segura o quadro um instante no alto, e ela pensa com agonia quão encorajador ele sempre foi, muito antes de Olivier aparecer. Então ele pousa o quadro, com cuidado, compreendendo que ainda não está seco, e toma as mãos dela. — E você está radiante.

— Estou ainda um pouco cansada — diz ela —, mas obrigada.

— Pelo contrário, você está corando. Não mudou nada mesmo.

Ele prende as mãos dela nas suas, agora firmes, e beija-a demoradamente. Os lábios dele são para ela algo natural, e assustador. Ele segura o rosto dela e torna a beijá-la, depois tira o casaco, murmurando algo sobre ainda não ter tomado banho. Tranca a porta e fecha as cortinas. A viagem, a folga do trabalho, o rejuvenesceram, diz ele, ou ela acha que é isso que ele diz, porque escuta de trás daquela cortina de cabelos, grampos já soltos, e

depois de novo enquanto ele desabotoa, desafivela, desengancha, desenha uma linha no corpo dela sobre a cama, tomando-a daquele seu modo lento e objetivo, e ela reage como está acostumada há muito tempo, o espaço entre eles se fechando com uma intimidade ardente apesar das imagens por trás das pálpebras dela. Havia meses que ele não se aproximava dela, e ela se dá conta de que ele provavelmente andara se contendo por preocupação com a saúde dela. Como ela poderia ter achado outra coisa?

Afinal, ele dorme encostado em seu ombro por alguns minutos, um homem cansado, surpreendentemente jovem com uma conta bancária cada vez maior, um homem que escapou brevemente de seus compromissos e pegou um trem para estar com ela outra vez.

Caro Monsieur Robinson,

Queira desculpar um bilhete de um estranho. Sou psiquiatra e trabalho em Washington DC; ultimamente, ando envolvido no tratamento de um destacado artista americano. O caso dele é bastante inusitado e, em parte, gira em torno de uma obsessão pela pintora francesa impressionista Béatrice de Clerval. Entendo que o senhor teve com ela uma relação pessoal e também profissional e que é um colecionador da obra dela, incluindo a tela conhecida como Os ladrões de cisne.

O senhor me permitiria visitá-lo em sua casa em Paris, durante aproximadamente uma hora no mês que vem? Eu ficaria muito grato se pudesse me ajudar com mais algumas informações sobre a vida e a obra dela. Isso poderia ser de grande importância para mim no tratamento de meu talentoso paciente. Por favor, me informe tão logo lhe seja possível.

*Atenciosamente,
Andrew Marlow, MD*

CAPÍTULO 92

MARLOW

Em parte para me distrair das minhas ideias e em parte para ver o que ele estava fazendo, fui visitar Robert outra vez. Eu estivera lá naquela manhã, uma sexta-feira. Quando voltei à tarde, encontrei-o parado diante do cavalete que eu lhe dera. Fora uma longa semana para mim, e eu andara dormindo mal. Desejei que Mary me visitasse com mais frequência; eu sempre parecia descansar bem em seus braços. Como sempre, pensei nela ao entrar no quarto de Robert. Perguntei-me, na verdade, como ele poderia olhar para mim e não ver os segredos que eu estava guardando, e isso me lembrou quão pouco eu sabia a respeito dele. Não conseguia ouvir a vida dele através daquelas roupas velhas bem-lavadas, da camisa amarela puída e das calças manchadas de tinta, nem através da cor quente de seu rosto e de seus braços embaixo das mangas arregaçadas, de seu cabelo cacheado com fios grisalhos. Eu nem sequer podia conhecê-lo através dos olhos injetados e cansados que ele voltou para mim. Sem saber o suficiente, como eu poderia liberá-lo? E se eu o liberasse, como eu pararia de me perguntar sobre seu amor por uma mulher morta desde 1910?

Ele a estava pintando naquele dia — isso não surpreendia — e sentei-me na poltrona para observar. Ele não virou o cavalete de costas. Presumi que isso fosse uma espécie de orgulho, como o silêncio dele. Ela não tinha rosto; ele dava ainda um primeiro tratamento ao rosa do vestido dela, ao sofá preto onde ela estava sentada. Parte do talento dele era a capacidade de pintar sem modelo, percebi. Será que este fora um dos presentes dela para ele?

De repente, aquilo foi demais para mim. Pulei da cadeira e dei um passo à frente. Ele pintava, o braço erguido, o pincel se movendo, como se eu não estivesse ali.

— Robert!

Ele não disse nada, mas virou os olhos para mim por uma fração de segundo, depois voltou para a tela. Sou razoavelmente alto, estou razoavelmente em forma, como já disse, embora não tenha nada parecido com a imponente presença informal de Robert. Perguntei-me como seria lhe dar um soco. Kate seguramente devia ter querido lhe dar um. E Mary. Eu poderia dizer: *Fiz isso por ela. Pode falar com quem quiser.*

— Robert, olhe para mim.

Ele abaixou o pincel, fazendo para mim a cara paciente e divertida que me lembro de fazer conscientemente para meus pais quando era adolescente. Eu não tinha nenhum filho adolescente, mas esta atenção, que deveria ter contado para alguma coisa, deixou-me com mais raiva do que se ele tivesse explodido. Ele parecia esperar que passasse a cansativa interrupção, para voltar a pintar.

Pigarreei, acalmando-me.

— Robert, você entende o meu desejo de ajudá-lo? Gostaria de tornar a levar uma vida normal, uma vida lá fora? — Acenei para a janela, mas sabia que já tinha perdido esse *round* com a palavra “normal”.

Ele tornou a se virar para o cavalete.

— Quero ajudá-lo, mas só posso fazer isso se você participar. Já me meti em algumas enrascadas por sua causa, sabe, e estando bem o suficiente para pintar, você com certeza está bem o suficiente para falar.

A expressão dele era gentil, mas agora estava incomunicável.

Esperei. Poderia haver coisa pior que gritar com um paciente? (Dormir com a antiga amante dele, talvez?) Senti que, sem querer, eu começava a elevar a voz. O que mais me dava raiva era minha noção de que ele sabia que eu não queria simplesmente ajudá-lo pelo bem dele.

— Vá para o inferno, Robert — disse eu em voz baixa e não gritando, mas minha voz tremia.

Dei-me conta de que, em todos os meus anos de treinamento e prática, eu nunca agira daquela maneira com ninguém. Nunca. Continuei olhando para ele ao sair do quarto. Eu não temia que ele pulasse em cima de mim ou me atirasse alguma coisa — era eu que corria o risco de fazer isso com ele. Depois desejei que não estivesse olhando para ele naquela hora, porque fui obrigado a ver sua mudança de expressão; ele não retribuiu o meu olhar, mas ergueu o rosto para a tela, com um sorrisinho nos lábios. Triunfo: uma vitória boba, mas provavelmente o único tipo que naquela época ele tinha.

CAPÍTULO 93

1879

Yves fica meia semana, caminhando na praia com a mão no ombro de Olivier, beijando Béatrice na nuca quando ela abaixa a cabeça para prender o cabelo. Está tendo umas férias de verdade — em particular, chama aquilo de lua de mel. Adora a vista do Canal; *repousa*-o enormemente. Mas precisa voltar, para sua tristeza, e se desculpa por ter que os deixar tão cedo. Ela não se atreve a olhar para Olivier durante toda a estada de Yves, a não ser para passar o sal ou o pão à mesa. É intolerável, no entanto há momentos em que ela se olha no espelho, ou os vê passeando juntos, e se sente cercada de amor, amada por ambos, como se aquilo fosse o certo. Eles pegam um cabriolé com Yves para a estação em Fécamp. Olivier se opõe, mas Yves insiste em que ele venha junto para Béatrice não ter que voltar sozinha. O trem bafeja ruidosamente; as rodas iniciam seu movimento robusto. Yves se inclina para fora da janela e acena, o chapéu na mão.

Eles voltam para o hotel e sentam-se na varanda, falando sobre assuntos triviais. Pintam na praia e jantam — um casal antigo agora que o terceiro hóspede partiu. Por um consentimento mútuo, ela não visita o quarto de Olivier, nem ele torna a visitar o dela. Todas as paredes entre eles já caíram, e ela não deseja uma repetição. Basta ter aquela recordação silenciosa entre eles. O momento em que ele — ou o momento em que ela — ou o modo como as lágrimas dele, de surpresa e prazer, caíram no rosto dela. Ela achara que ele lhe pertenceria para sempre depois de tal transgressão, mas é exatamente o contrário.

No trem de volta para Paris, quando estão sós, Olivier segura a mão de Béatrice como um pássaro dentro da luva grande dele, e

beija-a antes que ela salte para pedir a bagagem. Falam muito pouco. Ela sabe, sem perguntar, que ele irá jantar em sua casa no dia seguinte. Juntos, contarão a Papa quase tudo a respeito daquelas férias. Começarão a trabalhar juntos no grande quadro deles. Até morrer, ela se lembrará dele, de seu corpo longo e macio, seu cabelo prateado, do jovem apaixonado dentro dele. Ele sempre estará perto dela, um espírito do Canal.

CAPÍTULO 94

MARLOW

A resposta de Henri Robinson chega como um choque.

Monsieur le Docteur:

Obrigado por sua carta. Acho que seu paciente deve ser um homem chamado Robert Oliver. Ele veio me ver em Paris uma vez há dez anos, e outra há pouco tempo, e tenho boas razões para achar que ele levou algo valioso do meu apartamento na segunda visita. Não posso fingir que desejo ajudá-lo, mas se conseguir elucidar um pouco esta questão, terei muito prazer em recebê-lo. Considerarei permitir que veja Os ladrões de cisne. Por favor, saiba que não está à venda. Digamos na primeira semana de abril, qualquer manhã, se isso lhe convier?

*Respeitosamente,
Henri Robinson*

CAPÍTULO 95

MARLOW

Desejei ardentemente levar Mary a Paris comigo, mas ela precisava dar aula. Pelo modo como recusou, vi que não teria ido mesmo se eu tivesse organizado a viagem para cair nas próximas férias dela; era um presente muito grande para aceitar de mim depois de Acapulco. Uma vez fora um prazer, mas duas seria uma dívida. Encontrei um livro sobre o Musée d'Orsay, que eu sabia que ela tinha muita vontade de conhecer, e ela o folheou lentamente.

Mesmo assim, fez que não com a cabeça, em pé, na minha cozinha, o cabelo comprido refletindo a luz. Um gesto decisivo: não. Estava preparando o café da manhã para nós enquanto conversávamos, uma atitude de intimidade surpreendente. Era a quarta vez que ela passava a noite no meu apartamento — eu ainda podia contar aquelas noites. Quando ela saía, ainda mais cedo que eu — para o ateliê ou para a sala de aula na universidade, ou para o café onde ela gostava de desenhar em dias de trabalho mais leves — eu deixava a cama por arrumar e fechava a porta do quarto, para guardar o cheiro dela. Agora ela virava quatro ovos com bacon e os colocava na minha frente com um sorriso.

— Não posso ir para a França com você, mas posso lhe fazer um ovo, dessa vez. Mas não vá ficar com ideias.

Servi o café.

— Se for para a França comigo, você pode comer aqueles belos ovos quentes em copinhos com seu pão e geleia, e um café muito melhor que este.

— *Merci*. Você sabe a resposta.

— Sim. Mas o que vai dizer quando eu a pedir em casamento, se nem consigo botá-la num avião para a França?

Ela ficou paralisada. Eu falara com displicência, quase sem saber que faria o pedido, mas agora entendia que andara planejando aquilo havia semanas. Ela estava brincando com o garfo. Meu obstáculo, pensei tarde demais, tomava a forma de Robert Oliver, refestelado atrás de mim em algum canto. Não era necessário perguntar-lhe o que prendia o olhar dela, era inútil ressaltar que não havia ninguém ali, nem que o Robert que ela conhecera fora substituído por um homem letárgico que desenhava na cama de uma instituição psiquiátrica. Será que Robert algum dia a pedira em casamento, mesmo de brincadeira? A resposta, achei, estava escrita nas rugas em volta de sua boca, em seus olhos, no caimento de seu cabelo.

Aí ela riu.

— Se já cheguei até aqui sem casamento, doutor, não preciso disso agora.

E me surpreendeu daquele seu jeito de saber de coisas que eu não imaginara que alguém da geração dela saberia, com uma frase de Cole Porter:

— “Pois marido é uma raça chata e só dá trabalho.”

— *Kiss me, Kate*,* — disse eu prontamente, batendo na mesa. — Você é muito moça para se casar sem a autorização da sua mãe afinal. E não ando atrás de garotinhas, não sou nenhum Humbert Humbert, nenhum...

Ela riu e jogou uma gota de suco de laranja em mim.

— Deixe de bajulação — tornou a pegar o garfo e cortou os ovos. — Quando você tiver 80, amigo, terei...

— Mais idade do que tenho hoje, mas veja quão jovem eu sou. “Venha me dar um beijo, Kate!” — gritei, e ela riu com mais naturalidade e deu a volta na mesa para sentar no meu colo. Mas havia um eco estranho na sala, o nome, a Kate de Robert. Sentimos isso juntos sem falar. Talvez para silenciar esse eco, Mary tenha me beijado com força. Então eu lhe dei meu último pedaço de bacon, e terminamos o café assim, Mary no meu colo, abraçada comigo para manter afastados os maus espíritos.

Eu tinha muito que fazer antes de viajar, e levei quase a manhã inteira para pôr minha papelada em dia, na véspera de ir para Paris. Visitei Robert ao meio-dia e me sentei com ele no silêncio de sempre; eu não tinha intenção de lhe dizer ainda que decidira visitar Henri Robinson. Ele provavelmente notaria minha ausência, mas mesmo assim eu queria muito que ele se perguntasse onde eu estava, uma vez que ele não iria querer perguntar a ninguém.

Havia também mais uma coisa de que eu devia cuidar. Às quatro horas, voltei ao quarto de Robert, quando soube que ele estava pintando no gramado. A porta estava aberta, para meu alívio, e não tive propriamente a sensação de estar invadindo o que eu poderia ter de outra maneira, embora tenha olhado para trás no corredor algumas vezes. Encontrei as cartas na última prateleira do armário, um embrulho bem-feito. Foi prazeroso ter de novo os originais na mão, como se eu tivesse sentido falta deles sem saber — o papel velho, a tinta marrom, a caligrafia elegante de Béatrice. Robert poderia muito bem ficar perturbado quando desse por falta delas, e adivinharia quem tornara a pegá-las. Não havia o que fazer. Coloquei-as na pasta e saí sem fazer barulho.

Mary passou a noite no meu apartamento. Acordei uma vez e vi que ela também estava acordada, me olhando na penumbra. Pus a mão no rosto dela.

— Por que não está dormindo?

Ela suspirou e se virou para beijar meus dedos.

— Eu estava. Aí alguma coisa me assustou. Então comecei a pensar em você na França.

Puxei sua cabeça macia para meu pescoço.

— O quê?

— Sinto ciúmes, acho eu.

— Você sabe que a convidei.

— Não é isso. Eu não quis ir. Mas, de certa maneira, você vai vê-la, não?

— Não se esqueça de que não sou...

— Você não é Robert. Eu sei. Mas você não pode imaginar como era viver com eles.

Apoiei-me no cotovelo para ver o rosto dela.

— Eles? Do que está falando?

— Com Robert e Béatrice — a voz dela era firme e clara, não sonolenta. — Acho que isso é algo que só posso dizer a um psiquiatra.

— E é algo que só posso ouvir do amor da minha vida — vi o brilho de seus dentes no escuro; alcancei seu rosto e beijei-o. — Pare com isso, minha querida, e vá dormir.

— Por favor, deixe a pobre coitada morrer direito.

— Deixarei.

Ela encontrou o lugar para sua testa em meu ombro, e arrumei seu cabelo em volta dela como um amplo xale antes de ela adormecer de novo. Dessa vez, eu é que fiquei acordado. Pensei em Robert, dormindo, ou sem dormir, em Goldengrove, a cama meio pequena para seu tamanho avantajado. Por que ele fora à França aquelas duas vezes? Terá sido porque se perguntava, como eu me perguntava, de quem foi a mão que pintara a *Leda*? Terá encontrado uma resposta? Talvez esse realmente tivesse sido um tema muito forte para uma mulher, num país católico, em 1879. Se Robert achava que sua Senhora Melancolia pintara ela mesma o quadro, por que o atacara? Será que sentira ciúmes do cisne por alguma razão que eu não conseguia entender? Pensei em me levantar, me vestir, pegar as chaves do carro e ir até Goldengrove. Eu conhecia os códigos do alarme, os procedimentos da recepção, a equipe da noite. Eu iria sem fazer barulho até o quarto de Robert, bateria à porta, entraria e o sacudiria para acordá-lo. No susto, ele falaria. *Levei uma navalha para o museu. Ataquei-a porque...*

Encostei o rosto no cabelo de Mary e esperei esse ímpeto passar.

* Musical com letra e música de Cole Porter. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 96

MARLOW

O aeroporto Charles De Gaulle era mais barulhento do que eu me lembrava, e de alguma forma, maior, mais friamente institucional. Três anos depois disso, chegando para uma lua de mel atrasada, eu veria o mesmo terminal evacuado pela polícia e ouviria a explosão de um ponto seguro atrás de algumas lojas: estavam detonando uma mala abandonada no meio de um dos grandes saguões. O barulho atravessou nossos nervos, um eco da bomba que, afinal, não estava dentro na mala. Mas em 2000, não havia tanto nervosismo e eu estava sozinho.

Peguei um táxi para o hotel recomendado por Zoe: meu quarto ali era pouco mais que uma caixa de concreto, uma janela dando para o vão central do prédio, minha cama dura e rangente, mas ficava a dois passos da Gare de Lyon e na mesma rua de um bistrô com aquele toldo essencial, que o gerente levantava de manhã com uma grande manivela. Larguei as malas e fui lá para a primeira de muitas refeições, esta, incrivelmente satisfatória após a viagem de avião, o café fumegante e forte, com muito leite. Então voltei para a caixa que era o meu quarto e apaguei, mesmo com aquela cafeína toda, por uma hora. Quando acordei, o dia parecia ter acabado. Tomei uma chuveirada quente, gemendo de prazer debaixo d'água, fiz a barba, dei uma volta pela cidade com um pequeno guia de bolso.

Henri morava em Montmartre, mas eu só iria à casa dele na manhã seguinte afinal. Pouco depois de sair do hotel, avistei as cúpulas da Sacré-Coeur contra o céu. Eu me lembrava dos pontos de referência da minha visita anterior, há uns bons doze ou treze anos. O guia me lembrava que a onírica igreja branca fora

construída como um símbolo do poder do governo, após a decapitação da Comuna de Paris. Mas não consegui me obrigar a fazer visitas turísticas, e em vez disso, fiquei passeando; o guia no bolso o resto do dia, exceto por uma vez quando me perdi longe do hotel, na beira do Sena, olhando as bancas de livros. O tempo estava úmido, entre quente e fresco, o sol saindo de vez em quando para fazer a água brilhar. Desejei que eu não tivesse ficado tanto tempo sem ir lá, quando aquilo tudo estava a uma mera viagem de avião de Washington. Numa escadaria que conduzia ao rio, abri meu lenço na pedra escorregadia e sentei-me desenhando o barco — um restaurante rodeado de vasos de flores — ancorado do outro lado.

Eu também estava ansioso para ver os quadros de Béatrice de Clerval no Musée d'Orsay antes que fechasse; os que estavam no Musée de Maintenon poderiam esperar até o dia seguinte, após minha visita a Henri Robinson. Acompanhei o rio até chegar ao Musée d'Orsay; não conseguiria visitá-lo da última vez que estive em Paris, por ter sido inaugurado há pouco. Não tentarei descrever o efeito da enorme galeria com o teto de vidro, a variedade de esculturas, o fantasma esplêndido de uma estação de trem que servira à geração de Béatrice de Clerval e outras. Foi espantoso — demorei-me várias horas ali.

Fui primeiro para Manet e a sensação embriagadora de estar parado diante da *Olympia*, encontrando o seu olhar desafiador. Depois esbarrei com uma bela surpresa — uma tela de Pissarro representando uma casa em Louveciennes no inverno. Eu não me lembrava de ter visto aquele quadro em lugar nenhum antes, a casa avermelhada e as árvores sinuosas cobertas de neve, a neve no chão, a mulher e a garotinha de mãos dadas, agasalhadas por causa do frio. Pensei em Béatrice e sua filha, mas esse quadro estava datado de 1872, anos antes do nascimento de Aude. Havia outras cenas de inverno na galeria também — Monet e Sisley, mais Pissarro, *effets d'hiver*, neve e carroças e cercas, árvores e mais neve. Vi céus pesados acima das torres das igrejas de suas cidades de adoção — Louveciennes, Marly-le-Roi e outras — e acima dos

parques de Paris. Como Béatrice, eles adoravam seus jardins no inverno.

Com Sisley e Pissarro, encontrei dois Béatrice de Clerval: um era um retrato de uma moça de cabelos dourados costurando — devia ser a criada descrita nas cartas. O outro, um cisne flutuando pensativamente numa água marrom, um cisne comum, não divino. Béatrice praticara aquela forma com rigor, pensei, talvez preparando-se para o quadro que eu veria no dia seguinte em casa de Henri Robinson. Encontrei uma paisagem de Olivier Vignot, uma cena bucólica, vacas pastando, um campo, uma fileira de choupos, nuvens férteis e preguiçosas. Talvez Béatrice tenha respeitado a obra dele mais do que eu imaginara; era um bom quadro, embora nada inovador. A data na placa era 1854. Béatrice tinha três anos naquela época, pensei.

CAPÍTULO 97

MARLOW

A rua de Henri Robinson em Montmartre era uma ladeira — não estreita, mas de todo modo pitoresca, com balcões de ferro forjado. Encontrei o endereço e fiquei parado na rua alguns minutos antes de tocar a campainha — deu para ouvi-la lá de baixo, embora o apartamento dele ficasse no segundo andar do prédio. Subi; a escada era escura e empoeirada, e perguntei-me como um homem de 98 anos poderia enfrentá-la. A única porta no segundo piso se abriu antes que eu encostasse nela; vi uma velha parada ali, uma mulher de vestido marrom, meias grossas e sapatos pesados. Por um instante, tive a sensação estranha de estar vendo Aude de Clerval. A mulher usava um avental e deu um sorriso rápido, falando umas palavras que não entendi para me fazer entrar na sala de estar. Aude, se fosse viva, teria 120 anos.

Henri Robinson recebia numa selva — plantas preenchiam o espaço em uma organizada profusão. O cômodo era ensolarado, pelo menos do lado da rua, a luz penetrando por entre tiras de seda cor-de-rosa. As paredes, assim como um par de portas fechadas, eram cor de jade claro. Havia quadros por todo lado, não expostos com aquele capricho que eu vira na casa de seu velho amigo Caillet, mas apinhados em todos os espaços disponíveis. Perto da cadeira de Henri, havia um retrato a óleo que não podia deixar de ser de Aude de Clerval, uma mulher de rosto comprido, olhos azuis, já idosa, com um penteado dos anos 1940 ou 1950. Perguntei-me se aquele era o quadro dela que Pedro Caillet afirmara ter pintado; não vi nenhuma assinatura. Havia também algumas peças pequenas que poderiam ser de Seurat — obras pontilhistas, de qualquer maneira — e uma quantidade de quadros do período entre as

Guerras. Não vi nada que parecesse ser de Béatrice de Clerval, nem sinal de um quadro que pudesse ser chamado *Os ladrões de cisne*. Nos nichos e prateleiras que não cederam sob o peso de livros estava exposta uma coleção de porcelanas *céladon* que poderiam ser coreanas e antigas. Talvez eu pudesse lhe perguntar sobre isso depois.

Henri Robinson estava sentado numa poltrona quase tão velha quanto ele próprio. Quando entrei, ele se levantou devagar, apesar de minhas tentativas de protesto, minhas poucas palavras canhestras de francês, e estendeu uma mão transparente. Era um pouco mais baixo que eu, esquelético, mas capaz de ficar em pé uma vez que se endireitava. Usava uma camisa social listrada, calças escuras e um cardigã vermelho com botões dourados. Tinha os fios de cabelo remanescentes penteados para trás, o nariz transparente como as mãos, as faces vermelhas, os olhos castanhos, mas desbotados atrás dos óculos. Deveria ter sido um rosto impressionante na juventude, de olhos escuros com maçãs do rosto salientes, um nariz fino e reto. Suas mãos e seus braços tremiam, mas seu aperto de mão era decidido. Fiquei arrepiado de pensar que estava tocando em uma mão que acariciara a filha de Béatrice, cuja própria mão Béatrice sem dúvida segurara e afagara.

— Bom dia —, disse ele num inglês com sotaque, porém claro.
— Entre, por favor, e sente-se — novamente a mão de veias azuis, apontando para uma cadeira. — Muitos jornais.

O sorriso dele exibia dentes espantosamente jovens e em ordem — dentadura. Retirei os jornais de uma segunda cadeira e esperei até que ele se abaixasse apoiado nos braços magros, e se sentasse.

— Monsieur Robinson, obrigado por me receber.

— É um prazer — disse ele. — Embora, como lhe disse, o nome do homem que mencionou não seja dos que eu mais gosto.

— Robert Oliver está doente — contei-lhe. — Acho que já estava doente quando lhe tirou isto, porque o problema dele é cíclico, e crônico. Mas sei que isso deve tê-lo aborrecido.

Saquei as cartas cuidadosamente do bolso interno do paletó; eu as colocara num envelope dobrado, de onde as retirei antes de pôr o maço nas mãos dele.

Ele olhou espantado para aquilo, depois para mim.

— São suas? — perguntei.

— Sim — disse ele. Seu rosto se agitou um pouco, o nariz corando e estremecendo, a voz se embargando, como se o fantasma das lágrimas o tivesse invadido por um momento. — Na verdade, elas pertenciam a Aude de Clerval, com quem vivi mais de vinte e cinco anos. Foram dadas a ela pela mãe moribunda.

Pensei em Béatrice, não jovem e séria, mas de meia-idade, talvez de cabelo branco, destruída pela doença, consumida no que deveriam ser seus melhores anos. Ela morrera com cinquenta e muitos. Mais ou menos com a minha idade, e eu nem tinha uma filha de quem me despedir.

Fiz um sóbrio sinal com a cabeça para manifestar minha solidariedade diante do ultraje que ele havia sofrido. A vista de Henri Robinson parecia bastante boa através dos óculos de armação dourada.

— Meu paciente, Robert Oliver, provavelmente não se dava conta da dor que poderia causar com este furto. Não posso lhe pedir que o perdoe, mas talvez o senhor consiga entender. Ele estava apaixonado por Béatrice de Clerval.

— Sei disso — disse o velho com bastante aspereza. — Eu também entendo de obsessão, se é isso o que quer dizer.

— Li as cartas, devo lhe dizer. Mande traduzi-las. E não vejo como alguém poderia deixar de amá-la.

— Ela aparentemente era muito meiga, *tendre*. Você sabe que a amei também, através da filha. Mas como se interessou por ela, dr. Marlow?

Ele se lembrara do meu nome.

— Por causa de Robert Oliver.

Descrevi a detenção de Robert, meus esforços para começar a conhecê-lo nas primeiras semanas dele comigo, o rosto que ele desenhava e depois pintava em vez de falar, minha necessidade de

entender a visão que o movia. Henri Robinson ouviu com as mãos juntas, os ombros curvados, simiesco e absorto. Piscava de vez em quando, mas não dizia nada. Passei a lhe contar, com uma estranha sensação de alívio, sobre minhas conversas com Kate, sobre os quadros que Robert fazia de Béatrice, sobre Mary e a história que Robert lhe contara a respeito de ter visto o rosto de Béatrice no meio da multidão. Não mencionei que eu fora falar com Pedro Caillet. Poderia transmitir suas saudações mais tarde, se aquilo parecesse certo.

Ele ouviu em silêncio. Pensei em meu pai — um jovem, com carro e namorada, comparado a Henri Robinson. Robinson, como meu pai, adivinharia muita coisa mesmo se eu não lhe contasse tudo. Falei lenta e claramente, perguntando-me um pouco sobre o nível do seu inglês, e envergonhado de não estar sequer tentando desenferujar o meu francês. Ele parecia me entender, em todos os sentidos. Quando terminei, ele bateu com os dedos no maço de cartas que estavam em seu colo.

— Dr. Marlow — disse. — Agradeço-lhe imensamente por ter devolvido estas cartas. Entendi que Robert Oliver devia tê-las furtado, quando, depois da segunda visita dele, não as encontrei mais. Sabe, ele as guardou durante anos.

Lembrei-me de estar agachado no chão do escritório de Kate, lendo uma palavra: *Étretat*.

— Sim. Bem, acho que ele também não lhe contou isso, se não fala mais — Henri Robinson arrumou as pernas ossudas à sua frente. — Ele veio aqui a primeira vez no princípio dos anos 1990, depois de ter lido um artigo sobre minha relação com Aude de Clerval. Escreveu-me, e fiquei tão comovido com o entusiasmo dele e sua evidente seriedade em relação à arte que consenti em deixá-lo me visitar. Conversamos bastante, sim, naquela época ele sem dúvida falava. E era bom ouvir. Era muito interessante, na verdade.

— Pode me dizer sobre o que conversaram, Monsieur Robinson?

— Posso, sim — ele pousou as mãos nos braços da poltrona. Havia uma força extraordinária nesse homem, de nariz e queixo finos, de cabelo ralo. — Nunca me esqueci do momento em que ele entrou aqui em casa. Como sabe, ele é muito alto, tem muita presença, como um cantor de ópera. Não pude deixar de me sentir um pouco intimidado. Ele era um estranho, e eu estava sozinho naquele momento. Mas ele era encantador. Sentou-se, acho que nesta cadeira onde o senhor está agora, e conversamos primeiro sobre pintura e depois sobre a minha coleção, que eu doara ao Musée de Maintenon, salvo por uma peça. Ele fora vê-la naquela mesma tarde, e ficara muito impressionado.

Eu disse:

— Ainda não fui ao Maintenon, mas pretendo ir.

— De qualquer maneira, ficamos sentados aqui e conversamos, e finalmente ele me perguntou se eu poderia lhe contar o que eu sabia sobre Béatrice de Clerval. Conte-lhe um pouco da vida e da obra dela, e ele disse que já sabia muita coisa sobre isso graças à pesquisa dele. Ele queria saber como Aude falava da mãe. Vi claramente que ele adorava os quadros de Béatrice, se “adorar” for a expressão certa. Ele era muito caloroso. Senti-me... atraído por ele, na verdade.

Henri tossiu.

— Então comecei a lhe contar o que eu me lembrava do que Aude dizia; que sua mãe era delicada e alegre, sempre uma amante da arte, mas completamente dedicada a ela, Aude. Ela disse que nunca viu a mãe pintar nem desenhar. Nunca. E que a mãe jamais falava sobre a sua pintura com tristeza. Ria se Aude lhe perguntava sobre o assunto e dizia que a filha era sua obra mais feliz e que não precisava de mais nada. Na adolescência, Aude começou a desenhar e a pintar um pouco, e sua mãe era sempre prestativa, entusiasmada, porém nunca ficava com ela. Aude me disse uma vez que implorou para que a mãe desenhasse com ela, e a mãe disse: “Já fiz meus últimos desenhos, querida, e eles estão esperando por você.” E se recusou a explicar o que queria dizer e por que não desenhava mais. Isso sempre perturbou Aude.

Henri Robinson virou-se para mim, os olhos escuros com um brilho que parecia sabão na água, o que poderia ser provocado pela catarata ou pelo reflexo dos óculos.

— Dr. Marlow, sou velho, e amava muito Aude de Clerval. Ela nunca me deixou. E Robert Oliver pareceu muito interessado na história dela e na de Béatrice de Clerval, de modo que li as cartas para ele. Li-as para ele. Ao considerar o passado, acho que Aude haveria de desejar que eu lesse. Ela e eu as lemos em voz alta uma ou duas vezes, e ela disse que achava que eram para gente capaz de apreciar a história deles. Por isso nunca as publiquei nem escrevi sobre elas.

— O senhor leu as cartas para Robert?

— Bem, sei que sem dúvida não devia ter lido, mas achei que ele precisava conhecê-las porque estava muito interessado. Um engano.

Imaginei Robert inclinado à frente apoiado nos cotovelos, ouvindo enquanto o homem frágil na outra cadeira lia as palavras de Béatrice, e de Olivier.

— Ele as entendeu?

— Refere-se à língua? Ah, eu traduzia para ele quando era preciso. E o francês dele é bastante bom, sabe. Ou refere-se ao teor das cartas? Não sei se ele entendeu isso.

— Qual foi a reação dele?

— Quando cheguei ao fim, vi que a expressão dele estava muito... como se diz?... triste. Achei que ele fosse chorar. Depois ele falou uma coisa estranha, mas para ele mesmo. “Eles viveram, não?” E eu disse sim, que quando lemos cartas antigas entendemos que as pessoas do passado realmente viveram, e isso é muito comovente. Eu mesmo me emocionei lendo-as em voz alta para aquele estranho. Mas ele disse, não, não. Queria dizer que os dois tinham vivido realmente, mas ele não — Henri Robinson fez que não com a cabeça, olhando para mim. — Então comecei a achar que ele era meio estranho. Mas estou acostumado com artistas, sabe. Aude era estranhíssima no que tocava à história dela e aos quadros da mãe. Era uma coisa de que eu gostava nela — ele se calou. —

Antes de nos despedirmos, Robert me disse que as cartas o haviam ajudado a conhecer melhor o que Béatrice haveria de querer que ele pintasse. Ele disse que se dedicaria a pintar a vida dela, à memória e à honra dela. Falava como um homem apaixonado pelos mortos, como se diz. Eu sei o que isso significa, doutor. Eu me solidarizo.

Observando-o, senti a pessoa inquieta que ele fora, a pessoa profundamente inteligente que ainda era; vinte anos antes, ele estaria passeando pela sala enquanto falava comigo, tocando as lombadas dos livros, ajeitando um quadro, tirando uma folha morta de uma planta. Talvez Aude fosse calma e serena como os dois retratos dela que eu vira — uma mulher intensa, cheia de dignidade. Pensei nos dois juntos, no jovem enérgico e sedutor que talvez a fizesse sentir-se ativa, e na mulher confiante, um tanto alheia, a quem ele se dedicara a adorar.

— Robert disse mais alguma coisa?

Robinson encolheu os ombros.

— Nada que eu me lembre. Mas minha memória não é mais o que era. Ele foi embora logo depois disso. Agradeceu-me muito educadamente e me disse que sua visita a mim faria sempre parte de sua arte. Nunca esperei tornar a vê-lo de novo.

— Mas houve uma segunda vez?

— Aquela foi uma surpresa e uma visita muito mais curta, há uns dois anos, acho eu. Como ele não me escreveu antes de vir, eu não sabia que estava em Paris. Um dia, a campainha tocou, e Yvonne foi atender e trouxe Robert para a sala. Fiquei pasmo. Ele disse que estava em Paris para ter um *background* para sua obra, e decidira vir me visitar. Eu estava tendo mais problemas naquela altura, quase não conseguia andar e estava meio esquecido. Sabe que fiz 98 anos esse ano?

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim. Parabéns.

— Isso é um acidente, dr. Marlow, não uma honra. Enfim, Robert entrou, e conversamos. Então, tive que ir ao banheiro, e ele me ajudou a andar porque Yvonne estava falando ao telefone na cozinha. Ele era muito forte. Mas sabe que me lembro disso tudo

porque mais ou menos uma semana depois que ele foi embora, eu quis ver as cartas, e elas tinham sumido.

— Onde as guardava? — tentei perguntar isso displicentemente.

— Naquela gaveta — ele apontou com dedos lívidos para um armário do outro lado da sala. — Pode olhar lá dentro se quiser. Ainda está vazia a não ser por uma coisa — fechou a mão sobre as cartas em seu colo. — Agora poderei guardá-las de volta ali. Eu sabia que tinha que ser Oliver, porque quase não recebo visitas e Yvonne nunca tocaria nelas. Ela sabe o que sinto por elas. Está vendo, doeí todos os quadros, todos os quadros de Béatrice, uns anos atrás. Todos menos *Os ladrões de cisne*. Eles estão no Musée de Maintenon. Sei que posso morrer a qualquer momento. Aude queria que os guardássemos para nós, mas também que os protegêssemos, então tomei a melhor decisão que pude. *Os ladrões de cisne* é diferente. Continuo esperando para saber ao certo o que fazer com ele. Por alguns minutos na primeira visita de Robert Oliver, achei até que poderia lhe dar esse quadro algum dia. Graças a Deus não o dei. As cartas eram tudo o que eu tinha do amor de Aude pela mãe. Elas são preciosas para mim.

Senti mais que vi a raiva do velho, expressada nesses termos delicados.

— E tentou recuperá-las?

— Claro. Escrevi a Oliver para o endereço que ele me deixara da primeira vez, mas minhas cartas voltaram um mês depois, com a informação de que não havia ninguém com aquele nome naquele endereço.

Kate, talvez, também com raiva.

— E nunca mais ouviu falar nele?

— Ouvi. Isso piorou as coisas, acho eu. Ele me mandou um bilhete. Por ora, é o único item naquela gaveta.

CAPÍTULO 98

MARLOW

Com os olhos de Henri Robinson em mim, levantei-me e fui lentamente até o armário que ele indicara. Parecia-me irreal que eu estivesse naquele apartamento atravancado com um homem de quase um século, tornando a revistar o passado de um paciente que não só atacara uma obra de arte, mas também furtara papéis pessoais, como eu ficara sabendo. E, no entanto, eu não conseguia condenar Robert totalmente. O *jet lag* tomou conta de mim; pensei nos braços de Mary e, de repente, quis voltar para casa e estar com ela. Então me lembrei de que ela não estava na minha casa, mas sim na dela. O que quatro noites e um café da manhã significam para uma pessoa jovem e livre? Abri a gaveta com dedos enfraquecidos.

Lá dentro havia um envelope datado de antes do ataque de Robert à *Leda*: sem endereço do remetente, um carimbo postal de Washington, postagem internacional. Dentro desse envelope, uma folha de papel dobrada.

Caro sr. Robinson,

Queira me perdoar por ter pegado suas cartas emprestadas. HEI de devolvê-las cedo ou tarde, mas estou trabalhando em uns quadros importantes, e preciso lê-las diariamente. São cartas maravilhosas, impregnadas dela, e espero que concorde com isso. Não tenho desculpa pelo que fiz, mas talvez, afinal, elas estejam mais seguras comigo. Lembrava-me delas o suficiente para já conseguir fazer uma série de quadros que considero os meus melhores até agora, mas PRECISO PODER lê-las todos os dias. Às vezes levanto-me e as leio à noite. Minha

nova série, uma série importante, mostrará ao mundo que Béatrice de Clerval foi uma das grandes mulheres de sua época e uma das grandes artistas do século XIX. Ela parou de pintar quando ainda era bastante jovem. Preciso continuar por ela. Alguém precisa vingá-la, uma vez que ela poderia ter continuado a pintar durante décadas se não tivesse sido cruelmente impedida. E pelo quê? O senhor e eu sabemos que ela foi um gênio. O senhor pode entender o quanto passei a amá-la e admirá-la. Mesmo não sendo pintor, talvez saiba como é não poder pintar quando se tem vontade.

Obrigado por sua ajuda e pelo uso das palavras dela, e, por favor, perdoe minha decisão. Hei de compensá-lo mais de mil vezes.

*Atenciosamente,
Robert Oliver*

Não posso descrever como esta carta me deixou abatido. Era a primeira vez que eu ouvia Robert falar longamente com sua própria voz, pelo menos a voz daquele momento. As repetições na carta, a irracionalidade, as fantasias a respeito da importância de sua missão, tudo indicava mania. O roubo autocentrado do tesouro de outra pessoa entristeceu-me tanto quanto o fato de que o significado desse ato parecia lhe escapar; ao mesmo tempo, entendi isso como uma falta de contato com a realidade que culminara com o seu ataque à *Leda*. Comecei a colocar de novo a carta no envelope, mas Henri Robinson me deteve com um gesto.

— Guarde, se quiser.

— Triste e chocante — disse eu, mas guardei-a no bolso. — Precisamos tentar lembrar que Robert Oliver é um paciente psiquiátrico, e que as cartas voltaram de fato ao senhor. Mas não posso nem devo defendê-lo.

— Ainda bem que me devolveu as cartas — disse ele simplesmente. — São muito íntimas. Por Aude, eu nunca as publicaria. Temi que Robert Oliver fizesse isso.

— Talvez, nesse caso, fosse melhor destruí-las — sugeri, embora não suportasse essa ideia. — Elas podem vir a ser de grande interesse para algum historiador da arte.

— Vou pensar no assunto. — Cruzou as mãos entrelaçando os dedos.

Não demore muito pensando, quis lhe dizer.

— Desculpe — ele olhou para mim. — Esqueci completamente meus bons modos. Gostaria de um café? Talvez um chá?

— Não, obrigado. O senhor é muito gentil, e não vou tomar muito mais o seu tempo — eu estava sentado na sua frente de novo. — Eu poderia lhe pedir mais um favor sem querer abusar da sua hospitalidade? — hesitei. — Eu poderia ver *Os ladrões de cisne*?

Ele me olhou sério, como se considerando tudo o que eu já dissera. Será que me dera uma informação imprecisa ou inventada? Eu nunca saberia. Pôs os dedos longos no queixo.

— Não o mostrei a Robert Oliver, ainda bem.

Isso me pegou de surpresa.

— Ele não pediu para ver?

— Acho que ele não sabia que eu o tinha. Não é muito conhecido. É uma informação particular, na verdade. — Então levantou a cabeça bruscamente. — Como você sabia? Como sabia que tenho esse quadro?

Eu precisaria dizer o que já deveria ter dito, e receei poder abrir velhas feridas.

— Monsieur Robinson — disse eu —, eu quis lhe dizer isso antes, mas estava inseguro. Fui falar com Pedro Caillet no México. Ele me recebeu muito bem, como o senhor, e foi assim que eu soube a seu respeito. Ele lhe mandou lembranças calorosas.

— Ah, Pedro e seus cumprimentos —, mas sorriu quase com malícia. Ainda havia amizade entre esses dois homens, com seu passado, aquela rivalidade que atravessava o oceano, há muito perdoada. — Então ele lhe contou que vendeu a Aude *Os ladrões de cisne*, e o senhor acreditou nele?

Foi a minha vez de arregalar os olhos.

— Sim. Foi isso que ele disse.

— Acho que ele realmente acredita nisso, coitado. Na verdade, ele mesmo tentou comprá-lo de Aude. Ambos consideravam o quadro extraordinário. Aude comprou-o do espólio de Armand Thomas, um galerista de Paris. O quadro nunca tinha sido exposto, o que é estranho, e nunca o foi até hoje. Aude nunca o teria vendido a Pedro, nem a mais ninguém, porque a mãe dela lhe disse que era a única coisa importante que ela já pintara. Não sei como Armand Thomas o conseguiu.

Ele segurou as cartas no colo. *Os ladrões de cisne* foi um dos únicos quadros que restaram da falência da galeria de Thomas — o irmão mais moço de Armand, Gilbert, era um bom pintor, mas não um bom empresário. Eles são mencionados nas cartas de Béatrice e Olivier, sabe. Sempre achei que deviam ser uns tipos bem mercenários. Certamente não muito amigos de pintores, como Durand-Ruel. Eles também ganharam muito menos dinheiro no final. Não tinham o gosto dele.

— Sim, vi dois quadros de Gilbert na National Gallery — disse eu —, incluindo a *Leda*, o que Robert atacou.

Henri Robinson aquiesceu.

— Pode entrar para ver *Os ladrões de cisne*. Acho que ficarei aqui. Vejo-o várias vezes por dia. — Indicou uma porta fechada no fundo da sala de estar.

Fui até a porta. Dava para um quarto pequeno, aparentemente o de Robinson, a julgar pelos vidros de remédio na escrivaninha e na mesa de cabeceira. A cama de casal estava coberta com uma colcha de damasco verde. Havia cortinas do mesmo tecido penduradas na única janela, e, de novo, estantes de livros. O quarto não era muito claro, e acendi a luz, sentindo o olhar de Henri, mas sem querer fechar a porta entre nós. A princípio, achei que havia uma janela acima da cabeceira da cama, dando para um jardim, e depois achei que havia um quadro de um cisne ali. Mas vi imediatamente que era um espelho, pendurado para refletir o único quadro no quarto, na parede em frente.

Tenho que parar aqui, para tomar fôlego. *Os ladrões de cisne* não é fácil de colocar em palavras. Eu esperara a beleza que continha; não esperara a maldade. Era uma tela bastante grande, medindo 1,20m X 0,90m, executada na paleta alegre dos impressionistas. Representava dois homens vestidos com roupas rústicas, de cabelo castanho, um com lábios estranhamente vermelhos. Vinham andando sorrateiramente na direção do observador e de um cisne que se erguia, assustado, em meio aos caniços. Uma inversão, pensei, do susto de Leda: agora o cisne era vítima, não vencedor. Béatrice pintara a ave com pinceladas rápidas e vivas que faziam suas asas parecerem reais; era uma mancha, erguendo-se apressadamente do ninho, uma sugestão de folhas de nenúfar e água cinzenta embaixo, a curva de um peito branco, cinzento em volta do olho escuro entorpecido, o pânico da decolagem abortada, a água agitada embaixo de uma pata amarela e negra. Os ladrões ainda não estavam muito perto, e as mãos do homem maior já estavam prestes a se fechar no pescoço tenso do cisne; o homem mais baixo parecia prestes a se lançar à frente e pegar o cadáver.

O contraste entre a graça do cisne e a vulgaridade dos homens era evidente nas pinceladas rápidas. Eu já estudara antes o rosto do homem, na National Gallery; era o rosto de um marchand contando moedas, muito ansioso agora, atento à sua presa. Era Gilbert Thomas, claro, o outro homem devia ser o irmão dele. Eu raramente vira tanto talento num quadro, ou tanto desespero. Talvez ela tivesse dado a si mesma meia hora, talvez trinta dias. Pensara profundamente nessa imagem, e depois a produzira com rapidez e paixão. E, depois disso, se Henri estava certo, ela largara o pincel e nunca mais pegara nele.

Devo ter ficado parado ali muito tempo, olhando, porque de repente me senti cansado — a desesperança de se imaginar outras vidas. Esta mulher pintara um cisne, aquilo tinha um significado para ela, para além da veemência da obra. Ela já morrera, e nós estávamos aqui, e um dia todos nós também estaríamos mortos, mas ela deixara um quadro.

Então, pensei em Robert. Ele nunca estivera diante dessa imagem nem se intrigara com sua desgraça apaixonada. Ou já? Por quanto tempo Henri Robinson, velho e independente, havia deixado o caminho livre para ele? Eu só vira um banheiro até agora, perto da entrada do apartamento, e aqui não havia nenhum, perto do quarto — o apartamento era antigo, excêntrico. Será que Robert se conteria para não abrir uma porta fechada? Não. Ele sem dúvida vira *Os ladrões de cisne*; por que outro motivo teria voltado para Washington com uma raiva tão grande que pouco depois transbordaria na National Gallery? Pensei em seu retrato de Béatrice em Greenhill, no sorriso dela, as mãos segurando um robe de seda no peito. Robert quisera vê-la feliz. *Os ladrões de cisne* era cheio de ameaça e incitação ao delito — e talvez repleto também de vingança. Provavelmente Robert entendia a tristeza dela de uma forma que eu, graças a Deus, nunca poderia. Ele não precisava ver esse quadro para entendê-la.

Lembrei-me de Robinson, então preso em sua cadeira, e voltei para a sala. Eu sabia que nunca mais tornaria a ver *Os ladrões de cisne*. Passara cinco minutos com ele, e ele mudara o aspecto do mundo para mim.

— Ah, está impressionado. — Ele fez um generoso gesto de aprovação.

— Sim.

— Acha que é o melhor trabalho dela?

— O senhor saberia melhor que eu.

— Agora estou cansado — disse Henri, como Caillet dissera a mim e a Mary, lembrei-me de repente. — Mas gostaria que voltasse amanhã, depois de ter visto minha coleção no Maintenon. Então poderá me dizer se guardei o melhor para mim.

Fui rapidamente apertar sua mão.

— Sinto muito ter ficado tanto tempo. E será uma honra voltar. A que horas amanhã?

— Faço minha sesta às três horas. Venha de manhã.

— Não sei como lhe agradecer.

Apertamo-nos as mãos, e ele sorriu — de novo aqueles dentes artificiais perfeitos.

— Gostei da nossa conversa. Talvez eu decida perdoar Robert afinal de contas.

CAPÍTULO 99

MARLOW

O Musée de Maintenon era em Passy, perto do Bois de Boulogne e talvez perto da casa de Béatrice de Clerval, embora eu não tivesse ideia de como descobrir isso e me esquecera de perguntar a Henri. Provavelmente, a propriedade não seria um museu de qualquer maneira; eu duvidava que sua breve carreira tivesse garantido uma placa. Peguei o metrô e depois caminhei algumas quadras, atravessando um parque cheio de crianças de jaquetas coloridas infestando balanços e outras estruturas modernistas para escaladas. O museu propriamente dito era um prédio alto do século XIX pintado de creme com uma decoração pesada de gesso nos tetos. Passeei pelo primeiro andar e por uma galeria com obras de Manet, Renoir, Degas, algumas das quais eu já vira, depois entrei numa sala menor que abrigava a doação de Robinson, quadros de Béatrice de Clerval.

Ela fora mais prolixa do que eu me dera conta, e começara a pintar jovem; a peça mais antiga da coleção datava de seus 18 anos, quando ela ainda morava na casa dos pais e estudava com Georges Lamelle. Era um esforço alegre, embora sem a habilidade de seus quadros posteriores. Ela trabalhara com afinco — com tanto afinco, à sua maneira, como Robert Oliver trabalhara em sua obsessão. Eu a imaginara como uma esposa, a jovem senhora da casa, e depois como amante; mas eu me esquecera da boa pintora do dia a dia que ela deve ter sido para completar todos esses quadros e aprimorar sua técnica de ano para ano. Havia retratos de sua irmã, às vezes com um bebê nos braços, e havia flores gloriosas, talvez do próprio jardim de Béatrice. Havia pequenos

desenhos em grafite e um par de aquarelas de jardins e do litoral. Havia um retrato alegre de Yves Vignot como recém-casado.

Afastei-me com relutância. O terceiro andar do Musée de Maintenon era orlado com enormes telas de Monet retratando Giverny, sobretudo nenúfares, a maioria delas pintada de forma quase abstrata quando ele já estava no fim da vida. Eu nunca entendera antes quantos nenúfares ele realmente conseguira pintar — muitos metros quadrados do tema, espalhados agora por toda Paris. Comprei um punhado de cartões postais, alguns deles presentes para as paredes do ateliê de Mary, e saí do museu para passear no Bois de Boulogne. Havia um barco com um toldo encostando à margem de um laguinho, como se estivesse ali especialmente para me atravessar; ia para uma ilha onde havia uma casa grandiosa. Paguei e embarquei, acompanhado por uma família francesa com duas crianças pequenas, todos vestidos para uma ocasião especial. A menina menor olhou furtivamente para mim e retribuiu o meu sorriso antes de esconder o rosto no regaço da mãe.

A casa afinal era um restaurante, com mesas ao ar livre na sombra, uma glicínia em flor, preços assustadores. Tomei café e comi um doce e deixei o sol na água me ninar. Nada de cisnes, percebi, embora houvesse cisnes ali na época de Béatrice. Imaginei Béatrice e Olivier perto da água com seus cavaletes, ele dando instruções baixinho, ela tentando captar o cisne saindo dos caniços. Alçando voo ou pousando? E será que eu recriara as conversas deles com muita liberdade, na imaginação?

Apesar do meu descanso na ilha, eu estava alquebrado quando cheguei à Gare de Lyon. O bistrô perto do hotel estava aberto, e o garçom pareceu já me considerar um velho amigo, acabando com o mito de que todos os franceses maltratam os estrangeiros. Ele sorriu como se tivesse entendido como fora meu dia e o quanto eu precisava de um copo de vinho tinto; quando fui embora, ele sorriu de novo e segurou a porta para mim e retribuiu meu “*Au revoir, monsieur*” como se eu jantasse ali há anos.

Eu pretendia encontrar um lugar para ligar para Mary com meu cartão telefônico novo, mas quando voltei para o hotel, caí pregado

na cama, sem fingir que leria primeiro. Henri e Béatrice povoaram meu sono; acordei com um susto que estava de algum modo relacionado com o rosto de Aude de Clerval, Robert estava esperando, e eu devia ligar para ele, não para Mary. Acordei e tornei a dormir, e dormi demais.

CAPÍTULO 100

É de manhã cedo em junho de 1892, e as duas pessoas que esperam numa plataforma de trem na província têm o olhar consciente e alerta dos viajantes que já estavam de pé antes que o dia raiasse, ambas bem-vestidas ali paradas, alheias ao movimento do vilarejo. A mais alta, é uma mulher na flor da idade, a outra, uma menina de 11 ou 12 anos, com uma cesta no braço. A mulher está de preto e usa o chapéu preto bem amarrado embaixo do queixo. O véu a faz ver o mundo meio encardido, e ela deseja levantá-lo, nutrir-se das cores da estação ocre e do campo do outro lado da pista: capins de um verde dourado e as primeiras papoulas do verão, rubras mesmo através do lusco-fusco do seu véu. Mas ela segura a bolsa com firmeza, o rosto velado. O vilarejo delas é estritamente convencional, pelo menos para as mulheres, e ela é uma dama entre os habitantes do local.

Vira-se para companheira.

— Não quis trazer o nosso livro? — Nas últimas noites, elas andaram lendo uma tradução de *Grandes esperanças*.

— *Non, maman*. Mas tenho meu bordado para terminar.

A mulher estica a mão envolta em fina renda preta para tocar no rosto da menina perto da boca que se parece com a dela.

— A tempo do aniversário de Papa, afinal?

— Se tudo der certo.

A menina verifica no cesto, como se o projeto estivesse vivo e necessitasse de cuidado constante.

— Dará.

Por um momento, a mulher sente a passagem do tempo, que fez com que essa flor, a beleza dela, crescesse e se articulasse da noite para o dia. Ela ainda sente nos braços as pernas rechonchudas da filha bebê pondo-se de pé em seu colo. A recordação pode ser

evocada a qualquer momento, e ela a evoca amiúde: com prazer e tristeza. Mas não se arrepende nem um pouco de estar em pé ali, uma mulher que no fundo é sozinha, já quarentona, com um marido que a adora e esperá-la em Paris, uma mulher madura e envolta em luto. Em seu último ano, eles perderam o bondoso cego que ela considerava como um pai. Agora ainda há uma outra causa para a tristeza.

Mas ela sente também o curso de uma vida prosseguindo como deveria: o crescimento de uma filha, a morte que traz alívio bem como perda, a costureira fazendo algo um pouco mais na moda que o traje que ela usara quando a mãe morreu anos atrás — as saias tornaram a mudar desde então. A menina tem isso tudo à sua frente, com sua cesta de bordados, seus sonhos de aniversário, seu amor por seu papa antes de qualquer outro homem. Béatrice não vestiu a filha de preto fechado; em vez disso, a menina usa um vestido branco de gola e punhos cinzentos, uma fita preta na linda cintura que ainda é fina mas logo terá uma bela forma. Ela pega a mão da menina e a beija através do véu, surpreendendo a ambas.

O trem para Paris raramente atrasa; naquela manhã, adianta um pouquinho, uma chiadeira distante interrompendo o beijo, e as duas se acomodam para esperar. A menina sempre imagina o trem chocando-se contra a própria cidade, esmagando casas, deixando montes de escombros e levantando nuvens de poeira, virando galinheiros e arruinando as bancas da feira — um mundo *bouleversé* como uma das estampas em seu livro de canções infantis, velhas segurando os aventais e fugindo com seus tamancos fechados que parecem uma extensão de seus grandes pés. Um desastre cômico, e depois a poeira assentando e tudo voltando ao normal num instante, enquanto pessoas como Maman embarcam em silêncio no trem. Maman faz tudo em silêncio, com dignidade — lê em silêncio para ela mesma, vira sua cabeça um pouco mais para a direita quando você se senta para que ela trance seu cabelo, toca seu rosto em silêncio.

Maman também tem momentos inesperados que Aude reconhece em si mesma, mas ainda não tem como saber que são

os momentos da juventude que nunca deixam a pessoa — o beijo repentino na mão dela, um abraço às gargalhadas na cabeça e no chapéu de Papa quando ele está sentado lendo o jornal no banco do jardim. Ela é linda, mesmo vestida de luto, como estão agora pelo avô de Aude e mais recentemente pela morte do tio de Papa na distante Argélia, onde ele se radicou anos atrás. Ou ela surpreende Maman parada na janela dos fundos, olhando a chuva cair na campina, e vê a tristeza rara nos olhos dela. A casa deles no vilarejo fica no limite de todas as outras, de modo que o jardim dá direto nos campos; há uma linha de mata mais escura para além desses campos aonde Aude só pode ir com o pai ou a mãe.

No trem, depois que o cobrador guardou a bagagem delas, Aude se acomoda imitando a mãe. Sua compostura dura pouco; num instante, ela torna a se levantar de um pulo para olhar pela janela para uma parelha de cavalos conduzidos por seu cocheiro preferido, Pierre le Triste, que vem diariamente com embrulhos, entregas para as lojinhas do centro do vilarejo, às vezes para a própria Maman. Elas o conhecem há muitos anos; Papa comprou a casa de campo no ano em que ela nasceu, na data perfeita e redonda de 1880. Aude não se lembra de nenhuma época em que tenham deixado de ir ao povoado, entre Louveciennes e Marly-le-Roi, o trem a vapor passando três vezes por semana, as breves visitas e os longos verões ali com sua mãe, e às vezes com o pai também. Pierre apeou do seu banco e parece estar conferenciando com o cobrador do trem do lado de fora sobre um embrulho e uma carta; tem o rosto muito sorridente — com a alegria transbordante que lhe conquistou aquele apelido afetuosamente irônico. Pela janela, ela ouve a voz dele, mas perde as palavras.

— O que é, querida?

A mãe está tirando as luvas e a capa, arrumando sua bolsa e o cesto de Aude, o pequeno piquenique delas.

— É Pierre.

O inspetor a vê e acena, e Pierre acena de volta e vem para junto do trem, seus braços grandes fazendo sinal para que ela abaixe a janela e pegue um embrulho e uma carta. Sua mãe se

levanta para receber aquilo e dá o embrulho a Aude, indicando com um sinal de cabeça que ela pode abri-lo imediatamente. É de Papa em Paris, um presente atrasado, mas bem-vindo; elas estarão com ele naquela noite, mas ele enviou a Aude um pequeno xale marfim com margaridas nos cantos. Ela o dobra satisfeita e cobre o colo com ele. Maman tirou um grampo do cabelo e está abrindo o envelope, que também é de Papa, embora lá de dentro caia outro envelope, com selos desconhecidos e uma letra trêmula que Aude nunca viu antes. Maman pega-o rapidamente e o abre tremendo, com todo o cuidado; parece ter esquecido do xale novo. Abre a única folha e a lê, torna a dobrá-la, abri-la e relê-la, guarda-a lentamente no envelope que está em seu colo vestido de seda negra. Recosta-se, abaixa o véu; mas Aude a vê fechar os olhos, vê sua boca se contrair para baixo e estremecer como quando a pessoa resolve prender o choro. Aude baixa os olhos e afaga o xale com suas margaridas; o que poderia deixar Maman assim? Será que ela deve tentar consolá-la, dizer alguma coisa?

Maman está imóvel, e Aude olha pela janela à procura de respostas, mas lá há apenas Pierre com aquelas botas e aquele paletó grande, descarregando uma caixa de vinho, que um garoto leva embora num carrinho de mão. O cobrador acena um adeus a Pierre, e o trem apita uma, duas vezes. Não há nada de errado no vilarejo, que já despertou completamente.

— Maman? — tenta ela num fio de voz.

Os olhos escuros atrás do véu se abrem, as lágrimas brilhando, como Aude temia.

— Sim, meu amor?

— É alguma coisa...é uma notícia ruim?

Maman olha para ela um bom tempo, depois diz, a voz meio hesitante:

— Não, não são novidades. É só uma carta de um velho amigo que demorou muito para chegar às minhas mãos.

— É do tio Olivier?

Maman respira fundo, depois expira.

— Ora, é, sim. Como adivinhou, querida?

— Ah, porque ele morreu, acho eu, e isso é muito triste.

— Sim, muito triste. — Maman cruza as mãos sobre o envelope.

— E ele lhe escreveu sobre a Argélia e o deserto?

— Escreveu — diz ela.

— Mas a carta chegou tarde demais?

— Nunca é tarde demais para chegar — diz Maman, mas suas palavras tropeçam num soluço. Isso é alarmante; Aude deseja que a viagem já tivesse acabado e que Papa estivesse com elas. Ela nunca viu Maman chorar antes. Maman sorri mais do que qualquer pessoa que ela conhece, fora Pierre le Triste. Ela sorri especialmente quando olha para Aude.

— Você e Papa o amavam muito?

— Sim, muito. E o seu avô também.

— Eu queria me lembrar dele.

— Eu também queria que você se lembrasse.

Maman agora parece ter se acalmado; dá uma pancadinha no assento ao seu lado, e Aude aproxima-se mais, agradecida, trazendo o xale novo.

— Eu também teria amado o tio Olivier?

— Ah sim — diz Maman. — E ele teria amado você. Você é igual a ele, eu acho.

Aude adora ser igual a outras pessoas.

— Como?

— Ah, curiosa e cheia de vida, jeitosa com as mãos — Maman se cala um pouco; olha para Aude daquela maneira que Aude aceita com prazer encolhendo-se toda, o olhar reto, direto, escuro e profundo. Então ela fala. — Você tem os olhos dele, meu amor.

— Tenho?

— Ele era pintor.

— Como você. Tão bom como você foi?

— Ah, muito melhor — diz ela, afagando a carta dele. — Ele tinha mais experiência de vida para colocar nos quadros, o que é muito importante, embora eu não soubesse disso na época.

— Vai guardar a carta dele?

Aude sabe que não deve pedir para vê-la, embora fosse gostar de ler sobre o deserto.

— Talvez. Com outras cartas. Todas as cartas que fui capaz de guardar. Algumas delas serão suas quando você for mais velha.

— Como elas vão chegar a mim?

Maman abaixa o véu e sorri, faz um afago no rosto de Aude com os dedos sem luva.

— Eu mesma hei de entregá-las a você. Ou hei de lhe dizer onde encontrá-las.

— Gostou do xale que ganhei do Papa?

Aude abre-o sobre suas saias de musselina branca e de pesada seda preta de Maman.

— Muito — diz Maman. Ela alisa o xale, que cobre a carta e os selos grandes e estranhos. — E as margaridas são quase tão bonitas quanto as que você borda. Mas as suas são mais, porque sempre parecem vivas.

CAPÍTULO 101

MARLOW

Robinson me recebeu cordialmente quando voltei à sua casa. Não tentou se levantar, mas estava todo arrumado com calças de flanela cinza, uma camisa preta de gola rulê e um paletó marinho, como se fosse sair para almoçar e não ficar imóvel sentado em seu salão. Eu ouvia as panelas batendo na cozinha, para onde Yvonne se retirara, e senti cheiro de cebolas refogadas na manteiga. Para meu deleite, ele me pediu imediatamente que lhe promettesse ficar para almoçar. Falei do Musée de Maintenon. Ele me fez tentar recitar o nome de cada quadro que ele doara ao museu.

— Não é má companhia para nossa Béatrice — disse, sorrindo.

— Não... Monet, Renoir, Vuillard, Pissarro...

— Ela será mais apreciada num novo século.

Era difícil acreditar num novo século, aqui nesse apartamento onde os mesmos livros e os mesmos quadros estavam há quase cinquenta anos e até as plantas pareciam ter a idade de Mary.

— Paris comemorou muito bem, não? O milênio?

Ele sorriu.

— Aude se lembrava da véspera de Ano Novo de 1900, sabe. Tinha quase 20 anos.

E ele próprio ainda não havia nascido. Perdera o século da infância de Aude.

— Eu poderia lhe pedir mais uma coisa, se não for inconveniente? Isso poderia me ajudar no tratamento de Robert, presumindo que o senhor consiga ser tão generoso.

Ele deu de ombros sem fazer objeções — o perdão relutante de um cavalheiro.

— Eu me pergunto o que acha das razões que levaram Béatrice de Clerval a parar de pintar. Robert Oliver é muito inteligente, e deve ter pensado muito nisso. Mas o senhor tem as suas teorias?

— Não lido com teorias, doutor. Vivi com Aude de Clerval. Ela me confiava tudo — endireitou-se um pouco. — Era uma grande mulher, como a mãe, e essa questão a perturbava. Como psiquiatra, pode ver que ela devia se sentir culpada pelo fim da carreira da mãe. Nem toda mulher abre mão de tudo por um filho, mas Aude sabia que a mãe abria, e isso foi um peso para ela a vida inteira. Como lhe disse, ela tentou pintar e desenhar, mas não tinha talento. E nunca escreveu nada pessoal sobre a mãe nem sobre sua própria vida. Era uma jornalista firme, muito profissional, muito corajosa. Durante a guerra, cobriu Paris para *la Résistance*, uma outra história. Mas às vezes me falava sobre a mãe.

Esperei tão calado quanto Robert. Afinal o velho tornou a falar.

— É um mistério, a sua vinda aqui, e a de Robert antes da sua. Não estou acostumado a conversar com estranhos. Mas vou lhe dizer algo que nunca disse a ninguém, e certamente não disse a Robert Oliver. Quando estava morrendo, Aude me deu este maço de cartas que o senhor fez a gentileza de me devolver. Junto, havia um bilhete da mãe para a filha. Aude me pediu para ler o bilhete e depois queimá-lo, o que eu fiz. E ela me deu o resto das cartas para guardar. Nunca havia me mostrado essas coisas. Fiquei magoado com isso, entende, porque sempre achei que dividíamos tudo. O bilhete da mãe para Aude dizia duas coisas. Uma era que ela amava Aude mais que tudo no mundo porque ela era a filha do seu maior amor. E, a outra era que estava deixando a prova daquele amor com sua criada, Esmé.

— Sim. Lembro-me do nome nas cartas.

— Leu as cartas?

Fiquei assustado. Depois me dei conta de que ele falara sério quando disse que andava meio esquecido.

— Sim, como disse, achei que devia lê-las pelo bem do meu paciente.

— Ah, bem, isso agora não importa.

Ele tamborilou com os dedos no braço da cadeira; julguei poder ver um ponto puído no estofado embaixo deles.

— Disse que Béatrice deixou alguma coisa com Esmé?

— Acho que deixou, mas Esmé morreu, sabe, pouco depois de Béatrice. Teve uma doença súbita, e talvez simplesmente não tivesse conseguido dar a Aude o que quer que tenha pertencido à Béatrice. Aude sempre disse que Esmé morreu de desgosto.

— Béatrice devia ser uma boa patroa.

— Se era igual à filha, era uma pessoa maravilhosa — sua fisionomia ficou mais triste.

— E Aude nunca soube que prova de amor era essa?

— Não, nunca soubemos. Aude queria muito saber. Procurei informações sobre Esmé, e descobri num registro municipal que o nome completo dela era Esmé Renard, e que nasceu, acho eu, em 1859. Mas não consegui achar mais nada. Os pais de Aude compraram uma casa na aldeia de onde Esmé viera, mas a casa foi vendida quando Yves morreu. Nem me lembro o nome dessa aldeia.

— Então ela nasceu oito anos depois de Béatrice — ressaltei.

Ele se mexeu na cadeira e protegeu os olhos da luz, como se para me ver com mais clareza.

— O senhor sabe tanto sobre Béatrice — disse, admirado. — Também a ama, como Robert Oliver?

— Tenho boa memória para números.

Eu começava a achar que devia deixar o velho antes que ele se cansasse de novo.

— De qualquer maneira, não encontrei nada. Justo antes de morrer, Aude disse que a mãe dela era a pessoa mais encantadora do mundo, fora — ele pigarreou —, fora eu. Então, talvez ela não tivesse necessidade de saber mais.

— Sem dúvida, bastava isso — disse eu para consolá-lo.

— Gostaria de ver o retrato dela? De Béatrice?

— Sim, claro. Já vi a peça de Olivier Vignot no Metropolitan Museum.

— Um bom retrato. Mas tenho uma fotografia, o que é muito raro... Aude disse que a mãe não gostava de ser fotografada. Aude não queria que ninguém a publicasse. Guardei-a no meu álbum.

Ele se levantou muito lentamente, antes que eu pudesse protestar, e pegou uma bengala ao lado da cadeira. Ofereci meu braço; ele aceitou, de má vontade, e fomos até uma estante do outro lado da sala, para onde ele apontou com a bengala. Retirei o pesado álbum de couro que ele indicara — gasto em alguns pontos, mas ainda com um retângulo dourado em alto-relevo na capa. Abri-o numa mesa próxima. No interior, havia fotos de família de várias épocas, e desejei pedir para ver todas elas; criancinhas em vestidos de babados olhando para frente, noivas do século XIX parecendo pavões brancos, irmãos ou amigos requintados de cartola e sobrecasacas, mãos nos ombros uns dos outros. Perguntei-me se Yves poderia estar entre eles, talvez aquele homem sorridente de barba escura e ombros largos, ou Aude, uma garotinha de vestido rodado e botas abotoadas. Mesmo se eles estivessem no álbum, ou se algum deles fosse o próprio Olivier Vignot, Henri Robinson os estava pulando de propósito, e não me atrevi a interromper sua mente nem suas mãos frágeis. Afinal, ele parou.

— Esta é Béatrice — disse.

Eu a teria reconhecido em qualquer lugar; mesmo assim era aflitivo ver seu rosto ao natural. Ela estava em pé, sozinha, uma das mãos num pedestal de estúdio e a outra segurando a saia preta — a mais artificial das poses, e, no entanto, sua figura era cheia de energia. Eu conhecia seus olhos muito escuros, o contorno de sua mandíbula, o pescoço esguio, a farta cabeleira puxada para cima desde as orelhas. Ela usava um vestido escuro comprido com uma espécie de xale nos ombros. As mangas do vestido eram bufantes na parte de cima e iam afinando em direção aos punhos; sua cintura era pequena e apertada, e suas saias tinham uma barra larga de uma cor mais clara, com um engenhoso padrão geométrico. A dama da moda, pensei: uma artista no vestir, se não na prática.

O retrato era profissionalmente datado, 1895, e trazia o nome e o endereço de um estúdio fotográfico de Paris. Algo velado estava me

puxando, um lembrete, uma figura de outro lugar, uma melancolia da qual eu não conseguia me livrar. Durante um bom tempo, achei que minha memória não fosse muito melhor que a de Henri Robinson, na verdade, pensei que fosse muito pior. Então, virei-me para ele.

— Monsieur, o senhor tem algum livro sobre a obra de... — O que era? Onde estava? — Estou procurando um quadro, quer dizer, um livro dos quadros de Sisley, se por acaso tiver algum.

— Sisley? — ele franziu o cenho como se eu lhe pedisse uma bebida que ele não tivesse à mão. — Acho que tenho alguma coisa. Estaria naquela seção — tornou a agitar a bengala no ar, apoiando-se no meu braço. — Aqueles são impressionistas, começando com os seis originais.

Fui até as estantes dele e comecei a olhar, lentamente, e não encontrei nada. Havia um livro sobre paisagens impressionistas, e este tinha Sisley no índice, mas não o que eu procurava. Afinal, encontrei um volume com cenas de inverno.

— Esse é novo — Henri Robinson olhava para o livro com uma acuidade surpreendente. — Robert Oliver me deu quando estive aqui da segunda vez.

Segurei o volume; um presente caro.

— Mostrou a ele a fotografia de Béatrice?

Ele pensou um instante.

— Acho que não. Eu me lembraria disso. Ademais, se eu tivesse mostrado, ele poderia tê-la roubado também.

Eu tinha que admitir que essa era uma possibilidade. O quadro de Sisley estava ali, para meu alívio, conforme eu me lembrava dele das visitas à National Gallery: uma mulher distanciando-se em uma rua de aldeia ladeada de muros altos, pisando na neve, os galhos nus e escuros das árvores, o crepúsculo de inverno. Era uma obra espantosa, mesmo na reprodução. O vestido da mulher balançando enquanto ela andava, a apreensão da urgência na figura dela, a capa escura e curta, a inusitada barra azul de sua saia. Mostrei o livro a Henri Robinson.

— Isso lhe parece familiar?

Ele examinou a imagem por um bom tempo, depois balançou a cabeça.

— Acha mesmo que há uma ligação?

Levei o álbum até ele e cotejei as imagens. A saia, sem dúvida, era igual.

— Este vestido poderia ser um modelo popular?

Henri Robinson apertou minha mão, e tornei a pensar em meu pai.

— Acho que não é possível. Uma dama só se vestiria com roupas feitas especialmente para ela por uma costureira, naquela época.

Eu estava lendo o texto embaixo do quadro. Alfred Sisley pintara-o quatro anos antes de morrer, em Grémière, a oeste de sua própria aldeia, Moret-sur-Loing.

— Posso me sentar para pensar um pouco? — perguntei. — Posso ver suas cartas um instante?

Henri Robinson permitiu que eu o ajudasse a voltar para sua cadeira e entregou-me as cartas com mais relutância. Não, eu não sabia ler muito bem o francês, o texto. Precisaria examinar a minha cópia, a tradução de Zoe, no hotel. Desejei ter trazido minhas cópias comigo — a coisa óbvia a fazer. Mary já teria resolvido isso, eu tinha certeza com seu confiante “É isso aí, Sherlock”. Devolvi-lhe as cartas, frustrado.

— Monsieur, eu gostaria de lhe telefonar hoje à noite. Posso? Estou pensando sobre o que essa relação entre a fotografia e o quadro de Sisley poderia significar.

— Também vou pensar — disse ele com simpatia. — Duvido que possa significar muito, mesmo que o vestido seja igual, e quando tiver a minha idade, o senhor verá que, em última instância, isso não tem importância. Agora Yvonne está nos esperando para almoçar.

Sentamos frente a frente numa mesa lustrosa na sala de jantar, atrás de outra porta verde fechada. Aquele cômodo também era coberto de quadros e fotografias emolduradas que representavam a Paris do período entre as Guerras, imagens límpidas, tristes: o rio, a Torre Eiffel, pessoas de casacos e chapéus pretos, uma cidade que

eu jamais conheceria. O frango ensopado com cebolas estava delicioso; Yvonne veio perguntar se havíamos gostado da comida e ficou para beber meio copo de vinho conosco, enxugando a testa com as costas da mão.

Depois do almoço, Henri parecia tão cansado que aproveitei a deixa e me preparei para sair, lembrando-lhe de que eu iria lhe telefonar.

— E precisa vir se despedir — disse-me ele.

Ajudei-o a chegar até sua cadeira e sentei-me com ele mais um instante. Quando me levantei para sair, ele tentou se levantar de novo, mas eu o detive e apertei sua mão. Ele, de repente, pareceu adormecer e retirei-me em silêncio.

Ao alcançar a porta da sala de estar, ele me chamou:

— Será que lhe mencionei que Aude era filha de Zeus?

Os olhos dele brilhavam, um jovem me olhando daquele rosto velho aturdido. Eu devia saber, pensei, que ele é que me contaria em voz alta o que eu achava havia tanto tempo.

— Sim. Obrigado, Monsieur.

Quando o deixei, ele tinha o queixo afundado nas mãos.

CAPÍTULO 102

MARLOW

No quarto acanhado do hotel, deitei-me com a tradução de Zoe e localizei a passagem:

Estou um pouco cansada hoje, e não consigo me concentrar em nada a não ser escrever cartas, embora minha pintura tenha andado bem ontem porque encontrei um bom modelo, Esmé, outra de minhas criadas; ela uma vez me disse, timidamente, quando lhe perguntei se conhecia nossa adorada Louveciennes, que a cidade dela fica logo ao lado, e se chama Grémière. Yves diz que eu não deveria atormentar as criadas fazendo-as posar para mim, mas onde mais eu poderia encontrar um modelo tão paciente?

Na loja que fica ao lado do hotel, consegui comprar um cartão telefônico pelo valor equivalente a vinte dólares — muito tempo de conversa para os Estados Unidos — e um mapa que mostrava a malha rodoviária da França. Eu havia visto muitas cabines telefônicas na Gare de Lyon, do outro lado da rua, e fui até lá com o maço de cartas na mão, sentindo aquele prédio colossal pairando lá no alto, suas esculturas externas corroídas pela chuva ácida. Desejei por um breve momento poder entrar ali e embarcar num trem a vapor, ouvi-lo apitar e arfar, tomá-lo na estação para entrar em um mundo que Béatrice reconhecesse. Mas lá dentro só havia três elegantes TGVs, com design futurista, parados no fim da linha, e o eco de ininteligíveis anúncios de partida.

Sentei-me no primeiro banco vazio que pude achar e abri meu mapa. Louveciennes era a oeste de Paris, se a gente acompanhasse o Sena e os passos dos impressionistas; eu já vira

várias cenas de Louveciennes no Musée d'Orsay no dia em que cheguei, incluindo uma do próprio Sisley. Encontrei Moretsur-Loing, onde ele morrera. Perto dali, um pontinho — Grémière. Fechei-me numa das cabines telefônicas e liguei para Mary. Era de tarde em Washington, mas ela já estaria em casa, pintando ou se preparando para a aula noturna. Para meu alívio, ela atendeu depois do segundo toque.

— Andrew? Você está bem?

— Claro. Estou na Gare de Lyon. É maravilhosa. — De onde eu me encontrava, dava para ver por trás da vidraça os murais acima do Le Train Bleu, que já fora o Buffet de la Gare de Lyon, o restaurante de estação mais elegante da época de Béatrice, ou de Aude, pelo menos. Continuava servindo jantar um século depois. Desejei muito que Mary estivesse comigo.

— Eu sabia que ligaria.

— Como você está?

— Ah, pintando — disse ela. — Aquarelas. Cansei da minha natureza-morta. A gente devia fazer uma excursão para pintar paisagem quando você voltar.

— Claro. Pode programar.

— Está tudo bem?

— Sim, mas estou ligando a respeito de um problema. Não um problema prático, exatamente. Está mais para um enigma para Holmes.

— Posso ser seu Watson, então — disse ela rindo.

— Não, você é o meu Holmes. Eis a questão. Alfred Sisley pintou uma paisagem de aldeia em 1895. Representa uma mulher descendo uma rua, usando um vestido escuro com um desenho especial na barra, uma espécie de padrão geométrico grego. Vi na National Gallery, portanto talvez você conheça.

— Não me lembro desse.

— Acho que ela está com o vestido de Béatrice de Clerval.

— O quê? Como raios você sabe disso?

— Henri Robinson tem uma fotografia dela com esse vestido. Ele é fabuloso, por sinal. E você tinha razão a respeito das cartas. Robert pegou-as na França. Tirou-as de Henri, sinto muito dizer.

Ela ficou calada um instante.

— E você as devolveu?

— Claro. Henri ficou muito feliz de tê-las de volta.

Achei que ela devia estar refletindo sobre Robert e seus vários crimes, mas depois ela disse:

— Mesmo que você tenha certeza de que é o mesmo vestido, que importância tem isso? Talvez eles se conhecessem e ela tenha posado para ele.

— A aldeia onde ele a pintou chamava-se Grémière, que era a aldeia natal da criada de Béatrice. Henri me disse que Aude, a filha de Béatrice, contou a ele em seu leito de morte que a mãe deu à empregada uma coisa importante, uma prova do amor dela pela filha. Aude nunca descobriu o que era.

— Quer que eu vá a Grémière com você?

— Quem dera você poder ir. É o que eu devo fazer?

— Não vejo como você poderia encontrar alguma coisa numa cidade inteira, e depois de tanto tempo. Talvez uma das duas esteja sepultada ali?

— Provavelmente Esmé. Não sei. Acho que os Vignot devem estar sepultados em Paris.

— Sim.

— Será que estou fazendo isso por Robert? — eu queria ouvir de novo a voz dela, tranquilizadora, carinhosa, zombeteira.

— Não seja bobo, Andrew. Você está fazendo isso por você mesmo, como sabe perfeitamente bem.

— E um pouco por você.

— E um pouco por mim.

Ela ficou em silêncio do outro lado daquele cabo atlântico sem-fim. Ou seria satélite agora? Ocorreu-me que, aproveitando o ensejo, eu devia ligar para o meu pai.

— Vou dar um pulinho lá, já que é perto de Paris. Não pode ser muito difícil ir de carro para aquela região. Eu gostaria de poder ir a Étretat também.

— Talvez a gente vá junto um dia, vamos ver.

A voz dela estava embargada, e ela pigarreou.

— Eu ia esperar, mas será que posso lhe falar sobre uma coisa?

— Sim, claro.

— É meio difícil saber por onde começar, porque descobri ontem que estou grávida.

Fiquei parado, apertando o fone na mão, consciente por um instante apenas da sensação física, um registro sísmico de diferença.

— E é...

— É, com certeza.

Eu queria dizer algo diferente.

— E é...

A porta que se abriu naquele momento em minha mente parecia sustentar uma figura ameaçadora, embora minha cabine permanecesse firmemente fechada.

— É seu, se é o que quer saber.

— Eu...

— Não pode ser de Robert — dava para ouvir a firmeza dela no telefone, sua determinação de me contar tudo isso sem rodeios, os dedos longos segurando o fone do outro lado do oceano. — Lembre-se, eu já não via Robert há muitos meses, nem queria ver. Você sabe perfeitamente bem que nunca fui visitá-lo. E não existe outra pessoa. Só você. Eu estava me precavendo, como sabe, mas há um índice de falha com quase tudo. Nunca engravidei antes. Sempre fui muito cuidadosa.

— Mas eu...

Uma risada impaciente.

— Não vai dizer alguma coisa a respeito? Felicidade? Horror? Desapontamento?

— Me dê um instante, por favor.

Encostei na cabine, pus a testa no vidro, sem me importar quais outras cabeças tivessem encostado ali nas últimas vinte e quatro horas. Então comecei a chorar. Havia anos que eu não chorava; uma vez, um momento de lágrimas quentes e revoltadas depois do suicídio de um dos meus pacientes preferidos — mas, mais importante, anos antes disso, quando estava sentado ao lado da minha mãe, segurando sua mão macia e sem vida, embora ainda quente, e me dando conta depois de um bom tempo de que ela não me ouvia mais, de modo que não se importaria se eu chorasse, mesmo que eu tivesse prometido dar apoio ao meu pai. Ademais, ele é que me apoiara. Ambos estávamos familiarizados com a morte, pelo nosso trabalho; mas ele consolara os entes queridos do morto a vida inteira.

— Andrew? — A voz de Mary estava procurando na linha, ansiosa, magoada. — Você está aflito? Não precisa fingir...

Esfreguei a manga da camisa no rosto, batendo com as abotoaduras no nariz.

— Então você não vai se importar de casar comigo?

Dessa vez, a risada dela era familiar, apesar de abafada, a alegria contagiante que eu notara em Robert Oliver. Será que eu notara mesmo isso? Ele nunca rira comigo; devo ter pensado na descrição de outra pessoa. Ouvi-a tentando acalmar a voz.

— Não vou me importar, Andrew. Achei que nunca haveria de querer me casar com ninguém, mas você não é ninguém. E não é por causa do bebê.

Na hora que ouvi aquelas palavras — o bebê — minha vida se dividiu em duas, mitose do amor. Uma metade nem sequer estava totalmente presente ainda; mas aquelas duas pequenas palavras, pelo telefone, criaram um mundo novo para mim, ou duplicaram o que eu conhecia.

CAPÍTULO 103

MARLOW

Depois de assoar o nariz e passar alguns minutos rodando pela estação, liguei para o número que Henri me dera.

— Vou alugar um carro e ir a Grémière amanhã de manhã. Gostaria de vir junto?

— Ando pensando nisso, Andrew, e acho que não vai descobrir nada, mas talvez ir até lá lhe dê prazer.

Tive imensa satisfação ao ouvi-lo me chamar pelo primeiro nome.

— Então poderia vir, se não parecer loucura? Eu facilitaria tudo para o senhor, na medida do possível.

Ele suspirou.

— Não saio muito de casa agora, a não ser para ir ao médico. Eu o retardaria.

— Não me importo de andar devagar.

Abstive-me de lhe contar sobre meu pai, que continuava dirigindo para visitar os paroquianos e fazia caminhadas. Era quase dez anos mais moço — àquela altura, uma vida, em termos de agilidade.

— Ah — ele estava pensando. — Acho que o pior que pode acontecer é essa viagem me matar. Então você pode trazer meu corpo para Paris e sepultá-lo ao lado de Aude de Clerval. Morrer de cansaço numa bela aldeia não seria o pior destino.

Eu não sabia o que dizer, mas ele estava rindo, e ri também. Desejei lhe contar minha novidade. Era uma pena que Mary não pudesse conhecer este homem, que poderia ser seu avô, ou mesmo seu bisavô, parecido com ela nas pernas esguias e no humor malicioso.

— Posso pegá-lo amanhã, às nove?

— Sim. Não vou dormir a noite inteira — e desligou.

Dirigir em Paris é um pesadelo para o estrangeiro. Só Béatrice poderia ter me persuadido a fazer isso, e eu tinha uma sensação de que deveria simplesmente fechar os olhos — e às vezes arregalá-los mais do que antes — para sobreviver ao tráfego caótico, às placas estranhas e às ruas de mão única. Eu suava quando encontrei o prédio de Henri, e fiquei aliviado de poder estacionar ali, ainda que ilegalmente e com o pisca-pisca ligado, durante os vinte minutos que Yvonne e eu levamos para ajudá-lo a descer a escada. Se eu fosse Robert Oliver, eu poderia simplesmente pegar Henri no colo e descer com ele, mas não me atrevi a sugerir uma coisa dessas. Ele se acomodou no banco do carona, e a governanta colocou uma cadeira de rodas dobrada e mais uma manta na mala, deixando-me mais aliviado — conseguiríamos pelo menos nos locomover por parte do vilarejo em segurança.

Saímos com êxito de um dos grandes bulevares, Henri orientando-me com uma memória surpreendente, depois atravessamos as zonas residenciais da periferia, um vislumbre do amplo rio Sena, estradas sinuosas, bosques, os primeiros vilarejos. Logo a oeste de Paris, o terreno ficava mais acidentado; eu nunca estivera nessa região. Era uma mistura de colinas íngremes e tetos de ardósia, igrejas patinadas pelo tempo e árvores altaneiras, cercas cobertas com a primeira onda de rosas. Abaixei a janela no ar fresco e Henri olhou firme em volta, calado, o rosto de cera, às vezes sorrindo.

— Obrigado — disse ele uma vez.

Saímos da estrada principal em Louveciennes e cruzamos a cidade devagar, para Henri me mostrar onde os grandes pintores haviam vivido e trabalhado.

— Esta cidade foi quase destruída na invasão prussiana. Pissarro tinha uma casa aqui. Ele precisou fugir com a família, e os

soldados prussianos que moraram na casa usaram os quadros dele como tapetes. Os açougueiros da cidade os usavam para fazer aventais. Ele perdeu mais de cem quadros, anos de trabalho — Henri pigarreou, tossiu. — *Saluds*.

Para lá de Louveciennes, a estrada se estendia ao longe; passamos os portões de um pequeno *château*, um lampejo de pedra cinza e árvores grandes. A cidade seguinte era Grémière, e era tão pequena que eu quase perdi a entrada. Vi a placa quando viramos na praça, que era realmente apenas um trecho calçado de pedra diante de uma igreja. A igreja era muito antiga, provavelmente normanda, e era atarracada, com torres pesadas, os animais no portal desgastados pelo vento. Estacionei ali perto, observado por algumas velhas calçando galochas e com sacolas de compras nas mãos, e retirei do carro a cadeira de rodas, e depois Henri.

Não havia necessidade de ter pressa, pois não sabíamos por que estávamos ali. Henri pareceu gostar do café tranquilo que tomamos no único café local, onde estacionei sua cadeira de rodas ao lado de uma mesa e abri a manta sobre seus joelhos. Era uma manhã fria, mas primaveril ao sol; os castanheiros estavam floridos num trecho de estrada à direita, pendões cor-de-rosa e brancos. Peguei o jeito de empurrar a cadeira — meu pai certamente precisaria de uma destas algum dia — e seguimos pela primeira rua murada para ver se era a certa. Contornei uma pedra quebrada do calçamento. Meu pai, muito provavelmente, viveria para conhecer o neto.

Henri insistira em trazer o livro de Sisley; após algumas tentativas, decidimos que uma daquelas ruas muradas combinava com o quadro, e fiz algumas fotos. Cedros e plátanos debruçavam-se sobre o muro, e, no fim, havia uma casa, aquela para a qual Béatrice — se é que era ela — se encaminhava no quadro. A casa tinha venezianas azuis e potes de gerânios na porta de entrada; havia sido meticulosamente restaurada, e talvez os proprietários morassem em Paris. Toquei a campainha em vão, com Henri sentado na cadeira de rodas no caminho que conduzia à casa.

— Não adianta — eu disse.

— Não adianta — ecoou ele.

Fomos ao armazém e perguntamos ao vendeiro sobre uma família chamada Renard, mas ele encolheu os ombros com simpatia e continuou pesando linguças. Entramos na igreja, contornando os degraus para conseguir passar. O interior era frio, sem luz, uma caverna. Henri estremeceu e me pediu que o levasse para a nave, onde ficou um instante de cabeça baixa — revisitando seus espíritos, pensei. Depois entramos na *mairie* para ver se havia algum registro de Esmé Renard ou de sua família. A senhora na recepção ficou feliz de poder ajudar; nitidamente, passara a manhã inteira sem ver ninguém e se cansara de digitar, e quando apareceu outro funcionário — nunca entendi bem quem ele era, embora, num lugar tão pequeno, poderia ser o próprio prefeito — os dois procuraram alguns documentos para nós. Eles tinham arquivos sobre a história da aldeia, e também um registro de nascimentos e óbitos que originalmente ficava na igreja mas que agora estava guardado numa caixa de aço à prova de fogo. Nada de Renard; talvez eles não fossem proprietários do imóvel onde moravam e apenas o alugassem.

E então agradecemos aos dois e estávamos saindo do prédio. Na entrada, Henri fez sinal para que parássemos e virou-se para trás para pegar minha mão.

— Não tem importância — disse simpático. — Muitas coisas nunca são explicadas, sabe. Isso não é realmente uma coisa ruim.

— O senhor disse isso ontem, e tenho certeza de que tem razão — falei, e apertei sua mão delicadamente; era como um feixe de palitos quentes.

O que ele dizia era verdade; meu coração já corria para outra coisa. Ele deu pancadinhas no meu braço.

Custei um pouco a virar a cadeira para a saída. Quando ergui os olhos, o desenho estava ali, emoldurado, pendurado na antiga parede de gesso da entrada, um ousado fragmento em grafite sobre papel: um cisne, mas não a vítima do quadro que eu vira na véspera; este estava antes se preparando para pousar do que tentando voar. Embaixo dele, havia uma forma humana, uma perna

graciosa, uns tecidos. Cuidadosamente puxei o freio da cadeira de Henri e dei um passo à frente. O cisne, a panturrilha da donzela, o lindo pé, e as iniciais marcadas num dos cantos, apressadas, mas reconhecíveis, como eu havia visto nas flores e na relva perto do pé do ladrão calçado com a bota pesada. Era uma assinatura conhecida, mais como um caractere chinês do que como um conjunto de letras latinas, sua marca característica. Ela fizera aquela marca um número limitado de vezes e parara definitivamente de pintar. A porta do escritório atrás de nós estava fechada, e eu cuidadosamente tirei o pequeno quadro da parede e o coloquei no colo de Henri, segurando-o para que ele não o deixasse cair sem querer. Ele ajustou os óculos, olhou com atenção.

— Ah, *mon Dieu* — disse.

— Vamos voltar lá dentro.

Olhamos até nos fartarmos e tornei a pendurar o quadro na parede, os dedos tremendo.

— Ou eles ou alguém há de saber alguma coisa sobre isso.

Demos meia-volta e retornamos ao escritório, onde Henri pediu, em francês, informações sobre o desenho na entrada. O jovem prefeito — ou fosse lá quem fosse — estava de novo feliz de nos ajudar. Tinham vários desenhos como aquele numa gaveta — ele não estava ali quando foram encontrados, numa casa que estava sendo restaurada, mas seu antecessor gostara dos trabalhos e mandara emoldurá-los. Pedimos para vê-los, e, após procurar um pouco, ele encontrou um envelope e o entregou a nós. Precisava atender a um telefonema no escritório, mas podíamos ficar à vontade ali, sob a vigilância da secretária, e examinar os desenhos, se quiséssemos.

Abri o envelope e entreguei os desenhos a Henri um por um. Eram estudos, a maioria em papel marrom pesado — asas, arbustos, a cabeça e o pescoço do cisne, a figura da menina na relva, uma mão de perto escavando a terra. Com eles havia uma folha de papel grossa, que abri e entreguei a Henri.

— É uma carta — disse ele. — Só aí esperando.

Assenti com a cabeça, e ele leu, tropeçando, traduzindo para mim, às vezes parando quando sua voz se embargava.

Setembro de 1879

Meu lindo,

Estou lhe escrevendo do que parece a maior distância possível, na maior agonia possível. Temo estar separada de você para sempre, e isso está me matando. Escrevo-lhe às pressas do meu ateliê, aonde você nunca mais deve voltar. Vá à casa, em vez disso. Não sei como começar. Depois que você foi embora hoje à tarde, continuei trabalhando na figura; estava me dando problema e me demorei mais tempo que esperava. Às cinco, quando a luz começou a cair, bateram à porta; achei que poderia ser Esmé, voltando com meu xale. Mas, era Gilbert Thomas, que você conhece. Ele entrou com uma mesura e fechou a porta. Fiquei surpresa, mas presumi que ele ficara sabendo que Yves me dera um ateliê.

Ele disse que parara primeiro na casa e soubera que eu estava ali perto. Foi educado — disse que, há algum tempo, queria falar comigo sobre minha carreira, que, como eu sabia, sua galeria era um grande sucesso e precisava apenas de novos pintores para ter mais sucesso ainda, que havia muito tempo ele admirava meu talento etc., curvando-se de novo, com o chapéu na frente. Então, se adiantou e estudou o nosso quadro e perguntou se eu o havia pintado sozinha, sem ajuda — aqui ele fez um gesto delicado, reconhecendo meu estado, embora eu ainda estivesse de avental; não quis explicar que eu terminaria o quadro em breve e daria início a meu resguardo; e não querendo constranger a ele nem a mim, nem mencionar a sua ajuda, fiquei quieta. Ele olhou atentamente para a superfície do quadro e disse que era uma pintura extraordinária e que eu desabrochava sob a tutela do meu mentor. Comecei a ficar constrangida, embora ele não pudesse saber que havíamos trabalhado juntos. Ele perguntou que preço eu poderia colocar nele, e eu disse que não pretendia vendê-lo antes que fosse julgado pelo Salon, e

mesmo depois disso talvez eu quisesse guardá-lo. Sorrindo com simpatia, ele perguntou que preço eu poderia colocar na minha reputação ou na da criança que eu esperava.

Fingi limpar o pincel para poder refletir um pouco, depois perguntei com toda a calma possível o que ele queria dizer. Ele respondeu que eu devia estar pretendendo apresentar o quadro sob o nome de Marie Rivière mais uma vez — que isso não era segredo para ele, que passava os dias analisando as obras de pintores. Mas nem Marie nem eu daríamos menos valor à reputação dela do que à de um quadro. Ele, naturalmente tinha a mente aberta em relação à pintura de mulheres. Na verdade, em sua viagem a Étretat no fim de maio, ele vira uma mulher trabalhando ao ar livre, na praia e nos penhascos, acompanhada, como era de bom-tom, por um parente mais velho, e ele tinha um bilhete que ela poderia não ter visto. Tirou o bilhete do bolso, deixou que eu o lesse sem, contudo, me deixar pegá-lo. Vi imediatamente que era um que você me escrevera naquela manhã, e que tinha o selo rompido. Eu nunca o vira, mas era a sua letra, endereçado a mim, suas palavras sobre nós, sobre nossa noite — ele tornou a guardá-lo no bolso.

Ele disse que era maravilhoso como as mulheres começavam a entrar na profissão, e que meu quadro podia competir com qualquer um dos outros que ele já vira. Mas uma mulher pode mudar de ideia no que toca à pintura depois de se tornar mãe, e certamente no que toca a qualquer escândalo público. O dinheiro não era uma recompensa suficiente para este quadro extraordinário, mas se eu o terminasse com toda a minha habilidade, ele o honraria com uma assinatura. A honra seria toda dele, na verdade, porquanto o quadro já era magnífico, uma combinação perfeita de antigo e novo, pintura clássica e natural — a moça era especialmente boa, jovem e retratada com uma beleza que seria suficiente para atrair qualquer pessoa — e ele ficaria feliz de fazer o mesmo com quaisquer quadros futuros, com o entendimento de que eu seria poupada de qualquer inconveniente. Ele divagava como se estivesse simplesmente

comentando sobre os equipamentos do ateliê ou sobre alguma cor interessante que eu estivesse usando.

Não consegui olhar para ele, nem falar. Se você estivesse presente, receio que o teria matado, ou ele a você. Na verdade, eu gostaria que ele estivesse morto, mas não está, e não tenho a menor dúvida de que ele falava sério. O dinheiro não pode fazê-lo mudar de ideia. Mesmo que eu mande o quadro para ele quando estiver pronto, ele não nos dará paz. Você precisa ir embora, meu querido. É apavorante, especialmente uma vez que a amizade que é a alegria da minha vida e deu ao meu pincel toda essa nova habilidade é agora completamente pura. Diga-me o que fazer e saiba que, o que quer que você decida, meu coração estará com você, mas poupe Yves, só isso, por favor, meu amor. Não posso ter piedade de mim nem de você. Vá a minha casa mais uma vez e leve consigo todas as minhas cartas, e pensarei no que fazer com elas. Eu nunca pintarei para esse monstro depois de terminar, ou, se eu o fizer será só uma vez, para registrar a infâmia dele.

B.

Henri me olhou da cadeira.

— Meu Deus — disse eu. — Precisamos contar a eles. O que eles têm aqui. E estes desenhos.

— Não — disse ele. E tentou recolocar tudo dentro do envelope, depois indicou que eu devia ajudá-lo. Obedeci, porém vagarosamente. Ele balançou a cabeça. — Se sabem de alguma coisa, não há necessidade de saberem mais. É melhor para eles não saber. E se não sabem de nada, é melhor assim.

— Mas ninguém entende... — parei.

— Sim... você entende. Você entende tudo que precisa entender. E eu também. Se ao menos Aude estivesse aqui. Ela diria a mesma coisa — achei que ele fosse chorar, como quase chorara por causa das cartas, mas seu rosto brilhava. — Me leve para o sol.

CAPÍTULO 104

MARLOW

No avião para Dulles, tendo um cobertor sobre meus joelhos, imaginei a última carta de Olivier — queimada, talvez, na lareira do quarto de Béatrice em Paris.

1891

Minha querida,

Sei o risco que corro ao lhe escrever, mas você há de perdoar a necessidade de um velho artista de dizer adeus a uma camarada. Selarei esta com cuidado, acreditando que ninguém senão você a abrirá. Você nunca escreve, mas sinto sua presença em cada um de meus dias neste lugar estrangeiro, desolado e belo — sim, já tentei pintá-lo, embora só Deus saiba o que será das minhas telas. Yves me contou na última carta, oito meses atrás, que você não pinta mais e que se dedica à sua filha, que tem olhos azuis, é expansiva e inteligente. Quão encantadora e brilhante ela deve ser de fato se você tiver transferido aquele dom para a maneira como cuida dela. Mas como você pode, meu amor, deixar de lado o seu talento? Você poderia pelo menos tê-lo aproveitado em particular. Agora que já estou há dez anos na África e Thomas está morto, nenhum de nós poderia mais ser uma ameaça à sua reputação. Ele guardou o melhor do seu trabalho para a glória dele; você não poderia se vingar seguindo em frente e pintando melhor ainda? Mas você é uma mulher teimosa, como me lembro, ou pelo menos uma mulher determinada.

Não importa; vejo, aos 80 anos, o que eu não pude ver nem aos 70, que perdoamos quase tudo no fim exceto a nós mesmo.

Mas agora eu me perdoo, seja porque sou fraco de caráter ou porque qualquer um cairia como caí a seus pés, ou talvez simplesmente porque não tenho muito tempo de vida — quatro, seis meses. Não me importo, especialmente. Tudo que você me deu lançou uma luz de longo alcance nos meus anos e os tornou duas vezes mais luminosos. Não posso me queixar depois de ter tido tanto.

Mas não peguei na pena hoje para pôr sua paciência à prova com filosofia — mas antes para lhe dizer que há de se realizar o desejo que me manifestou em voz baixa, num momento que recordo com os sentimentos mais intensos, seu pedido de que eu morra com seu nome nos lábios. Morrerei. Tenho certeza de que não há necessidade de lhe dizer isso, e esta talvez nunca lhe chegue às mãos — o correio daqui é inconstante, na melhor das hipóteses. Mas há de chegar de algum modo aos seus ouvidos, aquele nome murmurado.

Agora, meu amor querido, pense em mim com todo o perdão que conseguir reunir, e que os deuses possam cumulá-la de felicidade até você ter muito mais idade do que esta velha ruína. Abençoados sejam sua filhinha e Yves, que ela seja feliz sob sua guarda. Conte-lhe uma ou duas histórias a meu respeito quando ela crescer. Deixo meu dinheiro para Aude — sim, Yves me disse o nome dela e guardará minhas economias para ela na conta em Paris. Use uma pequena parte dessa herança para levá-la um dia a Étretat. Você sabe que esse lugar, com todas as aldeias, penhascos e passeios, é o paraíso para um pintor, se algum dia você tornar a pegar um pincel. Beijo sua mão, meu amor.

Olivier Vignot

CAPÍTULO 105

MARLOW

A manhã de meu retorno a Goldengrove também estava ensolarada; parecia que eu trazia comigo a primavera da França. Eu também trazia o anel de Mary, um trabalho do século XIX, feito de ouro e rubis, que me custara mais que todas as minhas despesas dos últimos seis meses somadas. A equipe ficou feliz em me ver, e passei pelo primeiro ataque de mensagens e papelada com uma única xícara de café. As anotações da equipe, e as do dr. Crown, aos cuidados de quem eu deixara Robert, eram tranquilizadamente positivas; Robert ainda não falara, mas andara ocupado e alegre, parecera envolvido nas refeições comuns, sorria para os pacientes e para o pessoal.

Então me inteirei do estado de meus outros pacientes, dois dos quais eram novos. Um destes era uma menina, liberada do monitoramento de suicidas em potencial num hospital de Washington e determinada a se recuperar o suficiente para não causar mais sofrimento à família. Ela me contou que ver a mãe chorar de medo por causa dela mudara sua opinião a respeito de muitas coisas. A outra paciente nova era uma mulher de idade; eu desconfiava que não tinha condições físicas para estar ali, mas eu conversaria com sua família sobre ela. Ela me estendeu por um instante a mão fina como papel e eu a segurei. Depois peguei minha pasta e fui ver Robert.

Ele estava sentado na cama, um bloco de desenho sobre os joelhos e o olhar vago. Fui direto para ele e pus a mão em seu ombro.

— Robert, posso falar um minuto com você?

Ele se levantou. Vi a sua expressão de raiva, de surpresa, algo como mágoa. Perguntei-me se ele precisaria falar agora. *Você levou minhas cartas*. Talvez dissesse simplesmente: *Vá para o inferno*, com amargura, como eu lhe dissera. Mas ele simplesmente ficou ali parado.

— Posso me sentar?

Como ele não fizesse nenhum gesto, sentei-me no lugar de sempre, na poltrona, onde eu me sentia mais ou menos em casa, um lugar conhecido. Era estranho como ela me pareceu confortável.

— Robert, fui à França. Fui falar com Henri Robinson.

O efeito foi imediato; ele virou a cabeça bruscamente e derrubou o caderno de desenho no chão.

— Henri já o perdoou, acho eu. Devolvi-lhe as cartas. Sinto muito ter tido que pegá-las sem lhe pedir. Eu temia que você dissesse não.

Mais uma vez, um efeito imediato; ele se adiantou e eu me levantei, sentindo-me mais seguro assim. Eu tinha deixado a porta aberta, como sempre. Mas olhando para ele, vi que ele não estava hostil, apenas espantado.

— Ele gostou de tê-las de volta. Então fui com ele a uma aldeia que era mencionada nas cartas. Não sei se você se lembra: Grémière, de onde era a criada de Béatrice.

Ele olhava fixo para mim, pálido, as mãos pendendo ao lado do corpo.

— Lá não havia nenhum vestígio da família da criada, mas fui porque Henri me disse que Béatrice deixara algo naquela aldeia que comprovaria o amor dela pela filha. Encontramos um desenho, uma série de estudos, na verdade, com as iniciais dela.

Tirei meus próprios desenhos da pasta, tendo, por um momento, plena consciência da minha inabilidade. E os entreguei a ele em silêncio.

— Béatrice de Clerval, não Gilbert Thomas. Você adivinhou?

Ele segurou meus desenhos. Era a primeira vez que ele pegava algo que eu tentava lhe dar diretamente.

— Havia uma carta com esses estudos. Trouxe uma cópia para que você mesmo pudesse ler. Henri traduziu-a para mim, também. É de Béatrice para Olivier, e prova que Thomas chantageou Béatrice e declarou que uma das melhores obras dela era dele. Você adivinhou isso também, acho eu.

Dei-lhe as folhas dobradas. Ele ficou com elas na mão, o olhar parado. Então pôs a mão no rosto e ficou assim vários segundos, um tempo interminável. Quando descobriu os olhos, olhava diretamente para mim.

— Obrigado — disse.

Eu não sabia, ou não me lembrava, quão agradável era aquela voz, sonora, um tanto grave, uma voz apropriada.

— Há uma coisa que simplesmente não consigo entender — eu estava parado ao lado dele, vendo-o olhar primeiro para mim, depois para o desenho. — Se desconfiou que *Leda* era obra de Béatrice, por que quis machucá-la?

— Eu não quis.

— Mas entrou no museu com uma navalha, de propósito.

Ele sorriu, ou quase.

— Tentei cravá-lo nele, não nela. Mas eu também não estava com a cabeça no lugar.

Então eu percebi: o retrato de Gilbert Thomas contando suas moedas. Robert entrara na galeria sozinho. Sim — e sacara a navalha do bolso, abriu-a rapidamente, dera uma estocada quando o guarda que acabava de entrar pulou em cima dele por sua vez. E arranhara a moldura da cena pendurada ao lado do autorretrato de Gilbert Thomas. Perguntei-me o que teria acontecido com a mente de Robert, com o seu estado já frágil, se ele danificasse a *Leda*, seu amor. Um de seus amores. Toquei em seu ombro.

— E agora, está com a cabeça no lugar?

Ele estava sério, um homem fazendo um juramento.

— Já estou há algum tempo. Acho eu.

— Esta situação poderá se repetir, sabe, com ou sem Béatrice. Você precisará se tratar com um psiquiatra, ou quem sabe um

terapeuta, e tomar os seus remédios. Talvez para sempre, para ficar seguro.

Ele fez que sim com a cabeça. Tinha o rosto receptivo, atento.

— Posso recomendar outro psiquiatra se não ficar por aqui. E você sempre pode me chamar. Pense nisso primeiro. Você já está aqui há muito tempo.

Robert sorriu.

— Você também.

Tive que sorrir com ele.

— Eu gostaria de vê-lo novamente amanhã. Chegarei cedo, e aí você poderá assinar os termos de alta, se estiver se sentindo preparado. Vou informar à equipe. Pode dar quantos telefonemas precisar hoje.

Esta última parte foi a que eu tive mais dificuldade de dizer; havia uma pessoa com quem eu não queria que ele voltasse a ter contato.

— Eu gostaria de ver meus filhos — disse ele baixinho. — Mas vou ligar para eles depois, quando conseguir me instalar em algum lugar. Em breve.

Ele estava parado no meio do quarto, braços cruzados, olhos brilhando. Deixei-o então — ele retribuiu meu aperto de mão calorosamente, se bem que de modo um tanto distraído — e segui para os meus outros compromissos.

Consegui chegar a Goldengrove muito cedo na manhã seguinte, já que eu continuava no horário de Paris. Robert devia andar à minha espreita; apareceu na porta do meu escritório enquanto eu organizava o dia. Já vinha de banho tomado, barbeado e todo arrumado, vestido com as roupas que usava quando o vi pela primeira vez, e com o cabelo ainda molhado. Parecia um homem que despertara após dormir cem anos. A equipe aparentemente lhe dera algumas bolsas grandes para seus pertences, e ele as deixara encostadas no hall. Eu ainda sentia os braços de Mary em volta do

meu pescoço, via o anel em sua mão enquanto ela dormia. Ele não ligara para ela, e agora eu entendia, sem a menor dúvida, que ela não queria que ele fizesse isso. Eu teria que decidir se também informaria Kate sobre a alta dele, claro.

Robert sorriu para mim.

— Estou pronto.

— Tem certeza? — perguntei-lhe.

— Ligo se me meter numa encrenca.

— *Antes* de se meter numa encrenca.

Dei-lhe meus números de telefone e os documentos dele.

— Está bem.

Ele pegou os formulários e os leu até o fim, assinou sem hesitar, devolveu minha caneta.

— Precisa de carona para algum lugar? Ou posso lhe chamar um táxi.

— Não. Quero andar um pouco primeiro.

Ele era muito alto, retardava-se parado ali na porta do meu escritório.

— Sabe, infringi todas as regras por você — eu quis que ele ouvisse isso, ou talvez só quisesse dizer isso em voz alta.

Ele riu mesmo.

— Eu sei.

Ficamos nos olhando, e então Robert Oliver veio me dar um abraço. Eu nunca tive irmãos, nem um pai grande o suficiente para me esmagar, nem um amigo desse tamanho.

— Obrigado por ter se arriscado — disse.

Obrigado por sua vida, eu gostaria de ter lhe dito, mas não disse. Eu queria dizer, *Obrigado pela minha*.

Deixei-o ir sozinho, embora pudesse ter gostado de acompanhá-lo até a saída, para sentir o cheiro das primeiras horas da manhã que pertencia a ele de novo, as árvores floridas no velho caminho na frente do prédio. Ele foi direto pelo corredor para a porta principal, e eu o observei abri-la e sair, pegar suas sacolas e fechar a porta ao passar.

Em vez de acompanhá-lo fui ao seu quarto. Estava vazio, salvo por seu material de pintura; ele o empilhara organizadamente em uma prateleira. O cavalete estava no meio do quarto com um quadro terminado de Béatrice em cima. Ela não sorria, mas estava radiosa. Aquele seria para Mary, e vi que não me importava com a ideia de entregá-lo. Ele levava os outros quadros com ele.

Sei agora que imaginei corretamente, naquele dia. Robert iria para um lugar novo e pintaria: paisagens, naturezas-mortas, pessoas vivas com peculiaridades e encantos, e que pudessem envelhecer — peças que mais do que nunca adornariam coleções e ficariam expostas em museus. Eu não poderia prever de maneira exata, é claro, que sua ascensão ao reconhecimento duradouro seria a única mensagem que ele me deixaria, talvez para sempre, e a única de que eu precisava. Eu acompanharia os quadros que ele pintaria dos filhos à medida que crescessem, das novas mulheres em sua vida, dos pastos e praias desconhecidos onde ele montaria seu cavalete. Robert estivera certo — eu me arriscara, embora não inteiramente por ele. Como recompensa, guardei algo para mim: aqueles longos minutos em Paris, diante de um quadro que o mundo poderá não ver jamais. Tive minhas grandes recompensas, minhas alegrias, mas as pequenas são tão doces como qualquer outra.

1895

Quase noite. A luz agora está perdida; ramos escuros se fundem uns com os outros e com o céu cada vez mais cerrado. Imagino-o guardando suas coisas, raspando sua paleta. Ele limpa os pincéis perto da lanterna enquanto ela passa de novo, desta vez perto das janelas dele, voltando com passos apressados de sua caminhada. Ele não consegue ver bem o rosto dentro do capuz; ela devia estar olhando para o chão, para o gelo, as poças congelando na superfície, os trechos de neve e lama. Então ela olha de relance e ele nota que ela tem olhos escuros, como ele imaginara; ele capta o brilho deles — o rosto não é jovem, apesar do corpo ágil, mas um rosto pelo qual ele poderia ter se apaixonado se tivesse um coração mais moço, um rosto que ele gostaria de pintar mesmo agora. O olhar dela capta a luz da janela dele e ela abaixa a cabeça de novo, andando com dificuldade com sapatos muito bons para essa estrada maltratada. Ele percebe que as mãos dela pendem vazias ao longo do corpo, como se ela tivesse deixado para trás o que quer que estivesse segurando — um presente, comida para um parente mais velho doente, roupas para a costureira da aldeia consertar, imagina ele, ou mesmo um bebê. Não; a noite está fria demais para um bebê.

Ele não conhece essa aldeia tão bem quanto a sua própria; Moret-sur-Loing, onde ele morrerá em quatro anos, fica a oeste. Um fim do qual ele já tem ciência. A dor em sua garganta bem agasalhada não é suficiente para obscurecer sua curiosidade, e ele abre delicadamente a porta e a procura. Uma carruagem aguarda na extremidade mais próxima da rua, diante da igreja; bons cavalos,

lanternas acesas e altas. Ele vê o movimento de suas saias escuras e enfeitadas quando ela embarca; ela fecha a porta com a mão calçada numa luva preta, como se para impedir que o condutor desça e os atrase mais. Os cavalos se esforçam, seu bafo fantasma visível no ar; a carruagem se adianta rangendo.

Então se foram e a aldeia está em silêncio, como sempre a essa hora, afundando-se na noite. Ele tranca a porta e chama o criado, que está no quarto dos fundos, para vir comer alguma coisa. Amanhã, deve ir para casa, para sua mulher e seu ateliê, que o aguardam logo ali perto, rio acima, e enviará um bilhete para um amigo que tem a bondade de lhe emprestar esse lugar todos os invernos. Uma viagem curta de manhã, e depois pintar mais, durante todo o tempo que ainda lhe resta. Enquanto isso, o fogo começou a lançar sombras pelo quarto e a chaleira no fogo está fervendo. Ele analisa sua paisagem da tarde; as árvores são bastante boas, e a silhueta daquela desconhecida cria uma marca de distinção numa estrada rural, dando-lhe algum mistério. Ele acrescentou o seu nome e dois algarismos no canto inferior esquerdo. Por ora, é suficiente, embora ele vá retocar as roupas dela no dia seguinte, e arrumar a luz naquelas janelas na casa mais distante, no fim da rua, onde o velho Renard está consertando arreios. A tinta já está secando nesse novo trabalho. Em seis meses, estará seco. Ele vai pendurá-lo em seu ateliê; vai tirá-lo da parede numa manhã ensolarada e enviá-lo a Paris.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a:

Amy Williams, extraordinária agente e amiga; Reagan Arthur, amado editor-amigo, Michael Pietsch, que aprimorou este livro com sua habilidade, e outros colegas muito admirados na Little, Brown and Company.

Também a:

Georgi H. Kostov, por sua maravilhosa leitura e pela liberdade de ir e aprender. Eleanor Johnson, por sua ajuda amorosa com as pesquisas em Paris e na Normandia; dr. David Johnson, por sua confiança neste projeto e por um descanso na Auvergne; Jessica Honigberg, por me mostrar a mente e as mãos de um pintor; dra. Victoria Johnson, por um amor renovado pela França; meu tio holandês, Paul Howard Johnson, por seu apoio e estímulo constantes durante quatro décadas; Laura E. Wolfson, irmã escritora, por sua leitura e por nossos trinta anos de excursões a museus; Nicholas Delbanco, mentor apreciado, por sua leitura e por discussões de Monet e Sisley; Julian Popov, colega romancista, por suas críticas: *благодаря*; Janet Shaw, por sua leitura e pelos anos de acolhida; dr. Richard T. Arndt por sua ajuda com tudo de francês: *merci mille fois*; Heather Ewing, por sua leitura e sua hospitalidade em Manhattan; Jeremiah Chamberlin, por sua corajosa ajuda com as revisões e por reduzir a viagem; Karen Outen, Travis Holland, Natalie Bakopoulos, Mike Hinken, Paul Barron, Raymond McDaniel, Alex Miller, Josip Novakovich, Keith Taylor, Theodora Dimova e Emil Andreev, pelas leituras/camaradagem sem-fim no ofício; Peter Matthiessen, Eileen Pollack, Peter Ho Davies, e outros pela excepcional tutela; Kate Dwyer, Myron Gauger, Lee Lancaster, John O'Brien e Ilya Pérdigo Kerrigan, por fragmentos; Iván Mozo e Larisa

Curiel, pela hospitalidade no México e conselhos sobre os cenários de Acapulco; Joel Honigberg, por suas ideias sobre os impressionistas, que ajudaram a clarear esta história; Antonia Hodgson, Chandler Gordon, Vania Tomova, Svetlozar Zhelev e Milena Deleva, pela amizade, edição, tradução, histórias de arte e camaradagem literária preciosas; o Programa Hopwood da Universidade de Michigan, o Festival do Livro de Ann Arbor, o Festival de Artes Apollonia na Bulgária, o programa MFA na Universidade da Carolina do Norte em Wilmington, e a Universidade Americana na Bulgária por apresentar leituras de passagens deste livro; Rick Weaver, por me permitir observar sua aula de pintura na Art League em Alexandria; dr. Toma Tomov, pelas informações sobre a profissão do psiquiatra, dra. Monica Starkman, pelo mesmo, e por sua ajuda inestimável com a edição deste livro, dr. John Merriman, dra. Michèle Hanoosh e dra. Katherine Ibbett, pela ajuda com a história da França e as fontes francesas; Anna K. Reimann, Elizabeth Sheldon e Alice Daniel por todo o seu apoio moral; Guy Livingston por 25 anos de fraternidade nas artes; Charles E. Waddell por sua excelente sugestão; dra. Mary Anderson pelos conselhos sábios; Andrea Renzenbrink, Willow Arlen, Frances Dahl, Kristy Garvey, Emily Rolka e Julio e Diana Szabo pela extraordinária ajuda com minha casa em vários períodos durante a redação deste livro; Anthony Lord, dra. Virginia McKinley, Mary Parker, Josephine Schaeffer e Eleanor Waddell Stephens — queridas apresentações à França e à língua francesa. Outros familiares, amigos, alunos e instituições que não posso sequer começar a listar.

Finalmente, sou muito grata a Joseph Conrad e a seu grande retrato, *Lord Jim*; que o espírito do autor possa usufruir e perdoar a sincera homenagem que lhe prestei nessas páginas.

SOBRE A AUTORA

© DEBORAH FEINGOLD



ELIZABETH KOSTOVA fez pós-graduação em Yale e é mestre em Belas-artes pela Universidade de Michigan, onde recebeu o prêmio Hopwood.